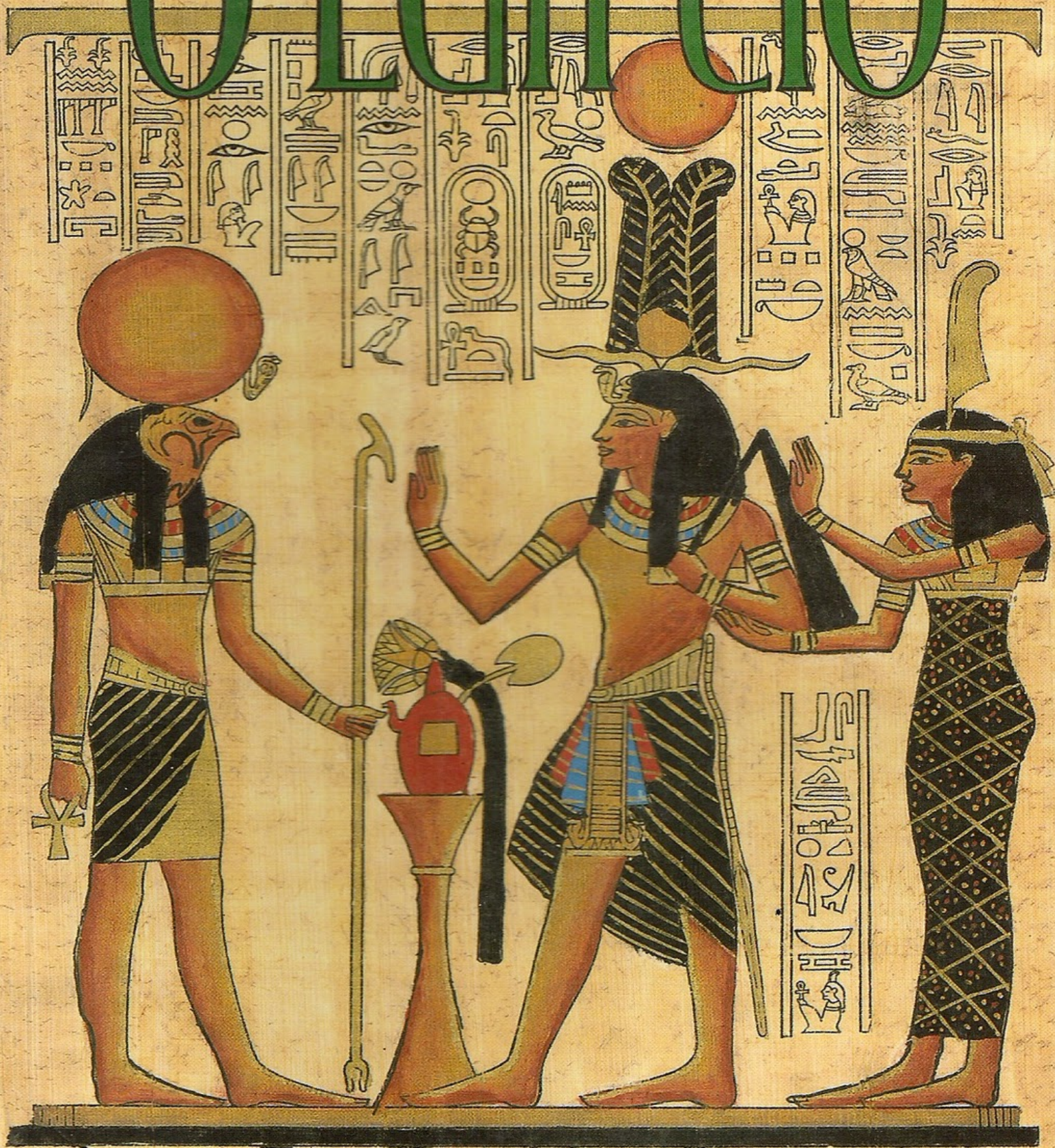


# O EGÍPCIO



MIKA WALTARI



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

MIKA WALTARI

O  
EGIPCIO



TRADUÇÃO:  
JOSÉ GERALDO VIERA

1958

# SUMÁRIO



1. LIVRO I — O BARCO DE VERGA
2. LIVRO II — A CASA DA VIDA
3. LIVRO III — A FEBRE DE TEBAS
4. LIVRO IV — NEFERNEFERNEFER
5. LIVRO V — OS CABÍRIOS
6. LIVRO VI — O DIA DO FALSO REI
7. LIVRO VII — MINEIA
8. LIVRO VIII — A MANSÃO ESCURA
9. LIVRO IX — A CAUDA DO CROCODILO
10. LIVRO X — A CIDADE CELESTIAL
11. LIVRO XI — MÉRITO
12. LIVRO XII — O RELÓGIO DE ÁGUA MEDE O TEMPO
13. LIVRO XIII — O REINO DE ATON NA FACE DA TERRA
14. LIVRO XIV — A GUERRA SANTA
15. LIVRO XV — HOREMHEB

# LIVRO 1

## O BARCO DE VERGA



**E**u Sinuhe, filho de Senmut e de sua mulher Kipa escrevo isto. Não o escrevo para a glória dos deuses da terra de Kan, porque estou cansado de deuses, nem para a glória dos faraós porque estou cansado de seus feitos. Tampouco escrevo por medo ou por qualquer esperança no futuro; escrevo para mim, apenas. O que vi, conheci e perdi durante a minha vida, foi coisa demasiada para que me domine um vão temor e, quanto a algum desejo de imortalidade, estou tão exausto disso quanto dos deuses e dos reis. É apenas por minha causa que escrevo, por tal motivo e essência diferindo eu de todos os escritores passados e vindouros.

Principio este livro no terceiro ano do meu exílio, nas praias do mar Oriental de onde os navios saem para as terras do Ponto; aqui, perto do deserto, junto àquelas colinas cuja pedra foi retirada para a construção das estátuas dos primitivos deuses. Escrevo porque já agora o vinho é amargo para a minha boca, porque perdi o prazer que achava nas mulheres e porque nem jardins nem lagos com peixes me distraem mais. Expulsei os cantores, pois o som proveniente de sopro ou de cordas é tormento para os meus ouvidos. Por conseguinte eu, Sinuhe, escrevo isto já que não me importo com a minha riqueza, as minhas taças de ouro, o meu ébano, o marfim e a mirra. Nada disso me foi tomado. Escravos ainda temem as minhas varas. Guardas inclinam a cabeça e deixam cair as mãos até aos joelhos, diante de mim. Mas limites foram impostos aos meus passos e nenhum navio consegue transpor as ressacas que imperam neste litoral; nunca mais poderei sentir o cheiro da terra negra pelas noites de primavera. O meu nome outrora foi inscrito no livro de ouro do faraó e sempre permaneci à sua destra. Minhas palavras contrabalançavam as de poderosos na terra de Kan; nobres me enviavam dádivas, e correntes de ouro pendiam do meu pescoço.

Possuí tudo quanto um homem pode desejar, mas, como todo homem, desejei mais e, por conseguinte fiquei reduzido ao que ora sou. Fui banido de Tebas no sexto ano do reinado do faraó Horemheb, ameaçado de ser batido até à morte como um cão, se voltasse... de ser esmagado entre pedras como uma rã se desse um passo sequer para fora da área estabelecida como lugar de residência. E isso por ordem do rei, do faraó que fora outrora meu amigo.

Mas antes de começar o meu livro quero deixar meu coração se lamentar em prantos porque assim no exílio cumpre a um coração chorar sempre que mágoas o enegrecem. Todo aquele que uma vez bebeu água no Nilo, ansiará para sempre tornar para perto dele, pois a sede não se aplacará com as águas de nenhuma outra terra. Trocarei a minha taça por uma caneca de barro se meus pés puderem de novo pisar o pó macio da terra de Kan. Trocarei minhas vestes de linho pelas peles com que os escravos se cobrem, se puder mais uma vez ouvir os caniços das margens sussurrarem ao vento primaveril. Claras eram as águas da minha juventude; doce era a minha loucura. Amargo é o vinho da idade, e nem mesmo o mais escolhido favo de mel pode substituir o pão maldito da minha pobreza. Retrocede ó Tempo, tu, tempo já desfeito! Ammon cruza os céus do ocidente para o oriente e traz de novo a minha mocidade! Não alterarei uma única palavra, não corrigirei a menor ação minha. Ó estilete rombo, ó papiro liso, devolvi-me a minha loucura e a minha mocidade! Senmut, a quem eu chamava de pai, era médico dos pobres de Tebas; e Kipa era sua mulher. Já eram velhos e não tinham filhos quando lhes surgiu. Ambos, em sua simplicidade, disseram que eu era uma dádiva dos deuses, nem sequer desconfiando que malefícios tal dádiva lhes traria. Kipa me deu o nome de Sinuhe, tirado de não sei qual personagem de histórias porque ela amava as histórias e achou que eu viera fugindo de qualquer perigo como o meu homônimo da lenda que acidentalmente entreouviu um assustador segredo na tenda do faraó e fugiu indo viver muitos anos de aventuras em terras estrangeiras. Isso, porém, não passava de ingênua suposição de Kipa

que na verdade desejou deveras que eu sempre me esquivasse de perigos e evitasse a má sorte.

Mas os sacerdotes de Ammon cuidam que um nome é um agouro, e pode muito bem ser que o meu me trouxesse perigos e aventuras e acabasse me levando para terras estrangeiras. Este meu nome me fez participante de medonhos segredos - segredos de reis e de suas esposas - segredos capazes de trazer a morte. E por fim este meu nome me tornou um prófugo e um exilado. No entanto eu seria tão ingênuo quanto a pobre Kipa se imaginasse que o meu nome pudesse influir no destino de alguém; tudo não seria a mesma coisa se eu me chamasse Kepru ou Kafran ou mesmo Moisés? Tal o meu julgar; todavia Sinuhe foi com efeito exilado ao passo que Heb, o filho do Falcão, foi coroado como Horemheb com a coroa vermelha e branca tornando-se rei dos Reinos do Alto e do Baixo Egito. Por conseguinte, que cada um afira do significado dos nomes o que bem quiser, em sua própria fé achando lenitivo contra os males e vicissitudes desta vida.

Nasci durante o reinado do grande rei Amenhotep III e no mesmo ano em que nasceu aquele outro que desejou viver segundo a verdade e cujo nome já não pode mais ser proferido porque foi amaldiçoado - muito embora em tal época nada disto fosse conhecido. Quando ele nasceu houve grande júbilo no palácio, e o rei ofereceu muitos sacrifícios no grande templo de Ammon que mandara construir; até o povo se alegrou, por não supor o que viria a suceder. A consorte real, Taia, esperara até então por um filho, esperança essa de todo vã já que estava casada havia vinte e dois anos, com o seu nome escrito junto com o do rei na fachada dos templos e nos soclos das estátuas. Por conseguinte, aquele cujo nome já não pode ser pronunciado foi proclamado herdeiro com magnífico aparato de cerimônias assim que os sacerdotes o circuncidaram.

Ele nascera só ao vir da primavera, depois das sementeiras, ao passo que eu vim à luz no outono anterior quando as águas se achavam em nível máximo. O dia do meu nascimento é desconhecido, pois cheguei vagando pelo Nilo abaixo num pequeno barco de verga calafetado de breu, e minha mãe me achou entre os caniços da



margem bem perto da soleira de casa. As andorinhas já haviam chegado e chilreavam por cima de mim; mas tão quieto e imóvel estava eu que ela pensou que eu tivesse morrido. Levou-me para dentro de casa, aqueceu-me com o calor de brasas e soprou dentro de minha boca até vagir.

Meu pai Senmut voltou de visitar doentes, trazendo dois patos e um alqueire de trigo. Quando ouviu meus vagidos pensou que Kipa houvesse ficado com um gatinho recém nascido e começou a repreendê-la, mas minha mãe disse:

- Não se trata de nenhum gato... Tenho um filho! Alegra-te, Senmut meu esposo, pois nos nasceu um filho!

Meu pai chamou-a de idiota e ficou zangado até que ela me mostrou, ficando ele logo com pena do meu desvalimento. Assim, pois, me adotaram como filho chegando mesmo a espalhar entre os vizinhos que Kipa me houvera dado à luz. Isso era uma tolice e não sei como chegaram a acreditar... Mas Kipa guardou o barco de verga que me trouxera, suspendendo-o no teto, acima do meu leito.

Meu pai tomou o seu melhor vaso de cobre e o levou ao templo e me registrou no livro de nascimentos como seu filho e de Kipa, mas ele próprio me circuncidou porque era médico, com receio de que as facas dos sacerdotes me deixassem feridas malignas. Não deixou que os sacerdotes me tocassem. Pode ser também que tenha feito assim para poupar dinheiro porque o médico de gente pobre nunca é pessoa abastada.

Evidente é que não posso me lembrar de tais coisas, mas meus pais me contaram tantas vezes e sempre com frases tão idênticas que automaticamente acabei acreditando no que diziam, mesmo porque não dispunha de motivos para poder supor que estivessem mentindo.

Durante a minha infância adiante jamais duvidei que eles fossem meus pais, tristeza alguma sombreou tal período. Não me disseram a verdade senão depois que os cachos dos meus cabelos foram cortados, quando me tornei garoto. Contaram-me então a verdade porque temiam os deuses e os veneravam, e porque meu pai não quis que eu vivesse enganado a minha vida toda. Mas quem eu fui, de onde vim, quem tinham sido meus pais, nunca viam saber, muito

embora - por motivos que contarei mais tarde - creia que sei. Uma coisa é certa: Não fui o único a ser transportado rio abaixo num barco alcatroado.

Tebas, com os seus palácios e os seus templos, era uma grande cidade, e as choças de barro dos pobres se aglomeravam rente aos edifícios mais majestosos. Durante o tempo dos faraós o Egito tinha muitas nações sob o seu jugo e, com o poder e a riqueza, vieram costumes os mais variados. Estrangeiros chegavam a Tebas; mercadores e operários construíaam templos aos seus próprios deuses. Grande era o esplendor e a riqueza dos templos e dos palácios e grande, também, a pobreza fora das muralhas. Muita gente pobre se desfazia dos filhos; muita mulher rica, cujo marido estava ausente em viagens, abandonava no rio a prova de seu adultério. Talvez eu fosse filho da mulher de algum navegante que houvesse enganado o marido com um mercador sírio. Talvez, já que quando me colheram eu ainda não estava circuncidado, eu fosse alguma criança estrangeira.

Quando meus cabelos foram cortados e minha mãe os pos de lado numa caixinha de madeira junto com as minhas primeiras sandálias, olhei demoradamente para o barco de verga que ela me mostrou. O vime se tinha descorado, as frestas estavam dilatadas, o cavername enegrecera quase com a fumaça do braseiro. Estava amarrado com laços de caçador, e isso era tudo quanto podia especificar algo referente à minha origem. Foi então que minha alma sentiu sua primeira ferida. Quanto mais passa o tempo mais a alma voa como um pássaro em demanda da infância. Agora aqueles dias brilham nítidos e claros na minha memória assegurando-me que tudo então foi melhor e mais radioso do que o mundo de hoje. Quanto a isso em nada difere a riqueza da pobreza, pois não há ninguém, por mais desamparado que seja, cuja infância não mostre lampejos de felicidade quando recordada na velhice.

Meu pai Senmut vivia num bairro sujo e rumoroso ao sul das muralhas do templo. Perto de sua casa estavam os grandes molhes de pedra onde as embarcações do Nilo desembarcavam seus carregamentos, e no labirinto das ruas estreitas se achavam as tavernas dos marinheiros e dos mercadores e os bordéis

freqüentados também pelos ricos que chegavam em liteiras vindos do âmago da cidade. Os nossos vizinhos, eram cobradores de impostos, arrais, oficiais e funcionários já fora do serviço e alguns sacerdotes de quinta categoria. Como meu pai, pertenciam à parte mais respeitada da população, alteando-se acima dela como uma muralha se alteia acima da superfície da água. Além do mais, a nossa casa era espaçosa em comparação com as choupanas das pessoas bem pobres e que se estendiam tristemente ao longo das ruelas. Possuíamos até mesmo um jardim pequenino com um sicomoro que meu pai plantara. O jardim tinha na frente, separando-o da rua, uma sebe feita de várias acácias; e como cisterna dispúnhamos de uma pedra escavada que continha água somente no tempo das cheias. Havia quatro aposentos na casa, e num deles minha mãe preparava nossa comida que nos era servida numa varanda adiante da sala de consulta de meu pai. Duas vezes por semana uma mulher vinha ajudar minha mãe na arrumação e limpeza da casa, porque Kipa era muito asseada, e uma vez por semana uma lavadeira vinha apanhar a nossa roupa para lavá-la na margem do rio.

Nesse bairro tumultuoso onde havia muitos estrangeiros - bairro cuja degradação me foi revelada somente quando já não era mais criança - meu pai e os vizinhos mantinham a boa tradição e todos os costumes veneráveis. Nesse tempo, quando mesmo entre os aristocratas da cidade os bons costumes decaíam, ele e a sua classe continuavam rigidamente a representar o Egito do passado, com sua veneração aos deuses, pureza de coração e generosidade. Dir-se-ia que queriam assim com a sua conduta se dissociar daqueles com os quais eram obrigados a viver e trabalhar. Mas para que falar agora do que só vim a compreender mais tarde? Por que, em lugar disso, não me recordar do tronco rugoso do sicomoro e do marulhar de suas folhas quando eu me abrigava do sol escaldante à sua sombra, e do meu brinquedo favorito, um crocodilo de madeira que entreabria suas mandíbulas e mostrava a goela rubra quando eu o puxava por uma corda ao longo da rua calçada? A criançada dos vizinhos se aglomerava para contemplá-lo, tomada de admiração. Ganhei muitos doces de mel, muitas pedras reluzentes e

uma porção de pedacinhos de fio de cobre só para deixar que o arrastassem e brincassem com ele. Habitualmente só crianças de gente rica tinha brinquedos assim; fora um carpinteiro quem o dera a meu pai que o curara de uma inflamação que não lhe permitia sentar-se à sua banca.

De manhã minha mãe me levava ao mercado de verduras. Não tinha nunca muitas compras a fazer; ainda assim gastava algum tempo a escolher uma réstia de cebolas e, a bem dizer, as manhãs de uma semana inteira no caso de ter que escolher sapatos novos. Conversava durante o caminho e qualquer pessoa a consideraria rica e interessada apenas em adquirir do que houvesse de melhor. Se não comprava tudo quanto empolgava sua fantasia, bem, então para que fazia isso? Somente para me ensinar hábitos de economia. Declarava:

- Não é o homem que tem ouro e prata que é rico e sim o homem que se contenta com pouco.

Assim me afirmava ela, enquanto os seus pobres olhos se voltavam pesarosos para os tecidos de lã coloridos de Sido e de Biblos, tão bonitos e leves como penugem. As suas mãos trigueiras e ásperas de trabalho acariciavam as penas de avestruz e os ornamentos de marfim.

- Tudo isso não passa de vaidade - dizia a mim e a si mesma.

Mas a mente da criança se rebelava contra tais preceitos.

Eu tinha uma vontade louca de possuir um macaco que passasse o braço pelo pescoço do seu dono; ou um pássaro de plumagem brilhante que tagarelasse palavras sírias e egípcias. E não implicava absolutamente com correntinhas de ouro nem com sandálias douradas. E foi somente muito mais tarde que vim a verificar quanto a querida e velha Kipa ansiava ser rica. Não sendo mais do que a mulher de um pobre médico, ela serenava seus anseios contando histórias.

De noite, antes de dormirmos, ela me contava em voz baixa todas as histórias que conhecia. Falava-me de Sinuhe e do homem náufrago que voltara do Reino da Serpente com incontáveis riquezas; de deuses e de espíritos daninhos; de feiticeiros e de faraós antigos. As vezes meu pai intervinha dizendo que ela estava



enchendo a minha cabeça com tolices, mas quando já era bem noite e ele se punha a rressonar, ela continuava, tanto para prazer meu quanto seu. Lembro-me daquelas noites mornas de verão quando o catre duro machucava meu corpo nu e não havia meios do sono chegar; ouvia a sua voz sussurrante e embaladora. Nem sequer a tenho mais agora. Quanta vez aquela voz me valeu... Dificilmente a minha verdadeira mãe poderia ter sido mais bondosa e mais terna do que a simples e supersticiosa Kipa, de cujas mãos os narradores de histórias cegos e aleijados tinham certeza de receber boa alimentação.

Tais histórias me agradavam; mas como contrapeso havia a rua movimentada, aquele enxamear de moscas, aquela infinidade de cheiros e fartuns. O vento trazia do porto o travo agudo das madeiras de cedro, da mirra, ou uma rajada de bálsamo quando uma mulher nobre passava em sua liteira, meio inclinada para fora para repreender os garotos da rua. Ao sobrevir das noites, quando o barco de ouro de Ammon mergulhava atrás das colinas ocidentais, então se levantava de todas achoupanas e varandas circunjacentes um cheiro de peixe frito misturado com o aroma do pão ainda quente. Esse cheiro de bairro pobre de Tebas, aprendi a amá-lo quando criança, e jamais o esqueci.

Foi durante as refeições na varanda que recebi as primeiras lições de meu pai. Atravessava o jardim, cansado, vindo da rua ou do seu consultório com as vestes cheirando a unguentos e drogas. Minha mãe lhe despejava água nas mãos, e depois nos sentávamos em bancos; mamãe nos servia. Certas ocasiões, enquanto estávamos sentados ali, acontecia passar um bando de marinheiros fazendo celeuma de bêbados, batendo com paus nas paredes das casas, ou parando para defecar junto aos troncos das acácias.

Meu pai, que era um homem discreto, não dizia nada até eles irem embora; depois sim, me dizia:

- Somente um negro ou um sírio imundo faz isso na rua; um egípcio só o fará entre paredes.

Ou então comentava:

- O vinho, tomado com moderação, é um dom dos deuses e alegra nossos corações. Um copo não faz mal a ninguém. Dois, desatam a

língua; mas o homem que bebe um jarro de vinho dorme para, ao acordar, se ver na sarjeta, roubado e batido.

Às vezes um perfume de unguentos finos vinha até à varanda, quando uma mulher bonita passava a pé pela rua, com sua roupa transparente, as faces, os lábios e as sobrancelhas muito bem pintados, mostrando em seus olhos líquidos um reflexo jamais visto nos olhos das mulheres virtuosas. Sempre que eu arregalava os olhos para alguma delas, meu pai declarava gravemente:

- Põe-te em guarda diante de uma mulher que te chama de "lindo garoto" e que te tenta, pois o coração dela é uma armadilha e um alçapão. O corpo, esse então queima pior do que o fogo.

Não é de admirar, por conseguinte, que após tais ensinamentos a minha alma infantil começasse a temer as bilhas de vinho e as mulheres vistosas que eram diferentes das demais, muito embora aquelas e estas outorguem o encanto perigoso das coisas proibidas e receadas.

Quando eu ainda era criança meu pai consentia que eu assistisse às suas consultas; mostrava-me seus escalpelos, instrumentos e boiões de remédio, e explicava para que serviam. Enquanto examinava os doentes eu me postava perto dele, segurando e lhe passando bacias com água, panos, roupas, óleo e vinho. Minha mãe não tinha coragem de ver feridas e chagas, jamais compreendendo o meu interesse por tais coisas. Uma criança não percebe o que seja sofrimento enquanto não o experimenta. Para mim o lancetar de uma pústula era uma operação sensacional, e não deixava de contar aos demais meninos o que vira, a fim de lhes ganhar o respeito.

Sempre que chegava um paciente novo, eu acompanhava o exame de meu pai, bem como as perguntas; prestava muita atenção até ouvi-lo declarar: "Esta doença pode ser curada", ou "vou-me encarregar do seu tratamento". Havia casos para cujo tratamento ele não se sentia competente. Então escrevia algumas linhas numa tira de papiro e mandava os doentes para a Casa da Vida, no templo.

Depois que algum doente assim saía, papai habitualmente dava um suspiro, meneava a cabeça e dizia: "Pobre criatura!"

Nem todos os pacientes de meu pai eram pessoas necessitadas. Fregueses dos alcouces próximos lá uma vez ou outra lhe eram remetidos para curativos após brigas, e suas vestes eram do mais fino linho. Comandantes de navios sírios apareciam também, quando tinham furúnculos ou dor de dente. Não fiquei surpreendido, portanto, quando a mulher de um comerciante de víveres se apresentou um dia para consultar trazendo jóias além de um colar de deslumbrantes pedras preciosas.

Suspirava, queixava-se e lamentava-se de muitas aflições enquanto meu pai a ouvia atentamente. Fiquei grandemente desapontado quando por fim ele tomou uma tira de papel e escreveu qualquer recomendação; fiquei desapontado porque esperava que ele se sentisse capaz de curá-la, vista como isso significaria o recebimento de lindíssimos presentes.

Suspirei, meneei a cabeça e sussurrei para mim próprio: "Pobre criatura".

A doente deu um pulo, repentinamente, e olhou assustada e medrosa para meu pai. Este escreveu uma linha em antigos caracteres copiados de um rolo de papiro já puído; depois misturou óleo e vinho dentro de um recipiente e em seguida mergulhou o papel até a tinta ser dissolvida pelo vinho. Feito isto, entornou o líquido num jarro de louça e o deu à mulher do comerciante, como remédio, dizendo que tomasse aquilo aos poucos, isto é, sempre que sua cabeça ou o seu estomago começassem a doer. Depois que a mulher saiu, olhei para meu pai, que me pareceu embaraçado. Ele tossiu uma ou duas vezes e disse:

- Há muitas doenças que podem ser curadas com tinta que foi usada para uma invocação poderosa.

Foi só isto que ele disse para si mesmo, daí a pouco:

- Pelo menos não causará dano algum ao doente.

Quando fiz sete anos ganhei uma tanga de menino e minha mãe me levou ao templo para assistir a um sacrifício. O templo de Ammon em Tebas era naquele tempo o mais grandioso do Egito. Uma avenida ladeada por esfinges com cara de carneiro e esculpidas em pedra levava ao templo, diretamente, defronte do templo e do lago da deusa Lua. A área do templo era cercada por muralhas maciças e

com os seus muitos edifícios formava uma cidade dentro da própria cidade. Do alto dos pilonos, em torre flutuavam galhardetes, e gigantescas estátuas de reis guardavam as portas de cobre de cada lado do recinto.

Atravessamos os portões e os vendedores de Livros da Morte puxavam minha mãe pelas roupas e faziam suas ofertas em tom áspero ou sussurrante. Minha mãe me levou a ver as lojas de carpintaria abarrotadas de imagens de madeira de escravos e servos que, depois de consagradas pelos sacerdotes, serviriam para os seus possuidores no outro mundo a ponto destes nem precisarem erguer um dedo para obter qualquer coisa.

Minha mãe pagou a espórtula erigida aos espectadores, e eu vi sacerdotes em trajes brancos e de mãos gentis matarem e esquartejarem um touro entre cujos chifres um rolo de papiro trazia um selo testificando que o animal não tinha a menor mácula e nem um único pelo preto. Os sacerdotes eram nédios e santos, e suas cabeças raspadas luziam untadas de óleo.

Havia cem ou mais pessoas para assistir ao sacrifício, mas os sacerdotes não prestavam a menor atenção a essa gente e conversavam livremente entre si, durante a cerimônia, tratando de seus negócios. Observei as pinturas de assuntos guerreiros nas paredes do templo e me maravilhei com as gigantescas colunas, não atinando absolutamente com o motivo da emoção de minha mãe quando ela, com os olhos cheios de lágrimas, me levou de volta para casa. Lá, me tirou os sapatos de criança e me deu as sandálias novas que eram incomodas e que magoavam meus pés enquanto não me habituei com elas.

Depois da refeição, meu pai, com um feitio esquisito no semblante, depôs a sua enorme mão sobre a minha cabeça e acariciou com especial ternura os cachos dos meus cabelos nas minhas temporãs.

- Agora já estás com sete anos de idade, Sinuhe, e deves decidir o que queres ser.

- Um guerreiro! - disse eu imediatamente, e fiquei perplexo ante a expressão de desaponto do seu rosto afável.

Nos brinquedos e jogos de rua, os melhores eram os de imitação de guerra; além disso eu contemplara soldados lutarem e



se exercitarem no uso de armas diante de tendas e vira carros vistosos de guerra passarem depressa com ruídos de rodas durante as manobras fora da cidade. Não podia haver nada mais nobre nem maior do que a carreira de um guerreiro.

Além disso, um guerreiro não precisava aprender a ler, e foi o que me pareceu mais propício, porque meninos maiores costumavam falar sobre a dificuldade da arte de escrever e como os professores eram desalmados, puxando o cabelo dos alunos caso esses mesmo sem querer esmagassem uma lousa de greda ou quebrassem uma pena vermelha entre seus dedos inábeis.

Com certeza se meu pai não conseguira passar de um pobre médico, era por lhe faltarem dons de homem notável. Mas era consciencioso em seu trabalho e jamais fazia mal seus pacientes, e até, com o decorrer dos anos, tornara sábio por causa da muita experiência. Já sabia quanto eu era sensível e voluntarioso, de forma que não fez nenhum comentário à minha resolução.

A verdade é que logo a seguir pedindo à minha mãe uma espécie de púcaro e indo para a sua sala de trabalho o encheu com vinho ordinário de um gomil.

- Vem comigo, Situe - disse ele.

Conduziu-me para fora de casa até à margem do rio. Paramos junto do cais para olhar uma barçaça de onde enfezados carregadores transportavam mercadorias em sacos. O sol descambava atrás das colinas ocidentais por trás da cidade dos Mortos, mas aqueles servos trabalhavam já trôpegos e escorrendo suor. O capataz os atiçava com seu chicote, enquanto o conferente, sentado placidamente debaixo do seu toldo, verificava cada fardo na sua lista.

- Gostarias de ser um destes? - perguntou-me meu pai.

Achei tal pergunta estúpida e o fitei sem responder. Havia lá quem quisesse ser carregador?

- Trabalham desde manhã bem cedo até de noite - disse Senmut. - Tem a pele já agora que nem a dos crocodilos, seus pulsos são grossos como os pés dos crocodilos. Só quando a trela é total é que se arrastam para suas miseráveis choças e o que comem é uma

pada de pão e uma cebola, e o que bebem é um gole de rala cerveja amarga. Essa é a vida do estivador, a vida do homem do arado, a vida de quantos trabalham braçalmente. Achas que exista quem os inveje?

Meneei a cabeça, fitando-o ainda, cheio de pasmo. Era soldado que eu desejava ser e não estivador nem lavrador. Muito menos aguadeiro dos campos ou pastor encoscorado de esterco.

E como ele prosseguisse lhe disse assim:

- Pai, boa é a vida dos soldados. Vivem em tendas e comem à farta; de noite bebem vinho em casas de divertimentos, por entre sorrisos de mulheres. Os chefes deles usam correntes de ouro pendentes do pescoço, e a verdade é que não precisaram aprender a escrever. Quando regressam das batalhas trazem despojos e escravos que trabalham e seguem ofícios para servi-los. Por que não hei de fazer tudo para ser guerreiro, eu também?

Meu pai não deu resposta; apressou o passo, isso sim. Junto de um entulho enorme e úmido onde moscas zumbiam em enxames, ele se abaixou a fim de olhar para dentro de uma choça baixa de barro.

- Inteb, meu amigo, estás aí dentro?

Emergiu um velho sarnento apoiado a um bastão. Seu braço direito fora amputado rente ao ombro e sua tanga estava dura de sujeira. Tinha a cara apergaminhada pela velhice e lhe faltavam os dentes.

- Esse...é que é Inteb?...- gaguejei olhando com horror para o velho. Inteb era um herói que lutara nas campanhas da Síria sob o comando de Thothmes III, o maior dos faraós e ainda se contava a história das suas proezas e das recompensas que o faraó lhe dera.

O ancião ergueu a mão em saudação militar e meu pai lhe deu o púcaro de vinho. Depois se sentaram no chão, pois não havia sequer um banco do lado de fora da choça, e Inteb levou o vinho aos beiços com a mão tremula procurando cautelosamente não perder uma gota. Meu pai disse, sorrindo:

- Aqui o meu filho Sinuhe quer ser guerreiro. Trouxe-o à tua presença, Inteb, porque és o único sobrevivente dos heróis das grandes guerras e lhe podes falar da vida orgulhosa dos soldados e dos seus esplendidos feitos.

- Em nome de Set, Baal e de todos os outros demônios! - guinchou o outro, voltando os olhos míopes para mim. - Estará louco esse garoto?

A sua boca desdentada, os seus olhos turvos, o coto flutuante do braço e o peito estreito e tortuoso eram tão terrificantes que me acocorei atrás de meu pai e me agarrei ao seu braço.

- Menino, menino - gaguejou Inteb - se eu ganhasse um gole de vinho em troca de cada uma das maldições que tenho proferido contra a minha vida e contra o meu fado, esse fado miserável que fez de mim um soldado, encheria o lago que o faraó mandou fazer para a sua primitiva esposa. Valha a verdade, nunca o vi porque não quis jamais atravessar o rio, mas não duvido absolutamente que o encheria... Ah! E haveria quantidade bastante para embriagar um exército inteiro.

Bebeu outra vez, cuidadosamente.

- Mas - disse eu, com o queixo tremendo - a profissão de soldado é a mais honrosa de todas.

- Falas em honra? Em renome? - vociferou Inteb, herói dos exércitos de Thothmes. - Lérias Monturo onde se alimentam moscas, isso sim e nada mais! Muito menti eu outrora para ganhar vinho dos paspalhões que me escutavam, mas teu pai é um homem às direitas a quem não devo nem posso enganar. Por conseguinte, filho, te digo que a profissão de guerreiro é de todas a mais excomungada e degradante. O vinho começou a desfazer as rugas do seu rosto e a por um brilho em seus velhos olhos selvagens.

Levantou-se e apertou o pescoço com a sua única mão.

- Olha, menino! Este pescoço encordado pendeu outorga ao peso de cordões de ouro. Cinco voltas davam eles aqui. O próprio faraó mos cingiu. Quem poderá contar as mãos decepadas que dependurei diante da tenda dele? Quem foi o primeiro a escalar as muralhas de Kadesh? Quem irrompeu por entre as fileiras inimigas como um elefante barrindo? Fui eu. Eu, Inteb, o herói! E quem me agradece por isso tudo, agora O meu ouro seguiu o caminho de todas as coisas terrenas, e os escravos que fiz em batalhas fugiram ou pereceram miseravelmente. Deixei o meu braço direito na terra de Mitani, e desde muito estaria eu já mendigando nas esquinas das

ruas se não fosse gente caridosa que de vez em quando me dá peixe seco e cerveja por eu dizer a seus filhos a verdade relativamente à guerra. Sou Inteb, o grande herói. Olha-me bem Deixei minha mocidade no deserto. Levaram-me a fome, as privações e as vicissitudes. Foi lá que a minha carne pendeu para fora dos meus membros, que a minha pele se endureceu e que o meu coração se petrificou. E o pior de tudo foi que o deserto árido secou a minha língua e me tornei presa de sede inextinguível como todo e qualquer soldado que volta vivo da guerra em terras estrangeiras. E a minha vida se tornou como o Vale da Morte desde que perdi meu braço. Não será preciso mais do que relembrar a dor da ferida e a agonia quando os operadores soldaram a boca do coto com óleo a ferver depois da amputação... Ora aí está uma coisa que teu pai sabe bem o que possa ser. Louvado seja o teu nome, Senmut És um homem justo, um homem bom... mas... o vinho acabou.

O ancião calou-se, vacilou um pouco e tornou a se sentar no chão, voltando o fundo do púcaro para cima. Seus olhos eram cinzas reluzentes e novamente ali estava apenas um velho desventurado.

- Mas um guerreiro não precisa ter que aprender a escrever... - conseguiu tartamudear.

- Ora, ora! - disse o ancião e olhou de esguelha para meu pai que prontamente tirou do braço uma argola de cobre e lhe entregou.

Inteb chamou alguém em voz alta e um rapazola magricela apareceu correndo, agarrou o bracelete e o púcaro e embarafustou para a taverna à cata de mais vinho.

- Não precisa ser bom - gritou-lhe Inteb. - Pede zurrapa; assim te darão quantidade maior.

Olhou para mim com ar de raciocínio.

- De fato um guerreiro não precisa escrever. Apenas, lutar. Se souber escrever poderá ser um oficial comandando os mais valentes aos quais mandará para frente de batalha. Todo aquele que sabe escrever está apto a comandar; mas um homem que não sabe escrever garatujas jamais terá nem mesmo cem indivíduos sob as suas ordens. Que prazer pode ter um homem em usar correntes de ouro e receber honrarias quando é o sujeito com a pena vermelha na mão que dá as ordens? Assim tem sido e assim será. Por



consequente, meu rapaz, se desejas comandar homens e conduzi-los, aprende a escrever. Então os ajaezados de ouro se inclinarão diante de ti, e escravos te carregarão numa liteira para o campo de batalha.

O menino sujo voltou com um jarro de vinho, bem como com o púcaro cheio, também. O rosto do ancião brilhou de alegria.

- Teu pai Senmut é um homem bom. Sabe escrever e me tratou nos dias prósperos quando eu tinha vinho abundante e chegava a ver até crocodilos e hipopótamos onde absolutamente não havia nenhum. Um homem bom, conquanto seja apenas um médico e não saiba manobrar um arco. Sou-lhe grato.

Fiquei a olhar nervosamente para o jarro de vinho para o qual Inteb voltou já então toda a sua atenção; e comecei a puxar com violência a manga larga e manchada de drogas de meu pai, temeroso de que no mínimo tanto vinho resultasse em virmos a acordar estendidos nalguma sarjeta, cheios de dores de pancadas. Senmut também olhou para o jarro, suspirou de leve e me levou embora. Inteb ergueu sua velha voz fanhosa numa canção síria, enquanto o garoto nu, tanado de sol, ria.

Foi assim que enterrei os meus sonhos marciais e não opus a menor resistência quando no dia seguinte meu pai e minha mãe me levaram à escola.

Meu pai não se achava em condições de me mandar para qualquer das grandes escolas do templo freqüentadas pelos filhos - e às vezes pelas filhas - dos ricos, dos nobres e dos eminentes sacerdotes.

Meu professor era o velho sacerdote Oneh que morava perto de nós e que dava aulas na sua varanda derrocada. Seus alunos eram filhos de artesões, mercadores, capatazes de docas e oficiais não comissionados cuja ambição se restringia a abrir uma carreira de escriba para os filhos. Oneh fora servente do Celestial MT do templo e era, por conseguinte bem capacitado para dar lições elementares de escrita a crianças que mais tarde teriam a seu cargo lojas de mercadorias, depósitos de cereais, cabeças de gado ou provisões para o exército. Havia centenas de escolinhas assim na grande idade de Tebas. A instrução não era cara; os alunos tinham apenas que sustentar o professor. O filho do vendedor de carvão

se encarregava de lhe encher sempre o braseiro durante o inverno; o filho do tecelão fornecia-lhe tecidos; o filho do merceeiro não deixava que lhe faltassem cereais, e meu pai lhe tratava as muitas dores e pontadas e lhe dava ervas sedativas a serem tomadas com o vinho.

Dependendo tanto de nós, Oneh tinha por força que ser um inefável professor. Um garoto que adormecesse em cima da sua lousa jamais sofria puxões de orelhas; bastava que na manhã seguinte lhe trouxesse uma gulodice. As vezes o filho do cerealeiro trazia uma botija com cerveja. Em dias assim prestávamos atenção porque o velho Oneh ficava inspirado e nos contava estranhas histórias do outro mundo: da Celestial Mut, do Criador, de Ptah e de sexos de seus companheiros.

Ríamos, pensando que o havíamos distraído das nossas tarefas difíceis, principalmente de termos que escrever caracteres enfadonhos pelo resto do dia; foi bem mais tarde que averigüei que o velho Oneh era um professor bem mais sábio do que cuidávamos. Havia um propósito naquela sua mania de contar lendas a que a sua mente piedosa, ingênua, sabia dar vida. Através delas ficávamos sabendo as tradições do antigo Egito. Nelas nenhuma ação má ficava sem castigo. Cada coração humano era pesado ininterruptamente diante do alto trono de Osiris. Cada mortal cujas ações más fossem desvendadas sobre as balanças do deus de cabeça de Chacal era arremessado ao Devorador que era uma fusão de crocodilo e hipopótamo, mais aterrorizante do que qualquer deles isoladamente.

Falava também do sinistro Olho Voltado, o terrível barqueiro sem cuja ajuda ninguém conseguia chegar aos campos dos bem-aventurados; quando remava ia voltado para a popa, nunca para a proa como os barqueiros humanos do Nilo. Oneh nos fazia repetir de cor as frases que nos pudessem ser vantajosas e propícias. Ensinava-nos a copiá-las e a, em seguida, escreve-las de cor, corrigindo nossos erros com a gentil advertência de que o menor engano nos destruiria todos os ensejos de uma vida feliz no futuro. Se acaso entregássemos ao olho Voltado uma carta contendo um erro mesmo trivial seríamos forçados a vagar como sombras por

toda a eternidade pelas margens daquelas águas sombrias; ou, pior ainda, nos engolfaríamos nos medonhos abismos dos reinos da morte.

Freqüentei a escola de Oneh durante alguns anos. O meu melhor amigo era Thothmes que era um ano e pouco mais velho do que eu e que desde criança aprendera a lutar e a domar cavalos. Seu pai comandava um esquadrão de carros de guerra e manjava um chicote trançado com fio de cobre; confiava em que o filho chegasse a ser um dia um oficial superior e por tal motivo desejava que ele aprendesse a ler. Mas não havia nada profético quanto ao nome depois ilustre de Thothmes, não obstante as ambições paternas, pois assim que o rapaz começou a freqüentar a escola deixou de se incomodar com o arremesso de dardos e a condução de carros. Aprendeu os caracteres com muita facilidade e enquanto os demais alunos lutavam em comum, ele desenhava cenas na sua lousa; cenas de carros, de cavalos empenados, de soldado sem luta. Trazia argila para a escola e enquanto o suco levedado contava histórias pela boca de Oneh, ele modelava uma imagenzinha cômica do Devorador despedaçando com rudes mandíbulas um velhote calvo cujo dorso curvo e cujo ventre de tonel não podiam pertencer a ninguém senão a Oneh. Este, porém, não se zangava. Ninguém podia se zangar com Thothmes. Tinha um rosto largo e curto, pernas grossas de lavrador, mas os olhos possuíam um brilho jubiloso que empolgava e os pássaros e animais formados de argila por suas mãos habilidosas, nos deliciavam. Tomei-me de amizade por ele, inicialmente, por causa do seu feitio marcial; mas a amizade persistiu depois que cessou de mostrar quaisquer traços de ambição guerreira.

Aconteceu um prodígio durante a minha temporada escolar e aconteceu tão repentinamente que ainda considero tal hora como uma hora de revelação. Foi num bonito dia de amena primavera, quando o ar estava repleto de cantos de pássaros e as cegonhas recompunham seus velhos ninhos nos telhados dos casebres de barro. As águas haviam descido e novos rebentos verdes emergiam do chão. Em todos os jardins que tinham recebido sementes plantas brotavam. Era um dia que convidava à aventura, e era impossível

permaneceremos sentados quietos na velha varanda raquítica de Oneh onde os tijolos se desmantelavam ao menor contacto. Eu estava riscando um desses símbolos perpétuos, letras a serem cortadas em pedra e traçando ao lado deles os sinais abreviados usados para serem escritos em cima de papel, quando de repente certa palavra esquecida de Oneh, determinado fulgor estranho dentro de mim, falou e deu vida àqueles caracteres.

Os desenhos se tornaram uma palavra, a palavra uma sílaba e a sílaba uma letra. Quando juntei desenhos a desenhos novas palavras irromperam - palavras vivas, inteiramente distintas dos símbolos. Qualquer rústico pode compreender um desenho; mas dois juntos só tem sentido para o literato. Creio que quem quer que haja aprendido a escrever e a ler sabe que é que estou querendo dizer. Para mim tal experiência se tornou mais fascinante do que arrebatrar uma romã do cesto de um vendedor de frutas; mais doce do que uma tâmara seca; tão deliciosa como para o sedento um bom gole d'água.

De então em diante não precisei mais de instigação, mas me embebi nos ensinamentos de Oneh como a terra seca se embebe com o extravasar das águas do Nilo e depressa aprendi a escrever. Não tardou que começasse a ler o que os outros tinham escrito, e no terceiro ano de aula eu já sabia soletrar sozinho trechos de rolos esfarrapados, ler alto para os outros cabulas instrutivas e escreve-las.

Por esse tempo percebi que me tornara diferente dos demais. Meu rosto se tornara mais estreito, a minha pele mais clara, e os meus membros mais esguios do que os dos outros garotos e das pessoas entre as quais morava. Se não fosse a diferença dos trajes ninguém me distinguiria dos meninos que eram carregados em liteiras ou que andavam pelas ruas acompanhados por escravos. Zombaram de mim por causa disso. O filho do cerealista tentava passar o braço em torno do meu ombro e me chamava de menina; a tal ponto que certa vez tive que investir e quase o traspassei com o meu estilete. Implicava com ele por causa do seu cheiro ruim e gostava de andar com Thothmes que nunca me tocava. E um dia Thothmes me disse: - Vou modelar-te tal qual és; senta-te aí, bem quieto.

Resolvi, porém, levá-lo para minha casa e acolá, debaixo do sicomoro, ele me modelou em argila e riscou na base os caracteres do meu nome, com um estilete. Minha mãe Kipa, ao aproximar-se trazendo-nos bolos, levou um susto quando viu a imagem e chamou-a de feitiçaria. Mas meu pai disse que Thothmes podia vir a ser um artista da casa real se ao menos pudesse freqüentar a escola do templo; então, brincando, me inclinei diante de Thothmes e estendi as mãos ao nível dos joelhos conforme se faz diante de pessoas preeminentes. Seus olhos brilhantes; e ele brilharam em seguida que isso jamais se daria porque o pai achava que já era tempo de voltar para as tendas e freqüentar o curso da arte de guiar carros

Já sabia escrever quanto era necessário para um futuro oficial. Meu pai logo nos deixou e ouvimos Kipa falar sozinha lá na cozinha; no entanto Thothmes e eu comemos os bolos que eram gostosos e fofos: e mostramos contentamento.

Naquela época eu ainda era Feliz.

Certo dia meu pai pos o seu melhor traje recentemente lavado e prendeu no pescoço um largo colar bordado por Kipa. Dirigiu-se ao grande templo de Ammon, embora no íntimo não gostasse de sacerdotes. Mas é que nada acontecia em Tebas, ou antes em todo o Egito, naquele tempo, sem a ajuda e a intervenção deles. Administravam justiça a tal ponto que um homem ousado contra o qual a corte do faraó houvesse pronunciado um julgamento podia apelar para eles e obter reforma da sentença. Tinha nas mãos o ensino referente aos postos administrativos mais altos. Prediziam a altura das águas nas cheias e a quantidade das safras, fixando assim os impostos na nação inteira.

Não acho que fosse fácil para meu pai se humilhar diante deles. Toda a vida fora um médico de gente pobre no bairro dos miseráveis e um desconhecido no templo e na Casa da Vida; e agora, como os outros pais pobres, tinha que esperar na fila do lado de fora do departamento administrativo até que algum sacerdote ou qualquer outra pessoa o recebesse.

Revejo de onde estou agora aqueles pobres pais, com suas melhores roupas, acorados no pátio do templo, sonhando carreiras

ambiciosas para os filhos cujas existências queriam que fossem melhores do que as suas. Muitos tinham vindo de longe, em botes rio abaixo, carregando víveres consigo e os gastavam subornando algum porteiro ou funcionário só para conseguirem o privilégio de uma palavra a algum sacerdote de túnica bordada a ouro que, todo perfumado e antipático lhes torcia o nariz por causa do cheiro da pobreza e lhes dava respostas ásperas. E entretanto, Ammon não se fartava da contínua maré de novos servidores. Quanto maior a sua riqueza e poder, maior o número de escribas usados em seu serviço. Todavia não existe um pai que não considere como um favor divino a graça de ser recebido no seu templo, muito embora, coitado dele, trazendo o filho, trouxesse um donativo mais precioso do que o ouro.

Meu pai ainda teve sorte naquela visita, pois pouco depois do meio dia passou ele Ptahor, seu antigo condiscípulo. Com o decorrer do tempo Ptahor se tornara um hábil trepanador da corte do faraó. Meu pai cobrou ânimo e falou com ele. Ptahor prometeu honrar nossa casa com sua visita e examinar-me.

Marcado que foi o dia, meu pai economizou para comprar um ganso e um vinho melhor. Kipa acendeu o forno e alvoroçou-se. Um cheiro gostoso de gordura de ganso se espalhou até à rua, e cegos e mendigos se juntaram para cantar e representar, desta forma querendo co-participação na iguaria. Kipa tomada de fúria, livrou-se deles entregando a cada, um pedaço de pão molhado em gordura. Thothmes e eu varremos bem a rua, desde a nossa porta até o começo do outro bairro.

Meu pai pedira a Thothmes que estivesse presente à chegada do visitante na esperança de que meu colega também merecesse a atenção do notável. Embora fossemos garotos, assim que meu pai acendeu o incenso e o dispôs na entrada a fim de perfumar o ambiente, ficamos tomados de respeitoso receio como se estivéssemos num templo. Eu vigiava o jarro com água perfumada e enxotava as moscas para fora da deslumbrante toalha de linho branco que Kipa reservara para seu funeral, mas que se viu obrigada a usar como toalha por causa de Ptahor.



Tivemos que esperar muito. O sol descambou, a atmosfera tornou-se mais fresca, o incenso no pórtico acabou de se queimar e o ganso frigia monotonamente lá no fogão. A minha fome aumentava e o rosto de Kipa se ia tornando comprido e hirto. Meu pai não disse nada, mas não acendeu as lâmpadas quando a escuridão chegou. Ficamos sentados juntos ali no pórtico, sem nos entreolharmos e foi então que notei que mágoa amarga e que decepção profunda uma pessoa rica e poderosa pode causar a uma pessoa pobre.

Eis, porém que por fim surgiu uma tocha ao longo da rua. Meu pai deu um pulo e foi depressa à cozinha buscar uma acha para acender as lâmpadas. Ergui o jarro e o fiquei segurando com mãos tremulas enquanto Thothmes fungava fortemente ao meu lado.

Ptahor, o abridor de crânios reais, chegou despretensiosamente numa liteira trazida por dois escravos negros e precedida por sujeito gordo evidentemente bêbado que trazia a tocha. Com zumbaias, exclamações alegres de saudação, Ptahor desceu da liteira para cumprimentar meu pai que se inclinou e estendeu as mãos ao nível dos joelhos. O visitante pos as mãos nos ombros de meu pai para lhe mostrar que não era necessária tal cerimônia ou, talvez, para se equilibrar.

Assim seguro, deu um pontapé no homem da tocha e lhe disse que podia dormir debaixo do sicomoro. Os negros, sem esperar ordens, largaram a liteira junto da sebe de acácias e se acocoraram no chão. Sempre apoiado no ombro de meu pai, Ptahor subiu para o pórtico onde entornei água em suas mãos não obstante os seus protestos. Quando lhe estendi a toalha de linho, redargüiu que já que eu lhe molhara as mãos podia muito bem enxugá-las.

Depois que fiz isso, agradeceu e disse que eu era um menino simpático. Meu pai levou-o para o lugar de honra, uma cadeira com espaldar emprestada pelo merceeiro e Ptahor se sentou, volvendo os pequeninos olhos perscrutadores à sua volta por entre a luz das lâmpadas de óleo. Durante algum tempo houve silencio. Por fim, limpando a garganta, maneiramente pediu bebida como se o longo percurso lhe tivesse ocasionado sede. Prontamente meu pai lhe serviu vinho, com ar prestimoso. Ptahor cheirou-o, provou-o

com feitio desconfiado e em seguida esvaziou a taça com evidente prazer; e deu um suspiro de contentamento.

Ptahor era um homenzinho de pernas arqueadas e de cabeça raspada, com um peito e um ventre que proeminavam por sob suas vestes finas. Seu colar, composto de pedras preciosas, estava manchado como a sua roupa; todo ele cheirava a óleo, vinho e suor. Kipa serviu-lhe bolos de especiaria, postas de peixe frito em óleo, frutas e ganso assado. Ptahor comeu, aceitando tudo polidamente, embora fosse claro que acabara de jantar bem; ao provar cada prato de Kipa, elogiava muito, o que a satisfez sobremaneira. De acordo com um desejo dele, levei cerveja e comida para os negros que em paga se puseram a vociferar insultos perguntando se o velho pançudo ainda ia demorar muito. O criado ressonava debaixo do sicomoro e não tive a menor vontade de acordá-lo.

Aquele serão acabou se tornando muito confuso, pois até mesmo meu pai bebeu muito mais do que eu já o vira fazer; minha mãe não tardou a se ir sentar na cozinha, sobressaltada e aflita, balançando-se para diante e para trás, com as mãos na cabeça. Depois que o cântaro ficou vazio, começaram a beber o vinho utilizado por meu pai como remédio durante as consultas. Acabado que foi este, se serviram da cerveja comum de mesa, pois Ptahor assegurou que não era metido a exigências.

Conversaram sobre o tempo de estudantes na Casa da Vida, brindando-se e abraçando-se o tempo todo. Ptahor relatou sua prática de cirurgião de crânios reais, afirmando que esta era a parte mais difícil em que um médico podia se especializar, sendo mais adequada para a Casa da Morte do que para a Casa da Vida.

Mas que, quanto à tal especialização, pouco e raro era o trabalho, continuando assim pois a ser o mesmo preguiçoso de que Senmut, o Tranqüilo, certamente se lembraria. A cabeça humana - excetuando os dentes, os ouvidos e a garganta que requeriam especialistas adequados - era, no seu entender, a coisa mais simples que havia a se estudar; devido a isso escolhera tal especialidade.

- Mas - disse ele - se eu tivesse sido decente devia ter permanecido o que fui: um médico honesto tratando de dar saúde e vida aos meus pacientes. Sendo o que sou, só me compete tratar da morte

quando parentes de velhos e de incuráveis me chamam. Gostaria de ser como tu, amigo Senmut, mais pobre, decerto, mas levando uma vida mais honesta e mais útil.

- Não acrediteis nele, meninos! - disse meu pai voltando-se também para Thothmes que se achava sentado junto de nós com uma taça de vinho na mão. - Sinto-me orgulhoso de chamar o trepanador de crânio do faraó de "meu amigo"; no seu ramo é a pessoa mais altamente habilitada no Egito inteiro. Pois então não me lembro das prodigiosas operações de trepanação mediante as quais salvou as vidas tanto de poderosos como de humildes e fez o mundo ficar perplexo?! Ele expulsa maus espíritos que levam os homens à loucura e lhes extrai dos cérebros tumores do tamanho de ovos. Antigos doentes seus, tomados de gratidão, outorgam-lhe ouro e prata, braceletes e taças.

- Mas a gratidão dos parentes ainda é maior - declarou Ptahor, categoricamente - pois se por acaso curo um em dez, um entre quinze ... não, digamos um entre cem, certíssima é a morte dos demais. Não ouviste falar de um certo faraó que viveu ainda três dias depois que seu crânio fora aberto? Não, os loucos incuráveis é que são trazidos para se submeterem à minha faca de cristal; quanto mais ricos e ilustres, mais depressa me chegam. A minha mão liberta os homens dos seus sofrimentos, divide heranças, terras, gado e ouro; a minha mão ergue faraós ao trono. Por conseguinte sou temido e ninguém ousa falar contra mim porque sei muitas coisas; mas o conhecimento aumentado faz aumentar as aflições, e a verdade é que sou um homem infelicíssimo.

Ptahor chorou um pouco e soprou o nariz na mortalha de Kipa.

- És pobre mas honesto, Senmut - soluçou ele. - É por isso que gosto de ti porque, se sou rico, também sou carcomido...tão carcomido como a carcaça podre de um boi na estrada.

Tirou do pescoço o colar de jóias e o dependurou no pescoço de meu pai; depois começaram a cantar, a entoar canções cujas palavras eu não entendia, mas que Thothmes escutava com interesse, dizendo-me incidentalmente que cânticos de sigadores não eram ouvidos nem mesmo nas tendas. Kipa começou a chorar alto lá na cozinha. Um dos negros veio da sebe das acácias, ergueu

Ptahor nos braços e quis levá-lo para a liteira aduzindo que desde muito já devia ele estar na cama.

Mas Ptahor lutou soltando gritos violentos, chamando os guardas para ajudá-lo e jurando que o negro era um assassino.

Como papai estava imprestável eu e Thothmes expulsamos o negro com bastonadas até ele fugir com raiva e ir embora, blasfemando furiosamente e levando consigo o companheiro e a liteira. Ptahor então entornou o jarro de cerveja em cima do corpo, pediu óleo para esfregar no rosto e tentou até tomar banho na cisterna. Thothmes me disse baixo que o melhor era pormos tal homem na cama; não tardou, pois que meu pai e o real cirurgião de crânios abraçados ao pescoço um do outro, babando juramentos intermináveis de eterna amizade.

Kipa chorava e arrancava os cabelos, cobrindo-se com a cinza que tirou do fogão. Eu estava atormentado pelo pensamento do que os vizinhos iriam dizer, pois o escarcéu e a bulha haviam soado longe através da noite quieta. Entretanto Thothmes estava tranqüilo porque já assistira a coisas mais selvagens nas tendas e na casa de seu pai quando os condutores de carros falavam de fatos antigos e de expedições punitivas à Síria e à terra de Kush. Esforçou-se para acalmar Kipa e, depois que limpamos o melhor possível quaisquer traços da noitada e do jantar, também fomos dormir. O criado continuava roncando em baixo do sicomoro, e Thothmes se deitou ao meu lado na cama, passou o braço em torno do meu pescoço e se pos a falar de raparigas, porque também bebera vinho. Mas como eu era um ano e tanto mais moço do que ele isso não me interessou e logo peguei no sono.

De manhã bem cedo fui acordado por uma série de sons e movimentos no quarto de dormir e ao entrar dei com meu pai dormindo ainda vestido e com o colar de Ptahor no pescoço. Ptahor se achava sentado no chão, segurando a cabeça com as mãos e perguntando com uma voz medonha onde se achava.

Saudei-o respeitosamente e lhe disse que ainda estava no bairro portuário, na casa de Senmut, o médico. Isso o aquietou, logo me pedindo cerveja em nome de Ammon. Respondi-lhe que ele próprio

esvaziara o jarro de cerveja em cima do corpo, conforme o estado de sua roupa testemunhava.

Então se levantou, endireitou-se com uma catadura cheia de dignidade e saiu. Despejei água nas suas mãos e ele abaixou a cabeça calva, com um grunhido, pedindo-me que a molhasse também. Thothmes que já acordara, trouxe-lhe uma tigela de coalhada e um prato de peixe salgado. Depois que se alimentou ficou mais natural. Dirigiu-se ao sicomoro onde o servo se achava dormindo no chão e começou a bater nesse indivíduo até que ele acordasse e se erguesse com a roupa suja de folhas e gravetos e a cara encoscorada de terra.

- Porco imundo - exclamou Ptahor e zurriu-o outra vez. - E assim que te importas com os negócios do teu senhor e levas a tocha diante dele? Onde está a minha liteira? Onde está a minha roupa limpa? E as minhas amoras medicinais? Some da minha vista, ladrão e porco desprezível!

- Sou um ladrão e o porco às ordens do meu senhor - disse o criado, humildemente. - Que manda o meu senhor?

Pitaor deu-lhe as suas ordens. O criado saiu em demanda da liteira. Ptahor instalou-se confortavelmente debaixo do sicomoro, recostando-se no tronco, e recitou um poema concernente à manhã e onde falava em flores de lótus, numa rainha se banhando no rio; depois nos contou uma porção de coisas que os meninos gostam de escutar. Nesse ínterim Kipa acordou, acendeu o fogo e entrou no quarto onde se achava meu pai. Podíamos ouvir a voz dela mesmo dali do jardim. E quando meu pai apareceu mais tarde com uma roupa limpa, ambos se contemplaram deveras entristecidos.

- Tens um filho formoso - disse Ptahor. - Porta-se como um príncipe e tem os olhos afáveis como os das gazelas.

Apesar da minha idade, percebi que falava assim para que esquecêssemos o seu comportamento da noite passada. Daí a pouco, prosseguiu:

- Teu filho é talentoso? Os olhos da sua alma são tão abertos quanto os do seu corpo?

Então Thothmes e eu fomos apanhar as nossas lousas de escrita. O real cirurgião de crânios, olhando abstratamente para os ramos mais altos do sicomoro, ditou um pequeno poema de que ainda me lembro. Dizia assim:

Rejubila-te enquanto és jovem  
Pois a velhice engole cinzas  
E qualquer corpo embalsamado  
Não ri na escuridão da tumba.

Tratei de caprichar, escrevendo primeiro em sinais comuns e depois em desenhos. Por fim escrevi as palavras "velhice", "corpo" e "tumba" de todas as maneiras em que podiam ser escritas com referencia a sílabas e letras. Mostrei-lhe a minha lousa. Não achou nenhum erro e notei que meu pai se sentiu orgulhoso de mim.

- E o outro garoto? - disse Ptahor, estendendo a mão.

Thothmes mantivera-se sentado aparte, desenhando na sua lousa, e hesitou antes de estende-la, embora seus olhos demonstrassem alegria. Quando nos inclinamos para olhar, vimos que desenhara Ptahor prendendo seu colar no pescoço de meu pai e, depois, Ptahor entornando cerveja em cima de si mesmo, ao passo que no terceiro desenho ele e meu pai estavam cantando abraçados... Um desenho tão engraçado que a bem dizer se podia ver que espécie de canção era a que estavam cantando. Tive vontade de rir, mas não ousei, receoso de que Ptahor ficasse zangado. Sim, pois Thothmes não o lisonjeara; pintara-o tão baixote, calvo, cambaio e barrigudo quanto era, realmente.

Durante algum tempo Ptahor não disse nada, ficando a olhar firmemente ora para os desenhos, ora para Thothmes.

Este foi começando a ficar um pouco amedrontado e a se balançar nervosamente na ponta dos pés. Por fim Ptahor perguntou:

- Que queres por estes desenhos, menino? Eu os comprarei.

Thothmes, com o rosto escarlate, replicou:

- A minha lousa não está à venda. Eu vo-la dou como a um amigo.

Ptahor riu.

- Está bem. Então sejamos amigos e a lousa fica sendo minha.

Olhou para ela, atentamente, mais uma vez, riu e a arremessou-a de encontro a uma pedra, fazendo-a em pedaços.



Sobressaltamo-nos; e Thothmes lhe disse que, caso se sentisse ofendido, que o perdoasse.

- Posso zangar-me com a água quando ela reflete a minha imagem?  
- retorquiu Ptahor, placidamente. - E, os olhos e as mãos do desenhista refletem melhor do que a água... pois sei agora qual o meu aspecto ontem e não desejo que outros o vejam. Destruo a lousa, mas reconheço em ti o artista.

Thothmes deu saltos de júbilo. Ptahor, voltando-se para meu pai e apontando para mim, pronunciou solenemente o juramento antigo do médico:

- Encarregar-me-ei deste caso.

Apontando em seguida para Thothmes, disse:

- Farei o que puder.

E tendo voltado ambos a conversar como médicos, ele e meu pai, se puseram a rir, satisfeitos. Meu pai, pondo a mão em cima da minha cabeça, perguntou:

- Sinuhe, meu filho, queres ser médico, como eu?

Lágrimas me encheram os olhos e a minha garganta se constringiu de tal forma que não consegui responder; mas fiz que sim, com a cabeça. Olhei em redor. Como tudo aquilo me era caro, o jardim, o sicomoro e a cisterna!

E meu pai prosseguiu:

- Sinuhe, meu filho, queres ser um médico ainda mais capacitado do que eu? Sim, melhor do que eu?...Senhor da vida e da morte, e a quem todos, preeminentes ou humildes, possam confiar suas vidas?

- Nem como ele nem como eu! - apartou Ptahor. Endireitou-se e um fulgor inteligente surgiu em seus olhos. - Um autentico médico, ou seja, a pessoa mais poderosa de todas! Diante dele o próprio faraó fica nu. Diante dele o mais rico se assemelha ao mendigo.

Respondi timidamente:

- Gostaria bem de ser médico.

Era menino ainda, não sabia nada da vida nem que a velhice sempre procura por aos ombros da mocidade os seus sonhos e desapontamentos. Mas quanto a Thothmes, Ptahor mostrou um bracelete que lhe rodeava o punho e disse:

- Lê

Tothmes pronunciou os caracteres ali inscritos, lendo alto e vagarosamente:

"Uma taça cheia rejubila meu coração."

E não pode reprimir o riso.

- Não há razão para que te rias, birbante! Isto não tem nada que ver com o vinho. Se queres ser artista tens que pedir que a tua taça seja cheia. No verdadeiro artista se revela Ptah em pessoa, o criador, o construtor. O artista é mais do que um lago refletindo imagens. Com efeito, a arte pode muitas vezes não ser mais do que uma água lisonjeira ou um espelho mentiroso; o artista é mais do que isso. Exige portanto que a tua taça esteja repleta sempre, filho, não bastando que fiques contente com o que os homens te digam. Confia antes em teus próprios olhos, que vêem mais claro.

Prometeu que breve eu seria admitido como aluno na Casa da Vida e que faria tudo para que Thothmes entrasse para a escola de arte no templo de Ptah, caso tal coisa fosse possível.

- Mas, meninos, ouvi cuidadosamente o que vou dizer e depois esqueci imediatamente... ou, pelo menos, esqueci que foi o real cirurgião de crânios quem falou. Ireis cair agora nas mãos de sacerdotes. Tu, Sinuhe, te tornarás um deles no decorrer do tempo. Teu pai e eu fomos iniciados na escala mais baixa e ninguém pode seguir a vocação de médico sem ser iniciado assim. Quando ambos estiverdes entre eles sede prudentes como os chacais e espertos como as serpentes, para que não vos torneis cegos nem tontos. Mas por fora mostrai-vos inofensivos como pombos, pois enquanto a meta não for atingida um homem não deve se entremostrarmos como é. Lembrai-vos disso!

Conversamos mais tempo ainda até que o criado de Ptahor aparecesse com uma liteira alugada e roupagens limpas para o seu amo. Os escravos haviam empenhado a liteira de Ptahor num bordel próximo e ainda se achavam dormindo lá. Ptahor deu ordem ao criado para resgatar tanto a liteira como os escravos, despediu-se de nós, assegurando sua amizade a meu pai, e voltou para o bairro rico da cidade.

No dia seguinte mandou um presente para Kipa, um escaravelho sagrado esculpido em pedra preciosa para ser colocado junto do

coração por baixo da mortalha, na hora do seu enterro. Não poderia ter dado alegria maior à minha mãe que lhe perdoou tudo e cessou de dar preleções a meu pai, Senmut, sobre os malefícios do vinho.

# LIVRO II

A CASA DA VIDA



**E**m Tebas, naquele tempo, toda a educação superior se achava nas mãos dos sacerdotes de Ammon e não era possível estudar para um posto importante sem um certificado deles. Conforme é notório as Casas da Vida e da Morte sempre tinham permanecido desde tempos imemoriais, dentro das muralhas do templo; e também as escolas teológicas para sacerdotes das categorias mais altas. Que as ciências da matemática e da astronomia estivessem subordinadas aos sacerdotes se compreende; mas quando se tratava de ensino jurídico e comercial se levantava nas mentes das mais alertas classes educadas o receio de que os sacerdotes se estavam imiscuindo em questões que apenas concerniam ao faraó e ao departamento de imposto.

A iniciação não era de fato indispensável aos membros das corporações de mercadores e advogados; mas como Ammon tomava conta de pelo menos um quinto da terra do Egito e, por conseguinte, também do seu comércio, todos aqueles que desejavam se tornar comerciantes em grande escala ou entrar para a administração achavam prudente tomar o grau ínfimo do sacerdócio e se submeter a Ammon como seus servos fiéis.

Antes de penetrar na Gasa da Vida tive que me sujeitar a exames de admissão para a categoria mais baixa de sacerdócio na faculdade teológica. Isso me tomou mais de dois anos, porque ao mesmo tempo tinha que acompanhar meu pai em suas visitas aos doentes e colher da sua experiência conhecimentos benéficos para a minha carreira futura.

Morava em casa como antes, mas tinha que assistir a uma aula ou mais todos os dias. Os candidatos desse estágio se dividiam em grupos de acordo com as profissões que seguiriam depois. Nós, isto é, aqueles destinados a serem discípulos na Casa da Vida, formávamos um grupo nossos mas não encontrei nenhum amigo

íntimo entre tais companheiros. Resolvi seguir literalmente o conselho prudente de Ptahor e me conservava distante, obedecendo humildemente às ordens e fingindo estupidez enquanto os outros blasfemavam ou gracejavam conforme fazem as crianças. Entre nós se achavam os filhos de médicos especialistas cujo parecer e tratamento eram cobrados em ouro. E havia também entre nós os filhos de médicos provincianos, quase sempre de mais idade do que nós, atarracados, brancos, queimados de sol, que se esforçavam por esconder a timidez e que cumpriam laboriosamente as suas tarefas. Havia rapazes das classes baixas que desejavam se levantar acima do nível social e comercial dos pais, que tinham sede natural de conhecimento, mas que recebiam tratamento ainda mais severo do que os outros porque os sacerdotes desconfiavam, por natureza de quantos não estivessem contentes com os velhos hábitos.

Minha precaução só me foi útil porque logo percebi que os sacerdotes tinham seus espiões e agentes disseminados entre nós. Uma palavra inadvertida, uma dúvida manifestada ou um gracejo dito entre amigos, logo eram levados ao conhecimento dos sacerdotes; e o acusado era chamado para inquérito e punição. Alguns eram flagelados e até mesmo expulsos da Casa da Vida que ficava de então por diante fechada para eles eternamente, tanto em Tebas como no resto do Egito.

Minha habilidade para ler e escrever me proporcionou uma acentuada vantagem sobre muitos dos meus discípulos, inclusive alguns mais velhos. Considerava-me maduro para entrar na Casa da Vida, mas a minha iniciação foi adiada.

Faltou-me coragem para perguntar o motivo; fazer isso seria, no entender deles, uma insubordinação a Ammon. Preenchi o tempo copiando os Textos dos Mortos que eram vendidos nos pórticos e me sentia rebelado e deprimido porque muitos dos colegas meus menos talentosos já haviam começado seus estudos na Casa da Vida. Mas sob a direção de meu pai eu só podia ganhar uma base mais sólida de tirocínio bem melhor do que a deles; aliás, também vinha percebendo que os sacerdotes de Ammon eram sagazes, pois



decerto me observavam, notavam minha descrença e ar de desafio e, por conseguinte, me impunham aquela espécie de prova.

Por fim me foi comunicado que chegara o meu turno de me recolher ao templo. Passei lá dentro, em suas salas, durante uma semana, com a proibição de durante todo esse tempo deixar o recinto. Tive que jejuar e me purificar, e meu pai se apressou em cortar meus cabelos e convidar os vizinhos a uma festa em regozijo da minha maturidade. Pois, a começar de então, estando agora capacitado para a iniciação, por mais simples e singela que fosse a cerimônia, passei a ser considerado como homem feito, superior a meus vizinhos e a todos os rapazolas da minha idade.

Kipa caprichou o mais que pode, mas achei sem gosto o seu pão-de-mel, e a alegria e os comentários rudes dos vizinhos não me agradaram. De noite, depois que os convidados se foram embora, Senmut e Kipa se deram conta também da minha tristeza. Senmut começou a me contar a verdade a respeito do meu nascimento e Kipa o ajudava sempre que ele se esquecia de qualquer coisa; enquanto isso fitava o barco de verga suspenso por cima do meu leito; o vime enegrecido e arrebetado me entristecia a alma.

Teste mundo imenso, a verdade era que eu não tinha pai nem mãe, ali me achava sozinho numa grande cidade, sob as estrelas. Decerto não passava de um miserável estrangeiro na terra de Kan, ou então a minha origem era um segredo vergonhoso. Havia dor em meu coração quando me dirigi ao templo vestindo a túnica da iniciação que Kipa fizera para mim com tamanho cuidado e amor.

Éramos vinte e cinco, entre jovens e meninos; apresentamo-nos para ser recebidos no templo. Depois que nos banhamos no lago do templo, nossas cabeças foram raspadas e vestimos trajés grosseiros. O sacerdote designado para nosso diretor não era tão meticulosamente exigente como alguns outros. A tradição obrigava a sujeitar-nos a toda sorte de cerimônias humilhantes, mas havia entre nós alguns de alta condição social e outros que já tinham passado em exames - homens feitos que entravam a serviço de Ammon apenas para garantir um futuro melhor. Estes trouxeram consigo abundantes provisões e presentearam com vinho muitos dos sacerdotes; alguns chegavam até a sair de noite para casas de

divertimentos, já que isso de iniciação para eles não significava nada. Eu me submetia ao regime com grande mágoa, com o espírito cheio de pensamentos amargos, satisfazendo-me com um pedaço de pão e uns púcaro com água - a dieta tradicional dos noviços - aguardando com ânimo discreto e solícito os dias vindouros.

Era tão jovem que ainda possuía uma ânsia indizível relativa à fé. Diziam que Ammon aparecia em pessoa durante a iniciação e falava individualmente com cada candidato; ser-me-ia um inefável conforto poder sentir alívio, abstraindo-me de mim e me voltando para qualquer objetivo universal e bem determinado.

Mas diante do médico até o faraó tinha que ficar nu; desde criança eu vira doenças e morte ao lado de meu pai, e meus olhos se haviam habituado a uma agudeza bem maior do que a que possuíam os outros da minha idade. Para um médico nada é sobremaneira sagrada e ele não se inclina perante nada, exceto diante da morte. Isso meu pai me ensinara. Por conseguinte, não tinha crença e tudo quanto vi no templo durante aqueles três anos apenas aumentou ainda mais a minha falta de fé.

Ainda assim esperava que atrás do véu espesso na obscuridade do santo dos santos encontraria o Ignoto; que Ammon me apareceria, trazendo paz ao meu coração.

Meditava sobre isso enquanto percorria a passagem entre as colunas a que os leigos tem acesso. Contemplava as pinturas sagradas de cor e observava as inscrições que falavam das estupendas dádivas que os faraós haviam trazido para Ammon, como parte dos despojos de guerra que competiam ao deus. E nisto encontrei uma radiosa mulher cujas vestes eram de linho tão transparente que seus seios e flancos podiam ser visto através da roupa. Era esguia e magra, seus lábios, faces e sobrancelhas estavam pintados; olhou-me com uma curiosidade espontânea.

- Qual é o seu nome, lindo jovem? - perguntou-me ela com os olhos postos na pala cinzenta que exemplificava que eu era um candidato à iniciação.

- Sinuhe - respondi confuso sem ousar fitá-la; mas era tão linda que usei esperar que me pedisse para ser seu guia através do templo.

Tais pedidos eram freqüentemente feitos aos noviços.

- Sinuhe - repetira ela com ar pensativo, observando-me - Então deves ser muito assustadiço e sumir, tão logo um segredo te seja confiado.

Isso era uma alusão à história de Sinuhe e me aborreceu; eu já estava farto de gracejos assim na escola. prumei-me e olhei de frente; seu olhar era tão estranho e claro, tão perscrutador que senti meu rosto começar a enrubescer e tive a impressão de que uma chama me percorria o corpo.

- Assustar-me, eu? - redargüi - Um futuro médico não teme segredos.

Ela sorriu.

- Ah! O pintainho começou a piar antes de sair de casa. Está bem, dize-me uma coisa; tens entre os teus camaradas um jovem chamado Metufer? O filho arquiteto mor do faraó.

Fora esse Metufer quem enchera de presentes o sacerdote, dando-lhe dádivas de iniciação tais como vinho e um bracelete de ouro.

A contragosto lhe disse que conhecia, mas de bom grado lhe ofereci para ir chamá-lo. Lembrei-me a seguir que ela podia ser irmã ou prima de Metufer. Isso me animou e então lhe sorri, garbosamente.

- Como hei de ir chamá-lo, se não sei como te chamas e por conseguinte não poderei dizer quem o veio visitar?

- Ele sabe de quem se trata - retorquiu a mulher, batendo impacientemente no lajedo com a sandália adornada de pedrinhas.

Olhei para aqueles pés pequeninos sem vestígio de pó e cujas lindas unhas estavam esmaltadas com uma cor vermelha cintilante.

- Ele sabe de quem se trata. Não se pode dar o caso de ter um compromisso comigo! Não se pode dar o caso de meu marido estar de viagem e eu à espera de que Metufer venha consolar minhas mágoas?

Ante o pensamento de que ela era casada meu coração se agitou ainda mais; disse-lhe prontamente:

- Perfeitamente, bela desconhecida! Vou chamá-lo. Direi que uma mulher mais jovem e mais bela do que a deusa Lua o está chamando. E ele logo saberá quem é, pois quem quer que te haja visto uma vez não poderá te esquecer nunca.

Assustado com a minha própria presunção, me voltei para ir; ela, porém, me deteve.

- Por que tanta pressa? Espera! Tu e eu temos mais alguma coisa a dizer um ao outro.

Tornou a me encarar a ponto do meu coração fundir em meu peito e eu ter a impressão de que meu estomago me caía aos pés. Estendeu uma das mãos, pesada de anéis e braceletes, tocou minha cabeça e disse afavelmente:

- Essa linda cabeça, assim raspada tão recentemente, não sente frio?

- E mais suavemente: - Falaste a verdade? Achas que sou bonita? Olha-me mais de perto!

Olhei-a; seu vestuário era de linho real, e aos meus olhos ela era bela, mais bela do que todas as mulheres que eu vira e, na verdade, nada fazia para esconder sua beleza. Olhando-a, esqueci a ferida do meu coração, esqueci Ammon e a Casa da Vida. Sua proximidade queimava meu corpo como fogo.

- Não respondes? - disse com ar triste. - Nem é preciso. Aos teus olhos devo parecer uma feiticeira. Vai buscar o jovem candidato Metufer. E é só.

Eu não podia ir embora, nem falar, apesar de saber que ela estava gracejando. A escuridão reinava entre os pilares do imenso templo. Ligeiro reflexo de algum distante ornamento pétreo fulgiu em seus olhos. Não havia ninguém que nos visse.

- Talvez seja melhor não ires buscá-lo. - Estava sorrindo agora. - Talvez eu me satisfizesse contigo mesmo. Gostarias de estar comigo? Quem mais me poderia causar júbilo!?

Mas logo me lembrei do que Kipa me dissera a respeito de mulheres que tentam rapazes bonitos; lembrei-me tão repentinamente que dei um passo para trás.

- Não previ que Sinuhe se assustaria?

Aproximou-se de mim outra vez, mas ergui minha mão para afastar a dela, dizendo:

- Agora sei que espécie de mulher tu és. Teu marido está ausente, teu coração é uma armadilha, e teu corpo queima, pior do que fogo. Embora falasse assim, não podia fugir dela que embora perplexa tornou a sorrir e chegou mais perto de mim.

- Achas? - disse com doçura. - Mas não é verdade. Meu corpo não arde absolutamente como fogo; dizem, com efeito, que ele é desejável. Experimenta.

Agarrou minha mão hirta e a pousou em seu ventre. Senti-lhe a beleza através do tecido leve, comecei a tremer, com o rosto em brasa.

- Ainda não me acreditas... - Disse ela, com falso desapontamento. - Minha roupa atrapalha. Mas, espera... Vou afastá-la.

Puxou o tecido para o lado e pos minha mão em contacto com o seu peito nu. Era macio e fresco.

- Vem, Sinuhe - disse ela brandamente. - Vem comigo. Beberemos vinho e juntos nos divertiremos.

- Não posso deixar o recinto do templo - disse eu, apavorado e cheio de pejo ante a minha covardia; desejava-a sobremaneira, mas a temia como a morte. - Devo manter-me puro até receber minha consagração; do contrário serei expulso do templo e nunca mais serei admitido à Casa da Vida. Tem piedade de mim!

Disse-lhe isto sabendo que, se ela insistisse, eu a seguiria. Mas era uma mulher do mundo e percebeu minha angústia.

Olhou em torno, com ar pensativo. Ainda nos achávamos sozinhos, mas passava gente por perto e um guia ia recitando alto as maravilhas do templo para alguns visitantes, pedindo-lhes mais dinheiro antes de lhes mostrar maravilhas maiores.

- És um jovem muito acanhado, Sinuhe - disse ela. - Ricos e grandes me oferecem ouro antes que eu os receba. Mas tu queres ficar incorrupto...

- Não preferes que eu vá chamar Metufer? - disse-lhe desesperadamente. Eu sabia que Metufer jamais hesitaria em se esgueirar para fora do templo quando a noite caísse, embora fosse o seu turno de guarda. Podia fazer tais coisas porque seu pai era o arquiteto-mor do faraó. Mas eu poderia matá-lo por isso.

- Parece que já não quero que chames Metufer - disse ela, olhando meus olhos maldosamente. - Gostarei decerto que nos separemos como amigos, Sinuhe. Vou, pois, te dizer o meu nome, que é Nefernefernefer, porque sou considerada formosa e porque todo aquele que pronunciou o meu nome não pode deixar de dizê-lo

mais duas vezes. E é costume também os amigos quando se separam permutarem lembranças. Por conseguinte, desejo um presente teu.

Mais uma vez me dei conta cruel da minha pobreza, pois nada tinha para lhe dar; nem o mais insignificante ornamento, nem o menor bracelete de cobre... E mesmo que tivesse não lhe ofereceria coisas assim ordinárias. Fiquei tão amargamente envergonhado que abaixei a cabeça, sem poder falar.

- Dá-me um presente que reaviva meu coração - disse ela soerguendo meu queixo com o dedo e aproximando o seu rosto.

Quando compreendi o que queria, toquei os seus lábios macios com os meus. Ela suspirou um pouco.

- Obrigada. Foi um bonito presente, Sinuhe, que não esquecerei. Mas deves ser um estrangeiro de terra muito distante, já que ainda não aprendeste a beijar. Do contrário, como é possível que as raparigas de Tebas não te hajam ensinado, já que os cabelos cortados mostram que és homem?

Tirou do polegar um anel de ouro e prata com uma grande pedra, sem nenhuma inscrição e o pos em minha mão.

- Também eu te dou um presente, Sinuhe, para que não me esqueças. Depois da iniciação, quando entrares para a Casa da Vida, poderás mandar gravar o teu selo nesta pedra, como os homens ricos e poderosos. Lembra-te, porém, que ela é verde porque meu nome é Nefernefer e porque dizem que os meus olhos são verdes como a água do Nilo na força do verão.

- Não posso ficar com teu anel, Nefer - e repeti "Nefernefer" e tal repetição me causou júbilo indizível - mas não te esquecerei.

- Teimoso Fica com o anel, porque eu quero. Guarda-o como um capricho meu e pelos juros que me pagarás um dia. - Sacudiu um dedo magro diante do meu rosto e seus olhos sorriam enquanto falava: - Acautela-te com as mulheres cujos corpos queimam mais do que fogo.

Voltou-se para se ir embora, proibindo-me que a seguisse. Vi-a descer as escadas da porta do templo e entrar numa liteira cheia de esculturas ornamentais que a estava esperando no átrio. Um homem se pos a correr na frente exigindo caminho livre; as pessoas



se afastavam para os lados sussurrando e olhando. Quando a liteira sumiu fiquei tomado de uma sensação de vácuo como se estivesse caindo num abismo, de cabeça para baixo.

Alguns dias depois Metufer notou o anel no meu dedo; agarrou minha mão, com ar desconfiado e olhou atentamente para o anel.

- Por todos os quarenta bugios de Osiris! Foi Nefernefernefer, hein? Será possível?... Inacreditável....

E me ficou a olhar com certo respeito, muito embora o sacerdote me houvesse posto a esfregar os lajedos, pois só me eram dadas tarefas amesquinhantes porque eu não tivera a idéia de lhes dar um bom presente.

Acometeu-me então tal ódio por Metufer e suas palavras que ódio igual só o pode sentir gente moça e forte. Por isso por maior que fosse minha vontade de lhe fazer perguntas a respeito de Nefer, não me abalancei a tanto. Escondi na alma o meu segredo, porque uma ilusão é mais agradável do que a verdade, e um sonho é mais puro do que o contacto terrestre.

Contemplava a pedra verde enfiada em meu dedo, lembrava-me daqueles olhos e daquele seio frio, parecia sentir nos dedos ainda os seus unguentos perfumosos e balsâmicos. Retinha-a ainda, seus lábios macios tocavam os meus. E isso era um consolo já que, embora Ammon se tivesse revelado a mim, a minha fé sumira.

Quando pensava naquela mulher, sussurrava com as faces ardentes:

- Minha irmã...

E tal palavra era uma carícia em meus ouvidos, pois desde tempos imorredouros o seu sentido era e continuaria a ser: "Minha Amada...". Mas vou contar de que maneira Ammon se revelou a mim.

Na quarta noite era a minha vez de zelar pelo sossego de Ammon. Éramos sete jovens: Mata, Moisés, Bek, Sinufer, Nefru, Ahmoisés e eu. Moisés e Bek também eram candidatos à Casa da Vida; desta forma me dava mais com eles do que com os demais.

Eu vivia fraco por causa do jejum e da saudade. Íamos em porte solene caminhando muito sérios atrás do sacerdote, que o seu nome pereça no esquecimento, que nos levava para a parte fechada do templo.

A nave de Ammon já demandara o poente atrás das colinas, os guardas tinham acabado de tocar suas trompas de prata e os portões do templo já se achavam fechados. Mas o sacerdote que nos guiava comera uma boa porção de carne dos sacrifícios, bem como frutas e bolos; óleo escorria do seu semblante, seus maxilares estavam ainda rubros de vinho. Rindo consigo mesmo, soergueu o véu e nos deixou contemplar o santo dos santos. Em sua alcova que era um nicho escavado num formidando bloco de pedra jazia Ammon. As jóias da sua mitra e do seu colar fulguravam em tons verdes, vermelhos e azuis como outros tantos olhos vivos à luz sagrada das lâmpadas. De manhã, sob a direção do sacerdote, íamos ungi-lo e vesti-lo de novo, porque cada manhã lhe era requerido novo vestuário. Eu já o vira antes no Festival da Primavera quando fora carregado para o adro em seu bote dourado e a multidão toda se prosternara diante dele; e como o rio estivesse na cheia o vi também vogar por sobre o lago sagrado em sua nave de cedro. Mas daquela vez, como acontece a um ínfimo noviço, eu apenas o olhava de relance e de grande distância. Seu vestuário rubro jamais causara impressão tão majestosa como agora, à luz das lâmpadas, no silêncio inviolado do santuário. Somente os deuses e os faraós usavam a cor vermelha, e olhei para o seu semblante soerguido e a sensação que tive foi que blocos e mais blocos de pedra esmagavam o meu peito.

- Vigiai e orai diante da divindade - disse o sacerdote, apoiando-se na beirada da cortina porque nem se podia manter nas pernas. - Pode ser que ele vos chame. Costuma revelar-se aos postulantes, dirigindo-se a cada um pelo nome e falando caso os ache merecedores.

Apressadamente fez os gestos litúrgicos, gaguejou o divino nome de Ammon e tornou a deixar cair a cortina sem sequer se incomodar de fazer uma reverência e de esticar os braços. colando-os rente ao corpo.

Saiu, deixando-nos sozinhos na escuridão da antecâmara seguinte cujo pavimento gelou nossos pés descalços. Algum tempo depois da saída do sacerdote Moisés tirou uma lâmpada de detrás da pala enquanto Ahmoisés caminhou com a maior naturalidade até ao

santuário e apanhou uma das lâmpadas para acender a do discípulo.

- Seríamos tolos se ficássemos aqui nesta escuridão - observou Moisés. E nos sentimos mais seguros, embora me parecesse que nenhum de nós estivesse sem medo. Ahmoisés tirou pão e carne; Mata e Nefru começaram a jogar dados em cima das lajes, fazendo a contagem tão alto que até despertavam ecos na nave.

Mas quando Ahmoisés acabou de comer se embrulhou na sua túnica e, depois de blasfemar um pouco contra a friagem e a dureza das pedras se instalou para dormir; não tardou que Sinufer e Nefru se estirassem ao lado dele a fim de se aquecerem.

Mas eu era muito novo e tomava conta do recinto, muito embora soubesse que Metufer havia dado uma botija de vinho ao sacerdote e que este havia sido convidado por aquele e mais uns dois outros postulantes ricos, o que portanto me certificava de que não seríamos pegos de surpresa. Eu vigiava, embora soubesse, pelo que os demais sempre me diziam, que era costume dos futuros iniciados passarem o tempo de guarda e de ronda comendo, jogando e dormindo.

A minha noite foi longa. Enquanto os outros dormiam, eu me tomava de devoção e aspiração, e refletia que me conservava puro, em jejum e obedecendo a todos os velhos mandamentos.

Por conseguinte, podia muito bem ser que Ammon se revelasse a mim. Repetia seus múltiplos nomes sagrados e prestava atenção ao menor ruído, com os sentidos alerta; mas o templo continuava frio e vazio. Quando começou a amanhecer, o velário do santuário estremeceu nos suportes, mas não aconteceu mais nada. Ao amanhecer de todo, isto é, quando a claridade começou a invadir a nave, soprei a lâmpada com toda a força e acordei meus companheiros. Os soldados tocaram suas trompas, as guardas se renderam nas muralhas e diante da fachada do templo começou um murmúrio como o de águas distantes. Ficamos a par de que o dia e os trabalhos tinham começado. Por fim o sacerdote entrou, apressado, e com ele vi, com grande surpresa, que vinha também Metufer. Grande hálito de vinho emanava de ambos; vinham de braço dado, o sacerdote rodando as chaves das relíquias sagradas

em sua mão. Compelido por Metufer, soletrou as sagradas fórmulas antes de nos saudar.

- Postulantes Mata, Moisés, Bek, Sinufer, Nefru, Ahmoisés e Sinuhe  
Haveis vigiado e orado segundo vos ordenei, de maneira a poderdes ser aceitos pelo Altíssimo?

- Vigiamos e oramos - respondemos numa só voz.

- E Ammon se revelou a vós de acordo com a sua palavra?

O sacerdote arrotou e seus olhos nos percorreram com dificuldade. Olhamos de esguelha uns para os outros, hesitando.

Por fim Moisés balbuciou:

- Revelou-se.

Um após outro, os meus companheiros repetiram:

- Revelou-se.

O último foi dentre todos Ahmoisés que declarou firmemente, com uma reverencia:

- É mais do que certo que se revelou!

Encarou o sacerdote bem nos olhos. Eu, porém, não disse nada. Era como se uma garra estivesse apertando o meu coração, pois para mim aquelas palavras dos meus companheiros era uma blasfêmia. Metufer disse, cinicamente:

- Eu também estive de vigília e em oração para ser merecedor da iniciação, pois na próxima noite tenho outras coisas a fazer e não posso permanecer aqui. E também a mim Ammon apareceu, conforme o sacerdote pode testificar. A sua forma era a de um imenso odre de vinho; falou-me de muitas e muitas coisas, de assuntos sagrados que não me cumpre repetir aqui; mas suas palavras foram tal lenitivo para mim que nem vinho. Por isso, sedento, quis ouvir mais, sempre mais, até romper o dia.

Então Moisés se tomou de coragem e disse:

- A mim ele apareceu na forma do seu filho Horus; trepou em cima do meu ombro como um falcão, dizendo: "Abençoado sejas, Moisés, bem como a tua família e todos os teus feitos. Em verdade te digo que ainda morarás numa casa com dois portões e que te servirão muitíssimos servos."

E logo os outros se apressaram em relatar o que Ammon lhes dissera. Falavam afoitamente, vários ao mesmo tempo, enquanto o

sacerdote ouvia, acenava com movimentos de cabeça e sorria. Ignoro se contavam o que haviam sonhado, ou se estavam mentindo. Sei apenas que me mantive à parte e que não disse nada. Por fim o sacerdote se voltou para mim, franziu as sobrancelhas raspadas e disse com austeridade:

- E tu, Sinuhe? Não foste merecedor? Ammon não te apareceu numa forma qualquer? Não o viste nem sequer na forma de um camundongo? Sim, pois ele se manifesta sob muitas formas.

Minha entrada para a Casa da Vida se achava em perigo; devido a isso me muni de coragem e respondi:

- De madrugada vi o véu do santuário mexer um pouco; mas não vi mais nada e Ammon não me dirigiu a palavra.

Então todos romperam a rir; Metufer, rindo, dando palmadas nos joelhos, disse ao sacerdote:

- Ele não passa de um simplório.

Depois, cobrindo a cara com a manga suja de vinho, sussurrou qualquer coisa ao ouvido do sacerdote, com os olhos postos em mim.

O sacerdote tornou a me encarar, mais sério ainda e disse:

- Se não ouviste a voz de Ammon não podes ser iniciado. Todavia, quanto a isso, havemos de arranjar uma solução, pois te considero um moço correto, cheio de bons propósitos.

Dizendo isto desapareceu entrando no santo dos santos e Metufer se dirigiu a mim. Mas ao ver meu rosto apavorado sorriu de modo amistoso e disse:

- Não tenhas medo!

Um momento depois todos nós desandamos a dar pulos porque através da obscuridade do santuário nos veio um vozeirão sobrenatural que não se assemelhava absolutamente a uma voz humana. Parecia vir de todas as partes ao mesmo tempo: do teto, das paredes, do vão das pilastras... E olhávamos em redor, querendo descobrir de onde ela vinha.

- Sinuhe Sinuhe, ó cretino, onde estás tu? Vem depressa e arroja-te diante de mim, pois não disponho de tempo e não posso dispor do dia inteiro só para ti!

Metufer puxou uma das abas do velário e empurrando-me lá para dentro me agarrou pela nuca e me fez me prosternar até ao chão numa reverência só merecida pelos deuses e pelos faraós. Eu ergui a cabeça imediatamente e vi que o santo dos santos estava cheio de luz. Uma voz saía da boca de Ammon, dizendo:

- Sinuhe, Sinuhe, tu, ó porco, ó bugio! Estavas então bêbado e dormindo quando te chamei? Na verdade mereces ser atirado num fosso de lodo e comer terra pelo resto dos teus dias. No entanto, dada a tua pouca idade, terei misericórdia, muito embora sejas idiota, imundo e preguiçoso. Sim, pois me apiedei daqueles que acreditam em mim, os incrédulos, porém, devendo ser atirados nos abismos do Reino da Morte.

Muitíssimas outras coisas foram ditas pelo vozeirão, com uivos, injúrias e maldições; mas já não me lembro e nem quero me lembrar, tamanha foi a minha humilhação e amargura de espírito. Pois, escutando bem, pude surpreender através das sobre-humanas vibrações de tal voz o timbre exato do sacerdote; e tal descoberta me chocou e horrorizou tanto que nem consegui ouvir o resto. Depois que a voz se calou, permaneci prostrado diante da estátua de Ammon até que o sacerdote emergiu e me deu um pontapé jogando-me para o lado. Meus companheiros trataram imediatamente de trazer incenso, unguentos, cosméticos e roupas rubras.

Cada um de nós tinha uma obrigação atinente ao deus; assim, lembrando-me da minha, saí até ao adro para apanhar um vaso de água santa e as toalhas consagradas, pois íamos lavar o rosto, as mãos e os pés do deus.

Ao voltar dei com o sacerdote cuspidando na cara de Ammon e a esfregando com a manga suja, logo a seguir Moisés e Nefru começando a lhe pintar os lábios, as faces e as sobrancelhas. Metufer ungiu-o e, por entre risadas, esfregou óleo santo na cara do sacerdote e na sua. Por fim a estátua foi despida para ser lavada e enxugada como se tivesse sujado propositalmente; passaram-lhe um saio vermelho bem fofo e uma casula lhe foi enfiada por sobre a alva que lhe cobria até mesmo os braços.

Depois que tudo isso foi feito, o sacerdote juntou as peças que tinham sido despidas do deus e se encarregou da água servida no banho, assim como das toalhas. Tudo isso seria dividido em pedaços e vendido na frente do pórtico a viajantes ricos; a água, por sua vez seria destinada como remédio para moléstias da pele. E então, terminada a nossa tarefa, tivemos ordem de ir para o pátio ensolarado, onde vomitei.

Meu cérebro e meu coração ficaram tão vazios quanto o meu ventre, pois eu deixara de acreditar nos deuses. Passada que foi uma semana, minha cabeça foi unguida com óleo, e tendo eu feito o juramento sacerdotal, recebi um certificado. Nesse documento se achava o grande selo do templo de Ammon e o meu nome, e me habilitava para a matrícula na Casa da Vida.

Assim fomos admitidos, Moisés, Bek e eu. Transpusemos suas portas, meu nome foi inscrito no Livro da Vida, conforme já havia sido antes o de meu pai Senmut e, antes dele, o de meu avo. Mas eu já não era mais feliz.

Na Casa da Vida, que fazia parte do grande templo de Ammon, o ensino era dirigido nominalmente pelos médicos reais, quanto a cada disciplina. Nós, porém, os víamos raramente porque tinham enorme clínica, recebiam valiosos presentes dos ricos e moravam em espaçosas casas fora da cidade. Mas sempre que era recolhido à Casa da Vida algum doente cujos sintomas deixavam embaraçados os médicos habituais, ou se estes não se aventuravam a empreender tais ou quais tratamentos, o médico real vinha ver e tratar o caso e demonstrar sua proficiência diante dos que se estavam especializando em tal setor. Desta forma mesmo o paciente mais pobre podia ter o benefício dos cuidados de um médico real, e isso para a glória de Ammon.

O período de prática era longo mesmo para aqueles que dispunham de talento. Tivemos que tomar um curso sobre drogas e poções, aprender nomes e propriedades de ervas, as estações e as horas em que deviam ser colhidas, a maneira de secá-las para fazer os extratos; e isso porque um médico tinha que estar apto a preparar, seus próprios remédios conforme a necessidade. Muitos embirravam não vendo a serventia disso já que bastava uma

simples receita para ser obtido o fornecimento pela Casa da Vida de todo e qualquer remédio corretamente pesado e misturado. Tal conhecimento, todavia, me viria a ser de grande proveito, conforme mostrarei mais tarde.

Tivemos que aprender os nomes das diferentes partes do corpo, bem como as funções e finalidades de cada órgão humano.

Aprendemos a manobrar escalpelos e instrumentos de extração. Acima de tudo, no entanto, tivemos que acostumar nossas mãos a reconhecer a doença tanto através dos orifícios naturais do corpo como ao longo da pele. Observando os olhos, também, tínhamos que depreender a espécie do distúrbio. Habilitamo-nos a partejar uma mulher em trabalho sempre que o serviço das parteiras redundava inútil. Devíamos estimular e aliviar dores conforme o caso requeria. Aprendemos a distinguir as queixas banais das importantes, os distúrbios de origem mental dos de proveniência física. Habituo-nos a diferenciar a verdade da imaginação na conversa dos doentes, e a fazer perguntas de modo a esclarecer um quadro sintomático.

Esse longo período de experiência foi seguido pelo dia em que - após o cerimonial da purificação - vesti um blusão branco e comecei a trabalhar na sala do ambulatório onde aprendi a arrancar dentes das mandíbulas de homens fortes, a fazer curativos, a lancetar inflamações e tumores, a coaptar ossos quebrados. Nada disso era novo para mim. Graças aos ensinamentos de meu pai fiz bons progressos e fui designado instrutor dos meus companheiros. Uma vez ou outra recebia presentes, idênticos, aliás, aos destinados aos médicos; e por fim o meu nome foi gravado na pedra verde que Nefernefernefer me dera, podendo eu assim colocar o meu sinete nas minhas prescrições.

Designaram-me para obrigações mais adiantadas. Passei a atender as salas onde jaziam os doentes incuráveis, e ajudei médicos preeminentes em seus tratamentos e operações; quase sempre para cada um que ficava bom, morriam dez. Averigüei que a morte não acarreta horrores para o médico e que, no mais das vezes ela vem para o doente como amiga misericordiosa: tanto que, após o



desenlace, os mortos estão muito mais serenos do que em qualquer período de suas vidas e trabalhos.

Todavia eu era cego e surdo, e assim permaneci, até ao dia em que despertei deveras tal qual sucedera na infância quando desenhos, palavras e letras se transformaram irrompendo em vida. Mais uma vez os meus olhos se abriram e acordei como se emergisse de um sonho; o meu espírito se inundou de alegria porque perguntava a mim mesmo a respeito de tudo:

"Por que?" A formidável chave de todo o conhecimento verdadeiro é "Por que?" É mais poderosa do que o junco de Thoth, mais poderosa do que as inscrições na pedra.

Aconteceu assim: apareceu-me uma mulher que não tinha tido filhos e que se cuidava estéril, pois já estava com quarenta anos. Mas o seu fluxo mensal cessara e ela estava preocupada; procurou a Casa da Vida porque temia que um espírito mau se apossara do seu corpo, envenenando-o. Conforme era prescrito em tais casos, plantei grãos de milho num terreno, regando metade com água do Nilo e o resto com urina da tal mulher. Depois expus o chão ao calor do sol e pedi à mulher que voltasse daí a dois dias. Quando ela voltou, as sementes tinham germinado; as que eu regara com água do Nilo eram bem menores do que as outras cujos brotos verdes eram fortes. O que fora escrito pelos antigos era verdade e eu disse à mulher perplexa:

- Rejubila-te, pois o divino Ammon te fez a mercê de abençoar a tua matriz, e darás nascimento a uma criança como as demais mulheres favorecidas.

A pobre criatura chorou de alegria e me deu um bracelete de prata que pesava dois debens, pois desde muito tempo já estava desesperada. Deu-me crédito imediatamente e perguntou:

- Será um menino?

Considerava-me onisciente. Tomei-me de coragem, olhei-a bem nos olhos e disse:

- Será um menino.

Como as probabilidades eram iguais, o meu palpite não era descabido. A mulher alegrou-se ainda mais e me deu o bracelete do outro punho, com o mesmo peso.

Depois que ela se foi, me perguntei como era possível um grão de milho descobrir e saber sinais de gravidez tanto tempo antes dos olhos humanos perceberem. Citando o caso, perguntei ao professor. Este se restringiu a me olhar como se eu fosse estúpido e respondeu:

- Assim está escrito.

Ora, isso não era resposta. Não perdi a coragem e perguntei ao obstetra real, na casa da maternidade. Ele declarou:

- Ammon é o Deus Supremo. Seus olhos vêem o útero que recebe a semente; se ele permite a germinação, por que não há de permitir também que o milho cresça quando regado com líquido do corpo da mulher grávida?

Também ele me olhou como se eu fosse estúpido; mas tal resposta não tinha sentido. Então os meus olhos se abriram e vi que os médicos da Casa da Vida conheciam as escrituras e as tradições, e nada mais. Se eu perguntava por que motivo uma ferida inflamada devia ser cauterizada ao passo que quanto a uma outra, comum, bastava limpá-la e enrolá-la em gaze, ou então por que motivo os tumores se curavam com mangra e teia de aranha, apenas respondiam:

- Assim tem sido sempre. Da mesma forma um cirurgião podia realizar as cento e oitenta e duas operações e incisões prescritas, e realizá-las de acordo com a sua experiência e habilidade, bem ou mal, depressa ou devagar, com ou sem dor, mais do que isso não podia fazer porque somente aquelas estavam descritas, ilustradas nos livros, e nada mais fora feito, nunca.

Havia certos casos em que o doente ia ficando cada vez mais pálido e magro e, no entanto o médico não conseguia descobrir nenhuma doença ou distúrbio; acontecia então que um regime de fígado cru de animais dos sacrifícios o podia restabelecer e curar; mas ninguém, de modo algum, perguntava por que motivo isso se dava. Havia alguns que tinham dores no ventre e cujas mãos e pés ardiam; eram submetidos a purgas e narcóticos; alguns ficavam bons, outros morriam, mas nenhum médico sabia predizer quais os que sobreviveriam e quais os cujos ventres estufariam a ponto de morrerem.

Ninguém sabia por que tais coisas se passavam e ninguém procurava descobrir. Logo me dei conta de que fazia perguntas demasiadas, pois toda gente começou a me olhar de soslaio; como não tardasse que médicos que haviam entrado depois de mim obtivessem cargos a que eu ficava submetido então tirei meu blusão branco, lavei-me e deixei a Casa da Vida, levando comigo duas argolas de prata que juntas pesavam quatro debens.

Quando deixei o templo, onde estivera internado durante anos, vi que enquanto estudara e trabalhara a cidade de Tebas se transformara.

Notei isso enquanto caminhava pela Avenida dos Carneiros e atravessava os mercados. Grande movimento por toda parte; as roupas das pessoas se tinham tornado mais complicadas e caras; a coisa chegou ao ponto de já não se distinguir os homens das mulheres por suas cabeleiras e saios lisos. Música síria vinha das lojas e casas de divertimentos; pelas ruas se ouviam línguas estrangeiras; sírios e até mesmo negros ricos cruzavam por entre os egípcios, roçando os ombros, com naturalidade. A riqueza e o poder do Egito eram incomensuráveis. Já havia séculos que o inimigo não entrava nas cidades egípcias e homens que nunca tinham presenciado nem tomado parte em guerras atingiam idade quase anciã. Não poderei afirmar, ainda assim, se o povo se sentia um pouco mais feliz por causa disso, pois seus olhos eram inquietos, seus movimentos apressados, como se esperassem impacientemente alguma coisa nova e estivessem descontentes com a época.

Percorri sozinho as ruas de Tebas, sentindo o coração se rebelar pesadamente. Ao chegar a casa notei que meu pai Senmut envelhecera; tinha o dorso curvo, e sua vista já não distinguia caracteres escritos. Minha mãe Kipa também estava velha; tinha o andar trôpego e não falava em outra coisa a não ser em sua tumba. Sim, pois com o que economizara seu pai, havia comprado uma tumba na Cidade dos Mortos, na margem ocidental do rio. Fui vê-la. Era uma bonita tumba construída com tijolos de argila, tendo nas paredes as habituais inscrições e pinturas; e à toda volta se achavam centenas e milhares de tumbas análogas que os sacerdotes de Ammon vendiam a pessoas honestas e pródigas por altos

preços que elas pagavam de bom grado a fim de obter a imortalidade. Escrevi um livro fúnebre para ser posto na tumba de meus pais para que estes não se sentissem desnorteados em tão longa jornada; um livro bonito, caprichosamente escrito, muito embora não fosse ilustrado nem colorido como os que eram vendidos na estante do templo de Ammon.

Minha mãe me deu de comer e meu pai me fez perguntas a respeito dos estudos; tirante isto, nada mais tivemos a dizer um ao outro. A casa me era estranha, tal qual me haviam sido as ruas e as pessoas. Senti meu coração ainda mais pesado até que me lembrei do templo de Ptah e de Thothmes que fora meu amigo e que se tornara artista. Pensei: "Tenho quatro debens de prata no meu bolso. Vou procurar meu amigo Thothmes para que nos rejubilemos juntos; beberemos à vontade, alegremente, já que não acho resposta para as minhas perguntas."

Despedi-me de meus pais dizendo que devia voltar à Casa da Vida e não tardou que pouco antes do crepúsculo encontrasse o templo de Ptah. Tendo perguntado ao porteiro onde era a escola de arte, entrei e perguntei pelo aluno Thothmes. Os estudantes cuspiram no chão diante de mim quando falei em tal nome; mas o fizeram porque estava presente um professor; assim que este se afastou, me aconselharam a ir a uma taverna chamada À Botilha Siria.

Encontrei a taverna; estava situada entre o bairro pobre e o bairro rico e tinha uma inscrição em cima da porta gabando o vinho dos vinhedos de Ammon e também o da cidade. Dentro se achavam muitos artistas acorados no assoalho riscando desenhos enquanto um ancião permanecia em triste atitude contemplando o copo de vinho vazio ali na sua frente.

- Sinuhe! Por todos os tornos de olaria, rapaz!... gritou alguém saudando-me com as mãos erguidas de espanto.

Reconheci Thotmes embora a sua túnica estivesse suja e puída e os seus olhos injetados, e apresentasse na testa um calombo. Tornara-se mais homem e mais esguio; havia vincos nos cantos de sua boca, mas os seus olhos conservavam ainda aquele brilho alegre, impudente e irresistível. Inclinou-se até nossos rostos de tocarem. Vi logo que ainda éramos amigos. Disse-lhe:

- Sinto o coração pesado. Tudo é vaidade. Resolvi te procurar para que alegremos nossos corações com vinho já que ninguém sabe responder ao que indago e pergunto.

Thothmes sacudiu a roupa para me dizer que não tinha dinheiro para o vinho. Disse-lhe com entusiasmo:

- Tenho aqui nos pulsos quatro debens de prata.

Thothmes então apontou para a minha cabeça que eu ainda conservava raspada para que toda gente visse que eu era um sacerdote de primeira categoria: era tudo quanto eu tinha como motivo de orgulho. Mas logo senti não haver deixado o cabelo crescer e disse com impaciência:

- Sou médico e não sacerdote. Se não me engano li aí fora em cima da porta que aqui serviam vinho local; vejamos se ele é bom.

Thothmes mandou vir vinho tinto e logo compareceu um escravo para derramar água em nossas mãos e colocar sementes assadas de lótus em cima de uma mesa baixa, diante de nós.

O próprio dono trouxe os copos coloridos. Thothmes ergueu o seu derramou uma gota no chão e disse:

- Em honra do Divino Oleiro! Que a praga devaste a escola de arte e respectivos professores! - E citou os nomes dos que mais odiava.

Eu também levantei o meu copo e derramei uma gota no chão.

- Em nome de Ammon! Que o seu navio afunde por toda a eternidade! Que as barrigas dos sacerdotes estourem e que a peste destrua os ignorantíssimos professores da Casa da Vida! - Mas disse tudo isso em voz baixa e olhando em redor, não fosse algum desconhecido escutar as minhas palavras.

- Não tenhas receio - disse Thothmes. - Tantos espões de Ammon já apanharam nesta taverna que desistiram de vir escutar conversas. E quanto a nós, desde muito já estamos perdidos. Eu não arranjará sequer pão nem cerveja se não tivesse tido a idéia de fazer livros ilustrados para os filhos dos ricos.

Mostrou-me o rolo em que estava trabalhando quando cheguei. Não pude deixar de rir, pois ali vi desenhada uma fortaleza defendida por um gato aterrorizado e tremulo diante da investida de camundongos; e também um hipopótamo cantando em cima da

fronde de uma árvore enquanto um pombo subia com dificuldade pela árvore acima servindo-se de uma escada.

Notei um sorriso nos olhos castanhos de Thothmes, mas que logo se apagou assim que ele desenrolou ainda mais o papiro e mostrou a cena de um velho sacerdote calvo puxando por uma corda um imenso faraó, como quem arrasta um animal para o sacrifício. Em seguida me mostrou um pequeno faraó se inclinando diante de uma estátua maciça de Ammon. Fez que sim com a cabeça ante o meu olhar indagador.

- Vês? Até as pessoas crescidas riem dos quadros, porque são de fato cenas idiotas. É ridículo um camundongo atacar um gato ou um sacerdote puxar um faraó... Mas os que sabem começam a refletir sobre uma porção de coisas. Assim pois não me faltará pão nem cerveja... até que os sacerdotes me abram o crânio com uma paulada na rua. Coisas assim tem acontecido.

- Bebamos - disse eu.

E bebemos. Mas meu coração não se alegrou. Daí a instantes perguntei:

- Será errado se perguntar o porque das coisas?

- Claro que é, pois um homem que se mete a perguntar "Por que?" acaba não tendo onde morar nem onde descansar na terra de Kan. Tudo tem que ser tal qual vem sendo... e bem sabes disso. Se tremi de alegria quando entrei para a escola de arte foi porque me senti como um homem sedento ao deparar uma fonte, como um homem esfomeado encontrando pão. E aprendi belíssimas coisas! ... pois não! Aprendi como segurar uma pena e manobrar um cinzel, de que modo modelar em cera o que seria depois talhado em pedra, a maneira de polir o granito, como reunir certo as pedras de diversas cores, como pintar em cima de alabastro. Mas quando senti vontade de me por a trabalhar e fazer coisas que eu sonhara, fui incumbido de amassar argila para o trabalho dos demais. Sim, pois para eles acima de todas as coisas está a convenção. Acham que a arte tem a sua convenção tanto quanto a escrita; e quem a romper está perdido. Desde o começo dos tempos ficou explícito de que modo se deve representar uma figura em pé e de que modo representar uma outra sentada; como um cavalo levanta os cascos

ou como um boi puxa um arado. Desde o começo a técnica foi fixada; quem quer que fuja dela não serve para ficar no templo, e a pedra e o cinzel lhe são negados. Ah Sinuhe, meu amigo! Também eu perguntei ".Por que?" e não raras vezes. É por isso que estou sentado aqui com calombos na cabeça.

Bebemos e ficamos alegres, e meu coração se aliviou como um tumor lancetado, pois já agora não me sentia sozinho.

- Sinuhe, meu amigo: nascemos em época estranha. Tudo está se desfazendo... mudando de forma. como a argila no torno do oleiro. A roupagem está mudando, as palavras e os costumes estão se alterando e o povo já não acredita nos deuses.. muito embora os tema. Sinuhe, meu amigo: talvez tenhamos nascido para assistir ao crepúsculo do mundo pois o mundo já está velho e doze século já se passaram depois da construção das pirâmides. quando penso em tais coisas tenho vontade de enterrar a cabeça nas mãos e chorar como criança.

Mas não chorou porque estávamos bebendo vinho tinto em copos coloridos que a toda hora o dono da Botilha Siria tornava a encher inclinando-se depois e esticando as mãos ao rés dos joelhos. De vez em quando um escravo vinha lavar nossas mãos. Meu coração se tornou leve e álaque como uma andorinha no limiar do inverno; sentia vontade de declamar versos e de tomar o mundo inteiro em meus braços.

- Vamos para uma casa de divertimentos - disse Thothmes, rindo. - Ouçamos música; contemplemos a dança das jovens; alegremos nossos corações. Deixemos de perguntar "Por que" e de exigir que nos encham a taça até à borda.

Caminhamos ao longo das ruas. O sol já descambara e cheguei a ver que primeira vez aquela banda de Tebas onde nunca é noite. Nesse bairro barulhento e cintilante, tochas ardiam diante das asas de prazer, e lâmpadas em cima de colunas iluminavam as esquinas das ruas.

Passavam em diversas direções escravos transportando liteiras, e os brados dos corredores se misturavam com a música das casas e a celeuma dos bêbados. Até então eu jamais entrara numa casa de prazer; fiquei um tanto apreensivo. Chamava-se O Gato e as Uvas a

casa para onde Thothmes me levou. Era uma bonita casa iluminada discretamente por lâmpadas douradas, de tom suave. Havia esteiras onde a gente se sentar e raparigas, a meu ver admiráveis, dançavam em cadencia com a música de flautas e cordas. Quando a música parava, elas se sentavam conosco e pediam que lhes oferecêssemos vinho, pois sentiam as gargantas secas como restolho. Em seguida duas dançarinas nuas realizaram uma dança complicada que exigia grande desenvoltura; observei-as com interesse. Como médico me achava habituado a ver raparigas despidas; todavia jamais vira seios, ventres e quadris menearem assim tão sedutoramente. Mas a música tornou a me entristecer e comecei a ansiar não sei por quais desejos. Uma linda mulher bem jovem agarrou a minha mão e aproximou seu corpo do meu, lateralmente, dizendo que eu tinha olhos de homem sábio e prudente. Mas seus olhos não eram tão verdes como a água do Nilo na força do verão, e sua roupa, conquanto deixando um seio descoberto, não era de linho real. Tratei pois de beber vinho, e nem a fitei nos olhos nem senti o menor desejo de chamá-la de "minha irmã"; desinteressei-me. Por fim só me recordo da última cena de que fui parte nessa casa: do pontapé de um negro e de uma contusão na cabeça quando cai escada abaixo. Aconteceu pois o que minha mãe Kipa predissera: fiquei estirado na sarjeta sem uma única moeda de cobre no bolso, até que Thothmes passou o meu braço por cima do seu ombro forte e me levou até ao cais onde pude me fartar de beber água do Nilo e lavar a cara, as mãos e os pés.

Naquela manhã entrei na Casa da Vida com as pálpebras equimosadas, com um formidável calombo na cabeça, com a túnica suja, e sem a menor vontade de perguntar "Por que?" a respeito das coisas e dos fatos. Tinha que atender a surdos e doentes dos ouvidos; então me lavei prontamente e vesti o avental branco. Nesse ínterim encontrei o meu chefe que começou a me exprobrar em frases que eu já lera em livros e que conhecia de cor:

- Que será de ti se te esgueiras por entre paredes durante a noite e te pões a beber sem conta? Que será de ti se desperdiças teu tempo



em alcouces quebrando bilhas de vinho com teu bastão só para assustar cidadãos pacíficos? Que será de ti se derramas sangue e tens que correr dos guardas?

Cumprido que foi este seu dever, sorriu, aliviado, levou-me para a sua sala e deu-me uma poção para limpar meu estomago. Serviu-me de lição saber que isso de vinho e bordéis eram coisas que na Casa da Vida não censuravam contanto que se parasse de, a propósito de tudo, fazer perguntas.

Assim, também eu fui tomado pela febre de Tebas e comecei a preferir a noite ao dia, as tochas ao sol, a música síria aos lamentos dos enfermos e o ciciar das raparigas ao tartamudear de velhos textos em papiros amarelentos. Mas ninguém podia reclamar contra mim já que eu preenchia os meus deveres na Casa da Vida, satisfazia clientes e mestres, conservava a mão firme. Isso tudo era parte da vida dos iniciados. Poucos estudantes se viam em condições de montar casa própria e de casar durante esse período de prática; e meu mestre me deu a entender que eu faria bem em "tratar do meu celeiro", dar rédeas ao corpo e alegrar os sentidos. Mas não intrometi na vida de mulher nenhuma embora soubesse que seus corpos absolutamente não ardiam mais do que o fogo.

Aqueles tempos eram cheios de desassossego e o grande faraó se achava doente. Vi seu rosto encarquilhado de ancião quando o transportaram para o templo durante o Festival do Outono. Passou adornado de ouro e de pedras preciosas, imóvel como uma estátua, com a cabeça um pouco afundada por causa do peso da dupla coroa. Os médicos já não podiam fazer nada a seu favor; corria o rumor de que os seus dias estavam contados e que o herdeiro não demoraria a suceder-lo. E o herdeiro não passava de um adolescente como eu.

Houve cerimônias e sacrifícios no templo de Ammon, e o deus não pode ajudar seu divino filho embora o faraó Amenhotep III lhe houvesse construído o templo mais belo de todos os tempos. Comentava-se que o rei se desiludira com os deuses egípcios e que remetera mensageiros a toda pressa a seu sogro, o rei de Mitani, em Nahara, solicitando que a miraculosa imagem de Ishtar de Nínive fosse mandada a fim de curá-lo. Mas, para júbilo dos sacerdotes,

nem mesmo os deuses estrangeiros puderam curar o faraó. Quando as águas do rio começaram a subir, o real trepanador foi chamado ao palácio.

Durante todo o tempo em que eu estivera como aluno na Casa da Vida não vira sequer uma vez Ptahor, porque a trepanação era método raro e na temporada de prática não fora permitido assistir nem ajudar os especialistas em seus tratamentos e operações.

Agora o velho operador foi trazido à pressa de sua casa do campo para a Casa da Vida; procurei meios de me postar nas imediações da sala da purificação na hora em que ele entrasse. O mesmo crânio calvo, mas o semblante já todo enrugado, com as bochechas pendendo lugubrememente de cada lado da boca murcha e séria. Reconheceu-me logo, sorriu-me e disse:

- Ah És tu, Sinuhe? Com que então venceste, filho de Senmut!?

E entregou-me uma caixa de madeira preta onde guardava seus instrumentos e me ordenou que o seguisse. Tratava-se de uma honra não merecida e até mesmo um médico real podia sentir inveja da minha situação; comportei-me de acordo com as circunstâncias. Ptahor disse-me:

- Preciso experimentar se meus dedos estão firmes para isso quero abrir um ou dois crânios e ver o que sucede.

Tinha o olhar lacrimajante e o gesto levemente tremulo. Entramos na sala onde jaziam os incuráveis, os paralíticos e os que sofriam de lesões cranianas e cerebrais. Ptahor examinou alguns e escolheu um velho para quem a morte só podia ser um alívio, e um escravo corpulento que perdera a fala e o uso dos membros por causa de uma pancada na cabeça durante uma briga na rua. Tomaram narcóticos por via oral, sendo levados depois para o anfiteatro onde os limpavam. Enquanto isso Ptahor lavava seu instrumental e o purificava ao fogo.

Coube-me raspar as cabeças dos dois pacientes com uma navalha bem afiada. Em seguida as cabeças foram lavadas e enxugadas mais uma vez, os pericrânios submetidos a massagens com unguentos entorpecedores, e Ptahor se prontificou a trabalhar. Primeiro fez uma incisão no pericrânio do velho e afastou as extremidades, indiferente ao sangue copioso.

Depois, com movimentos rápidos, abriu um orifício no crânio nu, fazendo-o com uma grande broca tubular, e soergueu o círculo de osso. O velho principiou a gemer e seu rosto se tornou azulado.

- Não vejo nada de mais na cabeça dele - disse Ptahor.

Recolocou o pedaço de osso, juntou as extremidades do couro cabeludo, enrolou em curativos a cabeça do velho. Feito isto, o enfermo rendeu a alma.

- Parece que minhas mãos estão tremendo um pouco - observou Ptahor. - Talvez um dos jovens aqui presentes possa ir me buscar um copo de vinho.

Os assistentes, não contando os professores da Casa da Vida, eram todos estudantes que pretendiam vir a ser cirurgiões-chefes. Depois que Ptahor bebeu o vinho que pedira, volveu sua atenção para o escravo que jazia amarrado e sob a ação de drogas, mas que ainda assim nos fitava selvagememente com olhos esbugalhados. Ptahor pediu que o ligassem com firmeza ainda maior e que sua cabeça fosse intercalada numa canga de onde nem mesmo um gigante se safaria. Isso feito, abriu o couro cabeludo, procurando, porém desta vez estancar a hemorragia dos vasos; as veias das extremidades da incisão foram cauterizadas, e o sangue parou sob a ação de medicamentos. Ptahor deixou que outros médicos fizessem isso, a fim de poupar as mãos. Na Casa da Vida existia sempre, por disposição regulamentar, um "estancador de sangue", quase sempre um homem bronco, cuja mera presença fazia cessar hemorragias quase imediatamente; mas Ptahor quis desta vez fazer uma demonstração, sendo seu intento também se valer de tais vantagens depois, no caso do faraó.

Assim, depois que Ptahor examinou a superfície do crânio limpo, nos mostrou o lugar onde o osso tinha sido esmigalhado. Servindo-se de broca, serra e formão, removeu um pedaço de parietal tão grande como a palma da mão de uma pessoa, e em seguida nos mostrou como crostas de sangue só tinham aglomerado entre as circunvoluções brancas do cérebro.

Com infinito cuidado removeu as placas de sangue, uma por uma, e retirou uma esquírola que se achava encravada na substância cerebral. Tal operação levou bastante tempo, de modo que cada

aluno pode seguir todos os movimentos e reter bem na lembrança o aspecto de um cérebro assim exposto. Por último Ptahor fechou a abertura com uma chapa de prata que fora preparada nesse ínterim para substituir em tamanho e formato o pedaço de osso extraído; tal lâmina foi fixada adequadamente. Só faltava tornar a puxar o couro cabeludo e concluir o curativo, o que foi feito, dizendo então Ptahor:

- Acordem-no.

De fato o paciente perdera a consciência havia já muito tempo. Soltara as amarras, despejaram vinho pela garganta abaixo do escravo, fizeram-no inalar fortes drogas. Daí a pouco ele se sentou e irrompeu numa série de blasfêmias.

Foi um verdadeiro milagre; quem não houvesse assistido nem acreditaria, pois até à hora da operação o escravo se achava paralítico dos membros, e perdera desde muito o uso da fala. Dessa vez não tive necessidade de perguntar a razão, pois Ptahor explicou que a causa daqueles sintomas tinha sido a esquirola óssea rodeada de coágulos.

- Se não morrer dentro de três dias estará curado - disse Pthor - Daqui a duas semanas se achará em condições de estraçalhar o homem que olapidou. Não creio que venha a morrer.

Com afável cortesia agradeceu a quantos o haviam ajudado, citando também o meu nome, embora eu não houvesse feito mais do que lhe ir passando os instrumentos à medida que mos pedia. Eu não compreendia o seu propósito; mas a verdade é que me entregando a sua caixa de ébano para carregar ele me escolhera para ser seu assistente no palácio do faraó.

Secundara-o ainda agora em duas operações e tinha por conseqüência mais préstimo e mais experiência do que até mesmo os médicos reais no caso da abertura de crânio. Mas eu não compreendia seu intuito e fiquei pasmo quando Ptahor me disse:

- Já agora estamos aptos a manobrar com o crânio real. Estás pronto, Sinuhe?

Envolto em meu simples manto de médico, subi para junto dele na cadeira portátil. O "estancador de sangue" ia numa das extremidades e os escravos do faraó corriam na nossa frente de

modo a desimpedir o caminho para que a liteira não andasse aos repelões. O navio do faraó nos aguardava, com uma equipagem de ótimos escravos que remavam diligentemente; dir-se-ia que voávamos por sobre as águas e não que flutuávamos. Do cais real de desembarque fomos conduzidos imediatamente para a casa dourada. Não perguntei nem raciocinei sobre a razão da nossa pressa, porque soldados já marchavam através das ruas de Tebas, portões estavam sendo fechados, mercadores removiam suas mercadorias para o interior das lojas e fechavam as portas e os mostruários. Tudo isso dava a entender que o faraó estava à morte.

# LIVRO III

A FEBRE DE TEBAS



Grande multidão de todas as camadas sociais aglomerava-se junto das muralhas da casa dourada e até mesmo os molhes de acesso proibido estavam rodeados de embarcações, galeotas a remo dos ricos e botes de verga alcatroada dos pobres.

Quando a multidão nos viu um sussurro a percorreu como um aproximar de águas distantes, logo se espalhando de boca em boca a notícia do chegada do trepanador real. Então o povo juntou as mãos em gestos de mágoa, enquanto brados e lamentações nos seguiam até ao palácio, pois ninguém ignorava que nenhum faraó sobrevivera mais do que três dias após a trepanação de seu crânio.

Através do portão dos lírios fomos conduzidos aos aposentos reais; mordomos da corte se transformavam em nossos criados e se prosternavam diante de nós porque carregávamos a morte em nossas mãos. Uma sala fora preparada temporariamente para a purificação; mas depois de trocar umas poucas palavras com o médico do faraó, Ptahor ergueu as mãos em sinal de lástima e realizou o cerimonial de purificação de modo apenas perfunctório. O fogo sagrado foi conduzido à nossa frente e, depois de atravessarmos uma série de salas esplendidas, entramos no aposento real.

O Grande Faraó jazia estirado sob um dossel dourado. As colunas do leito eram deuses protetores e a armação era suportada por leões. Seu corpo anasarcado estava nu, despojado de todos os símbolos da soberania. O soberano se achava inconsciente, sua cabeça de velho pendia de lado, sua respiração era estentórica e do canto de sua boca escorria saliva. Tão fugaz e efêmera é a glória dos mortais que o faraó não fazia a mínima diferença de qualquer dos velhos que jaziam moribundos acolá nas alas da Casa da Vida. Mas pelas paredes do aposento ele estava pintado em atitude de velocidade num carro arrebatado por velozes cavalos altivos; seu braço

poderoso puxava a corda do arco e soltava setas que iam transpassando leões a toda volta.

Prostramo-nos diante dele, cômnicos, como acontece a quantos já viram a morte, que o engenho e a arte de Ptahor eram inúteis em tal caso. Mas como através das idades o crânio de cada faraó era aberto em último recurso sempre que a morte natural não sobreviesse, assim tinha que ser feito agora e empreendemos nossa missão. Levantei a tampa da caixa de ébano e purifiquei na chama, novamente, os escalpelos, brocas e formões. O médico da corte já raspava e lavava a cabeça do moribundo, e Ptahor ordenou ao "estancador de sangue" que se sentasse no leito e tomasse entre as mãos a cabeça do faraó.

Então a consorte real se aproximou da cama e não consentiu. Estivera antes apoiada à parede com os braços levantados em sinal de mágoa, imóvel como uma imagem. Atrás dela se postou agora o herdeiro do trono, Amenhotep, e também sua irmã, Baketamon; mas eu não ousara ainda erguer meu olhar para eles. Agora que um fremito percorria o aposento olhei, e os reconheci por causa das estátuas nos templos. O príncipe era da minha idade, mas mais alto; a princesa Baketamon tinha traços nobres e magníficos e olhos ovais. Mas muito mais majestosa do que qualquer deles era a consorte real, Taia, embora fosse baixa e nédia. Sua compleição era trigueira, seus malares fortes e proeminentes.

Diziam que descendia de gente do povo e que tinha sangue negro nas veias; não sei se isso era verdade; sempre ouvi dizer. Mesmo que fosse verdade que seus antepassados não traziam títulos honoríficos, Taia tinha olhos inteligentes, vivos e perscrutadores e de todo o seu semblante e porte se irradiava poder. Quando estendeu a mão e olhou para o "estancador de sangue" este pareceu se desfazer em pó sob os seus pés morenos e grandes. Compreendi o sentimento da esposa do faraó, pois aquele indivíduo era um boiadeiro de baixa extração que não sabia ler nem escrever. Estava agora ali de cabeça baixa e braços pendentes, com a boca aberta e com uma expressão atônita no rosto. Bronco e ignorantão, todavia, tinha o poder de estacar qualquer hemorragia só com o ato da sua presença. Devido a isso tinha sido chamado, largara o arado e os



bois para ser mero empregado do templo. A despeito de todo o cerimonial de limpeza, o cheiro de esterco, de gado a bem dizer não o largava. Ele próprio não sabia explicar as razões daquele seu tão estranho poder.

Possuía-o tal como uma jóia pode ser encontrada num torrão de terra, e era um poder que não decorria de nenhum estudo nem de exercícios espirituais.

- Não permito que ele toque no deus - disse a rainha. - Se é necessário segurar a cabeça do deus eu a segurarei.

Ptahor esclareceu que tal tarefa era incomoda e sangrenta; ainda assim ela se instalou na beira da cama e com o maior cuidado soergueu a cabeça do esposo agonizante sobre o colo, indiferente à saliva que escorria molhando suas mãos.

- Pertence-me - disse ela - e ninguém mais deve tocá-lo. É pelos meus braços que ele deve entrar nos reinos da morte.

Ele entrará a bordo da nave de seu pai o sol - disse Ptahor incisando o couro cabeludo com a sua faca de cristal.

- Do sol nasceu e ao sol voltará e todos os povos louvarão o seu nome por todos os séculos dos séculos...Em nome de Set e de todos os demônios, que está fazendo o "estancador de sangue"?

Falava assim para distrair para longe da operação os pensamentos da rainha, tal qual costuma fazer o médico perspicaz que procura conversar com o doente em quem está causando dor. Mas a última frase sacudira como um apupo o lavrador que se apoiara ao portal com ar meio sonolento. Sangue começou a correr frouxamente da cabeça do faraó para o colo da sua consorte; não tardou que esta se sentisse indisposta e seu rosto se tornou lívido, cor de cera. O homem despertou do fundo dos seus pensamentos - decerto pensava em seus bois e nos canais de irrigação - lembrou-se do seu dever e, aproximando-se da cama, fitou o faraó e levantou as mãos. A hemorragia cessou imediatamente e eu lavei e enxuguei a cabeça real.

- Perdoai-me, senhora - disse Ptahor tomando a broca da minha mão - Para o sol, sim, com efeito, diretamente para junto de seu pai a bordo da nave de ouro. Que sobre ele caia a benção de Ammon.

E enquanto falava assim girava a broca depressa e com segurança entre as mãos de forma a ela ir entrando no osso. O príncipe abriu os olhos, deu um passo à frente e o seu semblante se crispou quando ele disse:

- Não Ammon, mas sim Ra-Herachte o abençoará, manifestando-se através de Aton.

- Ah, sim; com efeito, Aton - murmurou Ptahor com delicadeza. - Aton, naturalmente... Foi um lapso de língua.

- Tornou a segurar a faca de cristal e o martelo de cabo de ébano e com ligeiros golpes começou a remover o pedaço de osso.

- Pois me lembro que em sua divina sabedoria ele ergueu um templo a Aton. Foi isso sem dúvida logo depois do nascimento do príncipe, não foi, linda Taia? Um momento.

Volveu um olhar preocupado para o príncipe que estava, parado diante do leito com os punhos crispados e a fisionomia convulsa.

- Um gole de vinho dará firmeza à minha mão e só poderá fazer bem ao príncipe. Numa ocasião destas é bem adequado se romper o selo de uma botija real. Agora!

Estendi-lhe o formão e ele extraiu o pedaço de osso com um ruído áspero.

- Um pouco de luz, Sinuhe!

Ptahor deu um suspiro, pois o mais difícil fora feito; e o mesmo fiz eu. Idêntica sensação de alívio pareceu se comunicar ao faraó inconsciente, pois seus membros mexeram, sua respiração se tornou mais vagarosa, e ele caiu numa espécie de coma ainda mais profundo. Ptahor se pos a observar o cérebro do faraó ali naquela claridade propícia onde estava exposto; e o fazia com ar muito atento; as circunvoluções tinham uma coloração azul acinzentadas e tremiam.

- Hum! - disse ele com feitiço pensativo. - O que havia a fazer está feito. Possa o seu deus Aton fazer o resto, pois se trata da alçada de deuses e não de homens.

Com muita delicadeza e cuidado recolocou o pedaço de osso no lugar, encaixando-o bem na fenda, recompôs as bordas da ferida, enfaixou a cabeça. A consorte real pousou a cabeça do esposo sobre um cepo de madeira raríssima e olhou para Ptahor. O sangue secara

nas suas vestes; mas Taia não se importava com isso. Ptahor agüentou aquele olhar destemido sem dar mostra de obediência e disse em voz baixa:

- Querendo deus, ele viverá até de madrugada.

Em seguida levantou as mãos num gesto de lástima, o mesmo fazendo eu. Mas quando as ergueu demonstrando simpatia não ousei seguir seu exemplo, pois quem era eu para me condoer de soberanos? Purifiquei os instrumentos no fogo e os repus na caixa de ébano.

- Vossa recompensa será grande - disse a rainha e nos fez sinal de que podíamos sair.

Uma refeição estava preparada para nós na sala próxima e Ptahor olhou com satisfação para muitas botijas de vinho colocadas rente à parede. Tendo examinado de perto uma delas a mandou abrir; e um escravo derramou água nas nossas mãos. Depois que ficamos sozinhos outra vez Ptahor me explicou que Ra-Herachte era o deus dos Amenhoteps e que Aton era a sua manifestação; um deus de grande antigüidade, mais velho do que o próprio Ammon. E prosseguiu:

- Diz-se que o atual herdeiro do trono é o divino filho. - Tomou um trago de vinho - Foi no templo de Ra-Harachte que a rainha teve a sua visão, após a qual teve um filho. Tomou a seu serviço um sacerdote muito ambicioso a quem Favorecia; ele se chamava Eie e a rainha arranjou que a mulher de tal sacerdote fosse tomada como ama de leite do herdeiro. A filha Nefertiti mamou nos mesmos seios que o príncipe e brincou com ele no palácio como irmã; podes bem avaliar o que decorreu de tudo isso. Ptahor tornou a beber, suspirou e prosseguiu:

- Ah! Não há nada mais delicioso para um velho do que beber vinho e tagarelar sobre coisas que não lhe dizem respeito. Se ao menos soubesses, Sinuhe, quantos segredos estão enterrados atrás desta testa. Talvez sejam até segredos reais. Muitos se admiram e não sabem explicar por que motivo jamais nasceu vivo um filho na ala das mulheres do palácio, pois isso é contra todas as leis médicas ... e o homem que jaz aí ao lado com o crânio aberto muito menos foi um covarde nos seus dias de alegria e força. Encontrou essa que

depois foi sua esposa durante uma excursão de caça; dizem que Taia é filha de um caçador qualquer e que morava entre caniços a beira do Nilo e que o rei a tomou por causa da sabedoria que entreviu nela, sendo que também lhe venerou os pais enchendo-lhes as tumbas com dádivas custosas. Taia nunca se opôs a que ele tivesse prazeres, contanto que as mulheres do serralho não gerassem filhos homens. Nisto ela teve uma sorte espantosa, a ponto de parecer impossível se não se soubesse que de fato assim foi.

Ptahor olhou de soslaio para mim e depois olhando em redor disse depressa:

- Mas, Sinuhe, nunca acredites em quaisquer histórias que possas ouvir; são disseminadas apenas por gente mal intencionada... Todos sabem quão boa é a rainha e que habilidade ela tem para reunir homens úteis à sua volta. Sim, sim...

Acompanhei Ptahor até fora do palácio; a noite tinha caído, o ar estava fresco e na banda oriental as luzes de Tebas expandiam um fulgor vermelho. O vinho atuava sobre mim e eu sentia de novo a febre da cidade em meu sangue. Estrelas cintilavam por cima da minha cabeça e o jardim estava cheio de flores.

- Ptahor, quando as luzes de Tebas se refletem no céu noturno, então fico sedento de amor!

- O amor não existe - disse ele com ênfase. - Quando não tem mulher com a qual se deitar, o homem fica triste; mas depois que se deitou com alguma, então fica ainda mais triste. Sempre foi assim e sempre será.

- Por que?

- Nem mesmo os deuses sabem. E não me fales nunca em amor a não ser que desejes que eu te abra o crânio. Far-te-ei isso de bom grado e sendo exigir o menor presente, poupando-te assim aborrecimentos maiores.

Pareceu-me melhor encarregar-me dos deveres de um escravo; ergui-o em meus braços e o transportei para o cômodo que havia sido posto à sua disposição. Ptahor era tão pequeno e tão velho que nem sequer me cansei Assim que o estendi em cima do leito ele dormiu imediatamente após alguns pedidos confusos de mais um

pouco de vinho. Cobri-o com peles macias, pois a noite estava fresca e saí para o terraço de flores pois eu era jovem e a mocidade não tem vontade de dormir na noite da morte de um rei.

As vozes dos que passavam junto às muralhas do palácio chegavam até ao terraço como lufadas de um vento distante.

Despertei por entre o perfume das flores enquanto as luzes de Tebas refletiam de encontro ao céu para os lados do oriente um fulgor vermelho desatinado. Foi então que me lembrei de uns olhos verdes como a água do Nilo na força do verão e senti que não estava mais sozinho.

A luz das estrelas e do alfanje estreito da lua era tão fraca que eu nem podia discernir se quem se aproximava era um homem ou uma mulher; a verdade é que alguém chegou bem perto de mim e fitou o meu rosto. Mexi-me e a pessoa recém-chegada perguntou com tom autoritário, mas ainda assim estridente, como voz quase juvenil:

- És O Que Está Só?

Reconheci a voz do príncipe e a sua figura magra e me prostrei diante dele, sem ousar falar. Ele porém me sacudiu impacientemente com o pé.

- Levanta-te, tolo! Ninguém nos pode ver e portanto não precisas te inclinar perante mim. Guarda tal atitude para quando estiveres diante do deus de quem sou filho ... Sim, pois só existe um deus e todos os demais são suas manifestações. Não sabia disso? - E sem esperar resposta acrescentou com ar de ponderação: - Todos os outros, menos Ammon que é um falso deus.

Fiz um gesto de protesto e disse:

- Oh! ... - Apenas quis demonstrar com isso que temia um tal assunto.

Ele atalhou:

- Exatamente! Vi-te em pé perto de meu pai entregando a faca e o formão ao maluco do velho Ptahor. Por isso te chamei O Que Está Só. Quanto a Ptahor, minha mãe já o chamou de Macaco Velho. Eis os nomes que ambos deves usar se tiverdes que morrer antes de deixar o palácio. Não me esqueci de vós dois, conforme está tão bem explícito.

Pensei que ele devia estar louco para falar desta forma esquisita, embora Ptahor me houvesse avisado que deveríamos morrer caso o faraó morresse; e o "estancador de sangue" acreditava nisso. Meu cabelo se eriçou, pois eu não queria morrer.

O príncipe estava anelante; suas mãos contorciam-se. Em dado instante sussurrou para si mesmo:

- Sinto-me alvoroçado...Preciso sair daqui. Ir para alhures... É o meu deus que está se revelando. Eu sei...E tenho medo. Não me deixes, ó solitário! Ele agarra meu corpo com força crispante e minha língua fica travada...

Tremi, cuidando que ele delirasse. Mas foi com voz de comando que me disse: "Vem!" e tive que segui-lo. Levou-me pelo terraço abaixo e além do lago do faraó, enquanto por detrás das muralhas vinha o tom das lamentações das carpideiras.

Grande pânico me acometia porque Ptahor não esclarecera que não podíamos deixar o palácio antes da morte do rei mas como havia eu de contrariar o Príncipe?

la com o corpo empetigado e andava com tal rapidez que eu quase não conseguia emparelhar com ele. Vestia apenas uma espécie de sunga e a lua brilhava por sobre a sua pele bonita, as suas pernas esguias e as suas coxas femininas; e brilhava destacando suas orelhas e seu semblante atormentado e convulso que parecia falar de uma visão que só ele visse.

Quando chegamos à praia, o príncipe disse:

- Temos que tomar um bote. Vou para as bandas do oriente ao encontro de meu pai.

Não perdeu tempo em escolher uma embarcação, dirigiu-se para a mais próxima. Acompanhei-o e começamos a remar para a outra margem, sem que ninguém se opusesse, apesar de havermos roubado um barco. A noite estava agitada; outras embarcações deslizavam pelo rio e o reflexo vermelho de Tebas se mostrava cada vez mais claro no céu fronteiro.

Quando atingimos a outra margem deixamos o barco à mercê da correnteza e começamos a caminhar diante de nós como se já tivéssemos feito aquele caminho uma porção de vezes antes.

Havia mais pessoas e passamos sem que as sentinelas nos interpelassem. Tebas sabia que o rei morreria aquela noite.

O príncipe continuava andando, não obstante o cansaço; eu admirava a rijeza daquele jovem corpo pois apesar da noite estar fresca o suor descia por mim abaixo enquanto o ia seguindo. As estrelas se deslocavam nos céus e a lua sumiu; ainda assim ele prosseguiu até que saímos do vale e nos metemos pelo deserto, deixando Tebas atrás de nós. As três colinas na banda leste - guardiãs da cidade - se alteavam negrejantes diante de nós, de encontro ao firmamento. Por fim o príncipe se arrojou anelante por cima da areia e disse com voz assustada:

- Segura as minhas mãos, Sinuhe, pois estão tremendo... Ah! Como o meu coração bate de encontro ao meu peito! A hora se entremostra... sim, ela se entremostra porque o mundo está desolado... Tu e eu estamos sozinhos.

Segurei-lhe os punhos e senti que seu corpo todo, assim convulsivo, estava banhado em suor frio. A nossa volta o mundo jazia deveras desolado; bem longe um chacal uivava diante de qualquer carcaça; lentamente as estrelas começaram a empalidecer e o espaço que nos rodeava se foi tornando acinzentado. De súbito o príncipe se soltou das minhas mãos e volveu o rosto erguido para o oriente, para o lado das montanhas. E disse baixo, com pasmo contido em seu rosto inflamado:

- O deus está chegando! O deus está chegando! - repetiu pela terceira vez, mas já então num brado que ecoou pelo deserto: - O deus está chegando!

A atmosfera foi clareando, as colinas diante de nós se inflamaram batidas de ouro e o sol se ergueu.. Com um grito estridente o príncipe se arrojou ao chão, como se desfalecesse, com a boca entreaberta, os membros retorcidos convulsivamente flagelando a areia. Mas eu já perdera o medo porque gritos de tal espécie, já os ouvira muitas vezes no átrio da Casa da Vida e sabia o que me competia fazer. Na falta de uma escápula para descerrar seus maxilares arranquei uma tira da minha sunga, enrolei-a e enfiei-a entre suas gengivas. Depois comecei a lhe fazer massagens nos membros. Ao acordar ele ficaria perplexo e exânime. Olhei em torno

em busca de auxílio; mas Tebas se achava longe, bem atrás de nós e não lobriguei a menor choupana nas imediações.

Bem nesse instante passou voando por cima de mim, com guincho, um falcão que pareceu vir dos raios do sol nascente sobre nós descrevendo um arco, descendo porém como se fosse pousar na testa do príncipe. Assustado, imediatamente fiz o sinal sagrado de Ammon. Estaria o príncipe com Horus na sua mente quando saudou o deus? E estaria Horus se manifestando ali, então? O jovem gemeu e eu me abaixei para atendê-lo. Quando tornei a erguer a cabeça pareceu-me que o pássaro tomara a forma humana. Diante de mim se achava um homem ainda moço, parecendo um! deus, e os raios solares o faziam ainda mais belo. Tinha consigo uma espada e usava uma túnica rude de pobre. Conquanto não acredite em deuses achei mais seguro me prostrar diante dele, o que logo fiz.

- De que se trata? - perguntou ele em dialeto do Nilo Inferior. - O mancebo está doente?

Arrependido da minha atitude que achei idiota me pus em pé e o saudei de modo comum, dizendo:

- Se és um salteador pouco temos que possas roubar; na aqui se acha um mancebo doente e os deuses te abençoarão se me ajudares.

Ele deu um silvo como um falcão e o pássaro descendo do céu pousou em cima do seu ombro.

- Eu sou Horenheb, filho do falcão - disse ele, orgulhosamente. - Meus pais não passam de fabricantes de queijo, mas foi predito por ocasião do meu nascimento que eu assumiria o comando de coortes. O falcão veio voando na minha frente e eu o segui visto não haver encontrado abrigo na cidade. Tebas tem medo de espadas depois que as trevas raem. Mas é que tenciono entrar a serviço do faraó, como guerreiro. Dizem que ele se acha enfermo; por conseguinte há de necessitar de braços valorosos para proteger sua soberania.

O príncipe gemia, passando as mãos crispadas pelo rosto baixo e contorcendo os membros. Retirei o trapo de dentro da sua boca e pensei em arranjar água para o reavivar. Horemheb encarou-o e me perguntou alvarmente:



- Ele está morrendo?...

- Não - respondi afoitamente. - Trata-se de um acesso do mal sagrado.

Horemheb agarrou o punho da espada enquanto me fitava.

- Necessário é que não faças pouco em mim só pelo fato de eu ser pobre e estar descalço. Sei escrever regularmente e leio o que me apresentam escrito. E terei comando sobre muitos. Que deus se apossou dele?

O povo pensa que é um deus que fala através dos que estão acometidos do mal sagrado, daí a pergunta de Horemheb.

- Ele tem o seu próprio deus - respondi - e me parece que está um pouco confuso da cabeça.

- E está sentindo frio! - atalhou Horemheb tirando sua capa e a abrindo por cima do príncipe - As manhãs em Tebas são frias, mas meu sangue basta para me conservar quente. O meu deus é Horus. Este rapaz é evidentemente o filho de algum homem rico pois tem a pele clara e delicada e mãos que nunca trabalharam. E tu, quem és?

- Sou médico e iniciado de primeira categoria no sacerdócio de Ammon, em seu templo de Tebas.

O herdeiro do trono levantou-se, grunhiu e olhou atônito ao redor de si. E seus dentes rangiam, quando disse:

- Meus olhos viram. Em tal instante foi como se um ciclo do tempo se fendesse... Perdi a noção do momento e dos séculos... O deus estendeu por cima da minha cabeça mil mãos me abençoando. E havia em cada mão o símbolo da vida eterna. Como então não hei de acreditar?

Ao dar com Heremheb seus olhos se clarearam e o príncipe ficou mais belo assim, tomado de radioso deslumbramento.

- És tu o enviado de Aton, o deus único?

- O falcão veio voando diante de mim e eu o segui, eis por que motivo me acho aqui. É quanto sei; nada mais.

O príncipe olhou carrancudo para a arma de Horemheb e lhe disse em tom de censura:

- Trazes uma espada?

Horemheb apresentou-a.

- A copa é de madeira de lei - disse ele. - Seu fio do cobre anseia por beber o sangue dos inimigos do faraó. Minha espada está sedenta e seu nome é: Decepadora de Gargantas.

- Nada de sangue! - exclamou o príncipe. - Aton considera o sangue uma abominação. Não há nada mais horrível do que sangue a correr.

- O sangue purifica o povo e o torna forte; engorda e alegra os deuses. Enquanto houver guerra, necessário é que corra sangue.

- Jamais tornará haver guerra - declarou o herdeiro do trono.  
Horemheb riu.

- O mancebo é ingênuo! Sempre houve guerras e sempre as haverá, porque as nações tem que provar o valor umas das outras se é que desejam sobreviver.

Mas já agora o príncipe olhava diretamente para o sol e exclamava:

- Todos os povos são seus filhos! Todas as línguas! Todas as raças. A terra negra e a terra vermelha. Levantarei templos em sua honra e mandarei aos príncipes de todas essas terras o símbolo da vida...Sim, pois eu o vi! Foi dele que nasci e para ele é que voltarei.

Meneando a cabeça com dó, Horemheb me disse:

- Está louco. Vejo que necessita de veras de um médico.

O príncipe estendeu a mão saudando o sol e o seu semblante se encheu mais uma vez de apaixonada beleza como se estivesse contemplando um outro mundo. Deixamo-lo acabar sua oração e depois começamos a reconduzi-lo para a cidade. Não opôs resistência. O acesso deixara-o fraco; cambaleava e gemia enquanto prosseguia; por fim o carregamos entre nós, e o falcão voava na nossa frente.

Ao chegarmos à beira da terra lavrada vimos uma liteira real à nossa espera. Os escravos estavam prostrados no chão; e eis que saiu da liteira um sacerdote obeso, de cabeça raspada e cujo rosto moreno era grave e belo. Estendi meu braço até ao rés do joelho, diante dele pois o tomei por Eie, de quem Ptahor me falara. Ele porém não me deu atenção.

Prosternou-se diante do príncipe e o chamou de rei. Assim me dei conta de que Amenhotep havia morrido. Então os escravos se apressaram em atender ao novo faraó. Seus membros foram

lavados, esfregados e ungidos; seu corpo foi vestido com linho real e sobre a sua cabeça foi colocado o adereço régio.

Nesse ínterim Eie se dirigiu a mim:

- Ele chegou a encontrar o seu deus, Sinuhe?

- Encontrou o seu deus e tomei conta dele para que nenhum dano lhe sobreviesse. Como sabeis o meu nome?

Eie sorriu.

- Compete-me saber tudo quanto se passa dentro das muralhas e paredes do palácio. Sei teu nome; sei que és médico e que por conseguinte podia confiar o príncipe aos teus cuidados. Também és um dos sacerdotes de Ammon a quem, aliás... juraste sujeição...

Havia indícios de ameaça no tom de sua voz quando disse a última frase. Estendendo as mãos, exclamei:

- Juramento a Ammon? Que significado tem isso?

- Tens razão. E motivos de sobejo para não te arrependeres. E este homem com esta espada? - E apontou para Horemheb que se achava parado a um canto, experimentando a ponta da espada na mão, com o falcão empoleirado no ombro. - Será melhor, decerto, que ele morra, pois os segredos do faraó são compartilhados por poucos.

- Ele estendeu sua capa sobre o faraó quando fazia frio e está pronto a brandir a espada contra os inimigos do faraó. Acho que vos será mais útil vivo do que morto, pontífice Eie!

Eie arrancou do punho um bracelete de ouro e lho arremessou, dizendo por única observação:

- Tu, homem da espada, visita-me qualquer dia na casa dourada, se precisares de mim.

Mas Horemheb deixou o bracelete caído na areia junto a seus pés e encarou Eie com ar de desafio.

- Recebo ordens do faraó. E se não me engano, faraó, aqui, é aquele que está com o adereço real na cabeça. O falcão me conduziu até ele e isso é sinal bastante.

Eie não se sobressaltou.

- Ouro é coisa de valia e tem utilidade permanente.

Dizendo tal comentário, apanhou o bracelete e tornou a enfiá-lo no braço.

- Rende teu preito de obediência ao faraó, mas tens que na presença dele por de lado a tua espada.

Nisto o príncipe deu um passo à frente. Seu rosto estava pálido e tomado de serenidade advinda do secreto êxtase que aquecia meu coração. Disse:

- Segui-me! Segui-me todos vós por este novo caminho, pois a verdade me foi revelada.

Encaminhamo-nos com ele para a liteira, embora Horemheb sussurrasse consigo mesmo:

- A verdade jaz, mas é na minha espada...

Os carregadores seguiram trotando para onde um barco nos aguardava ao longo do cais de embarque. Conforme tínhamos ido, assim voltamos, incógnitos, não obstante a chusma que se aglomerava do lado de fora das muralhas do palácio.

Tivemos permissão de entrar nos aposentos do príncipe e ele nos mostrou enormes jarras cretenses sobre as quais estavam pintados peixes e outros seres. Alguém veio anunciar que a Rainha-Mãe se achava a caminho para lhe render preito. Visto isso nos despediu prometendo que se lembraria de nós dois.

Depois que o deixamos, Horemheb me disse com ar perplexo:

- Estou em apuros. Não tenho para onde ir.

- Pois fica aqui e não te sobressaltes - aconselhei-o. - Ele prometeu se lembrar de ti e será bom que estejas ao alcance quando o fizer, pois os deuses são caprichosos e esquecem prontamente.

- Ficar aqui zumbindo no meio deste enxame? - retrucou ele apontando para os cortesões que pululavam junto à porta do príncipe. - Não. Razão de sobra tenho para estar inquieto - prosseguiu, carrancudo.

- Que será de uma terra como o Egito cujo soberano tem medo de sangue e acredita que todas as nações, idiomas e raças tem igual mérito? Nasci guerreiro e meu instinto guerreiro me diz que tais noções são mau prognóstico para um homem como eu. Despedimo-nos e lhe disse que perguntasse por mim na Casa da Vida caso viesse a precisar de um amigo.

Ptahor estava esperando por mim em nosso aposento. Recebeu-me com olhos avermelhados e ar irritadiço.

- Estavas ausente quando o faraó rendeu seu último suspiro de madrugada. Sim. Tu, ausente. E eu, a dormir! Nenhum de nós se achava acolá para ver a alma do faraó voar das narinas reais para o sol, como um pássaro.

Disse-lhe tudo quanto acontecera comigo durante a noite e a madrugada; e ele ergueu as mãos em sinal de grande espanto.

- Ammon nos protege, pois pelo que me dizes o novo faraó está louco.

- Acho que não - disse eu com ar vago. - Parece-me que ele tomou conhecimento de um novo deus. Quando sua cabeça clarear veremos prodígios na terra de Kan.

- Que Ammon nos livre disso. Serve-me um pouco de vinho porque a minha garganta está seca como uma estrada empoeirada.

Logo depois disso fomos levados debaixo de escolta para um pavilhão na Casa de Justiça onde o Guarda do Selo nos leu a lei abrindo um rolo de couro e nos disse que devíamos morrer já que o faraó não se restabelecera depois que seu crânio fora aberto. Olhei para Ptahor, mas este se restringiu a sorrir quando o executor avançou com a espada.

- Primeiro o "estancador de sangue" - disse Ptahor. - Tem mais pressa do que nós, pois a mãe dele já está preparando sopa de favas lá na terra do Poente.

O "estancador de sangue" despediu-se arduamente de nós, fez o sagrado sinal de Ammon e se ajoelhou humildemente no chão diante dos rolos de couro. O executante brandiu a espada num grande arco por cima da cabeça do condenado, a lâmina cantou no ar, mas parou de chofre antes mesmo de tocar a nuca. Mas "o estancador de sangue" caiu no chão; pensamos que houvesse desmaiado de pavor, pois não havia o menor arranhão em seu torso nu. Quando chegou a minha vez me ajoelhei sem medo. O carrasco riu e tocou a minha nuca com a lâmina sem se preocupar em me assustar. Ptahor observou que era de estatura baixa e que por isso não precisava se ajoelhar, e o carrasco apenas roçou a espada por cima de sua nuca, também. Assim, morremos, a lei foi cumprida, e recebemos novos nomes gravados em pesados anéis de ouro.

No anel de Ptahor estava escrito: "O Homem Que Parece Macaco", e no meu: "O Que Está Sozinho". Em seguida o presente de Ptahor foi pesado em ouro, e o meu também; e nos enfiaram vestuários novos. Pela primeira vez vesti um traje liso de linho real e me foi cingido um colar pesado de prata e pedras preciosas.

Quando os criados tentaram levantar o "estancador de sangue" e reanimá-lo, acharam-no morto, rijo que nem uma pedra.

Averigüei isso com os meus olhos e posso testemunhar que foi verdade. Mas por que ele morreu, ignoro; decerto foi susto, de tanta expectativa. Por mais simples que ele possa ser, um homem que tem o dom de fazer parar uma hemorragia não é igual aos outros homens.

Quando regressei à Casa da Vida com minhas vestimentas novas e o meu bracelete de ouro no punho, os meus professores se inclinaram diante de mim. Ainda assim eu era um simples aluno e tive que escrever um minucioso relatório sobre a operação e a morte do faraó, o que atestei com o meu nome. Levei muito tempo fazendo isso e terminei com uma descrição da alma do faraó saindo de suas narinas sob a forma de um pássaro e entrando diretamente no sol. Mais tarde tive a satisfação de ouvir o meu relatório ser lido ao povo durante os setenta dias durante os quais o corpo do faraó foi preparado para entrar na imortalidade. Durante esse período de lamentação todas as casas de divertimentos, tavernas e botequins de Tebas estiveram fechados; tanto que, para se comprar vinho ou se ouvir música, se tinha que entrar pela porta dos fundos.

Mas quando esses setentas dias passaram me certifiquei de que já então eu era um médico qualificado e podia começar a clinicar em qualquer bairro de cidade que escolhesse. E que se, por outro lado, preferisse prosseguir meus estudos num ou noutro ramo especial da ciência, por exemplo, entre os médicos-dentistas, obstetras, cirurgiões, topedistas, ou qualquer outro dos quatorze diferentes assuntos em que a instrução é ministrada na Casa da Vida - bastaria escolher a especialidade. Isto era uma demonstração especial de favor, testemunhando quão amplamente Ammon recompensa seus servidores.

Mas eu era jovem e a aprendizagem na Casa da Vida já não me empolgava mais, porque a febre de Tebas me abrasava; o que eu desejava era a riqueza e a fama.

Urgia saber aproveitar junto ao povo a minha aura de fama. Com o ouro que recebi comprei uma pequena casa nas cercanias do bairro rico, mobiliei-a de acordo com as minhas posses e comprei um escravo - um indivíduo esquelético, com um olho só, mas excelente para mim. Chamava-se Kaptah. Assegurou-me que aquele seu olho único só poderia me ser vantajoso pois doravante ele poderia dizer aos pacientes que me aguardavam na sala de espera que sempre fora totalmente cego e que depois que eu o tratara adquirira sua vista parcialmente. Mandei decorar as paredes da minha sala de espera.

Numa delas Imhotep, o Sábio, o deus dos médicos, aparecia dando aula: Eu aparecia muito pequenino na frente dele, conforme era costume, mas em baixo do desenho havia uma inscrição que dizia assim:

- O mais sábio e mais talentoso de seus discípulos É Sinuhe, O que Está Sozinho e é filho de Senmut.

Outro desenho me mostrava sacrificando a Ammon, para que eu fosse visto glorificando o deus e assim ganhasse a confiança dos meus clientes. Mas no terceiro desenho o Grande Faraó me olhava lá dos céus, com a forma de um pássaro, enquanto os seus servos pesavam ouro para mim e me cingiam vestimentas novas.

Encarreguei Thothme de fazer esses desenhos embora ele não fosse um artista autorizado e seu nome não constasse no livro do templo de Ptah. Mas era meu amigo e devido ao seu trabalho todos quantos olhavam para os desenhos pela primeira vez erguiam as mãos, com admiração, dizendo:

- Não resta dúvida que esse Sinuhe, O Que Está Sozinho, e que é filho de Senmut, inspira confiança e decerto curará seus clientes tamanha parece ser sua habilidade.

Quando tudo ficou pronto me sentei à espera de doentes. Quedei assim longo tempo, sem que aparecesse nenhum. Ao fim do dia fui para uma casa de vinhos, pois ainda me sobrava um pouco de ouro e prata dos donativos do faraó. Eu era jovem e me considerava um

médico hábil; não tinha dúvidas quanto ao futuro e, acompanhado por Thothmes, bebi à grande. E discutimos em altos brados os negócios dos Dois Reinos, pois por toda parte, no mercado diante das lojas dos mercadores, nas tavernas e alcouces, tais assuntos eram vigorosamente debatidos por toda gente naquela época.

Afinal acontecera conforme o velho Chanceler do Selo havia predito. Quando o corpo do faraó foi submetido a provas contra a morte e conduzido ao seu lugar de repouso no Vale dos Reis e as portas foram seladas com o selo real, a Rainha-Mãe ascendeu ao trono segurando em suas mãos o azarrague e o cajado.

Sobre o seu queixo estava a barba da soberania e em torno da sua cinta a cauda do leão herdeiro ainda não fora coroado faraó e se dizia que desejava se purificar e realizar suas devoções perante os deuses antes de assumir o poder. Mas quando a Rainha-Mãe demitiu o velho Chanceler do Selo e nomeou Eie, o sacerdote desconhecido, para a honrar à sua destra, com isso prejudicando em categoria todos os homens ilustres do Egito, então o templo de Ammon zumbiu como uma colméia, houve maus agouros e desgraças se sucederam durante os sacrifícios reais.

Os sacerdotes interpretaram muitos sonhos estranhos. Os ventos se soltaram de seus habituais quadrantes contra todas as leis da natureza e choveu forte durante dois dias em toda a terra do Egito. Mercadorias armazenadas nos portos sofreram estragos e os cereais se corromperam. Certos poços nas cercanias de Tebas viraram cisternas de sangue, ocorrendo muita gente para ver. Mas o povo não chegou a se apavorar pois tais coisas costumavam acontecer sempre que os sacerdotes se enfezavam. Conquanto houvesse inquietações e grande celeuma oca, os mercenários lá em suas tendas - egípcios, sírios, negros e shardanistas - receberam pródigos presentes da Rainha-Mãe, e assim a ordem foi mantida. O poder do Egito não chegou a ser disputado; na Síria era ele mantido por guarnições, e os príncipes de Biblos, Esmirna, Sido e Gaza - que em sua infância tinham vivido aos pés do faraó e crescido na casa dourada - lamentaram a sua morte como a de um pai e escreveram cartas à Rainha onde se declaravam pó debaixo dos pés da Soberana.



O rei da terra de Mitani, em Naharani, mandou a sua filha como noiva ao faraó conforme seu pai fizera muito antes dele e conforme fora combinado com o Celestial Faraó, antes de sua morte. Tadukhipa, conforme ela se chamava, chegou a Tebas com servos, escravos e jumentos carregados de mercadorias de grande valor. Ela era uma criança de apenas seis anos e o príncipe a tomou para sua esposa, porque o reino de Mitani era uma muralha entre a riqueza da Síria e as terras do Norte e guardava todas as estradas de caravanas desde a terra dos rios gêmeos até ao mar. O júbilo chegou a seu termo entre os sacerdotes de Sekhmet, a celestial filha de Ammon e os gonzos dos portões do seu templo foram fechados até a ferrugem os corroer quase.

Era a respeito de tudo isso que eu e Thothmes falávamos. Alegramos nossos corações com vinho enquanto ouvíamos música síria e contemplávamos a dança das raparigas. A febre da cidade percorria o meu sangue. Ainda assim todas as manhãs o meu escravo caolho chegava à borda do meu leito, cortesmente, e me trazia pão e peixe salgado, e enchia meu copo com cerveja. Então eu me lavava e ia me sentar à espera dos doentes, não tardando a recebe-los; ouvia-lhes as queixas e tratava-os.

Chegou o tempo das cheias. As águas chegaram a atingir as muralhas do templo e quando baixaram de novo, a terra germinou toda ela em brotos tenros, os pássaros fizeram seus ninhos e as flores de lótus se entreabriram nos poços por entre as acácias perfumosas.

Um dia Horemheb veio à minha casa, visitar-me. Vestia linho real e do seu pescoço pendia uma corrente de ouro. Trazia na mão um chicote denotando que era um oficial de corte do faraó. Mas agora não cingia espada nenhuma. Disse-me:

- Vim pedir-te conselho, Sinuhe, o Solitário.
- Como assim? Estás tão forte como um touro e tão vigoroso como um leão. Não percebo que necessidade possas ter de um médico.
- Vim te procurar como amigo e não como médico - disse ele sentando-se.

Kaptah lavou-lhe as mãos; ofereci-lhe bolos mandados por minha mãe, vinho local, pois meu coração se alegrou ao avistá-lo.

- Com que então foste promovido, hein? És agora oficial da corte e, sem dúvida, a luz dos olhos de todas as mulheres.

Ficou sério.

- E que imundície que é tudo isso! O palácio está cheio de moscas que zumbem em cima de mim. As ruas de Tebas são duras e ferem meus pés, e as minhas sandálias me machucam.

Jogou longe as sandálias, com um movimento e esfregou os artelhos.

- Sim, sou oficial do corpo da guarda. Mas muitos dos oficiais são crianças de dez anos de idade, de cabelos ainda compridos e que caçoam de mim só porque descendem de gente nobre; seus braços não têm força para manobrar o arco e suas espadas são brinquedos de ouro e prata. Podem cortar com ela, mas nunca derrubar um inimigo. Os soldados bebem e dormem com as jovens escravas da corte e não obedecem a disciplina nenhuma. Na escola militar lêem dissertações caducas, nunca viram guerra e ignoram o que seja fome e sede ou medo do inimigo.

Agitou a corrente de ouro que lhe pendia do pescoço e após esse gesto de impaciência continuou:

- Que valem correntes de ouro e honrarias se não foram ganhas em batalhas e sim em zumbaias diante do faraó? A Rainha-Mãe amarrou uma barba no queixo e se cingiu com uma cauda de leão; mas como há de um guerreiro olhar para uma mulher e considerá-la chefe? Nos tempos dos grandes faraós um guerreiro não era absolutamente um homem desprezado, mas agora os tebanos consideram esta nossa profissão como a mais desprezível de todas e nos fecham as portas. Desperdiço o meu tempo. Desperdiço a minha mocidade e a minha energia estudando as artes da guerra entre gente que dará meia volta e fugirá ante o grito de guerra de um negro. Pelo meu falcão te digo que os soldados se fazem no campo de batalha e não alhures e que é ao fragor das armas que eles se retemperam. Não quero mais ficar aqui!

Deu uma chicotada em cima da mesa virando os copos de vinho e o meu criado fugiu com um guincho de pavor.

- Horemheb, meu amigo, antes de mais nada estás doente! Tens olhos febris e estás banhado em suor.

- Acaso não sou um homem? - Deu um soco no peito. - Posso levantar um escravo vigoroso em cada mão e arrebentar as cabeças de ambos batendo com elas uma na outra, assim! Posso carregar grandes pesos como qualquer soldado, correr grandes percursos sem perder o fôlego, e não tenho medo da fome nem da sede e muito menos do sol do deserto! Mas estas minhas qualidades são vergonha aos olhos deles e as mulheres da casa dourada apenas admiram certos homens como os que, por exemplo, não precisam se barbear. Elas gostam só de homens de punhos magros, peito sem cabelo e quadris afeminados. Admiram os que se defendem do sol, que pintam de vermelho a boca e que chilreiam como pássaros em árvores. Desprezam-me porque sou forte, porque tenho a pele e a mãos queimadas pelo sol, muito embora isso mostre que sei trabalhar.

Calou-se, ficando com o olhar parado ao longe. Por fim esvaziou o copo.

- És um solitário, Sinuhe, e o mesmo sou eu, porque já prevejo o que irá acontecer. Sei que nasci para um alto comando e dia virá em que ambos os reinos precisarão de mim. Mas não posso mais suportar a solidão, Sinuhe. Há chispas de fogo na minha alma; minha garganta se constringe; não consigo dormir direito. Preciso ir-me embora de Tebas, a sordície me horripila e as moscas me conspurcam.

Nisto me encarou e disse, abaixando a voz:

- Sinuhe, és médico. Dá-me um remédio que conquiste o amor.

- Ora, isso é fácil. Posso te dar umas bagas que dissolvidas em vinho te tornem forte e ardente como um símio de modo a que as mulheres suspirem em teus braços e revirem os olhos. Isso é fácilimo.

- Não tu não me entendeste direito Tenho virilidade até demais quero mas é um remédio contra a loucura. Um remédio que aplaque meu coração... e que o transforme em pedra.

- Tal remédio não existe. Um sorriso... o olhar de uns olhos verdes... e lá se vai por água abaixo toda a ciência dos médicos. Disto sei bem. No entender dos sábios, todavia, um espírito mal pode afugentar outro mais fraco. É o que eles dizem; se é verdade, ou

não, ignoro. Mas suponho que em tal caso o segundo espírito deva forçosamente ser pior do que o anterior.

- Que queres dizer com isso? - perguntou ele, irritado. -Estou farto de frases torcidas.

- Trata de descobrir outra mulher que enxote do teu coração a primeira. Eis o que quero dizer. Tebas está cheia de mulheres adoráveis, sedutoras, que pintam o rosto e que usam as linhas mais transparentes. Entre elas fácil te será arranjar uma que te sorria, já que és moço, forte, esbelto, e que tens uma corrente de ouro no pescoço. Mas não compreendo porque é que queres fugir da primeira. Mesmo que seja casada, não existe para o amor muralha suficientemente alta que não possa ser transposta. Quando uma mulher deseja um homem emprega ardis que removem quaisquer barreiras. Episódios acontecidos em ambos os reinos comprovam esta asserção. Diz-se do amor das mulheres, que é constante como o vento que sopra sempre, apenas mudando de direção. Diz-se que a virtude da mulher é como a cera, pois se derrete ao calor. Tem sido assim e sempre será.

- Ela não é casada - retorquiu Horemheb. - Não se coaduna ao caso o que engrolaste a respeito de constância e virtude. Ela nem sequer me olha, embora eu esteja sempre sob os seus olhos... E nem faz caso da minha mão caso eu a estenda para a ajudar a subir para a liteira.

- Trata-se então de uma mulher de alta categoria?

- Inútil falarmos a respeito dela. É mais formosa do que a lua e as estrelas, e mais remota... Na verdade mais fácil me seria agarrar a lua com os meus braços. Portanto, tenho que esquece-la! Tenho que abandonar Tebas, ou morrer

- Evidentemente não vou pensar que te tornaste vítima do sortilégio da Rainha-Mãe! - exclamei, brincando, pois meu desejo era fazê-lo rir. - Ela é velha demais e demasiado gorda para agradar a um jovem.

- E além disso já dispõe do seu sacerdote - replicou Horemheb, com ar de desprezo. - Acho que ambos praticavam adultério ainda ao tempo do rei vivo.

Detive-o com um gesto e disse:

- Deves ter bebido em muitas fontes envenenadas desde que chegaste a Tebas.

- A que eu desejo pinta os lábios e as faces com substâncias rubras e amarelas; são negros e ovais os seus olhos, e ninguém tocou ainda seus membros envoltos em linho real. Chama-se Baketamon e em suas veias corre o sangue dos faraós. Já agora estás a par da minha loucura, Sinuhe. Mas se contares a alguém ou a mim mesmo repetires o que te acabo de dizer, irei à tua procura e te liquidarei estejas lá onde estiveres. Porei tua cabeça entre tuas pernas e te arremessarei de encontro a uma muralha.

Fiquei profundamente alarmado com o seu segredo, pois isso de um homem de baixa extração ousar erguer os olhos para a filha do faraó era na verdade ousadia inominável. Respondi-lhe:

- Mortal algum pode se aproximar dela. Se tiver que se casar com alguém será com o próprio irmão, o herdeiro, que a soerguerá ao seu nível tomando-a como consorte real. E assim será, pois li nos olhos dela quando estava à cabeceira do leito de morte do Rei: não olhava senão para o irmão. Incutiu-me medo, pois seus membros jamais aquecerão homem algum, e em seu olhar reside o vácuo e a morte. Vai-te embora, Horemheb, meu amigo. Tebas não é lugar onde fiques.

Respondeu com irritação:

- Tudo isso sei melhor do que tu e teu palavreando soou em meus ouvidos como zumbir de moscas. Volvamos preferivelmente para o que disseste ainda agora a respeito de espíritos maléficos, pois tenho o coração a transbordar. De mais a mais, quando bebo vinho, anseio por uma mulher que me sorria, seja ela qual for. Só que sua vestimenta deve ser de linho real, tem que usar cabeleira e pintar os lábios e as faces de vermelho e amarelo... E para que seus olhos despertem o meu desejo tem que ser curvos como o arco-íris. Sorri.

- Falas acertadamente. Debatamos o assunto, por conseguinte, como amigos.

- Escuta: entre os meus colegas do corpo da guarda há um Kefta, de Creta, em quem há tempos preguei um pontapé. Ele agora me respeita e me convidou a acompanhá-la hoje a uma recepção numa

casa perto de um deus qualquer com cara de gato. Esqueci o nome do deus, porque no momento não estava disposto a ir.

- Queres dizer Basta. Conheço o templo. O quarteirão com toda a probabilidade deve calhar com o teu propósito porque mulheres fáceis são muito devotas desse deus felino a quem oferecem sacrifícios para arranjar amantes ricos.

- Mas só irei contigo, Sinuhe. Sou de origem humilde, desconheço protocolos tebanos e principalmente as etiquetas que se usam com as mulheres desta cidade. Es um homem do mundo, nasceste aqui... Deves portanto ir comigo.

O vinho já me entusiasmará; aquela prova de confiança envaideceu-me. Absolutamente não confessei que o meu conhecimento de mulheres era tão incompleto quanto o dele. Mandeí Kaptah arranjar uma liteira, pechinchei o preço com os carregadores enquanto Horemheb bebia mais vinho para cobrar coragem. Os homens nos transportaram para o templo de Bast.

Quando viram tochas e lâmpadas ardendo diante de determinada casa - para onde nos levavam - começaram a se queixar alto do preço ínfimo, até que Horemheb os chicoteou, ficando eles então calados conquanto furiosos.

Fui o primeiro a entrar e ninguém pareceu se surpreender com o nosso aparecimento. Criados solícitos derramaram água em nossas mãos. O aroma de iguarias quentes, de bálsamos e de flores se expandiam pelo pórtico afora. Escravos nos adornaram com guirlandas, e entramos majestosamente no salão.

Uma vez lá dentro não tive olhos senão para a mulher que veio ao nosso encontro. Vestia delgada vestimenta de linho real e seus membros fulguravam como torso de deusa. Tinha na cabeça uma cabeleira densa, de cor azul, e usava muitas jóias de coral. Suas sobrancelhas estavam pintadas de preto e as pálpebras eram circundadas por uma sombra esverdeada. Mais verde do que todas as cores verdes eram os seus olhos, lembrando a água do Nilo na força do verão. E foi como se meu coração mergulhasse neles.

Sim, pois se tratava de Nefernefernefer, aquela criatura que encontrei certa vez entre as colunas do grande templo de Ammon.

Não me reconheceu, mas sorriu para Horemheb que ergueu o cabo do chicote, saudando.

Kefta, o jovem eretense, se achava lá, também; correu para Horemheb, abraçou-o, chamando-o de amigo.

Ninguém prestou atenção em mim, de forma que tive lazer para observar a irmã do meu coração. Não era tão jovem quanto me parecera antes e seus olhos não sorriam agora, lembrando frias pedras verdes. Mas se eles não sorriam, já a boca sorria pois aqueles estavam ocupados em prestar atenção na corrente de ouro que pendia do pescoço de Horemheb. Mas só em contemplá-la fiquei com os joelhos vacilantes.

Havia muito falatório e risadas. Jarras de vinho viradas pelo chão por entre flores esmagadas. Músicos sírios tangendo e soprando seus instrumentos de tal modo que era impossível se ouvir diálogos e conversas. Via-se logo que tinha havido muita distribuição de bebida, pois a um canto uma mulher se pos a vomitar. O criado que lhe aproximou um vaso já o fez com atraso; de modo que ela sujou a vestimenta e todos se puseram a rir.

Kefta, o cretense, abraçou-me também, untando-me de unguento sem querer e chamando-me de amigo. Foi quando Nefernefernefer olhou para mim, ao ouvir meu nome e disse:

- Sinuhe?! Conheci certa vez um certo Sinuhe; também era estudante de medicina.

- Sou eu esse Sinuhe - expliquei-lhe fitando-a e tremendo.

- Não, não és ele. - E fez um gesto me desmentindo. - O Sinuhe que conheci era um mancebo com olhos tão claros como os de uma gazela... e tu és um indivíduo com feitio exato de homem feito. Há duas peles cobrindo tuas sobrancelhas e tua face não é lisa como era a dele.

Mostrei-lhe o anel com a pedra verde que eu usava no meu dedo; ela meneou a cabeça, achando que eu a trapaceava e disse:

- Acaso não estarei recebendo em minha casa um impostor que matou o verdadeiro Sinuhe e que se apossou do anel que lhe dei outrora? Não lhe terás subtraído também o nome? Oxalá não tenha morrido esse Sinuhe que tanto me agradava...

Ergueu as mãos num gesto de mágoa; então, amargurado, arranquei o anel do dedo e lho estendi, declarando:

- Fica outra vez com teu anel, então. Retiro-me. Não quero vexar-te por mais tempo. Retorquiu logo:

- Não vás embora - E pousando de leve a mão em cima de meu braço disse com a voz de antigamente:

- Não quero que vás embora!

E fiquei, não obstante saber que seu corpo me queimaria pior do que o fogo e que nunca mais eu poderia ser feliz sem ela. Criados nos serviram vinho. E jamais vinho algum foi mais saboroso na minha boca do que naquela ocasião.

A mulher que se sentira mal lavou a boca e recomeçou a beber vinho. Depois entreabriu o vestido manchado e o deixou cair. Removeu também a cabeleira e assim ficou totalmente nua. Deu em comprimir os seios com ambas as mãos, ordenando aos servos que enchessem tal vão com vinho. Anuíram e ela deixou beber quem muito bem quis. Percorria a sala, rindo alto; era jovem, bonita, libertina, e parando diante de Horemheb lhe ofereceu o vinho que conservava entre os seios. Ele inclinou a cabeça e bebeu. Quando endireitou a cabeça estava com o rosto manchado de vermelho escuro; fitou os olhos da mulher, agarrou-lhe a cabeça nua, ficou a beijá-la. Todos se puseram a rir e a mulher ria com todos, até que, se tomando de pejo, subitamente pediu outro vestido. Os criados a vestiram e ela recolocou a cabeleira. Então se instalou junto de Horemheb e não bebeu mais. Os músicos sírios continuavam a tocar. Eu sentia a febre de Tebas em meu sangue.

Sabia que nascera para assistir ao crepúsculo do mundo... que nada mais importava enquanto pudesse permanecer ao lado da irmã do meu coração, contemplando seus olhos verdes e seus lábios rubros.

Assim pois, foi através de Horemheb que tornei a encontrar a minha amada Nefernefernefer. Bem melhor teria sido que tal não sucedesse.

- Esta casa é tua? - perguntei-lhe enquanto estava sentado ao seu lado sentindo seu olhar verde sobre mim.

- Sim, esta é a minha casa. E estes são os meus convivas. Tenho-os comigo todas as noites pois não gosto de estar sozinha.



- E Metufer? - perguntei, porque desejava me inteirar de tudo, fosse qual fosse a mágoa que viesse a sofrer.

Ela ficou um tanto séria.

- Não sabias que Metufer morreu? Foi condenado por uso indébito do dinheiro que o faraó entregara ao pai dele para a construção de um templo. Sim, foi morto e o pai não é mais arquiteto-mor. Ignoravas tal caso?

Respondi, sorrindo:

- Se isso é verdade, estou quase acreditando que Ammon o castigou, pois escarnecia muito do deus.

E contei-lhe que vira naquele tempo Metufer e o sacerdote cuspirem na cara da estátua de Ammon para molhá-la e depois se ungirem com o unguento sagrado do deus.

Ela sorriu; mas surpreendi em seus olhos um fulgor distante, esquisito. Até que disse:

- Por que foi que naquela ocasião não me procuraste? E nem depois, até hoje? Se tivesses tido empenho nisso me haverias de achar. Fizeste mal em não ter aparecido preferindo ir visitar outras mulheres levando no dedo o meu anel.

- Naquele tempo eu não passava de um garoto e senti medo...Mas em meus sonhos eras minha irmã, Nefernefernefer...E, podes rir de mim se quiseres... mas até agora nunca me deitei com uma mulher. Fiquei à espera de te reencontrar.

Por entre risadas ela fez um gesto de descrença.

- Pela certa estás mentindo. Vejo no fundo dos teus olhos uma mulher velha e feia... Acaso te diverte zombar de mim e mentir a tal ponto?

Tinha agora alegria nos olhos, como daquela vez longínqua e me pareceu tão jovem que meu coração crescia e pulsava dolorosamente enquanto eu a fitava. Redargüi com veemência:

- Palavra de honra que nunca toquei mulher nenhuma. Concordo que talvez não seja verdade que andei te esperando. Quero ser sincero. Passaram por mim muitas mulheres; moças e velhas, bonitas e vulgares, instruídas e rudes. A todas observei de igual modo, com olhos de médico. E nenhuma delas alvoroçou o meu coração. A razão disso, não sei dizer.

- Decerto, quando eras criança, caíste do alto de um carro de carga e deste com o crânio em cima do varal, ficando perdido na estrada; se disso resultou melancolia também te afeiçãoou à solidão. .. - Riu alto, de mim, e me tocou com tamanha suavidade como mulher nenhuma até então me fizera.

Não foi preciso responder, porque ela própria sabia que sua suposição era fantástica e inventada. Retirou a mão depressa, sussurrando:

- Tratemos de beber, isso sim. Quero gozar ainda contigo, Sinuhe. Ficamos bebendo vinho enquanto os escravos transportavam alguns dos convivas para as suas liteiras e Horemheb continuava abraçado à tal mulher chamando-a de sua irmã.

Vi-o tirar do pescoço a corrente de ouro e procurar colocá-la no pescoço da companheira de serão. Todavia ela não consentiu, dizendo, zangada:

- Sou uma mulher decente e não uma rameira!

Levantou-se e se afastou com modo ofendido; mas, chegando ao portal, acenou, secretamente e Horemheb a seguiu. E não vi mais nenhum dos dois, aquela noite. Os que ainda permaneceram continuaram a beber. Cambaleavam pelo pavimento tropeçando em bancos e tangendo cítara que os músicos lhes cediam. Abraçavam-se chamando-se mutuamente de irmão e amigo e depois caíam por entre exclamações como castrados e eunucos.

Eu estava embriagado; não por causa de vinho e sim pela proximidade de Nefernefernefer, pelo contato da sua mão. Finalmente ela fez um sinal e os criados começaram a extinguir as luzes, a transportar mesas e bancos e a juntar as guinadas machucadas. Disse-lhe então:

- Preciso ir-me.

Mas cada palavra pungia meu coração como sal em cima de ferida, pois temia perde-la, e todo e qualquer momento passado longe da sua companhia me parecia tempo desperdiçado.

- Para onde?! - perguntou ela, fingindo surpresa.

- Por aqui mesmo... Vou ficar de guarda esta noite nesta rua diante da tua casa. Depois irei oferecer tributos e sacrifícios em todos os templos de Tebas em ação de graças aos deuses por te haver

reencontrado...Irei arrancar flores das árvores para despetalá-las pelo teu caminho quando saíres. E comprarei mirra para ungir o teu portal.

Ela sorriu e disse:

- Acho melhor não ires, porque aqui já há flores e mirra. E se saíres assim inflamado pelo vinho te perderás por aí com outras mulheres. Não permitirei.

Suas palavras me encheram de júbilo. Quis agarrá-la. Resistiu, declarando:

- Que é isso? Os criados podem ver... O fato de morar sozinha não significa que eu seja uma mulher à-toa.

Levou-me até ao jardim, que o luar banhava e que rescendia a mirto e acácia. Lá no lago as flores de lótus haviam fechado seus cálices por causa da noite, e vi que a beirada do lago era rodeada de lajes coloridas. Criados nos lavaram as mãos e trouxeram ganso assado e frutas imersas em mel. E Nefernefer disse:

- Come e distrai-te comigo, Sinuhe.

Mas minha garganta estava cerrada de desejo e eu não podia engolir. Olhando-me com ar zombeteiro, ela comia vorazmente. Cada vez que voltava o olhar para mim o luar se refletia em seus olhos. Quis prende-la em meus braços; afastou-me, dizendo:

- Não sabes por que motivo Bast, a deusa do amor, tem a configuração de um gato?

- Pouco me importo com deuses e gatos! - respondi, investindo para alcançá-la, com os olhos veitados de desejo.

Afastou minhas mãos.

- Dentro em breve me tocarás. Deixarei que palpes meus seios e meu ventre se isso te proporcionar sossego depois; mas antes quero que me ouças e aprendas por que é que a mulher é como um gato e por que motivo também se assemelha a um gato a paixão. Suas patas são macias mas escondem unhas que arranham, dilaceram e que entram sem dó nem piedade pelo coração adentro. Ah Deveras, a mulher é como um gato, pois um gato também se entretém em atormentar a sua presa e em torturá-la sem jamais se cansar de tal brinquedo. Só depois que a criatura fica tolhida é que ele a devora e trata depois de procurar outra vítima. Estou te dizendo isto

porque desejo ser sincera contigo. Longe estou de querer o teu mal. Não. Jamais quereirei o teu mal - disse e repetiu, distraidamente, segurando a minha mão e a movendo na direção do peito, enquanto colocava a outra em cima do seu colo.

Estremeci; lágrimas irromperam dos meus olhos. Então ela tornou a me empurrar.

- Podes ir agora e não voltar nunca mais. Não te amofinarei. Mas se quiseres ficar não me censures depois pelo que possa acontecer.

Deu-me tempo para sair. Mas não fui embora. Então ela suspirou um pouco, como cansada do jogo e disse:

- Pois então, seja. Conceder-te-ei o que vieste buscar. Mas se bonzinho porque estou cansada e receio adormecer em teus braços. Levou-me para o seu aposento, puxou-me para o seu leito de marfim e ébano. Em seguida, deixando cair as vestes me ofereceu o seu amplexo.

Foi como se todo o meu ser estivesse sendo queimado até virar cinzas ao contato do seu corpo. Daí a pouco bocejou e disse:

- Estou com muito sono. Já agora acredito que nunca te deitaste com mulher nenhuma, pois te portaste muito desajeitadamente e não me causaste o mínimo prazer. Mas quando um mancebo toma em seus braços a primeira mulher lhe dá um inestimável tesouro. Por conseguinte não te pedirei nenhum outro presente. Agora, porém, vai embora; preciso dormir. Já obtiveste o que te fez vir me procurar.

Como tentasse abraçá-la de novo, ela se defendeu e me mandou sair. Voltei para casa com o corpo moído e em febre, sabendo que nunca mais poderia esquece-la.

No dia seguinte disse ao meu criado Kaptah para mandar embora todos os clientes e dizer-lhes que procurassem outros médicos. Mandei vir um barbeiro, depois me lavei, esfreguei no corpo óleos doces e cheirosos, vesti-me e mandei vir uma liteira, dizendo aos carregadores que fossem depressa. Desejava chegar logo à casa de Nefernefernefer sem sujar minhas vestes e meus pés com a poeira. Kaptah ficou a olhar para mim espantado e meneando a cabeça porque jamais eu deixara minha sala de trabalho no meio do dia e porque temia que se eu negligenciasse minha clínica os honorários

escasseassem. Mas eu tinha uma idéia fixa e meu corpo parecia arder sob a ação do fogo - um fogo glorioso.

Um servo me fez entrar e me conduziu ao aposento de Nefernefernefer. Ela estava se enfeitando diante de um espelho e me olhou com olhos indiferentes.

- Que desejas, Sinuhe. Não me aborreças.

- Sabes muito bem que é que eu desejo - respondi, procurando cingí-la entre meus braços e recordando o ardor da noite passada. Mas fui empurrado bruscamente.

- És malicioso, ou estúpido? Então isso é hora de aparecer? Um mercador chegou de Sido com uma jóia que adornou outrora a testa de uma rainha em sua tumba. E esta tarde determinada pessoa ficou de me trazer-la de presente. Desde muito anseio por uma gema que ninguém possua. Portanto tenho que me embelezar e ungir bem o meu corpo.

Despiu-se sem nenhum pejo e se estirou na cama para que um escravo lhe esfregasse unguento nos membros. Meu coração ficou suspenso na minha garganta e minhas mãos começaram a suar, ante a visão de tamanha beleza.

- Que é que estás esperando, Sinuhe? - perguntou-me depois que o escravo se retirou, deixando-se ficar languidamente estirada em cima da cama.

- Por que não vais embora? Preciso vestir-me.

Uma espécie de vertigem se apoderou de mim; investi. Ela todavia se esgueirou com tal perícia que não consegui me apoderar do seu corpo e permaneci afinal ali, parado, derramando lágrimas de hirto desejo. Até que consegui dizer:

- Se pudesse te comprar tal jóia te compraria; bem sabes. Mas não consinto que mais ninguém te toque. Prefiro morrer.

- Ah, é? - disse ela com os olhos quase fechados. - Proíbes que mais alguém me toque? Se então eu desistir de tudo o mais, Sinuhe, se comer, beber e brincar contigo, já que nunca se sabe o dia de amanhã, que é que me darás?

Esticou-se na cama a ponto do seu ventre ficar em baixo-relevo. Não havia cabelo nele, nem em sua cabeça ou em qualquer parte do corpo.

- Não tenho, em verdade, nada para te dar. - E olhei em torno de mim ao dizer tais palavras. Vi o chão de lápis-lázuli incrustado com turquesas, vi a quantidade de taças de ouro existentes no quarto. - Na verdade não tenho nada para te dar.

Meus joelhos fletiram. Ia sair, quando ela me deteve.

- Quanto te lamento, Sinuhe! - disse mansamente, espreguiçando-se ainda mais. - Já me concedeste o que possuías de valor, conquanto fosse um valor muito relativo, no meu entender. Mas tens uma casa, roupas e todos os instrumentos de arsenal médico. Não és assim tão pobre, acho eu.

Tremendo da cabeça aos pés, retruquei:

- Tudo isso é teu, Nefernefernefer, caso queiras. Vale pouco, mas a casa está montada para consultório médico. Um estudante da Casa da Vida daria um bom preço por ela se os pais tivessem meios.

- Achas?

Voltou-se de costas para mim e enquanto se contemplava no espelho passava os dedos esguios por sobre os arcos das sobrancelhas negras.

- Já que queres... Procura então um escriba para fazer o inventário de tudo que possuis e transferir para o meu nome. Sim, pois embora eu viva sozinha não sou absolutamente uma mulher desprezível e devo me precaver por causa do futuro quando talvez me venhas a jogar na rua, Sinuhe.

Eu olhava firmemente para o seu corpo nu. Minha língua se tornava áspera em minha boca e meu coração batia tão violentamente que me voltei logo e saí.

Encontrei um escriba da lei que imediatamente organizou os necessários papéis e os remeteu para serem registrados nos arquivos reais. Quando voltei, Nefernefernefer estava vestida com linho real e enfiara uma cabeleira dourada. O pescoço, os punhos e os tornozelos se achavam adornados com as mais esplendidas jóias. Na porta a aguardava uma liteira magnífica.

Entregando-lhe o documento do escriba, disse:

- Tudo quanto eu possuía é agora teu, Nefernefernefer. Até mesmo as roupas que visto. Comamos, bebamos e gozemos o dia inteiro, pois ninguém sabe o que será do dia de amanhã.

Segurou o papel, descuidadamente, colocou-o dentro de um cofre de ébano e disse:

- Custa-me ter que te dizer, Sinuhe, mas parece que está a chegar o meu fluxo mensal, de modo que não posso estar contigo, conforme queria. É melhor ires embora até que eu tenha concluído a minha purificação adequada, pois minha cabeça me pesa e meu corpo me dói. Volta outro dia e satisfarei teu desejo.

Encarei-a com a morte no peito e não consegui falar. Ela bateu com o pé no chão, violentamente.

- Põe-te daqui para fora! Estou com pressa.

Tentei, ao despedir-me, tocar-lhe o rosto. Censurou-me:

- Não desmanches a pintura do meu rosto.

Fui para casa e pus meus pertences em ordem, para que tudo estivesse arrumado quando chegasse o novo proprietário. Meu escravo caolho me seguia, passo a passo, meneando a cabeça, até que a sua presença me enfureceu. Dei um berro:

- Deixa de andar em cima dos meus calcanhares! Já não sou mais teu amo. Agora pertences a outro. Trata de servi-lo obedientemente quando ele chegar, e não o furtas tanto como fazias comigo pois seu bastão pode ser mais rijo do que o meu.

Ele então se arremessou ao chão, erguendo as mãos acima da cabeça e chorando amargamente, tomado de desespero.

- Não me mande embora, meu senhor, pois meu velho coração se afeiçoou aqui e se estraçalhará se me banir. Sempre lhe fui fiel, apesar do meu senhor ser moço e simples. Quanto roubei do meu senhor o fiz tendo em vista a sua vantagem mesmo. Quantas vezes não tenho percorrido as ruas sob o calor do meio-dia proferindo o seu nome e os seus méritos, apesar dos criados dos outros médicos me esboroarem e jogarem esterco em cima de mim?

Senti meu coração como imerso em sal e a boca me amargava enquanto olhava para o pobre escravo. Comovi-me e agarrando-o pelos ombros, disse:

- Levanta-te, Kaptah! Não adianta todo esse berreiro. Não é por não gostar de ti que te passo a outrem, pois teus serviços me tem satisfeito, não obstante às vezes teres dado prova de mau gênio batendo com as portas e fazendo barulho com os pratos quando te

enfezas por qualquer coisa. Teus furtos não me irritaram nunca, pois se trata do direito de um escravo. Fui obrigado contra a minha vontade a te traspassar a um terceiro, pois eu não tinha mais nada a dar. Perdi a minha casa também e tudo quanto possuía, a tal ponto que apenas as roupas que visto me pertencem. Não te lamentes em vão.

Kaptah arrancava os cabelos e grunhia.

- Amaldiçoado seja este dia!

Ficou a refletir pesadamente durante algum tempo e depois continuou:

- O patrão é um grande médico, a despeito da sua pouca idade e a verdade é que tem o mundo aos seus pés. Acho, por conseguinte, que seria melhor juntarmos todas estas coisas que valem muitíssimo e assim que a noite cair fugirmos depressa. Podemos rumar para as Terras Vermelhas, onde ninguém o conhece, ou para as ilhas do alto mar onde o vinho é cintilante e as mulheres são alegres. Para a terra de Mitani também, ou para a Babilônia onde os rios correm em direção diferente do Nilo. Lá a proficiência dos médicos egípcios é muito considerada, o meu senhor pode ficar rico e assim serei servo de um amo respeitável. Apresse-se, patrão, juntemos todos os seus pertences antes que caia a noite. - E me puxava pela manga.

- Kaptah, poupa-me palavras tolas. Meu coração está sofrendo mortalmente e o meu corpo já não é mais o mesmo. Estou ligado por grilhões mais fortes do que cadeias de ferro, embora não os vejas. Não posso fugir. Ausentar-me de Tebas equivaleria a me atirar numa fornalha ardente.

Meu escravo ficou sentado no chão, porque seus pés estavam com borbulhas dolorosas que eu tratava de vez em quando sempre que dispunha de tempo. Lamentava-se:

- Não resta dúvida que Ammon os abandonou, o que aliás não é de espantar já que o meu senhor raramente lhe oferece sacrifícios. Ainda assim ofereci ao templo, de boa vontade, um quinto do que tenho roubado do meu senhor, como sinal de gratidão por ter um amo tão jovem e tão simples. E agora ele também me abandonou. Está bem... Está bem... Temos que mudar de deuses e oferecer



sacrifícios quanto antes a algum outro que possa talvez afastar para longe de nós o mal e nos proporcionar algum bem outra vez.

- Para de uma vez com essas tolices. Esqueces-te de que não temos nada para oferecer em sacrifício já que tudo agora pertence a outrem?

-A um homem, ou a uma mulher?

- A uma mulher - respondi, vendo que não adiantava nada esconder. Ao ouvir isso ele rompeu em novas lamentações.

- Melhor me fora não haver nascido nunca! Por que foi que minha mãe não me estrangulou com o cordão umbilical? Sim, pois não há fado mais amargo do que ser escravo de uma mulher sem coração. Pois como pode ter coração a mulher que lhe fez tudo isso?

- Não se trata absolutamente de mulher sem coração! - repreendi-o, pois de tal forma é idiota o homem que não tendo com quem se abrir em confidências o faz com um escravo. Foi o que se deu comigo a propósito de Nefernefernefer. - Nua na cama, ela é mais bela do que a lua. Seu corpo reflete com unguentos caros, e os seus olhos são verdes como a água do Nilo na força do verão. Feliz és tu, Kaptah, já que te será permitido viver perto dela e respirar o mesmo ar.

Kaptah fez um berreiro maior.

- Ela acabará me vendendo como carregador ou cavouqueiro. Meus pulmões arrebentarão. Espirrar sangue de debaixo das minhas unhas e perecerei chafurdado na lama como um jumento atolado.

Intimamente eu sabia que tudo isso podia vir a ser verdade porque na casa de Nefernefernefer dificilmente haveria pão e conforto para um coitado como ele. Lágrimas começaram a cair dos meus olhos e eu não sabia se chorava por ele ou por mim.

Ao ver isso, Kaptah ficou calado imediatamente e se pôs a me fitar muito perplexo; mas inclinei a cabeça em cima do braço e não me importei mais que meu escravo me visse em prantos. Tocando minha cabeça com sua mão enorme, disse solícitamente:

- Tudo isso foi por culpa minha. Eu devia ter tomado conta direito do meu amo. Mas nem me passou pela cabeça que ele fosse tão cândido e tão puro como um tecido antes de ser lavado pela primeira vez. Só isso pode explicar tudo. Admirava-me de fato que o

patrãozinho nunca me mandasse buscar uma rapariga ao chegar do botequim de noite. Todas as mulheres que mandei que o procurassem - só para lhe dar prazer - se retiraram sempre aborrecidas chamando-me de rato e corvo. E muitas delas eram bem jovens e viáveis. Melhor para mim, que não tinha rabalheira. Ficava contente, então, como um cretino, certo de que o patrãozinho jamais traria para dentro de casa uma mulher que me esbordoasse a cabeça ou que me atirasse água quente nos pés sempre que houvesse brigas entre os dois. Idiota, cretino, que eu fui! O primeiro tição logo incendeia a palhoça...

Falou ainda durante muito mais tempo e o som de sua voz era como o zumbir de moscas em torno das minhas orelhas. Depois que se calou foi preparar comida, trouxe água para lavar minhas mãos. Mas não comi nada porque meu corpo estava em fogo; tão logo desceu a noite um pensamento único se apossou da minha mente...

LIVRO IV

NEFERNEFERNEFER



**D**e manhã cedo fui à casa de Nefernefernefer; ela ainda estava dormindo. Quando despertei os criados estes blasfemaram e me jogaram água. Sentei-me então no patamar feito um mendigo até ouvir movimento e vozes dentro da casa, quando então ensaiei entrar outra vez.

Nefernefernefer ainda estava estirada na cama. Seu rosto me pareceu pequeno e branco e seus olhos verdes estavam escuros decerto por causa do vinho que tomara de noite.

- Mas que coisa!... Que é que queres?

- Comer, beber e gozar contigo, conforme prometeste...

Isso foi ontem. Hoje é um outro dia diferente. Uma escrava tirou de Nefer a roupa enxovalhada e lhe untou e esfregou os membros. Nefer olhava-se ao espelho, pintava o rosto, ajeitava a cabeleira; por fim, pegando no seu novo adorno de pérolas e pedras preciosas montadas em ouro velho, o colocou na fronte, comentando:

- É bonito... Valeu o preço, embora eu esteja exausta como se houvesse lutado a noite inteira.

- Mentiste-me, pois, ontem dizendo que não podias.- disse-lhe eu, apesar de no íntimo não haver acreditado na desculpa.

- Enganei-me... Devia ter ficado "doente" ontem. Era o dia. Agora receio que me hajas dado um filho, Sinuhe, pois fui dócil em teus braços e foste muito violento. - E sorriu para o escárnio ficar mais completo.

- Com que então essa tua jóia provém de uma tumba real da Síria?... Não foi o que me disseste ontem?

- Ah! Foi encontrada debaixo do travesseiro de um mercador sírio... Mas não te vexes por causa disso. Era um homem barrigudo, gordo como um porco e cheirava a cebola. Tenho aqui o que tanto desejava e não penso absolutamente em reve-lo.

Retirou o ornamento e a cabeleira e os depôs sem o menor cuidado no chão, junto da cama. Seu crânio nu era macio e vistoso, posto assim sob aquelas mãos entrelaçadas enquanto o corpo todo se espreguiçava.

- Sinto-me exausta, Sinuhe. E abusas do meu cansaço para me devorares com os olhos agora que estou sem forças para não consentir nessa tua curiosidade. Lembra-te que embora eu viva sozinha não sou absolutamente uma mulher à-toa.

- Sabes muito bem que não tenho mais nada para te dar. Já é teu tudo quanto eu possuía.

Abaixei a cabeça para a beirada da cama e funguei aspirando o perfume do bálsamo e do corpo daquela mulher que estendeu a mão para acariciar meus cabelos e logo a retirou depressa, rindo e meneando a cabeça.

- Que falsos que são os homens! Estás mentindo, Sinuhe. Apesar disso não posso dominar minha atração por ti... Sou fraca.

Mas quando a quis tomar em meus braços ela me empurrou e se sentou, dizendo com tom de ressentimento acerbo:

- Ainda assim, por mais fraca e sozinha que eu seja, não quero histórias com trapaceiros e espertalhões. Nunca me disseste que teu pai Senmut tem uma casa no bairro pobre perto do porto. A casa vale pouco, mas o terreno vale bem assim ali tão perto do cais, e a mobília pode ser arrematada no mercado. Comerei, beberei e gozarei contigo hoje só se me deres essa tua propriedade... pois não se sabe nunca o que será o dia de amanhã e urge que eu guarde a minha reputação.

- Tal propriedade não é minha e sim de meu pai - respondi, apasalhado. - Como é que me pedes o que não te posso dar, Nefernefernefer?

Ela entortou um pouco a cabeça, esquadrinhando-me com aqueles olhos verdes.

- A propriedade de teu pai é tua herança legal, Sinuhe, conforme estás fartos de saber. Além do mais, nunca me disseste que ele está cego e que te encarregou da administração dos bens que forma a poderes dispor de tudo como se fosse teu.

Lá isso era verdade, pois quando a vista de meu pai escureceu ele me entregou o seu sinete e me pediu que tomasse conta da sua propriedade já que não podia ver mais para assinar o nome. Kipa e ele muitas vezes haviam dito que a casa podia alcançar um bom preço, preço esse que os habilitaria a adquirir uma pequenina herdade fora da cidade onde poderiam viver até chegar a hora de encetar a viagem para a imortalidade.

Nem pude falar tão atônito fiquei ante o horroroso pensamento de enganar meu pai e minha mãe que confiavam em mim. Mas Nefernefernefer cerrou de leve as pálpebras e murmurou:

- Segura minha cabeça entre tuas mãos... Toca os meus seios com os teus lábios... Sim, há não sei o que em ti que me enlanguece, Sinuhe, a ponto de me fazer esquecer minhas próprias vantagens, sempre que se trata de ti. Passarei o dia inteiro contigo, entregues ambos ao prazer, se transferires a propriedade de teu pai para meu nome, mesmo que ela valha pouco.

Tomei sua cabeça entre minhas mãos; era macia e pequenina e me encheu de febre inenarrável. E disse com uma voz que raspava meus ouvidos:

- Pois seja.

E quando quis me aproximar, ela declarou:

- Entrarás no reino que já é teu, mas primeiro vai procurar um escriba da lei a fim de que ele prepare os documentos necessários, pois não confio nas promessas dos homens e devo zelar pela minha reputação.

Deixei-a e fui procurar o escriba; cada passo aumentava o meu tormento. Pedi ao homenzinho que fizesse tudo o mais depressa possível. E uma vez tudo organizado, cravei o sinete de meu pai em cima do papel e assinei com o meu nome.

Mas quando voltei os criados disseram que Nefernefernefer estava dormindo e tive que esperar até tarde da noite que ela acordasse. Por fim me recebeu, agarrou no documento do escriba e o enfiou despreocupadamente no cofre preto.

- És teimoso, Sinuhe, mas sou uma mulher de honra e sempre cumpri minhas promessas. Toma-me, já que para isto vieste.

Estendeu-se na cama e me ofereceu seu amplexo sem sentir o menor prazer. Virou a cabeça de lado para se ver no espelho, bocejou tapando a boca com a mão, de modo que a delícia que eu pretendia virou cinza.

Quando me levantei da cama, ela disse:

- Obtiveste o que desejavas, Sinuhe; agora vai embora porque estou cansada. Volta outro dia. A verdade é que te concedi o que desejavas.

Cheguei em casa todo alquebrado como a casca de um ovo jogado longe. Minha vontade era ficar imóvel num quarto escuro, esconder a cabeça entre as mãos e procurar alívio no pranto. Mas encontrei no pórtico um estrangeiro sentado usando uma cabeleira crespa e uma vestimenta síria de muitas cores.

Saudou-me majestosamente e disse que desejava consultar-me já que eu era médico. Disse-lhe:

- Não atendo mais a clientes, porque esta casa já não é minha.

- Tenho os pés inchados - disse ele numa mistura de sírio com outra língua. - O seu inteligente escravo Kaptah gabou muito a sua perícia em tratar tais flictenas. Livre-me deste tormento e não se arrependará.

Teimou tanto que acabei por introduzi-lo na minha sala e chamei Kaptah querendo que este me trouxesse água quente para lavar as mãos. Não houve resposta. Como tornasse a examinar os pés do sírio reconheci pelas articulações nodosas e esparavonadas que se tratava do próprio Kaptah. Meu criado arrancou a cabeleira e rompeu em estrepitosa gargalhada.

- Que brincadeira é essa? - exclamei; e lhe dei umas bordoadas até a gargalhada se transformar em uivos. Depois que joguei para um lado o bastão, ele disse:

- Já que não sou mais o seu escravo e sim o escravo de outra pessoa, posso sem perigo lhe dizer que penso fugir. Assim pois fiz esta experiência para verificar se alguém me reconheceria nestes trajes.

Referi-lhes as punições em que incorriam os escravos fujões fiz-lhe ver que mais cedo ou mais tarde seria recapturado, já que sua vida seria cheia de percalços. Contudo, ele replicou:

- A noite passada bebi muita cerveja e tive um sonho. O patrãozinho jazia dentro de uma fornalha. Aproximei-me, porém, com palavras severas e o erguendo pela pele da nuca o mergulhei em água corrente que passava ao lado. Depois disso estive no mercado e perguntei a um decifrador de sonho que era que isso significava. Ele respondeu que o meu amo corria perigo e que tinha diante de si uma longa viagem e que eu, devido ao meu arrojo, passaria por muitos golpes, isto é, pancadaria. Tal sonho deu certo, pois basta uma pessoa olhar para seu rosto, patrãozinho, para ver que o meu senhor está correndo grave perigo, quanto a golpes, pancadas, já estou com o lombo a arder...Logo, o final do sonho também tem que dar certo. Eis por que motivo me disfarcei num sírio; estou resolvido a acompanhá-lo nessa viagem.

- Tua lealdade me comove, Kaptah - disse eu, e procurei um tom zombeteiro. - Pode bem ser que se abra diante de mim uma longa viagem. Mas se tal se der será para a Casa dos mortos onde dificilmente me seguirás.

- Ninguém sabe o dia de amanhã - foi a resposta esperta de Kaptah.

- O patrãozinho é novo e tenro como um bezerro informe e não o deixarei seguir sozinho a complicada viagem para a Casa dos Mortos e para a Terra do Poente. Devo mas é ir com o patrãozinho a fim de ajudá-lo com a minha experiência, pois meu coração gosta do meu amo apesar de toda a loucura que este tem feito. Conquanto seja provável que eu tenha gerado muitos filhos nos meus bons tempos, todavia nunca cheguei a conhecer nenhum; de maneira que tenho tendência a considerá-lo como filho. Não quero com isso ofende-lo; estou procurando apenas expressar a afeição que lhe dedico.

Isso era levar a insolência muito longe, mas não tive coragem de esbordoá-lo; de mais a mais ele já não era meu escravo. Fechei-me no meu quarto, cobri a cabeça e dormi como uma pedra até a manhã seguinte, pois não há narcótico que se compare à vergonha e ao remorso quando estes são profundos. Não obstante isso, logo que acordei, a primeira coisa de que me lembrei foi o olhar de Nefernefernefer. Sim, os seus olhos e o seu corpo. Tinha a impressão de estar segurando sua cabeça macia em minhas mãos e sentir o



seu peito de encontro ao meu. Tomei banho, vesti-me, cuidei do rosto e fui para a casa dela.

Nefernefernefer recebeu-me no jardim junto ao seu lago de flores de lótus. Seus olhos estavam claros, cinzentos e eram mais verdes do que a água do Nilo. Assim que me viu exclamou:

- Oh Sinuhe! Voltaste... Logo não sou ainda assim tão velha e feia. Que queres?

Olhei-a como um esfomeado olha para um pão. Daí a pouco ela entortou a cabeça, aborrecida.

- Sinuhe, Sinuhe!... Outra vez? Moro sozinha, não nego, mas não sou absolutamente uma mulher à-toa. Devo zelar pela minha reputação.

- Ontem transferi para teu nome todos os bens de meu pai; agora ele é um homem pobre, apesar de toda a sua vida ter sido um médico respeitável. E como está cego terá na velhice que mendigar pão ao passo que minha mãe será obrigada a lavar roupa para fora.

- Ontem foi ontem e hoje é hoje. - Cerrou quase os olhos. - Mas não sou injusta. Podes sentar aqui a meu lado e segurar a minha mão. Sinto-me feliz hoje e quero pelo menos que participes deste meu estado de coração, se não de outros prazeres mais.

Sorriu de modo equívoco e acariciou de leve o ventre, enquanto ia dizendo:

- Não me perguntas por que motivo o meu coração está alegre, hoje; mas vou dizer. Cumpre que saibas que um figurão distintíssimo do Baixo Reino chegou a esta cidade trazendo consigo uma taça de ouro de aproximadamente cem debens de peso e onde estão gravados os desenhos mais belos e divertidos. É um homem velho, evidentemente, e tão magro que suas canelas me irritam e magoam. Creio, contudo que dentro de horas essa taça adornará a minha casa. Emitiu um profundo suspiro fingido ao ver que eu não respondia, e ficou a contemplar firmemente, mas com modo sonhador, os lótus e as demais flores do jardim. Depois, deixando cair a roupa, entrou no lago. Sua cabeça erguia-se da água junto a uma flor de lótus, e era mais bela do que todos os lótus. Boiando diante de mim com as mãos atrás da cabeça, disse:

- Estás calado, hoje, Sinuhe! Será que por acaso te magoei sem querer? Desculpar-me-ei de bom grado se puder.

Involuntariamente respondi:

- Sabes muito bem que é que desejo Nefernefernefer.

- Estás com o rosto enrubescido. Chego a ver o sangue pulsar em tuas temporãs. Não seria melhor que tirasses a roupa e entrasses para o lago? Aqui junto de mim poderias te refrescar. O dia está tão quente! Ninguém nos pode ver. Não hesites.

Despi-me e entrei para o lago. Meu corpo tocava no dela; mas quando a quis agarrar se evadiu rindo e jogando água na minha cara.

- Sei e compreendo o que queres, Sinuhe, embora tenha pejo em te olhar. Mas antes deves me dar um presente porque não sou uma mulher desprezível.

Cheio de raiva, exclamei:

- Estás louca? Sabes muito bem que me extorquiste tudo! Estou coberto de vergonha e não ousarei mais olhar para meus pais. Mas pelo menos ainda sou médico e meu nome está registrado no Livro da Vida. Talvez ainda venha a ganhar o suficiente para te dar um presente consentâneo contigo. Tem piedade de mim agora, pois mesmo aqui dentro d'água estou ardendo em fogo e mordo a mão até sair sangue só porque olho e te vejo.

Ela se estendeu na água com os seios emergindo da superfície como duas flores. Olhou-me por entre os cílios pintados de verde e disse:

- Não te ocorre lembrança de nada que me possas dar? É que estou fraquejando, Sinuhe; perturba-me ver-te nu aqui no meu lago. És desajeitado, não tens experiência, mas acho que dia virá em que te ensinarei muita coisa que ainda estás longe de conhecer... Sei de uns estratagemas que apuram o prazer de um homem... E o de uma mulher, também. Há que considerar isso, Sinuhe!

Quando irrompi por cima dela, saiu do lago e parando atrás de uma árvore, sacudiu a água dos braços.

- Sou uma mulher fraca e os homens são falsos... Tu também, Sinuhe! Sinto o coração pesado ao pensar nisso e estou a ponto de chorar... Sim, pois quem não vê que estás farto de mim?! Do contrário não me esconderias que teus pais possuem uma tumba instalada com toda a perfeição na Cidade dos Mortos. Uma tumba para quando morrerem. Pagaram no templo a soma necessária para

o embalsamamento de seus corpos contra a corrupção e quanto for necessário na jornada para a Terra do Poente.

Ao ouvir tais palavras dei golpes no peito até ensangüentá-lo.

- Queres então que roube meus pais até com referencia à eternidade? Que deixe seus corpos se desfazerem em nada como os corpos dos mendigos e dos escravos? Ou como os corpos dos que são arremessados ao rio por causa de seus crimes? Não podes exigir de mim uma tal coisa!

Lágrimas rolavam por meu rosto abaixo. E conquanto gemesse tomado de angústia, fui para junto dela. Apertou a sua nudez de encontro a mim, dizendo:

- Dá-me a tumba de teus pais e te direi baixinho ao ouvido: "Meu irmão!" e me transformarei num fogo de delícia e te ensinarei mil coisas desconhecidas que te ofuscarão de prazer! Que podia eu fazer senão chorar?

- Pois seja! E que teu nome fique amaldiçoado por toda a eternidade. A verdade é que não sei te opor resistência, tamanho é o sortilégio que exerces sobre mim.

- Não me fales de magias, que isso me ofende. Como estás zozzo e fora de ti vou mandar um criado buscar o escriba enquanto ficamos comendo e bebendo para alegrar nossos corações. Assim, quando os papéis estiverem em ordem, estaremos aptos a transmitir mútuas delícias.

E, dando uma risada alegre correu para dentro de casa. Vesti-me e segui-a. Escravos derramaram água nas minhas mãos e as enxugaram, efetuando medidas quase rituais diante de mim. Mas por detrás faziam caretas e zombavam; tive que fingir que acreditava que seus risos fanhosos fossem ruído de moscas zumbindo.

Assim que Nefernefernefer reapareceu eles se calaram; comemos e bebemos juntos. Havia quatro qualidades de carne e doze espécies de pratos de massas. Bebemos vinhos misturados, coisa que logo sobe à cabeça. O escriba da lei chegou, escreveu o termo necessário. Transferi a Nefernefernefer a tumba de meus pais na Cidade dos Mortos com todas as suas instalações, bem como o depósito feito

no templo, defraudando-os da imortalidade e da esperança de continuação de viagem para a Terra do Poente.

Carimbei com o sinete de meu pai, assinei meu nome e o escriba levou os documentos tratando de ir despachá-los aquele dia mesmo nos arquivos reais para que assim se tornassem válidos. Voltando, entregou o traslado a Nefernefernefer; ela enfiou o papel dentro do cofre preto e pagou o trabalho do funcionário. Depois que este saiu eu disse:

- Doravante estou amaldiçoado e desonrado perante os deuses e os homens... Qual o alto preço que me pagarás isso?...Prova-me agora que não foi alto o preço que isso me custará.

Ela sorriu.

- Bebe vinho, meu irmão, para que teu coração se alegre.

Quando a quis agarrar se evadiu e encheu a minha taça de vinho, entornando sobre ela uma jarra. Daí a pouco olhou a direção do sol e disse:

- O dia já está acabando. Não tardará a anoitecer. Não fazes menção de ir embora?...

- Bem sabes a razão pela qual permaneço!

- E contudo sabes qual poço é mais fundo e qual fosso é precipício, Sinuhe. Estou com pressa. Tenho que me vestir e pintar o rosto, pois uma taça de ouro se acha à minha espera para enfeitar a minha casa, amanhã.

Quis agarrá-la. Desvencilhou-se com uma risada estridente e chamou alto os criados que instantaneamente acudiram ao seu apelo.

- Como foi que este mendigo insuportável entrou na minha casa? Jogai-o na rua já. Não deixeis nunca mais que transponha as minhas portas! Caso resista, esbordoai-o.

Os criados atiraram-me na rua, aproveitando eu estar perplexo, bêbado e furioso. Irromperam de novo e me esbordoaram quando comecei a bater na porta de fora que estava trancada. Nisto começou a juntar gente em volta por causa do escarcéu; então os criados declararam:

- Este bêbado insultou nossa patroa que mora aqui nesta casa e que não é nenhuma mulher desprezível.

Bateram-me até eu ficar desacordado e deixaram-me estendido na rua onde transeuntes cuspiam em mim e cachorros urinavam em cima da minha roupa. Quando voltei a mim, nem vontade tive de me levantar; deixei-me ficar ali, imóvel, até de manhã. A escuridão me escondeu, e eu sentia que jamais teria vontade de mostrar minha cara novamente. O príncipe dera-me o nome de "O Que Está Sozinho" e, sem dúvida, naquela noite, eu era o mortal mais desvalido do mundo. Mas ao clarear o dia, quando começou a haver movimento de gente pelas ruas e os comerciantes principiaram a expor suas mercadorias nas montras e balcões, e comecei a ouvir o chiar dos carros de bois, me levantei e deixei a cidade indo me esconder entre caniços durante três dias e três noites, sem comer nem beber.

Meu coração e meu corpo eram uma ferida medonha. Se alguém se dirigisse a mim então eu soltaria brados, pois não podia responder pela minha razão.

No terceiro dia lavei as mãos e os pés, esfreguei o sangue que havia nas minhas roupas, lavando-as bem e pondo-as a secar. Já bem tarde me vesti e rumei para a minha casa. Mas esta já não era minha, e na porta pendia a insígnia de um outro médico. Chamei Kaptah e este veio correndo, soluçando de alegria; e arremessou os braços rodeando os meus joelhos.

- Patrão, pois para mim ainda é meu amo, seja lá quem me de ordens... chegou aqui um moço que se tem na conta de médico importante. Experimentou vestir sua roupa, rindo muito. A mãe dele já está lá dentro na cozinha. Não faz muito jogou água quente nos meus pés e me chamou de rato e de esterco. Mas os clientes do patrãozinho perguntaram muito onde estava...Estão dizendo que a mão do outro médico não é tão leve quanto a sua e que ele não adivinha as doenças como o patrãozinho.

Continuou a tartamudear coisas assim e o seu olho único encoscorado me encarava com uma expressão de horror, até que lhe disse:

- Fala, assim, vai falando, Kaptah. Conta-me tudo. Meu coração aqui dentro do meu peito virou pedra e já é incapaz de sentir mais dor.

Então, levantando os braços para expressar sua mágoa infinita, ele declarou:

- Eu daria até mesmo este olho que me sobrou para poupar desgosto ao meu patrãozinho. Mas ruim é o dia e foi providencial que o patrãozinho aparecesse...Seus pais morreram!

- Meu pai Senmut e minha mãe Kipa?!... - disse eu erguendo as mãos como é costume em tais lances. E senti meu coração pulsar furiosamente em meu peito.

- Esta manhã os meirinhos arrombaram a porta deles, pois ontem os haviam notificado da evicção. Mas os encontraram estirados na cama, inertes. Portanto ainda hoje o meu senhor os deve levar para a Casa dos Mortos pois amanhã a casa vai começar a ser demolida por ordem do novo dono.

- Meus pais souberam o que aconteceu? - perguntei; e não tive coragem de olhar para a cara do meu ex-escravo.

- Seu pai Senmut veio procurá-lo; trazia-o pelo braço sua mãe Kipa, pois ele não enxerga o caminho. Velhinhos e trôpegos, tremiam, enquanto andavam. Mas eu não sabia onde o patrãozinho estava. Seu pai então disse que fora melhor assim e me contou como os meirinhos o tinham posto para fora da casa e carimbado seus ombros e todos os bens do casal, significando assim que ele e a mulher não possuíam mais nada além dos trapos que vestiam. Como perguntassem a razão de tudo isso os beleguins riram e disseram que um tal Sinuhe vendera a casa, os bens e a tumba dos pais a fim de dar ouro a uma mulher perdida. Depois de hesitar bastante tempo o pai do patrãozinho me pediu uma moeda de cobre, pois precisava ditar uma carta para o patrãozinho e tinha assim que pagar esse trabalho a qualquer escriba. Mas acontece que já estava aqui nesta casa o novo dono e exatamente nessa hora apareceu a mãe de tal homem e me esbordoou porque eu estava perdendo meu tempo com um mendigo. Tenho certeza de que o patrãozinho vai acreditar que eu queria dar a moeda de cobre a seu pai, pois embora eu não tivesse tido ensejo de roubar nada do meu povo patrão, ainda tinha em meu poder cobre e prata do que furtei do patrãozinho e dos anteriores amos. Quando voltei à porta da rua, seus pais já se tinham ido. A mãe do meu novo patrão me proibiu

de correr atrás deles e me fechou no fosso de assar, durante a noite, para evitar que eu fugisse.

- Meu pai deixou algum recado?

- Não deixou recado nenhum, patrão.

Conquanto meu coração fosse uma pedra dentro de meu peito, meus pensamentos eram serenos como pássaros no ar macio. Pus-me a refletir um pouco e disse a Kaptah:

- Dá-me todo cobre e prata que ainda tens. Depressa! Natural é que Ammon ou algum outro deus te recompense, já que eu não posso. Preciso transportar meus pais para a Casa da Morte e não disponho de meio nenhum para pagar o embalsamamento de seus corpos.

Kaptah recomeçou a chorar e a se lamentar, mas acabou se dirigindo a um canto do jardimzinho, olhando para todos os lados conforme faz um cão que enterrou um osso. Levantando uma pedra tirou um trapo onde estava amarrado todo o seu cobre e toda a sua prata; menos de dois debens, que era quanto juntara em toda a sua existência. Entregou-me tudo, verdade é que chorando muito. Abençoado seja ele, por isso, por toda a eternidade.

Fui depressa para a casa de meu pai onde encontrei as portas arrombadas e rótulos e carimbos em cima de tudo quanto havia lá dentro. Os vizinhos se tinham aglomerado no jardim. Ergueram as mãos e se afastaram de mim, horrorizados, em silêncio total. No quarto dos fundos jaziam sobre a cama Senmut e Kipa, com os semblantes com a mesma cor de quando eram vivos. E no chão fumegava ainda um braseiro cuja fumaça os havia sufocado. Para tanto os dois tinham fechado hermeticamente janelas e portas. Costurei a mortalha em torno dos corpos de ambos, apesar do selo existente até mesmo na mortalha, e fui buscar um condutor de burro que concordou em me deixar transportar os corpos.

Com a sua ajuda os icei para o lombo do animal e os levei para a Casa da Morte. Mas na Casa da Morte não os quiseram aceitar porque eu não dispunha de prata suficiente nem mesmo para pagar o embalsamamento mais barato. Disse então aos lavadores de cadáveres:

- Sou Sinuhe, filho de Senmut e meu nome está registrado no Livro da Vida, muito embora um cruel destino me haja privado de prata

bastante para o enterro de meus pais. Ora, ouvi bem: rogo-vos em nome de Ammon e de todos os deuses do Egito, que embalsameis os corpos de meus pais e vos servirei com toda a minha habilidade durante todo o tempo indispensável para a completa preservação dos mesmos.

Blasfemaram por causa de aborrece-los com a minha insistência, descompuseram-me, mas por fim o capataz bexiguento aceitou o dinheiro de Kaptah, enfiou um gancho no queixo de meu pai e o mergulhou no recipiente do banho geral. Fez o mesmo com minha mãe, atirando-a num banheiro igual.

Havia trinta banheiros destes. Todos os dias um era esvaziado e outro era cheio, de modo que os corpos dos pobres permaneciam durante trinta dias mergulhados em sal e lixívia para se preservarem contra a morte. Era apenas isso que era feito; e eu estava longe de ter a menor idéia a tal respeito.

Tive que voltar à casa de meus pais por causa do sudário que tinha o selo da lei. O capataz disse-me com ar de zombaria:

- Volte ainda hoje, do contrário tiraremos os corpos de seus pais e os jogaremos aos cães.

Isso bastou para que eu percebesse que ele me tomara por mentiroso, não acreditando que eu fosse médico. Voltei impassível à casa de meu pai embora, ao entrar, as paredes vacilantes bem como o sicomoro e a cisterna - presenças da minha infância - parecessem me apostrofar. Repus depressa o pano no lugar de onde o tirara, e sai a correr.

Ao sair encontrei um escriba que dobrava a sua mesinha portátil na esquina da rua defronte de uma loja de merceiro.

Disse-me:

- Sois Sinuhe, o filho de Senmut, o Justo?

- Sim, eu o sou.

- Não fujais de mim, pois tenho uma mensagem de vosso pai e me cumpre entregá-la. Ele não vos encontrou em casa.

Prostrei-me e cobri a cabeça com as mãos enquanto o escriba tirava o papel e lia alto:

"Eu, Senmut, cujo nome está escrito no Livro da Vida e minha mulher Kipa, enviamos nossa benção a nosso filho Sinuhe que



recebeu na casa do Faraó o nome de O Que Está Sozinho. Os deuses te mandaram para nós, durante tua vida só nos causaste alegria, e grande tem sido o nosso orgulho em ti. Estamos aflitos por tua causa porque tens passado vicissitudes e não nos foi dado ajudar-te conforme quiséramos. Acreditamos que em tudo quanto fizeste alguma justificação houve, pois não conseguiste agir diferentemente. Não te aflijas por nós pelo fato de haveres vendido a nossa tumba, pois evidentemente não farias tal coisa sem um motivo forçoso. Mas os meirinhos nos deram prazo e não nos sobra tempo para aguardar a nossa morte. Ela, a morte, nos é propícia agora como o sono ao cansado e como o lar ao fugitivo. Nossa vida foi longa e nos proporcionou muitas alegrias, mas a alegria maior sempre nos foste tu, Sinuhe que vieste a nós mandado e trazido pelo rio quando já éramos velhos e tão solitários. Isto posto, te abençoamos. Não te aflijas por não termos tumba, pois a existência, toda ela, não é senão vaidade, e talvez seja melhor que volvamos ao nada, sem procurar encontrar outros perigos e mais percalço nessa difícil jornada para a Terra do Poente. Lembra-te sempre que a nossa morte foi fácil e que te abençoamos antes de partir. Possam todos os deuses te proteger do perigo. Que teu coração se escude contra as vicissitudes, e que venhas a encontrar alegria em teus filhos conforme encontramos em ti. Eis o desejo de teu pai Senmut e de tua mãe Kipa.”

Fundiou-se a pedra que era meu coração, fluindo em lágrimas sobre o pó do chão. O escriba disse:

- Aqui está a carta. Não traz o sinete de vosso pai, e nem pode ele assiná-la visto já não enxergar, mas decerto me acreditareis se vos disser como digo que a escrevi palavra por palavra segundo me ia sendo ditada; além disso as lágrimas de vossa mãe mancharam os caracteres aqui e acolá.

Mostrou-me o papel, mas meus olhos estavam cegos por causa do pranto e não vi nada. Enrolando-o, entregou-mo e continuou:

- Vosso pai Senmut era um homem justo e vossa mãe uma excelente criatura... conquanto de língua áspera às vezes como é feitio das mulheres. Ora, escrevi isso para vosso pai apesar dele não dispor do menor presente para mim. Quero que fiqueis com

este papel que, aliás, é bom e podia ser usado outra vez, limpando-se o que aí foi escrito.

Refleti durante algum tempo e disse:

- Eu também não tenho nenhum óbulo para vos dar, ó excelente homem. Ficai com o meu manto; é de tecido bom; apenas está sujo e amarfanhado. Que todos os deuses do Egito vos abençoem e que vosso corpo seja preservado para sempre, pois vós mesmo ignorais o mérito da ação que fizestes. Ele aceitou o manto e foi embora agitando-o por cima da cabeça e rindo de contentamento. E eu me dirigi para a Casa da Morte apenas de sunga, como um escravo ou um carroceiro, a fim de ajudar os lavadores de cadáveres durante trinta dias e trinta noites.

Sendo médico, eu imaginava que já vira tudo quanto podem mostrar a morte e o sofrimento. Cuidava também que já me habituara a não estranhar cheiros tanto havia eu tratado tumores e pústulas. Mas tão logo principiei a trabalhar na Casa da Morte me certifiquei de que a tal respeito eu não passava de um criança e ignorava tudo. Os pobres, com efeito, quase não nos davam nenhum trabalho. Jaziam pacificamente em seus banhos que tresandavam a sal e lixívia; logo aprendi a manobrar o gancho com que eles eram movidos. Já os corpos dos de melhor categoria requeriam tratamento mais complicado, e isso de raspar entranhas e colocá-las em vasos exigia um temperamento embrutecido.

Muito mais medonho era assistir à espoliação a que Ammon submetia os mortos, muito mais do que os vivos. O preço do embalsamamento variava de acordo com os meios, e os embalsamadores enganavam os parentes dos defuntos exagerando o preço e dizendo que necessitavam de óleos, unguentos e reservativos custossíssimos que juravam que empregavam, muito embora se servissem sempre do mesmo óleo de sésamo. Apenas os corpos dos ilustres eram submetidos deveras a todas as regras estipuladas. Quanto aos dos outros, enchiam-nos com um óleo corrosivo que consumia as vísceras, sendo então a cavidade forrada com fibras mergulhadas em resina. Para os pobres nem mesmo isso era feito. Após remove-los da banheira no trigésimo dia eram postos a secar e em seguida devolvidos aos parentes.

A Casa da Morte era administrada por sacerdotes. Mesmo assim os embalsamadores e lavadores de cadáveres roubavam tudo que podiam e se consideravam no direito de agir assim. Apenas os amaldiçoados pelos deuses ou os criminosos que fugiam das autoridades se empregavam como lavadores de cadáveres, e podiam ser reconhecidos de longe pelo cheiro de sal, de lixívia e de cadáver que era inseparável do ofício. Assim toda gente os evitava e não eram admitidos em casas de pasto nem em alcouces.

Como me achava trabalhando ali voluntariamente, os lavadores de cadáveres me supunham igual a qualquer deles, e não me escondiam nenhuma de suas ações. Se já não houvesse testemunhado coisas piores fugiria apavorado ante o modo com que profanavam os corpos mesmo das pessoas mais distintas, mutilando-os para vender às feiticeiras os órgãos de que estas precisavam. Se existe uma Terra do Poente - que só por causa de meus pais espero que haja - creio que muitos dos mortos hão de ficar espantados ante a sua condição de amputados quando começarem sua jornada, a despeito das somas pagas no templo para seus funerais.

Mas a alegria maior na Casa da Morte se dava quando era trazido o corpo de uma mulher jovem, fosse ela bonita ou vulgar. Não era arremessada imediatamente à banheira, mas durante aquela noite ficava como companheira de catre de um lavador de cadáveres; tais homens brigavam e deitavam sortes a ver qual deles deveria ficar com a defunta. Sim, pois tais indivíduos eram tão horripilantes que nem mesmo a prostituta mais reles se submetia a eles mesmo que oferecessem ouro. Nem mesmo as negras os queriam, tendo-lhes pavor.

Uma vez um homem entrando para trabalhar na Casa da morte e aceitando o serviço de lavador de cadáveres, raramente deixava tal ofício por causa da aversão em que sua casta era tida, passando a viver toda a existência entre carcaças.

Durante os primeiros dias todos eles me pareciam mareados pela maldição dos deuses, e a conversa e a zombaria enquanto profanaram os corpos ultrajavam meus ouvidos.

Mais tarde vim a verificar que entre eles havia artesões que levavam a sério, honradamente, seu ofício, considerando-o o mais importante de todos, sendo que muitos seguiam a carreira de seus antepassados, hereditariamente. Cada qual se especializava em determinado ramo como faziam os médicos na Casa da Vida. Assim, alguns só se encarregavam de cuidar de cabeças, outros de ventres, outros ainda de corações, aqueles outros de pulmões, de modo a desta forma o corpo humano inteiro ser tratado parte por parte para adquirir preservação eterna.

Entre eles havia um homem idoso, chamado Ramose, que se incumbia da tarefa mais difícil de todas: tinha que destacar o cérebro e retirá-lo pelas narinas do defunto servindo-se de pinças; feito isto, lhe incumbia "enxaguar" o crânio por dentro com óleos purificadores. Notou a habilidade de minhas mãos, admirou-se, e começou a instruir-me a tal ponto que quinze dias depois me fez seu auxiliar na Casa da Morte, tornando assim a minha vida mais suportável. Ajudei-o nesse trabalho que era o mais limpo e o mais considerado ali dentro.

Tamanha era a sua influencia que os outros não ousaram mais me amedrontar nem me jogar tripas nem fezes. Não sei como lhe adveio tal poder, pois nem sequer falava, quase. Quando me dei conta dos roubos e vi o pouco que era feito para preservar os corpos dos pobres apesar dos preços caros, resolvi socorrer meus pais pessoalmente e adquirir-lhes indebitamente a vida eterna. Pois para a minha mente meu pecado contra eles já era tão horrendo que nada, nem mesmo um processo ilegal, podia piorar minha culpa. A única esperança e alegria da velhice de ambos tinha sido a idéia da própria preservação eterna. Assim, ansiando realizar e efetivar tal desejo, os embalsamei, com a assistência de Ramose, e os envolvi em tiras e faixas de linho, permanecendo para tal fim quarenta dias e quarenta noites na Casa da Morte. Com isto a minha estadia foi prolongada de modo a poder me apropriar bastante do necessário para o tratamento adequado dos corpos. Mas não tinha tumba para onde os levar e nem mesmo um caixão de madeira; e o mais que consegui fazer foi costurá-los juntos num couro de boi.

Estava já pronto para deixar a Casa da Morte, quando me veio uma indecisão que alterou até o bater de minhas veias.

Ramose, que tinha notado a minha capacidade de trabalho insistia para que eu permanecesse na qualidade de seu Assistente.

Poderia então ter um ordenado, furtar bastante e passar a minha vida nos dédalos da Casa da Morte sem que nenhum dos meus amigos soubesse; e ainda por cima inteiramente livre dos sofrimentos e surpresas de uma vida normal. Todavia não tive forças para ficar, e eu próprio ignoro por que motivo.

Após me lavar e me purificar com esmero, saí da Casa da Morte. Os lavadores de cadáveres soltavam blasfêmias e pilhérias, como despedida. Não que me quisessem mal. Era assim que se comunicavam com o próximo. Não conheciam outras maneiras. Ajudaram-me a carregar para fora o couro de boi. Apesar de haver tomado um banho completo os transeuntes principiaram a se afastar apertando as narinas e fazendo gestos insultantes, tão impregnado estava eu com o cheiro da Casa da Morte. Nenhum barqueiro quis me transportar para a outra margem do rio. Tive que esperar que a noite caísse para, esgueirando-me das sentinelas, me apropriar de um barco de verga. Remei para a outra banda, levando os corpos de meus pais para a Cidade dos Mortos.

A Cidade dos Mortos era guardada estritamente dia e noite, e impossível me seria encontrar uma tumba sem vigilância onde esconder meus pais a fim de que pudessem sobreviver eternamente em meio às oferendas que eram trazidas para os mortos ricos e ilustres. Levei por isso os corpos deserto adentro, com o sol a queimar minha pele e o percurso a estafar meus membros, até me estatelar, gemendo, certo de que ia morrer. A verdade é que ainda assim consegui transportar a querida carga para além das montanhas, através de atalhos perigosos utilizados apenas por bandidos. Penetrei assim no vale proibido onde jaziam sepultados os faraós.

Chacais uivavam dentro da noite; serpentes venenosas do deserto sibilavam, escorpiões corriam por entre as penhas mornas. Eu não sentia medo nenhum porque meu coração se tornara indiferente a quaisquer perigos. Apesar de moço saudaria a morte de bom grado

se ela resolvesse se encarregar da minha solução, porque a minha volta à claridade solar e ao mundo dos homens me fizera sentir outra vez a amargura do meu opróbrio. Assim, que poderia me oferecer ainda a vida?

Naquele tempo eu ignorava que a morte se afasta do homem que a deseja e que acomete todo aquele que está sobremodo preso à vida. As serpentes fugiam dos meus pés, os escorpiões não me faziam mal, e o calor do deserto não me sufocava.

Os próprios guardas do Vale pareciam ter ficado cegos e surdos e não viam nem ouviam minhas quedas por entre pedras. Se me descobrissem instantaneamente me matariam abandonando meu corpo aos chacais. Desta forma o vale proibido se abriu diante de mim, mortalmente lívido e plácido, e mais majestoso em sua desolação do que todos os majestosos faraós entronizados durante existências inteiras.

Caminhei pelo vale a noite inteira procurando a tumba de um grande faraó. Já que chegara até ali considerei que só a melhor sepultura conviria para meus pais. Procurei e achei uma tumba cujo faraó houvesse tomado o navio de Ammon recentemente, onde as oferendas ainda pudessem estar frescas cujas cerimônias fúnebres no templo tivessem sido realizadas escrupulosamente.

Quando a lua sumiu, cavei uma passagem na areia ao lado da entrada, e acolá enterrei meus pais. Ao longe, no deserto, os chacais uivavam. Pareceu-me que Anuais percorria as imediações, vigiando meus pais e lhes fazendo companhia naquela última viagem. Sabia que seus corações não teriam que ficar esperando na grande escadaria diante de Osiris, muito embora faltasse aos meus pais o livro da morte dos sacerdotes e ignorassem as habituais mentiras aprendidas e decoradas com que os ricos se apresentavam como crentes. Suave foi o alívio que se apoderou da minha alma quando os recobri com areia, pois assim podiam viver por todos os séculos dos séculos ao lado do grande faraó e humildemente usufruir as boas oferendas ali expostas. Viajariam para a Terra do Poente no navio do faraó, comeriam o pão real e beberiam o vinho régio.

Enquanto acumulava areia em cima deles, minha mão roçou em qualquer coisa minúscula e dura, e verifiquei que se tratava de um

escaravelho sagrado esculpido em pedra vermelha, com umas joiazinhas no lugar dos olhos e todo recoberto de sinais litúrgicos. Tremi e comecei a derramar lágrimas porque me pareceu que aquilo era um sinal mandado por meus pais dizendo que estavam contentes e em paz. Foi o que resolvi acreditar, muito embora soubesse que o escaravelho devesse ter caído do tesouro da tumba do faraó.

A lua já descambara desde muito e o céu começou a ir ficando pálido. Inclinei-me sobre a areia, despedindo-me de meu pai Senmut e de minha mãe Kipa. Que seus corpos se preservem para sempre e que suas vidas na Terra do Poente sejam cheias de delícias. Somente por causa deles chego a desejar que exista tal terra, embora desde muito não acredite mais.

Atingi as margens do Nilo naquele mesmo dia, bebi das suas águas e me deitei a dormir entre caniços. Meus pés estavam cheios de lanhos e feridas; minhas mãos sangravam. O deserto me cegara, meu corpo ficara cheio de arranhões e empolas, mas eu vivia e o sono venceu o sofrimento, porque o meu cansaço era infinito.

Acordei de manhã com o grasnar de patos por entre os juncais. Ammon navegava em sua nave dourada atravessando os céus, e da margem distante vinha a mim o murmúrio da cidade. embarcações fluviais deslizavam com suas velas vermelhas; lavadeiras batiam peças de roupa em suas tábuas, rindo e tagarelado enquanto trabalhavam. Manhã nova e sadia; mas meu coração se achava vazio e a vida se esvaía em cinza por entre meus dedos.

Submetera-me à grande expiação e agora já não achava propósito nem razão real na minha existência. Vestia minhas ilhargas uma simples sunga igual à dos escravos. Minhas costas estavam queimadas e sem chagas. E não possuía a menor moeda de cobre com que comprar alimento. Sabia que se saísse dali imediatamente as sentinelas me interpelariam.

Responder-lhes o que, se cuidava meu nome Sinuhe amaldiçoado e desonrado para sempre?

Raciocinava deste modo quando reparei em qualquer coisa viva junto de mim: um ser qualquer que à primeira vista não imaginei que fosse criatura humana e sim, bem mais, um espectro ou

pesadelo. No lugar onde devia ser o nariz havia um orifício; as orelhas tinham sido cortadas; a pele era flácida. Examinando mais de perto, verifiquei que tinha imensas mãos esqueléticas mas que o corpo era grosso e cheio de vincos como do peso de cargas ou de marcas de cordas. Vendo que eu o observava, disse:

- Que é que estás segurando com tanto empenho aí na mão?

Abri-a e lhe mostrei o escaravelho sagrado que tinha encontrado na areia do vale proibido. Ele falou, então:

- Dá-me isso. Talvez me traga sorte, coisa de que muito preciso porque não passo de uma pobre carcaça.

Respondi-lhe:

- Eu também sou pobre e a única coisa que possuo é este escaravelho. Gostaria de guardá-lo como talismã para favorecer minha vida.

- Vale sempre uma moeda de prata. E apesar de eu ser pobre e mutilado, sinto pena da tua pobreza também e vou te comprar o escaravelho que na verdade não passa de um pedacinho de pedra pintada. Está aqui a moeda de prata.

E de fato arrancou do cinturão uma moeda de prata. Ainda assim resolvi conservar comigo o escaravelho, obcecado pela idéia de que me seria benéfico. Expliquei isso ao tal homem que retorquiu de mau modo:

- Esqueces-te de que eu podia ter dado cabo de ti enquanto dormias. Sim, estive demoradamente a te observar perguntando a mim mesmo que seria que seguravas com tamanho empenho na mão fechada. Esperei que acordasses, mas agora me arrependo de não te haver matado já que és um ingrato.

- Tuas orelhas e teu nariz provam que és um criminoso escapado das pedreiras. Pena foi que não tivesses dado fim à minha vida enquanto eu dormia... Teria sido uma boa ação, pois sou sozinho e não tenho para onde ir. Acautela-te porém e fuge daqui porque se as sentinelas te descobrem acabam te amarrando os pés e te pendurando de cabeça para baixo na muralha. Ou, quando muito, te levam para o lugar de onde fugiste.

- De onde fugi? Mas que espécie de estrangeiro és tu que ignoras que não preciso temer os guardas pois sou um homem livre e não



um escravo?! Podia entrar na cidade, se quisesse, e só não o faço porque o meu rosto amedronta as crianças.

- Como pode ser livre uma pessoa condenada a vida toda a trabalhar nas pedreiras? Sim, pois é o que deduzo vendo o estado de tuas orelhas e de teu nariz. - E tive um esgar de zombaria, cuidando que ele mentia.

Respondeu-me:

- Ignoras então que o príncipe ao ser coroado com a coroa do Alto e do Baixo Reino decretou que todas as algemas fossem abertas e todos os escravos das minas e das pedreiras alforriados, doravante recebendo salário quem quer que trabalhe?

Deu uma risada vaga e prosseguiu:

- Os juncais das margens do rio estão cheios de camaradas resolutos que estão vivendo das oferendas das mesas dos ricos na Cidade dos Mortos... porque os guardas tem medo de nós que não tememos ninguém e muito menos os mortos. Ninguém imagina o que seja ter estado nas minas. Não existe sorte pior do que ser mandado para lá como escravo, conforme deves fazer idéia. Muitos de nós não tememos nem mesmo os deuses. Verdade é que acho que a prudência é uma virtude, e sou um homem pio... Pudera, passei dez anos numa pedreira!

Foi assim que fiquei sabendo que o herdeiro tinha sido entronizado como Amenhotep IV e que libertara todos os escravos e prisioneiros. Disso resultou que as minas e as pedreiras orientais junto à costa ficaram vazias; e também as do Sinai.

E isso porque não havia no Egito ninguém tão louco para trabalhar nas minas por vontade própria. A consorte real era a princesa de Mitani que ainda brincava com bonecas, e o faraó venerava um novo deus.

- Esse deus do faraó deve ser pela certa um deus formidando - comentou o ex-escravo - pois obriga o faraó a agir como um insano. Agora perambulam pelos Dois Reinos, livremente, ladrões e assassinos, as minas estão desertas e a fortuna do Egito tem que paralisar. Eu, por exemplo, sou inocente, fui vítima de uma injustiça; mas isso sempre aconteceu e sempre acontecerá, e considero maluqueira soltar milhares de criminosos para que assim se torne

livre um inocente. Mas isso é lá com o faraó e não comigo. Eu cá fico com a minha opinião.

Enquanto falava me observava, pondo atenção em meus braços e nas minhas costas esfoladas. Não se incomodou com o cheiro que se desprendia de mim, mostrando pelo contrário comiseração por eu ser jovem. Disse:

- Tua pele está queimada. Tenho óleo. Consentes que te passe um pouco nessas crostas.

Esfregou óleo nos meus braços e nas minhas pernas, dizendo palavras enquanto isso.

- Ammon Ammon! Nem eu próprio sei por que estou fazendo tal coisa, já que não me serves para nada. Acaso alguém me passou bálsamo e me lamentou quando me esbordoavam, e se insurgiu contra os deuses por causa da injustiça que me foi feita.

Estava farto de saber que quase todos os condenados e convictos protestam inocência; mas aquele homem estava sendo bom para comigo, e resolvi retribuir. Além disso me achava tão sozinho que tive medo que ele fosse embora e me deixasse naquela desolação. Disse-lhe, portanto:

- Que injustiça foi que cometeram contra ti? Conta-me para que eu lamente.

- Digo-te em verdade que outrora fui homem livre com terras a cultivar, uma choupana, mulher, bois e cerveja levedando em jarras. Acontece que era meu vizinho de terras um homem influente chamado Anukis. Tomara que o corpo dele seja podridão! Possuía terras que a vista não podia abranger de uma vez só; o gado era incontável como os grãos de areia do deserto, e quanto o gado mugia dir-se-ia bramir de oceano... Pois ainda assim, ele cobiçou a minha jeira. Enfezava-me de todos os modos possíveis e após cada inundação, quando o terreno era medido de novo, eu notava que as pedras de demarcação tinham sido mudadas. Sim, cada vez elas se aproximavam mais da minha cabana e eu ia perdendo o meu chão. O que era que eu podia fazer? Os intendentess davam ouvidos a ele e não a mim porque os enchia de presentes.

O homem sem nariz suspirou e continuou a passar óleo nas minhas costas.

- Apesar de tudo isso eu ainda poderia estar morando na minha choupana se os deuses não me houvessem desgraçado dando-me uma filha formosa. Eu tinha três filhas e cinco filhos, pois os pobres procriam depressa. Depois que a filharada cresceu me serviu de auxílio e de alegria, não obstante um dos filhos ter sido roubado quando criança por um mercador sírio. Mas a filha caçula era muito bonita e em meu orgulho de pai, não a deixava fazer trabalhos grosseiros nem carregar água para que não queimasse a pele, razão pela qual também não deixei que trabalhasse na lavoura. Teria sido melhor cortar-lhe o cabelo e esfregar fuligem em seu rosto, pois o meu vizinho assim que a viu começou a desejá-la. Deixar-me-ia com a minha terra, quieto, se eu lhe tivesse dado minha filha. Mas com isso não concordei, pois confiava que a beleza de minha filha lhe atraísse um homem decente para esposo... Um homem que cuidasse de mim na minha velhice e me quisesse bem. Certa vez os criados dele me acometeram. Eu tinha apenas o meu cajado mas com isto derrubei um deles ferindo-o na cabeça; e o indivíduo morreu. Então as autoridades me cortaram o nariz e as orelhas, e me remeteram para as minas. Minha mulher e meus filhos foram vendidos como escravos, mas Anukis conservou consigo a minha caçula, aproveitou-se dela quanto quis e depois a cedeu aos criados. Ora, foi ou não foi uma injustiça me mandarem para as minas? Quando agora, dez anos depois, o rei me concedeu liberdade, fui depressa para casa, mas meu tugúrio não existia mais, gado alheio pastava nas minhas relvas, e minha filha não quis saber de mim, jogou-me água quente nos pés acolá no telheiro do curral. Vim a saber que Anukis tinha morrido e que estava depositado na sua tumba na Cidade dos Mortos perto de Tebas, e que havia uma inscrição em cima de sua tumba. Vim então para Tebas decidido a contentar meu coração com o que pudesse estar escrito na tal cártula. Mas não sei ler nem encontrei quem soubesse, apesar de haver descoberto a tumba mediante sucessivas informações.

- Se queres, posso ler a inscrição.

- Que teu corpo seja preservado para sempre se me fizeres tal favor, pois não quero morrer ignorando o que Anukis mandou escrever.

Fomos juntos para a Cidade dos Mortos, sem que as sentinelas nos interpelassem e caminhamos tempo enorme por entre fileiras de tumbas até chegarmos diante de uma grande onde havia uma porção variada de bolos, frutas e flores. Uma botija fechada, com vinho, estava lá, também. O homem sem nariz comeu das oferendas, dando-me parte, e depois solicitou que lhe lesse o que estava escrito por cima da porta.

E o que li foi mais ou menos isto:

”Eu, Anukis, semeei cereais e plantei árvores frutíferas, e as minhas safras eram abundantes porque eu temia aos deuses e lhes oferecia como sacrifício um quinto do total das minhas colheitas. O Nilo sempre me galardoou com suas águas e enquanto vivi ninguém passou fome em minhas terras, nem faltou alimento aos meus vizinhos, pois fiz conduzir água para as terras deles e os alimentei com os meus cereais nos anos de carestia. Sequei lágrimas de órfãos e nunca prejudiquei viúvas, antes lhes saldei as dívidas, e o meu nome é abençoado de ponta a ponta da região. Aqueles cujo boi morria eu dava outro, novo e sadio. Cheguei ao escrúpulo de não remover demarcações nem proibi que a água corresse das terras vizinhas alagando meus campos, não deixando porém que isso se desse ao contrário. Vivi em justiça e comiseração todos os meus dias. Tais coisas fiz eu, Anuais, a fim de que os deuses fossem bondosos para comigo aliviando minha cornada para a Terra do Poente.”

O homem sem nariz ouviu reverentemente e, quando acabei, ele derramou lágrimas amargas, dizendo:

- Sou um desgraçado e acredito em tudo quanto aí se acha escrito. Vejo pois que Anuais foi um homem virtuoso, acatado em morte. As gerações futuras lerão esta inscrição por cima da porta da sua tumba e o venerarão. E eu sou um miserável e um malfeitor e acabei sem nariz nem orelhas de modo que a minha vergonha está exposta perante todos, e quando eu morrer meu corpo será arremessado ao rio e deixarei de existir até mesmo como alma. Tudo neste mundo não é vaidade?

Rompeu o selo da botija e se pos a beber. Passou um guarda e o ameaçou com seu bastão, mas o meu companheiro disse:

- Anuais foi bom para mim em seus dias de vida e quero venerar sua memória comendo e bebendo aqui na sua tumba. Caso, porém, me queiras agarrar, ou mesmo prender também aqui o meu amigo. - que é um homem culto - lembra-te que há uma porção de camaradas meus decididos, acolá pelos juncais, muitos deles armados com punhais e que podem muito bem te assaltar de noite e te cortar a garganta.

Encarou sinistramente o guarda, com sua fisionomia medonha. O guarda olhou para um e outro lado e continuou seu caminho. Ficamos comendo e bebendo junto da tumba de Anuais, e a aba do teto por cima das oferendas nos própriopinava uma boa sombra. E o homem refletiu alto:

- Vejo agora que teria sido melhor se eu entregasse de bom grado a minha filha a Anuais. Decerto ele me deixaria ficar com a choupana, outrossim, me daria presentes, pois minha filha era linda e virgem, ao passo que atualmente não passa de um pelejo para os criados dele. Vejo que os direitos dos ricos e dos poderosos são os únicos direitos no mundo e que a palavra dos pobres não chega aos ouvidos do faraó. Tirando um pouco a botija dos lábios riu e exclamou:

- A tua saúde, corretíssimo Anukis, que o teu corpo seja preservado para sempre. Não desejo te seguir à Terra do Poente onde tu e teus iguais viveis jubilosamente com o favor dos deuses. Ainda assim acho direito que, dada a tua bondade notória, continues cá nesta terra a dividir comigo taças de ouro e jóias da tua tumba. Assim pois, esta noite virei te visitar quando a lua estiver encoberta por uma nuvem.

- Que estás dizendo, Desnarigado? - exclamei, apreensivo, fazendo inadvertidamente o sinal sagrado de Ammon. - Não te vais converter num profanador de túmulos, pois isso é o mais vil dos crimes aos olhos dos deuses e dos homens!

Mas o Desnarigado, sob a influencia do vinho, retorquiu:

- Deixa de dizer besteira, figurão! Tenho contas a ajustar com Anukis, e como sou menos generoso do que ele, reforçarei minhas exigências. Caso tentes me impedir te quebro o pescoço. Se, pelo

contrário fores ajuizado, tratarás de me ajudar visto como quatro olhos vêem melhor do que dois.

- Não percebes que juntos tiraremos muito mais coisas da tumba do que me seria possível sozinho? Viremos a uma hora em que não haja lua.

- Não quero ser dependurado pelos pés numa muralha e sofrer chibatadas - disse eu, trânsido de medo. Mas, refletindo, me dei conta de que dificilmente a minha vergonha poderia ser mais profunda, mesmo que meus amigos me vissem dependurado assim. Em que podia a morte me aterrorizar?

Naquela noite os soldados remaram atravessando o rio, vindo da cidade guardar as tumbas; mas o novo faraó deixara de lhes dar os habituais presentes que se distribuíam durante cerimônias como a coroação.

Estavam pois desgostosos e, como bebessem muito vinho - que era o que não faltava entre as oferendas - puseram-se também a arrombar as tumbas e a despojá-las. Ninguém se opôs a que o Desnarigado e eu violássemos a sepultura de Anukis, revirássemos seu caixão e tirássemos quantas taças de ouro e valores pudéssemos carregar. De madrugada um bando de mercadores sírios se reuniu na margem do rio para comprar quanto fora saqueado, levando tudo rio abaixo em seus navios.

Vendemo-lhes o nosso saque, recebendo aproximadamente duzentos debens em ouro e prata que dividimos entre nós de acordo com o peso estampado em cada metal. O preço que conseguimos foi mera fração do valor real dos bens, e o ouro tinha bastante liga; mas o Desnarigado ficou radiante.

- Vou acabar sendo um homem rico pois este ofício é mais proveitoso do que cambalear debaixo de carga pelo porto, ou do que carregar água dos poços de irrigação para os campos.

Aparteei:

- Tanto vai o cântaro à fonte que se quebra...

Separamo-nos e despedimo-nos pois, tendo eu voltado na barca de um mercador para a outra banda, entrando em, Tebas. Comprei vestuários novos, comi e bebi numa taverna, porque o cheiro da Casa da Morte já estava me deixando. Mas durante o dia inteiro

vinham da Cidade dos Mortos, através do rio, sons de trombetas e ruídos de armas. Carros passavam com escarcéu ao longo das alamedas entre as sepulturas, e o corpo da guarda do faraó perseguiu os soldados e os mineiros depredadores, golpeando-os com espadas a ponto dos gritos serem ouvidos em Tebas. Ao fim da tarde a muralha estava com uma linha contínua de corpos pendurados pelos tornozelos, e a ordem foi restaurada. Dormi uma noite numa estalagem; depois me dirigi para onde morara antigamente e chamei alto o nome de Kaptah. Irrompeu capengando, com a cara inchada de pancadaria. Ao dar comigo chorou de júbilo e se jogou aos meus pés.

- Ah! O patrãozinho sempre voltou! Eu que o cuidava morta! Pois imaginava que caso o meu amo estivesse vivo viria me procurar pela certa em busca de mais dinheiro, cobre e prata. Uma vez a gente começando a ter caridade, não pára mais... Mas o patrãozinho não veio, apesar de eu haver furtado do meu patrão novo de uma só vez muito mais do que diz em toda a minha vida, antes. Isso aliás, está nítido através de meu rosto e do meu joelho, tamanha foi a bordoadada que apanhei ontem. A mãe dele, mais velha do que um crocodilo velho - tomara que feda eternamente! - ameaçou-me vender... Estou apavorado...Deixemos esta casa amaldiçoada, patrãozinho e fujamos juntos.

Hesitei e ele levou isso a mal.

- Palavra de honra que roubei tanto que posso tomar conta do patrãozinho durante algum tempo. Quando o dinheiro acabar poderei trabalhar para o patrãozinho, só querendo agora que me leve consigo.

- O que me trouxe aqui foi o desejo de te pagar a minha dívida, Kaptah - disse eu; e fui contando e pondo na mão dele ouro e prata até perfazer muitas vezes a quantia que ele me dera. - Entretanto, se preferes, posso comprar a tua liberdade. Pago o que o teu novo amo pedir e assim poderás vir comigo.

- E uma vez livre para onde é que vou, visto que a vida inteira fui escravo? Sem o patrãozinho sou um gato cego, um cordeiro tomado de espanto. E para que há de gastar ouro pela minha liberdade? Para que pagar aquilo que já é seu?... - Piscou o olho único, após

uma reflexão. - Um grande navio está a zarpar para Esmirna. Por que motivo não nos aventurarmos a seguir nele, oferecendo antes um regular sacrifício aos deuses? É lamentável, patrãozinho, que eu ainda não haja descoberto um deus bastante poderoso desde que desisti de Ammon que me pos nestes apuros...

Lembrei-me do escaravelho que tinha achado e o dei a Kaptah, dizendo:

- Aqui tens tu um deus bastante poderoso apesar de tão pequeno. Guarda-o bem porque acho que ele nos trará sorte. E a prova é que já tenho ouro na minha bolsa. Disfarça-te como sírio e fuge, se assim queres, mas não te deixes de mim se fores agarrado depois como escravo fugido, que esse deus pequenino te ajude. Assim poupamos dinheiro para comprar nossa passagem para Esmirna. Não posso mais olhar para a cara de ninguém aqui em Tebas e em toda a terra do Egito; portanto, não voltaremos nunca mais.

- Não jure coisa nenhuma pois ninguém sabe o que o dia de amanhã pode trazer. Todo aquele que bebeu uma vez água do Nilo não poderá jamais aplacar a sede em outro lugar. Não sei que erro foi que o patrãozinho cometeu para abaixar assim os olhos quando fala... Mas o patrãozinho é moço e algum dia esquecerá isso. A ação de um homem é como uma pedra jogada num poço. Espadana água, e ondas se espalham em círculos; não demora, porém, que a água fique quieta outras vez, sem nenhum sinal mais da pedra. A memória humana é como essa água. Uma vez passando tempo suficiente, toda gente esquecerá o seu erro, patrãozinho, e então poderá regressar...Espero que a tal altura o patrãozinho esteja rico e poderoso a fim de me proteger.

- Vou e não voltarei - disse resolutamente.

Foi então que a patroa de Kaptah o chamou com voz estridente. Fui esperá-lo na esquina da rua. Não demorou que ele viesse ao meu encontro, com um cesto. Dentro do cesto estava uma trouxa, e Kaptah agitava umas moedas de cobre na mão.

- A mãe de todos os crocodilos me mandou fazer compras no mercado - disse ele, radiante. - Como de hábito, me deu dinheiro que não chega para nada; mas sempre adianta alguma coisa, pois acho que Esmirna é bem longe daqui.



Aquela trouxa dentro de cesto escondia sua roupa e uma cabeleira. Desceu até à beira do rio e mudou de roupa lá entre os caniços. Comprei-lhe um bonito cajado dos usados pelos criados e lacaios nas casas dos nobres. A seguir fomos ter ao cais onde os navios sírios se achavam ancorados e vi um grande navio de três mastros, em cujo flanco, da proa à ré, corria uma corda da espessura do corpo de um homem e em cujo mastro central flutuava o sinal de partida. O capitão era sírio, ficou radiante ao saber que eu era médico, tinha em grande conceito a medicina egípcia e na sua equipagem havia muitos doentes. O escaravelho nos estava dando sorte, deveras, pois ele nos registrou no livro de bordo e não quis cobrar a passagem redargüindo que assim pagava meu serviço. Desse momento em diante Kaptah passou a venerar o escaravelho como um deus, unguindo-o diariamente e o embrulhando num pano especial.

Zarpamos, os escravos começaram a se curvar por sobre os remos e em dezoito dias atingimos os limites entre os Dois Reinos. Daí a outros dezoito dias, alcançamos o Delta, e mais dois dias depois vimos diante de nós o mar, não havendo mais praias à vista.

Quando o navio começou a jogar, o rosto de Kaptah foi ficando cinzento e o escravo se agarrou à grande corda. Daí a pouco se queixava de que o estomago lhe queria sair pelas orelhas e que estava morrendo. O vento não amainou, o navio se pos a jogar mais pesadamente e o capitão o aproou para o alto mar, perdendo nós de vista a terra. Então também eu comecei a me sentir mal, mesmo porque não me capacitava de que modo o comandante a tornaria a achar. Deixei de rir de Kaptah porque eu próprio me sentia mareado, passando por momentos desagradabilíssimos. Daí a instantes Kaptah vomitou e se deixou ficar estirado no convés; estava verde de fisionomia e deixou de todo de falar.

Alarimei-me e quando vi que muitos outros passageiros se achavam vomitando e gemendo que estavam perdidos, dizendo isso com incríveis mutações de face, fui depressa em demanda do capitão e lhe disse que era claro que os deuses haviam amaldiçoado o seu barco já que uma terrível doença irrompera a bordo não obstante minha capacidade. Roguei-lhe que voltasse para terra enquanto

ainda a podia descobrir, do contrário eu, como médico, não me responsabilizava pelas conseqüências. Mas o capitão procurou me tirar o susto, disse que soprava um vento magnífico que nos levaria otimamente na nossa rota e que eu não devia zombar dos deuses chamando a isso uma tempestade. Jurou por sua barba que todos os passageiros tornariam a ficar tão lépidos e remoçados como cabritos assim que chegassem a terra firme, e que eu não precisava pensar que a minha dignidade de médico estava correndo perigo.

Não obstante tais palavras, tornando a observar o péssimo estado dos viajantes, achei difícil dar crédito ao comandante.

Por que motivo eu próprio não me sentia assim tão ruim não posso dizer a não ser refletindo que logo que nasci fui posto num barco de juncos que o Nilo embalou.

Procurei atender a Kaptah e aos demais; mal, porém, tocava em qualquer dos passageiros, recebia desaforos. Lembrei-me de dar algum alimento a Kaptah, para fortalece-lo; virou a cara e escancarou os maxilares com força fazendo um barulho que nem hipopótamos, como se fosse vomitar, embora não houvesse mais nada sua barriga. Ora, Kaptah jamais em sua vida virara a cara para o lado oposto a um prato e por isso comecei a pensar que meu escravo estivesse em perigo de vida. E fiquei preocupadíssimo, porque já estava principiando a me acostumar ao seu feitio, e gostava do meu escravo.

A noite caiu e por fim peguei no sono, não obstante o medo do navio que cada vez jogava mais, do flaflar assustador das velas e do bater das vagas de encontro à amurada. Passaram-se dias e não morreu passageiro nenhum; houve até quem melhorasse e pudesse comer e passear pelo convés. Somente Kaptah continuava deitado, não querendo tocar em comida; o único sinal que lhe vi de melhora foi ter disposição para rezar ao escaravelho; concluí que ele ganhara coragem e esperava chegar ainda a terra firme. No sétimo dia apareceu uma faixa de terra e o capitão me disse que íamos passar ao largo de Joppa e Tiro e que estava em condições de rumar diretamente para Esmirna graças aos ventos favoráveis. Como ele sabia isso foi coisa que não consegui deduzir. No dia seguinte

avistamos Esmirna e o comandante ofereceu opimos sacrifícios no seu camarote ao deus do mar e outros mais.

As velas foram arriadas, os remadores empunharam seus remos e nos conduziram para dentro do porto de Esmirna.

Quando atingimos local remançoso Kaptah se levantou e jurou pelo seu escaravelho que nunca mais pisaria num navio.

LIVRO V

OS CABÍRIOS



Vou agora falar da Síria e das diferentes cidades onde estive e para tal fim, devo explicar antes de tudo que as Terras Vermelhas diferem em muito das Terras Negras. Não existe lá, por exemplo, nenhum rio igual ao nosso. De modo que a água desce das nuvens e molha o chão. Cada vale tem a sua montanha e atrás de cada montanha existe um outro vale. Em cada um deles mora um povo diferente governado por um príncipe que paga tributo ao faraó - ou pagava ao tempo a que me refiro.

O vestuário das pessoas é colorido e feito de panos muito bem tecidos com fio de lã e cobre a pessoa desde a cabeça até aos pés. Uma das razões creio ser o fato deste país ser mais frio do que o nosso e a outra porque o povo acha que é vergonhoso expor o corpo, exceto quando "se aliviam" mesmo em público, fato que para o egípcio constitui uma abominação. Usam o cabelo comprido e deixam crescer a barba; comem só dentro de casa, com as portas fechadas.

Cada cidade tem o seu deus que, todos eles, exigem sacrifício de vítimas humanas. Através disto só já basta para se ver que tudo na Terra Vermelha difere dos modos do Egito.

Também é claro que para os egípcios de certa distinção, que devido aos seus cargos moram em cidades sírias para a cobrança de impostos ou o comando das guarnições, tais cargos parecem mais um castigo do que uma honra. Tem saudades das margens do Nilo, todos eles, com exceção de raros que se afeiçoaram aos costumes estrangeiros. Estes modificaram o estilo de seus vestuários e de seus pensamentos e oferecem sacrifícios a deuses outros. De certo modo as constantes intrigas entre os habitantes, as trapaças e as velhacarias dos contribuintes e as contendas entre os príncipes rivais amarguram as vindas dos oficiais egípcios.

Vivi em Esmirna pelo espaço de dois anos durante os quais aprendi a língua babilônica, falando-a e escrevendo-a. E isso porque me foi dito que um homem podia com tal conhecimento se fazer compreender entre gente educada através do mundo conhecido.

Os caracteres ou letras são, conforme se sabe bem, impressos sobre greda, ou melhor aí desenhados com um estilete pontudo, e toda a correspondência trocada entre reis é transportada deste modo. A razão de ser assim, não sei dizer. Só se for porque o papel queima e as lousas de greda duram a vida toda, como um testemunho da pressa com que os governos esquecem seus pactos e tratados.

A Síria difere do Egito também no fato de que o médico deve procurar os seus pacientes que, em lugar de irem aos consultórios, confiam que seus deuses lhes trarão um bom médico. Além disso, os clientes dão seus presentes antes do tratamento e não depois de curados. Com isso lucra o médico, pois a tendência do paciente é esquecer seus deveres de gratidão tão logo se vê curado.

Tencionava seguir aqui a minha profissão despretensiosamente; mas com isso não concordou absolutamente Kaptah. Fez questão que eu exibisse tudo quanto tinha de roupas finas e que contratasse pregões encarregados de proclamar a minha fama em tudo quanto era praça pública. Tendia isso também a anunciar que eu não procurava os doentes a domicílio e que eles sim é que deviam me procurar. E Kaptah me proibiu de receber qualquer um que não trouxesse pelo menos uma moeda de ouro como dádiva. Fiz-lhe ver que tal presunção era loucura, pois na cidade ninguém me conhecia e os costumes diferiam muito dos da Terra Negra; mas Kaptah bateu o pé. Não consegui demove-lo porque quando uma idéia se lhe encasquetava na cabeça ele ficava mais teimoso do que um burro.

Persuadiu-me também a visitar os médicos tidos em mais conta e em reputação mais alta e dizer-lhes:

"Sou Sinuhe, médico egípcio e quem o novo faraó concedeu o nome de O Que Está Sozinho e sou um homem de renome na minha pátria. Devolvo a vida aos mortos e faço os cegos verem caso assim queiram os meus deuses - pois tenho um deus pequenino, mas poderoso que carrego comigo na minha mala de viagem. A ciência

difere de um lugar para outro; aliás, nem são as moléstias as mesmas em todos os lugares. Eis porque motivo aqui me acho na vossa cidade. Trouxe-me a vontade de estudar as moléstias e de curá-las; bem assim aproveitar vossas lições e sabedoria. Não pretendo de forma alguma usurpar vossa clientela, pois quem sou eu para competir convosco? Venho propor os, por conseguinte, que me remetais pacientes vossos que estão em desgraça perante vossos deuses e que devido a isso não conseguis curar, e especialmente os que necessitarem de operações, pois aqui em vossa terra não empregais operações.

Assim verei se o meu deus se decide a curá-los. E caso tal paciente seja curado vos darei a metade do que ele me der, pois não vim aqui em busca de ouro e sim de conhecimento. Caso meu tratamento malogre, não receberei nada do cliente e vo-lo devolvarei com um presente.”

Os médicos que vim a conhecer nas ruas e praças de mercado visitando seus doentes, e aos quais me dirigi, revoltearam suas capas e cofiaram suas barbas, respondendo:

- Sois moço ainda, mas não resta dúvida que o vosso deus vos abençoou com a sua sabedoria, pois vossas palavras são agradáveis de ouvir. Tudo quanto dizeis a respeito de ouro e de dádivas é ponderável, assim como a vossa opinião a propósito de operações. Nós cá jamais nos servimos de operações no tratamento dos doentes porque um homem que se sujeita a ser cortado ou aberto propende mais a morrer do que o que se nega a isso. Apenas vos rogamos uma coisa: que não efetueis curas utilizando-vos de magia, pois a nossa própria feitiçaria é muito forte e nesse ramo já existe competição demasiada tanto aqui em Esmirna como em outras cidades ao longo do litoral.

Isso era verdade, pois havia muitos homens incultos vagando pelas ruas empenhados em tratar doentes por meio de magia e se aboletando à farta nas residências dos crédulos até os doentes ficarem bons ou morrerem. Aconteceu, pois que doentes que outros não tinham conseguido curar me procuraram e os tratei; mas devolvi aos médicos de Esmirna aqueles que não consegui curar. Trouxe fogo sagrado do templo de Ammon para minha casa a fim

de levar a efeito a purificação prescrita e aventurar-me assim ao uso da faca e praticar operações a que os médicos assistiam cofiando as barbas e ficando perplexos.

Tive a sorte de dar vista novamente a um cego, embora tanto alguns médicos como alguns feiticeiros lhe haverem coberto as pálpebras com uma mistura de cal e saliva para que a operação não surtisse efeito. Operei-o com uma agulha, pelo processo egípcio e com isso aumentou muito a minha reputação. Contudo, algum tempo depois, o homem tornou a perder a vista, pois a cura por meio da agulha é apenas temporária.

Os mercadores e os ricos de Esmirna levavam uma vida indolente e luxuosa; eram mais gordos do que os egípcios da mesma categoria, sofriam de falta de ar e de cólicas de estomago. Sangravam os que nem porcos. Quando as minhas drogas acabaram, soube aplicar bem meus conhecimentos quanto à arte de colher ervas nos dias certos e sob fases propícias da lua e dos astros, pois a tal respeito poucos eram os conhecimentos dos homens de Esmirna e não ousei confiar em seus remédios.

Aliviei os obesos tratando de seus distúrbios intestinais e os poupei de sufocações fornecendo-lhes drogas que lhes vendi a preços graduais de acordo com suas posses. Não me meti em disputas com ninguém; pelo contrário, dei presentes aos médicos e às autoridades da cidade, enquanto Kaptah espalhava informações a meu respeito e distribuía alimento a mendigos e contadores de histórias para que proclamassem louvores e elogios a mim pelas ruas e mercados, evitando que meu nome caísse no ouvido.

Ganhei grande cópia de ouro. Não gastei nem joguei fora, apliquei-o entre os comerciantes de Esmirna. Estes tinham navios que iam até ao Egito e às ilhas do alto mar e a terra de Hati; assim eu tinha interesses e cotas nos lucros de uma frota de muitos barcos - uma centésima ou quinquagésima parte, conforme os meus meios de então. Algumas embarcações não eram vistas nunca mais; a maioria, porém, voltava, e meus lucros então - o dobro ou o triplo do que eu arriscara - era inscrito nos livros de contabilidade. Este era um costume na Síria, e de todo desconhecido no Egito. Mesmo os pobres especulavam em tais negócios, e, ou aumentavam seu



pequenino capital, ou empobreciam ainda mais; dezenas e dezenas deles amalhavam suas moedas de cobre para comprar uma cota de um centésimo da carga ou do casco de uma embarcação. Assim nunca me foi preciso guardar ouro em casa como chamariz para salteadores. E nem me via obrigado a carregá-lo comigo quando viajava para outras cidades tais como Biblos e Silo por força da minha profissão.

Em tal caso o mercador me entregava uma lousa de greda a ser aprescutada nas casas de comércio de tais cidades mercê disso podendo eu obter deles o dinheiro, sempre que desejasse.

Assim tudo me ia às maravilhas. Prosperava. Kaptah engordava, ficava majestoso dentro de suas novas roupas caras e se untava com óleos finos. Chegou mesmo a ficar indolente a ponto de me ver obrigado a esbordoá-lo. Mas a razão pela qual tudo me corria assim tão bem não sei dizer.

Apesar de tudo isso eu vivia solitário e a vida não me proporcionava nenhum prazer autentico. Aborreci até o vinho, pois este nunca me alegrava, tornando pelo contrário o meu rosto mais torvo do que se eu lhe houvesse passado fuligem.

Uma vez tendo bebido, só tinha uma vontade: morrer. Devido a isso procurei aumentar meus conhecimentos para que momento algum do dia me encontrasse à toa, pois o trabalho não me deixava recordar minha vida e meus feitos; e assim, de noite, dormia como uma pedra.

Interessei-me bastante pelos deuses de Esmirna a fim de verificar se porventura poderiam me evidenciar alguma verdade que eu ignorasse. Como tudo o mais, tais deuses diferiam muito dos do Egito. O grande deus deles era Baal, um deus cruel que exigia sangue humano em paga de seu favor, e cujos sacerdotes se tinham tornado eunucos. Esse deus também exigia crianças. Além disso o próprio mar tinha sede de sacrifícios de modo que tanto os mercadores como as autoridades tinham sempre que procurar novas vítimas. Nenhum escravo aleijado era visto jamais e os pobres eram ameaçados com castigos selvagens ante a menor ofensa. Assim um pobre homem que furtasse um peixe para

alimentar a família era desarticulado em sacrifício em cima do altar de Baal.

A divindade feminina desse povo era Astarté, também chamada Ishtar, como a deusa Ishtar de Nínive. Tinha muitos seios e lhe mudavam todos os dias as jóias e as finas vestes. Serviam-na mulheres que por qualquer intento eram conhecidas como virgens conquanto não fosse isso verdade. Pelo contrário ali se achavam para procurar prazeres - missão essa olhada favoravelmente pela deusa. E quanto maior fosse o prazer mais ouro e prata eram oferecidos ao templo pelo cliente.

Mas os comerciantes de Esmirna guardavam suas mulheres com grande severidade, fechando-as em casa e vestindo-as da cabeça aos pés com vestuários espessos para que não tentassem os estrangeiros. Os homens, porém, visitavam o templo por causa da variedade e para obter a aprovação divina. Eis por que em Esmirna não havia alcouces como nas cidades do Egito. Se as raparigas do templo não eram do agrado do homem, tinha este que tomar uma esposa ou comprar uma escrava.

Todos os dias havia leilões de escravas porque os navios não cessavam de entrar no porto trazendo mulheres e crianças de todos os tamanhos e idades e para todos os gostos. Mas as deformadas e inválidas eram vendidas barato para o sacrifício a Baal em proveito do conselho da cidade cujos membros riam e se davam pancadinhas mútuas comentando a esperteza com que iludiam seu deus.

Não deixei de oferecer sacrifício a Baal já que se tratava do deus da cidade. A prudência me levava a lhe render preito. Como eu era egípcio não lhe levei oferendas humanas; dei-lhe ouro. Visitava às vezes o templo de Astarté que se abria de tarde; ficava a ouvir música e a contemplar as sacerdotisas - que não chamarei de donzelas - enquanto elas dançavam voluptuosamente para a glória da deusa.

Como era costume, eu me deitava com elas, admirando-me das novidades que me ensinavam; e eu consentia sem grande prazer nem interesse, apenas por curiosidade. Depois que me ensinaram suas práticas me saturei e deixei de visitar o templo. A meu ver não

havia divertimentos mais monótonos do que os que ali se praticavam.

Kaptah deu em se preocupar por minha causa, porque o meu rosto ia perdendo a mocidade, as rugas começavam a aparecer na minha testa e meu coração permanecia fechado. Seu desejo era que eu adquirisse uma escrava para preencher meus momentos de ócio. E conzo era ele que tomava conta da casa e movimentava meu dinheiro comprou para meu uso uma rapariga, valendo-se para isso do seu próprio gosto. Lavou-a, vestiu-a, perfumou-a e trouxe-a perante mim de noite quando, exausto do trabalho do dia, meu único desejo era ir para a cama em paz.

A rapariga era das ilhas do alto mar. Criatura média, de pele branca, dentadura perfeita e olhos redondos e belos como os de uma vitela. Ficou a me olhar com veneração e mostrou medo da cidade desconhecida para onde a haviam trazido. Kaptah exaltou-lhe os encantos com muita seriedade; só para satisfaze-lo fiquei com ela. Ainda assim, embora procurasse fazer tudo para sair da minha solidão, não consegui me distrair, impossível me tendo sido até chamar a pobre criatura de "minha irmã".

Errei em me mostrar bondoso para com ela, pois se tornou arrogante, chegando até a atrapalhar as minhas consultas médicas. Comia muito, deu em engordar, não havia ornatos e vestidos que a satisfizessem. Além disso vivia atrás de mim exigindo que a tomasse a todo instante. Não foi sem propósito que fiz viagens ao interior e às cidades do litoral.

Assim que eu regressava ela era a primeira a ir ao meu encontro com lágrimas e perseguições. Não adiantava esbordoá-la: tornava-se mais excitada do que antes. A vida tornou-se intolerável em minha casa.

Mas o escaravelho me trouxe sorte, pois um dia o rei Aziru, soberano da província remota de Amurru, me procurou.

Tratei-lhe dos dentes. Substituí-lhe um canino por um outro de marfim, já que o rei levava uma pancada no maxilar durante uma batalha e obturei-lhe outros dentes estragados, com ouro. Enquanto permaneceu na cidade em conferencia com as autoridades sobre negócios administrativos, me visitava diariamente.

Conheceu a minha escrava a quem eu chamava Keftiu à moda das ilhas distantes; não conseguia pronunciar-lhe o nome gentílico e simpatizava com ela. Esse, Aziru tinha pele branca e era forte como um touro; a sua barba era de um azul escuro e lustroso, e seus olhos possuíam um brilho atrevido o que fez Keftiu principiar a olhá-lo com desejo; sim pois as mulheres sempre se cativam pelo que é novo.

Ele lhe admirava acima de tudo as formas opulentas; e as vestes, que ela usava à maneira grega, o excitavam profundamente. Tais vestes lhe cobriam a garganta mas lhe deixavam nu o peito, e o rei estava acostumado a ver as mulheres sempre cobertas com véus desde a cabeça até aos tornozelos.

Acabou não podendo mais conter seu desejo e suspirando majestosamente me disse:

- Não resta dúvida, meu amigo Sinuhe, o Egípcio, que sois meu amigo; consertastes minha boca fazendo-a refulgir com lâminas de ouro sempre que a abro, e isso enaltece a minha dignidade na terra de Amurru. Devido a isso vos darei presentes de tal ordem que erguereis as mãos, admirado. Ainda assim me vejo obrigado a vos causar um desgosto, involuntariamente. Desde que pus meus olhos sobre a mulher desta casa gostei tanto dela que não posso mais conter o desejo que me empolga. É como se ela me dilacerasse como um gato selvagem! Nem todas as vossas artes, Sinuhe, poderão me curar desta doença. Nunca vi criatura igual a ela e imagino vossa ternura quando ela aquece vosso leito de noite. E a verdade é que desejo que me cedais para que eu a tome como mulher entre as demais que já possuo e a resgate. Digo-vos isto com a maior franqueza porque sois um homem justo e vos pagarei o que pedirdes. Mas desde já vos declaro que se não me cederdes de bom grado virei e a tomarei à força e a levarei para a minha terra onde jamais a achareis caso ouseis ir procurá-la.

Ao ouvir tais palavras levantei as mãos, cheio de contentamento; mas Kaptah, que estava a ouvir, arrancou os cabelos e começou a deblaterar:

- Amaldiçoado seja este dia! Melhor fora que o patrãozinho não tivesse nascido a ter que assistir a este despropósito: perder a única

mulher capaz de lhe proporcionar prazer. E nem preço algum remediará nada porque para o meu senhor ela vale mais do que todo o ouro do mundo...do que todas as jóias, todo o incenso... E é mais bela do que a lua cheia e o seu ventre é redondo e alvo como um feixe de trigo - embora nunca o tenhais visto - e os seus seios são como melões conforme vossos próprios olhos se podem certificar.

E foi por aí além falando, pois desde sua chegada a Esmirna aprendera com os mercadores a ser loquaz e a preparar clima para um preço alto, muito embora ele e eu não desejássemos outra coisa senão nos vermos livres daquela criatura.

Quando Keftiu ouviu tal perlenga desandou a chorar também, dizendo que não queria me deixar, que jamais faria isso... Mas enquanto chorava olhava com admiração para o príncipe principalmente para aquela barba ondulada. Contemplava-o por entre o vão dos dedos.

Ergui as mãos e tendo conseguido silencio, assumi uma expressão grave:

- Aziru, rei de Amurru e meu amigo! Confesso que esta mulher é cara ao meu coração e que a chamo de irmã. Mas vossa amizade me é mais cara do que tudo o mais e é exatamente esta minha amizade que me leva a vo-la entregar sem pagamento algum. Rogo-vos que a aceiteis e que façais com ela tudo quanto o vosso gato selvagem interior exigir... Sim, pois se não me equívoco, o coração dela propende para vós. Ela vai ficar contente porque em seu corpo miam também muitíssimos gatos selvagens.

Azirru exclamou alto, tomado de júbilo:

- Ah! Sinuhe! Muito embora sejais egípcio e todos os males vem do Egito, doravante sois meu irmão e meu amigo. Através de toda a terra de Amurru vosso nome será abençoado. Como meu hóspede e conviva sentar-vos-eis à minha direita em detrimento de todos os mais, mesmo que sejam reis. Juro!

Riu e o ouro dos seus dentes cintilou. Depois, ao olhar para Keftiu, que já parara de chorar, o semblante do rei mudou. Fitou-a com olhos fulgurantes, segurou-a pelos braços. Os seios de Keftiu balançavam. Ergueu-a indiferente ao peso, jogou-a para dentro da

liteira. E assim, partiu; e nem eu, nem ninguém mais, o vimos durante algum tempo porque se fechou em seus aposentos durante três dias e três noites. Kaptah e eu rejubilamos vendo-nos livres de tal carga. Meu escravo, porém, me repreendeu severamente por eu não haver cobrado nada, pois Aziru me teria dado tudo quanto eu pedisse. Expliquei-lhe:

- Não vêes que lhe dando a rapariga assegurei uma amizade real?! Nunca se sabe o que o dia de amanhã nos pode trazer. Apesar da terra de Amurru ser pequena e insignificante, constituída apenas por pastagens para burros e ovelhas, ainda assim a amizade de um rei é amizade de rei e deve valer mais do que o ouro.

Kaptah meneou a cabeça, mas untou o escaravelho com mirra e colocou esterco fresco diante dele à guisa de oferenda e gratidão por nos haver desembaraçado de Keftiu.

Antes de voltar para a sua terra, Aziru me visitou e, fazendo uma mesura até ao chão, disse:

- Não vos ofereço nada, Sinuhe, pois o que me outorgastes não pode ser recompensado com donativos. A rapariga é mais sedutora ainda do que eu supunha. Tem uns olhos que parecem poços sem fundo, e não estou cansado dela muito embora tenha premido minhas sementes tal qual se espreme óleo das azeitonas. Para ser franco devo dizer que o meu país não é rico e que o único modo pelo qual consigo ouro é cobrando imposto dos mercadores que o atravessam ou guerreando os meus vizinhos... Mas depois acorrem os egípcios que nem varejeiras; e muitas vezes perco mais do que ganho. Assim pois, não posso vos oferecer os donativos que vossos méritos exigiriam. Contudo, prometo que caso apareçais na minha terra vos receberei com as maiores honrarias e que tudo quanto pedirdes de mim vos darei caso esteja em minhas posses vos servir... contanto que não me peçais nem Keftiu nem cavalos, pois disponho de poucos e necessito deles para os meus carros de guerra. Se algum homem vos ofender mandai-me dizer e a minha gente o dilacerará, seja ele quem for. Ninguém saberá e vosso nome não será proferido no negócio. Eis o tamanho da minha amizade por vós.

Dito isto, abraçou-me à maneira síria. Vi que me admirava com real apreço, pois tirou do pescoço sua corrente de ouro e a prendeu no meu, sem deixar de mostrar com um grande suspiro o enorme sacrifício que isso representava para ele. Em compensação tirei do pescoço uma corrente de ouro que o mais rico armador sírio me dera por lhe haver salvo a mulher durante o difícil trabalho de parto e com ela lhe cingi o pescoço. Assim pois, ele não perdeu com a troca e isso o sensibilizou sobremaneira. Posto o que, nos despedimos.

Vendo-me livre de tal mulher, deixei que meu coração ficasse leve como um pássaro. Meus olhos ansiavam por ver coisas novas e eu estava repleto de inquietude e desejo de me safar de Esmirna. Voltara mais uma vez a primavera. A terra estava fresca e verde; folhas repontavam nas árvores; por toda a parte arrulhos de pombos em beirais e coaxar de rãs nos poços. No porto, navios se aprestavam para longas viagens.

Com a primavera se espalhou também a nova de que os cabírios tinham ocorrido dos desertos em enxames e estavam devastando as fronteiras sírias do sul até ao norte, queimando aldeias e saqueando cidades, mas os exércitos do faraó vieram também, atravessando o deserto de Sinai através de Tanis, e estavam dando combate aos cabírios. Capturaram os chefes e repeliram o inimigo outra vez para o deserto. Isso acontecia em todas as primaveras, desde séculos.

Desta vez, todavia, os cidadãos de Esmirna ficaram preocupados porque a cidade de Katna, guarnecida por tropas egípcias, tinha sido invadida o seu rei perecera, e todos os egípcios haviam sido passados pela espada sem misericórdia sequer pelas mulheres e crianças, e sem que quaisquer prisioneiros tivessem sido tomados como reféns. De tal coisa jamais se tivera notícia antes, pois os cabírios costumavam evitar as cidades fortificadas.

A guerra alastrava-se pela Síria e eu jamais vira uma guerra. Fui pois me juntar às forças do faraó, decidido a verificar se testemunhava alguma verdade que até então me fora vedada e a estudar também os ferimentos infligidos pelas clavas e demais armas de guerra. Mas a razão essencial da minha ida residia no fato de Horemheb ser o

comandante das tropas e eu, dada a minha solidão, desejava rever o rosto de um amigo e lhe ouvir a voz. Tendo percorrido a costa a bordo de um navio, penetrei região adentro com a coluna de abastecimento, em meio a bois carregados de cereais e jumentos carregados com botijas de óleo e vinho e sacos de cebolas.

Chegamos a uma pequena cidade edificada sobre uma colina e circundada de muralhas e cujo nome era Jerusalém. Estacionava ali uma pequena guarnição egípcia junto da qual o próprio Horemheb instalara seu quartel-general. Mas os boatos que haviam chegado à Síria eram muito exagerados quanto à quantidade dessa força armada que, aliás, compreendia apenas um esquadrão de carros de combate e alguns milhares de arqueiros e lanceiros, ao passo que, segundo se dizia, as hordas cabírias eram incontáveis como as areias do deserto.

Horemheb recebeu-me numa imunda cabana de barro. dizendo-me:  
- Conheci há tempos um outro Sinuhe. Também era médico. E muito amigo meu.

E fitava-me, sem me reconhecer devido à túnica síria que eu usava. Como ele, eu também mudara de feições, parecia ter mais idade. Mas em dado instante percebeu seu engano, riu, ergueu seu chicote com cabo de ouro, saudando-me.

- Ammon, Ammon! Pois se trata do próprio Sinuhe! E eu que te cuidava morto!

Pos para fora o bando de oficiais e escribas com seus mapas e papéis, mandou vir vinho.

- Formidáveis são os processos de Ammon que me fez te encontrar de novo e exatamente na Terra Vermelha, imunda e miserável cidade!

Ao ouvir isto meu coração se comoveu, pois me lembrei que me esquecera de todo daquele meu amigo. Conte-i-lhe quanto julguei conveniente a respeito da minha vida e das minhas aventuras e ele disse:

- Vem participar conosco das honras da guerra! Pretendo dar a esses piolhentos cabírios tamanha escaldaduras que eles jamais hão de me esquecer e amaldiçoarão o dia em que nasceram. Eu era um rapazola imberbe quando nos vimos a primeira vez; tu eras um



homem do mundo e me deste bons conselhos. Aprendi... instrui-me e agora, conforme vês, trago na mão um chicote com cabo de ouro. Mas o ganhei no degradante serviço de membro do corpo da guarda do faraó, dando cabo dos assaltantes e convictos que ele, em sua loucura, libertou das minas. Quanta trabalheira nos deram antes que os liquidássemos de vez! Quando vim a saber que os cabírios estavam atacando, pedi ao faraó que me desse tropas para repeli-los. Nenhum oficial de posto maior pretendeu competir comigo no comando porque riquezas e honras chovem mais profusamente na vizinhança do faraó do que nas lonjuras do deserto... De mais a mais os cabírios tem lanças pontiagudas e soltam brados de guerra medonhos, conforme estou farto de averiguar. Pelo menos me foi dado ensejo de ganhar experiência e de exercitar minhas tropas em batalhas genuínas. Pois, apesar de tudo isso, sabes com que é que se está encomendando o faraó? Quer que eu construa aqui em Jerusalém um templo ao seu novo deus e que expulse os cabírios sem derramamento de sangue!

Horemheb deu uma gargalhada e me obrigou a rir também enquanto soltava uma lambada com o chicote na própria perna.

Depois ficou calado e, após nos servirmos de vinho novamente, prosseguiu:

- Não há negar, Sinuhe, que mudei um pouco depois do nosso encontro. Aliás isso tem que acontecer a um homem na presença do faraó. Mudará, quer queira, quer não queira. Ele me conturba, porque seus pensamentos são profundos... E as suas palavras... Só fala do seu deus, que é diferente de todos os outros deuses. Isso me deixa com a sensação de ter formigas no cérebro. Era-me impossível dormir a não ser tomando vinho e tendo uma mulher junto de mim para me aliviar a cabeça, tão esquisita é essa divindade do faraó. Trata-se de um deus sem forma pois tem que estar em toda parte ao mesmo tempo. Sua imagem é um círculo; tem mãos apenas. com as quais abençoa tudo quanto criou. Perante ele escravo e senhor são iguais. Responde-me Sinuhe, não te parece isso sonhos de homem doente? Chego a desconfiar que ele tenha sido mordido por uma vespa furiosa quando era criança...

pois só mesmo um maluco pode achar possível a derrota dos cabírios sem derramamento de sangue!

Tornou a beber.

- O meu deus é Horus e muito menos sou contra Ammon. Confesso que acho que Ammon se tornou poderoso demais, e que o novo deus foi instituído em oposição a ele, a fim de reforçar a soberania do faraó. Foi o que a própria Rainha-Mãe me disse, e Ele tratou de divulgar. Sim, Eie, o sacerdote que sustenta o cajado preso na mão direita do rei. Pretendem com a ajuda de Aton derrubar Ammon ou pelo menos lhe limitar o poder pois não está certo que os sacerdotes de Ammon governem o Egito por cima da cabeça do faraó. Isto é uma política acertada e, como guerreiro, compreendo que seja indispensável um novo deus. Se o faraó se contentasse apenas em levantar templos a ele e contratar sacerdotes para tais serviços, eu não me queixaria de nada. Mas o faraó pensa e fala demais no tal deus. Em tudo quanto é ocasião, mais cedo ou mais tarde, ele envereda a conversa para tal assunto e com isso torna os que o cercam ainda mais malucos do que ele. Declara que vive pela verdade... Mas a verdade é uma faca afiada nas mãos de uma criança. Ora, uma faca deve ser conservada em sua bainha e utilizada apenas quando for necessário. O mesmo se dá com a verdade. E para ninguém é ela, a verdade, mais perigosa, do que para um soberano.

Virou outro gole de vinho.

- Agradeço ao meu falcão ter conseguido deixar Tebas, porque tal cidade está fervilhando como um ninho de serpentes por causa disso e eu não desejo me envolver em contendas entre deuses. Os sacerdotes de Ammon já estão espalhando uma série formidável de histórias relativas às origens do faraó e fomentando sedições contra o novo deus. O seu casamento também causou indignação porque a princesa de Mitani, que ainda brincava com bonecas, morreu de repente e o faraó elevou Nefertiti, a filha do sacerdote, à categoria de sua consorte. Certamente essa Nefertiti é bela e se veste bem, mas é muito voluntariosa e se porta em tudo como filha de tal pai.

- Como foi que morreu a princesa de Mitani? - perguntei, porque vira essa criança assustada, de olhos arregalados, olhando para Tebas ao ser transportada sob um dossel e adornada como uma imagem ao longo da Avenida dos Carneiros rumo ao templo.

- Os médicos disseram que ela estranhou o clima - disse ele, rindo. - E isso é uma deslavada mentira, pois toda gente sabe que não existe país de clima mais sadio do que o Egito. Mas tu próprio sabes bem que a morte entre as crianças reais é de alto índice... Mais alto do que no setor das crianças pobres, embora pareça inacreditável. O mais prudente é não citar nomes; mas eu deteria o meu carro diante da casa do sacerdote Eie, se fosse necessário.

Depois disso nos estiramos na tenda para dormir.

De manhã acordei ao som de trombetas e vi os soldados se reunindo em companhias enquanto os sargentos corriam para cima e para baixo ao longo das fileiras, soltando brados, sacudindo-os e atiçando-os com seus chicotes. Depois que tudo ficou organizado, Horemheb deixou sua cabana suja, com o chicote na mão e um criado erguia uma umbela acima da sua cabeça e enxotava as moscas com um abanador à medida que ele se dirigia aos soldados.

- Soldados do Egito! Conduzo-vos hoje ao campo de batalha, porque minhas patrulhas acabam de me comunicar que os cabírios estão acampados atrás dos montes. Qual seja o número deles não sei dizer, porque as patrulhas voltaram a correr acossadas por eles e não se detiveram para fazer o cálculo. Tomara que sejam em número suficiente para liquidar com todos vós poupando-me assim ao aspecto miserável de vossas faces e possibilitando a minha volta ao Egito de modo a levantar um exército de homens verdadeiros que se comprazam com a guerra e os seus despojos.

Encarou selvagememente as tropas e seu olhar surtiu efeito. Ninguém ousou sequer pestanejar.

- Levar-vos-ei ao campo de batalha e vereis pessoalmente que seguirei na vossa frente depressa em lugar de me quedar um instante que seja para ver se me seguis. Sim, pois sou filho de Horus e o falcão irá voando na minha frente. Meu intento é vencer os cabírios, mesmo que tenha que fazer isso sozinho. Aviso-vos, no entanto, que esta tarde o meu chicote fará gotejar muito sangue,

pois açoitarei com as minhas próprias mãos todo aquele que não me houver seguido. E de uma coisa podeis ficar sabendo desde já: que o meu chicote lanha mais profundamente do que as adagas dos cabírios que são de cobre ordinário e quebradiço. Em que é que os cabírios são terríveis?! Em nada, absolutamente. Apenas no berreiro que fazem e que é deveras medonho. Mas se entre vós há alguém que trema ao som de gritos que encha os ouvidos com cal. Não vos metais na batalha como mulheres apatetadas... Fingi pelo menos que sois homens. Usais calças e não saias. E se derrotardes os cabírios dividireis entre vós todo o gado deles e tudo mais que possuem e que não é pouco já que saquearam muitas cidades. Podereis também dividir entre vós as mulheres deles. Parece-me que podereis rolar pelo chão com elas esta noite, pois as mulheres cabírias são fortes, bonitas e se entregam aos guerreiros corajosos. Horemheb calou-se um pouco e percorreu o olhar pelos seus homens que em unísono soltaram um grande brado e feriram os escudos com as espadas e soergueram os arcos. Sorriu e, dando uma lambada no ar com o chicote, continuou:

- Dou-me conta que anciais por vos verdes estraçalhados. Não? Por estraçalhar? Está bem! Mas antes temos que consagrar o novo templo ao novo deus do faraó, Aton. Trata-se de um deus que é por natureza pacífico, e não me parece que simpatizareis com ele. Por conseguinte, a força principal romperá em marcha e as reservas quedarão aqui para a cerimônia da consagração e para a obtenção do favor do faraó em prol de nós outros que vamos lutar.

As tropas o acharam outra vez, principiando a sair da cidade em desordem, nada companhia seguindo o seu estandarte suspenso no alto de uma haste. Os emblemas eram caudas de leões e cabeças de falcões e crocodilos; e seguiam na frente de todos rumo a batalha. Carros leves seguiam adiante para abrir caminho. Mas os oficiais encarregados do alto comando ficaram atrás com as reservas e acompanharam Horemheb ao templo que se erguia numa eminência das imediações da cidade.

Era um templo pequeno e construído com troncos. Tinha sido levantado à pressa com madeira e barro. Era diferente dos outros templos, sendo aberto no meio onde jazia o altar. Não se via

nenhum deus, o que fez a soldadesca ficar admirada e procurar em volta.

Horemheb disse-lhes:

- Trata-se de um deus circular, como o disco do sol. Olhai pois através da abertura central e fitai o céu se é que vossos olhares podem suportar o revérbero. Ele estende as mãos sobre vós, abençoando-vos, muito embora minha mente me garanta quase que hoje, depois da vossa marcha, os dedos dele hão de punir vossas costas como agulhas em brasa.

Os soldados comentaram que esse deus do faraó era demasiado distante. Desejavam um diante do qual pudessem se prostrar e até mesmo tocar com as mãos caso ousassem objetivar essa vontade. Mas permaneceram calados e um sacerdote avançou até a frente.

Um jovem magro, sem crânio raspado, com uma túnica branca lhe descendo dos ombros. Tinha uns olhos claros e sagazes. Diante do altar fez ofertas de flores primaveris, óleo e vinho, o que acabou provocando risadas entre a soldadesca. O sacerdote também cantou um hino a Aton e que, segundo constava, tinha sido composto pelo faraó. Era um hino comprido e monótono, e todos os escutavam de boca aberta não compreendendo quase nada.

“Belíssimo és tu por sobre o horizonte,

Radioso Aton, fonte de todas as coisas vivas!

Quando te levantas na banda oriental dos céus todas as terras se enchem com o teu resplendor.

Belo és tu, grande és tu, radiante por sobre o mundo.

Teus raios abraçam todas as terras por ti criadas e assim unidas juntas pelos raios do teu amor.

Tão longe estás e todavia teus raios tocam o chão;

Tão alto estás e todavia as solas dos teus pés se movem sobre o pó.”

O sacerdote, cantando, se referiu às trevas, aos leões que saem de seus antros durante a noite, às serpentes; e muitos dos que ouviam se encheram de susto. Depois cantou a claridade do dia e declarou que quando os pássaros abrem as asas de manhã o fazem em adoração a Aton. Explicou também que esse novo deus apressava o

desenvolvimento da criança na matriz geradora e dava fertilidade à semente do homem. Ouvindo-o se tinha a impressão de que não havia a menor coisa no mundo que não procedesse de Ato, não podendo sequer um pintainho romper sua casca e piar sem o auxílio de Ato. E assim terminou o sacerdote:

“Só tu pompeias no âmago do meu coração;  
E ninguém jamais te ouviu senão o Rei, teu filho.  
Divides com ele teu pensamento e o unges com teu poder.  
O mundo jaz entre tuas mãos, pois o criaste;  
Mercê de tua luz é que vivem os homens,  
E se escondes deles teu semblante, então perecem.  
Tu és a vida e através de ti é que vivemos.  
Todos os olhos estão voltados para tua glória  
Até a hora em que te recolhes, imenso.  
Cessa todo o labor quando declinas no poente.  
Desde que criaste o mundo o preparaste.  
Para a vinda de teu filho bem-amado,  
Pois nasceu do teu flanco radioso  
O rei que vive só em prol da verdade,  
O senhor dos Dois Reinos, o filho de Ra,  
Que vive só para disseminar a verdade.  
Pois para o Senhor das Tiaras criaste o mundo  
Bem como para a sua grande consorte bem-amada,  
Nefertiti, a rainha dos Dois Reinos,  
Que florescerão por todos os séculos dos séculos!...”

Os soldados ouviam e esfregavam os artelhos na areia. Quando o cântico terminou, eles, aliviados, deram um brado em louvor do faraó porque tudo quanto tinham podido inferir daquele hino era apenas isso: saudá-lo como o filho de deus, conforme convinha por direito antiqüíssimo e eterno.

Horemheb despediu-se do sacerdote que, radiante por causa da aclamação das tropas, foi tratar de escrever ao faraó um relato do acontecimento.

Os homens puseram-se em marcha, seguidos por juntas de bois e réguas de burros levando cargas. Horemheb seguiu no seu carro,

bem na vanguarda, enquanto os outros oficiais se deixavam levar em liteiras, queixando-se da canícula. Eu me contentara em ir no dorso de um burro, conforme também fez o quartel-mestre, meu amigo. Levava comigo a minha caixa de medicamentos ciente de que teria que me utilizar dela.

A coluna marchou até ao fim da tarde, apenas tendo parado um pouco para comer e beber enquanto descansava. Vários soldados ficaram com as solas dos pés em petição de miséria e se jogavam nas margens da estrada, incapazes de levantar não obstante os pontapés e as chicotadas dos sargentos. E a tropa ora cantava ora soltava imprecações. A medida que as sombras se iam estendendo começou a praga dos dardos arremessados dos penhascos que ladeavam a estrada. Gritos irrompiam num e noutra trecho; um homem traspassado no ombro; outro caindo de chofre. Não houve ordem de Horemheb para se socorrer as vítimas ou procurar os emboscados. Compeli a coluna a prosseguir cada vez mais depressa em trote acelerado. Os carros leves iam abrindo caminho, e não tardou que vissemos nas margens da estrada corpos de cabírios com suas túnicas em frangalhos, com as bocas e os olhos pululando de moscas.

Alguns dos nossos homens se ajoelharam para revirar tais corpos querendo saqueá-los, mas não encontraram nada.

O quartel-mestre suava montado no burro e me rogou que transmitisse a sua mulher e a seus filhos suas derradeiras saudações, pois sentia que a sua última hora estava chegando. Disse-me onde eu poderia encontrar sua mulher em Tebas, e solicitou que eu não deixasse ninguém saquear seu cadáver - caso eu não morresse junto com todos aquela noite.

Acrescentou esta observação com um sinistro movimento de cabeça. Por fim se abriu diante de nós a grande planície onde os cabírios estavam acampados. Horemheb deu ordem que as cornetas tocassem dispondo assim as tropas para o ataque. Os lanceiros ficaram no centro e os archeiros nos flancos. Os carros com exceção de uns poucos mais pesados, foram despachados a exercer um certo mister mais além, e investiram com tal velocidade que nuvens de poeira se soergueram escondendo-os. E logo se levantou

dos vales situados atrás dos montes densa fumaça de aldeias em chamas. Irrrompendo contra nós na planície, os cabírios pareciam incontáveis, e seus brados e guinchos enchiam os ares durante o avanço sobre nós, suas adagas e escudos fulgurando ameaçadoramente na claridade.

Horemheb disse com seu vozeirão:

- Enrijai vossos joelhos, camaradas, pois entre essa chusma toda raros são os que sabem combater, tudo quando vedes não passando quase de mulheres crianças e gado... que serão vossos antes de anoitecer. Lembrai-vos que nos panelões deles vos espera um jantar quente. Avante, pois, esfomeados! Sim, pois até eu já estou com uma fome de crocodilo!

E as hostes cabírias vinham em número maior do que nós, cada vez se aproximando mais. Suas lanças pareciam fusos à luz do sol e não achei nenhum encanto nessa perspectiva de batalha. As fileiras de nossos infantes ondulavam presenciando como eu aquela investida vinda de todos os lados.

Os sargentos fizeram vibrar seus chicotes e suas imprecações. Pareceu-me que os homens estavam exaustos demais para virar e fugir, pois se aglutinaram; os arqueiros puxaram nervosamente seus arcos à espera do sinal.

Tão logo os cabírios ficaram ao nosso alcance soltaram seu uivo de guerra; um guincho tão medonho que o sangue me fugiu da cabeça e minhas pernas se petrificaram. Instantaneamente eles atacaram, deixando voar seus dardos enquanto acometiam. As flechas faziam buzt, buzt... como zumbir de insetos.

Jamais ouvi ruído mais apavorante do que o das setas passando perto dos meus ouvidos. Ao verificar no entanto, o dano quase nulo que elas produziram recobrei coragem. De fato, ou voavam bem acima de nossas cabeças ou eram interceptadas pelos escudos. Então Horemheb bradou:

- Segui-me, canalha miúda!

Os condutores dos carros militares brandiram as rédeas e embarafustaram atrás do carro de Horemheb; os arqueiros soltaram de uma só vez os seus dardos, enquanto os infantes, com suas lanças e espadas avançaram acompanhando os carros. Um clamor



irrompeu de todas as gargantas, e bem mais aterrador ainda do que o uivo dos cabírios, porque cada homem procurava com isso recuperar ânimo e afugentar o pânico. Dei comigo vociferando em altos timbres, verificando logo que isso me trazia grande alívio.

Os carros avançavam com estardalhaço por entre os cabírios atacantes e bem na vanguarda, por sobre os redemoinhos de poeira e o arremesso de lanças, fulgurava o elmo de Horemheb com seu penacho. Na ressaça dos carros atacavam os lanceiros guiados por seus estandartes de batalha - caudas de leões e cabeças de falcões - enquanto os arqueiros se alastravam pela planície descarregando dardos contra o inimigo atordoado. De então por diante tudo se tornou uma confusão medonha de golpes, estrondos, celeumas e estardalhaços. Flechas assobiavam passando por mim; o meu jericó zurrava e corcoveava no centro da luta, e eu o chamava a ordem e o esporeava com os calcanhares, quase caindo; mas não conseguia dominá-lo. Os cabírios lutavam resolutamente e sem medo, e os que caíam e eram pisados pelos cavalos ainda golpeavam com suas adagas os que os atacavam, e mais de um egípcio foi morto ao se abaixar para cortar a mão da sua vítima em sinal de triunfo. A exalação de sangue era maior do que a do suor dos soldados, e corvos começaram a descrever círculos no céu em bandos crescentes.

De repente os cabírios soltaram vociferações de raiva e iniciaram uma retirada geral porque perceberam que os tais carros que haviam saído antes do começo da luta estavam agora talando seus acampamentos, isto é, atacavam as mulheres e punham em debandada o gado. A vista disso, não lhes sobrou outro recurso senão ir salvá-los, a surpresa, porém, lhes dificultando tal intento. Os carros faziam giros por sobre eles, disseminando-os, ficando o restante da ação a cargo dos infantes com suas lanças e espadas. Quando o sol descambou a planície estava cheia de cadáveres de mãos, cortadas, o acampamento ardia em chamas e de todas as bandas nos chegava o mugir do gado assustado.

No delírio da vitória os nossos homens prolongaram a carnificina, enfiando as lanças em tudo quanto viam, matando homens que já haviam deposto suas armas, fazendo saltar os miolos de crianças a

golpes de clavas, e desferindo flechas aloucadamente sobre as manadas em galope estonteado, até que Horemheb ordenou que as trombetas tocassem; foi só então que oficiais e subalternos voltaram à realidade e começaram a aglomerar a tropa, brandindo seus chicotes. Mas o meu jerico maluco ainda galopava pelo campo de batalha sacolejando-me no seu lombo como um saco de farinha, a ponto de eu nem saber se estava morto ou vivo. A soldadesca se pos a caçoar de mim até que alguém deu uma pranchada no focinho do meu burro fazendo-o parar para que eu saltasse logo. De então por diante passei a ser conhecido entre eles como o Filho do Burro Bravo.

Os prisioneiros foram postos aos bandos em curros, as armas foram ensarilhadas e gente foi designada para ajuntar o gado solto. Tão numerosos eram os cabírios que muitos deles conseguiram fugir. Avisado disso, Horemheb respondeu que os tais correriam ainda a noite inteira e tão cedo não teriam pressa de voltar. A luz das tendas que ardiam e ao revérbero dos fardos de forragem foi trazida a arca sagrada e colocada diante de Horemheb. Este a abriu e tirou lá de dentro a imagem de Sekhmet, o deus com cabeça de leão cujo peito esculpido proeminava majestosamente à luz das fogueiras. Os soldados, tomados de grande júbilo, a salpicaram com gotas de sangue de suas feridas e arremessaram para cima dela as mãos que tinham cortado aos cabírios como prova de conquista. Formaram com elas um verdadeiro monte, muitos trazendo quatro e cinco. Horemheb distribuiu correntes e braceletes entre eles e promoveu ali mesmo os mais valentes. Estava sujo de poeira, manchado de sangue, com o chicote molhado, mas seus olhos sorriam percorrendo os seus guerreiros enquanto, radiante, os cognominava de rufiões e trapaceiros.

Trabalho não me faltou, pois as adagas e as clavas dos cabírios tinham produzido ferimentos horríveis. Trabalhei aproveitando a luz das tendas que ardiam; os gritos dos feridos se misturavam com os das mulheres que em grandes bandos eram arrastadas pelos soldados. Lavei e tapei muitas feridas, fiz reentrar entranhas que emergiam de ventres, endireitei lábios e couros cabeludos. Aos que

estavam em perigo irremediável de morte certa de beber narcóticos para que morressem em paz durante a noite.

Cuidei também de muitos cabírios cujos ferimentos graves haviam impedido a fuga, limpando e ajeitando suas feridas.

Por que motivo fiz isso, nem sei. Talvez porque assim Horemheb pudesse obter preço mais alto ao vende-los como escravos. Vários desses cabírios, no entanto, se irritaram com o meu socorro e preferiam abrir outra vez as feridas quando ouviam o choro dos filhos e as lamentações das suas esposas raptadas. Procuravam soltar as pernas amarradas, puxavam a roupa por cima das cabeças, ficavam sangrando mortalmente.

Ao ver isso me senti menos orgulhoso da vitória do que momentos antes. Afinal de contas os cabírios não passavam de um miserável povo do deserto tentado pelo gado e pelo trigo do vale, pela qual razão excursionavam assim desesperadamente pela Síria. Quase todos eram esqueléticos e apresentavam doenças de olhos. Conquanto fossem valentes em guerra e deixassem na retaguarda aldeias em fogo, não pude deixar de sentir compaixão quando os vi cobrir as cabeças com frangalhos enquanto morriam.

No dia seguinte procurei Horemheb e pedi para instalar um acampamento adequado onde os soldados que haviam recebido ferimentos mais graves pudessem se restabelecer, pois se fossem levados diretamente para Jerusalém pela certa pereceriam no caminho.

Horemheb agradeceu meu auxílio e disse:

- Jamais cuidei que tivesses tanto valor quanto demonstraste ontem, investindo em plena batalha assim montado em teu burro frenético. Não aceitaste a noção preestabelecida de que a função do médico, nas guerras, começa depois de acabada a batalha. Sei que, os meus homens te apelidaram de o Filho do Burro Bravo e, se quiseres, te levarei doravante à batalha no meu próprio carro de combate. Futuro propicio te deve aguardar já que tiveste a sorte de sobreviver, muito embora não estivesses munido de espada nem de clava.

- Os teus soldados gabam teu nome e juram que te seguirão para onde os conduzas! - disse eu, para envaidece-lo. - Mas como é que

não estás ferido sequer tendo investido sozinho por entre a espessura das adagas? És protegido por algum poder mágico, ou é porque não sentes medo?

- Sei que estou destinado a realizar grandes feitos. De que forma sei isso, não te posso dizer. Um guerreiro ou tem a boa sorte ao seu lado, ou não a tem, e eu sempre a tive desde que o falcão me conduziu perante o faraó. Verdade é que o meu falcão não gostou do palácio, fugiu e nunca mais voltou. Mas enquanto marchávamos através do deserto de Sinai suportando grande fome e maior sede - eu também, pois gosto de sentir o que a minha gente sofre para assim poder ter domínio sobre ela - vi num vale uma sarça ardente. Tratava-se de fogo vivo modelado como uma árvore. Não se consumiu; pelo contrário, ardeu dia e noite. A terra em redor desprendia um cheiro que me impregnou e me inspirou contínua coragem. Eu podia ver a sarça ardente porque marchava na frente das minhas tropas decidido a caçar animais ferozes do deserto. E ninguém mais a viu, salvo o homem que conduzia o meu carro; ele pode testemunhar se tal aparição foi verdade ou mentira. Pois bem: desde tal momento me certifiquei de que nenhuma espada, nenhuma lança e nenhuma clava me tocarão antes da minha hora marcada.

Acreditei na sua narração e fiquei tomado de medo, pois ele não tinha nenhum motivo para inventar tal fato só para me distrair. Acho-o mesmo incapaz de ter inventado tal coisa porque Horemheb era um desses homens que só acreditavam naquilo que podiam tocar com as mãos.

No terceiro dia Horemheb dividiu as suas tropas, fazendo regressar a Jerusalém um contingente com o saque - pois apareceram poucos mercadores no acampamento em busca de escravos, víveres e pábulo - e mandou o outro contingente pastorear o gado. Instalei um acampamento para os feridos; ficou a guardá-lo um pelotão especial; mas morreram quase todos os feridos. Horemheb por sua vez foi com os seus carros em perseguição dos cabírios porque durante o interrogatório dos prisioneiros ficou sabendo que os fugitivos tinham conseguido salvar e levar consigo o seu deus. Levou-me junto, contra a minha vontade. Fui de pé, atrás dele, no

carro, segurando com força a sua cintura e amaldiçoando a minha vida. Guiava o carro como um maluco e a todo instante me parecia que íamos virar e que eu ia bater com a cabeça em cima das pedras. Ele, porém, caçoava de mim, explicando que apenas queria me dar a sensação do que era a guerra já que eu viera apenas para averiguar tal sensação.

E de fato me pus a par do que era a guerra: vi os carros passarem como rajadas por sobre os cabírios que, coitados, cantando, agitando palmas, impeliam o gado que haviam roubado para esconderijos apropriados no deserto. Os cavalos dos egípcios pisavam mulheres, crianças e velhos. Ele, Horemheb, recebeu a rendição em meio à fumaça dos acampamentos incendiados. Em sangue e em lágrimas os cabírios ficaram sabendo que era melhor viver na pobreza, acolá no deserto, e morrer de fome em suas cavernas do que acometer a fértil e opima Síria a fim de untar suas peles ressecadas e se empanzinar com cereais roubados.

Foi assim que experimentei a guerra, que já não era mais guerra e sim perseguição e carnificina, até que Horemheb achou que bastava e, voltando, deu ordem que se repusessem no lugar as pedras de demarcação que os cabírios haviam derrubado.

Surpreendera finalmente o deus dos cabírios e arremetera sobre ele como um falcão, apavorando os que o conduziam e que o largaram e fugiram. A imagem foi mais tarde metida numa fogueira e ardeu diante de Sekhmet. Os guerreiros davam socos nos peitos, radiantes, exclamando:

- Vede como queimamos o deus dos cabírios!

O nome desse deus era Jehú ou Jahveh; era o deus único dos invasores que tiveram que regressar sem nada para suas terras sáfaras. Tornaram-se assim mais pobres do que quando saíram a depredar, pois já agora nem ânimo tinham para agitar palmas e entoar canções.

Horemheb voltou para Jerusalém que se achava superlotada com refugiados da região atacada e lhes vendeu os cereais e as vitualhas. E tais refugiados dilaceraram suas roupas exclamando furiosos:

- Estes ladrões ainda são piores do que os cabírios!

Mas não se viram em apuros pois estavam em condições de arranjar dinheiro com os, sacerdotes, os mercadores e os coletores de impostos que acorreram para Jerusalém vindos da Síria inteira. Assim Horemheb converteu os despojos em ouro e prata que distribuiu pelos soldados. Compreendi então por que motivo quase todos os feridos haviam morrido a despeito dos meus cuidados. Assim a presa de guerra sobraria muito mais para a soldadesca viva que roubara também as roupas, as armas e os bens dos feridos, tendo até deixado de lhes dar água e alimento para que pudessem. Como me admirar que cirurgiões incompetentes sofregamente se oferecessem para acompanhar as tropas em batalha ou que, a despeito dessa mesma incompetência, voltassem ricos!

Jerusalém estava cheia de ruídos, clamores e ressus de instrumentos sírios. Os soldados esbanjavam ouro e prata em bebidas e mulheres até que os comerciantes, tendo assim recuperado seu dinheiro, se foram embora. Horemheb instituiu uma taxa sobre os comerciantes tanto à chegada como à saída dos mesmos, e desta maneira se tornou um homem rico muito embora se abstendo de participar dos despojos.

Não se mostrou altivo e quando fui me despedir dele antes de regressar a Esmirna, me disse:

- Esta campanha acabou antes mesmo de terminada e em carta o faraó me recomendou que não derramasse sangue sem ordem sua. Vou voltar ao Egito com os meus ratos, dissolver as tropas e depositar seus estandartes no templo. Mas o que sobrevirá depois, não sei, pois estas são as únicas tropas do Egito que tem experiência de guerra, as demais não prestando para nada a não ser sujar muralhas e beliscar nádegas de mulheres na praça do mercado. Valha-me Ammon! Fácil é no palácio dourado do faraó escrever hinos em louvor de um único deus e acreditar que todas as nações podem ser governadas pelo amor! Se ele ouvisse os gritos dos homens mutilados e os gemidos das mulheres nas aldeias incendiadas sempre que fronteiras são taladas pensaria de outra forma.

Disse-lhe:

- O Egito não tem inimigos, pois é tremendamente rico e poderoso. Além disso a tua fama se espalhou por toda a Síria e os cabírios não removerão outra vez as demarcações da fronteira. Por que motivo pois não há de mandar debandar as tropas, se eles na verdade espumam de raiva diante de seus pratos vazios, se dormem em lapas mal cheirosas como animais bravios e se estão coberto de lêndeadas?

- Não sabes o que estás dizendo - retorquiu ele olhando ao longe e coçando as axilas porque mesmo o posto do comando estava cheio de piolhos. - O Egito confia demais em seu poderio e daí o seu engano. O mundo é grande e em lugares secretos se semeiam ventos de onde se colherão tempestades. Estou informado, por exemplo, que o rei dos Amoritas está reunindo afoitamente cavalos e carros, quando lhe seria mais conveniente pagar o tributo ao faraó com maior pontualidade. Nos banquetes os seus oficiais de alto comando falam somente de como os amorreus outrora governaram o mundo inteiro - o que em certo sentido é verdade pois os últimos dos hiqsos moram na terra de Amurru.

- Esse Aziru é meu amigo e um homem frívolo; conheço-o porque lhe tratei dos dentes. E acho que não pensa nessas coisas e sim em outras muito diferentes pois ouvi contar que arranjou uma mulher que só o pode esfalfar.

- Sempre foste um homem bem informado - observou Horemheb, olhando-me atentamente. - És um homem livre, independente. Viajas de cidade em cidade e assim escutas muitas coisas que os outros jamais chegam a saber. Se eu estivesse em teu lugar e fosse livre, viajaria através de tudo quanto é país procurando instruir-me. Iria à terra de Mitani e também à Babilônia e verificaria que espécie de carros de guerra os hititas empregam atualmente e de que forma exercitam suas tropas. Visitaria as ilhas por esses mares além a fim de ver qual o tamanho de seus navios, coisa de que se fala tanto. Mas o meu nome é conhecido através de toda a Síria e com certeza eu não poderia me informar direito, por causa disso. Tu porém, Sinuhe, vestes roupas sírias e falas uma língua que é conhecida por todas as pessoas cultas e educadas de todas as nações. És médico também e assim todos cuidarão que só entendes

da tua profissão. Além disso tua conversa é simples; eu, por exemplo, a acho pueril, e tens uma observação muito pronta. Sei contudo que teu coração está incomunicável, ninguém sabendo o que carregas dentro dele. Não é verdade?

- Talvez, mas que é que desejas de mim?

- Que dirias se eu te fornecesse uma boa cópia de ouro e te mandasse para essas terras de que acabei de te falar a fim de praticares em tua arte e espalhares ao mesmo tempo a fama da medicina egípcia e teus próprios métodos de tratamento? As pessoas ricas e influentes, até mesmo os reis, talvez, te chamariam e assim analisarias seus corações. E enquanto seguisses teus estudos e clinicasses, deixarias que teus olhos e teus ouvidos fossem meus; assim, quando regressasses ao Egito, me poderias informar sobre tudo que viste e ouviste.

- Não pretendo regressar nunca mais. E, além disso, há perigo no que me propões. Não desejo que me dependurem de cabeça para baixo na muralha de alguma cidade estrangeira.

- Ignoramos, todos nós, o dia de amanhã. Acho que ainda acabarás voltando ao Egito um dia porque todo aquele que bebeu uma vez a água do Nilo não poderá se dessedentar sempre em outras águas apenas. Até mesmo as andorinhas e os grouns voltam todos os invernos. Ouro para mim é poeira e eu preferiria trocá-lo por conhecimentos. Quanto a seres enforcado em alguma muralha, isso é palavreado que entra por um ouvido meu e sai pelo outro, pois não acredito em tal perigo. Não estou pedindo que infrinjas as leis de nenhum lugar nem que te portes mal. Acaso em todas as grandes cidades não se empenham com o viajante para que visite os templos?...Não preparam toda sorte de banquetes e diversões para atraí-lo e ao seu ouro? Qual é o lugar que não te receberá bem se aí entrares com dinheiro? Tua profissão também será bem acolhida em terras onde matam os velhos e expõem os doentes no deserto para que morram, conforme sabes que costumam fazer. Os reis são orgulhosos e gostam de formar paradas com suas tropas para impressionar o estrangeiro. Que mal farias tu em notar como é que tais homens marcham e de que maneira estão armados, em contar seus carros e reter na mente se



são grandes e pesados ou pequenos e leves, se transportam dois homens ou três, pois ouvi dizer que alguns levam um homem com um escudo além do homem que guia. Também seria importante verificar se as tropas são bem alimentadas e nédias ou magras e sarnentas e se tem doenças de olhos como os meus homens. Consta que os hititas descobriram não sei que metal novo e que armas feitas com isso podem estragar o gume do melhor machado de cobre. Se isso é verdade, não sei. E é possível que hajam descoberto algum novo modo de endurecer o cobre. Seja lá como for, gostaria de me por bem a par. Mas acima de tudo gostaria de conhecer as almas e os corações dos soberanos e dos seus conselheiros. Olha para mim, Sinuhe.

Encarei-o e foi como se ele crescesse diante dos meus olhos. Parecia um deus, e seus olhos queimavam como brasas a tal ponto que meu coração se comoveu. Inclinei-me perante ele, que então me disse mais:

- Acreditas agora? Sou ou não sou um homem de autoridade?  
- Meu coração me diz que podes me dar ordens. Mas ignoro por que motivo me submeto - disse-lhe quase gaguejando com a língua presa na boca. - Não resta dúvida que estás destinado a dirigir muitos, conforme declaras. Aceito tua proposta. Irei. Meus olhos e meus ouvidos serão teus. Não sei se ganharás algum lucro com o que eu vir e escutar, pois sou leigo nos assuntos que te interessam. Em todo caso farei tudo quanto me for possível fazer; e não por causa de ouro e sim porque sou teu amigo e porque os deuses lisamente assim dispuseram - é que de fato eles existem.

Disse-me ele:

- Não creio que jamais te venhas a arrepender de nossa amizade. Ainda assim te darei ouro para tais viagens pois, se bem conheço os homens com quem vais tratar, precisarás ter posses. Não me perguntaste por que é que tais conhecimentos me são mais preciosos do que o ouro; mas vou te explicar: os grandes faraós sempre mandaram homens vivazes às cortes estrangeiras. Mas os representantes do atual faraó são uns cabeças de carneiro que só sabem como pregar seus vestuários e usufruir suas honrarias, preocupando-se em saber se o protocolo manda que fiquem. à

direita ou à esquerda do faraó. Assim pois não lhes dê atenção caso te venhas a encontrar com algum; que o palavreado deles não seja para os teus ouvidos mais do que zumbidos de moscas.

Quando nos despedimos ele pos de lado toda e qualquer dignidade, acariciou meu rosto e tocou com o seu os meus ombros, dizendo:

- Meu coração se confrange ante a tua partida Sinuhe, porque se és um solitário, eu também sou. Não há quem conheça os segredos do meu coração.

Creio que quando me disse tais palavras tinha em mente a princesa Baketamon cuja beleza o fascinara. Deu-me muito ouro, bem mais do que eu pudera imaginar. Acho até que me entregou o ouro todo que obtivera na campanha da Síria. Pos à minha disposição uma escolta que me protegeu até a minha chegada ao litoral, de modo a eu poder viajar sem medo de salteadores. Assim que cheguei coloquei o ouro todo numa grande companhia comercial, trocando-o por lousas de greda bem mais garantidas de transportar, pois de nada podiam servir para os ladrões. Depois então tomei um navio a cujo bordo segui para Esmirna.

LIVRO VI

O DIA DO FALSO REI



Antes de iniciar um novo livro em seqüência aos anteriores devo render preito aos passados dias em que viajei sem ser molestado através de muitas nações adquirindo sabedoria, pois um tempo assim dificilmente voltará. Percorri um mundo que durante quarenta anos não conhecera guerras. Por toda parte os reis protegiam as rotas das caravanas e os mercadores que se serviam delas, enquanto seus navios e os dos faraós varriam os piratas dos mares. As fronteiras estavam abertas; mercadores e viajantes que traziam ouro eram bem acolhidos em todas as cidades, e não havia dissensão nem contendas entre os homens que se saudavam com mútua consideração e procuravam aprender hábitos e modos recíprocos. Muita gente educada falava diversas línguas e conhecia dois modos de escrever bem.

Os campos eram aguados e davam abundantes colheitas e nas Terras Vermelhas os rios do céu cumpriam a tarefa que no Egito cumpre o Nilo, refrescando as terras. Naquele tempo o gado pastava tranqüilamente em chão relvoso e os pastores não carregavam armas e sim tocavam instrumentos de sopro e cantavam canções idílicas. As vinhas prosperavam e os pomares viviam pesados de carga opima. Os sacerdotes eram nédios e reluzentes de unguentos; a fumaça de inúmeros sacrifícios se erguia da fachada dos templos em cada país. Também os deuses prosperavam e eram solícitos engordando simbolicamente ante a cópia de oferendas e sacrifícios. Os ricos se tornavam mais opulentos, os poderosos mais poderosos ainda e os pobres bem mais pobres, segundo os deuses decretavam: de forma que todos estavam contentes e ninguém murmurava. Tal é a visão que guardo desse tempo pretérito - um tempo que jamais voltará - quando no início da mocidade meu corpo não se estafava com longas jornadas, meus olhos cada vez ficavam mais sequiosos de

novidades e meu coração, sedento de conhecimento, se abeberava até às bordas.

Isto posto - tendo louvado o passado em que até mesmo o sol brilhava mais claro e os ventos eram mais propícios do que nestes ruins tempos de agora - passo a falar de minhas viagens e de tudo quanto vi e ouvi. Preliminarmente me referirei ao meu regresso a Esmirna.

Ao chegar a casa, Kaptah veio ao meu encontro, correndo, por entre brados e prantos de alegria e se arremessou aos meus pés.

- Louvado seja o dia que assim traz o meu amo à casa! - exclamou. - O patrãozinho sempre voltou, apesar de eu já o cuidar morto na guerra... Palavra que pensei que o meu senhor tivesse sido aberto por uma espada por não ter dado atenção às minhas palavras de advertência e ter seguido para ver que tal era uma batalha... Há que reconhecer que o seu escaravelho é um deus poderoso e que o protegeu. Abençoado seja este dia! Meu coração está repleto de júbilo por ver o patrãozinho, e minha alegria corre pelos meus olhos abaixo em forma de lágrimas... Sim, pois não as posso reter muito embora houvesse até imaginado que ia herdar do patrãozinho e ficar de posse do ouro todo que fora colocado entre os mercadores de Esmirna. Longe de mim lastimar tal perda, porque sem o patrãozinho não passo de um filhote que perdeu a mãe. Ah! Que dias sombrios que passei! Em lugar de furtar mais do que antigamente cuidei, isso sim, de zelar por sua casa e por seus bens... E a tal ponto que ao regressar vai ver logo como está mais rico do que quando partiu.

Lavou meus pés e minhas mãos, serviu-me de todo modo falando sempre por tudo quanto era junta a ponto de me ver obrigado a exigir que calasse a boca.

- Trata de preparar tudo porque vamos encetar uma viagem que pode demorar muitos anos e que será cheia de percalços. Vamos conhecer a terra de Mitani, Babilônia e as ilhas do alto mar.

Então Kaptah exclamou:

- Agora é que lamento deveras haver nascido neste mundo e também haver me tornado gordo e próspero, pois quanto mais afortunado é um homem mais difícil lhe é renunciar às suas

comodidades. Caso se tratasse de uma viagemzinha por um mês ou dois, conforme tem feito, eu não diria nada e permaneceria pacificamente aqui em Esmirna. Mas se a sua viagem vai se estender por anos, o patrãozinho não voltará mais e não o tornarei a rever. Assim pois me cumpre ir com o patrãozinho, levando o nosso escaravelho sagrado. Contra possíveis azares o meu senhor precisará de toda a indispensável boa sorte, e sem o escaravelho cairá em precipícios e será traspassado pela espada de salteadores. O melhor ainda seria ficar em nossa casa, aqui em Esmirna.

Como se vê, Kaptah com o decorrer dos anos se tornara mais confiado e falava da nossa casa, do nosso escaravelho e quando se tratava de algum pagamento dizia: o nosso ouro. Mas me aborreci com isso e com as suas lamentações, e disse:

- Meu coração me diz que um belo dia serás dependurado pelos pés do alto de uma muralha. Resolve portanto se vens comigo ou se ficas. E, antes de mais nada acaba com esse contínuo miado e trata de preparar as coisas porque há urgência e a viagem é longa.

Kaptah ao ouvir isso se calou, resignando-se com o seu fado e nos aprestamos para partir.

Como jurara nunca mais pisar num navio nos agregamos a uma caravana que estava a caminho para o norte da Síria, pois eu desejava ver os cedros do Líbano de onde vinha a madeira para os palácios e para a embarcação sagrada de Ammon. Da viagem, pouco há a dizer; não ocorreu particularidade nenhuma e não fomos assaltados. As estalagens eram boas; comemos e bebemos bem; em uma ou duas das paradas gente enferma nos procurou e a tratei. Viajava numa liteira, porque isso de lombo de burro era coisa que não aturava mais. Apesar do vento queimar meu rosto, o que me obrigava a viver me untando com óleo, e apesar do pó me maltratar e os mosquitos das dunas me perseguirem, pouco me incomodei com tais ninharias, pois meus olhos se rejubilavam com o que viam.

Vi florestas de cedros, e árvores tão gigantescas que se eu descrevesse nenhum egípcio acreditaria nas minhas palavras. A fragrância dessa madeira era mais do que maravilhosa. As correntes d'água eram cristalinas eu tinha impressão de que quem morasse

numa região daquelas não podia absolutamente ser infeliz deveras. Mas isso foi idéia que tive antes de ver os escravos que as derrubavam e locomoviam para mandá-las serra abaixo para as praias do mar. Fazia mal à alma testemunhar a miséria de tais escravos; tinham os braços e as pernas cobertos por feridas expostas produzidas pelos troncos e pelos instrumentos de que se utilizavam, e em seus dorsos os versões esfolados pelos açoites enxameavam de moscas.

Por fim nos dirigimos à cidade de Kadesh, onde havia uma fortaleza e uma grande guarnição egípcia. Mas as muralhas da fortaleza não eram guardadas, as defesas tinham desmoronado e quer os oficiais quer os soldados moravam na cidade com suas famílias só se lembrando dizer cruzi guerreiros nos dias em que eram distribuídos cereais, alhos e cerveja dos paióis do faraó.

Demoramos bastante tempo na cidade para que as feridas das costas de Kaptah - causadas durante a viagem - ficassem curadas de vez. Tratei de muitas pessoas doentes porque os médicos egípcios daquele lugar eram incompetentes e seus nomes deviam desde muito ter sido cancelados do Livro da Vida, se é que com efeito lá estavam registrados.

Mandei nessa cidade fazer um sinete para mim, de boa pedra, conforme exigia a minha dignidade, pois aqui os sinetes diferiam dos do Egito, não sendo usados em anéis e sim pendendo de uma corrente no pescoço e tinham a forma de um cilindro que, quando rolado em cima de uma lousa, deixava sua marca na superfície. Os pobres e os ignorantes apenas deixavam a marca do polegar nos documentos - e isso quando sucedia ter em que "assinar" assim qualquer coisa.

Continuamos nossa viagem e atravessamos a fronteira, rumando para Naharani, sem sermos molestados chegando a uma região onde um rio corria em sentido contrário, isto é tinha seu curso oposto ao que segue por exemplo o Nilo.

Informaram-nos que nos achávamos na terra de Mitani, e pagamos a taxa de viajantes para as rendas reais. Mas como éramos egípcios o povo nos saudava com respeito, vindo ao nosso encontro na rua e dizendo:

- Sede bem-vindos. Alegramo-nos sempre que vemos egípcios porque desde muito os consideramos. E também estamos preocupados porque o vosso faraó não nos manda soldados, armas e ouro; e corre o rumor de que ele ofereceu ao nosso rei determinado deus novo do qual não temos nenhum noção; aliás já temos aqui Ishtar de Nínive e muitos outros que por enquanto nos tem protegido.

Convidar-nos a ir até às suas casas, deram-nos alimento e bebida, e serviram também Kaptah porque era egípcio.

Conquanto mero criado, o que fez Kaptah me dizer:

- Esta é uma boa terra. Fiquemos aqui, onde o meu senhor poderá clinicar, pois parece que esta gente é ignorante crédula sendo fácil de ser enganada.

O rei de Mitani fora para as montanhas por causa da estação cálida. Não tive o mínimo desejo de ir ter com eles acolá, pois estava impaciente por ver as maravilhas de Babilônia, de que tanto ouvira falar. Mas fiz conforme Horemheb me recomendara, e conversei com os grandes e com os humildes; todos fizeram a mesma queixa, mostraram a mesma inquietação.

A terra de Mitani outrora havia sido poderosa, mas agora parecia uma nação flutuando no ar, emparedada por Babilônia a leste, por tribos selvagens ao norte e a oeste pelos hititas cujo país se chamava Hati. Quanto mais ouvia falar dos hititas, que eram muito temidos, mais firmemente decidi viajar para a terra de Hati. Antes, contudo, desejava visitar Babilônia. Os habitantes da terra de Mitani eram de estatura pequena, suas mulheres eram bonitas e as crianças pareciam bonecas. Pode ser que em tempos idos tenham sido um povo poderoso, pois declaravam que outrora tinham dominado todos os povos do norte e do sul, do leste e do oeste; mas isso não há nação que não declare. Mesmo desde o tempo dos grandes faraós esta nação era dependente do Egito e por duas gerações as filhas dos seus reis tinham morado na casa dourada como esposas dos faraós. Ouvindo a conversa e as queixas dos mitanianos cheguei à convicção de que o país deles fora escolhido como um escudo para a Síria e o Egito contra o poder de Babilônia e dos povos selvagens, para assim receber em seu corpo



espadas que pretendessem alvejar a soberania do faraó. Por este motivo, somente os faraós amparavam o trono vacilante do rei e lhe mandavam ouro, armas e mercenários. Mas o povo não compreendia isso e se mostrava sobremodo orgulhoso da sua terra e do seu poder.

Logo percebi que se tratava de uma nação exausta e em declínio com a sombra da morte em seus templos. O povo não se dava conta disso, preocupando-se mais com refeições cujas iguarias eram preparadas de muitas maneiras notáveis; perdia tempo também experimentando vestuários novos - sapatos pontudos e altos chapéus - tendo um gosto especialíssimo para a escolha de jóias. As pessoas eram esguias como no Egito, e as mulheres tinham a pele tão transparente que se podia ver o sangue circular, todo azul, em suas veias. Falavam e comportavam-se com delicadeza, tendo aprendido desde a infância a andar graciosamente; isso, tanto os Homens como as mulheres. A vida em tal país era agradável; mesmo nas casas de divertimentos não havia brigas; tudo era silêncio e discrição a ponto de me sentir sem jeito quando as freqüentava para beber um pouco. Aliás sentia o coração pesado porque assistira a uma guerra e, por conseguinte, deduzia que se era verdade quanto diziam da terra de Hati então a de Mitani estava sentenciada.

Possuía também uma medicina de alto padrão e seus médicos eram homens habilidosos que conheciam a profissão e que eram mais adiantados do que eu.

Obtive deles a receita de uma poção vermífuga que era muito menos incomoda e desagradável do que qualquer outra conhecida até então. Curavam também a cegueira com o emprego da agulha, no que me tornei mais proficiente. As desconheciam de modo total a trepanação e diziam que somente os deuses podiam curar doenças cerebrais - e que mesmo assim as pessoas não eram mais as mesmas sendo preferível a morte. Contudo o povo sentia curiosidade, procurava-me, trazia-me seus doentes, pois tudo quanto era diferente e novo o atraía.

Assim como gostavam de usar roupas e ornatos estrangeiros, de comer pratos e óticos e de beber vinho importado, tais pessoas

desejavam outrossim ser tratadas por médico recém-chegado. Mulheres vinham consultar-me, muito risonhas, explicavam seus distúrbios, queixavam-se da preguiça dos maridos a cujo cansaço e impotência se referiam. Compreendi logo muito bem que era que elas queriam, mas cuidadosamente me fiz de desentendido, longe estando de querer ofender leis e costumes de uma nação estrangeira. Dei-lhes pelo contrário drogas para misturarem no vinho destinado aos maridos. Tais drogas, capazes de levantar as energias de um morto, eu as obtivera de médicos de Esmirna; os sírios são os mais hábeis médicos do mundo neste assunto e seus medicamentos são bem mais poderosos do que os do Egito. Mas se aquelas mulheres deram as tais drogas aos maridos, ou se as deram a outros homens, lá isso não sei, muito embora me parecesse que preferiam homens estrangeiros, sendo - como eram - livres de maneiras. Os casais tinham poucos filhos o que para mim também já era um sinal de que a sombra da morte pairava sobre aquele país.

Devo mencionar que essa população não conhecia mais as fronteiras do seu reino, porque as pedras demarcadoras tinham sido e eram constantemente deslocadas. Os hititas as transportavam em seus carros e depois as dispunham onde muito bem queriam. Se os mitanianos protestavam os hititas riam e os desafiavam a repo-las nos antigos lugares, caso quisessem.

Querer, queriam os mitanianos, mas lhes faltava coragem porque - se é verdade o que diziam dos hititas - jamais houve na face da terra povo tão cruel e pertinaz. Corria a lenda de que o maior prazer deles era ouvir gritos de mutilados e contemplar correr sangue de feridas abertas. Cortavam as mãos dos mitanianos que moravam na fronteira e que se queixavam que o gado hitita pisava nas lavouras e destruía as colheitas; e depois diziam aos amputados que, se quisessem, carregassem de novo as pedras demarcadoras para seus primitivos lugares.

Cortavam os pés dos camponeses e lhes diziam que fossem se queixar depressa ao rei; ou lhes esfolavam os couros cabeludos puxando-os até aos olhos para que não vissem que fim tinham levado os marcos fronteiraços. Impossível enumerar as maldades

que os hititas costumavam fazer, todas as suas crueldades e proezas medonhas. Diziam-me que tal povo era pior do que os gafanhotos, porque depois da passagem destes a terra podia florescer ainda, ao passo que por onde passavam os carros hititas não crescia mais nada.

Não quis me demorar mais na terra de Mitani, pois achei que aprendera tudo quanto tinha desejado saber, mas o meu orgulho médico se sentiu ofendido ante as dúvidas dos facultativos mitanianos que não acreditavam no que eu lhes dizia a respeito da trepanação. Eis porém que chegou à minha estalagem um homem da melhor distinção queixando-se que sentia um bramir de oceano nos ouvidos, sendo dado a vertigens e sofrendo dores cruciantes. Disse-me que se ninguém o curasse desejava morrer. Os médicos de Mitani não queriam tratá-lo mais.

Disse-lhe eu:

- Se consentir que lhe abra o crânio é possível que eu o cure. Mas como de uma operação destas em cem pessoas só uma se restabelece, também, é muito possível que o senhor morra.

Respondeu-me:

- Louco seria eu se não concordasse. Pelo menos há uma possibilidade contra cem. Não confio na cura. Mas morrer por suas mãos não é uma transgressão à vontade dos deuses como viria a ser o caso de meu suicídio. Todavia, se conseguir me curar de bom grado lhe darei metade dos meus bens - que não são poucos - e se eu morrer o senhor também não se há de queixar porque lhe deixarei bons donativos.

Examinei-o cuidadosamente, palpando-lhe bem todas as partes da cabeça; mas lugar nenhum era doloroso nem mais duro ou mais tenro do que as demais. Comentou então Kaptah:

- Experimente bater de leve com um martelo; só esclarecer alguma coisa.

Fui batendo com o martelo em diferentes lugares do crânio, sem resultado, até que de repente o homem deu um grito e caiu desacordado. Concluí que descobrira a sede da lesão e que seria melhor abrir o crânio naquele lugar.

Chamei os médicos descrentes e disse:

- Podeis acreditar ou não. Mas tenciono abrir o crânio deste homem a ver se o curo, muito embora o resultado mais provável seja a morte.

Os médicos motejaram:

- Sempre vale a pena assistir a isso...

Arranjei fogo do templo de Ammon e com ele me purifiquei, bem como ao doente e a tudo quanto estava na sala. E comecei a operação quando o sol estava a pino. Abrindo e afastando o couro cabeludo, estanquei a copiosa hemorragia queimando os vasos com arames aquecidos ao rubro, não obstante me preocupar com a aflição que isso causava. Mas o paciente me disse que tais dores não eram nada em comparação com o seu sofrimento de todos os dias. Dei-lhe a beber muitos goles de vinho onde tinham sido dissolvidos narcóticos o que fez os olhos do homem proeminarem tanto como os de um peixe morto; mas sua disposição era a melhor possível. Em seguida abri o osso com o maior esmero servindo-me dos instrumentos que conservara. O paciente não desmaiou mais, pondo-se a respirar pausada e profundamente, e disse que já sentia certo alívio quando lhe removi o pedaço de osso. E logo fiquei radiante porque exatamente onde abri o crânio, o demônio ou o espírito perturbador depositara seu ovo. Lembrei-me bem das lições de Ptahor. Era um tumor vermelho e medonho do tamanho do ovo de uma andorinha.

Removi-o com o maior cuidado, queimando tudo quanto o aderira ao cérebro, mostrei-o aos médicos que pararam logo de rir. Fechei o crânio com uma placa de prata que recobri com o couro cabeludo; e em todo esse tempo o paciente não perdeu a consciência. Quando acabei ele se levantou, andou e me agradeceu cheio de gratidão, pois já não ouvia mais o bramido do mar e as dores haviam cessado.

Esta vitória me tornou famoso na terra de Mitani e meu renome chegou antes de mim a Babilônia. Conquanto meu paciente começasse a beber vinho e a se adaptar a tudo, alegremente, lhe sobrevieram febres e delírios., durante um acesso saiu da cama, caiu da muralha e quebrou o pescoço. Mas todos

declararam que a culpa não fora minha e elogiaram muito a minha ciência.

Kaptah e eu contratamos uma embarcação com remadores e descemos o rio, a caminho de Babilônia.

A terra sob o domínio de Babilônia é chamada por nomes diferentes; é conhecida como Caldéia e também como terra dos Kassitas por causa do povo que ali vive.

Chamá-la-ei porém de Babilônia, pois toda gente sabe que nação é essa. Trata-se de uma terra fértil cujos campos de lavoura são irrigados, e plana até quanto os olhos podem abranger,,diferenciando-se do Egito nisto e em tudo o mais.

Assim exemplo, enquanto no Egito as mulheres moem os cereais numa posição ajoelhada e girando uma única mó, as mulheres de Babilônia ficam sentadas e fazem girar duas mós, o que sem dúvida é mais fatigante.

São tão poucas as árvores que derrubar alguma é considerado uma ofensa aos deuses e aos homens sendo infração punida severamente, ao passo que todo aquele que planta uma árvore ganha com isso o favor divino. Os habitantes de Babilônia são mais gordos e untuosos do que qualquer outro Povo e, como todos os obesos, riem à toa. Comem alimentos pesados e farináceos e vi acolá uma ave a que dão o nome de galinha; esse bicho não voa, vive entre as pessoas e põe todos os dias um ovo do tamanho do de um crocodilo; sei bem que quem ouvir falar nisso não acreditará. Instaram comigo que os comesse, deram-me alguns, pois os babilônios consideram tal alimento coisa gostosíssima; mas nunca tive ânimo para os comer, contentando-me com pratos conhecidos ou cujos ingredientes não me repugnassem.

A gente da terra me disse que Babilônia era a maior e a mais antiga de todas as cidades do mundo; mas não acreditei por saber que Tebas é ao mesmo tempo a maior e a mais velha. Não existe no mundo uma cidade igual a Tebas, embora eu admita que Babilônia me espantou com a sua riqueza e extensão. As suas muralhas eram altas como montanhas e formidáveis de aspecto, e a torre que construíram aos deuses deles remontava até às nuvens. As casas da

cidade tinham quatro e cinco andares, de modo que as pessoas moravam por baixo e por cima umas das outras; e em parte nenhuma - nem mesmo em Tebas - vi lojas tão magnificentes e tamanha riqueza de mercadorias como nas casas de negócio em torno do templo.

O deus deles era Marduk, e em honra a Ishtar tinha sido construído um portal que era mais pomposo do que o pórtico do templo de Ammon. Era coberto com muitas telhas vitrificadas e coloridas dispostas de modo a formar desenhos que fulguravam o olhar quando lhes batia o sol. Desse pórtico se estendia uma estrada larga até à torre de Marduk a cujo cimo levava uma rampa em espiral. Era uma rampa tão macia e larga que uma porção de carros podiam ser guiados até lá, simultaneamente. No cume dessa torre moravam os astrólogos, que conheciam todos os corpos celestes, calculavam suas rotas e prediziam os dias benéficos e maléficos de forma que todos podiam regular suas vidas por este meio.

Constava também que eram capazes de prever o destino de uma pessoa bastando para tanto saberem o dia e a hora do seu nascimento. Sendo ignorante do meu próprio dia de nascença não pude por em prova a ciência deles. Eu dispunha de bastante ouro, pois me bastava ir buscá-lo nas firmas bancárias anexas ao templo. Montei residência perto da Porta de Ishtar, num hotel de muitos andares de altura em cujo terraço havia jardins, árvores frutíferas e sebes de mirto, por entre cascatas artificiais e lagos piscosos. Esse hotel era freqüentado por pessoas eminentes que vinham visitar Babilônia saindo de seus respectivos domínios e que aí se hospedavam quando não dispunham de moradia própria na cidade, e também por embaixadas estrangeiras. Os quartos eram forrados por espessos tapetes, e as camas cobertas e amaciadas por peles de animais selvagens, ao passo que pelas paredes havia cenas frívolas resultantes da alegre e sábia disposição em cores de tijolos vitificados. Esse hotel se chamava A Casa de Alegria de Ishtar e pertencia como tudo o mais de importância na cidade, à Torre do Deus. Em parte nenhuma do mundo se vêem tão

diferentes qualidades de pessoas e se ouvem tão esquisitas línguas como em Babilônia.

Os habitantes da cidade diziam que todos os caminhos conduziam a Babilônia e que ela era o centro do mundo. Antes e acima de tudo se trata de um povo de mercadores; acolá nada era levado tão em conta como o comércio tanto que até os seus deuses comerciavam uns com os outros. Por tal motivo esse povo execrava a guerra e, se mantinha mercenários e construía muralhas o fazia apenas para salvaguardar seus negócios.

A vontade dele era que houvesse estradas em todos os países e sempre abertas ao tráfego geral principalmente porque os babilônicos sabiam que eram mercadores muito maiores do que quaisquer outros e que o comércio lhes trazia mais vantagens do que a guerra. Ainda assim se orgulhavam dos soldados que montavam guarda às suas fortificações e aos seus templos, que marchavam todos os dias para a Porta de Ishtar, com os elmos e couraças reluzentes de ouro e prata. Os punhos de suas espadas e as copas de suas lanças também eram adornados com ouro e prata, como exibição de riqueza.

Tomados de entusiasmo perguntavam aos estrangeiros se jamais haviam visto antes tropas e carros assim.

O rei de Babilônia era um rapazinho bochechudo que tinha que amarrar ao queixo uma barba falsa quando subia ao trono para dar expediente. Gostava de brincar e de ouvir histórias.

Meu renome me precedera de Mitani, de modo que depois que me instalei na Casa da Alegria de Ishtar e conversei com os sacerdotes e com os médicos acolá da torre, recebi ordem do rei para me apresentar à sua presença. Como sempre, Kaptah se apavorou e me fez esta observação:

- Patrão, não vá. Tratemos mas é de fugir, pois nada de bom se pode esperar dos reis.

Redargüi:

- Não seja tolo. Esqueceste que temos o escaravelho conosco?

- O escaravelho é o escaravelho - acrescentou ele - disso não me esqueço; mas a segurança vale mais do que o acaso, e não convém que experimentemos tanto o poder da escaravelho. Mas se o patrão

insiste em querer ir, não posso me opor e irei também; pelo menos assim morreremos juntos. Urge porém que façamos praça da nossa dignidade e exijamos que a liteira real venha nos buscar.. De mais a mais não iremos hoje porque, segundo os hábitos do país, este não é um dia que convenha. Os comerciantes fecharam suas lojas, o povo está descansando em suas casas, e não trabalha. E não trabalha porque isso lhes é vedado, já que se trata do sétimo dia da semana.

Refleti e lhe dei razão. Para nós, egípcios, todos os dias eram iguais, salvo os que tivessem sido proclamados maléficis de acordo com os astros; mas ali naquele país o sétimo dia de cada semana podia ser desastroso até mesmo para um egípcio, o mais conveniente, portanto, sendo a prudência. Respondi então ao criado do rei:

- Não resta dúvida que me tomas por um estrangeiro alvar, já que imaginas que eu iria aparecer perante o teu rei num dia como o de hoje. Irei ver amanhã o teu rei caso ele mande uma de suas liteiras me buscar. Não quero me apresentar diante do trono com os sapatos sujos de esterco das ruas.

Atalhou logo o criado:

- Pela resposta que me dás, egípcio vulgar, receio que tenhas que te apresentar diante do Rei impelido até ao palácio por uma espada fustigando tuas nádegas.

E foi embora. Mas decerto ficou preocupado porque no dia seguinte a liteira do rei veio me buscar à porta da Casa de Alegria de Ishtar. Era, ainda assim, uma liteira ordinária, -como as que conduziam comerciantes e mais gente do povo ao palácio para a exibição de jóias, penas e bugios.

Kaptah berrou para os carregadores e o desempedidor de caminho:

- Em nome de Set e de todos os demônios! Que Marduk vos ataque com escorpiões! Ide-vos embora! Pensais acaso que o meu senhor se humilharia em trafegar numa gaiola velha e ridícula dessas?!

Os carregadores ficaram furiosos e o guia ameaçou Kaptah com o seu bordão. Transeuntes começaram a se aglomerar ali na porta e a rir, dizendo:

- Palavra de honra que queremos ver que espécie de amo é o teu que considera assim inadequada para seu uso a liteira do rei...



Mas Kaptah alugou a grande liteira pertencente ao hotel e cujo transporte requeria quarenta escravos; era dentro dela que embaixadores de reinos poderosos saíam a realizar suas missões e negócios; servia também para transportar deuses estrangeiros em visita à cidade, e os papalvos deixaram de rir quando desci dos meus aposentos com um vestuário onde estavam bordados a ouro e prata os símbolos da minha profissão. O meu colar resplandia ao sol por causa do ouro e das pedras preciosas, e do meu pescoço pendiam cadeias e mais cadeias de fino ouro. Os escravos do hotel seguiram-me com cofres de cedro e de ébano incrustados com marfim dentro dos quais se achavam os remédios e os instrumentos. Com efeito, não houve mais risadas; pelo contrário: deram em me fazer medidas, dizendo alternadamente lá entre eles:

- Decerto esse homem ombreia em sabedoria com os deuses. Sigamo-lo até ao palácio.

Nos portões do palácio a guarda dispersou com suas espadas e fazendo barreira com seus escudos o ajuntamento de gente, para que eu passasse por entre uma parede dupla de ouro e prata. Leões alados ladeavam o caminho por onde fui levado até as galerias internas. Nisto veio ao meu encontro um velho cujo queixo era escanhado à maneira dos intelectuais e de cujas orelhas pendiam argolas de ouro. Suas bochechas pendiam em flacidez descontente e havia raiva em seus olhos quando me dirigiu a palavra:

- Já estou com o fígado irritado por causa do desnecessário estardalhaço que causaste com a tua chegada. O senhor dos quatro cantos do mundo já está perguntando que espécie de homem é o que acode a um chamado quando muito bem quer e não segundo a urgência implícita na ordem real um homem que, ao vir provoca deliberado tumulto!...

Disse-lhe:

- Velhote...Tuas palavras entram por um dos meus ouvidos e saem pelo outro como o zumbir de moscas. Uma coisa, porém, te pergunto: Quem és para te dirigires a mim nestes termos?!

- Sou o médico-camareiro do senhor dos quatro cantos do mundo... E tu, que aventureiro és que ousas vir arrancar ouro e prata do rei? Aviso-te desde já que caso ele, em sua real bondade, te

recompensar com imerecido ouro e imerecida prata em barras, a metade me compete por direito, ouvis-te???

- Um conselho te dou: entende-te a respeito com o meu criado cujo encargo outro não é senão afastar parasitas e impostores do meu caminho. Serei condescendente contigo, no entanto, porque és um ancião e um inválido. Vou te dar estes braceletes que trago nos punhos só para te mostrar que ouro e prata nada mais são para mim do que poeira! Debaixo dos meus pés e que não é à cata disso que venho e sim de sabedoria!

Dei-lhe os braceletes; ficou perplexo o mudo. Chegou até a consentir que Kaptah me acompanhasse; e nos conduziu à presença do rei.

O rei Burnaburiash se achava sentado em cima de fofas almofadas numa sala majestosa com paredes cujos tijolos de esmaltes de diversas cores refulgiam. Era um rapazola cheio de vontade e impertinente, segundo me pareceu, embora estivesse com a mão no rosto. Ao seu lado jazia um leão que rugiu de leve quando aparecemos. O velho prostrara-se para roçar o chão com a boca, o mesmo fazendo Kaptah que quando ouviu o rugido do leão se encolheu e ficou acorocado, assim de mãos e pés juntos, feito uma rã, dando um uivo, o que fez o rei romper num acesso de gargalhada estirando-se para trás, em cima das almofadas, torcendo-se de alegria. Kaptah se deixou ficar agachado no solo mas ergueu as mãos num gesto de defesa enquanto o leão também se aprumou e bocejou demoradamente e depois bateu com as garras uma na outra enquanto eriçava a juba.

O rei riu até lhe correr lágrimas dos olhos. Depois se lembrou da dor, deu um gemido e pos a mão numa das bochechas que estava tão inchada que o olho do mesmo lado permanecia quase fechado. Fez uma carranca para o velhote que se apressou em dizer:

- Sempre chegou e aqui está o egípcio que não quis vir quando o mandastes chamar. Dizei apenas uma palavra que os guardas lhe moerão o fígado.

Mas o rei fez menção de lhe dar um pontapé, dizendo:

- Não é hora de dizer tolices; preciso que ele me cure imediatamente. A dor é medonha. Tenho até receio de

morrer porque não durmo desde muitas noites e só tenho me alimentado de caldo.

Então o velhote se lamentou, batendo com a cabeça contra o chão.

- O senhor das quatro bandas do mundo! Fizemos tudo para vos curar! Oferecemos mandíbulas e dentes ao templo para expulsar o espírito mau que está alojado no vosso maxilar. Mas não conseguimos expulsá-lo porque não deixastes que tocássemos vossa sagrada pessoa. E nem creio que este impuro egípcio possa fazer mais do que nós.

Retruquei:

- Eu sou Sinuhe, o egípcio, O Que Está Sozinho, Filho do Burro Bravo e não preciso examinar-vos para ver que vossa face está inchada por causa de um dente que não foi tratado nem extraído a tempo, conforme os vossos médicos decerto vos aconselharam que fosse feito. Tais dores são para crianças e medrosos e não para o senhor das quatro banda do mundo, diante de quem até os leões tremem e abaixam as cabeças conforme vi com meus próprios olhos. Ainda assim sei que a vossa dor é grande e quero ajudar-vos.

O rei, ainda com a mão no rosto, respondeu:

- Falas com desembaraço demasiado. Se eu estivesse bom mandaria cortar tua língua impudente e moer teu fígado... Mas não há tempo para isso agora. Cura-me depressa e tua recompensa será grande. Mas se me machucares mandarei te matar imediatamente.

- Está feito. Tenho comigo um deus pequenino mas notavelmente poderoso, graças ao qual não vim ontem... pois se tivesse vindo teria sido em vão. Vejo que hoje é que o inchaço está maduro, em condições de ser tratado. E o farei, se desejardes. Mas nem mesmo um rei podem os deuses preservar de sofrimento, embora vos declare que uma vez tudo sanado o vosso alívio será tamanho que esqueceréis quanto sofrestes. Aliás homem nenhum no mundo fará isso com facilidade maior do que eu.

O rei hesitou durante algum tempo, carrancudo, com a mão no rosto. Era um menino formoso quando assim quieto, apesar de voluntarioso, e percebi que simpatizava com ele.

Sentindo que eu o encarava, disse por fim, irritado:

- Pois então faze depressa o que tens a fazer.

O velho gemeu, batendo com a cabeça no chão, mas não o dei o menor apreço. Mandei que trouxessem vinho aquecido e ao qual misturei narcótico. Bebeu e daí a pouco declarou mudando um pouco de fisionomia:

- A dor está passando. Não será preciso me atormentares com facas e boticões.

Mas a minha vontade era maior. Encravando a cabeça do reizinho na minha axila, obriguei-o a abrir a boca, lancetei-lhe a inflamação do queixo com uma faca purificada no fogo que Kaptah trouxera. Não era, com efeito, o fogo, sagrado de Ammon; Kaptah deixara que este se extinguísse durante a viagem rio abaixo. A nova chama a arranjara Kaptah no meu quarto de hotel riscando uma pederneira acreditando com a sua simplicidade que o escaravelho era potente como Ammon. O rei soltou grandes gritos quando sentiu a faca, e o leão se ergueu com olhos lampejantes e grunhiu, meneando a cauda de um lado para outro. Mas já o menino estava ocupado em cuspir. Seu alívio era evidente e eu o auxiliava, apertando-lhe levemente o queixo.

Chorava e cuspiam, e tornava a chorar, exclamando:

- Sinuhe, o egípcio, abençoado sejas tu, apesar de me haveres machucado. - E continuava a cuspir, com parar. Mas o ancião falou:

- O que ele fez eu podia ter feito; e até melhor, se houvésses permitido que eu tocasse vosso queixo sagrado. E o vosso dentista teria feito isso melhor do que todos nós.

Ficou espantado quando eu declarei:

- Esse velho está dizendo a verdade. Fácil lhe teria sido fazer isso, tão bem como eu fiz; e o dentista ainda teria feito melhor. Mas a vontade deles não foi forte, e a minha é forte; por isso não puderam vos livrar da dor, ao passo que eu vos livre. Sim, pois um médico deve ter a coragem de machucar até mesmo um rei quando a dor for inevitável, sem ter receio do que lhe possa suceder. Os dois tiveram medo; eu não tive, pois para mim tudo se me dá... Podeis chamar vossos homens. Que eles dêem cabo do meu fígado depois que eu vos houver curado.

O rei cuspiam e apertava a face, e esta já não lhe doía mais.

- Nunca ouvi um homem falar como tu falas, Sinuhe. Confesso que me deste grande alívio; é só por isso que perdôo a tua insolência...e que perdôo até mesmo o teu criado que chegou a ver a minha cabeça no teu sovaco e a ouvir os berros que dei. Perdôo teu criado principalmente porque ele me fez rir com os saltos que deu. - Voltou-se para Kaptah e ordenou: - Salta outra vez!

Mas Kaptah disse zangado:

- Isso não condiz com a minha dignidade.

Burnaburiash retrucou, rindo:

- Veremos!

Chamou o leão. O leão levantou-se e espreguiçou-se até suas articulações estalarem, sempre com os olhos inteligentes pousados em seu senhor. O rei apontou para Kaptah e o leão se encaminhou vagarosamente para Kaptah agitando a cauda, enquanto o meu escravo recuava, recuava, olhando para a fera como fascinado.

De repente o leão abriu as fauces e bramiu de modo rouquenho. Kaptah embarafustou para a próxima porta e agarrando-se aos gonzos subiu aos saltos e se empoleirou no caixilho. E uivava aterrorizado sempre que o animal procurava atingi-lo com a pata. O rei ria como nunca, dizendo:

- Nunca vi um bufão em tais apuros!

O leão sentou-se a lambar os beiços, enquanto Kaptah se segurava lá em cima do portal, numa aflição crescente. Mas por fim o rei mandou vir comida e bebida, declarando que estava com fome. O velho chorava de alegria vendo o rei curado. E grande quantidade de iguarias foi trazida em pratos de prata e vinho em taças de ouro. O rei disse:

- Almoça comigo, Sinuhe. Embora eu tenha sido profanado na minha dignidade, me esquecerei disso hoje. Não, não quero lembrar que enfiaste minha cabeça debaixo do teu braço e que enfiaste teus dedos na minha boca.

Assim pois, comi e bebi com ele e lhe disse:

- Passou-vos a dor, mas pode voltar a qualquer hora se o dente que a causou não for arrancado. Mandai portanto que o dentista o extraia enquanto vosso queixo estiver desinchado, enquanto isso puder ser feito sem complicar vossa saúde.

O semblante do rei ficou sério.

- Falas demais. Aborreces-me, estrangeiro maluco. - Depois de refletir um pouco, acrescentou: - Talvez tenhas razão, pois esta dor me vem durante o outono e sempre que meus pés se molham... Dói tanto que minha vontade é morrer. Se achas que isso deve ser feito, então te encarrego; porque não quero ver mais o dentista que me fez sofrer tanto sem necessidade.

Respondi-lhe, ponderadamente:

- Cabe ao vosso dentista e não a mim arrancar vosso dente, pois nesse mister ele é o homem mais habilitado no país. Mais habilitado até do que eu. De mais a mais não quero atizar a raiva e o ciúme dele contra mim. Posso, se quiserdes, ficar junto de vós, bem perto, segurar vossas mãos e encorajar-vos enquanto ele vos extrai o dente. E aliviarei a vossa dor servindo-me de todas as artes que aprendi em muitas terras através de muitos povos. E isso deve ser feito daqui a quinze dias, pois é bom se marcar o dia antes que vos arrependais. Até lá vosso maxilar terá sarado por fora e ireis bochechando de manhã e de noite com o remédio que eu vos der, apesar de ser um remédio que tem mau cheiro e gosto ruim.

O rei irritou-se:

- E se eu não quiser?!

- Tendes que me dar vossa palavra sagrada que tudo será feito conforme vos disse, pois nem mesmo o senhor das quatro bandas do mundo pode recuar diante dessa imperiosidade. E se consentirdes eu vos divertirei com minhas mágicas e mudarei a água em vinho diante dos vossos olhos... Ensinar-vos-ei até a fazer isso para que assusteis vossos súditos. Tendes, porém, que prometer que não revelareis o segredo a mais ninguém, pois é sagrado para os sacerdotes de Ammon e eu próprio não conheceria tal mágica se não tivesse sido sacerdote de primeira categoria, nem ousaria revelá-la a vós se não fosses rei.

Quando acabei de falar, Kaptah gritou, desesperado, lá de cima do portal:

- Tirai essa fera amaldiçoada daqui de perto, do contrário me atiro e a esborracho pois já estou com as mãos entorpecidas e com as

costas lanhadas de tanto me equilibrar aqui neste lugar que não se coaduna com a minha dignidade.

Ante tal ameaça Burnaburiash riu ainda mais. Depois, fingindo fúria, disse:

- Pois te digo que seria uma coisa medonha se matasses o meu leão, pois o trouxe de uma ninhada e ele é meu amigo. Portanto vou mandar que ele se afaste para que não cometas essa temeridade aqui no meu palácio.

Chamou o leão para junto de si e depois que Kaptah desceu do seu poleiro, se pos a esfregar as pernas e a fitar o leão com um tal feitio que o rei riu ainda dando tapas nos joelhos.

- Jamais vi um homem mais cômico do que este. Queres me vender o teu escravo? Ficarás rico.

Mas eu não quis vender Kaptah e o rei não insistiu, de modo que nos despedimos amigos. O rei começara a cabecear e a bocejar; suas pálpebras quase não podiam mais ficar abertas pois havia muitas noites que ele não dormia.

O velho médico me acompanhou e eu lhe disse:

- Permutemos conselhos relativamente ao que ficou marcado para daqui a quinze dias, pois será um dia terrível e urge, por prudência, que ofereçamos sacrifícios a todos os deuses propícios.

Ficou radiante com o que eu lhe disse, pois era um homem pio e combinamos nos encontrar no templo para oferecer sacrifícios e conferenciar com os demais médicos a respeito do dente do rei. Antes de deixarmos o palácio, ele ordenou que fosse dado alguma coisa para dessedentar os carregadores que me haviam trazido; estes comeram e beberam ali diante da fachada e me elogiaram afoitamente.

E enquanto me levaram de volta para o hotel cantavam alto; chusmas nos seguiam. E desde esse dia o meu nome se tornou famoso em Babilônia. Mas durante o percurso Kaptah seguia montado seu burro branco, furioso da vida, sem me dirigir a palavra, porque tinha sido ferido na sua dignidade.

Duas semanas depois me encontrei com os médicos do rei na torre de Marduk onde sacrificamos juntos um carneiro cujo fígado os sacerdotes examinaram. Em Babilônia os sacerdotes consultavam o

fígado dos animais sacrificados, interpretando neles muita coisa ignorada por todos os demais. Disseram-nos que o rei ficaria furioso, mas que ninguém perderia a vida por causa do furor real nem sofreria dano eterno; aconselharam-nos no entanto a que nos acautelássemos com as garras e as espadas. Solicitamos, a seguir, que os astrólogos consultassem o Livro dos Céus para sabermos se tal dia seria auspicioso para aquele empreendimento. Responderam que o dia não era desfavorável, muito embora pudéssemos ter escolhido um melhor. Depois disso, a pedido nosso, os sacerdotes entornaram óleo na água para a leitura do futuro. Tendo olhado bem para o óleo disseram que não viam nada de notável - ou pelo menos nada que pudesse ser considerado um mau augúrio. Quando deixamos o templo um abutre passou por cima de nós carregando nas garras uma cabeça humana que arrebatara de uma muralha. Os sacerdotes interpretaram isso como um sinal favorável; eu, todavia, tive impressão bem oposta.

Avisados assim pelos augúrios, mandamos embora a guarda pessoal do rei, e pedimos que fechassem o leão para que quando o monarca ficasse zangado não o aticasse sobre nós, pois os médicos nos informaram que tal fúria sobreviria. Mas o rei Burnaburiash irrompeu corajosamente, tendo fortificado o fígado com vinho - conforme a expressão usada em Babilônia - o que não impediu de, quando viu a cadeira do dentista que tinha sido transportada para o palácio, se virar, ficando logo pálido. Disse que tinha negócios importantes a despachar e dos quais se esquecera por ter estado a beber. Fez menção de sair da sala, mas enquanto os demais médicos se prostraram com as caras no chão limpando-o com as bocas, agarrei a mão do rei e comecei a encorajá-lo, declarando-lhe que tudo decorreria num instante, bastando que ele tivesse ânimo.

Ordenei aos médicos que asseassem bem as mãos, purifiquei os utensílios do dentista no fogo do escaravelho, depois esfreguei unguentos entorpecedores nas gengivas do infante até ele me mandar parar dizendo que estava com o queixo feito tábua e que já não podia mexer com a língua. Instalamo-lo então na cadeira



atando-lhe a cabeça no espaldar e pondo barras na sua boca para que a não fechasse. Segurei-lhe as mãos, disse-lhe palavras amenas, o dentista invocou bem alto todos os deuses de Babilônia rogando-lhes que o ajudassem. E, enfiando o boticão dentro da boca do rei, arrancou o dente com uma presteza tal como jamais vi. A despeito da mordança apropriada o rei berrou de modo horrível, e o leão, que urrava do lado de fora da porta, começou a investir contra a mesma, lacerando-a e desconjuntando-a com as garras.

Foi um momento de pânico, pois quando desamarramos o menino, soltando-lhe a cabeça e retirando os estorvos da boca, ele cuspiu sangue num vaso, gemendo e gritando, com lágrimas pelo rosto abaixo. Depois ordenou alto que a sua guarda pessoal desse cabo de nós todos. Pos-se a chamar o seu leão, deu um pontapé no fogo sagrado, esbordoou o seu médico-camareiro com uma vara que tive que lhe arrancar da mão.

Roguei-lhe que gargarejasse e bochechasse. Ele obedeceu, enquanto os médicos jaziam aos seus pés tremendo como varas. O dentista pensou que a sua ultima hora havia chegado. Mas o rei acabou se aquietando; bebeu algum vinho, embora de cara torcida, pedindo-me daí a pouco que o distraísse, conforme eu prometera. Fomos para a grande sala de banquetes, pois ele não podia mais tolerar sequer o aposento onde lhe fora extraído o dente.

Resolveu de fato fechar para sempre tal cômodo chamando-o de Sala Amaldiçoada. Então derramei água num vaso e pedi ao rei e aos demais que a provassem e que se certificassem que de fato se tratava de água comum. Em seguida virei a água devagar num outro vaso e a água ao correr para o outro recipiente se foi transformando em sangue. O rei e os médicos, ao assistirem tal prodígio, gritaram e desfaleceram.

Depois que o rei recompensou regamente os médicos e tornou o dentista um homem rico, logo os mandou embora. Mas pediu que eu ficasse. E eu ensinei de que forma transformar a água em sangue dando-lhe um pouco da substância que devia ser misturada com a água para que tal milagre se efetuasse. Trata-se de processo simples conforme todos que sabem hão de concordar comigo. Ora, toda grande arte é singela, e o rei se admirou profundamente e me

cobriu de elogios. E não ficou contente enquanto não mandou chamar para o jardim todos os figurões da corte e também elementos do povo que se achavam nas muralhas. E diante de todos eles transformou a água do lago em sangue, resultando que tanto os graúdos como a gente humilde se puseram a gritar de medo, prostrando-se diante dele, para grande satisfação do reizinho.

Esqueceu-se do dente e disse:

- Sinuhe, o egípcio, curaste-me de um grande mal e aliviaste meu fígado de muitos estorvos; pede-me pois o que quiseres. Fala que espécie de donativo queres e to darei, pois desejo agradecer teu fígado, também.

Respondi:

- Rei Burnaburiash, senhor das quatro bandas do mundo! Como vosso médico, preendi vossa cabeça debaixo do meu braço e segurei com força vossas mãos quando soltáveis gritos pavorosos. Não estou certo que ele, um estrangeiro, conserve essa lembrança do Rei de Babilônia quando voltar para o meu país a dizer o que vi aqui. Impressionai-me pois com um vislumbre do vosso poder! Prendei uma barba em torno do vosso queixo, rodeai vossa cintura com uma cauda feito faixa e ordenai que vossos guerreiros desfilem diante de vós, para que possa contemplar vossa majestade e vosso poder. para que eu possa me prostrar humildemente diante de vós e beijar o pó. Não peço senão isso.

Meu pedido agradou, pois respondeu:

- Verdade é que ninguém jamais falou como tu, Sinuhe. Vou satisfazer teu pedido, embora me seja fastidiosíssimo porque terei que ficar sentado durante um dia inteiro num trono de ouro até meus olhos se cansarem e eu ser acometido de bocejos. Ainda assim, anuirei ao que me solicitas.

Enviou ordem a todas as partes do país mandando reunir na capital as suas forças; e marcou o dia para a parada. Essa parada desfilou diante da Porta de Ishtar. O rei ficou sentado num trono dourado, com o leão aos seus pés, e com os altos dignatários em terno, armados em grande gala. Parecia flutuar numa nuvem de ouro, prata e púrpura. Diante e abaixo dele, ao longo da larga estrada, desfilavam os guerreiros numa coluna de sessenta infantes ombros

a ombro e de seis carros paralelos. Tal passagem durou o dia inteiro. As rodas dos carros faziam estrépito, e o barulho dos pés em marcha e das equipagens militares parecia o rolar de uma tempestade, fazendo os olhos fulgurar e os joelhos tremer.

Disse a Kaptah:

- Não chega que comuniquemos que os guerreiros de Babilônia são numerosos como as areias do mar; precisamos contá-los.

Ele protestou:

- Meu amo, de que modo se fazer isso, se não há tantos números assim no mundo?! Em todo o caso contei o mais que me foi possível. Os infantes eram sessenta vezes sessenta vezes sessenta homens, ao passo que os carros eram sessenta vezes sessenta - pois sessenta é o número sagrado de Babilônia, assim como o são também os números cinco, sete e doze.

Notei também que os escudos e as armas do corpo da guarda real eram incrustados com ouro e prata, que os rostos dos componentes dessa guarda cintilavam com unguentos, que tais soldados eram tão bem nutridos que a marcha acelerada os punha quase sem fôlego e que passavam diante do rei com a respiração anelante, parecendo mais uma boiada. Mas tal guarda não era assim tão numerosa. As tropas dos distritos das províncias estavam queimadas de tanto sol, tinham fardas sujas e cheiravam a urina. Muitos pelotões nem tinham armas porque a ordem do rei os surpreendera sem grande prazo para se aprestarem. Tinham os olhos feridos por insetos, que me fez refletir que os soldados são iguais em todos os países. Além disso seus carros eram velhos, um ou dois perderam uma roda, ao passar, e as foices fixadas neles estavam verdes de azinhavre.

Naquela noite o rei mandou me chamar à sua presença e disse, sorrindo:

- Viste o meu poder, Sinuhe?

Prostreime-me aos seus pés, beijei o chão e respondi:

- Na verdade um monarca mais poderoso do que vós não existe e não é sem fundamento que sois chamado o senhor das quatro bandas do mundo. Meus olhos estão cansados, minha cabeça ainda

está girando, e meu corpo treme de medo porque o número de vossos guerreiros é como as areias do mar.

Ele sorriu, deliciado.

- Teu desejo foi satisfeito, Sinuhe. Bebamos vinho e alegremos nossos fígados após um dia tão fastidioso, pois tenho muita coisa a te perguntar.

Bebi com o rei, e ele me fez muitas perguntas do teor das que são feitas por crianças e jovens que ainda não viram nada do mundo.

Minhas respostas agradaram-lhe, e por último me disse:

- O vinho me reanimou, meu fígado está satisfeito, e agora vou procurar as minhas mulheres. Mas vem comigo. Podes vir, porque és médico. Tenho superabundância de mulheres e não me ofenderei se escolheres uma para esta noite, contanto que não lhe ponhas um filho visto como isso criaria dificuldades. Além do mais, tenho curiosidade de ver como é que um egípcio se deita com uma mulher, já que todas as nações tem seus costumes próprios. Se te dissesse os modos dessas mulheres vindas de terras tão distantes, não acreditarias, ficando perplexo.

Não deu apreço à minha recusa, levou-me à casa das mulheres, mostrou-me pelas paredes cenas coloridas que seus artistas haviam feito com os tijolos esmaltados. Tais cenas mostravam homens e mulheres obtendo por diferentes e variadas maneiras, gozo recíproco. Mostrou-me também algumas das suas mulheres que estavam com ricos vestidos e preciosas jóias. Entre elas havia mulheres e raparigas de todas as terras conhecidas e também de nações selvagens e que haviam sido trazidas por mercadores. Variavam de cor e de semblante e tagarelavam em diferentes línguas, que nem papagaios.

Dançavam diante do rei, exibindo ventres descobertos e o divertiam de diversos modos, caprichando numa espécie de competição. Ele insistia comigo continuamente para escolher uma delas. Tive finalmente que lhe dizer que sempre que eu estava tratando de um paciente importante prometia ao meu deus me abster de mulheres.

Ora, na manhã seguinte eu tinha que operar um dos oficiais da corte. Fiz-lhe ver, por conseguinte, que já não podia estar com

uma mulher devendo me retirar logo a fim de não criar embaraços ao meu voto. O rei concordou, anuindo com a minha saída dali; mas as mulheres ficaram seriamente despeitadas conforme deram a entender com gestos e palavras. Não viam no palácio homem nenhum em plena virilidade e sim apenas eunuco e o rei que era rapazola magricela e imberbe.

Ao me retirar, o rei comentou rindo consigo mesmo:

- Os rios já estão transbordando; chegou a estação vernal e os sacerdotes marcaram para daqui a treze dias o festival da primavera e o Dia do Falso Rei. Preparei-te uma surpresa para esse dia; acho que te divertirás muito, e espero me distrair bastante, também. Não te digo o que vai ser para assim não estragar o efeito.

Retirei-me cheio de dúvidas, quase com a certeza plena de que o que pudesse agradar ao rei Burnaburiash me desagradaria a mim, hipótese esta de que logo participou meu criado Kaptah.

Durante a minha demorada permanência em Babilônia adquiri muitos conhecimentos sobre ocultismo, e todos eles de grande utilidade para um médico; a arte sacerdotal da profecia interessou-me sobremaneira. preendi também, sob a direção de sacerdotes, a ler augúrios nas vísceras de carneiros que revelam muitíssimas coisas ocultas, e levei muito tempo estudando as formas que o óleo toma ao boiar sobre a superfície da água.

Antes de falar do festival da primavera em Babilônia e do Dia do Falso Rei quero mencionar um curioso incidente com referencia ao meu nascimento.

Quando os sacerdotes examinavam as vísceras de um enção e depois carneiro em minha intenção e, contemplavam o óleo flutuante, me disseram:

- Há um medonho segredo com referencia ao vosso nascimento e que não podemos resolver. Parece, todavia, que não sois um simples egípcio, conforme acreditais e sim um estrangeiro no mundo.

Disse-lhes que não nascera como os outros homens, mas que fora trazido rio abaixo num barco feito de juncos e que minha mãe me achara entre os caniços. Então os sacerdotes se entreolharam e se inclinando profundamente diante de mim disseram:

- Bem nos pareceu isso.

Prosseguiram conversa, falando-me do grande rei deles, Sargão, que estendera seu domínio por sobre os quatro cantos do mundo e cujo império se estendia dos mares que estão ao norte até aos oceanos que se acham ao sul, e que incluía também ilhas e arquipélagos. Falaram-me que, quando recém-nascido, Sargão tinha sido transportado rio abaixo num bote calafetado e que nada se sabia da sua origem até que proezas extraordinárias patentearam que descendia de deuses.

Ao ouvir isso meu coração se tomou de susto e procurei rir, zombando do caso:

- Evidentemente vós outros não imaginais que eu, um médico, descenda de deuses!

Não riram; antes, muito sérios, redargüiram:

- Lá isso, ignoramos; mas a prudência é uma virtude... Portanto, só nos resta inclinarmo-nos diante de vós.

E mais uma vez se inclinaram profundamente diante de mim até eu enjoar e lhes dizer:

- Acabemos com tais parvoíces e voltemos aos nossos negócios.

Continuaram então a interpretar os pertuitos daquelas vísceras, não deixando, no entanto, de me lançar olhadelas de esguelha e ciciar coisas uns com os outros.

Desde esse dia o pensamento da minha origem começou a pesar sobre o meu espírito e meu coração ficou oprimido porque eu era um estrangeiro em todas as quatro bandas do mundo. Tive grande vontade de interrogar os astrólogos, mas como não conhecia a hora exata do meu nascimento não adiantava nada interrogá-los pois lhes faltariam dados necessários.

Todavia, a pedido dos sacerdotes, os astrólogos procuraram as tábuas referentes ao ano e ao dia em que apareci rio abaixo; é que os sacerdotes também sentiram curiosidade. Mas o máximo que os astrólogos puderam dizer foi que se eu tivesse nascido a tal hora de tal dia eu seria de sangue real e destinado a governar uma nação muito populosa. Tal informação não me confortou em nada porque ao recordar o passado apenas me vinha à mente o crime que eu cometera e o opróbrio com que eu me cobrira em Tebas. Decerto as estrelas me haviam amaldiçoado desde o próprio dia de

meu nascimento mandando-me rio abaixo no barco de junco a fim de arrastar Senmut e Kipa a uma morte prematura e roubar-lhes o contentamento da velhice... roubar-lhes até mesmo a própria tumba. E pensando nisso senti calafrios porque se já antes as estrelas tinham sido contrárias a mim eu não podia evitar que meu destino continuasse a trazer ruína e sofrimento aos que me queriam bem. Temi o futuro e deduzi que tudo quanto me acontecera e acontecia estava designado para me forçar à solidão e ao afastamento de meus semelhantes, pois somente longe de todos é que eu não os prejudicaria.

Resta-me falar sobre o Dia do Falso Rei.

Quando o trigo novo começou a despontar e o frio cortante das noites foi sendo sucedido pelo calor os sacerdotes saíram a buscar fora da cidade, lá em sua tumba, o deus deles, e a exclamar que ele ressuscitara. Em tal ocasião a cidade de Babilônia ficou transformada num arraial festivo e cheio de danças, com multidões alegres e desenvoltas percorrendo as ruas. Chusmas invadiam as lojas fazendo mais celeuma e confusão do que os soldados depois do dia da parada. Mulheres penetravam no templo de Ishtar a fim de ajuntar prata para seus enxovais; e quem quisesse podia escolher entre elas e tal fornicção não constituía vergonha. O último dia do festival era o Dia do Falso Rei.

Já então eu estava bem mais ciente dos hábitos e costumes de Babilônia; mas fiquei perplexo ao ver o corpo da guarda pessoal do rei se encaminhar de madrugada, numa bebedeira maciça, na direção da Casa de Alegria de Ishtar, invadi-la arrebatando as portas e dando chanfalhadas em quantos encontravam, perguntando-lhes aos berros:

- Onde está escondido o nosso rei? Trazei-o aqui mais que depressa, pois o sol já vai nascer e o rei deve dispensar justiça ao seu povo!

O escarcéu era indescritível. Acenderam-se lâmpadas e a criadagem do hotel corria pelos corredores tomada de pânico enquanto Kaptah, acreditando que se tratasse de motins irrompidos na cidade se escondeu debaixo da minha cama. Mas eu saí ao encontro dos soldados, coberto apenas por um traje de lã em que me envolvi

à pressa, pois me levantara nu, naquele instante mesmo. Perguntei-lhes:

- Que desejais? Vede lá como vos portais comigo, pois sou Sinuhe, o egípcio, o Filho do Burro Bravo... Certamente já ouvistes falar em meu nome.

Ao que eles exclamaram:

- Pois se sois Sinuhe, sabeis que andamos à vossa procura, exatamente!

Rasgaram minha túnica, de modo que fiquei nu; e logo começaram a apontar para mim, mostrando-me, espantados, pois nunca tinham visto um homem circuncidado. E desandaram a discutir, dizendo:

- Não será melhor o prendermos?!... Ele é um perigo para as nossas mulheres que apreciam tudo quanto seja novidade.

Mas depois que puseram termo a tais zombarias me soltaram, declarando:

- Não nos façais perder mais tempo. Entregai-nos o vosso criado, pois temos que levá-lo para o palácio sem demora porque hoje é o Dia do Falso Rei. Ordenou-nos o rei que fossemos sem demora a palácio levando esse homem.

Ao ouvir isso Kaptah ficou tão aterrorizado que começou a tremer tanto que sacudia a cama toda. Assim fácil lhes foi achá-lo. Arrancaram-no e levaram-no jubilosamente, rendendo-lhe desde já muitas zumbaias, dizendo uns para os outros:

- Que formidável prazer o nosso, hoje. Finalmente encontramos o nosso rei que se havia escondido e sumira da nossa vista. Nossos olhos ficam radiantes em contemplá-lo e esperamos que ele recompense com muitos donativos a nossa fidelidade.

Tremendo muito, Kaptah os encarava com olhos maiores do que ilhós de cabrestos; ante tal máscara de pavor e perplexidade, a soldadesca ria cada vez mais, acrescentando:

- O rei das quatro bandas do mundo é este aqui, sim. Conhecemos-lhe bem a cara!

Faziam-lhe medidas e os que se achavam atrás lhe davam pontapés no períneo a fim de apressá-lo.

Kaptah disse-me:



- Está-se a ver que esta cidade... ou melhor, o mundo inteiro está cheio de desordem, de maníacos e maldosos dos quais nem mesmo o escaravelho parece poder me proteger. Nem sei dizer se estou com os pés ou com a cabeça no chão..Acaso estarei dormindo ainda na minha cama, profundamente e que tudo isto não passa de um pesadelo?! Seja como for tenho que ir com eles, pois são capazes de tudo. Mas, patrãozinho, salve a sua vida, se puder. Retire o meu corpo da muralha depois que me dependurarem com a cabeça para baixo e embalse-o por causa das dúvidas. Não deixe que me joguem no rio.

Ouvindo tais súplicas os soldados riam, achando estupenda graça.

- Louvado seja Marduk, pois um rei melhor do que este não poderíamos encontrar. E o que espanta é a língua dele não estar cheia de nós, pois fala como uma cachoeira.

A aurora ia rompendo. Então começaram a dar com as espadas nas nádegas de Kaptah para apressá-lo. E levaram-no.

Vesti-me rapidamente e fui ter logo ao palácio onde encontrei todas as antecâmaras e galerias repletas de chusma barulhenta.

Cuidei deveras então que motins tivessem irrompido e que as sarjetas iriam ficar cheias de sangue tão logo chegassem reforços das províncias. Mas, como acompanhei a soldadesca até à grande sala do trono, dei com Burnaburiash sentado em seu trono de ouro com patas de leão, debaixo do dossel de soberania, vestindo uma farda realenga e segurando nas mãos os símbolos do poder.

Rodeavam-nos os sumos-sacerdotes de Marduk, os conselheiros e a aristocracia do reino. Mas os soldados não lhes deram a menor atenção. Empurraram Kaptah bem para a frente, abrindo caminho com as espadas até chegar diante do trono, onde então se detiveram.

Houve súbito silêncio. Voz nenhuma. Até que Kaptah ordenou:

- Ou tirais daqui essa criatura do diabo ou me fartarei desta brincadeira e vou-me embora.

Bem nesse momento a luz do sol irrompeu por entre as esculturas ornamentais da janela oriental e toda gente começou a gritar:

- Ele tem razão! Tirai daqui essa criatura, pois estamos fartos de ser governados por um criançola que nem tem barba na cara! Este

aqui, sim, é um sábio. Por conseguinte o proclamamos rei para que nos governe!

Nem dei crédito aos meus olhos quando os vi investir contra o rei, brincando e rindo desenvoltamente, arrancar-lhe das mãos os símbolos, e do corpo as vestes deixando-o tão nu quanto, momentos antes, os soldados tinham feito comigo.

Davam-lhe beliscões nos braços, palpavam-lhe os músculos das coxas, caçoavam dele.

- Mas quem não vê que foi desmamado não faz muito tempo?... Ainda está com cheiro de leite materno nos beiços... Já é tempo, afinal, das mulheres do harém terem algum prazer, e parece-nos que este velhaco aqui, Kaptah, o egípcio, está habituado a tais cavalarias!...

Burnaburiash não proferia nenhuma palavra de protesto, ria com eles, enquanto o leão muito assustado, estranhando aquilo tudo, tratou de se safar, com a cauda entre as pernas, com medo da confusão geral.

Foi então que também eu cuidei estar com os pés para cima e a cabeça para baixo, pois deixaram o rei e se voltaram para Kaptah, vestiram-no com o manto real, forçaram-no a ficar segurando os símbolos de majestade. Depois o empurraram para o trono e se prostraram diante dele, limpando o chão com os beiços. Entre eles o primeiro a fazer isso foi Burnaburiash, nu em pelo, agachado, e exclamando:

- Isso mesmo! Ele tem que ser o nosso rei! E um melhor não acharíamos!

Então todos se levantaram e proclamaram Kaptah rei. E batiam com os pés no chão, guinchavam e seguravam os ventres de tanto rir.

Kaptah encarava-os com olhos esbugalhados, com o cabelo em pé por entre o diadema real que haviam enfiado de banda em sua cabeça. E por fim disse:

- Se realmente sou rei, então sempre calha antes de mais nada um gole de vinho. Portanto, depressa, depressa, súcia de escravos! Trazei vinho se é que ainda sobrou algum, do contrário meu cetro dançará em cima de vossos lombos e vos mandarei dependurar nas muralhas. Trazei vinho e mais vinho, para que estes nobres e meus

amigos que me instituíram rei possam beber comigo e... mesmo porque decidi tomar um banho de vinho enfiando-me nele até ao pescoço.

Suas palavras despertaram grande hilaridade e a chusma vociferante o conduziu para um vasto salão em cujas mesas estavam expostos muitos pratos sumarentos e vinho à vontade. Cada qual tomou o que muito bem quis, e Burnaburiash enfiou um avental de criado e irrompeu por entre a multidão truanescamente, pisando em pés, derramando vinho e molho nas roupas de muitos que blasfemaram e lhe atiraram ossos que mal haviam começado a descarnar. Fora do palácio, no jardim e nos pórticos, alimento e vinho eram oferecidos à multidão. Bois e carneiros estavam sendo esquartejados ali e postos a assar.

A população servia-se de cerveja e de vinho e se lambuzava com caldas feitas de creme e tâmaras. A medida que o sol ia subindo o tumulto incrível aumentava.

Assim que se me ofereceu ensejo me aproximei de Kaptah e lhe disse baixo, quase confidencialmente:

- Kaptah, disfarça e segue-me. Fugamos sem ser vistos, pois nada de bom pode resultar disto.

Mas Kaptah bebera muito vinho e se empanzinara com muita comida, e replicou desta forma:

- Dou tanto apreço ao que ouço como se fosse zumbido de moscas em meus ouvidos. Nunca ouvi besteira mais cretina! Retirar-me? Eu?! E exatamente agora que este meu bom povo me fez rei e se prostra diante de mim?

Limpou a gordura da boca e jogando em cima de mim um osso de tamanho quase cavalariço, gritou:

- Tirai da minha frente este egípcio imundo antes que eu perca a paciência e faça o meu bordão vibrar nas costas dele!

Podia ter acontecido coisa desagradável; mas exatamente nesse momento uma trombeta se fez ouvir e um homem anunciou que estava na hora do rei ir distribuir justiça ao seu povo. De modo que fiquei esquecido de todos.

Kaptah ficou um tanto atordoado - se é que isso era possível - quando começaram a conduzi-lo para a Casa da

Justiça, desculpando-se que preferia entregar o caso aos juízes designados - pessoas de bem e que mereciam sua confiança.

O povo reagiu com veemência e indignação, bradando:

- Queremos ser testemunhas da sabedoria do rei e certificar-nos de que é o soberano que nos convinha, pois conhece bem as leis.

Assim, Kaptah foi erguido ao trono da Justiça; diante dele se viam algemas e azorragues, emblemas da justiça; o povo foi chamado a se apresentar e expor suas questões ao monarca. Depois de haver pronunciado alguns julgamentos Kaptah ficou farto daquelas atribuições; espreguiçou-se e disse:

- Hoje comi e bebi demais, acho eu. e isso anuviou e espessou um tanto o meu cérebro. Como rei também sou senhor do harém onde, segundo me consta, cerca de quatrocentas mulheres me esperam. Cumpre-me por conseguinte inspecionar esses meus bens, mesmo porque o vinho e a realeza me abrasaram esquisitissimamente e me sinto impetuoso como um leão.

Ao ouvir isso a ralé miúda irrompeu em tremenda ovação que parecia não ter fim. Ele foi acompanhado outra vez até dentro do palácio onde no pátio que dava para a porta do serracho a chusma se deteve.

Mas agora Burnaburiash não estava rindo mais; esfremava as mãos nervosamente e coçava a perna direita com o pé esquerdo. Assim que me viu veio depressa ao meu encontro, dizendo logo:

- Sinuhe, és meu amigo e podes, como médico, entrar na casa das mulheres do rei. Acompanha-o e age de modo que ele não faça nada de que possa vir a se arrepender tarde demais. Mandarei esfolar vivo esse sujeito e porei sua cabeça a secar em cima da muralha se ele se atrever a tocar nas minhas mulheres. Se, porém, agir direito prometo lhe conceder morte plácida.

Disse-lhe:

- Burnaburiash, sou de fato vosso amigo e vos quero bem. Dizei-me, todavia, que é que tudo isto significa, pois tenho o fígado em pandarecos em vos ver transformado em criado e escarnecido por todos.

Respondeu-me impacientemente:

- Hoje é o Dia do Falso Rei, conforme toda gente sabe; apressa em segui-lo antes que aconteça algum mal.

Não saí do lugar, embora ele me empurrasse; disse-lhe pelo contrário:

- Ignoro os costumes de vosso país. Deveis explicar-me que é que tudo isso significa.

- Cada ano no Dia do Falso Rei, o homem mais estúpido e mais aloucado de Babilônia é escolhido como rei e posto a governar desde que o sol nasce até que se põe, investido de majestade e domínio absolutos; e o rei legítimo fica afastado momentaneamente. Nunca vi um rei mais cômico do que Kaptah que foi escolhido por mim exatamente por causa disso. Ele ignora o que está para lhe acontecer e isso é que é o mais engraçado.

- Que é então que está para acontecer?

- Ao por do sol ele será morto com a mesma subtileza com que foi coroado. Posso matá-lo cruelmente, se tanto for a minha vontade. Mas nestes casos quase sempre mando por no vinho dos falsos reis um veneno agradável e assim morrem enquanto estão dormindo, ignorando tudo. Apressa-te pois e providencia para que teu criado, não faça besteiras de que possa se arrepender antes do por do sol.

Mas não me foi necessário ir buscar Kaptah, pois este voltou lá de dentro do serralho aos solavancos, furioso, com sangue a lhe pingar do nariz e com a mão tapando seu único olho.

Contou-me por entre bufos e suspiros:

- Veja só o que me fizeram! Só encontrei megeras e negras.

E quando quis me aprumar para uma garota novinha ela se transformou num tigre e me deu um soco no olho além de me ferir o nariz com uma chinela!

Burnaburiash, quase desmaiou de tanto rir; tive que segurá-lo entre os meus braços. E Kaptah continuou com sua lamentação:

- Não me atrevo a abrir a porta dessa casa porque a mulher que está aí dentro parece uma fúria, uma fera... Nem sei o que se deva fazer. Não seria melhor, Sinuhe, que entrasse e lhe abrisse o crânio a fim de soltar o espírito mau que está dentro dela? Não pode deixar de estar endemoninhada; só isso explica que ousasse erguer

as mãos contra o rei e me esbarrachasse o nariz com uma babucha a ponto do meu nariz sangrar como o cachaço de um boi!

Burnaburiash acotovelou-me e disse:

- Entra, Sinuhe e vê que foi que aconteceu. Estiveste lá dentro, já conheces o lugar. Hoje não posso entrar. Vem depois me contar. Acho que sei de que rapariga é que se trata. Decerto foi a que trouxeram ontem das ilhas do alto mar. Espero usufruir muito prazer dessa criatura que, aliás precisa antes tomar um pouco de chá de papoula.

Instou tanto que acabei entrando no serralho que se achava em incrível confusão. Os eunucos não se opuseram porque sabiam que eu era médico. Mulheres velhas tinham engalanado esplendorosamente e exibiam as caras encarquilhadas cheias de pintura, em honra de tal dia, e logo embarafustaram para mim perguntando ao mesmo tempo:

- Que fim levou ele, o nosso amado, a flor do nosso coração, o nosso carneiro por quem estávamos esperando desde manhã?

Uma negralhona cujos peitos lhe pendiam atingindo a barriga que nem ganielas, se despira toda a fim de ser a primeira a receber Kaptah e goelava:

- Devolve-me o meu querido para que eu possa apertá-lo de encontro ao seio. Devolve-me o meu elefante para que ele sopre a tromba por cima de mim!

Mas os eunucos, atarantados, disseram:

- Não de atenção a essas mulheres. Compete-lhes apenas entreter o falso rei, e estão bebendo desde de manhã à espera dele. Fez bem em vir, porque necessário se faz aqui um médico: a mulher que foi trazida ontem está louca. È, mais forte do que nós e nos dá pontapés medonhos. E não sabemos o que possa acontecer porque está armada com um punhal e é selvagem como uma fera a.

Levaram-me para o pátio do serralho cujos tijolos coloridos e vitrificados cintilavam ao sol. No meio do pátio havia um lago redondo onde monstros marinhos esculpidos deixavam jorrar água de suas faces.

A mulher enfurecida se havia postado acolá; estava com as roupas rasgadas porque os eunucos tinham procurado agarrá-la; molhara-

se toda porque atravessara o lago; e os borrifos ainda a atingiam. Segurava-se com uma das mãos na boca de uma foca e com a outra agarrava um punhal. Devido ao barulho da água e às vozes dos eunucos eu não podia ouvir as palavras dela. A despeito do vestido estraçalhado e do cabelo molhado, era uma rapariga bonita. Fiquei sem jeito e disse aos eunucos:

- Deixem-me. Vou falar com ela... Ver se a acalmo.

Fechem a água para que eu possa ouvir o que ela diz. Não resta dúvida que está vociferando.

Quando o ruído da água cessou percebi que ela não estava falando e sim cantando. Não compreendi as palavras do cântico porque eram numa língua que eu desconhecia. Estava com a cabeça meio dobrada: para trás, seus olhos faiscavam como os olhos verdes de um gato selvagem suas faces pareciam abrasadas de furor. Gritei-lhe, mas com modo compassivo:

- Cessa com esses miados, gata selvagem... Joga fora essa faca e aproxima-te para que possamos conversar; quero tratar-te porque decerto estás fora de ti.

Interrompeu a canção e me respondeu num linguajar babilônico pior do que o meu:

- Joga-te no lago, macaco e nada até aqui para que eu sangre o teu fígado pois estou com sede!

- Não vim te fazer mal nenhum!...

- Muitos homens já me disseram tal mentira. Jamais me acercarei de um homem, nem que quisesse, porque minha vida foi consagrada a dançar diante do meu deus. E por isso que ando sempre com este punhal e prefiro dar o meu próprio sangue à divindade para que o beba do que deixar que um homem me toque. Menos ainda consentirei que aquele demônio caolho se aproxime bufando porque o acho mais parecido com um alforje do que com um homem.

- Pois dança quanto quiseres, ó aloucada! Mas joga fora esse punhal, pois podes te ferir o que seria de lastimar porque os eunucos me disseram que te pagaram a peso de ouro no mercado de escravas destinando-te ao rei.

- Não sou nenhuma escrava. Fui arrebatada traiçoeiramente conforme te podes dar conta se é que tens olhos na cara. Mas não podes falar uma outra língua mais respeitável que esses eunucos não entendam?! Estão escondidos atrás das pilastras com as orelhas atentas ao que estamos dizendo.

- Eu sou um egípcio - respondi-lhe na minha língua natal - e o meu nome é Sinuhe, O Que Está Sozinho, Filho do Burro Bravo. E de profissão sou médico. Logo não precisas ter receio de mim.

Então ela se atirou na água e irrompeu na minha direção, com o punhal nos dedos. Prostrando-se diante de mim, disse:

- Sei que os egípcios são homens tolerantes e que não se apossam de uma mulher à força. Portanto, confio em ti e peço que desculpes se continuo com o punhal pois está parecendo mais do que provável que hoje mesmo ainda terei que abrir as minhas veias para não deixar que o meu deus seja aviltado através da minha pessoa. Mas se temes os deuses e te apiedas de mim, então me salva e me leva para longe desta terra, não obstante eu não te poder recompensar como merecerias, pois isso me é vedado.

- Não tenho em mente te ajudar a fugir, de modo algum - redargüi.

- Isso seria uma desfeita minha ao rei que é meu amigo e que pagou uma montanha de ouro por ti. De mais a mais posso te dizer que o indivíduo que esteve aqui não é senão o falso rei que reina por hoje, apenas, ao passo que o rei verdadeiro te visitará amanhã. É um mancebo ainda sem barba, de boa aparência e que espera se comprazer muito em tua companhia depois de te domesticar. Não creio que o poder do teu deus possa te valer aqui. Não perderias nada em te submeteres ao inevitável. Será melhor por conseguinte que acabes com esses acessos e que te vistas e te adornes para ele. Não estás nada bonita com essa cabeleira molhada e com a pintura dos lábios te sujando o rosto todo.

Tais observações surtiram algum efeito, pois ela apalpou os cabelos e molhando a ponta do dedo esfregou as sobrancelhas e os lábios. Depois me sorriu - tinha um semblante pequenino e lindo - e disse com cordura:

- Meu nome é Minéia. É assim que deves me chamar quando me levares daqui para fora se fugirmos juntos desta terra amaldiçoada.



Ergui as mãos, exasperado, e me virei depressa para sair; mas seu rosto assim me atormentava. Virei-me de novo, aproximei-me e disse:

- Minéia, falarei a teu respeito com o rei; é o máximo que posso fazer. Enquanto isso, veste-te e compõe-te. Se queres, posso te dar uma droga que te acalme bem de modo a que não te incomodes mais com o que está acontecendo.

- Ousas fazer isso? Atreves-te a tanto?... Bem, se ficas a meu favor vou te entregar este punhal que me protegeu até aqui... Dou - to porque sei que uma vez tendo feito isso me protegerás, não me traiçoarás... Levar-me-ás para fora desta terra.

Ficou a sorrir para mim por entre o cabelo gotejante até que a deixei. Saí-levando o seu punhal e sentindo uma profunda mortificação. Sim, pois percebi que era mais sagaz do que eu porque me entregando aquele punhal ligava o seu destino ao meu e eu me via desse modo responsável por ela.

Burnaburiash veio ao meu encontro quando saí do harém querendo logo saber que era que havia acontecido.

- Vossos eunucos estão às voltas com uma trapalhada. Exatamente. E que Minéia, a rapariga que adquiriram para vós, está delirando e decidiu não se aproximar de nenhum homem nem deixar que homem algum se aproxime dela porque o deus que venera proíbe tal contacto. É melhor, portanto, que a deixeis em paz até ulterior alteração desse ponto de vista tão pessoal...

Mas Burnaburiash riu, radiante.

- Saber isso já faz meu prazer se antecipar... pois conheço essa espécie de raparigas. A tal respeito o melhor argumento é o bastão. Sou jovem, ainda não tenho barba e muitas vezes me canso nos braços das mulheres. A verdade é que sinto maior prazer em assistir e em escutar quando os eunucos as esbordoam: agitam-se, gritam... Assim pois essa jovem teimosa me agrada bastante porque me proporciona ensejo de a mandar fustigar pelos meus eunucos. Juro, por conseguinte, que esta noite mesmo ela será batida até ficar com a pele inchada e não poder se deitar de costas, pela qual razão meu prazer redobrará.

Deixou-me, esfregando as mãos e sorrindo feito uma mulher. Fiquei parado, observando-o enquanto sumia; e compreendi que ele já não era mais meu amigo e que minha simpatia se desfizera. E o punhal de Minéia ainda se achava em minha mão.

Depois disso deixei de participar da alegria geral, conquanto o palácio e a praça fronteira estivessem repletos de povo que bebia vinho e cerveja e aplaudia com furor as truanices de Kaptah que já se esquecera do susto que levava no harém. A contusão no olho fora tratada com postas de carne crua de modo que já não lhe doía, apenas estando com cores muito vivas. Mas o que se passava comigo, aborrecendo-me, não sei. Considerava que ainda tinha muito que aprender em Babilônia já que os meus estudos com referencia às vísceras dos carneiros ainda estavam incompletos e que eu não sabia ainda derramar óleo na água com a mesma proficiência dos sacerdotes.

Além disso Burnaburiash estava mais em débito comigo do que eu com ele, se bem avaliarmos quanto lhe serviram a minha amizade e a minha perícia profissional, sendo portanto claro que se eu permanecesse seu amigo receberia esplendidos presentes quando me fosse embora. Todavia quanto mais eu ponderava a tal respeito mais persistentemente me sentia fascinado pelo semblante de Minéia. E pensava também em Kaptah que deveria morrer aquela noite por causa de um estúpido gracejo do rei, e ainda por cima sem o meu consentimento sendo - como era - meu criado.

A conseqüência foi que meu coração opôs resistência ao rei que me ofendendo assim me dava o direito de ofende-lo também. Verdade é que meu coração me dizia que só o fato de haver calculado tais hipóteses já constituía uma quebra de todas as leis da amizade. Mas eu era um estrangeiro solitário, desligado de quaisquer costumes locais. Assim pois, de tarde, fui à margem do rio e aluguei um barco de dez remadores e disse à guarnição:

- Hoje é o Dia do Falso Rei e reconheço que deveis estar sem nenhuma vontade de remar após tanta alegria e vinhaça. Mas vos darei o dobro do pagamento de praxe porque morreu um tio meu rico e preciso transportar o corpo dele para junto dos demais parentes... E preciso fazer isso imediatamente antes que seus filhos

ou o meu irmão comecem a brigar por causa da herança e me deixem sem nada. Por conseguinte pagarei regamente se remardes com vontade a despeito da extensão da viagem pois a nossa família vive acolá na fronteira de Mitani.

Os barqueiros mostraram má disposição mas lhes fui buscar duas botijas de cervejas e lhes disse que poderiam beber até a hora do poente, contanto que se aprestassem para partir assim que escurecesse. Então protestaram violentamente:

- Em circunstância alguma sairemos depois que estiver escuro porque a noite é prenhe de muito demônios, grandes e pequenos, e também de espíritos maus que soltam gritos fantásticos e que decerto acabarão virando o nosso barco e dando cabo de nós.

Respondi logo:

- Vou daqui ao templo fazer oferendas para que não nos suceda dano nenhum no decorrer da viagem E o tilintar da prata toda que eu vos der abafará os grunhidos dos demônios Dirigi-me à torre e sacrifiquei um carneiro diante do adro; quase não havia gente por ali porque quase todos os cidadãos se achavam reunidos no palácio para celebração da festa do Falso Rei.

Contemplei as vísceras do carneiro, mas os meus pensamentos se achavam em tamanha barafunda que pouco ou nada depreendi. Notei apenas que o fígado do animal estava mais escuro do que eu habituara a ver, e que cheirava mal, fatos estes que me encheram de apreensões. Colhi num odre que levei para o palácio o sangue do carneiro. Ao enveredar para o harém uma andorinha voou ao rés da minha cabeça, isso reavivou o meu coração e me fez recobrar ânimo, porque se tratava de pássaro de minha pátria; portanto considerei seu aparecimento um bom agouro.

No harém, disse aos eunucos:

- Deixem-me sozinho com a louca. Quero expulsar o demônio do corpo dela.

Obedeceram-me e puseram à minha disposição uma sala pequena. Aí dentro expliquei a Minéia o que ela devia fazer; entreguei-lhe o odre com sangue e lhe restituí a faca. Prometeu seguir minhas instruções. Deixei-a, fechando a porta e dizendo aos eunucos que a largassem em absoluta paz, pois estava sob a ação do remédio que

eu lhe dera para afugentar o demônio. Fiz-lhes compreender que esse demônio entraria para o corpo do primeiro que abrisse aquela porta sem minha licença. Foi quanto bastou.

Já agora o sol descambava enchendo as salas do palácio com uma luz avermelhada. Kaptah continuava comendo e bebendo enquanto Burnaburiash esperava o desfecho rindo e meneando-se que nem uma rapariga. Ao longo dos pavimentos molhados de bebidas homens embriagados dormiam sobre poças de vinho. Disse a Burnaburiash:

- Estou fazendo tudo para me convencer que Kaptah terá uma morte sem sofrimentos porque é meu criado e eu mereço que me dispensem uma tal consideração.

- Apressa-te então porque o velhote já está dissolvendo o veneno no vinho e teu criado tem que morrer assim que o sol baixar, conforme é de praxe.

Fui em demanda do velhote, isto é, o médico do rei. Quando lhe disse que viera da parte do soberano acreditou logo e me declarou:

- Mexe tu mesmo o veneno pois já estou com as mãos tremulas por causa da quantidade de vinho que bebi; além disso minha vista está tão baralhada que não vejo nada direito, de tal forma ri o dia inteiro com as sandices de teu criado.

Joguei fora aquela mistura e preparei um vinho com sumo de papoulas em quantidade não mortal e apenas entorpecedora. Depois, levando o copo a Kaptah, lhe disse:

- Decerto não nos encontraremos mais porque estás tão soberbo com as tuas dignidades que amanhã nem te dignarás me conhecer. Bebe por conseguinte o vinho que te ofereço nesta taça a fim de que, quando eu voltar ao Egito, possa dizer ao certo que o senhor das quatro bandas do mundo é meu amigo. Quando tiveres bebido te certificarás de que só quero o teu bem, aconteça o que acontecer. Lembra-te também do nosso escaravelho.

Kaptah disse:

- A conversa desse egípcio seria para mim como o zumbir de moscas se eu já não estivesse com outros zumbidos provenientes de tanto beber, razão pela qual nem ouço o que ele está me dizendo. Mas uma taça é coisa que nunca desdenho conforme todos vós aqui

à minha volta tendes verificado e eu, por minha vez, tudo tenho feito para que meus súditos dissem se certifiquem já que os prezo tanto. Isto posto, vou virar goela abaixo a taça que este homem me oferece embora saiba que amanhã sentirei burros selvagens dando coices em minha cabeça.

E esvaziou a taça, na hora exata em que o sol se pos. Trouxeram tochas e acenderam lâmpadas. Todos se levantaram e permaneceram em silêncio reinando assim sossego no palácio inteiro. Kaptah tirou o diadema de rei da Babilônia, declarando engroladamente:

- Este estupor desta coroa pesa demais; já não a agüento. Também sinto as pernas dormentes... Minhas pálpebras estão que nem chumbo... Acho melhor ir para a cama...

Dizendo isto puxou para cima de si uma pesada toalha de mesa e se deitou no chão disposto a pegar no sono. Com a toalha lhe caíram por cima jarras e taças, com muita barulhada molhando-o de vinho até ao pescoço, cumprindo-se assim o que ele dissera de manhã. Os criados do rei despiram Kaptah e puseram nos ombros de Burnaburiash essas mesmas vestes maculadas de vinho; coroaram-no com o diadema, puseram-lhe nas mãos os símbolos da majestade e o conduziram para o seu lugar, no trono. O rei disse então:

- Foi um dia confuso... Ainda assim no decorrer de todas estas horas não deixei de tomar boa nota daqueles dentre vós que me demonstraram consideração insuficiente durante a folia, cuidando com certeza que eu me chocaria e não recuperasse o meu trono. Ponde para fora a chicote os que estão dormindo ainda pelo pavimento, expulsai dos pátios a ralé e enfiai este maluco no bojo da eternidade, se é que já morreu, pois estou farto dele.

Kaptah jazia estirado de costas; e o médico, depois de examinar com mãos tremulas e olhos turvos declarou:

- Está mais morto do que uma varejeira.

Criados trouxeram uma grande urna de argila, dessas que os babilônios usam para sepultar seus mortos, e Kaptah foi colocado dentro dela. A parte superior foi lacrada com argila. O rei ordenou

que a urna fosse transportada para as abóbadas subterrâneas do palácio e colocada entre as dos anteriores falsos reis.

Nesse momento intervim, dizendo:

- Esse homem que está aí dentro é um egípcio, e é circuncidado, como eu também sou. Portanto cumpre-me embalsamar-lhe o corpo, segundo o costume egípcio e fornecer-lhe para a sua viagem rumo à Terra do Poente, todas as coisas necessárias para que possa comer, beber e se distrair depois da morte sem nenhum percalço. Para tanto necessitamos nós egípcios, de trinta a setenta dias, conforme a condição social que o defunto teve em vida. No caso de Kaptah creio que bastarão trinta dias, já que ele foi mero criado. Meu criado...Após tal prazo o levarei para onde lhe compete ficar, isto é para as abóbadas subterrâneas deste palácio onde ficará entre seus predecessores, os outros falsos reis.

Burnaburiash, que escutara com muita atenção, respondeu:

- Assim seja. Age com ele como quiseses já que se trata de costume da tua terra; não me imiscuo nos costumes alheios, pois também oro diante dos deuses que não conheço para propiciá-los anulando faltas que eu possa ter cometido involuntariamente. A prudência é uma virtude.

Pedi aos criados que transportassem a urna com Kaptah para uma liteira que estava esperando junto às muralhas do, palácio. Antes de sair disse ao rei:

- Durante trinta dias não me vereis porque durante o período de embalsamamento não me posso apresentar diante de ninguém para assim não transmitir os males que enxameiam em torno de um cadáver.

Depois que cheguei à liteira abri um buraco na argila que tampava o gargalo da urna. Fiz isso para que entrasse ar suficiente. Depois voltei secretamente ao palácio dirigindo-me ao serralho. Os eunucos ficaram aliviados assim que me viram porque receavam a chegada do rei a todo instante.

Mas quando abri a porta da saleta onde deixara Minéia, recuei logo, arrancando os cabelos e soltando lamentações.

- Venham ver o que aconteceu. Está morta em cima do próprio sangue. O punhal ensangüentado jaz a seu lado... Até os cabelos

estão cheios de coágulos!...

Os eunucos acorreram e ficaram lívidos, pois eles tem verdadeiro horror de sangue; não ousaram tocá-la, principiando a chorar apavorados já com a cólera do rei Disse-lhes:

- Complicou nossas vidas, a minha e a de vocês, esta desgraça. Tragam depressa uma esteira ou um cobertor para que lhe enrolemos o corpo; lavem depois o sangue do chão para que ninguém perceba o que sucedeu. Lembre-se de que o rei contava usufruir muito prazer desta rapariga, e sua cólera será medonha se souber que vocês e eu, por desleixo, a deixamos morrer segundo a conveniência do deus que a protegia. Tratem portanto de por no lugar dela, imediatamente outra moça. Procurem, se possível, uma estrangeira que não fale a língua de vocês. Vistam-na e enfeitem-na para o rei, e caso ela resista esbordoem-na diante dele, pois o rei gosta muito de assistir tais espetáculos e recompensará vocês regiamente.

Os eunucos perceberam a sabedoria das minhas palavras; depois de pechinchar com eles um pouco relativamente ao preço pedido pela nova rapariga lhes dei em prata a metade do preço pedido. Trouxeram uma esteira forrada na qual enrolei Minéia; ajudaram-me a carregá-la através dos pátios escuros até a liteira onde já se achava a urna com Kaptah. Depois que chegamos a margem do rio pedi aos carregadores que transferissem a urna para dentro do barco; mas eu mesmo transportei a esteira e a escondi debaixo do pequeno convés.

Bradei depois para os carregadores:

- Escravos e filhos de cães!. Mesmo que alguém os interrogue, esta noite vocês não ouviram nem escutaram nada, absolutamente, hein?! E para que não se esqueçam vou dar para cada um uma moeda de prata.

Dando pinotes de satisfação, eles exclamaram:

- Não resta dúvida que servimos um ilustre amo. Nossos olhos são cegos e nossos ouvidos surdos. Não vimos nem escutamos nada esta noite.

Deixei-os ir, certo de que beberiam sem parar, como tem sido sempre hábito dos carregadores do mundo inteiro; e que bebendo

dariam com a língua nos dentes contando tudo que haviam visto. Ora, eles eram oito, e bem atarracados; impossível matá-los e jogá-los no rio conforme conviria tanto.

Assim que eles se foram fui acordar os remadores. À luz da lua que nascia, puseram-se manobrar os remos, afastando-nos todos da cidade, bocejavam e descompunham a sorte, pois estavam aturdidos de tanta cerveja que haviam tomado. Eis de que forma fugi de Babilônia. Por que motivo agissem, eu próprio não sei; decerto estava inscrito nos astros antes do dia do meu nascimento e era inevitável.



LIVRO VII

MINEIA



**C**onsequimos safar-nos da cidade sem que as sentinelas nos interpelassem porque o rio tinha franco acesso de noite.

Enfiei-me em baixo do convés a fim de descansar nele a cabeça exausta. Mas mesmo ali não tive paz porque Minéia se desvencilhou da esteira e começou a se lavar para se ver livre do sangue; tirava água do rio com as mãos e o luar refulgia nas gotas que lhe caíam por entre os dedos. olhou-me séria e disse em tom de admoestação:

- Obedeci ao teu conselho e o resultado foi este: me consurquei, estou cheirando a sangue e decerto nunca mais me purificarei. A culpa é toda tua. Além disso, ao me trazer, me apertaste demais sem necessidade, e agora mal posso respirar.

Tais palavras me aborreceram e, como sentia cansaço, retruquei:

- Fecha essa boca, mulher amaldiçoada. Quando penso que me fizeste tenho vontade até, de te atirar no rio onde poderias lavar quanto quisesses. Por tua causa não estou sentado agora à mão direita do rei de Babilônia. Se eu tivesse ficado na cidade os sacerdotes da torre teriam dividido comigo toda sabedoria deles sem restrições e eu poderia ser o médico mais sábio do mundo. Por tua causa fiquei sem os presentes que me cabiam como prova de gratidão pelas curas que consegui. O meu ouro está acabado e não posso apresentar nos bancos do templo as lousas que me habilitam a retirar mais dinheiro. Tudo isso por tua causa. Maldito seja o dia em que te conheci. Comemorá-lo-ei todos os anos vestindo um saco e pondo cinza na cabeça.

Ela enfiou a mão no rio recoberto de luar fendendo água parecia prata derretida; e enquanto isso dizia em voz baixa com o rosto de lado:

- Se assim é então me jogarei no rio conforme teu desejo. Desta forma não te embaraçarei.

Levantou-se e ia atirar-se. Agarrei-a e contive-a, dizendo:

- Acaba com essa loucura! Se te jogares todos os meus desígnios terão sido inúteis. Peço-te em nome de todos os deuses que me deixes dormir em paz, Minéia,. Não me aborreças com teus caprichos, pois estou exânime.

Dito isto me encolhi debaixo da esteira que puxei bem sobre mim porque a noite estava fria apesar do verão já ter chegado e as cegonhas gloterarem por entre os caniços. Então ela se aconchegou a mim, murmurando:

- Já que não posso fazer mais nada deixa então que te aqueça.

Meu cansaço era demasiado para que eu entretivesse qualquer conversa, e logo caí no sono. Dormi profundamente porque ela era jovem e seu corpo me aquecia deveras como , um borralho.

Quando acordei, achavam-nos bem distanciados da cidade, rio acima, e os barqueiros se queixavam:

- Estamos com os ombros endurecidos e com as costas doendo. Que desejas de nós? Que morramos estafados? Acaso a tua casa está pegando fogo e queres que corramos para extingui-los?

Tomei-me de fúria e redargüi:

- O primeiro que afrouxar sentirá nas costas o meu bordão Só ao meio-dia é, que parareis para o primeiro descanso. Então podereis comer e beber. Dar-vos-ei bons goles de vinho de tâmara para vos reanimar. Com isso vos sentireis leves que nem pássaros. Mas se algum de vós murmurar invocarei todos os demônios Acaso ignorais que sou sacerdote e mágico?

Disse isso para atemorizá-los, mas o sol já estava brilhando fortemente e, ante tamanha claridade, fizeram pouco caso de mim. Comentaram uns com os outros:

- Ele , sozinho e nós somos dez! -

E o que estava mais perto tentou me bater com o remo. Nesse momento se ouviu um ruído ensurdecido na popa: era Kaptah batendo nas paredes da urna, gritando e dizendo palavrões. Os remadores ficaram lívidos e um após outro se atiraram no rio começando a fugir a nado. O bote começou a derivar; então joguei a pedra que servia de âncora. Minéia subiu, vindo da pequena cabina do convés e penteava os cabelos. Instantaneamente o medo me

deixou. Ela era bela, o sol brilhava, as cegonhas gloteravam por entre os juncais.

Corri para a urna funerária e disse alto enquanto quebrava o fecho de argila:

- Levanta-te, homem, sai daí para fora!

Kaptah insinuou a cabeça pela abertura da urna. Jamais vi homem mais perplexo. Grunhiu:

- Que história é, esta? Onde é, que estou Onde está o meu diadema real? Onde estão os símbolos da minha realeza? Estou nu, sinto calafrios, tenho a cabeça cheia de moscardos... Minhas pernas e meus braços parecem de chumbo. Será que me mordeu alguma serpente venenosa? Pare com esta brincadeira comigo, Sinuhe, pois é perigoso desconsiderar os reis!

Tive vontade de puni-lo por sua arrogância do dia anterior. Fechei a fisionomia, disse:

- Não compreendo o que dizes, Kaptah. Deves estar zozinho por causa do vinho. Deves lembrar que quando deixávamos Babilônia bebeste demais e acabaste te tornando tão violento no barco e te dirigiste tão selvagemmente aos barqueiros que eles te encerraram nessa urna para evitar que os atrapalhasse. Falavas sem parar sobre reis, juizes e uma porção de coisas mais.

Kaptah fechou os olhos procurando se recordar bem de tudo por fim replicou:

- Patrão, nunca mais beberei vinho, porque o vinho e os sonhos me levaram a um pesadelo terrível, a uma aventura tão fantástica que nem ousa relatar. Se uma coisa posso dizer: Pareceu-me que pela graça do escaravelho eu era rei, distribuindo justiça do alto do meu trono. E também que entrei no serralho real onde usufruí as maiores delícias com uma linda moça. Sem contar muitas outras coisas que aconteceram...Mas não ousa pensar nelas agora.

E de repente viu Minéia. Agachando-se mais que depressa dentro da urna, declarou com voz patética e amedrontada:

- Patrão, ainda não acordei direito... Devo estar ,sonhando ainda... Parece-me que vi lá na popa da embarcação a moça que encontrei no harém.

Esfregava o olho contundido e as narinas inchadas e se lamentava alto. Minéia dirigiu-se para a urna, puxou para fora a cabeça de Kaptah agarrando-o pelos cabelos, e disse:

- Olha-me bem! Sou eu a tal mulher com quem te divertiste na noite anterior?!

Kaptah olhou-a com terror, fechou o olho e gemeu:

- Ó deuses do Egito, tende piedade de mim e perdoai-me por haver venerado e oferecido sacrifícios a deuses estrangeiros... Sim estáveis lá, senhora! Perdoai-me, porém. Tudo não passou de um sonho.

Ajudei-o a sair da urna, dei-lhe uma poção amarga estomacal, depois, amarrando uma corda em volta da cintura dele, o mergulhei no rio apesar dos seus protestos, deixei-o flutuar para assim lhe clarear o cérebro porque o coitado ainda se achava sob a ação do vinho e do suco de papoulas. Depois que o icei para bordo outra vez lhe disse com serenidade:

- Que isso te sirva de lição, por tua desobediência a mim que sou teu amo. Tudo quanto supões apenas que te aconteceu foi verdade mesmo. E se eu não te socorresse estarias agora morto numa urna entre os outros falsos reis.

Contei-lhe a seguir tudo quanto se havia passado, repetindo muitas vezes para que ele acabasse compreendendo e acreditasse. E rematei assim:

- Nossas vidas correm perigo, e já não acho mais graça nos acontecimentos que te contei porque tão certo como estarmos aqui neste barco seremos dependurados de cabeça para baixo nas muralhas se o rei nos achar. Se não acontecer coisa ainda pior... O essencial agora é, armarmos um bom plano para escaparmos com vida. Vê lá se ajudas a inventar um processo para entrarmos na terra de Mitani.

Kaptah coçou a cabeça e ficou pensativo. Daí a algum tempo disse:

- Se é, que compreendi direito, tudo isso aconteceu deveras, e não foi nenhum pesadelo de bebedeira. Assim pois tenho que louvar este dia como um dia bom, pois doravante posso beber vinho sem apreensões. Até, momentos antes cuidei que nunca mais ousaria provar uma gota sequer. ..Esgueirou-se para a cabina, rompeu o fecho de uma botija e tomou um grande gole, louvando

nominalmente todos os deuses do Egito e da Babilônia e muitos outros cujos nomes jamais eu ouvira falar.

Ao nomear cada divindade se inclinava por cima da botija, até que por fim caiu em cima da esteira, pegando logo no sono e roncando como um hipopótamo.

Fiquei tão enraivecido com a sua conduta que a minha vontade foi rolá-lo para a água e afogá-lo, mas Minéia disse:

- Kaptah tem razão, pois cada dia tem seus percalços. Por conseguinte por que não bebermos vinho e não apreciarmos este lugar para onde as águas do rio nos trouxeram! Isto aqui é, tão bonito! Estamos escondidos pelos juncais. As cegonhas gloteram por entre os caniços, algumas passam voando com o pescoço estendido... Decerto estão construindo os ninhos. As águas brilham em tons verdes e dourados, e o meu coração se sente tão leve como um pássaro, agora que estou livre do cativeiro.

Refleti sobre as suas palavras, e as achei certas.

- Já que vós ambos estais loucos, por que não hei de estar também? A verdade , que tanto se me dá que a minha pele prenda do alto de uma muralha, a secar, amanhã ou daqui a dez anos, pois tudo isso está escrito nos astros antes do nosso nascimento conforme me ensinaram os sacerdotes da torre. O sol brilha radiante, e nos campos que marginam o rio o trigo irrompe, verde. Vou portanto tomar banho neste rio e tentar pegar peixes com as mãos como fazia quando era criança, porque este dia , tão é bom como qualquer outro.

E assim tomamos banho no rio e secamos nossas roupas ao sol, e comemos e bebemos. Minéia ofereceu sacrifício ao seu deus e dançou o seu bailado para que eu assistisse; e isso ali dentro da embarcação. Meu peito ofegava com dificuldade ante tal espetáculo. Disse-lhe por fim:

- Apenas uma vez na minha vida chamei de "minha irmã" a uma mulher; mas seu amplexo era de fogo e seu corpo um deserto árido onde não consegui me dessedentar. Peço-te portanto, Minéia, que me poupes do sortilégio que teu corpo operas sobre mim. Não me olhes com esses olhos que lembram o luar no rio, do contrário te

chamarei de "minha irmã" e me conduzirás à destruição e morte conforme me faz a outra mulher.

Minéia olhou-me com atenção esquisita.

- Deves ter conhecido estranhas mulheres, Sinuhe... Mas talvez as do teu país sejam diferentes. Não te perturbes por minha causa. Está longe do meu propósito seduzir-te conforme pareces temer. O meu deus me proíbe sob pena de morte qualquer contato humano. Tomou minha cabeça entre as mãos e a depôs sobre o joelho. E enquanto acariciava meu rosto e meus cabelos ia dizendo:

- Que cabeça dura é, esta que te obriga a pensar tão erroneamente sobre as mulheres!? Se algumas envenenam fontes, outras há que são como um poço no deserto... ou como o orvalho numa campina ressequida. Não importa que tenhas uma cabeça pétrea e teimosa, com cabelos assim pretos e lisos; gosto de segurá-la. entre as mãos. Há em ti duas coisas que acho belas e agradáveis: os olhos e as mãos. Pensas que não lamento não poder te outorgar o que desejas? E lamento não só por ti como também por mim, se é, que esta confissão sincera te pode agradar.

A água se enrugava, verde e dourada, rente ao barco. E eu retinha as mãos belas e fortes de Minéia dentro das minhas, segurando-as como um homem que se está afogando. E olhava para seus olhos que lembravam o luar no rio e que ainda assim eram tão lindos como uma carícia. Disse-lhe:

- Minéia, minha irmã! Não aturo mais todos esses deuses que os homens inventaram com certeza por causa do medo. Por que não renuncias também ao teu que exige de ti sacrifício cruel e absurdo? Sacrifício hoje mais cruel do que nunca! Posso levar-te para um país fora do alcance desse deus, nem que tenhamos que viajar até, aos confins do mundo, comer raízes e peixes, entre tribos selvagens e dormir entre caniços a vida inteira! Sim, deve haver nalguma parte do mundo um limite ao poder dessa divindade.

Minéia desviou a cabeça, segurando com mais força as minhas mãos.

- Esse deus se instalou dentro do meu coração, de modo que onde quer que eu vá estarei sob o seu domínio, sempre... E, se me entregar a algum homem terei que me haver com a morte. Agora,

que sei ao certo quem és, julgo cruel e absurdo esse deus que exige tanto de mim. Mas que posso eu fazer contra ele? Amanhã talvez tudo se torne diferente. Esquecer-te de mim Não te interessarei... Os homens são tão mutáveis!

- Ninguém sabe o que o dia de amanhã pode trazer... - observei, sobressaltado pois todo o meu ser se inflamava ante ela como um feixe de caniços, que durante anos e anos suporta o calor fustigante do sol até, que de repente uma centelha faz arder. - O que dizes, uma forma vaga de fuga servindo para me, atormentar... Todas as mulheres gostam de agir assim.. E o meu tormento te apraz.

Ela retirou as mãos com um gesto de censura.

- Não sou uma mulher ignorante. Além da minha língua falo também a de Babilônia e a tua. Sei escrever o meu nome com três diferentes feitios de letras tanto sobre papel como sobre argila. Além disso tenho estado em muitas cidades grandes. Perante gente diferente tenho dançado e sido admirada pela minha arte, até, que fui raptada por mercadores quando o navio em que eu viajava naufragou. Desde a infância tenho vivido nos redes do deus. Fui iniciada no seu ritual secreto. E por isso que nenhum poder, nenhum sortilégio me pode separar dele. Se tivesses dançado diante de touros, saltado por entre os seus chifres, sentido no teu pé, um focinho fumegante, entenderias. Decerto jamais viste jovens e raparigas dançarem diante de touros.

- Nunca ouvi falar nisso. Mas que eu tenha que respeitar e poupar a tua virgindade em benefício de touros, ora aí está uma coisa acima de tão da e qualquer compreensão... Verdade que tenho ouvido falar que na Síria os sacerdotes que realizam o ritual secreto da terra mão e sacrificam donzelas a tais bodes e tais donzelas são escolhidas dentre o povo.

Esbofeteou-me duas vezes; seus olhos cintilavam como os de um gato selvagem na treva quando ela exclamou tomada de fúria:

- Acho que não existe nenhuma diferença entre um homem e um bode perante teus pensamentos que só e voltam para coisas corporais, pois homens há que cuidam que um bode lhes satisfaz a luxúria tão bem como uma mulher. Chafurda-te na terra e deixa-me em paz. Não me importunes mais com teus



abrasamentos amorosos, pois conheces o amor tanto como um bácoro entende de prata.

Suas palavras foram rudes e suas bofetadas severas. Deixei-a e fui para a proa. Para passar o tempo abri minhas malas de remédio e cirurgia e principiei a pesar drogas e limpar instrumentos. Ela continuou sentada, tamborilando com os calcanhares o fundo do bote, num feitio exasperado.

De repente, como tomada de furor, arrancou o vestido, ungiu-se e começou a dançar um bailado tão selvagem e violento que o barco deu em balançar. Não consegui afastar os olhos, porque era incrível a habilidade com que ela dançava. Inclina-se para trás até, pousar mãos no chão dobrando o corpo como um arco, depois se arremessava para o ar. Todos a músculos do seu corpo se contratam e se retesavam sob a pele cintilante. Ofegava, os cabelos pareciam labaredas. Aquele bailado exigia uma desenvoltura tal que eu jamais vira cena idêntica em nenhuma das casas de divertimentos das muitas terras por onde andei.

Contemplá-la foi quanto bastou para que minha raiva se fundisse. Mudei logo de fisionomia, esqueci-me do que perdera ao fugir com aquela rapariga caprichosa e ingrata. Lembrei-me também que ela estivera a ponto de dar cabo da vida para defender a sua virgindade e compreendi que agira mal em pretender o que ela não podia me outorgar. Depois que dançou muito até, ficar molhada de suor e com a musculatura brilhando de cansaço se cobriu toda, da cabeça aos pés, com uma peça do seu vestuário; e percebi que se pos a chorar.

Então larguei meus remédios e meus instrumentos. Aproximei-me depressa, toquei-lhe o ombro, brandamente e lhe perguntei:

- Estás sentindo alguma coisa?

- Não - respondeu, empurrou minha cabeça e continuou a chorar.

Sentei-me ao seu lado, com o coração cheio de lástima.

- Minéia, minha irmã, não chores... Se ficaste sentida comigo então te digo que não chores sem motivo, porque a verdade é que não pensei nunca, absolutamente nunca, em te tocar... mesmo que me desses consentimento. Quero poupar-te qualquer sofrimento e mágoa, deixar-te sempre tal como estás.

Ergueu a cabeça e limpou as lágrimas num gesto irritado.

- Não receio sofrimento nem dissabores. Tolo! Não és tu que me fazes chorar. É o meu fado que me separou do meu deus e me fez ficar fraca como um frangalho a ponto do olhar de um paspalhão fazer vacilar os meus joelhos.

Segurei-lhe as mãos. Não opôs resistência, voltou-se finalmente para mim e disse:

- Sinuhe, debes ter a impressão de que sou uma ingrata e uma voluntariosa. Mas não é culpa minha. Sou vítima eu própria não sei de que. Gostaria de falar contigo a respeito do meu deus para que me compreendesses melhor. Mas, é proibido falar sobre ele com pessoas não iniciadas no culto. Apenas te posso dizer que ele é, o deus do mar e que mora na mansão misteriosa. Todo aquele que entrou nessa mansão jamais voltou de lá, permanecendo com o deus eternamente. Dizem alguns que ele se assemelha a um touro apesar de viver no mar. E dizem também que se parece com um homem não obstante a cabeça de touro. Acho porém que quanto a isso tudo seja simples lenda. Fomos consagradas ao seu culto e aprendemos a dançar diante de touros. Apenas sei que cada ano doze jovens são escolhidas do bando consagrado, devendo cada uma entrar cada noite nessa mansão ao tempo da lua cheia, e que não existe maior alegria para as jovens consagradas do que entrar na mansão divina. Eu também fui escolhida, mas antes de chegar a minha vez o nosso navio naufragou, conforme já te disse. Os mercadores me raptaram e me venderam no mercado de escravos de Babilônia. Durante toda a minha juventude não fiz outra coisa senão sonhar com a mansão maravilhosa do deus, com seu tálamo e com a eternidade. Embora as que lhe são consagradas tenham permissão para regressar a este mundo um mês depois, nenhuma até, agora fez isso... de modo que acho que o mundo não tem mais atrativos para quem chegou a conhecer o deus.

Uma nuvem pareceu velar o sol enquanto ela falava; a paisagem foi tomando um livor mortal e tétrico perante os meus olhos e um calafrio se apoderou de mim, pois verifiquei que Minéia não me era destinada. A sua história era como as histórias contadas pelos

sacerdotes de todas as terras. Minéia acreditava, e isso a anulava de mim para sempre.

Não vexá-la nem entristece-la. Aquecendo suas mãos nas minhas apenas lhe disse:

- Compreendo pois que tua vontade é, voltar para junto do teu deus; levar-te-ei por sobre o mar até Creta, pois agora sei que foi de lá que vieste. Quando falaste em touros já calculei, mas o que contaste sobre o deus da mansão misteriosa me certifica. Mercadores e marinheiros já me haviam falado nisso lá em Esmirna, mas só agora, que vim a acreditar. Disseram-me que decerto os sacerdotes liquidam quem tenta sair da mansão do deus temendo que alguém no mundo venha a saber a verdade do que lá existe. Essa é, a opinião dos marinheiros e do povo; tu, que és iniciada no culto, deves saber melhor.

- Sabes que tenho que ir para a minha ilha... Em nenhum outro lugar do mundo encontrarei paz. Cada dia que passo contigo me alegra, Sinuhe, não porque me hajas livrado do mal, mas porque nunca ninguém me tratou como tu. A mansão do deus não me causa agora a mesma saudade de antes. Irei para ela com mágoa no meu coração. No que depender de mim garanto que voltarei para junto de ti depois do tempo indispensável... Ainda assim temo que isso não se de porque nunca ninguém voltou de lá. O nosso tempo, é breve e ninguém sabe o que acontecerá amanhã, conforme tua expressão. Portanto, Sinuhe, gozemos estes dias todos e não percamos à toa nossos pensamentos com o futuro. É o melhor que temos a fazer.

Um outro homem a teria agarrado à força, a levaria para a sua própria pátria onde a reteria até ao fim dos seus dias. Eu sabia que ela estava falando a verdade, que jamais teria um dia feliz se esquivasse ao contacto do deus; pelo contrário, então sim, que acabaria me amaldiçoando e fugindo de mim. Assim é o poder dos deuses sobre os que acreditam neles, da mesma forma que nulo é esse poder sobre os que os desdenham.

Sem dúvida tais coisas estavam escritas nos astros antes do meu nascimento e não eram suscetíveis de alteração. Assim pois, comemos e bebemos ali no bote, escondidos entre os caniços; e

remoto nos era ainda o futuro. Minéia abaixou a cabeça e acariciou meu rosto com seus cabelos, sorrindo. Bebeu vinho, depois tocou meus lábios com os seus que cheiravam a mosto. E o mal que causava ao meu coração era doce - mais doce talvez do que se eu a tivesse tomado, muito embora tal pensamento não me ocorresse então.

A hora do crepúsculo Kaptah acordou e saiu de debaixo da esteira, esfregando as pálpebras e bocejando.

- Louvado seja o escaravelho... sem me esquecer absolutamente de Ammon! Já não tenho mais a cabeça pesada como uma bigorna. Poderia mesmo me readaptar à harmonia do mundo se tivesse alguma coisa para comer porque meu estomago parece cheio de leões rugindo...

Sem pedir licença participou da nossa refeição de pássaros assados em brasas, mastigando-os ruidosamente cuspidos os ossos para água. Vendo-o lembrei-me da contingência em que nos achávamos.

- Beberrão! Melhor fora que nos ajudasses com alguma outra idéia aconselhando-nos e ajudando-nos a sair daqui, pois não demoraremos a ser atados pelos pés, todos três. Mas preferiste te embriagar e dormir de cara para baixo como um porco num charco. Vamos dizer logo que é, que achas que deva ser feito pois os soldados do rei já devem estar no nosso encalço para liquidar conosco.

Kaptah coçou a cabeça.

- De fato este barco é grande demais para que três pessoas remem contra a correnteza. Para ser franco, não aprecio nada essa história de remos. Fazem calos nas mãos. Acho melhor desembarcarmos. Verei se consigo furtar dois burros para o transporte da nossa carga. Devemos vestir roupa rasgada de modo a não atrair as atenções... Nas estalagens temos que discutir e regatear os preços. Cumpre que o patrão não declare que é médico e finja ter uma profissão muito diferente. Podíamos formar uma companhia de momaros, viajando de aldeia em aldeia, entretendo os rústicos de noite nos celeiros. Ninguém expulsa truões e os salteadores acham que nem vale a pena atacá-los. O patrão pode ler no óleo a sorte dos aldeões conforme aprendeu a fazer; eu posso contar intermináveis histórias

engraçadas; e essa jovem pode ganhar o pão dançando. E mesmo não conviria roubar a embarcação dos pobres barqueiros que decerto estão escondidos em algum lugar entre os juncais esperando apenas que anoiteça para nos matar. Seria prudente irmos embora sem detença.

A noite já estava caindo e não havia tempo a perder. Kaptah estava certo em supor que os barqueiros já deveriam ter perdido o medo; naturalmente viriam buscar o barco, e eram homens fortes.

Untamo-nos com o óleo deles, sujamos as roupas e as faces com terra, dividimos entre nós o ouro e a prata que ainda sobravam escondendo-os em nossos cinturões e bainhas de roupa. Não quis deixar a minha mala de medicina; enrolamo-la na esteira acolchoada, fiz Kaptah carregá-la às costas apesar dos seus protestos. Depois, deixando o barco derivar por entre os caniços, pulamos para a terra.

Deixamos no bote bastante comida e duas botijas de vinho, porque assim, no entender de Kaptah, os homens ficariam parados ali, a bebericar, desistindo depois disso de perseguir-nos. Caso tentassem dar queixa contra nós no tribunal quando já curados da bebedeira decerto se contradiriam de tal maneira fazendo tamanha confusão que os juízes acabariam expulsando-os com bastonadas... Pelo menos assim cuidei.

Deste modo iniciamos nossa peregrinação e não foi muito difícil encontrarmos uma estrada de caravanas que percorremos durante a noite inteira não obstante Kaptah amaldiçoar o dia em que nascera por causa do peso da carga atravessada em seus ombros. De manhã chegamos a uma aldeia cujos habitantes nos acolheram cordialmente, tomados de muito respeito porque ousáramos viajar de noite sem medo dos demônios. Deram-nos papa de leite e venderam-nos dois jumentos.

Despediram-se de nós com muitas festas quando fomos embora, pois se tratava de gente simples que não via ouro desde muitos meses e que pagava seus impostos com cereais e gado e morava em cabanas de barro com bois, vacas e ovelhas.

Dia após dia nos afastávamos de Babilônia por essa estrada além. Encontramos mercadores, afastávamo-nos dando passagem a liteiras

de ricaços, fazendo medidas quando esses passavam. O sol queimava nossas peles, nossas roupas iam ficando em frangalhos, cada vez nos habituávamos mais a representar em arraiais e em celeiros. Eu derramava óleo na água e vaticinava dias felizes, colheitas fartas, nascimento de filhos varões, casamentos vantajosos, pois tinha pena da pobreza de tal gente; a minha tendência era profetizar somente coisas boas. Acreditavam, enchiam-se de alegria. Se devesse lhes dizer apenas a verdade teria que lhes falar de impostos cada vez maiores, de contendas e rixas, de juízes corruptos, de sezões durante as cheias, de secas medonhas, de gafanhotos e mosquitos, de trabalhos pesados e, após fadigas, da morte, sim, da morte! Pois que era a existência deles senão isto? Kaptah contava-lhes histórias de feiticeiras, princesas e terras distantes cujo povo carregava a cabeça debaixo do braço virando lobo uma vez por ano. Acreditavam nas histórias, veneravam-no, empatinavam-no...

Minéia dançava para eles todos os dias apurando-se assim para o seu deus; admiravam-lhe a arte dizendo: "Nunca vimos coisa igual!"

A viagem me foi proveitosa, pois me ensinou que se os ricos são iguais por toda a parte e pensam do mesmíssimo modo, também os pobres são parecidíssimos por este mundo adiante. Tinham os mesmos pensamentos por mais diferentes que fossem seus costumes e por mais diversos que fossem os nomes de seus deuses. Meu coração se enternecia diante deles por causa da grande simplicidade e não consegui me furtar a tratar os doentes que encontrava: lancetava-lhes os furúnculos, limpava-lhes os olhos, pois sabia que sem isso logo perderiam à vista... E fiz todas essas coisas por vontade própria, sem cobrar nada.

Mas por que motivo me expus assim ao perigo de vir a ser descoberto, ignoro. Talvez meu coração se tivesse suavizado por causa de Minéia ali a meu lado diariamente, seu corpo moço aquecendo minha ilhargá todas as noites quando nos deitávamos naquele chão batido que cheirava a palha e a estábulo. Talvez eu fizesse isso em favor dela para agradar aos deuses com ações meritórias e portanto propícias. Ou talvez tenha sido pelo desejo de

continuar a, exercitar minha perícia de modo às minhas mãos não perderem sua firmeza e meus olhos seu acerto na percepção das doenças. Sim, pois quanto mais vivo mais claramente vejo que tudo quanto um homem faz o faz por diversas razões conquanto muitas vezes nem se de conta disso. Portanto as ações dos meus semelhantes são como pó debaixo dos meus pés já que não posso saber seus motivos e intuítos.

Fizemos face a muitas vicissitudes. Minhas mãos se tornaram calosas, as solas dos meus pés ficaram grossas, a poeira queimou meus olhos. Ainda assim, sempre que recordo esta nossa viagem ao longo das poeirentas estradas que se afastam de Babilônia, as acho belas e não consigo esquecer-las. De fato! Daria mor parte do que conheci e possuí no mundo só para tornar a fazer tal viagem, com a mocidade de outrora, com os mesmos olhos vivazes, com o mesmo corpo infatigável e com Minéia a meu lado...

Minéia, com seus olhos que eram como o luar no rio. A sombra da morte nos acompanhou durante a viagem inteira... Morte que não seria branda se tivéssemos sido descobertos e caíssemos nas mãos do rei. Mas naqueles distantes dias nunca pensei na morte e nem a temi porque a vida me era muito mais preciosa do que fora antes já que me via andando assim ao lado de Minéia, vendo-a dançar nos terreiros borrifados.

Junto dela esquecia o crime e o opróbrio do começo da minha mocidade, e todas as manhãs ao acordar com o vozerio de crianças e o passar do gado meu coração se sentia leve como um pássaro. Saía a ver o nascimento do sol que daí a pouco vogava como uma nave dourada ao longo de magnífico céu cerúleo.

Por fim chegamos à fronteira devastada; mas pegureiros, cuidando que fossemos pobres, nos mostraram a passagem, de forma que entramos no país de Mitani e chegamos até Naharani sem pagar tributo nem encontrar guardas de nenhum rei. Só depois que chegamos à grande cidade foi que nos aventuramos a percorrer bazares.

Ninguém ali nos conhecia. Compramos trajés novos, lavamo-nos e vestimo-nos de acordo com a nossa situação, depois do que nos dirigimos ao melhor hotel.

Como o meu ouro já estava quase se esgotando resolvi permanecer algum tempo na cidade a fim de exercer a minha profissão, tendo tido logo muitos pacientes; curei várias doenças porque o povo de Mitani era tão curioso como os demais e apreciava tudo quanto era novidade.

Minéia também atraiu a atenção por causa da sua beleza, e muitos se apresentaram com a intenção de comprá-la. Kaptah descansava depois dos seus labores, não tardou a engordar e se deu com muitas mulheres que lhe conferiram favores por causa de suas histórias. Sempre que se embebedava nas casas de divertimentos falava do seu curto passado como rei de Babilônia e toda gente ria e dava palmadas nos joelhos, declarando:

- Mentiroso desta marca nunca vimos! Tem uma língua mais comprida e fluente do que um rio!

Assim o tempo foi passando até que Minéia começou a me fitar com um modo apreensivo; durante a noite ficava acordada, chorando. Disse-lhe então, certa vez:

- Sei que estás com saudade da tua terra e do teu deus. E bem distante nos achamos, aqui nestes páramos! Preciso, contudo, visitar ainda a terra de Hati, onde vivem os hititas; e isso por motivos que não posso te expor. Acho que da nação deles podemos viajar para Creta, embora, quanto a isso, não tenha certeza cabal. Se preferes te levarei diretamente ao litoral da Síria de onde saem navios para Creta, todas as semanas. Mas ouvi dizer que uma caravana sairá brevemente daqui a fim de levar, como faz todos os anos, os presentes do rei de Mitani ao rei dos hititas. Com ela viajaremos com maior segurança e veremos e ouviremos muitas coisas novas. Todavia quem decide és tu e não eu.

Intimamente a estava enganando, pois o desejo manifestado de visitar a terra de Hati era simplesmente vontade de conservá-la comigo mais tempo ainda antes de levá-la resgatada ao seu deus.

Respondeu-me:

- Quem sou eu para interferir em teus planos? Irei contigo de bom grado para onde quer que me leves, contanto que cumpras tua promessa de me levar de volta ... minha pátria. Onde fores te



acompanharei e caso a morte nos assaltasse eu lamentaria não por mim e sim por ti.

Visto isso resolvi me agregar à caravana como médico e viajar assim para a terra de Hati sob a proteção do rei de Mitani. Essa terra de Hati foi chamar-se também Cheta. Logo que Kaptah soube da minha decisão se pos a imprecar e invocou os deuses em seu auxílio.

- Mal saímos das fauces da morte e já o meu amo aspira a se lançar de chofre na goela de uma outra aventura mortal. Não há quem ignore que os hititas são selvagens e ruins. Por que me abandonas, ó meu escaravelho!?... Maldito seja o dia em que vim ,ter a este mundo só para sofrer os caprichos do meu amo lunático!

Tive que chamá-lo à ordem com um bastão, dizendo-lhe a seguir:

- Pois seja como queres. Vou pagar tua viagem e te mandar diretamente para Esmirna em companhia de uns mercadores. Trata de tomar conta de minha casa até, que eu apareça por lá. Já não aturo mais as tuas lamentações.

Mas Kaptah inflamou-se ainda mais, replicando:

- Que tolice vem a ser essa? Então sou homem que permita que o meu amo viaje sozinho para a terra de Hati? Seria o mesmo que haver lançado um recém-nascido a um pátio de cães bravos; e meu coração jamais cessaria de me censurar por semelhante crime. Restrinjo-me a fazer uma pergunta: Vai-se por mar para essa terra de Hati?

Informei-lhe que, tanto quanto eu conjeturava, não havia mar nenhum entre a terra de Mitani e a de Hati.

- Louvado seja o meu escaravelho! Sim, pois se fosse necessário ir por mar eu não o acompanharia já que jurei pelos deuses jamais por os pés num navio... marítimo!

E logo começou a reunir as nossas coisas e a aprestar tudo para a nossa partida. Deixei tudo nos seus cuidados pois nesses assuntos era muito mais expedito do que eu.

A viagem que fiz junto com a delegação mitaniana foi sem incidentes e pouco há que falar sobre ela porque os hititas nos escoltaram durante todo o percurso com os seus carros e providenciaram para que tivéssemos alimento e bebida em todos os

pontos de parada. Os hititas são de rija tempera, pouco se importando com o frio e o calor pois vivem entre serras estéreis e são acostumados a todos os rigores e privações desde quando crianças. Não conhecem o medo e se retemperam em batalhas. Zombam das nações mais fracas e as subjagam ao passo que honram as nações valorosas e procuram manter boas relações com elas.

Essa nação é, dividida em muitas clãs e aldeias e governada por príncipes cujo poder é, absoluto e que por sua vez estão sujeitos ao soberano que vive na capital, a cidade de Hatushash, entre montanhas. Tal soberano é, o sumo-sacerdote, o comandante-chefe e o supremo juiz. Nele se funde toda a autoridade que governa os homens através de manifestações de ordem tanto divina como temporal, e não conheço nenhum outro rei investido de igual poder por mais absoluta que costume ser toda autoridade real. Em outras nações, inclusive no Egito, os sacerdotes e os juízes tem mais domínio sobre as ações dos reis do que geralmente se supõe.

Quando falam nas grandes cidades do mundo os homens costumam mencionar Tebas, Babilônia e, algumas vezes, Nínive - que não vi. Mas nunca os ouvi falar em Hatushash que é, a capital dos hititas e a sede da autoridade, soerguida entre montanhas como um ninho de águia no âmago de alcantis de caça. Todavia esta cidade pode muito bem ser comparada às outras; e quando me lembro que seus gigantescos edifícios são de granito talhado e as suas muralhas inexpugnáveis e mais maciças do que quaisquer outras que vi, sou obrigado a reconhecer que esta cidade é uma das maiores.

Se permanece quase uma coisa secreta em face do mundo advém isso do fato do rei a haver fechado aos estrangeiros. Apenas embaixadores acreditados são admitidos em audiência perante o rei e lhes entregam presentes. Mesmo tais plenipotenciários são vigiados. escrupulosamente durante sua permanência em Hatushash. Por isso os seus cidadãos não gostam de conversar com estrangeiros mesmo se lhes conhecem os idiomas sempre que alguém os assedia com perguntas respondem: "Não compreendo"

ou "Não sei", e olham em redor, apreensivos, não querendo que outros os vejam em conversa com um forasteiro.

No entanto não são de natureza arredia, pelo contrário, são amistosos, gostam de ver os trajes dos estrangeiros quando tais vestuários são bonitos e seguem pelas ruas os que os usam.

Não contratam soldados como fazem os povos civilizados; exercem pessoalmente todos os cargos e condições de guerreiros e os homens são divididos em classes correspondentes às suas categorias militares. Assim os mais conspícuos são aqueles que obtêm o manejo de carros, e a situação dos varões não decorre de suas origens e descendências, mas sim de suas proficiências nas armas. Todos os homens válidos são convocados anualmente para exercícios militares sob a direção de seus comandantes. Hatushash não é uma cidade de comércio como as outras capitais, mas está cheia de forjas e oficinas que produzem rijo escarcéu de malhos, pois em suas bigornas e bancas são forjados arcos, espadas, rodas e guarnições de carros.

Ao tempo da minha chegada à terra de Hati o grande rei Shubiluliuma reinava havia já vinte e oito anos. Seu nome era tão temido que as pessoas se inclinavam e erguiam as mãos quando o ouviam e proferiam alto os seus louvores pois pusera ordem na terra de Hati e subjugara muitos povos. Morava num palácio de granito no centro da cidade, e muitas histórias se contavam do seu nascimento e dos seus feitos heróicos, conforme se contam dos grandes soberanos. Todavia nunca o vi; e nem mesmo o viram os enviados de Mitani que tiveram que deixar seus presentes nas lajes da sala de recepção em meio às zombarias dos soldados.

Logo de início me pareceu haver pouco que fazer para um médico em Hatushash porque, conforme vim a tomar conhecimento, os hititas tinham vergonha de doenças e as escondiam enquanto podiam. Crianças débeis e deformadas eram mortas ao nascer, e escravos doentes também eram mortos. Devido a isso os médicos tinham pouca perícia e eram homens ignorantes e incultos, embora tratassem feridas e contusões muito bem e dispusessem de remédios efetivos para todas as doenças peculiares às regiões montanhosas, Remédios desses que diminuía rapidamente a febre

do corpo e que de bom grado vim a conhecer. Mas sempre que alguma pessoa se via a braços com alguma doença que ameaçava ser fatal optava mais pela morte do que pelo tratamento só para não ficar inválida ou combalida pelo resto de seus dias. E isso porque os hititas não tinham medo da morte como os povos civilizados têm, e receavam sobremaneira a debilidade.

Todavia no íntimo todas as grandes cidades são iguais e as pessoas eminentes e ricas de todos os países se assemelham em tudo. Quando a minha fama se espalhou por entre a população, muita gente correu à minha estalagem com o intuito de se curar. Suas doenças me eram conhecidas e eu as poderia tratar. Mas preferiram vir a mim disfarçados, secretamente, e protegidos pela escuridão para que sua dignidade não fosse diminuída. Por tal razão me deram também magníficos presentes e no fim de tudo adquiri muito ouro e prata em Hatushash apesar de, no começo, ter receado sair de lá feito mendigo.

Os hititas eram muito estritos em sua conduta e homens das melhores classes não apareciam bêbados nas ruas, pois isso seria uma diminuição de dignidade; mas, como em todas as grandes cidades, eles também bebiam uma grande quantidade de vinho, inclusive dos compostos, que são mais perniciosos. Tratei os achaques resultantes disso e anulei seus tremores de mãos principalmente quando estavam às vésperas de se apresentar ao rei. Deixei Minéia dançar para entretê-los; admiravam-na grandemente e lhe davam ricos presentes sem aspirar à quaisquer outras vantagens - pois os hititas eram generosos quando alguma coisa os agradava.

Tendo ganho a boa vontade deles por esta forma me aventurei a fazer perguntas sobre muita coisa que me era vedado perguntar abertamente. Muita coisa vim a saber por intermédio do Zelador dos Arquivos Reais, que falava e escrevia muitas línguas, lidava com a correspondência do rei para o estrangeiro, e que não era limitado pela rotina local. Agi de modo a que ele acreditasse que eu fira banido para sempre do Egito, jamais devendo voltar, e que o meu único interesse como forasteiro era adquirir riqueza e conhecimento. Teve confiança em mim e de boa vontade ia

respondendo às perguntas em troca de bom vinho meu e da boa dança de Minéia.

- Por que motivo a cidade de Hatushash , fechada aos estrangeiros? E por que é, que as caravanas e os mercadores são obrigados a trafegar somente em certas estradas, apesar deste seu país ser rico e esta sua cidade ombrear com outras em maravilhas? Não seria melhor que os demais se pusessem a par do poderio hitita e lhe cantassem louvores conforme tal nação merece?

Ele provou do seu vinho e disse com os olhos cintilantes voltados para os meneios de Minéia:

- Shubiluliuma, o nosso grande rei, disse quando subiu ao poder: "Dai-me trinta anos e eu tornarei a terra de Hati o mais poderoso reino que o mundo jamais viu." Esses trinta anos estão quase completados e acho que não demorar o mundo a ouvir a respeito da terra de Hati muitíssimo mais coisas do que as que suspeita.

- Mas em Babilônia eu vi marcharem diante do rei sessenta vezes sessenta vezes sessenta homens, e o barulho de seus pés era como o bramido do mar. Aqui tenho visto ao mesmo tempo na rua dez vezes dez homens e não posso compreender que é que fazem com todos os seus carros que estão sendo construídos nas oficinas da cidade. Para que servem carros num país montanhoso? Sempre foram utilizados para combater nas planícies.

Ele riu.

- Para um médico sois muito curioso, Sinuhe, o egípcio! Não se dará o caso de ganharmos nossa crosta de pão vendendo carros aos reis dos países planos? - E entrefechou as pálpebras, matreiramente.

- Não acredito nisso! - disse-lhe ousadamente. - Seria o mesmo que um lobo ceder suas garras a lebres.

Deu uma risada estrepitosa dando socos nos joelhos a ponto do vinho saltar para fora da taça.

- Preciso dizer essa piada ao rei! Talvez ainda durante a vossa existência vejais uma grande corrida de lebres, pois a justiça dos hititas é diferente da justiça das planícies. Na vossa terra creio que os ricos governam os pobres; na nossa os fortes governam os fracos. O mundo aprenderá uma lição nova antes que vossos cabelos fiquem grisalhos, Sinuhe.

- O novo faraó do Egito também tem um novo deus - disse eu com simulada simplicidade.

- Eu sei; eu sei, pois leio todas as cartas do rei. Trata-se de um deus que é, grande amante da paz e declara que não existe nenhuma disputa entre nações que não possa ser resolvida pacificamente. Não temos nada contra esse deus; pelo contrário, o apreciamos muito... enquanto governar no Egito e nas planícies. O vosso faraó mandou ao nosso grande rei uma cruz egípcia a que chama o símbolo da vida e ele deseja certamente ter paz durante alguns anos vindouros. Está bem; contanto que nos mande uma porção de ouro para que possamos armazenar ainda mais cobre, ferro e trigo, construir novas oficinas e forjar carros mais numerosos e mais pesados do que antes. Pois para tudo isso muito ouro se faz preciso, e o nosso rei reuniu aqui em Hatushash os armeiros mais célebres e mais peritos de muitos países diferentes e os paga regiamente. Mas por que motivo ele faz tudo isso creio que a sabedoria de nenhum médico poderá adivinhar!

- Esse futuro que o amigo está para aí a prever agradará a corvos e chacais mas não me agrada, e não acho nele nenhum motivo para risadas. Em Mitani correm histórias a respeito dos crimes dos hititas nas regiões limítrofes... Histórias tão medonhas que nem quero repetí-las, pois não se coadunam com um povo civilizado e culto.

- Que é civilização? Cultura, que é? - perguntou ele tornando a encher sua taça de vinho. - Também nós podemos ler, escrever e acumular lousas de greda numeradas e numerosas em nossos arquivos. Nosso intuito é instilar medo entre os povos inimigos de modo que no tempo adequado se submetam a nós sem uma luta e assim se poupem de desnecessário dano e prejuízo. Sim, pois não amamos a destruição em si; preferimos anexar países e cidades em condições o menos danosas que nos for possível. Um inimigo tímido é, um adversário metade vencido já.

- Então todos os povos são inimigos dos hititas? Eles não tem amigos, então?!

- Nossos amigos são todos aqueles que se submetem a nós e que nos pagam tributo. Deixamo-los viver ao seu modo e

não interferimos quase em seus costumes e deuses, contanto que dominemos. Nossos amigos são também todos aqueles que não são nossos vizinhos... Pelo menos até enquanto não se tornam nossos vizinhos, pois quando isso se dá passamos a descobrir traços ofensivos neles que provocam desarmonia e que nos forçam a guerreá-los. Assim tem sido até aqui e assim temo que continue a ser sempre, pelo que conheço das idéias do nosso grande rei.

- Não tem os deuses dos hititas nada a dizer a respeito disso? Nos outros países muitas vezes são os deuses que determinam o que é direito e o que , errado.

- Direito e errado? Direito é o que desejamos, e errado o que os nossos vizinhos desejam. Este é um princípio simplíssimo que facilita tanto a vida como a política e que, na minha opinião, difere pouco do que ensinam os deuses das planícies. A meu ver esses tais deuses testificam que é direito o que os ricos querem e que , errado o que querem os pobres.

- Quanto mais aprendo a respeito dos deuses mais me entristeço - comentei, desanimadamente.

Naquela noite eu disse a Minéia:

- Já conheço bem a terra de Hati e já consegui o que procurava. Estou decidido a ir embora, pois sinto cheiro de cadáveres por aqui e isso me sufoca. A morte campeia como uma sombra opressiva me rodeando e se permaneço não tenho dúvida de que o rei me mandará empalar se souber que lhe descobri o jogo. Fugamos desta corrupção; sinto-me, se ficar, como se tivesse nascido corvo e não homem.

Com o auxílio de alguns dos mais eminentes indivíduo que eu tratara obtive licença para viajar por uma estada proibida, litorânea, e daí embarcar num navio. Os meus clientes lamentaram a minha partida e solicitaram que eu ficasse, garantindo-me que se continuasse a clinicar entre eles me tornaria rico em poucos anos. Em todo o caso minha partida não foi obstada por ninguém,. Continuei a rir e a chasquear com eles, contando-lhes facécias até nos separarmos; deram-me muitos presentes de despedida. Deixamos os terríveis baluartes de Hatushash dentro dos quais se ocultava o mundo do futuro e passamos em cima de nossos jumentos por

perto de escravos cegos que faziam girar mós rangentes e vimos cadáveres de feiticeiros empalados em ambos os lados da estrada. Procurei viajar o mais afoitamente possível, e dentro de vinte dias chegávamos ao porto.

Demoramo-nos lá por algum tempo - embora fosse uma cidade barulhenta, cheia de vício e de crime - pois sempre que víamos um navio com saída marcada para Creta Minéia dizia: "Este é muito pequeno e pode naufragar e não tenho vontade de uma segunda aventura e quando víamos um maior ela considerava: "Num navio sírio não quero viajar", objetando a propósito de um terceiro: "O capitão é mal encarado e temo que nos venda como escravos numa terra estrangeira."

Assim ficamos naquele porto de mar e ao menos por uma coisa não me aborreci: tinha muito que fazer ali, limpando e costurando cutiladas e consertando fraturas de crânio com as minhas trepanações. Até o próprio mestre do porto veio me ver queixando-se de um mal venéreo. Eu conhecia essa moléstia de quando estivera clinicando em Esmirna e estava capacitado a curá-la com um remédio usado pelos médicos de lá. Depois que ficou bom, ele me perguntou:

- Que é que lhe devo dar em pagamento, Sinuhe!

Respondi:

- Não quero teu ouro. Dá-me a faca que tens na cinta e eu é que te ficarei devedor. Terei assim um presente duradouro que me fará lembrar de ti.

Mas ele objetou, declarando:

- Ora! É uma faca comum. Sua lâmina não vibra e o cabo não tem incrustações de prata.

Mas tudo isso ele disse porque se tratava de uma faca de metal hitita que era proibido dar ou vender a estrangeiros. Eu não conseguira comprar uma arma dessas, não tendo mesmo insistido com medo de despertar suspeita. Em Mitani só se viam facas dessas entre as pessoas mais importantes, e seu preço era dez vezes o seu peso de ouro. E mesmo assim seus possuidores não as vendiam porque havia poucas pelo mundo. Mas para um hitita uma tal faca



não tinha grande valor já que lhe era proibido vendê-la a um estrangeiro.

O mestre do porto sabia que eu deixaria logo o país; e refletindo que podia achar melhor emprego para o seu ouro do que dá-lo a um estrangeiro, acabou por me presentear com a faca. Era tão amolada que raspava o cabelo mais facilmente do que a lâmina mais fina de cristal e podia chanfrar o cobre sem estragar seu próprio gume. Fiquei radiante com ela e resolvi dar um banho de prata na lâmina e montá-la com um cabo de ouro como faziam os mitanianos quando adquiriam uma faca assim. O mestre do porto não tinha inimigos e ficara meu amigo porque eu o curara radicalmente.

Naquela cidade havia um campo onde eram conservados touros bravos, conforme acontece muitas vezes em cidades marítimas. A rapaziada local gostava de exhibir sua destreza e seu valor em lutas contra esses animais enfiando-lhes farpas nas cernelhas e saltando por entre eles. Minéia ficou entusiasmada ao vê-los e teve vontade de experimentar tais jogos. Foi assim que a vi dançar entre os touros; jamais vira coisa igual e meu coração ficou frio de pavor enquanto eu assistia. Sim, pois um touro selvagem é a mais terrível de todas as feras - pior mesmo do que o elefante que quando não está irritado é manso - tem chifres longos e pontudos que são verdadeiras armas perfurantes; com uma marrada pode matar um homem jogando-o no ar e depois pisando-o.

Minéia dançou diante deles, vestindo apenas um traje leve; desviava-se para o lado quando, marravam com arrancos medonhos. Seu rosto foi ficando avermelhado e no auge da excitação arrancou a rede prateada que retinha seus cabelos deixando-os esvoaçar ao vento. Era uma dança tão rápida que os olhos não podiam acompanhar os movimentos diante dos chifres de uma das feras atacantes.

Segurava-os, dava um salto pisando na testa do animal, arremessava-se por cima dele, indo pisar na relva, atrás. Eu contemplava quase sem fôlego tamanha maestria e creio que foi exatamente por haver percebido o meu alvoroço que teimou em realizar coisas que eu julgava impossíveis. Assistia pois a tais lances

com o corpo coberto de suor e nem podia ficar quieto onde me achava embora os que sentados atrás de mim se enfurecessem empurrando até o meu ombro.

Ao sair do campo foi aplaudida entusiasticamente. Puseram-lhe guirlandas na cabeça e no pescoço e gente da sua idade a presenteou depois com uma taba onde se viam touros pintados em vermelho e preto. Todos exclamavam "Nunca vimos coisa igual!" e os comandantes de navios que tinham estado em Creta diziam enquanto exalavam hálitos avinhados: "Mesmo em Creta dificilmente se assiste a cenas assim!"

Mas Minéia se dirigiu ao meu encontro e se apoiou em mim, com os trajés gotejando suor. E assim descansando, exausta e orgulhosa, esperava que os músculos do seu corpo forte e esguio se relaxassem aos poucos. Disse-lhe:

- Nunca vi ninguém, como tu.

E logo o meu coração ficou pesado de apreensões porque a tendo visto dançar diante dos touros sabia que tal fato se interpunha na nossa vida como um sortilégio daninho.

Poucos dias depois disso um navio de Creta fundeou no porto; não era pequeno nem grande e os olhos do capitão não eram antipáticos. Tal homem falava a mesma língua que ela. E Minéia me declarou:

- Neste navio posso viajar sem perigo para a minha ilha... para o meu deus. Vais ter o prazer de te separares de mim já que te causei tantos cuidados e prejuízos.

- Sabes muito bem, Minéia, que irei para Creta contigo.

Olhou-me com olhos que lembravam ondas ao luar. Seus lábios estacam rubros e suas sobrancelhas eram duas linhas negras muito finas.

- Não sei por que motivo hás de ir comigo, Sinuhe! O navio me levará diretamente à minha ilha, com todas a segurança, e não me sucederá nenhum mal.

- Sabes sim, tão bem como eu, Minéia.

Entrelaçou os dedos nos meus e suspirou.

- Estamos viajando juntos desde muito tempo, Sinuhe, através de tantos percalços, tendo visto tantos povos, que a minha pátria até,

ficou obscurecida na minha memória, esbatendo-se com um sonho.. E já não anseio tanto pelo meu deus, como antigamente. Por isso andei adiando esta viagem com desculpas vagas, conforme hás de ter percebido... Mas quando tornei a dançar diante dos touros me dei conta de que, se me possuísse, eu teria que morrer.

- Sim, sim, eu sei. Já temos tratado disso tudo muitas vezes, antes; trata-se de uma história monótona, muito repetida. Não pretendo de modo algum te violar. O caso não merece o prejuízo do teu deus. Qualquer escrava pode me dar o que tu me recusas. Não existe nenhuma diferença, conforme diz Kaptah.

Os olhos dela cintilaram como os olhos verdes de uma gata selvagem na escuridão. Cravou as unhas na minha mão e disse furiosa:

- Pois vai logo procurar uma escrava, pois só te ver me revolta. Anda, vai atrás dessas medonhas raparigas do porto que tanto cobiças! Mas desde já te digo: depois não quero nem te ver. Posso até, te sangrar com essa faca que tens aí. O que me é vedado também te é vedado.

Sorri-lhe e perguntei:

- Acaso algum deus me proíbe tal coisa?

- Quem ta proíbe sou eu!...Ousa me aparecer depois disso!...

- Não te amofines, Minéia, pois para ser franco estou cansado de tal assunto. Não existe nada mais monótono do que estar com uma mulher. Já experimentei e não desejo repetir a experiência.

Ela inflamou-se de novo.

- Tais palavras melindram a mulher que há em mim. Deixa de histórias. Não há de ser com todas as mulheres que acharás isso monótono.

Fiquei sem poder achar uma resposta que lhe agradasse. E isso, por mais que procurasse. Naquela noite não se deitou a meu lado como era de hábito; levou a esteira acolchoada para outro cômodo e cobriu a cabeça para dormir.

Chamei-a.

- Minéia! Não me queres aquecer? Es mais moça do que eu, as noites são tão frias e estou tremendo.

- Não é verdade. Sinto tanto calor como se estivesse com febre. Nem posso respirar com esta atmosfera abafada. Quero dormir sozinha. Se estás com frio vai buscar um braseiro e conserva-o aí no teu quarto. Ou pega num gato e o faz deitar contigo e não me importunes mais.

Fui até, onde ela se achava, apalpei-lhe a testa. De fato seu corpo estava a arder e tremia debaixo do cobertor.

Disse-lhe:

- Acho que estás doente. Deixa-me tratar-te.

Deu-me pontapés. Empurrou-me.

- Vai-te embora daqui! O meu deus se encarregará de me curar.

Daí a algum tempo, porém, me chamou:

- Sinuhe, dá-me qualquer remédio! Do contrário meu coração arrebenta.

Dei-lhe um calmante. Por fim, adormeceu. Mas fiquei em vigília ali ao lado até, que os cães do porto começaram a ladrar ante o livor da madrugada.

Ao chegar o dia da partida disse a Kaptah:

- Arruma os nossos pertences, vamos embarcar num navio para a ilha de Keftiu que também é a de Minéia.

- Eu já desconfiava disso! E se não rasgo minha roupa só porque depois teria que serzi-la... Tampouco vale a pena cobrir minha cabeça com cinza por causa de, um patrão assim tão falso. Pois não jurou quando deixamos Mitani que não seria necessário atravessarmos o mar? Tenho que me resignar, que calar a boca! Nem mesmo chorarei para não prejudicar este meu único olho... Já chorei demais e bem amargamente por sua causa nessas terras por onde a sua loucura me arrastou... Restrinjo-me a dizer já, de modo a evitar futuros equívocos, que esta é a minha última viagem. E o meu estomago quem o diz. Mas não me dou ao trabalho sequer de repreendê-lo, patrão porque só em olhá-lo e em sentir seu cheiro de médico já me revoltou. Já reuni as nossas coisas e estou pronto para a partida. Sim, pois sem o escaravelho o patrão não pode se aventurar a seguir num navio... e sem o escaravelho não tenho coragem de regressar para Esmirna e cuidar da minha vida.

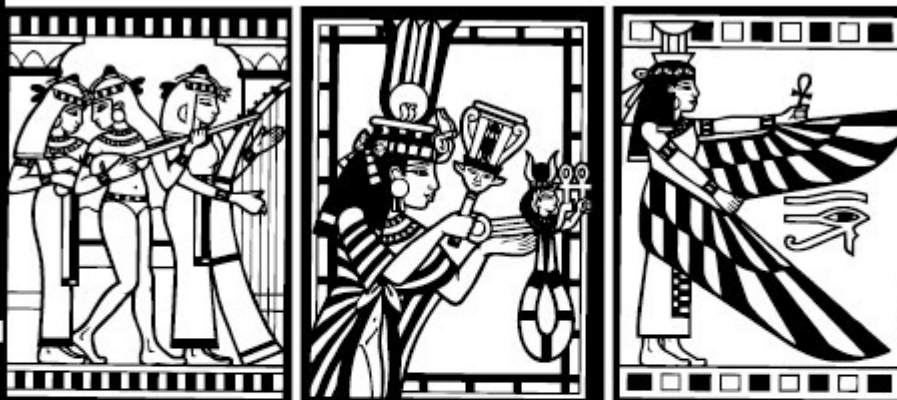
Portanto vou com o escaravelho e ou morro de enjôo a bordo, ou me afogo no mar com o patrão.

Admirei-me de atitude razoável de Kaptah... até descobrir que ele se informara entre marujos do porto a respeito de remédios para enjôo e que eles lhe haviam vendido talismãs. Antes de embarcarmos ele dependurou todos esses objetos no pescoço, apertou bem o cinturão e engoliu uma beberagem de tal espécie que ao subir para bordo o olho são: quase lhe saía para fora da órbita como o de um peixe frito. Pediu em altas vozes um quarto de porco bem gordo - que os marinheiros lhe haviam assegurado. que era o melhor remédio contra enjôo do mar. Estirou-se no banco e dormiu com um pernil de leitão numa das mãos e com o escaravelho fechado na outra. O mestre do porto ficou com a nossa lousa de greda e nos desejou boa viagem; a seguir os remadores se instalaram levando-nos para fora da baía.

Assim começou a viagem para Creta. O capitão ofereceu um sacrificio em seu beliche ao deus do mar e a outros mais,depois ordenou que içassem as velas; o navio zarpou começando a fender a água enquanto o meu estomago me subia para a goela - pois na frente não havia nenhuma linha de terra. Na frente só havia o mar sem fim, cheio de vagas.

# LIVRO VIII

## A MANSÃO ESCURA



**D**iante de nós balançavam as águas infinitas; mas não receei nada porque Minéia estava comigo Minéia, que recebia em haustos o ar marítimo e tinha de novo nos olhos aquela expressão de luar. Ela permanecia de pé, na proa, junto da figura colorida do rosto, meio inclinada para a frente e sorvendo o ar como se com a sua vitalidade pudesse nos levar mais depressa por aquela travessia adiante. Por sobre nós o céu estava azul e o sol brilhava. O vento não era forte, mas sim fresco e propício segundo a informação do comandante. Depois de me acostumar ao balouço da nave não enjoei mais, verdade que o medo do desconhecido me assaltou o coração quando, no segundo dia, a última gaivota que rodeava o navio regressou ao horizonte oposto à proa.

Substituindo-as, o bando de golfinhos do deus do mar começou a nos acompanhar; seus dorsos reluziam à medida que corcoveavam nas ondas. Minéia chamava-os em voz alta, na sua língua natal, pois decerto lhe traziam saudações do seu deus.

Nem nosso navio era o único nas águas; avistamos uma galera cretense cujo casco estava coberto de escudos de cobre e que agitou seu galhardete quando se certificou que nossa embarcação não era um navio de piratas. Assim que se sentiu relativamente curado Kaptah se levantou do seu banco, deu em andar pelo convés conversando com a equipagem, jactando-se das suas muitas viagens por muitas nações. Referiu-se ao trecho entre o Egito e Esmirna, falou de uma tempestade que arrancara do mastro, o vela me; disse que somente ele e o capitão comiam, pois os demais tinham ficado deitados no tombadilho lamentando-se e vomitando de encontro ao vento... Falou-lhes também de temerosíssimos monstros marinhos e infestavam o delta do Nilo e que engoliam tudo quanto era bote de pesca que se aventurasse no mar alto. Os marinheiros deram-lhe pronta resposta descrevendo-lhe certas colunas na banda mais

remota do oceano e que suportavam o firmamento e dizendo como eram feitas as sereias que aguardavam os marinheiros e que destilavam sortilégios seduzindo-os.

Descreveram também leviatãs marinhos cujo só aspecto imaginado faz o cabelo se eriçar na cabeça de Kaptah obrigando-o a correr para mim, com o rosto lívido, a mão tremula agarrada ao meu ombro.

Minéia cada dia se tornava mais radiante. Seus cabelos flutuavam ao vento, seus olhos tinham reflexos de luar sobre as águas, e seu corpo era tão esguio e belo que meu coração se enternecia dentro do peito sempre que eu refletia e me lembrava que não demoraria a perdê-la. Voltar para o Egito ou para Esmirna sem ela me parecia coisa insuportável. O gosto da vida na minha boca era um gesto de cinzas, para tanto bastando que eu pensasse que em breve não sentiria suas mãos nas minhas, seu flanco rente ao meu, sua visão diante de mim.

O capitão e a tripulação veneravam-na profundamente porque sabiam que ela dançava diante de touros e que já lhe coubera a vez de penetrar na casa misteriosa ao tempo do plenilúnio, fato esse que um naufrágio impedira. Tendo eu experimentado fazer-lhes perguntas sobre o tal deus da ilha, não me responderam; alguns disseram: "Não sabemos." E outros responderam: "Estrangeiro, que língua difícil, essa que falas?!" E desse deus eu sabia apenas que imperava no mar e que as ilhas lhe remetiam seus mancebos e suas donzelas para que dançassem diante de feras com grandes cornos pontiagudos.

Certo dia Creta irrompeu do mar como uma nuvem azul, e os marinheiros soltaram exclamações de alegria enquanto o capitão oferecia sacrifícios ao deus marinho que nos propiciara tempo bom e vento de quadrante favorável. As montanhas de Creta e as suas praias profundas vestidas de olivais e levantavam diante dos meus olhos. E ali estava eu, contemplando uma terra nova que desconhecia por completo mas onde por ironia tinha que deixar enterrado o meu coração.

Mas Mineia via naquela paisagem sua pátria e chorava de alegria ante as colinas relvosas e os promontórios verdes irrompendo para



o mar. Por fim o velame foi arriado, os remadores conduziram a nave até rente ao cais passando por outras embarcações de muitos países - galeras de guerra e de comércio - que se achavam ancoradas no poço. Havia mais de mil talvez, e vendo-as Kaptah declarou que jamais acreditara que houvesse tantos navios no mundo. Naquelas paragens não havia torres nem muralhas e muito menos quaisquer fortificações, a cidade se seguia, rasa, ao porto.

É que poderosa era a soberania de Creta por sobre os mares, e onipotente o seu deus. Falarei agora de Creta e do que vi acolá; mas do que penso da terra e do seu deus nada direi. Fecharei meu coração deixando que os meus olhos testemunhem. A verdade é que em parte alguma do mundo vi algo tão estranho e belo como Creta por mais verdadeiro que seja haver eu viajado por todas as terras conhecidas. Assim como a espuma cintilante arrebenta na praia, como as bolhas fulguram em todas as cinco cores do arco-íris, como o reverso das conchas fulge expondo a madrepérola, assim Creta se ostentou diante dos meus olhos.

Em parte alguma os prazeres humanos são tão imediatos e tão caprichosos como aqui. Ninguém, age senão pelo impulso do momento, e o pensamento das pessoas se transforma de hora em hora. Por esta razão é difícil extrair promessas de tal gente, ou fazer com ela quaisquer acordos. Tal gente é de lindo falar e de grande encanto porque se delicia com a música das palavras; a morte lhes é imperceptível e nem creio que sequer a nomeiem. Escondem-na, e quando algum homem morre é removido em segredo para que os demais não se oprimam. Acho que cremam os corpos dos seus mortos, conquanto não tenha certeza do que sugiro: o que afirmo é o seguinte: durante minha estadia jamais vi um morto e nem mesmo cemitérios, a não ser tumbas de primitivos reis; estas são construídas de imensas pedras de outra era; e atualmente a população se distancia delas como evitando pensar na morte e assim escapar ao seu império.

Aqui a arte também é esquisita e caprichosa. Todos os pintores pintam conforme lhes dá na fantasia, indiferentes a regras, e apenas pintam tais coisas segundo o modo pelo qual as acham belas. Vasos e taças despedem ricas colorações e em torno de seus flancos

flutuam todas as estranhas criaturas do mar; flores crescem por eles acima, borboletas adejam por entre elas, de modo que um homem afeito a uma arte regulada pela convenção se atrapalha ao ver tal trabalho e cuida estar sonhando.

Os edifícios não são imponentes como os templos e palácios de outros países, pois para eles é mais importante a conveniência e o conforto do que a simetria exterior.

Os cretenses amam o ar e a limpeza. Usam janelas gradeadas dando acesso à brisa, e em cada residência há muitos banheiros tanto com água quente como fria que corre em tubos de prata para banheiras do mesmo metal mediante simples virar de torneira. As privadas tem jactos de água corrente e rumorosa e em parte alguma vi conforto como aqui. E nem são apenas os ricos e os importantes que vivem desta forma, e sim toda gente, com exceção das casas do porto onde moram estrangeiros e trabalhadores das docas. As mulheres despendem tempo enorme no banho, arrancando os pelos do corpo e lavando, embelezando e pintando o rosto, de forma que nunca estão prontas a tempo e a hora, chegando às recepções quando muito bem resolvem. E o mais estranho de tudo são suas roupas. Usam-nas tecidas de ouro e prata e cobrem o corpo todo, menos os braços e o busto - o qual se orgulham muito. Mas as amplas e flexuosas saias são adornadas com milhares de bordados ou pintadas por artistas. Usam também vestidos confeccionados com numerosas peças de ouro laminado sob a forma de borboletas, escamas e folhas de palmeiras, e seus corpos brilham em meio a tudo isso. Usam penteados altos e complicados, devotando o dia inteiro em armá-los, cobrindo-os depois com chapéus leves e pequenos que prendem com alfinetes de ouro e que parecem borboletas pousadas. Tem os corpos flexuosos e esbeltos e os flancos estreitos como de meninos, de modo que dificilmente geram filhos e os evitam o mais que podem, não achando vergonhoso não os ter ou apenas criar um ou dois.

Os homens calçam botas ornamentadas que sobem até ao joelho, mas suas tangas são simples e se vestem levemente, gostando de exhibir cinturas estreitas e ombros largos. Tem cabeças pequenas e bonitas, e braços e pernas delicadas; e, como as mulheres, não

deixam que cresça cabelo em seus corpos. Pouquíssimos são os que falam línguas estrangeiras, pois preferem ficar em seu país do que ir aos dos outros que não lhes proporcionam a mesma comodidade e alegria.

Conquanto a riqueza deles decorra de navegação e comércio, conheci muitos que se recusavam a visitar o porto por causa do mau cheiro e que eram incapazes de efetuar a menor operação aritmética, deixando tais coisas a cargo de seus administradores. Desta forma forasteiros hábeis podem adquirir fortuna depressa; se resolvem permanecer no bairro portuário e aí traficar.

Dispõem de instrumentos que tocam sem músico e soem escrever música segundo caracteres especiais de forma a uma pessoa poder aprender a tocar sem que para isso precise ouvir a música antes.

Os músicos de Babilônia também declaravam que podiam fazer isso, e não os contradigo nem aos cretenses, pois não conheço nada de música, e os instrumentos de muitos povos sempre deixaram meus ouvidos atônitos. Além disso não deixo de dar certo crédito expresso corrente em outras partes do mundo: "Ele mente como um cretense."

Na ilha não se vem templos. O povo dá pouca atenção aos deuses contentando-se em lhes servir os touros sagrados. Aliás o fazem com grande entusiasmo, de medo que raramente se passa um dia sem uma visita ao campo. Acho que se deva atribuir isso mais à excitação e ao prazer concedidos pelos bailados do que à questão de piedade.

Tampouco posso dizer que dediquem muita veneração ao seu rei, pois se trata de pessoa em tudo igual a eles com a única exceção de viver num palácio que é um edifício maior muitas vezes que os dos seus súditos. Vivem tanto na companhia dele como de qualquer outro; vivem intimamente com ele, contam-lhe histórias, vão procurá-lo a horas que muito bem entendem e o deixam quando se cansam ou atraídos por algum capricho novo. Bebem vinho com moderação, por causa do prazer da bebida e são muito licenciosos. No entanto jamais se embebedam, pois acham que isso é bárbaro; também nunca vi ninguém vomitar por excesso de bebida durante banquetes, conforme acontece freqüentemente no Egito e alhures.

Todavia se desejam mutuamente com excitação temperamental, os homens tomando as mulheres alheias e vice-versa sempre que isso lhes dá na vontade.

Os mancebos que dançam diante dos touros contam com o favor das mulheres que os tem em grande conta. Muitos homens distintos aprendem a arte do bailado mitológico embora não sejam iniciados liturgicamente; fazem-no por prazer e não raro atingem uma proficiência igual à dos jovens iniciados que são proibidos de ter contacto com mulheres da mesma forma que as raparigas não podem ter com homens. Tal dispositivo não chego a compreender pois é evidente que, dada a maneira da vida que levam, não é de esperar que dêem muita importância ao caso.

Assim que chegamos ao porto nos dirigimos à estalagem dos estrangeiros que, como hotel foi o mais luxuoso que já vi, embora não muito grande. A Casa da Alegria de Ishtar, de Babilônia, com toda a sua magnificência empoeirada e sua famulagem grosseira, parecia, comparado com este, um lugar bárbaro. Tratamos de nos lavar e mudar de roupa. Minéia penteou-se e comprou vestidos novos de modo a poder se apresentar aos amigos.

Fiquei perplexo ao contemplá-la. Trazia agora na cabeça um chapéu pequenino como uma lâmpada e, nos pés, sandálias de salto alto que cuidei dificultassem a locomoção. Não a vexei com nenhuma observação, mas lhe dei brincos e um colar de pedras de diferentes cores que o comerciante me disse que estavam na moda naquele dia, não se responsabilizando porém, que ainda estivessem no dia seguinte. Observei também com espanto seus seios nus com os bicos pintados de vermelho e que proeminavam devido à faixa de prata que lhe envolvia a cintura. Evitou os meus olhos dizendo com ar sobranceiro que não tinha nada que se envergonhar dos seios em comparação com os das demais mulheres de Creta.

Após inspeção mais próxima não neguei tal coisa, pois ela podia estar com a razão.

Depois fomos transportados propriamente à cidade. Com seus jardins e casas joviais, parecia um outro mundo depois da dunas, do barulho, do cheiro de peixe e do regatear das praças do porto. Minéia levou-me à casa de um senhor idoso que era seu amigo e

patrono especial, costumando apostar dinheiro nela no campo dos touros; e ali Minéia se sentia como em sua casa. Achava-se ele estudando a lista dos touros quando chegamos, e anotava as apostas que queria fazer no dia seguinte.

Ao ver Minéia se tomou de tal júbilo que esqueceu os papéis, abraçou-a sem reservas e exclamou:

- Onde é que andou se escondendo? Não a vejo faz tanto tempo que supus que já se achasse recolhida à mansão do deus. No entanto não escolhi ninguém para substituí-la e seu quarto continua vazio...se é, que os meus criados o conservaram assim e se minha mulher não o derrubou para fazer lugar para um viveiro de peixes; deu-lhe agora para criar qualidades de peixes e não pensa em outra coisa.

- Heléia...está criando peixe?! - exclamou Minéia, muito admirada.

Um tanto confuso o velho respondeu:

- Não se trata de Hiléia. Tenho uma outra mulher que está lá dentro agora mostrando a um mancebo iniciado o viveiro de peixes. Apresente-me porém este seu amigo para que seja amigo meu também e possa considerar esta casa como dele.

- Este meu amigo é Sinuhe, o egípcio, O Que Está Sozinho, e tem a profissão de médico - disse Minéia.

- Pergunto-me quanto tempo ele permanecerá sozinho aqui - gracejou o velho. - Mas acaso você estará doente, Minéia, para voltar acompanhada por um médico? Isso me confrangeria, porque eu esperava que você dançasse amanhã diante dos touros e que assim a minha sorte mudasse. O meu intendente lá no porto anda se queixando que as minhas rendas já não cobrem as minhas despesas... Ou terá ele dito o contrário? Não me lembro bem porque não sei fazer nenhuma dessas contas complicadas que ele constantemente me apresenta, enfadonhamente.

- Não estou doente, não. Este meu amigo me salvou de muitos perigos e viajamos dando muitas voltas até eu poder chegar minha pátria. Naufraguei quando ia para a Síria dançar diante de touros.

- Que é que estás me dizendo?.. Espero que a despeito de toda a gratidão você tenha conservado a virgindade do contrário teria que ser excluída das competições... sem falar em outras penas,

conforme você sabe muito bem. Sinto-me deveras magoado, pois verifico que seus seios estão desenvolvidos de maneira suspeita e seus olhos apresentam um brilho úmido. Minéia, Minéia! Você não cometeu nenhuma insensatez?

- Não! - disse Minéia, num acesso de brio. - E se digo que não minha palavra deve bastar sem ser necessário um exame como o que me fizeram no mercado de escravos de Babilônia. E preciso que fique notório que foi graças a este meu amigo que consegui voltar atravessando tantos perigos. E eu que pensava que os meus amigos ficariam radiantes quando me vissem! No entanto pensam apenas nos touros e nas apostas! - Começo a chorar com raiva, e as lágrimas deixavam estrias de bistre em suas faces.

O velho ficou muito atrapalhado e comovido, dizendo logo Não duvido que esse seu aspecto a que me referi provenha do cansaço dele suas viagens porque decerto nessas terras estrangeiras você nem pode tomar seus banhos diários. E nem julgo que os touros de Babilônia possam ser comparados com os nossos... E isso me faz lembrar que desde muito já devia eu ter ido procurar Minos, coisa que nem me passou pela cabeça, hoje. Acho melhor ir agora. Se minha mulher vier diga-lhe que fui visitar Minos e que não a quis estorvar nem ao jovem aspirante. Ou talvez fosse melhor eu ir me deitar, pois que no palácio de Minos ninguém observará se estive presente ou não?! Por outro lado, se eu fosse, poderia passar nos estábulos e ver que estado vai tomando o novo touro - aquele que tem uma mancha na anca. Talvez seja melhor eu ir. Trata-se realmente de um animal extraordinário!

Distraidamente se despediu de nos, mas Minéia lhe disse:

- Acho que também vamos ver Minos. Assim apresentarei Sinuhe a meus amigos.

Dirigimo-nos portanto ao palácio de Minos, o que fizemos a pé, porque o velho não chegava nunca...conclusão de se valeria a pena tomar uma liteira para um percurso tão breve. Foi só depois que chegamos ao palácio que vim a descobrir que esse Minos era o rei e que todos os reis naquela ilha se chamavam Minos, nome esse que os distinguia das demais pessoas. Mas qual Minos era ele,

numericamente, não sabiam porque ninguém tivera paciência de contá-los e seriá-los.

Havia inúmeras salas naquele palácio; nas paredes do salão estavam pintados ondulantes sargaços e medusas! e polvos avultavam por entre águas claras. O salão estava repleto de convivas cada qual vestido mais rica e extravagantemente do que o outro e que se movimentavam conversando, rindo alto e bebendo vinhos gelados e sucos de frutas em pequenas taças, ao passo que as mulheres exibiam e comparavam seus vestuários. Minéia apresentou-me a muitos de seus amigos que todos deram mostra de cortesia formal. O rei Minos dirigiu-me algumas palavras amistosas servindo-se do meu idioma, agradecendo-me por haver salvo Minéia e a trazido para a ilha e o seu deus. Disse-me que ela entraria na mansão da divindade marinha logo na primeira oportunidade, muito embora a sua vez com referencia ... escolha já tivesse passado.

Minéia andava pelo palácio como se este fosse s, levando-me através das salas, demonstrando prazer ... vista de algum objeto conhecido, falando com a criadagem que a tratava como se não tivesse estado ausente. Fiquei sabendo que qualquer cretense eminente podia visitar suas herdades ou sair em viagem quando muito bem quisesse e mesmo que se esquecesse de avisar os amigos estes não se espantavam com a sua ausência; a pessoa ao voltar se reencontrava com as demais como se nunca se tivesse ausentado. Este hábito que suavizava os casos de morte entre eles, pois quando alguém desaparecia ninguém estranhava, a pessoa logo ficava esquecida; e a sua ausência num encontro marcado ou numa recepção não causava estranheza pois podia estar alhures fazendo qualquer outra coisa.

Finalmente Minéia me levou para um aposento encravado em cima de uma rocha por sobre o resto do edifício. Suas amplas janelas davam para uma paisagem de campos risonhos e férteis lavouras, mostrando olivais e nesses fora da cidade.

Minéia disse-me que aquele era o seu quarto: todas as suas posses se achavam ali como se as tivesse deixado ontem, embora os vestidos e os adornos já pudessem agora estar fora de moda e de uso.

Foi só então que vim a saber que ela era parenta, prima de Minos, fato que eu já devera ter deduzido por causa do nome Minéia. Ouro, prata e presentes preciosos eram para ela ninharias, pois estava acostumada desde a infância a ter o que muito bem desejasse. E datava da infância sua consagração ao deus tendo sido levada para os templos onde vivia quando não se achava no palácio ou com o seu velho patrono e entre amigos. Viviam todos casualmente em suas próprias residências ou nas de quaisquer outros.

Depois Minéia me levou ao local dos touros que era a bem dizer uma cidade com seus estábulos e arenas prólos e currais, construções escolares e residências sacerdotais. Visitamos estábulo por estábulo, respirando o cheiro violento desses animais. Minéia não se cansava de chamá-los por seus nomes e apelidos, e de incitá-los, embora eles procurassem marrar encravando-a entre os postes dos cubos, arremetendo e escavando a areia com os cascos.

Minéia encontrou rapazes e raparigas que conhecia; na verdade tais dançarinas não se davam bem, reinando entre eles rivalidades e ciúmeiras por causa dos êxitos e estratégias que escondiam mutuamente. Mas os sacerdotes que tratavam de apurar os touros e os jovens nos acolheram calorosamente e assim que souberam que eu era médico me fizeram uma porção de perguntas a respeito do regime e da dieta dos animais e do trato do respectivo pelo, muito embora devessem conhecer tais assuntos muito melhor do que nos Tinham Minéia em alto conceito e logo lhe reservaram um touro e um lugar no programa do dia seguinte. Ela estava ansiosa por exhibir diante de mim sua proficiência com aqueles animais esplendidos.

Finalmente Minéia me levou a uma pequena construção onde o sumo-sacerdote do deus cretense morava sozinho. Assim como o rei se chamava sempre Minos, da mesma forma o sumo-sacerdote se chamava sempre Minotauro e por determinado motivo era o homem mais venerado e mais temido de Creta. Não era de bom grado que proferiam tal nome preferindo chamar tal pontífice "o homem do casinhoto do touro." A própria Minéia tinha medo de visitá-lo, apesar de em tal ocasião não me haver confessado isso;



verifiquei tal temor em seus olhos que eu já conhecia até, mesmo nas mínimas sombras.

Assim que fomos anunciados ele nos recebeu numa sala escura.

No princípio cuidei estar diante do, próprio deus e acreditei em tudo quanto já ouvira falar, pois vi um homem com uma cabeça dourada de touro. Depois que nos inclinamos ele removeu a cabeça mostrando seu rosto natural; ainda assim, apesar do seu sorriso cortes, antipatizei com ele porque notei em sua fisionomia inexpressiva certa crueldade fria. Eu próprio não sei definir bem isso, pois se tratava de um homem bonito, muito moreno e sobranceiro. Não foi preciso Minéia lhe contar nada; ele já estava a par do naufrágio e das peregrinações. Não fez perguntas desnecessárias, agradeceu meus cuidados por Minéia que, afinal, redundavam em apreço por Creta e pelo deus. Disse-me que ricos presentes me esperavam no hotel e que estava certo de que eu ficaria contente ao vê-los. Disse-lhe:

- Sou indiferente a dádivas. Prezo mais o conhecimento do que o ouro. Para aumentá-lo é que venho viajando por muitos países a tal ponto que hoje conheço até, mesmo os deuses de Babilônia e dos hititas. Espero conhecer algo sobre o deus de Creta que, segundo tenho ouvido falar, é maravilhoso, ama as virgens e os mancebos puros, em contraste com os deuses da Síria cujos templos são casas de divertimento e que são servidos por sacerdotes castrados.

Ele respondeu:

- Temos numerosos deuses venerados pela população. No porto existem templos à glória de deuses estrangeiros e onde podem ser oferecidos sacrifícios a Ammon e a Baal, facilmente. Mas não quero iludir-vos; cumpre-me dizer-vos que o poder de Creta está em função deste nosso deus que vem sendo adorado em segredo desde tempos imemoriais. Somente os iniciados o conhecem e isso mesmo quando o encontram face a face. E ninguém voltou ainda para nos falar sobre a sua conformação e imagem.

- Os deuses dos hititas são os céus e a chuva que deles cai e que faz frutificar a terra. Pelo que deparei, o deus de Creta é o deus marinho visto a riqueza e o poder da ilha derivarem do mar.

- Talvez tenhais acertado, Sinuhe - disse-me ele com um sorriso estranho. - Sabei porém que nós, cretenses, adoramos um deus vivo, e nisso somos diferentes do povo do continente que adora deuses mortos e imagens de madeira. Nosso deus não é uma imagem por mais que isso de touro sejam considerados seus símbolos; e enquanto o nosso deus viver perdurará a soberania de Creta nos mares. Assim foi predito e disso temos certeza sendo que também temos grande confiança em nossas galeras de guerra com as quais nenhuma outra nação marítima pode competir.

- Ouvi dizer que vosso deus mora no labirinto de uma mansão escura e misteriosa. Gostaria bastante de ver esse labirinto de que tanto falam. Mas não compreendo por que motivo os iniciados não voltam nunca do dédalo apesar da permissão que tem para isso depois do espaço de uma lua.

A isso redargüiu Minotauro repetindo palavras que já ouvira antes uma porção de vezes:

- A mais alta honra, a mais intensa felicidade que pode atingir um lote de iniciados é a de entrar na mansão do deus. Por isso as ilhas porfiam umas com as outras em mandar suas donzelas mais lindas e a flor dos seus mancebos para as danças diante do touro, constituindo assim elementos para a seleção dos turnos. Não sei se tendes escutado histórias sobre a mansão do deus; a vida acolá é completamente diferente da que conhecemos, de maneira que quem entra não deseja mais regressar aos tormentos e vicissitudes deste mundo. Que dizes, Minéia? Tens medo de entrar?

Minéia não respondeu e eu disse:

- Vi corpos de marinheiros arremessados nas praias de Esmirna; seus rostos e seus ventres estavam tumefatos e nenhum júbilo se refletia em seus traços. Eis tudo quanto conheço da mansão do deus do mar. Mas não duvido da vossa palavra e desejo todo o bem a Minéia.

Minotauro disse friamente:

- Haveis de ver o labirinto pois a noite de lua cheia está próxima e exatamente nessa noite Minéia penetrará na casa da divindade.

- E se ela recusar? - perguntei, ousadamente, porque suas palavras me enraivecaram e congelaram de desespero o meu coração.

- Tal hipótese nunca se deu. Tranqüilizai-vos, Sinuhe, o egípcio. Se Minéia dançar, como tem dançado, diante dos touros, acabará entrando na casa divina por livre vontade.

Enfiou outra vez a cabeça taurina como sinal de que nos devíamos retirar; e seu semblante sumiu da nossa vista. Minéia segurou minha mão e me levou para fora; já não era mais feliz.

Ao voltar encontrei Kaptah no hotel; bebera copiosamente nas tavernas do porto. Disse-me:

- Patrão, esta terra para os criados é a Terra do Poente; ninguém os esborda... Ninguém se lembra quanto ouro traz na bolsa ou que jóias usa. Se um amo se enfurece com o criado e ordena que se vá embora, basta que o criado desapareça ou se esconda e surja no dia seguinte, pois a tal altura o amo já terá esquecido o caso, completamente.

Disse isso com aquele feitio típico de quando estava bêbado, mas assim que fechou a porta e se certificou de que ninguém, ouvia, prosseguiu:

- Patrão, coisas estranhas estão prestes a acontecer nesta ilha. Os marinheiros nas tavernas estão dizendo que o deus de Creta morreu e que os sacerdotes, cheios de temor, estão procurando um deus novo. E trata-se de má notícia, pois os marinheiros já estão sendo arremessados de encontro a recifes e devorados por polvos, pois não é à toa que foi predito que o poder de Creta ruirá quando o seu deus morrer.

Uma esperança selvagem empolgou meu coração. Disse a Kaptah:

- Minéia está para entrar na casa desse deus na noite da lua cheia. Se de fato ele morreu - e deve ser verdade porque o povo acaba sempre descobrindo todas as coisas embora ninguém, lhas conte - então talvez Minéia regresse da mansão de onde até agora ninguém, voltou.

Assegurei-me no dia seguinte um bom lugar no grande anfiteatro cujos bancos de pedra se enfileiravam uns atrás dos outros de modo a toda gente poder ver os touros sem dificuldade. Admirei muito esse dispositivo original e Prático jamais tendo visto nenhum análogo; no Egito, por ocasião das procissões e paradas, altas

plataformas são erguidas de modo a todos contemplarem o deus, os sacerdotes e os que dançam.

Os touros eram conduzidos à arena um por um e cada dançarino por sua vez realizava uma série de práticas complexas e perfeitas. Isso englobava muitas proezas diferentes que deviam ser efetuadas sem a mínima falta e segundo maneiras regulamentares. A mais difícil de todas era saltar por entre os chifres e daí dar uma cambalhota no ar descendo e vindo se equilibrar em pé, nas ancas do bicho. Nem mesmo a pessoa mais hábil podia executar isso tudo sem uma falta, pois o êxito também dependia de como se portava o touro, de como estacava, marrava ou abaixava a cabeça. Os ricos e os influentes de Creta faziam apostas uns com os outros em cada tourada, cada qual confiando em seu favorito. Depois de assistir a algumas corridas dessas fiquei sem compreender o entusiasmo dos que apostavam, pois achei que os touros não faziam diferença e eu não conseguia diferenciar um caso do seguinte.

Minéia também dançou e receei por sua vida até, que sua agilidade maravilhosa me fascinou a tal ponto que esqueci o perigo que ela corria e aplaudi como toda gente. Dessa feita as raparigas dançavam nuas e os mancebos também, porque tais jogos eram tão traiçoeiros que a mínima roupa podia prejudicar os movimentos e por em perigo aquelas vidas. A meu ver Minéia era a pessoa mais bela de quantas dançavam ali; sua pele cintilava de óleo, e devo concordar que entre os demais dançarinos havia algumas raparigas surpreendentemente fascinantes que recebiam grandes aplausos. Mas meus olhos não conseguiam se desprender de Minéia. Comparada com as outras e os outros se achava fora de prática por causa da longa ausência, e não ganhou sequer uma guirlanda. Seu velho patrono, que apostara no seu triunfo, ficou cheio de amargura e ressentimento lembrando-se da prata que perdera; acabou indo para as cocheiras fazer outras novas apostas que, não obstante ser o patrono de Minéia, tinha direito de fazer.

Depois que me encontrei com Minéia no logradouro dos touros, ela olhou em torno e me disse friamente:

- Sinuhe, não te verei mais porque meus amigos me convidaram para uma festa; tenho também que me preparar para o meu deus,

visto que lua cheia será depois de amanhã. Por conseguinte é provável que não nos encontremos mais antes de eu entrar para a casa do deus, a não ser que queiras me acompanhar até, lá com o resto dos meus amigos.

- Pois vai. Tenho muita coisa que ver em Creta. Os costumes e as roupas das mulheres me interessam bastante. Enquanto eu estava sentado assistindo a tua apresentação, diversas das tuas amigas me convidaram a ir às suas casas; e me causa prazer contemplar-lhes os semblantes e os bustos...Que importa que elas sejam um pouco mais espessas e frívolas do que tu?...

Ela me agarrou pelos braços, tomada de fúria; seus olhos se inflamaram e sua respiração se acelerou quando me disse:

- Proibo-te que te divirtas com minhas amigas enquanto eu estiver ausente! Tens que esperar comigo até, eu ir e me esperar depois até, que eu venha. E mesmo que me aches franzina demais - coisa que antes nunca me ocorreu à mente - tens que fazer o que peço como demonstração de amizade e porque estou instando.

- Foi brincadeira minha. Não quero perturbar a tua paz já que sem dúvida tens muito que fazer antes de penetrar na mansão do deus. Voltarei pois para o hotel a tratar de doentes, pois no porto há muitas pessoas que precisam do meu auxílio.

Deixei-a e durante muito tempo ainda o cheiro dos touros continuava em minhas narinas. Jamais hei de esquecer o cheiro dos estábulos cretenses; e mesmo atualmente quando vejo gado e seu cheiro vem a mim, me sinto doente, não posso comer e meu coração dói em meu peito.

Deixei-a, por conseguinte e fui me por às ordens dos doentes lá no hotel. Tratei-os e aliviei-lhes o sofrimento até a escuridão descer e lâmpadas serem acesas nas casas de divertimentos do porto. Através das paredes me vinha o som da música e das risadas - pois mesmo os escravos tinham tomado as maneiras descuidadas de seus amos, cada qual vivendo como se não devesse morrer nunca e como se isso de sofrimento, mágoa e dissabor não existisse.

Noite franca. Permanecia sentado em meu quarto onde Kaptah já estendera a coberta do catre; escuridão não quis lâmpada acesa ali dentro. A lua nasceu, grande e clara, mas ainda não de todo cheia;

e odiei a lua porque iria me arrancar a única pessoa no mundo que era minha irmã Tive ódio de mim também por me achar fraco, tímido e incerto de vontade. E eis que a porta se abriu e Minéia entrou cautelosamente. Não estava vestida à maneira cretense mas usava agora o mesmo vestido simples com o qual dançara para os poderosos, os humildes de muitas terras; e seus cabelos estavam atados por uma fita dourada. Exclamei, espantado:

- Minéia! Por que vieste? Pensei que estivesses te preparando para o teu deus!

Ela sussurrou:

- Fala baixo... Não quero que nos ouçam.

Sentou-se rente de mim e fitando a lua, prosseguiu:

- Não gosto do meu quarto de dormir lá da casa dos touros, e não me sinto mais feliz como antigamente entre meus amigos. Mas o motivo pelo qual resolvi vir te visitar nesta estalagem do porto, gesto este que parece despropositado, eu... não te posso dizer. Se, contudo, queres dormir, não te, estorvarei... Irei embora. Vim porque não pude dormir; senti saudades até, do cheiro das drogas e das ervas; tive vontade de puxar mais uma vez a orelha e os cabelos de Kaptah por causa das tolices que ele diz. Terras e povos diferentes me distraíam tanto que, estranho estar aqui entre os touros, não me entusiasmo com os aplausos e nem anseio pela mansão do deus como antes. A conversa que me rodeia parece tagarelice sem interesse de criança a alegria se esvai como espuma se desmanchando na praia, e os prazeres da ilha já não os considero prazeres. Sinto o coração tão vazio quanto a cabeça; não me acode um único pensamento que se possa chamar meu. Tudo é lancinante e nunca na minha vida conheci tais desgostos. Peço-te pois que segures de novo a minha mão, como antigamente. Quando seguras minha mão não sinto medo de nada, nem mesmo da morte, Sinuhe, embora saiba que preferes olhar e segurar a mão de mulheres mais nédias e mais bonitas do que eu.

Disse-lhe:

- Minéia, minha irmã! Minha infância e minha juventude foram como um arroio claro e gárrulo. Minha mocidade foi um grande rio que se espalhou por sobre muitas terras mas cujas águas eram

túrgidas e se espalharam em lençóis estagnados e inertes. Mas quando surgiste, Minéia, conglomerastes todas essas águas que recomeçaram alegremente a descer por um canal profundo lavando-me corpo e alma. O mundo passou a sorrir para mim e o mal foi prontamente varrido para longe. Por tua causa procurei o bem, tratei doentes sem pensar em pagamento e recompensa, não me submeti ao poder dos deuses misteriosos. Foi o que sucedeu com a tua chegada. Agora que te vais, levas também a luz e meu coração fica como um corvo sozinho no deserto. Já não sinto solicitude por ninguém odeio os homens, odeio os deuses, e não quero ouvir falar deles. Eis o que se passa comigo, Minéia uma coisa quero te dizer, portanto: neste mundo há muitas terras mas somente um rio. Deixa que eu te leve para a Terra Negra para junto das margens desse rio onde patos selvagens grasnam por entre caniços e onde todos os dias o sol atravessa os céus numa nave dourada. Vem comigo, Minéia; quebraremos juntos uma botija e seremos marido e mulher, jamais nos separando um do outro. A vida nos será fácil, e quando morrermos nossos corpos serão preservados, de forma que nos reencontraremos na Terra do Poente e lá viveremos juntos para todo o sempre.

Ela machucou minhas mãos entre as suas, acariciou com a ponta dos dedos rainhas pálpebras, minha boca e minha garganta e disse:

- Sinuhe, mesmo que eu quisesse não poderia te seguir, pois navio algum nos levaria para fora de Creta e capitão nenhum nos esconderia a bordo; estou sendo guardada desde já por causa do deus e não posso consentir que sejas morto por culpa minha. Não posso ir contigo. Depois que dancei diante dos touros a vontade deles e maior do que a minha; é-me impossível explicar-te isso porque se trata de coisas que não experimentaste. Assim pois na noite da lua cheia devo entrar na mansão do deus e nenhum poder da terra me pode coibir. Por que motivo é isso, ignoro... e acho mesmo que ninguém sabe, a não ser Minotauro.

Senti o coração como uma tumba vazia em meu peito quando respondi:

- Ninguém conhece o que o dia de amanhã pode trazer... E não acredito absolutamente que volte dessa mansão. Nos paços

dourados do deus do mar beberás vida eterna que flui da sua fonte, esquecerás as coisas terrenas, me esquecerás... E a verdade é que não acredito nessa lenda que é um conto fantástico. Ora, tudo quanto vi em tantas terras e jornadas me inclinam a não acreditar em contos fantásticos. Fica sabendo portanto que se não voltares dentro do prazo estabelecido entrarei pessoalmente na casa do deus para ir te buscar. Tal é, o meu propósito, Minéia, nem que se transforme no meu último ato sobre a terra.

Horrorizada, ela tapou com a mão a minha boca e olhando em redor exclamou:

- Cala-te! Não profiras tais coisas... E nem sequer penses nelas. A casa do deus é escura e nenhum estrangeiro achará caminho dentro dela. Para as pessoas não iniciadas pompéia lá dentro uma terrível morte. E nem conseguirias entrar, pois é guardada por portas de cobre. Prefiro que assim seja, do contrário em tua loucura poderias fazer conforme dizes indo ao encontro da tua destruição. Crê em mim: voltarei espontaneamente; o deus que venero não pode ser tão maligno que vede o meu retorno a ti se tal for o meu desejo. Trata-se de um deus correto e majestoso que zela pelo poder de Creta, solicito para com tudo e todos; é ele quem faz as oliveiras florescerem, o trigo amadurecer nos campos e as embarcações navegarem de um porto para outro. Guia os ventos a nosso favor, conduz as naves quando existe nevoeiro, protege deveras de todo mal os que se acham sob a sua proteção. Por que, então, há de ele ter má vontade para comigo?

Desde a infância crescera assim debaixo de uma sombra; tinha os olhos cegos e eu não poderia abri-los embora curasse cegueiras com as artes da minha profissão. Numa fúria inútil tomeia-a entre os braços, beijei-a, acariciei-a. E seu corpo era liso como cristal e sua vida era para mim como uma fonte no deserto.

Não ofereceu resistência; apoiou o rosto no meu pescoço e se pos a tremer; e eu sentia suas lágrimas quentes na minha pele, enquanto ela falava:

- Sinuhe, meu amigo, se duvidas que eu volte então não me oponho a que me possuas. Faze de mim o que quiseres se é, que isso te dá alegria e mesmo que a consequência seja a minha morte. Mas em



teus braços que me importa tudo o mais? Somente me aflige uma coisa: que a divindade me arranca de ti.

Perguntei-lhe:

- E junto a mim sentes alegria?

Sua resposta foi hesitante.

- Não sei. Sei apenas que longe de ti meu corpo não tem sossego nem bem-estar. Sei apenas que quando me tocas uma névoa se ergue diante dos meus olhos e que meus joelhos enfraquecem. Por causa disso me irrita comigo mesma e evito teu contacto. Antes, tudo era nítido, nada estorvava minha satisfação e eu só me gloriava da minha destreza, da minha flexibilidade e da minha condição de virgem. Mas agora sei que teu contacto é suave embora me traga sofrimento. Mas...que sei eu? Talvez depois me venha uma tristeza. Contudo, se achas que isso te dará felicidade... então teu prazer é meu também e nada mais desejarei.

Diminuindo o amplexo, acariciei-lhe os cabelos, os olhos e o pescoço, e disse:

- A mim me basta teres vindo aqui esta noite conforme fazias quando caminhávamos juntos pelas estradas do país de Babilônia. Dá-me essa fita dourada que tens nos cabelos, não te peço mais do que isso.

Olhou-me com ar de reflexão, alisou os flancos com os dedos em arco, disse:

- Decerto sou magra demais e achas que meu corpo não te dará nenhum prazer. Sem dúvida preferirias uma mulher mais jovial do que eu. Mas serei afável, farei tudo que quiseres para não te desapontar e te darei o maior prazer que puder.

Sorri-lhe, acariciei-lhe os ombros macios, declarei-lhe:

- Para mim nenhuma mulher é mais bonita do que tu e nenhuma daria prazer maior. Mas como hei de te tomar para gozo meu se estás tão apreensiva por causa do teu deus? Há uma coisa que podemos fazer e que nos dará felicidade mútua. Segundo o costume de minha terra podemos pegar numa botija e quebrá-la entre nós. Uma vez isso feito seremos marido e mulher, embora eu não te possua e não haja sacerdotes para testificar e escrever nossos

nomes no livro do templo. Vou dizer a Kaptah que nos traga uma botija para que assim cumpramos este rito.

Seus olhos aumentaram de tamanho e cintilaram ao luar. Bateu palmas, radiante, e sorriu. Saí para procurar Kaptah... mas dei com ele sentado no chão do lado de fora da minha porta, esfregando com o dorso da mão a cara suja de pranto.

Ao me ver choramingou alto. Perguntei-lhe:

- Que é, Kaptah? Por que estás chorando?

Respondeu-me prontamente:

- Patrão, eu tenho um coração mole e por isso não pude reprimir minhas lágrimas ao ouvir tudo quanto meu senhor estava conversando com essa moça magricela.

Furioso, dei-lhe pontapés, exclamando:

- Então estavas escutando à porta e ouviste tudo quanto falamos?

Respondeu alvarmente:

- Exatamente, patrão, porque reparei que gente curiosa se aproximava da porta tentando escutar. Gente que não tinha negócio nenhum com o patrão e que só queria espionar os passos dessa moça. Então expulsei essa gente, com ameaças e me sentei perto da porta para tomar conta, certo de que o patrão não havia de querer que o incomodassem em meio a uma conversa tão importante. Ora, uma vez sentado aqui, é claro que tinha que ouvir o que estava sendo dito...Coisa tão bonita... apesar de infantil... que fui obrigado a chorar.

Impossível zangar-me ante tal grandeza, redargüi apenas:

- Já que estiveste escutando então sabes do que precisamos. Vai depressa arranjar uma botija ou um cântaro.

- De que espécie tem que ser, patrão? De argila, de pedra pintado, simples, alto, baixo, largo ou estreito?

Ameacei-o com o bastão, tocando-o de leve, pois a alegria me tornara complacente e falei assim:

- Sabes muito bem que cerimônia se vai dar e que para tal fim qualquer botija serve. Deixa de impertinência e traze-me imediatamente a primeira botija que puderes agarrar.

- Vou embarafustar já. Apenas falei essas coisas a fim de lhe dar tempo para pensar no que vai fazer. Quebrar uma botija com uma

mulher significa um passo importante na vida de um homem; passo esse que não deve ser dado afoitamente e sem a necessária reflexão. Está bem. Está bem; vou buscar o cântaro e não me intrometo nesse negócio.

Kaptah apareceu com uma velha jarra de óleo, que cheirava a peixe e a quebramos juntos, Minéia e eu. Kaptah foi testemunha do casamento, pos o pé de Minéia em cima do seu pescoço e sentenciou:

- Doravante sois minha patroa e ama e me dareis ordens do mesmo modo que o patrão... ou mesmo com mais autoridade... Espero, contudo, que não jogueis água quente nos meus pés quando estiverdes zangada. Além disso espero que useis sandálias leves, sem salto; não gosto das outras porque machucam e fazem calombos na minha cabeça. Prometo servir-vos como sirvo meu patrão, fielmente, já que nem sei porque simpatizo muito convosco apesar de serdes magra, terdes um busto pequenino; não compreendo que foi que meu patrão viu de extraordinário em vós. Outrossim meu intento roubar tão conscienciosamente de vós quanto roubo dele já que o farei mais em vantagem vossa do que minha.

Proferindo isso se comoveu tanto que chorou outra vez e soltou brados de lamentação. Minéia acariciou-lhe as costas e as bochechas e consolou-o até ve-lo mais calmo; isto posto o fiz juntar os cacos da jarra e o mandei sair do quarto.

Naquela noite dormimos conforme nos habituáramos, Minéia e eu, a fazer desde muito; isto é, permanecemos deitados juntos. Dormiu em meus braços, respirando em cima do meu pescoço, os seus cabelos acariciando minha face. Mas não a possuí pois o que lhe era vedado como gozo considerei vedado a mim também. Parece que a alegria foi mais doce e mais profunda do que se, Minéia tivesse sido minha, conquanto a tal respeito pouco possa informar por impossibilidade de comparação. Mas de uma coisa tenho certeza: senti caridade por todos os homens, e meu coração ficou limpo de todo e qualquer malefício; era como se todo homem fosse meu irmão, toda mulher minha mãe e toda moça minha irmã. E

isso tanto na Terra Negra como nas terras vermelhas sob o mesmo céu enluarado.

No dia seguinte Minéia dançou mais uma vez diante dos touros e meu coração se afligiu muito apesar de não lhe haver sucedido nenhum dano. Mas um jovem, seu companheiro, escorregou da testa do touro e caiu no chão onde o animal lhe abriu o corpo e o pisou sob os cascos. Os espectadores da arena se levantaram aos brados de horror e prazer. Depois que conseguiram remover o touro e arrastar o corpo do dançarino para junto dos estábulos, as mulheres correram para vê-lo. Tocaram-lhe os membros ensangüentados, respirando nervosamente e exclamando:

- Que formidável!

E os homens consideravam:

- Desde muito que não tínhamos contendidas tão excelentes como a de hoje!

E foram fazer apostas num outro, preocupados com o dinheiro e indiferentes com o caso, pesando ouro e prata, bebendo juntos. Divertiram-se em suas casas onde as luzes brilharam até altas horas. Mulheres esgueiravam-se da cama dos maridos para a de outros homens, mas ninguém amuava, visto se tratar de hábito antigo.

Passei a noite sozinho em meu catre porque Minéia não pode vir. De manhã bem cedo aluguei uma liteira no porto e segui para casa dela disposto a acompanhá-la até a morada do deus. Foi levada até lá numa carruagem dourada puxada por cavalos engalanados, e os amigos seguiam em liteiras ou a pé, com grande estrépito e prazer, jogando-lhe flores e parando à beira do caminho para beber vinho.

O percurso era longo, mas tudo decorreu bem; lascavam ramos de árvores, abanavam-se uns aos outros, afugentavam rebanhos, brincavam de toda sorte. A casa do deus estava situada num lugar deserto, no sopé de uma montanha à beira-mar; e quando o grupo se aproximou todos baixaram as vozes e cessaram de rir, falando por meio de sussurros.

Difícil é descrever tal caso pois por fora era como uma colina baixa onde crescia relva e flores e aderida ao dorso da montanha. A entrada era vedada por altivas portas de cobre diante das quais - cá

fora - havia um templozinho onde era feita a consagração e que abrigava os guardas. Foi à hora do crepúsculo que a procissão chegou. Os amigos de Minéia saltaram das liteiras, estiraram-se na relva e começaram a comer, beber e brincar, esquecidos da solenidade iminente...

É que os cretenses tem pouca memória. Quando a noite caiu, acenderam tochas e começaram a correr atrás uns dos outros através das moitas; gritos de mulheres e risadas de homens irrompiam da escuridão mas Minéia ficou sentada no templo, sozinha, pois ninguém, podia se aproximar dela.

Eu a contemplava. Estava adornada de ouro como uma imagem divina, tendo na cabeça um grande enfeite colorido; tentava sorrir para mim, mas era um sorriso sem alegria.

Assim que a lua nasceu, tiraram-lhe as jóias e o ouro, vestiram-na com uma roupa singela, cingiram-lhe os cabelos com uma rede prateada. Em seguida os guardas retiraram as tranças das portas de cobre que se abriram com um ruído profundo e rangente. Foram precisos dez homens para escancarar cada porta. Lá dentro tudo era treva hiante. Estabeleceu-se profundo silencio.

Minotauro cingiu-se com um cinturão de ouro, dependurou uma espada na ilharga e enfiou a cabeça dourada e taurina, cessando assim de parecer homem. Uma tocha acesa foi colocada na mão de Minéia; Minotauro introduziu-a na casa escura, onde sumiram. E a luz da tocha desapareceu. Depois as portas de cobre foram fechadas outra vez com tom retumbante e reforçadas com as grandes trancas tendo sido necessários muitos homens vigorosos para arriá-las. E não vi mais Minéia.

Assaltou-me tal agonia de desespero que senti meu coração se transformar numa ferida por onde golfava o sangue da minha vida. Caí de joelhos, com a testa no chão. Naquela hora tive certeza de que nunca mais tornaria a ver Minéia, não obstante haver prometido regressar para viver o resto de sua vida junto de mim. Não, ela não voltaria. Por que razão me persuadi disso exatamente naquele momento não posso dizer, pois a verdade é que até, ali eu vacilava, temia, acreditava, confiava e procurava me convencer de que o deus de Creta era diferente dos demais deuses e haveria de

dar liberdade a Minéia por causa do amor que a ligava a mim. Agora eu só queria uma coisa: permanecer ali com a testa no chão, enquanto Kaptah se quedava sentado junto de mim, meneando a cabeça entre as mãos e soltando lamentos.

A flor da mocidade cretense corria em redor de mim com tochas nas mãos, dançando bailados complicadíssimos e entoando cânticos cujas palavras eu não compreendia. Desde que as portas de cobre haviam sido fechadas aquela mocidade toda se tomou de frenesi, dançando, saltando e correndo até ficar exausta. E seus brados soavam em meus ouvidos como o crocitar de corvos nas muralhas de uma cidade. Após algum tempo Kaptah cessou a lamentação e disse:

- Se meus olhos não me iludem - e não bebi tanto assim para ver errado - o Cabeça de Chifre saiu da montanha. Como, não sei, já que as portas de cobre continuam fechadas.

Não se enganara não. Minotauro voltara, e a cabeça taurina de ouro reluzia com brilho terrível ao luar. Lá estava ele dançando com os outros o bailado ritual. Assim que o vi não consegui me dominar, ergui-me de um salto e corri, agarrei-o pelas mangas e perguntei:

- Onde está Minéia?

Empurrou minhas mãos e agitou a máscara; mas como eu persistisse então a removeu e disse furiosamente:

- É proibido perturbar o ritual sagrado. Decerto ignorais isso por serdes estrangeiro. Por conseguinte vos perdôo contanto que não ouseis erguer de novo a mão contra mim.

Tornei a perguntar:

- Onde está Minéia?

- Deixei-a na treva da casa do deus, conforme me cumpria, e voltei para dançar o bailado do cerimonial em honra do deus. Que quereis de Minéia? Já não fostes recompensado por a haverdes trazido à ilha?

- Como pudestes voltar deixando-a lá dentro? - insisti, investindo; mas o sacerdote me deu um empurrão e as outras pessoas se interpuseram.

Kaptah agarrou-me pelo braço e me arrastou para longe dali. Fez bem em ter agido assim, do contrário quem sabe o que poderia ter acontecido?

Disse-me:

- Não caia na tolice de fazer escândalo. O melhor é fingir. Dance, ria e cante como os outros fazendo, do contrário pode se por em maus apuros. Já descobri que Minotauro saiu por uma pequena porta ao lado das grandes de cobre. Fui espiar e vi um guarda fechá-la e retirar a chave. Trate de beber vinho agora, patrão. Acalme-se. Está com o rosto desfigurado como o de um possesso e rodando os olhos como um mocho.

Fez-me beber vinho e eu repousei sobre a relva, ao luar, enquanto o fulgor das tochas flutuava diante dos meus olhos.

Kaptah manhosamente me dera um vinho entorpecedor com suco de papoula. Assim se vingou do que eu lhe fizera aquela noite em Babilônia - quando lhe salvei a vida - apenas não me havendo colocado dentro de uma urna. Estendeu uma coberta por sobre mim e evitou que os dançarinos me pisassem. Bem provável é, que, por sua vez, me haja salvo a vida porque eu, tomado de desespero, bem podia ter cravado minha faca em Minotauro e liquidado com ele. Ficou sentado junto de mim a noite inteira até a botija de vinho ficar vazia; depois pegou no sono e começou a resfolegar hálito de vinho em minha orelha.

Acordei tarde no dia seguinte. A droga fora tão poderosa que no começo me perguntei onde estaria eu. Quando me lembrei fiquei calmo, a cabeça não tardou a clarear e, graças ao remédio, minha fúria cedeu de todo. Muitos dos que tomavam parte da procissão tinham voltado para a cidade, mas alguns ainda dormiam entre as moitas: homens e mulheres em promiscuidade, com os corpos desavergonhadamente expostos, haviam bebido e dançado. até, de madrugada. Quando acordaram mudaram de vestes e as mulheres recompuseram os penteados, descontentes por não se poderem banhar logo é que as torrentes e os arroios estavam demasiado frios e todos tinham o hábito da água quente das piscinas.

Ainda assim gargarejaram, esfregaram unguento nas faces, pintaram os lábios e as sobrancelhas e perguntaram reciprocamente:

- Quem fica para esperar Minéia e quem volta para a cidade... Muitos agora estavam cansados da folia, e foram voltando para a cidade com o decorrer das horas. Apenas os mais jovens e mais insaciáveis permaneceram para continuar o divertimento, sob o pretexto de aguardar o regresso de Minéia, mas a verdadeira razão era passar mais uma noite entregues ao prazer. As mulheres aproveitaram ensejos mínimos para mandar os maridos para a cidade, e a fim de ficarem livres. -Foi só então que compreendi por que motivo não existia um único alcouce na cidade a não ser no porto. Tendo assistido aos seus folguedos lúbricos durante a noite e aquele seguinte dia, considerei que as raparigas que quisessem fazer vida de profissão libertina encontrariam fortes rivais nas mulheres "honestas" de Creta.

Quando percebi que Minotauro se retirava indaguei:

- Posso ficar esperando a volta de Minéia, aqui com seus amigos e amigas, embora eu seja um estrangeiro?

Encarou-me malevolamente e respondeu:

- É um direito que ninguém vos veda. Mas, se é que estou bem informado, está a zarpar para o Egito uma embarcação recentemente fundeada. no porto... Digo-vos isto porque talvez vossa espera seja vã. Jamais voltou da mansão qualquer criatura consagrada que a transpôs.

Insisti, no entanto, com porte e maneiras de simplório:

- E evidente que andei um tanto ou quanto fascinado por Minéia, embora me melindrasse o fato de ser justamente menosprezado por causa da divindade. Mas, para ser franco, também confesso que não espero que ela volte. E se aqui permaneço ainda advém tal resolução do fato da presença de tão encantadoras raparigas...mulheres casadas...também! Gostam de me olhar, de que eu lhes palpe sedutoramente os seios... Ora, jamais experimentei oportunidades desta ordem. A verdade é que Minéia era uma amiguinha rixenta, cheia de ciúmes, que implicava e estragava meus prazeres quando por sua vez absolutamente não me concedia nenhum. Peço que me perdoeis se bebi demais a noite passada e acaso vos faltei com o respeito. Aliás me lembro confusamente porque ainda estou um pouco zozzo.



Engrolei um pouco a língua ao dizer isto, gaguejei e me queixei de dor de cabeça. Claro que ele sorriu, tomando-me por idiota; tonto que respondeu:

- Não seja essa a dificuldade. Por mim e por todos podeis vos divertir bastante. Nós aqui em Creta não somos de melindres tolos... Ficai, portanto. Esperai Minéia enquanto quiserdes. Mas cuidado com as raparigas e as mulheres casadas. Se arranjais um filho com alguma delas a coisa se complicará porque sois um estrangeiro. Cuidado!... E que este meu conselho não seja uma advertência impertinente. Trata-se da franqueza de um homem para com outro facilitando-lhe a compreensão dos nossos costumes insulanos.

Assegurei-lhe que seria cauteloso e me gabei das minhas passadas experiências com as sacerdotisas da Síria e da Babilônia. Resultou ele me considerar ainda mais do que até então um cretino formidavelmente monótono. Deu-me uma palmada no ombro e se voltou decidido a seguir para a cidade.

Creio, ainda assim, que advertiu os guardas a me vigiarem; e também propendo a acreditar que aconselhou as cretenses a me entreterem, pois logo depois que ele se foi um bando de mulheres me rodeou. Estas cingiram meu pescoço com guirlandas, colaram os olhos aos meus, apertaram os seios nus de encontro ao meu braço, levaram-me para um horto de loureiros, onde comemos e bebemos. Testemunhei o quanto eram libertinas e cofiadas, bebi pesadamente, fingi que fiquei intoxicado para que se aborrecessem de mim; de fato, acabaram perdendo a jovialidade, maltrataram-me, chamando-me de suíno e de bárbaro.

Kaptah irrompeu, arrancou-me dali à força, insultando-me alto por causa da minha bebedeira; e ofereceu-se para me substituir nos folguedos lúbricos. Zombaram fartamente dele, os mancebos o escarneceram, seu ventre obeso e sua calva luzidia foram motivo de gracejos compactos. Mas era um estrangeiro, e as mulheres de todas as partes se sentem atraídas por tudo quanto é novidade. Depois que se fartaram de rir consentiram que participasse da ronda e dos folguedos, dando-lhe vinho, enchendo-lhe a boca com frutas, vasculhando-o, chamando-o de fauno e de bode, ficando

por fim escandalizadas com o cheiro dele...coisa com que, aliás, acabaram se afazendo.

Assim, aquele dia se passou até eu não agüentar mais tais folguedos e libertinagens, averiguando não haver vida mais sem propósito do que aquela, já que isso de caprichos desordenados acaba sendo mais cansativo do que o comedimento.

Ao vir da noite debandaram, como na anterior, entrando pelos bosques; e os meus sonhos angustiantes foram interrompidos pelos gritos de mulheres fingindo correr de mancebos que lhes agarravam os pelos querendo arrancar-lhos. Mas ao amanhecer estavam todos exaustos, atarantados, ansiosos por banho, e grande número voltou, aquele dia, para a cidade.

Apenas gente mais nova e mais animosa ainda permaneceu pelas imediações das portas de cobre. E, no terceiro dia, também essa gente se foi; consenti que se servissem da minha liteira que quedava ali à minha disposição. Os que tinham vindo a pé estavam agora impossibilitados de andar e vacilavam vencidos pela imoderada impudícia e necessidade de sono. O que tudo deu muito certo, pois assim mais ninguém resolveu ficar à minha espera.

Eu dera vinho aos guardas durante o dia inteiro, de forma que quando, ao lusco-fusco, lhes trouxe mais outra botija não se surpreenderam, antes me receberam radiantes. Dispunham de raros prazeres ali naquela vida de solidão obrigatória que durava um mês desde a vinda de um iniciado até à de outro. Se algo os espantou foi eu esperar Minéia; mas como eu era estrangeiro supuseram que o caso fosse mera ingenuidade. Puseram-se pois a beber o meu vinho.

Ao me capacitar de que o sacerdote residente supunha a mesmíssima coisa, disse a Kaptah, a sós:

- Já agora os deuses decretaram que nos devemos separar. Minéia não voltou nem creio que volte, a não ser que eu a vá buscar. Mas todo aquele que penetrou na mansão escura jamais regressou de lá, e não espero que coisa diferente me suceda. Escrevi pois uma importância sobre uma tábuia de greda e a garanti com meu sinete sírio para que tenhas meios de te transportar para a Síria e

possibilidade de retirar quantias dos atacadistas e armadores de Esmirna. Podes vender a minha casa, se quiseres. Uma vez isso feito, terás liberdade absoluta de ação. Se temes que no Egito te agarrem como escravo fugido, fica então em Esmirna e vai vivendo com o meu dinheiro. No pé em que as coisas estão não tens sequer que te preocupar com as providencias para o embalsamamento do meu corpo. Se eu não encontrar Minéia pouco me importa que meu corpo seja preservado ou não. Vai-te, portanto, e que te acompanhe a boa sorte do escaravelho... Sim, pois debes ficar com ele já que confias nele mais do que eu. Não creio que me venha a poder valer na jornada que vou fazer agora.

Kaptah ficou calado bastante tempo, sem me olhar. Por fim, disse:

- Patrão, não lhe guardo rancor pelo fato de lá uma vez ou outra haver me batido com desnecessária severidade, pois o fez com boa intenção. Verdade é que muito mais vezes o meu senhor deu atenção aos meus conselhos e conversou comigo considerando-me amigo bem mais do que criado; de modo que mais de uma vez exorbitei e abusei da sua dignidade até que o bastão tornasse a restabelecer a divisão ordenada divinamente entre nós. A situação agora se alterou, pois desde que Minéia pos o pé, sobre a minha cerviz também sou responsável por ela no que concerne às minhas atribuições de servo. Tampouco posso consentir que o meu senhor transponha sozinho a mansão escura. Verdade é que não o acompanharei lá dentro como servo - já que recebi ordem de o abandonar e que devo obedecer mesmo às piores loucuras; assim pois o acompanho como amigo. Sim, pois não posso deixar que vá sozinho e muito menos sem o escaravelho...muito embora compartilhe da opinião de que neste caso dificilmente ele nos salvará..

Falou com tamanha circunspeção e critério que quase não o reconheci; e também não se queixou com brados e lágrimas como era seu hábito. Mas a meu ver era tolice dois procurarem a morte, já que a de um só bastava. Foi o que lhe disse tornando a ordenar que me deixasse.

Obstinou-se:

- Ah! Não quer me deixar entrar junto? Está bem. Entrarei logo a seguir! Bem preferível, contudo, era entrar junto com o patrão pois tenho tanto medo dessa mansão escura que só em pensar nela me urino todo... Patrão, deixe! E deixe também que eu leve comigo uma botija de vinho para ir tomando uns goles de vez em quando a fim de ganhar coragem através desses labirintos... Sim, para que não suceda que o meu terror o estorve.

Liquidei a discussão, declarando:

- Pára com essa tagarelice. Vai buscar logo de uma vez o vinho; temos que entrar já pois os guardas já devem estar dormindo profundamente com a beberagem que lhes pespeguei.

De fato os guardas dormiam que nem pedras. E o sacerdote também. Consegui assim remover do lugar onde se achava guardada a chave aos cuidados do sacerdote ali no seu aposento, bem à mostra. Agarramos também um prato com brasas e algumas tochas que não acendemos porque a lua estava clara, e fácil foi abrir a porta lateral. Subimos para a casa do deus e fechamos a porta atrás de nós. Em plena escuridão, ouvi os dentes de Kaptah rilharem de encontro ao gargalo da botija.

Depois que Kaptah fortificou seu ânimo com um bom gole, comentou num sussurro:

- Patrão, acendamos uma tocha. A chama não pode em caso algum ser visto do lado de fora. E esta escuridão é pior do que a treva da morte; sim, da morte inevitável, por mais que tenhamos entrado por nossa própria vontade.

Soprei bem em cima do carvão e acendendo a tocha, percebi que nos achávamos numa grande abóbada cuja entrada estava fechada pelas portas de cobre. Dessa abóbada saíam dez passagens conduzindo a diferentes direções e separadas umas das outras por muralhas maciças de tijolo. Não estranhei porque já ouvira falar que o deus de Creta morava num labirinto.

Ora, os sacerdotes de Babilônia me haviam ensinado que os labirintos eram construídos obedecendo à direção dos pertuitos das vísceras dos animais dos sacrifícios.

Baseado nisso, acreditei que talvez pudesse acertar com o caminho, tantas e tantas vezes havia eu observado as entranhas de touros

durante os sacrifícios; convenci-me, racionalmente, de que o labirinto cretense devia ter sido construído segundo tal sistema.

Assim pois aponte para a passagem mais distante e disse:

- Entremos por ali.

Mas Kaptah ponderou:

- Pressa é coisa que não temos. Toda precaução já é, por si uma vantagem. O essencial é, não nos desorientarmos. Antes de mais nada procuremos um processo para garantir o regresso... se é que regressaremos, coisa que duvido muito.

E ao dizer isso tirou de dentro da escarcela uma meada de fio cuja extremidade prendeu na ponta de um grampo de osso que cravou entre os tijolos. Tal dispositivo era tão engenhoso em sua simplicidade que estranhei não me haver acudido à lembrança antes; mas não comentei nada a fim de manter superioridade naquela situação, restringindo-me a dizer-lhe rudemente que andasse depressa. Entrei portanto nos dédalos da mansão escura com a imagem das entranhas bovinas impressa na memória enquanto Kaptah, seguindo-me, ia desenrolando o fio.

Andamos interminavelmente ao longo da escuridão enquanto novas passagens se abriam diante de nós. De vez em quando esbarrávamos de encontro a uma parede e tínhamos que voltar e seguir outra direção. De súbito Kaptah ficou parado e sorveu o ar. E logo os seus dentes rilharam e a tocha vacilou ante o seu fôlego no momento em que disse:

- Patrão, está sentindo o cheiro dos touros?

Também eu agora me dera conta de um cheiro repulsivo, verdadeiramente abjeto e que parecia emanar das próprias paredes, como se o labirinto inteiro fosse uma cocheira gigantesca.

Ordenei a Kaptah que continuasse a andar mas sem respirar. Tomou um gole farto de vinho, e então fomos prosseguindo até que meu pé escorregou numa substância visguenta. Abaixando-me verifiquei que se tratava de um crânio carcomido de mulher ao qual ainda aderiam cabelos., Isso me certificou logo que não tornaria a ver Minéia viva. Mas a vontade impetuosa de pronta verificação me levou para a frente. Agarrei Kaptah e o invectivei para que não chorasse, absolutamente. E prosseguimos, desenrolando o fio

enquanto avançávamos. Mas logo batemos de encontro a uma nova parede que barrava nossa passagem, e tivemos que voltar, para logo prosseguir.

Inopinadamente, porém, Kaptah estacou, apontando para o chão. Seus cabelos, apesar de tão poucos, se eriçaram, e seu rosto se desfigurou numa contração hirta, ficando lívido.

Acompanhei seu olhar e dei com uma espécie de massa amontoada na nossa frente formando um monte de excremento ressecado. Se aquilo fora defecado por um touro então esse bicho deveria ser monstruosamente grande.

Kaptah teve o mesmo pensamento, pois disse:

- Isso não pode ser de um touro, porque um touro não passaria nesta espécie de corredor. Deve ser coisa largada por uma monstruosa serpente!

Dizendo tais palavras, tomou outro gole profundo da botija com os dentes rilhando no gargalo, enquanto eu refletia que o labirinto parecia mesmo feito para o colear de uma tal serpente. E então me veio um instintivo desejo categórico de voltar. Todavia a lembrança de, Minéia me impeliu num desespero selvagem. Embarafustei pelo dédalo adiante, arrastando Kaptah comigo e empunhando a faca na mão gélida.

Para que aquela faca numa tal situação?! E como continuássemos, o fedor das passagens descia cada vez mais medonho, parecendo o miasma exalado por uma sepultura imensa e que nos sufocava. De certa maneira minha perplexidade sumiu como se eu adivinhasse que estávamos atingindo o fim. Correndo, lobrigamos uma luz fraca entremostrando-se ao fundo. Estávamos agora em plena montanha mesmo, pois as paredes de tijolos haviam terminado e o vão era escavado na rocha dúctil. O chão ia em descida, e tropeçávamos em ossos humanos e em montes de excremento, até que por fim uma grande caverna se abriu diante de nós.

Detivemo-nos sobre uma borda granítica que ladeava uma área aquosa. Invadiu-nos uma atmosfera envenenada e densa. A claridade vinda do mar engolfava-se, uma medonha claridade esverdeada que nos deixava enxergar sem necessidade de tocha.

Ouvíamos perto ondas troando de encontro às penhas. Por sobre a superfície da água, diante de nós, flutuava uma imensa massa revestida de couro que nossos olhos acabaram verificando ser o corpo gigantesco de um animal morto - o animal mais horrendo e aterrorizador que se possa imaginar - e que emitia uma fedência de podridão. Sua cabeça oscilava entre as ondas e era a cabeça de um touro colossal. Mas o corpo se assemelhava ao de uma serpente que, tornada mole pela corrupção, ondulava em curvas horrendas por sobre as águas. Tive certeza de estar contemplando o deus de Creta... Tive certeza também de que ele estava morto havia meses. Onde estaria Minéia, então?

E ao pensar nela pensei também em todos que haviam precedido. Pensei nos jovens cuja virilidade era proibida e nas donzelas obrigadas a conservar a virgindade a fim de entrarem na posse da felicidade e da glória do deus. Pensei em seus crânios e ossos atirados nos dédalos da mansão escura.

Pensei no monstro perseguindo-os ao longo do labirinto e bloqueando a passagem com sua monstruosa grossura de modo a não adiantar nada saltos ou quaisquer outros estratagemas das vítimas.

Aquele leviatã vivera alimentado por carne humana - uma ração por mês - razão essa fornecida pelo governo de Creta sob a forma das mais lindas raparigas e dos mais perfeitos mancebos, porque tais governos cuidavam que agindo assim poderiam manter a soberania dos mares. Lá das tenebrosas profundezas dos oceanos a fera, outrora, acossada por algum temporal, devia se ter engolfado na caverna. Decerto uma barreira fora jogada de encontro à gruta para impedir sua volta ao mar, devendo então ter sido construído o labirinto para seus paços exíguos. E tinha sido alimentado sempre com sacrifícios humanos até, vir a morrer, e impossível substituí-lo, porque não poderia existir outro monstro análogo no mundo inteiro.

Onde estava Minéia, então?

Louco de desespero, gritei o nome de Minéia, despertando ecos na caverna, até que Kaptah apontou para a rocha sobre que nos quedáramos. Estava manchada com sangue seco. Seguindo as

manchas até à beira da água meus olhos deram com o corpo de Minéia nu o que dele sobrava. Movia-se vagarosamente lá no fundo, arrastado por caranguejos que o estraçalhavam furiosamente. Já não tinha mais rosto e a reconheci somente pela rede de prata nos cabelos. Não precisei olhar à procura da cutilada do Minotauro em seu busto, pois logo depreendi que ele a seguira até ali, dera o golpe, por detrás e a arremessara na água, já que ninguém devia saber que o deus de Creta havia morrido. Isso ele devia ter feito a muitos mancebos e raparigas, antes de Minéia.

Ao ver e compreender isso tudo um grito lancinante irrompeu de minha garganta. Caí desacordado e teria resvalado com certeza daquela latibanda para o mar se Kaptah não me houvesse arrastado para ponto seguro, conforme mais tarde me contou. Do que sucedeu depois nada sei a não ser pelo relato de Kaptah, tão lancinantemente profundo foi o meu desmaio em consequência da ansiedade, do tormento e do desespero.

Kaptah contou-me que chorou e ergueu lamentações durante longo tempo ao lado do meu corpo, pensando que eu morreria; e que chorou também por causa de Minéia, até lhe voltar o bom-senso. Palpando-me, verificou que eu estava vivo e refletiu que pelo menos me poderia salvar já que impossível lhe era fazer qualquer coisa por Minéia. Pode ver os corpos dos outros mancebos e donzelas que o Minotauro matara; as carnes tinham sido arrancadas dos ossos pelos caranguejos, jazendo assim os esqueletos alvacentos e lisos no leito de areia do fundo do mar.

Em seguida Kaptah começou a ficar sufocado pelo cheiro. Verificando que não podia carregar ao mesmo tempo a botija de vinho e o meu corpo, bebeu resolutamente o resto do vinho e atirou dentro da água a botija vazia. Reanimado assim deveras pelo efeito da bebida conseguiu me trazer de volta até às portas de cobre, guiando-se pelo fio que desenrolara durante a ida. Trouxe-me ora me carregando, ora me ,arrastando. Quanto ao fio da meada, após refletir um pouco, achou melhor enrolá-lo de novo enquanto regressava, para desta forma não ficar nenhum indício da nossa visita. Parece que, a luz da sua tocha, descobriu marcas secretas pelas paredes feitas decerto pelo Minotauro a fim de ajudá-lo a



se locomover direito ali dentro. Disse-me Kaptah também que resolvera atirar a botija de vinho dentro da água para dar o que pensar a Minotauro quando este na próxima vez voltasse a desempenhar seu trabalho sangrento.

O dia estava rompendo quando Kaptah me trouxe para o lado de fora. Fechou a porta, tornou a colocar a chave no aposento do sacerdote que, junto com os guardas, ainda estava dormindo profundamente sob o efeito das drogas que eu pusera no vinho que antes lhes ofereci. A seguir Kaptah me levou para um esconderijo na moita da margem de um arroio.

Aí lavou meu rosto e esfregou minhas mãos até eu voltar a mim. Aliás, não me lembro nem mesmo disso.

Parece que eu estava tão atarantado que nem podia falar, razão pela qual ele me deu uma droga sedativa. Foi somente muito depois, quando já nos achávamos perto da cidade, que recobrei a lucidez total. Kaptah guiava-me e amparava-me.

Do mais que daí por diante se passou me recordei perfeitamente.

Não procurei me angustiar com sofrimentos; mesmo pensar muito em Minéia que era já então uma sombra remota na minha alma. Dir-se-ia que eu a conhecera numa outra vida. Raciocinei, isso sim, que o deus de Creta estava morto e que portanto, de acordo com a profecia, o poder de Creta iria agora declinar. Não me assustei ante tal pensamento, mesmo porque os cretenses me tinham dado impressão de bondade, com uma alegria que espadanava como o mar de encontro às praias da ilha. Quando penetrei outra vez na cidade foi com satisfação que pensei que aqueles edifícios majestosos e cheios de harmonia deveriam em breve ser tomados por labaredas, que as exclamações licenciosas das mulheres deveriam se transformar em gritos de morte, que a máscara de ouro do Minotauro deveria ser achatada em lâmina a ser dividida em despojos, e que não subsistiria nada da esplendida majestade de Creta. A própria ilha submergiria de novo no mar de onde e erguera outrora com outras maravilhas vindas das profundezas.

Pensei também no Minotauro e sem rancor, porque a morte de Minéia fora fácil: ela não tivera que fugir do monstro, não fora obrigada a empregar, em vão, toda a série de estratégias da sua

arte; morrerá antes de saber o que a aguardava. Refleti que Minotauro era o único a saber que o deus tinha morrido e que Creta deveria tombar; e deduzi que um tal segredo deveria ser coisa lancinante a suportar. Eu ignorava mesmo que a tarefa de Minotauro teria sido sempre fácil ao tempo em que o deus vivia, quando ele remetia ao monstro a flor da mocidade da sua terra, conduzindo-a mês após mês à mansão escura e sabendo o que lá dentro sucedia.

Não; não senti rancor. Pelo contrário, enquanto Kaptah me conduzia eu cantava e ria como um possesso. Sem dificuldade Kaptah convenceu a alguns amigos de Minéia - que encontramos acidentalmente - que eu ainda continuava bêbado de tanto a haver esperado. Tais conhecidos acharam isso natural, vendo que eu era um estrangeiro bastante diferente e que ignorava que ali na ilha o fato de uma pessoa se apresentar bêbada em plena rua em hora meridiana era considerado gesto de bárbaro. Por fim Kaptah conseguiu alugar uma liteira, levando-me assim para a estalagem onde, tendo bebido grande quantidade de vinho, caí num sono profundo e demorado.

Quando acordei, minha cabeça se achava lúcida e serena, e os fatos constituíam um passado remoto. Tornei a pensar em Minotauro. Deveria ir procurá-lo? Matá-lo? Que adiantaria tal determinação? Tornando público o fato, eu poderia salvar as vidas daqueles que ainda deveriam ser aparcados em lotes ou que já tinham sido e que decerto consideravam um privilégio entrar na mansão da divindade. Mas eu sabia que a verdade é uma faca fora da bainha nas mãos de uma criança sempre pronta a ser voltada contra quem a carrega.

Assim pois, como estrangeiro, cheguei à conclusão de que o deus de Creta não era da minha conta... e que Minéia sumira do mundo. Caranguejos e lagostas despojavam seu esqueleto delicado que terminaria para sempre no fundo arenoso do mar. Considerei que tudo havia sido escrito nas estrelas muito antes do dia do meu nascimento; e assim, me resignei. Comuniquei tal idéia a Kaptah que se restringiu a dizer que eu estava doente e precisava descansar; e não deixou que ninguém me incomodasse.

Por mais que me irritasse com Kaptah nessa ocasião ele teimou em me obrigar a comer, não obstante eu não sentir fome alguma e querer apenas vinho. Sofria de uma sede contínua e insaciável; além disso, somente depois de beber muito até ficar vendo tudo confuso, é que me vinha certa calma. Em tais ocasiões é que eu percebia que as coisas nem sempre são o que aparentam; transformam-se deveras, principalmente para o bêbado que passa a ver diferentemente e a considerar como verdadeira essa visão mesmo que no íntimo saiba que ela é falsa. Afinal, que é isso senão a verdadeira essência da verdade? Como procurasse como paciência e descortino expor tal doutrina a Kaptah ele não deu atenção exigiu que eu me deitasse, fechasse os olhos e ficasse bem quieto.

Posso agora avaliar a gravidade do meu estado de angústia, não obstante haver esquecido meus pensamentos de então já que o vinho só serviu para confundir e obscurecer minha compreensão. Ainda assim julgo que foi o generoso vinho que salvou minha razão e me ajudou a transpor as piores circunstâncias tão logo perdi Minéia para sempre e, com ela, a minha fé, nos deuses e na humanidade.

Parte da minha própria essência se evaporou nos fumos do vinho. Coisa idêntica eu já sentira antes, na infância, quando vi o sacerdote de Ammon cuspir na cara do deus, acolá no santuário e esfregá-la com a manga suja.

O rio da vida encontrara um estorvo; suas águas se espalharam... sim, se espalharam num lago amplo, de superfície bonita refletindo o céu exato e imóvel. Alguém arremessara um pau dentro do lago: a água se toldara, então, pois emergira do seu fundo o que no seu fundo existia: lodo e corrupção.

Certa manhã acordei no meu aposento da estalagem, e que vi?

Kaptah sentado a um canto a chorar silenciosamente meneando a cabeça entre as mãos. Depois de haver virado na boca o gargalo de uma botija e bebido um pouco de vinho, disse com fúria:

- Por que choras, cão?

Foi essa a primeira vez, depois de muitos dias, que me dei ao trabalho de lhe falar, tão farto estava eu da sua solicitude amalucada. Ergueu a cabeça e respondeu:

- Acha-se fundeado no porto um navio porto a velejar para a Síria; o último, dizem, antes que venham os furacões do inverno. Eis por que motivo estou chorando.

Disse-lhe eu, então:

- Pois corre para bordo dessa nave, antes que eu te esbordoie mais uma vez! Assim pelo menos deixarei de aturar essa tua cara medonha e de ouvir tuas queixas e lamentações eternas.

Mas ao me calar me tomei de vergonha e empurrei para longe a botija de vinho. Jazia em meus pensamentos o consolo amargo de ainda existir uma criatura dependendo de mim, muito embora se tratasse de um escravo fugitivo. E Kaptah disse:

- Sejamos francos, patrão. Eu também estou cansado das tuas bebedeiras. Os mortos estão mortos e não voltarão nunca mais. Vamos embora daqui enquanto ainda podemos. O ouro, a prata... tudo quanto o meu senhor acumulou no decorrer das suas jornadas... tudo isso foi atirado à sarjeta. Assim com essas mãos tremulas não acredito que o meu senhor consiga efetuar uma simples cura. O mais que o meu senhor pode fazer é levantar até aos beiços, se tanto, uma botija de vinho. No princípio cuidei que lhe fizesse bem beber por causa da sua paz de espírito; insisti com o meu senhor que bebesse e continuamente quebrei o lacre de muitas botijas...e bebi também... Se bebi!... Além disso me jactei perante os outros: "Vede que amo tenho eu! Bebe como um hipopótamo... dissolve ouro e prata no vinho, indiferentemente, e comete badernas." Mas agora não me felicito mais por isso; ao contrário, me envergonho do procedimento do meu senhor, pois para todas as coisas há um limite e, a meu ver, o patrão o está excedendo. Jamais condenarei um homem que bebe por desgosto, que brada pelas ruas e que acaba quebrando a cabeça nas lajes. Trata-se de um costume viável, que alivia a mente de muitas qualidades de desgostos. Eu próprio tenho feito isso uma porção de vezes. O mal-estar proveniente de tal proceder deve ser tratado com prudência: a pessoa deve se restringir a beber cerveja e com, peixe salgado, e depois reassumir seus trabalhos, conforme ordenam os deuses e exige a decência. Mas o meu senhor bebe como se cada dia fosse o último, a ponto de eu temer que o meu

senhor pense se jogar dentro da sepultura. Caso este seja mesmo o seu intento então o conselho a se afogar num banho de vinho, que é um método mais rápido, mais agradável também, e que não desonra.

Refleti bastante em tais palavras. Examinei minhas mãos que tinham sido as de um médico mas que presentemente tremiam por vontade própria como se eu já não devesse mais dominá-las. Pensei nos conhecimentos que acumulara numa porção de terras, e averigüei que os excessos não passavam de loucura. Tanto era loucura beber e comer sem moderação como externar demonstrações excessivas de prazer ou de desgosto.

Portanto, disse a Kaptah:

- Pois seja conforme dizes, mas a minha resolução advém dos fatos estarem evidentes e não porque tuas palavras me hajam persuadido. Considero-as tão monótonas como o zumbir de moscas em torno de minha cabeça. Vou deixar de beber por uma temporada; não tenciono mesmo abrir outra botija. Pus em ordem meus pensamentos e estou decidido a voltar a Esmirna.

Kaptah deu saltos de alegria pelo aposento e foi fazer os preparativos para a nossa partida; e naquele mesmo dia tomamos a nave. A equipagem mergulhou os remos, safamo-nos do porto, passamos rente a grupos de centenas de naves comerciais ancoradas e galeras de guerra com seus veículos de cobre. Uma vez fora da barra os remadores armaram seus instrumentos; o comandante ofereceu em seu beliche sacrifícios ao deus do mar e aos outros, dando ordem, finalmente, para que a equipagem içasse o velame. A nave irrompeu para o mar alto em marcha veloz. Do lado da ré a ilha de Creta se foi desfazendo numa nuvem azul... numa névoa... numa sombra... num sonho, e nos vimos a sós em meio à extensão ondulante do oceano.

# LIVRO IX

## A CAUDA DO CROCODILO



**E**is como atingi a maturidade quando regressei a Esmirna, já não era mais um moço. Estivera ausente dessa cidade pelo espaço de três anos durante os quais adquiri conhecimentos através de muitas terras e que me fizeram bem e mal. Os ventos marítimos sopraram da minha cabeça os fumos do vinho, clarearam meus olhos e restauraram as forças dos meus membros. Comia, bebia e agia como as demais pessoas; apenas falava menos do que elas e me sentia mais solitário ainda do que antes. A solidão é o destino de certos homens, destino esse que se torna mais adequado ao período da maturidade não obstante eu haver sido criatura arredia desde a infância, ter sido sempre um estrangeiro no mundo desde quando aquele barco de verga me carregou para o litoral tebano. Não foi preciso, pois, que me adaptasse à solidão, como muita gente se vê obrigada a fazer; desde o dealbar da vida ela me era companheira e refúgio de sombra.

Estava perto do rosto da proa, diante das ondulantes águas verdes, enquanto o vento levava para longe as tristezas do meu espírito, quando vi bem ao longe dois olhos verdes como o luar nas ondas; e palavra de honra que cheguei mesmo a ouvir a risada espontânea de Minéia e a reví dançar numa eira à margem de uma estrada da terra de Babilônia com seu peplo delicado e juvenil tão leve como um caniço tenro. E para mim a sua imagem não foi aflitiva visão e sim a bem dizer um doce tormento como quando um homem se sente acordar de um sonho que foi mais inefável do que a vida real.

Pensando nela me rejubilava por a haver conhecido e não haver renunciado uma única hora à sua companhia, ciente de que sem ela nada teria significação para mim. A figura de proa do navio era uma imagem de madeira fria, pintada, e com rosto feminino. Permanecendo ali junto dela, com o rosto exposto ao vento, sentia

minha condição de homem se robustecer dentro de mim, e tive a certeza de que ainda haveria muitas mulheres na minha vida pois mesmo para um homem solitário é desagradável passar sozinho noite após noite.

Pareceu-me, contudo que tais futuras mulheres não passariam de imagens pintadas e que sempre que na treva eu as tomasse entre os braços procuraria nelas apenas e sempre Minéia, apenas e sempre o refulgir de um luar, o calor de um corpo esbelto, mesmo a fragrância de um cipreste a evocando. Assim, ali perto do rosto da proa, foi como se me despedisse dela, momentaneamente.

A minha residência em Esmirna ainda se achava em pé embora as portadas houvessem sido arrancadas pelos ladrões. Estes tinham carregado tudo quanto valia alguma coisa, restando-me por conseguinte apenas os bens que eu deixara sob a guarda de mercadores. Como a minha ausência perdurara, os vizinhos se utilizaram do terreno na frente e dos lados da minha casa como escoadouro, depósito de lixo e privada, de forma que o mau cheiro era nauseante. Ratos corriam pelo assoalho quando entrei nos cômodos tive que arrancar dos cantos e dos caixilhos enormes teias de aranha. Os vizinhos não gostaram de me rever. Afastavam os olhos e comentavam:

- É um egípcio e todos os males nos vem do Egito.

Tive, portanto que ir primeiro para uma estalagem, depois de dar ordem a Kaptah que pusesse a casa em condições de ser habitada. Em seguida fui visitar as casas comerciais onde colocara meus fundos monetários. Após aqueles três anos de viagens, eu regressara inteiramente pobre, pois além do que possuía comigo perdera ou gastara também o que Horemheb me havia dado e tudo por causa dos sacerdotes de Babilônia ou por causa de Minéia.

Os armadores ricos ficaram pasmos quando me apresentei diante deles. Cada qual pareceu ficar com o nariz ainda mais comprido. Cofiavam as longas barbas com ar de muito raciocínio pois a minha demasiada ausência os encorajara a pensar que a minha fortuna já era deles. Ainda assim me prestaram conta escrupulosamente de tudo e, não obstante o naufrágio de alguns navios e a perda da minha parte correspondente, a navegação e o



comércio dos demais tinham sido bastante prósperos. Depois de tudo bem averiguado resultou estar eu mais rico do que quando partira, sem precisar, por conseguinte me preocupar com a minha existência em Esmirna.

Contudo tais senhores me convidaram a aparecer em suas salas, ofereceram-me vinho, pão de mel e, esticando as carautonhas, me disseram:

- Sinuhe, o médico: és nosso amigo e, por mais que nos convenha negociar com o Egito, não gostamos de ver os egípcios forçando caminho por entre nós. O povo murmura e está profundamente exaltado por causa do tributo que é obrigado a pagar ao faraó. Ultimamente tem havido motins, alguns egípcios foram apedrejados pelas ruas, porcos mortos foram arremessados aos templos deles e os nossos cidadãos não querem se apresentar em público acompanhados ou acompanhando egípcios. Tu, Sinuhe, és nosso amigo, e te respeitamos sobremaneira devido à tua perícia médica da qual não nos esquecemos. Assim pois nos cumpre te esclarecer que ajas com prudência e que tomes boa nota do que te explicamos. Tais declarações me deixaram perplexo porque antes da minha partida as pessoas de Esmirna rivalizavam umas contra as outras nos meios e processos tendentes ao merecimento do favor dos egípcios e os convidavam a freqüentar suas casas. Assim como os costumes sírios tinham sido adotados em Tebas, da mesma forma aqui em Esmirna os homens acompanhavam as maneiras egípcias. Aliás, Kaptah de certo modo confirmou tais declarações quando, tomado de furor, se queixou na estalagem:

- Sem dúvida um espírito mau se apossou desta gente, pois se portam todos aqui como cães danados, fingindo ignorar o idioma egípcio. Atiraram-me para fora da taverna onde eu me achava refrescando a garganta ressequida, e vi que fizeram isso porque descobriram que eu era egípcio. Perseguiram-me com palavrões, e os garotos atiraram-me esterco.

Dirigi-me então para uma outra taverna porque minha garganta estava seca que nem restolho e eu já não podia mais de tanta vontade de emborcar a forte cerveja síria. Nessa taverna, porém, tratei de ficar mudo que nem defunto... O patrão há de avaliar

quanto isso me custou: não dizer palavra! Mas era o que a prudência determinava; enfiei pois o tubo de caniço na cerveja junto com os demais e, moita! Enquanto isso fui prestando atenção no que diziam.

Queixavam-se de que Esmirna antigamente fora uma cidade livre, que não pagava tributo a ninguém, e que não desejava que seus filhos nascessem vassalos do faraó; que outras cidades sírias tinham sido outrora livres também e que, nas atuais circunstâncias, todos os egípcios deviam ser mortos a cacetadas, expulsos do país... Que tal é o dever de todos os homens que amam a liberdade e que não aturam mais a condição de servos do faraó. Quanta estupidez!

Pois não sabem que a proteção do Egito os garante mais do que a proteção dos governos sírios? Se as cidades sírias fossem deixadas autônomas se transformariam em gatos bravos dentro de um saco arranhando-se e dilacerando-se uns aos outros com grande desvantagem para a lavoura e o comércio. Falam entusiasticamente do poder que tem e proclamam a aliança de suas cidades. Eu, como egípcio que sou, fiquei tão furioso com tamanha besteira que, assim que o dono da taverna foi lá para longe um pouco, saí sem pagar e amarfanhei meu tubo de caniço de sorver bebida.

Quanto a mim não me foi necessário andar muito pela cidade para averiguar a exatidão das palavras de Kaptah. Ninguém me molestou porque tive a sagacidade de vestir trajes sírios, mas os meus antigos conhecidos agora voltavam a cara quando me encontravam; vi que os demais egípcios se locomoviam defendidos por guardas; mas mesmo assim os homens os insultavam com zombarias e lhes atiravam frutas podres e peixes estragados. No entanto, não fiquei preocupado.

Decerto a população síria estava exaltada por causa de novas taxas e tumulto de tal jaez tenderia a arrefecer já que a Síria colhia tanto proveito do Egito quanto este colhia da Síria. E pareceu-me também que as cidades do litoral sírio não se poderiam manter longo tempo sem cereais egípcios.

Aparelhada que foi a minha casa, passei a receber clientes e a tratá-los como antigamente. Acorreram como, outrora porque doença e

dor não perguntam qual a raça do médico e sim se tem capacidade. Todavia, em conversa comigo, discutiam:

- Dizei-nos, egípcio se não é uma injustiça que o Egito viva nos extorquindo tributos, nos explorando e se cevando na nossa pobreza como uma enorme sanguessuga? E não é uma injustiça também que não possamos consertar nossas muralhas e nossas torres já que tal é a nossa vontade e que e que pagará tais consertos seremos nós mesmos? Os nossos próprios conselheiros são competentes, podem governar-nos direito sem que seja necessária interferência egípcia na coroação e investidura de nossos soberanos ou na administração da nossa justiça. Por Baal! Se não fossem os egípcios, como estaríamos adiantados e prósperos! Mas caem sobre nós como gafanhotos e o vosso novo faraó está exigindo que veneremos um novo deus, fato que decerto redundará em perdermos o favor dos nossos.

Não desejei travar discussão com eles e apenas redargüi:

- Contra quem senão contra o Egito quereis fortificar vossas muralhas e torres? É incontestável que esta vossa cidade foi livre e rodeada de muralhas no tempo de vossos bisavós; mas derramastes sangue e vos empobrecesteis em incontáveis guerras com vizinhos que ainda o os vossos príncipes não passavam de déspotas que espezinhavam ricos e pobres.

Já agora estais protegidos dos vossos inimigos pelos escudos e espadas do Egito, e as egípcias asseguravam igualmente os direitos dos ricos e dos pobres. Mas isso os irritou; foi com olhos congestionados e com narinas tremulas que retorquiram:

- As leis egípcias são asquerosas e os seus deuses abomináveis. Que importa que os nossos príncipes antigos tenham sido déspotas e injustos?...De mais a mais não acreditamos que eles fossem assim! Pelo menos eram nossos príncipes, e nossos corações nos dizem que a injustiça numa terra livre é melhor do que a justiça numa terra escravizada.

Disse-lhes:

- Não vejo entre vós quaisquer sinais de escravidão; pelo contrário: cada vez engordais mais e arrotais riquezas; ganhas às expensas da estupidez egípcia. Se fosseis livres, afundaríeis os navios uns dos

outros e abateríeis as árvores frutíferas em contendidas mútuas. E nas estradas de vossas províncias internas vossas vidas desde muito correriam perigo. Mas fizeram ouvidos moucos. Arremessaram seus donativos de pagamento de consulta e se retiraram, declarando:

- Intimamente sois um egípcio embora useis trajes sírios. Todos os egípcios são opressores e malfeitores e o único egípcio bom nasceu morto.

A vista de tal estado de ânimos passei a me sentir mal em Esmirna. Comecei a juntar todos os meus bens preparando-me para partir. Precisava voltar ao Egito para, de acordo com a minha promessa, procurar Horemheb e relatar-lhe tudo quanto observara em minhas viagens. Mas não me apressei muito porque só a idéia de me dessedentar nas águas do Nilo aquietou meu ânimo; e assim o tempo se passou.

Certa noite eu voltava no escuro do templo de Ishtar - após ligeira visita - como um homem sedento que devido à sede, bebe na primeira fonte que depara. Nisto dei com alguns homens vindo em direção a mim e os ouvi dizer:

- Este homem não é um egípcio? Como permitimos que um homem circuncidado se deite com as nossas virgens e denigra o nosso templo?

Respondi-lhes:

- As vossas virgens, para as quais eu proporia um nome mais adequado, importam-se lá com raças ou pessoas! Elas pesam o prazer pelo ouro que o homem traz na bolsa. Não discuto com elas por causa disso já que me habituei a pagar meus prazeres e estou decidido a continuar sempre que tiver vontade.

Nisto, eles cobriram a cara com a capa, atiraram-se contra mim, derrubaram-me no chão e bateram a minha cabeça de encontro à parede. Pensei que fosse morrer. Depois, enquanto me roubavam, despojando meu corpo antes de me arremessar no porto, um deles viu meu rosto e exclamou:

- Este homem não é Sinuhe, o médico egípcio amigo do rei Aziru?

Disse-lhes que sim e jurei que os mataria e que lhes jogaria aos cães. Minha cabeça doía excessivamente e eu estava furioso demais

para ter medo. Soltaram-me, devolveram-me a roupa e fugiram, cada qual escondendo o rosto atrás da capa. Não sei por que fizeram isto, pois me havendo subjugado já não tinham nenhum motivo para temer a minha ameaça.

Alguns dias mais tarde irrompeu a cavalo diante da minha porta um mensageiro. Ora, isso constituía uma raridade, pois um egípcio nunca viaja a cavalo, quase se podendo dizer o mesmo de um sírio. Restringe-se tal hábito aos viajantes do deserto, porque o cavalo é um bicho grandalhão, indócil, que dá coices e dentadas quando alguém tenta montá-lo, comportando-se de modo muito diferente do burro que se afaz a todos os usos. Tal homem irrompeu diante da minha porta num animal resfolegante, coberto de espuma e de cuja boca pingava sangue. As vestes do viajante me esclareceram que vinha das serras onde abundam rebanhos; seu rosto evidenciava intensa agitação.

Embarafustou portal adentro, nem articulou direito uma saudação e já exclamava com nervosismo:

- Manda vir imediatamente a tua liteira de viagem, Sinuhe, e segue-me sem demora. Venho da terra de Amurru cujo rei, Aziru, mandou te buscar. Está com o filho doente e ninguém acertou ainda o tratamento. O rei acha-se em fúria como um leão nas brenhas e quebra os ossos de quem quer que se aproxime. Portanto, pega em tua mala de remédios e segue-me depressa, do contrário te arrancarei com um golpe a cabeça para fora dos ombros e a farei rolar rua abaixo a pontapés.

- A minha cabeça separadamente seria de pouco uso para o rei. Todavia perdôo a tua impetuosidade e te seguirei... não por causa das ameaças mas porque Aziru é meu amigo e quero ajudá-lo.

Ordenei a Kaptah que fosse buscar uma liteira, e acompanhei o mensageiro tomando-me de contentamento. Sentia tamanha solidão que me empolgou até mesmo a perspectiva de um encontro com Aziru cujos dentes eu outrora obturara a ouro. Mas assim que chegamos à entrada de um desfiladeiro meu estado de ânimo se sombreou de novo porque eu e o meu grande estojo de remédios fomos içados para dentro de um carro militar puxado por cavalos selvagens. Corríamos por entre pedras e rochas que me

davam a impressão de a todo momento ir me fraturar todo; instintivamente soltava gritos de terror. Meu companheiro ficou muito para trás em seu cavalo exausto e meu desejo era que ele quebrasse o pescoço.

Ao cabo de longo percurso me transferiram do carro para um outro atrelado a cavalos novos. Eu nem sabia em que posição estava, e apenas gritava para os condutores: "Imundos! Carniça! Varejeiras!", golpeando-lhes as costas com socos quando chegamos a regiões mais planas que me possibilitaram soltar as mãos da orla do carro. Os condutores não se preocupavam comigo, agitavam as rédeas e estalavam os chicotes de tal forma que saltávamos por entre lajes e eu cuidava que as rodas iam se desprender a qualquer momento.

Desta forma nossa viagem para Amurru não foi longa; antes do poente entramos numa cidade rodeada por muralhas recentemente construídas e que eram patrulhadas por soldados munidos de escudos; mas as portas nos foram franquiadas.

Embarafustamos pela cidade adentro em meio ao zurrar de jumentos e o goelar de mulheres e crianças enquanto cestos de frutas voavam pelos ares e inúmeros potes eram esmagados pelas rodas pois os condutores não se importavam com o que lhes embaraçava o caminho.

Quando me soergueram e me retiraram do veículo, eu nem podia andar, de tal modo meu corpo vacilava como o de um bêbado. Os condutores, agarrando-me pelos braços, fizeram-me entrar no palácio seguido por escravos que carregavam minha arca de remédios. Mal transpuséramos o primeiro pórtico colgado de escudos, peitorais e espadas, quando Aziru veio ao nosso encontro barrindo como um elefante ferido. Rasgara as vestes, cobrira de cinza os cabelos e arranhara a cara com as unhas, ensangüentando aquela e estas.

Aziru abraçou-me calorosamente, em pranto, e disse:

-Salva o meu filho, Sinuhe!...Cura-o e tudo que me pertence será teu!

Respondi:

- Mostra-me primeiro para que eu veja se o posso curar.

Conduziu-me imediatamente para um grande aposento aquecido por um braseiro apesar de ser verão. Ali dentro a atmosfera sufocava. No centro do assoalho se achava um berço onde jazia um infante de menos de um ano de idade enrolado em roupas de lã. Gritava tão alto que seu rostinho até ficava de cor azul intensa e o suor lhe porejava pela testa abaixo. Apesar de tão novinho tinha um cabelo tão espesso quanto o do pai. Não consegui ver que era que o afligia tanto; se estivesse morrendo não haveria de gritar tão fortemente assim. Prostrada no assoalho, ao lado do berço, jazia Keftitu, a mulher que eu outrora entregara a Aziru. Estava mais gorda e mais branca do que antes e seu corpo desmesurado balançava sempre que a testa batia no chão em sinal de desgosto, lamento e desespero. Dos cantos do amplo aposento vinham os gritos das escravas e das amas cujos rostos estavam inchados por causa dos golpes desferido por Aziru por não lhe curarem o filho.

- Reanima-te, Aziru - disse eu. - Teu filho não está morrendo. Mas preciso me lavar antes de examiná-lo. Manda retirar daqui este maldito braseiro antes que torremos!

- Keftiu ergueu logo do chão a cabeça e disse, amedrontada:

- A criança se resfriará!...

Nisto seus olhos deram comigo. Então se ergueu, sorriu, compôs os cabelos e as vestes e disse:

- Sinuhe sois vós?!...

Mas Aziru juntou as mãos e grunhiu:

- O menino não consegue comer nada. Vomita tudo, e tem o corpo muito quente. Há já três dias que não toma nada, propriamente... Só faz chorar e a tal ponto que estraçalha meu coração.

Disse-lhe que mandasse sair as escravas e as amas. Obedeceu-me humildemente, esquecido de vez de sua dignidade.

Depois que fiz minha ablução, soltei as roupas do menino e mas retirei. Em seguida escancarei as janelas e logo o aposento se refrescou com o ar fresco do cair da noite. A criança instantaneamente serenou. Os gritos cessaram, as perninhas gordas começaram a se agitar apalpei-lhe o corpo, detendo-me mais sobre

o ventre, até que de repente me acudiu uma idéia: enfiei o dedo em sua boquinha. Minha suposição fora acertada irrompia da gengiva o primeiro dente parecendo uma pérola. Exclamei então, zangado:

- Aziru, Aziru! Foi para isto que os teus cavalos arrastaram até aqui o médico mais célebre de Esmirna? Teu filho não tem doença nenhuma... Ele é apenas tão impaciente e irritável quanto o pai. Pode ser que tenha tido um pouco de febre, mas agora já passou. Se vomitava era porque tinha o bom-senso de salvar a própria vida, já que o empanturravam com muito leite; já é tempo de Keftiu desmamá-lo acostumando-o a alimentos adequados, do contrário ele acabará mordendo os bicos dos seios maternos. Sim, pois cumpre que saibas que teu filho chorava por petulância, por causa da aresta do primeiro dentinho...Caso não acredites, examina e vê.

Abri a boca da criança e mostrei o dente a Aziru que se tomou de júbilo selvagem, bateu palmas, dançou pelo aposento fazendo o assoalho estremecer. Mostrei o dente a Keftiu também que jurou jamais haver visto dente tão lindo na boca de uma criança. Como quisesse enrolar o filho outra vez em peças de lã proibi e o envolvi apenas em linho fresco para que o ar da noite não o resfriasse.

Aziru continuava a dançar, a sapatear e a cantar em voz estentórica, inteiramente alheio à trabalhadeira que me dera de vir de tão longe. Insistiu em mostrar o dente do filho aos membros da sua corte e aos seus oficiais. Até mesmo os guardas das muralhas foram chamados para examinar o incipiente incisivo. Todos rodearam afoitamente o berço, em meio ao ressoar de escudos e espadas, admirando a criança e querendo enfiar os dedos sujos na boca do infante para ver e sentir o dente. Foi preciso que eu os mandasse sair intempestivamente e dissesse a Aziru que se dominasse pelo menos em nome de sua dignidade pessoal.

Aziru ficou apatetado e considerou:

- De fato esqueci tudo isso e fiz um escarcéu desnecessário. É que passei muitas noites acordado junto deste berço, com o coração aflito. Mas debes compreender que se trata de meu filho, sim, do meu primogênito, do meu príncipe, da minha jóia, da pupila dos meus olhos, do meu leãozinho que um dia usará a coroa de Amurru e governará muitas terras. Pois é deveras meu intento



tornar grande esta nação, válida como herança, para que ele louve o nome paterno. Sinuhe, Sinuhe, nem sabes quanto te estou grato por me haveres tirado tamanha dilema de cima do coração. Hás de reconhecer que jamais viste um garoto mais bonito durante todas as tuas viagens. Olha para o cabelo dele - parece a juba de um leão - e dize-me se por ventura já viste cabelo assim numa criança desta idade! Tu próprio reparaste que o dente parece uma pérola sem mácula, refulgente... Olha para os braços, as pernas!...

Fiquei tão cansado da sua lengalenga que redargüi que ele mais o filho fossem para o mais profundo dos subterrâneos; declarei-lhe que me achava com os membros tolhidos por causa da tremenda abalada desde Esmirna até ali e ignorava se estava com os pés ou com a cabeça no chão. Mas Aziru acalmou-me com maneiras e palavras, passou o braço em torno dos meus ombros, ofereceu-me lauto jantar em rica baixela, carneiro assado, arroz com fatias de lombo, bem como vinho em gomis de ouro. Retemperei-me, perdoei-lhe tudo.

Permaneci como seu hóspede durante alguns dias. Deu-me opulentos presentes e bastante ouro e prata; sua fortuna crescera muito depois do nosso último encontro. De que modo o seu pobre país se enriquecera não me contou, mas riu por sob a barba e declarou que a esposa que eu lhe dera lhe acarretara boa sorte. Keftiu também se mostrou cordial, testemunhando alto respeito, decerto por se lembrar das bastonadas com que muitas vezes eu provara a consistência da sua pele. Acompanhava-me por toda parte, saracoteando com a maior opulência, olhando-me ternamente e acariciando-me com o sorriso. Tão ardente era o amor de Aziru por Keftiu que raramente visitava as demais esposas, e isso mesmo fazendo por mera cortesia, pois eram filhas dos chefes tribais cuja aliança sabia manter prudentemente.

Eu viajara tanto e vira tal quantidade de nações que Aziru sentiu impelido a se jactar do seu poderio. Falou demais, razoavelmente no futuro imediato se tendo arrependido.

Foi assim que vim a saber que os homens que me atacaram em Esmirna e quase me jogaram no porto eram agitadores remetidos

por ele e que, por intermédio dos mesmos, viera a se retificar do meu regresso. Deplorou o que me sucedera mas acrescentou:

- Evidentemente tem que haver muitos egípcios de cabeças quebradas, e muito soldado egípcio tem que ser atirado nas águas do porto até que Esmirna, Biblos, Gaza e Sido se dêem conta de que os egípcios não são invulneráveis, que uma vez sangrados a vida lhes foge com o sangue uma vez o couro lhes sendo aberto. Os mercadores da Síria são cautelosos demais, os príncipes muito tímidos e o povo tão inerte como bois. Cabe-me alertar toda essa gente, guiá-la, mostrar-lhe as vantagens.

Perguntei-lhe:

- Mas por que motivo, Aziru? E por que razão tens tanto ódio dos egípcios?

Cofiou a barba anelada e disse com um sorriso:

- Quem disse que eu os odeio, Sinuhe? Acaso te odeio? Cresci no palácio dourado do faraó, como meu pai antes de mim e todos os outros príncipes egípcios. Aprendi acolá que perante os olhos das pessoas cultas todos os povos não passam de um todo; que nenhuma nação é mais valorosa ou mais covarde do que a outra, ou mais cruel ou mais generosa; ou então mais ímpia ou mais distinta. Que entre todas as raças existem heróis e pusilânimes, homens direitos e tratantes. E isso é verdade tanto na Síria como no Egito. Por isso os governos não odeiam ninguém e reconhecem não haver diferença entre as nações... Mas o ódio é uma grande força na mão de quem governa! É mais poderoso do que quantidades e quantidades de armas porque sem o ódio nenhum braço é suficientemente forte para manobrar uma arma. Ora aí está por que motivo estou fazendo quanto posso para semear ódio entre a Síria e o Egito. Todas as cidades, todas as raças da Síria devem aprender que os egípcios são mais covardes, mais cruéis, mais corruptos, mais ambiciosos, mais ingratos e mais desprezíveis do que os sírios. Tem que aprender a cuspir sempre que ouvirem falar em tal povo e devem considerá-lo como bandos de usurpadores, opressores, violadores de crianças, até que tal ódio consiga remover montanhas.

- Mas nada disso é verdade conforme tu mesmo asseveraste ainda agora.

Encolheu os ombros, agitou as mãos, e disse:

- Que é a verdade, Sinuhe? Quando o sangue sírio houver absorvido suficientemente a verdade que lhes ofereço jurarão por todos os seus deuses que essa é a única verdade, e não acreditarão em ninguém que afirme o contrário. Persuadir-se-ão que são um povo mais forte, mais bravo e mais correto do que qualquer outro povo do mundo. Imaginarão que amam a liberdade bem mais do que temem a morte a fome e as vicissitudes. E estarão dispostos a pagar qualquer preço para obtê-la. Ensinar-lhes-ei isso; muitos acreditam e cada crente irá convertendo outros até que a nova verdade se alastre como um fogo de sarça através da Síria inteira. É ou não é verdade que o Egito outrora invadiu a Síria com fogo e sangue? Portanto com fogo e sangue daqui deve ser expulso.

- Mas a que liberdade te referes quando lhes falas? - perguntei-lhe, apreensivo com as suas considerações concernentes ao Egito.

Tornou a erguer as mãos e disse com novo sorriso perspicaz:

- Liberdade é uma palavra que tem muitos significados. Alguns a trocam por uma coisa, outros por outra; mas isso não tem nenhuma importância enquanto a liberdade total não for atingida. Muitos homens são necessários para que a liberdade seja alcançada. Uma vez ganha, o mais garantido é não dividi-la pelos demais e sim rete-la. Creio que a terra de Amurru será chamada um dia o berço da liberdade. Uma nação que acredita em tudo quanto lhe é dito é como um gado que transpõe uma passagem guiado por um bordão ou como um rebanho que acompanha o chocalho sem refletir para onde é levado. Parece-me que serei eu quem conduzirá o gado e guiará o rebanho.

- Deves de fato ter uns miolos de carneiro para falares assim tão perigosamente. Quando o faraó estiver ciente disso enviará seus carros e suas espadas contra ti. Derrubará tuas muralhas e te dependurará junto com filho de cabeça para baixo na amurada do seu navio de guerra quando regressar a Tebas.

Aziru apenas sorriu. ..Não me parece que corra algum perigo da parte do faraó, pois recebi de suas mãos o símbolo da vida e ergui um templo ao seu deus. Acredita em mim mais do que em qualquer outra pessoa da Síria...Mais até do que em seus emissários ou nos oficiais de guarnição e que veneram Ammon. Vou agora mostrar-te uma coisa bem interessante.

Levou-me até às muralhas e mostrou-me um corpo nu e ressequido que pendia da muralha preso pelos tornozelos; estava recoberto de moscas.

- Chega mais perto e verás que se trata de um homem circuncidado; realmente, é um egípcio. Era cobrador de impostos do faraó; teve a ousadia de vir examinar minuciosamente tudo a ponto de descobrir que eu me achava atrasado um ano ou dois com o meu tributo em dinheiro. Meus soldados divertiram-se muito com ele antes de pendurá-lo na muralha por tamanha desfaçatez. Com isto consegui especificadamente que os egípcios não viajem de bom grado pela terra de Amurru, mesmo em grandes bandos; e os mercadores preferem pagar suas taxas a mim e não a eles. Aprenderás o sentido disso quando eu te disser que Megido se acha sob o meu domínio, obedecendo às minhas ordens e não à guarnição egípcia que se aboletou na fortaleza e não ousa se aventurar pelas ruas da cidade.

Estarrecido, disse-lhe:

- O sangue deste pobre homem cairá sobre a tua cabeça. Tua punição será terrível quando o fato for conhecido, pois se há uma coisa em que não se bole no Egito é num cobrador de impostos.

Procurei explicar-lhe que tinha uma noção errada da riqueza e da majestade do Egito e o adverti quanto ao seus despautérios.

Fiz-lhe ver que até mesmo um saco de couro incha quando cheio de ar mas que uma vez perfurado se amarfanha. No entanto Aziru apenas ria fazendo cintilar seu dente de ouro; e encomendou mais carneiro assado que foi trazido em pratos de prata de modo a exhibir sua riqueza.

Seu gabinete estava cheio de lousas de argila porque os mensageiros lhe traziam combinações e acordos de todas as cidades da Síria. Recebia comunicados também do rei dos hititas

e até mesmo de Babilônia, fato que não deixou de se jactar muito embora não me deixasse ver o conteúdo. Mostrou muita curiosidade em me ouvir falar sobre a terra dos hititas; mas percebi que sabia tanto quanto eu a tal respeito.

Os emissários hititas visitavam-no e falavam com seus guerreiros e chefes de tribos. Quando averigüei isso disse:

- O leão e o chacal podem fazer aliança para caçar a mesma presa... mas acaso já viste os pedaços que acabam constituindo a parte do chacal?

Novo sorriso.

- Grande é a minha sede de conhecimento e, como tu, gostaria de aprender novas coisas; mas os negócios de Estado me impedem de viajar como tu que não tens responsabilidades e és livre como os pássaros do ar. Que dano há, por conseguinte, se os oficiais hititas aperfeiçoam os meus chefes de tribo nas artes da guerra? Dispõem de armas novas e da experiência que nos falta. Isso só pode redundar em vantagem do faraó, pois caso venha alguma guerra... Ora, não tem a Síria sido um escudo do faraó e muitas vezes ficando bem ensangüentado? Eis uma coisa que devemos lembrar quando tivermos que computar nossas contas.

Ouvindo-o falar em guerra me lembrei de Horemheb e disse:

- Estou abusando da tua hospitalidade; devo agora voltar para a Síria. Poderás por à minha disposição uma liteira? Nunca mais subirei num desses carros medonhos. Prefiro ser abatido imediatamente. Esmirna se tornou um deserto para mim e sem dúvida já suguei bastante, senão demasiadamente, o sangue da pobre e exânime Síria. Minha idéia é embarcar para o Egito. Talvez não nos tornemos a ver durante muito tempo... Talvez não nos vejamos nunca mais porque a lembrança da água do Nilo deleita a minha boca. Quem sabe se agora não me restringirei a beber-la para sempre, já que vi suficientemente os males do mundo, boa parte dos quais me foi relatada por tua boca?

Aziru replicou:

- Que homem há que saiba o dia de amanhã? Seixos rolados não juntam musgo, e a inquietação que fulgura em teus olhos não permitirá que te detenhas longo tempo num único lugar.

Despedimo-nos amistosamente. Deu-me uma liteira e muitos presentes, e seus guerreiros me escoltaram no meu regresso a Esmirna para que eu não sofresse violência da parte de ninguém pelo fato de ser egípcio.

Ao transpor as portas de Esmirna uma andorinha passou que nem uma seta rente à minha cabeça; meu espírito alvoroçou-se; a rua queimava meus pés. Assim que atingi minha casa disse a Kaptah:

- Reúne nossos pertences e vende a casa. Vamos para o Egito. Não é necessário descrever a nossa viagem que para mim é agora como uma sombra ou um sono inquieto. Quando por fim subi para bordo do navio que devia me levar de volta para Tebas, a cidade da minha infância, uma saudade tão intensa e ilimitada se apossou da minha alma que eu não podia ficar sentado, em pé ou deitado; tive pois que andar incessantemente pelo convés atulhado de esteiras enroladas e de fardos de mercadoria. O cheiro da Síria perdurava em minhas narinas, e cada dia que passava fazia aumentar a minha ânsia de rever, em lugar da costa rochosa, certa ourela baixa e verde com alcatifas de caniços. Sempre que o navio se detinha durante dias na extremidade de um cais das cidades litorâneas, eu não tinha serenidade bastante para baixar à terra, ir percorrer as ruas e obter informações. O zurrar dos jumentos na praia misturado com os pregões dos peixeiros e o zumbido de línguas estrangeiras, tudo isso formava em meus ouvidos uma zoeira inseparável da que ocasionam as ondas. A volta da primavera se entremostrava nos vales da Síria. Vistas da banda do mar as colinas eram vermelhas como vinho, e ao cair das tardes o espadanar das vagas nas praias formava uma faixa esverdeada. Os sacerdotes de Baal provocavam retumbante movimento nas alamedas estreitas; produziam golpes no rosto com facas de cristal até o sangue jorrar enquanto mulheres de olhos ardentes e cabeleiras soltas os seguiam carregando padiolas de madeira. Mas tudo isso eu já vira muitas vezes, antes. Essas maneiras esdrúxulas e esse paroxismo brutal revoltavam-me porque diante dos meus olhos já flutuava uma discreta imagem da minha pátria.

Cuidara que meu coração se empedernira, que já agora me afeiçoara a todos os costumes e crenças, que compreendia os povos

de todas as cores e a todos acatava, e .que meu único intento tinha sido e ainda era acumular conhecimento. No entanto a averiguação de que me achava de regresso à Terra Negra irrompeu como uma chama viva através de minha alma.

Pus de lado meus pensamentos do mundo como roupagens estrangeiras, e mais uma vez me tornei egípcio. Que vontade de sentir de novo o cheiro de peixe frito na hora do crepúsculo nas ruas de Tebas quando as mulheres acendem seus fogões diante das choupanas! Que saudade do gosto do vinho egípcio e das águas do Nilo com seu travo de lama fértil! Que ânsia de poder ouvir novamente o sussurrar dos caniços de papiro na brisa vespertina, de rever o cálice da flor de lótus se entreabrir nas vargens, de contemplar a escrita em imagens nos templos, de fitar os pilares coloridos, cheios de imagens eternas, e de surpreender o aroma do incenso entre os mesmos pilares! A tanto subira o alvoroço em meu coração.

Regressava à pátria, conquanto não tivesse pátria e fosse um estrangeiro na face da terra. Estava de volta à pátria e a memória não me punha mais. O tempo e o conhecimento adquirido se tinham acamado como areia em cima daquela amargura; já não sentia mais opróbrio nem mágoa; apenas uma ânsia inquieta contraía meu coração.

Da banda da ré a terra síria ia esmaecendo, assim próspera, fértil, fervilhando de ódio e desassossego. Nossa nave, impelida agora pelos remadores, deslizou ao rés das praias do Sinai, e os ventos do deserto sopravam quentes e secos por sobre nossas faces, conquanto estivéssemos na primavera. Certa manhã porém, aquela banda esquerda do mar se apresentou amarelenta e, além dela a terra era como uma estreita fita verde. Os marinheiros mergulharam num cântaro que foi recolhido cheio de uma água que não era salgada: era a água do Nilo, tinha gosto de terra do Egito. Nem mesmo o vinho jamais me foi mais saboroso do que essa água barrenta colhida tão longe ainda em alto mar.

Kaptah observou:

- Água é sempre água, mesmo quando do Nilo. Tenha paciência, meu senhor, até que desçamos a uma boa taverna onde haja

cerveja clara e espumosa, dessa que a gente não precisa sorver por meio de um canudo de caniço para evitar os grumos de levedo. Então, sim, então somente é que me darei conta de que cheguei à pátria.

Seu ímpio tagarelar me irritou; retruquei- lhe:

- Uma vez escravo eternamente escravo, mesmo quando envolto em lã fina. Tem paciência mais um pouco, Kaptah, até que eu arranje um junco flexível... um desses que a gente só consegue cortar nos manais do Nilo... Então, sim é que sem dúvida te darás conta de que chegaste à pátria.

Não se mostrou ofendido; pelo contrário, com os olhos cheios de lágrimas e com o queixo a tremer, se inclinou diante de mim estendendo as mãos ao nível dos joelhos.

- Na verdade o meu senhor tem o dom de proferir a palavra certa no momento adequado, pois eu já havia esquecido quão doce é a carícia de um junco flexuoso nas pernas e nos lombos. Ah! Sinuhe, meu senhor, trata-se de uma experiência da qual eu desejava que o patrão também participas. E melhor do que a água ou a cerveja, do que o incenso ou o pato bravo por entre os caniços... Muito mais eloqüentemente do que tudo isso ela fala da vida no Egito onde cada um reencontra seu lugar apropriado e onde tudo é imutável. Não se admire se me ponho a chorar de emoção porque somente agora é que estou sentindo que regresso depois de haver visto apenas coisas exóticas, espantosas e desprezíveis. Ó abençoado junco, que repões cada um em seu respectivo lugar e soluciona todos os problemas! Não há nada como tu!

Choramingou ainda algum tempo e depois foi ungir o escaravelho; mas descobri que já não empregava óleo fino, como antes. É que a terra estava perto e ele considerou decerto que, uma vez no Egito, lhe bastaria sua própria astúcia.

Quando ancoramos no grande porto do Baixo Reino verifiquei pela primeira vez quão cansado eu estava de vestuários coloridos e volumosos, de barbas onduladas e de corpos gordalhufos. As ilhargas estreitas dos carregadores, suas sungas ou tangas, seus queixos raspados, seu idioma que era o do Baixo Reino, o cheiro do seu suor e do barro do rio, do porto e dos caniços - tudo era



diferente da Síria, tudo me era conhecido e íntimo. O traje sírio que eu trazia começou a me sufocar e pesar. Assim que ulimei meus negócios com os funcionários do porto e escrevi meu numa porção de papéis, saí imediatamente a comprar roupagens novas. Após tanto exagero de lã, o linho leve era suave em cima da pele. Mas Kaptah resolveu prosseguir vestido como um sírio porque receava que o seu nome pudesse constar ainda da lista de escravos fugidos, muito embora houvesse arranjado das autoridades da Síria uma lousa de argila certificando que nascera escravo na Síria onde fora legalmente comprado por mim.

Depois disso embarcamos com as nossas bagagens numa embarcação fluvial para continuar nossa viagem Nilo acima. Os dias iam passando, aproximando-nos cada vez mais do âmago do Egito. Em ambas as margens estendiam-se campos enxutos onde bois vagarosos arrastavam arados de madeira e lavradores seguiam os sulcos, de cabeça baixa, semeando o grão.

Andorinhas ondulavam com chilreios ansiosos por sobre as águas lentas e o barro dentro do qual em breve sumiriam durante o calor do ano. Palmeiras ondulantes ladeavam as margens e, à sombra de altos sicomoros, se aglomeravam choupanas de aldeias. A embarcação tocava no cais de cidades pequenas ou grandes e não havia uma única taverna ao longo das margens de acesso para onde Kaptah não corresse a fim de molhar a garganta com cerveja egípcia, para se gabar e contar episódios fantásticos de suas viagens e do meu talento e engenho enquanto uma assistência de estivadores ouvia, dava risadas, gracejava e invocava os deuses.

Assim vi outra vez os cumes das três colinas de encontro ao céu oriental, as três colinas guardiãs eternas de Tebas.

Os edifícios agora pareciam mais conglomerados; pobres aldeias tinham sido substituídas por subúrbios ricos em torno das muralhas da cidade que se erguiam altas como montes.

Vi a cobertura do grande templo, e seus pilares, os incontáveis prédios que o cercavam e o lago sagrado. Para a banda ocidental a Cidade dos Mortos se estendia até aos montes. O templo da morte dos faraós reluzia muito alvo entre as vertentes verdejantes, e os

renques de colunas no templo da grande rainha ainda pareciam um mar de árvores em flor.

Além das colinas se encravava o vale proibido com suas serpentes e seus escorpiões e onde, na areia da entrada da tumba do grande faraó, os corpos mumificados de meus pais Senmut e Kipa jaziam em repouso eterno. Mais para o sul, ao longo da praia fluvial, se erguia a casa dourada e majestosa do faraó quase etérea entre as muralhas e os jardins.

Estaria residindo acolá o meu amigo Horemheb?

A embarcação aproximou-se de um cais de pedra bem meu conhecido. Nada havia mudado, e não muito longe dali, em certa rua, estava o lugar onde eu passara a minha infância sem supor sequer que mais tarde daria cabo da vida de meus pais.

A areia do tempo, que se acamara por sobre essas amargas recordações, se deslocou um pouco. Tinha vontade aguda de me esconder, de cobrir a cabeça, e não senti alegria nenhuma, não obstante o marulhar da grande cidade atingir novamente os meus ouvidos e a pressa e a movimentação das pessoas transmitirem aos meus sentidos o pulsar febril de Tebas.

Eu não fizera planos com referencia ao meu regresso, deixando que tudo dependesse do meu encontro com Horemheb e da sua situação na corte. Mas quando meus pés tocaram as pedras do cais um projeto se aninhou em minha cabeça, plano esse que não prometia fortuna nem fama... e nem donativos pródigos em recompensa de todos os conhecimentos adquiridos, conforme eu sonhara primitivamente, mas tão somente uma vida obscura e simples entre clientela pobre. Todavia meu espírito se encheu com uma estranha serenidade quando vi meu futuro revelado assim. Essa solução, esse fruto secreto da experiência, amadurecera dentro de mim, discretamente. Quando ouvi o bulício de Tebas em redor de mim e meus pés tocaram as pedras cálidas do desembarcadouro, foi como se me transformasse outra vez em criança a contemplar com olhos solenes e curiosos meu pai Senmut atender à sua clientela.

Afastei os carregadores que me molestavam ruidosamente altercando uns com os outros e disse a Kaptah:

- Deixa a nossa bagagem na embarcação e vai depressa comprar uma casa... uma casa qualquer, contanto que esteja situada perto do porto no bairro pobre e do lugar onde existiu a casa de meus pais antes de ser derrubada. Arranja isso hoje mesmo para que eu possa me instalar logo e principiar amanhã mesmo a minha tarefa profissional.

Kaptah encarou-me com a mandíbula caída e a cara transformada numa verdadeira máscara de assombro. Estava certo de que nos dirigiríamos para o melhor hotel, e ali estávamos esperados apenas por escravos. Ainda assim ao menos uma vez não proferiu palavra alguma de protesto e, fitando bem a minha fisionomia, fechou a boca e lá se foi de cabeça baixa.

Naquela mesma noite me transferi para uma casa no bairro pobre, casa essa que tinha pertencido a um fundidor. Minha bagagem foi transportada até lá e estendi minha esteira no chão de terra batida. Fogões acesos diante das choupanas dos pobres cintilavam na treva, e o cheiro de peixe frito flutuava através da atmosfera de todo aquele bairro sujo, devastado e doentio. Depois, lâmpadas foram acesas diante das portas das casas de divertimentos, e música síria começou a vibrar nas tavernas fundindo-se com a celeuma de marujos bêbados; e o céu por cima de Tebas tinha um fulgor vermelho proveniente das inúmeras luzes do centro da cidade.

Eu viajara pelas mais recuadas estradas estrangeiras acumulando sabedoria e fugindo de mim próprio; e agora regressava.

Na manhã seguinte ordenei a Kaptah:

- Arranja-me uma insígnia de médico para ser colocada em cima da minha porta; quero que seja bem simples, sem ornamentos nem pinturas. E caso alguém procure se informar a meu respeito a meu respeito não fales da minha fama nem da minha habilidade; responde apenas que sou o médico Sinuhe, que recebo pacientes quer pobres quer ricos e que aceito os donativos que lhes permitam as posses.

- Pacientes pobres? - considerou Kaptah com surpresa e assombro. - O meu senhor estará em seu juízo certo? Não terá bebido água pantanosa? Não terá sido atacado por um escorpião?

- Trata de obedecer-me se é que desejas ficar comigo. Se esta casa simples não serve para a tua mentalidade, se o cheiro da pobreza ofende teu delicado nariz sírio, então tens licença de escolher o que melhor te aprouver. Decerto me roubaste bastante e estás apto, portanto, a comprar uma casa e arranjar uma mulher, caso queiras. Não te molestarei.

- Uma mulher? - exclamou Kaptah com espanto ainda maior. - Não resta dúvida de que o meu senhor está doente e acometido de febre mental. Para que hei de eu arranjar uma mulher que me maltratará, que cheirá meu hálito quando eu voltar da cidade e que quando eu acordar de manhã com dor de cabeça se plantará ao lado da cama com um porrete na mão e com descomposturas na boca? Para que arranjar uma mulher se a escrava mais comum satisfará meus interesses? Já debati esta questão com o meu senhor. Ora, quem manda, aqui? É o meu amo, cujos acertos e erros também me tocam, não obstante minha determinação de paz e de sossego ao cabo de tantas aventuras em que o patrão me meteu. Portanto se caniços servem de leito para o meu senhor por que motivo não servirão para mim? Apesar da miséria que nos rodeia neste bairro, ainda assim há alguma vantagem: por exemplo, tavernas e alcouces situados a pouca distância. A taverna chamada O Rabo do Crocodilo, da qual já lhe falei, é perto daqui. Espero que o patrão consinta que eu vá até lá e me embebede. Tudo o quanto se passou hoje me abalou profundamente, e urge que eu esqueça. Jamais acreditaria em tamanho disparate! Somente um louco esconderia uma jóia dentro de um monte de esterco; e é o que faz o meu senhor enterrando aqui neste bairro a sua ciência e perícia. Disse-lhe:

- Kaptah, todos nós nascemos nus, e na doença não existe diferença entre ricos e pobres, entre egípcios e sírios.

- Pode ser, mas nos donativos que trazem ao médico existem grandes diferenças - sentenciou Kaptah. - O pensamento do patrão não deixa de ser bonito e nada teria eu a opor se outra fosse a pessoa encarregada de efetuá-lo. Mesmo porque já agora, depois de tantas vicissitudes, chegou nossa vez de balançar no galho dourado. A sua idéia se adapta mais a uma pessoa nascida escrava;

eu mesmo quando era bem mais jovem tinha pensamentos desses, mas algumas bastonadas me restituíram o juízo.

- Para que possas apreender bem o meu intento geral digo até que se encontrar uma criança abandonada a adotarei e educarei como se fosse minha.

- E para que? - perguntou Kaptah, admirado. - No templo há um asilo para os enjeitados. Alguns deles chegam a ser sacerdotes menores, ao passo que outros, reduzidos a eunucos, levam vida faustosa nos haréns do faraó e dos nobres; vida que as mães deles jamais sonhariam. Se o meu senhor deseja um filho - o que aliás é mais do que compreensível - não há desejo de realização mais fácil. Se não quer comprar uma escrava, pode a qualquer momento seduzir qualquer moça pobre que se mostrará feliz e grata pelo fato do meu senhor tomar conta da criança e livrá-la da vergonha. Mas as crianças incomodam, e a alegria que dizemos que produzem é sem dúvida um exagero de expressão. Verdade é que não posso falar muito a tal respeito porque nunca vi um filho meu, muito embora deva ter deixado alguns por esse mundo além. Seria muito mais razoável que o meu senhor adquirisse hoje mesmo uma escrava bem jovem. Ela me serviria de auxílio também pois já estou com os braços e as pernas bem cansados e minhas mãos tremem em consequência de tantas aventuras; de manhã ainda tremem mais. Tomar conta da casa e preparar a comida é tarefa demasiada para mim principalmente se considerarmos que tenho que administrar suas rendas.

- Não tinha pensado nisso, Kaptah. Contudo, não comprarei uma escrava. Podes alugar um criado, se quiseres, pois aí está uma providencia que mereces. Se ficares em minha casa terás liberdade total de locomoção, e isso por causa de tua fidelidade, e acredito que, com a ajuda da tua sede me obterás informações valiosíssimas. Age portanto conforme te disse e não me perguntes mais nada, pois a minha resolução adveio de uma inspiração mais forte do que eu e que não pode ser contrariada. Isto posto, saí a me informar dos antigos amigos.

Na Botilha Síria perguntei por Thothmes; mas o dono era outro e não soube me dizer do paradeiro de certo pintor pobre que vivia

de desenhar gatos em livros ilustrados para os filhos dos ricos. Em seguida fui até às tendas inquirir sobre Horemheb; mas as barracas se achavam vazias. No pátio não havia lutadores, nem lanceiros investindo contra sacos atulhados de caniços; e muito menos ferviam enormes caldeirões nos telheiros, como outrora. Tudo estava deserto.

Um sargento taciturno sardanita contemplava-me enquanto esfregava os artelhos na areia. Tinha o rosto muito adunco e seco e me fez uma mesura quando perguntei por Horemheb, o comandante do faraó que alguns anos antes guerreara os cabírios na Síria. Falando mal o idioma egípcio, o homem me informou que Horemheb ainda era comandante mas que se achava ausente havia alguns meses na terra de Kush onde fora licenciar as guarnições e desobrigar do serviço as respectivas tropas. Ignorava-se quando ele voltaria. Dei ao homem uma moeda de prata por causa do seu feitio desanimado; ele então esqueceu sua dignidade de sardanita, sorriu e tomado de gratidão invocou o nome de um deus desconhecido. Quando pretendi me retirar ele ainda me deteve um pouco, apontando com mão negligente para o pátio e dizendo:

- Horemheb é um grande oficial que entende os soldados e que por sua vez intrépido. Horemheb é um leão, o faraó é um bode sem chifres. As barracas estão vazias; não há comida, não há pagamento de soldo. Meus camaradas esmolam por aí. O que será de nós, não sei. Que Ammon vos abençoe pela moeda de prata; sois um homem bom. Há meses que não bebo, e meu ventre está cheio de receios. Se deixei a minha terra foi por causa das muitas promessas. Os oficiais egípcios encarregados do recrutamento iam de tenda em tenda e prometiam muita prata, muitas mulheres e muita bebida. E agora? Nem prata, nem bebida, nem mulheres!

Cuspiu para demonstrar seu desgosto e esfregou o pé caloso no chão. Era um sardanita cheio de mágoas e queixas, e fiquei preocupado com o que deduzi de suas palavras, isto é, que o faraó desengajara os seus soldados e licenciara as tropas que haviam sido levadas para o estrangeiro nos dias de seu pai. Meus pensamentos voltaram-se para o velho Ptahor; onde poderia

encontrá-lo? Muni-me de coragem e dirigi-me à Casa da Vida no templo de Ammon a fim de procurar seu nome entre as papeletas. Mas o homem do arquivo me disse que o trepanador real jazia na Cidade dos Mortos cerca de um ano ou mais. Assim, não reencontrei um único amigo em Tebas.

Como estivesse ali no templo fui para o grande vestíbulo de colunas, à hora do sagrado dilúculo de Ammon. O aroma do incenso pairava por entre as colunas de pedra colorida com suas diferentíssimas inscrições sacras; bem no alto as andorinhas entravam e saíam como setas por entre as rendas de pedra das janelas. Mas o templo estava quase vazio, e o adro também; e notei que nas incontáveis barracas e lojas havia menos negócio e regateio do que antigamente.

Sacerdotes de crânios raspados e untados de óleo, com túnicas brancas, olhavam-me desconfiados; as pessoas diante da fachada conversavam em voz baixa e olhando para os lados como se temessem espiões.

O zumbido fervilhante do pátio que me era tão familiar nos meus tempos de estudante parecendo o clamor do vento por entre os juncais, reduzia-se agora quase a silêncio. Conquanto não venerasse absolutamente Ammon, ainda assim fui tomado de melancolia como acontece a um homem que pensa na sua mocidade, tenha ela sido boa ou má. Quando saí e me encaminhei por entre os pilonos e as estátuas gigantescas dos faraós, observei que um novo templo crescera ao lado do velho; era de proporções maciças e completamente esquisito como desenho. Dentro não havia divisões, e ao penetrar verifiquei que a colunata rodeava um pátio central onde se achava o altar coberto de oferendas de cereais, flores e frutos. Um grande alto-relevo mostrava Aton dardejando seus raios sobre o faraó que oficiava o sacrifício; cada raio terminava em forma de mão abençoadora segurando a cruz da vida. As cabeças dos sacerdotes paramentados de branco não eram raspadas; e quase todos eram muito moços. Seus semblantes cintilavam de êxtase enquanto cantavam o hino cujas palavras me lembro haver escutado na longínqua Jerusalém. Mais impressionantes, porém, do que os sacerdotes ou as imagens eram

os quarenta gigantescos pilares. Em cada qual estava esculpido em tamanho proporcional o novo faraó olhando para o observador com os braços firmemente cruzados no peito e segurando nas mãos o cajado e o azorrague da majestade.

Que aqueles pilares esculpidos eram representações do faraó compreendi logo, pois reconheci seu semblante apaixonado e extático, suas ilhargas robustas, seus braços e pernas esguios. Tomei-me de admiração e assombro pelo artista que ousara e conseguira esculpir aquelas estátuas, pois a arte livre com que outrora sonhara meu amigo Thothmes estava visível ali, em sinistra perversão.

Todas as deformidades do corpo do faraó tinham sido conservadas até mesmo com exagero - as coxas retesadas, os tornozelos finos, o pescoço esguio e fanático - como se possuíssem alguma significação especial. O mais assombroso de tudo era o rosto do faraó - aquele rosto esquisitamente comprido, com as sobrancelhas oblíquas, os malarres salientes, o sorriso secreto e irônico de blasfemador e de sonhador pairando nos labóios grossos. No templo de Ammon os faraós de pedra jaziam de cada lado dos pilonos como gigantes majestosos e divinais. Aqui, todavia, as esculturas tumefatas e nodosas que me olhavam de cada um dos quarenta pilares em torno do altar de Aton, representavam um homem em nada diferente dos demais homens. Aquele todo humano aprisionado na pedra manifestava ao mesmo tempo instinto, nervosismo e fanatismo.

Tremi até às profundidades do meu ser ao contemplar aqueles pilares porque pela primeira vez estava vendo o quarto Amenhotep conforme ele próprio se veria ao natural.

Vira-o uma vez, quando ainda um mancebo frágil sacudido pelo mal sagrado. Examinando-o com olhos de médico - conquanto ainda novato - eu tomara suas palavras como rasgos de delírio. E agora eu o via como o escultor o vira, numa fusão de ódio e de amor devido à coragem desse escultor egípcio diferente de todos os mais. Sim, pois se um seu precursor ousasse uma escultura do faraó com tamanha veracidade teria sido mutilado e dependurado de cabeça para baixo, por crime de traição.



Mas havia poucas pessoas naquele templo. Algumas delas, a julgar pelos linhos reais, pelos colares pesados e jóias diversas, deviam ser nobres e membros da corte real. As pessoas comuns ouviam com fisionomias estupefatas e hirtas o cântico dos sacerdotes porque as palavras eram novas e diferiam completamente das antigas invocações utilizadas durante dois mil anos - desde a construção mesmo das pirâmides. Os ouvintes estavam acostumados desde a infância a ouvir aquelas antiqüíssimas orações, e as compreendiam pelo coração mesmo que não refletissem quase no sentido.

Contudo, quando o hino acabou, um velhote que a deduzir pelo traje parecia da província deu uns passos à frente, respeitosamente, a fim de falar com os sacerdotes e comprar um talismã, um olho protetor, uma tira de papel com um texto mágico se era que havia tais coisas ali e o preço fosse moderado. Os sacerdotes responderam-lhe que não vendiam tais objetos naquele templo visto como Aton não precisava de mágicas, donativos nem sacrifícios, descendo voluntariamente a quantos acreditavam nele.

O velho, ofendido, retirou-se murmurando ápodos contra tais mentiras e tolices; e vi quando penetrou no pórtico antigo e tão seu conhecido do templo de Ammon.

Aproximou-se então dos sacerdotes uma velha peixeira, olhou-os com benevolente respeito e perguntou:

- Ninguém oferece carneiros ou bois a Aton de modo a que vós outros, pobres rapazes magricelas, possais obter de vez em quando um bom pedaço de carne?! Se vosso deus é forte e poderoso, conforme dizem, mais forte e mais poderoso até do que Ammon - coisa que todavia não chego a acreditar - por que motivo seus sacerdotes não hão de ser gordos e luzidios devido ao bom trato? Não passo de uma simples mulher ignorante, mas de coração profundo a vos desejar boas carne e rijas gorduras.

Os sacerdotes riram e sussurraram como garotos maldosos. O mais velho dentre eles se empertigou gravemente e disse à mulher:

- Aton não deseja sacrifícios sangrentos e não convém que neste templo se mencione o nome de Ammon porque Ammon é um falso deus cujo trono cairá em breve e cujo templo se desfará em ruínas.

A mulher recuou instantaneamente, deu uma cusparada no chão e fazendo o santo sinal de Ammon, exclamou:

- Vós o dissestes, e não eu. Que a maldição caia sobre vós. A mulher embarafustou para a saída acompanhada por outras pessoas olhando de esguelha para os sacerdotes. Mas estes riram alto e gritaram em uníssono:

- Pois ide, homens de pouca fé; mas sabei que Ammon é um falso deus! Ammon é um ídolo e seu domínio cairá como a erva cortada pela foice.

Então um dos que se retiravam agarrou uma pedra e a arremessou. A pedra colheu um dos sacerdotes ferindo-o na cara que ficou ensangüentada. O sacerdote cobriu o rosto com as mãos, lamentando-se amargamente, enquanto os outros sacerdotes começaram a chamar os guardas; mas o agressor já rodopiara nos calcanhares fundindo-se com o grupo diante dos pilonos de Ammon. Tudo isso me deu muito que pensar. Dirigindo-me aos sacerdotes disse-lhes:

- Na verdade sou um egípcio, mas residi muito tempo na Síria e não conheço esse novo deus a quem chamais Aton. Não poderíeis em vossa caridade esclarecer a minha ignorância e explicar-me quem ele é, o que exige e de que forma deve ser venerado?

Hesitaram, analisando meu rosto, desconfiados de que se tratasse de zombaria, e por fim responderam:

- Aton é o deus único. Criou a terra e os rios, a humanidade e os animais e tudo quanto existe sobre a face da terra. E eterno, foi venerado como Ra em suas primitivas manifestações, mas em nosso tempo se revelou como Aton a seu filho faraó que vive para a verdade. E o único deus, os demais são ídolos. Atende a quem quer que se volva para ele. Ricos e pobres são iguais perante o seu olhar, e todas as manhãs o saudamos no disco do sol. Abençoa a terra com seus raios; brilha por sobre os bons e os maus e oferece a cada um a cruz da vida. Se o receberdes sereis seu servo pois seu ser é o amor. É imortal, eterno e onipresente; nada pode acontecer sem a sua vontade. Por obra e graça de Aton o faraó pode ver dentro do coração de todos os homens e perscrutar mesmo os seus pensamentos mais secretos.

Protestei, então:

- Neste caso ele não é humano, pois homem algum tem o poder de olhar para dentro do coração dos outros.

Reuniram-se em concílio provisório e instantâneo ali mesmo e replicaram:

- Conquanto o faraó pessoalmente deseje ser apenas humano, não duvidamos que a sua essência seja divina. E isso se tem patenteado em suas visões durante as quais pode viver muitas vidas em um curto espaço de tempo. Mas isso só pode ser conhecido por aqueles que são amados por ele; eis a razão pela qual o artista o modelou nestes pilares ao mesmo tempo como homem e mulher pois Aton é a força viva que anima a semente do homem e faz a criança emergir da matriz materna.

Então ergui as mãos em gesto de desespero e segurando a cabeça, exclamei:

- Não passo de um homem simples, tão simples quanto a mulher de ainda agora, e não posso absolutamente apreender essa vossa sabedoria. Aliás, tudo isso parece obscuro mesmo para vós outros, tanto que tendes que vos consultar antes de responder.

Retrucaram a uma voz:

- Aton é tão perfeito quão perfeito é o disco do sol e tudo quanto existe, vive e respira nele é perfeito. O pensamento humano é imperfeito e parece trévoa; devido a isso não vos podemos esclarecer perfeitamente, pois nós próprios não sabemos tudo e somos obrigados a aprender sua vontade dia após dia. Sua vontade só é revelada plenamente ao faraó, seu filho, que vive para a verdade.

Tais palavras me impressionaram, pois me mostraram que aqueles sacerdotes eram resolutos de coração embora se vestissem com linhos finos, ungissem a cabeça, se deliciassem com a admiração das mulheres e achassem graça nos simples.

O elemento que dentro de mim chegara à maturação independentemente da minha vontade e conhecimento, correspondia àquelas palavras. Pela primeira vez refleti que o pensamento humano era deveras imperfeito e que para além dele existiam coisas que os olhos não podiam ver, que os ouvidos

não podiam ouvir nem as mãos agarrar. Dar-se-ia o caso faraó e de seus sacerdotes terem encontrado a verdade ultima dando-lhe o nome de Aton.

Foi ao crepúsculo que voltei para casa. Por cima da porta pendia uma simples tabuleta, e no pórtico se achavam agachados alguns clientes que me esperavam pacientemente. Kaptah, com ar descontente, estava sentado no pátio abanando com uma folha de palmeira as moscas que insistiam em lhe pousar na cara e nas pernas. As moscas tinham vindo com os pacientes. Para consolar-se Kaptah tinha a seu lado um pichel com cerveja colhida recentemente. Ordenei-lhe que me mandasse primeiro uma mulher que segurava ao colo uma criança edemaciada Dei-lhe o remédio de que necessitava: algumas moedas de cobre com que comprar alimento adequado para poder amamentar o filhinho.

Em seguida atendi a um escravo que esmagara uns dedos num moinho; coaptei-lhe as fraturas e as luxações, ministrei-lhe uma droga calmamente para amortecer a dor. Depois veio um velho escriba com um tumor no pescoço do tamanho da cabeça de uma criança; em conseqüência disso tinha os olhos saltados, andava com a cabeça torta e sofria falta de ar. Dei-lhe um extrato de sargaço - remédio que me ensinaram em Esmirna - apesar de me parecer tarde demais para curá-lo. O escriba desembulhou de um trapo duas moedas de cobre e mas ofereceu com olhar solícito, envergonhado da sua pobreza. Não aceitei, dizendo-lhe que me valeria de seus serviços assim que precisasse de qualquer trabalho de escrita. Partiu satisfeito por haver poupado seu dinheiro. Uma rapariga de um alcouce próximo procurou meu auxílio porque seus olhos estavam tão cheios de crostas que lhe dificultavam a profissão. Limpei-os bem e preparei-lhe um colírio cuja aplicação acabaria curando o mal. Ela então, contrafeita, se despiu para me oferecer o único dom que me podia conceder..

Não querendo melindrá-la com uma recusa disse-lhe que devia me abster de mulheres devido a um importante tratamento que ia iniciar. Acreditou e louvou minha força de disciplina. Eu então, para que a sua boa vontade adquirisse mérito, lhe removi de cima do fanco e do ventre algumas verrugas desgraciosas tendo antes

esfregado um unguento entorpecedor a fim de tornar a operação insensível; e a rapariga se retirou, radiante.

Está certo que a minha primeira tarde de trabalho me rendeu menos do que o necessário para comprar sal para o meu pão; e Kaptah zombou disso enquanto me servia um ganso gordo preparado à moda tebana, prato esse sem rival no mundo.

Trouxera-o pronto de uma taverna de luxo da cidade e o conservara no forno para não esfriar. Encheu um copo colorido com o vinho mais caro dos vinhedos de Ammon, sem cessar de escarnecer o lucro do meu trabalho durante aquele dia. Mas tal trabalho me deixara em melhor disposição de ânimo do que se houvesse tratado um rico mercador e este me recompensasse com uma corrente de ouro. E devo acrescentar que o escravo do moinho voltou daí a alguns dias para mostrar que seus dedos estavam sarando bem e para me oferecer uma bateria inteira de cozinha que roubara. Desta forma o meu primeiro dia de trabalho não decorreu assim desvantajosamente. Mas Kaptah disse:

- Acho que já hoje mesmo a sua fama se espalhará pelo bairro todo e que amanhã de madrugada o pórtico e o pátio estarão cheios de doentes. Parece-me até já estar ouvindo as vozes recíprocas dos mendigos: "Depressa, toquemos para a antiga casa do fundidor da esquina, pois chegou um médico que trata os doentes muito bem, sem dor nem pagamento, e que ainda oferece moedas de cobre às mães necessitadas e pratica operações embelezadoras nas raparigas pobre dos alcouces, tudo isso sem aceitar donativos. Vamos para lá, depressa! Os que chegarem primeiro terão mais vantagens, pois o homenzinho acabará precisando vender a casa e decerto não demorará muito nestas bandas." Mas tais bestalhões estão enganados. Mercê da boa sorte, o meu senhor possui muito ouro que habilidosamente vou por a render. Jamais em toda a vida há de o meu patrão passar necessidade; comerá ganso diariamente se quiser, beberá do melhor vinho, e ainda por cima prosperará, contanto que se contente em permanecer nesta casa modesta. No entanto, como o meu senhor não se comporta nunca pelo padrão dos demais, não me surpreenderei se acordar certa manhã com cinzas nos cabelos pelo fato do meu senhor

haver vendido esta casa e o seu pobre escravo Kaptah... Sim, pois índoles há que nunca estão quietas... Para ser franco, isso não me surpreenderá. Por conseguinte, patrão, será melhor declarar num documento escrito que tenho liberdade de ir e vir conforme me aprouver; será bom também se registrar tal documento nos arquivos reais. A palavra falada é esquecida e se esvai, ao passo que a palavra escrita permanece para sempre uma vez o patrão lhe apondo seu sinete e oferecendo presentes adequados aos escribas do rei. Tenho razões especiais para esta minha exigência; mas não quero agora incomodar seus pensamentos nem atrapalhar suas horas.

Era uma noite suave de primavera. Fogos de restolho crepitavam diante das choupanas, e o vento que vinha do porto trazia o odor de cedro e de perfumes da Síria. A fragrância das acácias se misturava com o cheiro de peixe frito.

Eu comera ganso preparado à moda tebana, bebera vinho e sentia boa disposição.

Disse a Kaptah que enchesse um púcaro com aquele mesmo vinho e que o fosse bebendo, enquanto lhe falei assim:

- És livre, Kaptah, e sempre o foste, conforme sabes muito bem, pois, não obstante a tua desfaçatez, te tenho tratado mais como um amigo do que como escravo; e isso desde o dia em que me cedeste prata e cobre cuidando que não reverias nunca mais esse teu dinheiro. Concedo-te a liberdade, Kaptah. Se feliz! Amanhã o escriba do rei lavrará o termo legal a que a porei os meus dois sinetes, o egípcio e o sírio. Diz-me, porém agora, de que forma aplicaste os meus bens para que me rendam sem que eu, aliás, veja vantagem específica! Guardaste o meu ouro nos cofres do templo conforme te ordenei?

- Absolutamente, patrão! - respondeu Kaptah fitando bem o meu rosto com o seu olho único. - Não cumpri sua ordem por ser uma ordem idiota; bem sabe que jamais cumpri suas ordens tolas, tendo agido sempre, a tal respeito, segundo o meu bom-senso. Posso agora lhe dar isso com segurança porque já não sou mais escravo, o meu ex-amo bebeu com moderação e portanto não se enfurecerá desordenadamente. Mesmo porque, conhecedor que sou

do seu temperamento impulsivo - que a idade ainda não conseguiu abrandar - tomei a precaução de esconder o junco! Esta última declaração visa apenas o meu amigo não perder tempo em procurá-lo quando eu começar a fazer o meu relato. Apenas os bestalhões encerram seu dinheiro no templo para aí ficar bem guardado; o templo não paga nada por isso, pelo contrário extorque pagamento para tal depósito e garantia; e isso é estúpido ainda por mais uma razão: o departamento de impostos se põe assim a par da quantidade de ouro, o resultado sendo que este some rapidamente, sem sobrar nada. O único intuito razoável que há em juntar ouro está na possibilidade de po-lo a render de modo ao dono ficar sentado de braços cruzados, mastigando sementes de lótus assadas com sal para que produzam sede inefável. Percorri a cidade o dia inteiro orientando-me quanto à melhor forma de aplicar seus fundos monetários; foi o que fiz enquanto o meu ex-amo batia pernas por aí. E graças à minha sede aprendi muita coisa; entre outras, que Ammon está vendendo terras.

- Deixa de mentiras! - exclamei, porque tal enunciado era absurdo. - Ammon nunca vende nada! Sempre compra tudo! Sempre comprou e atualmente é dono de um quarto de toda a terra da nação. E, uma vez adquirindo uma coisa, jamais a larga!

- Naturalmente, naturalmente! - disse Kaptah, romã brandura, derramando mais vinho em meu copo de vidro colorido e - com menos ostentação - em seu pícaro de barro.

- Qualquer pessoa de senso sabe que a terra é a única propriedade eterna e que conserva seu valor uma vez que o dono se entenda bem com os administradores e tenha a sagacidade de recompensá-los após cada cheia do Nilo. Pois bem. Apesar de tudo isso, Ammon está vendendo terra apressadamente e em segredo a todos os seus fiéis que dispõem de dinheiro. Eu também fiquei perplexo ao ouvir isso e tratei de ir me informar direito. A verdade é que Ammon está vendendo terras, de fato, e a preço barato. Sabe-se que Ammon é proprietário das áreas mais férteis, e se as coisas continuarem no pé de antigamente não existirá nada mais tentador do que tais compras, pois o lucro é certo e imediato. Ammon vendeu áreas muito extensas de terras e está acumulando em suas abóbas

subterrâneas todo o ouro viável do Egito, de forma que o preço das propriedades reais caiu em grau sensível. Mas todo esse negócio é segredo e eu não teria ficado a par de nada disso se a minha sede propiciatória não me houvesse levado à presença de homens conhecedores do caso.

- Não me digas que compraste terras, Kaptah! - gritei, apavorado. Mas ele se encarregou de me aliviar.

- Louco demais não sou, patrão. Lembre-se que, apesar de escravo, não nasci com esterco grudado nos calcanhares e sim em rua pavimentada, com casas de ambos os lados. E casas bem altas e grandes. Não conheço nada a respeito de terras. A oferta de Ammon é tão tentadora que um chacal deve estar escondido de alguma forma dentro dela e tais terras devem estar limitadas por suspeitas de homens ricos desconfiados da proteção do templo. Acho que toda essa historiada é um resultado da reação referente ao novo deus do faraó. Eu, no entanto, encarando apenas a vantagem do patrão, comprei em seu nome um número razoável de prédios na cidade: armazéns e residências, pois isso é o que dá renda substancial, cada ano. As escrituras esperam apenas a sua assinatura e o seu sinete para serem válidas. Pode crer que comprei barato; e caso os vendedores me dêem presentes depois disso, não é da sua conta, tratando-se apenas de uma questão decorrente da minha esperteza e da estupidez deles. Nesta transação não o lesei em nada. O que aliás não quer dizer que eu proteste caso o patrão me ofereça um presente ou coisa parecida por lhe haver arranjado negócio tão favorável.

Refleti um pouco e repliquei:

- Não, Kaptah; não te darei presentes, pois farto estou de saber que tencionas puxar para teu lado boa parte das rendas cada ano e combinar trapaças com os construtores sempre que forem necessários quaisquer consertos.

Kaptah, envergonhado, concordou imediatamente com as minhas palavras.

- Esse foi exatamente o modo pelo qual encarei a questão, pois já que a sua riqueza é a minha, o mesmo se deve dar quanto à vantagem. Todavia devo confessar que quando ouvi tais referências



às transações de Ammon comecei a tomar um grande interesse pela agricultura. Fui até ao mercado de trigo, e lá andei de taverna em taverna, sempre com o ouvido apurado. Ouvei e aprendi. Com a sua permissão, meu amo, e com o seu ouro tenciono comprar reservas de trigo da safra do próximo verão. Este é o processo melhor, mesmo porque os preços assim serão bem mais razoáveis. Pretendo conservar o trigo armazená-lo e cuidadosamente garantido, pois algo me diz que não tardará a subir o preço dos cereais. Agora que Ammon está vendendo e que tudo quanto é maluco está se transformando em agricultor, as colheitas não poderão vir a ser altas e abundantes como antigamente. Portanto comprarei paióis para guardar o trigo; depósitos bem secos e de rija construção. Mais tarde, quando precisarmos mais deles, os revenderemos a comerciantes de cereais em condições vantajosas. Cautelosamente escondendo sua satisfação, continuou, fingindo ar irritado:

- Havia também um outro negócio muito lucrativo como empreendimento que eu desejava fechar com o seu consentimento. Acha-se à venda uma das maiores casas de tráfico de escravos; acho que sou pessoa suficientemente classificada para debater tal questão visto que fui escravo a vida toda. Poderia pela certa transformá-lo num homem opulento dentro de curto prazo. Sei como esconder faltas e defeitos de um escravo e posso me utilizar de um bastão para vantagens mais imediatas, coisa esta que ao meu amo não ficaria bem. Cuido não fazer mal em lhe dizer tal observação agora que o junco está escondido... Oprime-me, todavia, o pressentimento de que esta excelente oportunidade será perdida porque desconfio que o meu amo não concorda com tal projeto. Não é mesmo?

- Teu pressentimento é bem fundamentado, Kaptah. Isso de comércio de escravos é uma transação na qual não nos meteremos porque se trata de um comércio sujo e degradante... Por que motivo assim é, ignoro, já que toda gente compra escravos, serve-se deles, precisa deles. Eu jamais seria mercador de escravos nem consentiria que o fosses.

Kaptah suspirou aliviado e declarou:

- Leio acertadamente em seu coração, meu amo; assim pois estamos livres de tal malefício...Pensando em assunto já posto de lado suspeito que eu poderia vir a dar atenção indevida às mulheres ao lhes fixar o valor, e assim esbodegar minhas forças. Ora, não posso mais me permitir tais coisas pois estou envelhecendo; tenho os braços e as pernas demasiado hirtos, as minhas mãos apresentam um tremor excessivo, principalmente de manhã quando acordo e enquanto não tenho tempo de agarrar o pichel de cerveja. Tendo desta forma sucinta examinado bem o meu coração, deixe que me apresse em lhe garantir que todas as casas que lhe comprei são respeitáveis, proporcionando lucro modesto mas certo. Não comprei nenhuma onde estivesse instalado um alcouce nem cortiços, embora seja verdade que tais cômodos dão mais proventos do que as casas confortáveis dos sujeitos de bem. Tenho, contudo, um favor a lhe pedir.

E imediatamente Kaptah se tornou manhoso de fisionomia e modos e me esquadrinhou bem com o seu único olho a fim de avaliar a disposição da minha generosidade. Eu próprio lhe enchi de vinho o púcaro e o encorajei a falar, porque jamais vira Kaptah embaraçado e isso despertou minha curiosidade. Por fim ele disse:

- Meu pedido é desavergonhado e presunçoso; mas como, conforme sua própria declaração, sou um homem livre, ouse pronunciá-lo, na esperança de que não se zangue. Quero que vá comigo até ao porto, à taverna chamada O rabo do Crocodilo, da qual já lhe falei tantas vezes. E faço tal convite para que possamos provar juntos um quartilho de vinho e para que o patrão possa ver que espécie de lugar é esse com o qual tanto sonhei ao tempo em que sorvia por um canudo a cerveja grosseira da Síria e da Babilônia.

Desandei a rir, não me dei por ofendido, porque o vinho que eu tomara me pusera de bom humor. De mais a mais aquele crepúsculo primaveril era melancólico e eu me sentia solitário demais. Por mais impróprio e esquisito que pudesse parecer um patrão ir com o criado a uma miserável taverna de porto e provar uma bebida que devido à sua potencialidade era cognominada "rabo de crocodilo", todavia me lembrei que Kaptah, certa ocasião, me

acompanhara por vontade própria a certa mansão escura apesar de saber que de lá jamais alguém voltara com vida. Coloquei a mão em seu ombro e disse:

- Diz-me o coração que esse "rabo de crocodilo" é única coisa acertada para o remate do dia. Vamos até lá.

Kaptah deu saltos de alegria, conforme o hábito de escravos, esquecendo a dureza de suas articulações. Correu a buscar o meu bordão onde estava escondido e cobriu bem os meus ombros. Depois nos dirigimos para O Rabo do Crocodilo enquanto por sobre as águas o vento trazia o calor da madeira de cedro e da terra verdejante.

O Rabo do Crocodilo estava situado no centro do bairro portuário, abafado por enormes armazéns atacadistas numa rua escura. Suas paredes de adobe eram de uma grossura invulgar de modo que no verão a peça era fresca e no inverno o calor central não se irradiava. Por cima da porta, ladeado por uma jarra de cerveja e por um pichel de vinho, pendia um enorme crocodilo mumificado, com cintilantes olhos de vidro, as mandíbulas agudas rodeadas de rijas dentaduras.

Kaptah empurrou-me para dentro, afoitamente, chamou o dono da casa e encaminhou-se para uns assentos amolfadados. Era pessoa muito conhecida ali - apesar da ausência - e parecia se sentir tão à vontade como em casa. Os demais fregueses, lançando-me olhadelas desconfiadas, baixaram o tom de suas conversas. Foi com certo espanto que vi que o chão era assoalhado e as paredes apaineladas. E delas pendiam troféus de muitas e longínquas viagens: espadas e plumas de negros; conchas de arquipélagos; cântaros cretenses pintados.

Kaptah acompanhava com orgulho o meu olhar, dizendo:

- Naturalmente o patrão está admirado das paredes terem altos rodapés como as casas dos ricos. Pois lhe digo que as tábuas pertenceram a velhos navios que foram desmanchados. Muito embora não queira de bom grado me referir mais a viagens marítimas, devo declarar que esta tábua amarelenta, carcomida pela salsugem, navegou até ao ponto e que estou, pardacenta, riscou a orla de arquipélagos distantes. Mas, se o patrão concorda,

provemos o "rabo de crocodilo" que o próprio dono da casa misturou para nós.

Uma linda taça foi colocada na minha mão; um copo modelado como uma concha dessas que se equilibram em cima da palma da mão. Nem olhei para a taça, tendo olhos apenas para admirar a mulher que ma trouxera. Já não era mais, talvez, tão jovem como as raparigas que soem servir em tavernas, e nem andava seminua para atrair os olhares e os sentidos dos fregueses. Estava vestida decentemente, trazia uma argola noturna numa das orelhas e braceletes de prata nos punhos delicados. Aturou o meu olhar sem nenhum receio, sem baixar as pálpebras, como fazia bem logo quase todas as mulheres.

Tinha lindas sobrancelhas e em seus olhos pairavam ao mesmo tempo um sorriso e uma seriedade. Eram olhos castanhos, cálidos, vivazes, e fazia bem a uma pessoa olhá-los. Estendi a palma da mão para que ela depusesse a taça em forma de concha, e o mesmo fez Kaptah. Olhando-a sempre, disse, não sei como:

- Como te chamas, beleza?

Foi em voz baixa que me respondeu.

- Meu nome é Mérito e não se coaduna bem com o epíteto de "beleza" que os garotos estouvados dão a uma criada tão logo a vêem e ousam acariciar-lhe as ilhargas. Espero que vos lembreis disso, caso queirais sempre honrar esta casa com a vossa presença, Sinuhe, o médico, vós Que Estais Sozinho.

Mortificado, respondi:

- Não tenho a menor intenção de te acariciar os flancos, linda Mérito. Mas, como sabes o meu nome?

Sorriu e o sorriso era lindo em seu rosto quando disse com ar zombeteiro:

- Vosso renome vos precedeu aqui, ó Filho do Burro Bravo; e ao ver-vos verifico que a fama não mentiu; pelo contrário, foi verídica, ponto por ponto.

No fundo de seus olhos pairava, como uma miragem, qualquer mágoa remota, que veio até ao meu coração, por intermédio do seu sorriso; e não a censurei por isso.

- Se, falando em fama, te queres referir aqui a Kaptah - este meu antigo escravo a quem hoje tornei homem livre - deves saber muito bem que não se pode acreditar na palavra dele. Por motivo de nascença a sua língua é incapaz de distinguir a verdade da mentira, amando igualmente uma e outra... Ou melhor, tem uma tendência mais marcada para a mentira... Não consegui curá-lo disso nem com remédio nem com bastonadas.

Ela falou:

- A mentira pode ser mais doce do que a verdade quando uma pessoa se acha muito sozinha e já ultrapassou a primavera da vida. Gosto de acreditar em vossas palavras quando me chamais de linda Mérito", e acredito em tudo quanto a vossa face me diz. Mas não quereis provar o "rabo de crocodilo" que eu vos trouxe? Estou curiosa por saber se pode ser comparado a qualquer das bebidas que provastes nas terras estrangeiras que visitastes.

Ainda com os olhos voltados para ela, ergui a concha e bebi. Mas logo deixei de a olhar. O sangue me subiu à cabeça, comecei a me sentir sufocado, e minha garganta parecia estar em fogo.

Só depois que consegui cobrar fôlego foi que arquejei:

- Retiro minhas expressões a respeito de Kaptah porque pelo menos nesta questão ele não mentiu. A tua bebida é muito mais forte do que qualquer outra que já provei e muito mais ardente do que o óleo que os babilônicos queimam em suas lâmpadas. Não duvido até que um homem forte, ao bebê-la, pense que levou uma rabanada de um crocodilo.

Meu corpo estava abrasado e em minha boca perdurava um travo de especiarias. Com o coração alado como uma andorinha, disse:

- Em nome de Set e de todos os demônios! Não faço a menor idéia de como esta bebida foi misturada, e nem sei se foi ela que me enfeitiçou ou se fora os teus olhos, Mérito. Sortilégios atravessam o meu corpo e meu coração rejuvenesce mais uma vez. Não te surpreendas portanto se passo a mão em tuas ilhargas, porque a censura cabe a esta taça e não a mim.

Afastou-se com ar compassivo e ergueu as mãos graciosamente. Era esguia, tinha braços e pernas compridos. Sorriu ao dizer:

- Não tem propósito vosso juramento em vão. Esta é uma taverna decente e ainda não estou tão velha. Posso até ser uma donzela, mesmo que não acrediteis. Quanto a essa bebida, trata-se do único dote que meu pai me proporcionou, pela qual razão esse vosso escravo começou a me namorar o mais depressa possível tentando obter por meu intermédio a fórmula e de graça. Mas é caolho, velho e gordo, e não me parece que uma mulher normal goste de criatura em tais condições. Assim teve, pelo contrário, que comprar a taverna; e deseja comprar também a fórmula; a verdade é, todavia, que muito ouro tem que ser pesado antes que concordemos com isso.

Kaptah fazia trejeitos desesperados para obrigá-la a se calar.

Tornei a provar a bebida e enquanto seu fogo me endemoninhava o corpo, observei:

- Acredito mesmo que Kaptah esteja querendo quebrar um cântaro contigo por causa desta bebida, muito embora saiba que logo depois do casamento comeces a lhe atirar água quente nos pés. Mesmo afastando a idéia da bebida, posso compreender muito bem os sentimentos dele sempre que olho para teus olhos... Convém que te lembres que neste momento quem fala por mim é o efeito da rabanada do crocodilo; já amanhã não me responsabilizo por minhas palavras. É verdade então que esta taverna é propriedade de Kaptah?

- Fora daqui, insolente mexeriqueira! - exclamou Kaptah, acrescentando uma fileira de nomes de deuses que aprendera na Síria. Depois se voltou para mim e disse em tom de súplica:

- Patrão, a coisa veio a lume repentinamente demais. Pretendia prepará-lo vagorosamente para isso e pedir sua aprovação, já que ainda era seu criado. Sim, é verdade que comprei ao antigo dono esta casa e que pretendo também arrancar da filha dele o segredo desta bebida. Foi tal bebida que tornou este lugar famoso rio abaixo e acima, onde quer que se junte gente alegre, e eu me lembrava disto aqui, diàriamente, quando me achava tão longe. Conforme sabe, sempre roubei o meu patrão todos estes anos tão bem e tão habilidosamente quanto sou capaz, e tive dificuldades em aplicar o meu ouro e a minha prata, tanto mais que já é tempo

de pensar na velhice. Mesmo na mocidade eu já considerava o comércio de estalagem e taverna o mais invejável e tentador - prosseguiu ele, visto como a rabanada do crocodilo o estava tornando sentimental. - Naquele tempo eu cuidava que se podia beber quanta cerveja se quisesse, sem dano nenhum. Mas agora sei que cumpre haver moderação e que um dono de taverna não deve se embebedar nunca, sendo tal condição essencial; demasiada cerveja muitas vezes me afeta de modo esquisito, a ponto de chegar a ver hipopótamos e objetos hediondos. Um estalajadeiro se dá sempre com pessoas que lhe podem ser úteis e vai ficando a par de tudo quanto se passa. Ora, isso me tenta sobremaneira porque desde meus tempos de rapaz sempre fui muito curioso. Minha língua me renderá bastante serviço e creio que com minhas histórias entreterei muito a minha freguesia que, sem reparar, irá esvaziando copo atrás de copo, ficando espantada na hora de ajustar as contas. Após madura reflexão, acho que os deuses me selecionaram para estalajadeiro, não obstante - devido a qualquer erro - eu haver nascido escravo. Todavia mesmo agora isso constitui uma vantagem, pois na verdade não existe estratagemas ou embuste que um freguês possa me passar para se esgueirar sem pagamento; conheço-os a todos e experimentei-os no meu tempo.

Esvaziando sua taça, Kaptah pousou o queixo nas mãos, sorrindo. E prosseguiu:

- Além do mais, tal negócio é o mais garantido e firme que existe, porque, aconteça o que acontecer, isso de sede é coisa que não acaba nunca. Pode cair o poderio do faraó; podem cair de seus tronos todos os deuses. Mas as tavernas e botequins jamais perderão patronos e fregueses. O homem bebe vinho quando tem motivos de júbilo e quando o acomete a tristeza. Bebe à medida que prospera, e afoga no vinho os seus malogros. Esta casa já é minha e o antigo proprietário a dirige com a ajuda desta feiticeira Mérito; dividiremos os lucros até que eu me estabeleça aqui para descansar na velhice. Fizemos um contrato para tal fim, referendando-o com juramentos a todos os deuses do Egito. Não espero que o antigo dono venha a me roubar porque ele é um

homem piedoso e em todos os festivais vai ao templo oferecer sacrifícios... Parece-me, aliás, que ele faz isso em parte porque diversos sacerdotes vem aqui. Mas não duvido que é um homem às direitas; além do mais, não há impossibilidade de uma acomodação entre os negócios espirituais e comerciais e nem ... .. e nem ... Ora bolas, nem sei mais o que estava dizendo!... Seja como for,este é para mim um dia de grande satisfação e me rejubilo acima de tudo porque o patrão não se sentiu ultrajado ainda me considera como o servo de sempre e não como um reles dono de taverna... profissão esta que nem toda gente julga respeitável... Após esta alocução, Kaptah começou a babar e a chorar abaixando a cabeça em meu colo e abraçando meus joelhos, no marasmo da bebedeira.

Agarrei-o pelos ombros e atirei-o de novo em seu banco, dizendo:

- Acho na verdade que não poderias achar uma ocupação mais apropriada e um ofício mais garantido para a tua velhice; todavia há um ponto que não compreendo. Se o antigo dono sabia que esta taverna rendia tanto, e se é dele o segredo da fórmula do "rabo de crocodilo", por que motivo concordou em ta vender em lugar de conservá-la?

Kaptah olhou-me com ar de censura e com lágrimas nos olhos, exclamando:

- Já não tenho dito milhares de vezes que o patrão tem o dom singular de envenenar com o seu senso comum toda e qualquer alegria minha? Que mania essa, pior do que o efeito amargo do fel! E dizer-se - como é a verdade - que temos sido amigos desde a sua mocidade, e que nos estimamos como irmãos, desejando um para o outro felicidade e boa sorte! Bem vejo pelo olhar do patrão que ele perscruta bem mais além, e confesso que também eu agora desconfio que neste negócio jaz escondido um chacal. Correm rumores por aí que haverá grandes arruaças quando Ammon e o deus do faraó disputarem o poder um ao outro. Claro está que em tais ocasiões as tavernas são as primeiras vítimas; arrebatam-lhe as portas, esbordoam e jogam no rio seus proprietários, entornam os tonéis, quebram o mobiliário e chegam até, nos casos piores, a tocar fogo depois de liquidada toda a bebida. Isto é o mais



certo acontecer, se o proprietário se acha do lado antipático. Ora, o antigo dono é partidário de Ammon, e toda gente sabe disso. Dificilmente mudará de pele a esta altura do dia. Começou a duvidar de Ammon desde que começou a ouvir dizer que Ammon estava vendendo terras. Claro que eu fiz o mais que consegui para lhe aumentar essas dúvidas. Mas, patrão, esquece-se de que temos o escaravelho? Acaso ele não outorgará uma pequenina proteção a O Rabo do Crocodilo, por mais que esteja ocupado com os múltiplos interesses de Sinuhe, o médico?

Refleti durante algum tempo, dizendo por fim:

- Seja como for, Kaptah, tenho que reconhecer que realizaste uma porção de coisas num dia só.

Afastou com um gesto o meu elogio e declarou:

- Esquece-se, patrão, que desembarcamos ontem. Mas não resta dúvida de que não deixei que crescesse relva debaixo de meus pés. E, por mais incrível que lhe possa parecer, até a minha língua se acha atrapalhada visto como uma única dose desta rabanada de crocodilo a deixou perra.

Levantamo-nos então, despedindo-nos do gerente, e Mérito acompanhou-nos até à porta; argolas de prata retiniam em seus punhos e tornozelos. Ali no portal escuro palpei suas ilhargas, aproveitando bem sua contigüidade. Ela afastou minha mão com ar decidido, fazendo-me saber:

- Não digo que vosso contacto me desagrade. Mas não o consentirei enquanto for determinado apenas pela ação da bebida que age como rabanada de crocodilo...

Humilhado, examinei minhas mãos que me pareceram deveras pés de crocodilo vivaz. Seguimos para casa pelo caminho mais curto, estendemos nossas esteiras e dormimos profundamente, aquela noite.

Assim começou a minha existência no bairro pobre de Tebas.

Conforme a previsão de Kaptah, tive muitos pacientes, e perdi mais dinheiro do que lucrei. Tinha que proporcionar-lhes remédios caríssimos, e de que valia curar pessoas esfomeadas incapazes de adquirir alimentação e gordura com que recuperar energias!? Os presentes recebidos eram ordinários, embora me satisfizessem,

tendo sido maior ainda a satisfação quando vim a saber que os pobres começavam a bendizer o meu nome. Todas as noites o firmamento refulgia avermelhado por cima de Tebas por causa das luzes centrais da cidade. Após a trabalhadeira de cada dia, eu me sentia exausto à noite que ainda assim enchia com pensamentos sobre os casos graves da minha clientela. E pensava também em Aton, o deus do faraó.

Kaptah contratou uma velha para tomar conta da casa. Tal criatura não me importunava, sentia-se cansada da vida e dos homens conforme dava prova sua fisionomia. Cozinhava bem, era sossegada, nunca vinha ao pórtico insultar os pobres por causa do mau cheiro e nem os enxotava com imprecações. Não tardei a me acostumar ao seu feitio e ela sabia a arte da discrição: era uma sombra plácida e recuada. Chamava-se Muti.

Assim, os meses foram passando. A febricitação de Tebas aumentou, e não se ouvia falar no regresso de Horemheb. O sol amarelava as plantas dos jardins pois se estava na parte mais tórrida do verão. De vez em quando eu ansiava por uma mudança, e então ia com Kaptah a O Rabo do Crocodilo para gracejar com Mérito e fitar seus olhos, não obstante seu ar remoto que melindrava meu coração.

Eu escutava a conversa dos outros fregueses e não demorei a verificar que não era qualquer pessoa que ali naquela casa tinha um banco e um copo às ordens. Os fregueses eram examinados e escolhidos, e mesmo que alguns deles pudessem ser violadores de tumbas ou contrabandistas, esqueciam seus negócios quando se achavam ali na taverna onde se portavam como gente de bem. Acreditei nas palavras de Kaptah quando me disse que aquela casa era ponto de reunião de amigos e de interesses. Até mesmo ali eu era um estranho, embora fosse tolerado e me tratassem bem por causa de Kaptah.

E naquele recinto ouvi muita coisa. Ouvi injúrias ao faraó, assim como louvores; mas quase todos zombavam do seu novo deus. Certa noite, porém, um negociante de incenso entrou na taverna com o traje dilacerado e com cinza nos cabelos. Procurou acalmar

suas mágoas com um trago de "rabo de crocodilo", mas logo em seguida vociferou:

- Amaldiçoado seja por toda a eternidade esse falso faraó... esse bastardo... esse usurpador, que age de acordo com seus caprichos, em detrimento da minha sagrada profissão. Até agora tenho tirado meus proventos de substâncias que obtenho das terras do Ponto; as viagens pelo mar Oriental não são absolutamente arriscadas. Cada verão partem navios para as rotas comerciais e durante o ano seguinte pelo menos dois de cada dez navios regressam com o atraso, no máximo de horas. Isso me habilita a fixar compromissos, preços e lucros. Mas, quereis saber o que aconteceu agora? Loucura maior, nunca vi! No último apresto, o faraó compareceu pessoalmente ao porto a fim de inspecionar a armada. Viu as equipagens lamentando-se a bordo, e as mulheres com os filhos chorando na praia e dilacerando a pele com pedras rombudas, coisa plausível só em ocasiões assim, conhecido como é que muitos partem e poucos regressam. Assim tinha sido desde os tempos da grande rainha. Pois, por mais incrível que pareça, esse moço amalucado, esse maldito faraó, proibiu que os navios velejassem e decretou que não mais se aprestassem embarcações para o Ponto. Que Ammon os salve!

Qualquer mercador honesto sabe o que isso representa. Significa a ruína para uma porção de homens, pobreza e fome para as mulheres e os filhos dos marinheiros. Pensai na fortuna aplicada em navios e em entrepostos, em vasilhame de vidro e de porcelana! Pensai nos agentes egípcios que perecerão acolá nas choças das terras do Ponto, abandonados pelos deuses! Foi somente depois que o negociante de incenso virou o terceiro trago de "rabo de crocodilo" que conseguiu se aquietar um pouco.

Apressou-se então em pedir desculpas pelo fato de, durante sua indignação, haver proferido impropérios contra o faraó.

- Espero, todavia, que a rainha Taia, que é uma mulher prudente e esclarecida, governe melhor seu filho. Acredito também que o sacerdote Eie seja um homem sensato; mas todos eles pensam em derrubar Ammon e permitem que o faraó de livre curso à sua loucura. Pobre Ammom Geralmente um homem logo depois de

casado recupera logo o juízo; mas essa Nefertiti, a consorte real, só pensa em vestidos e em modas indecentes. Por incrível que pareça, as mulheres da corte agora pintam as pálpebras de verde com malaquita e perambulam diante dos homens com as roupas abertas do umbigo para baixo.

Kaptah tomou-se de curiosidade e disse:

- Nunca vi tais modas em nenhuma outra terra. E curiosidades esquisitas vi eu, especialmente nessa questão de roupagens femininas. Queres dizer que presentemente as mulheres saem com suas partes pudentas expostas? A rainha, também?

O negociante de incenso irritou-se e replicou:

- Sou um homem de decoro, tenho mulher e filhos. Jamais volvi meus olhos abaixo do umbigo das mulheres, e nem te aconselho a fazer coisa tão inconveniente.

Mérito aparteou, zangada:

- A vossa boca é que é desavergonhada, e não estas novas modas de verão, que são excelentes devido ao frescor e à justiça que proporcionam à beleza da mulher contanto que ela tenha um ventre bonito e que o seu umbigo não haja sido desfigurado por uma parteira estúpida. Podeis sem receio deixar que vossos olhares se volvam para baixo pois tais mulheres usam uma tanga estreita do linho melhor para que os olhares dos pudicos não se escandalizem.

Vontade teve o negociante de incenso de responder a isto; mas a terceira taça de "rabo de crocodilo" foi mais forte do que a sua língua. Tanto que apoiou a cabeça nas mãos e chorou amargamente por causa dos trajes das mulheres da corte e por causa da sorte dos egípcios abandonados nas terras do Ponto.

Quando Kaptah e eu saímos, falei a Mérito, quando chegamos à porta:

- Sabes que sou sozinho; teus olhos me dizem que também és sozinha. Estive refletindo sobre as palavras que me disseste no outro dia, e acredito que às vezes uma mentira possa ser mais doce do que a verdade para uma pessoa solitária cujas primaveras já são muitas. Gostaria que usasses um desses trajes de verão a que te referiste, pois teu corpo é bem modelado, tens pernas longas, e

não me parece que te tenhas de envergonhar de teu ventre quando caminharmos juntos pela Avenida dos Carneiros...

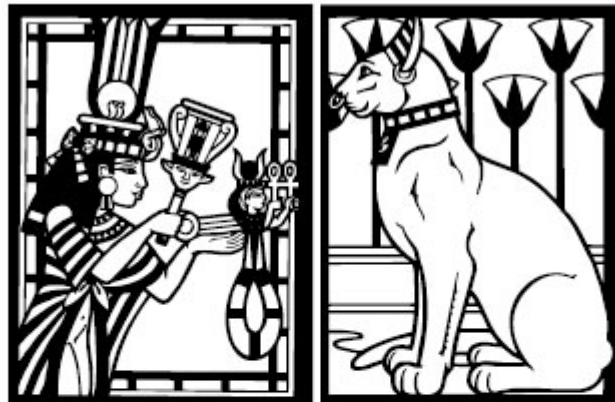
Desta vez ela não afastou a minha mão; pelo contrário, segurou-a cordialmente e disse:

- Talvez eu venha a concordar com o que sugeris. Contudo a sua promessa não me alvoroçou quando atravessei o tépido ar noturno; assaltou-me, ao invés, profunda melancolia. Longe, das bandas do rio, vinham as notas tristes de uma avena dupla.

No dia seguinte Horemheb regressou a Tebas, e com ele uma força armada. Mas para falar a respeito disso e do mais que aconteceu devo começar um outro livro. Antes, porém, quero mencionar que no decorrer da minha clínica tive ensejo de proceder a duas trepanações; um dos pacientes era um homem poderoso; o outro era uma pobre mulher que tinha a mania de se cuidar a grande rainha Hatshepsut. Ambos se restabeleceram e se curaram; mas acho que a velha era mais feliz ao tempo em que pensava que era rainha do que depois, quando recuperou o juízo.

# LIVRO X

## A CIDADE CELESTIAL



O verão estava abrasador quando Horemheb voltou da terra de Kush. Desde muito as andorinhas já haviam sumido na lama do rio; os poços e fontes que circundavam a cidade tinham estagnado, ao passo que os gafanhotos e os pulgões atacavam as searas. Mas em Tebas os jardins dos ricos vicejavam, verdejantes e coloridos, e de ambos os lados da Avenida dos Carneiros desabrochavam flores com todas as cores do arco-íris. Somente os pobres não tinham água e somente seus víveres eram poluídos pela poeira que caía de todas as partes cobrindo com uma película as folhas das acácias e dos sicomoros no bairro pobre da cidade. Ao sul, na praia mais afastada, a casa dourada do faraó, com suas muralhas e jardins, se levantava por entre a poalha cintilante e azulada como um revérbero de sonho. Embora a canícula estivesse no auge, o faraó não se transferira desse palácio para os outros, de verão, no Baixo Reino, permanecendo assim em Tebas. Toda gente depreendia disso que alguma coisa estava para acontecer. E assim como o céu se sombreia ante uma tempestade de areia, da mesma forma os corações se anuviavam com pressentimentos.

Ninguém ficou surpreendido de ver guerreiros marchando e entrando em Tebas ao amanhecer e vindo de todas as estradas do sul. Com os escudos empoeirados, com refulgentes punhos de espadas e lanças, e com arcos retesados, as tropas negras marchavam ao longo das ruas e olhavam em torno, com admiração, com o branco dos olhos fulgurando nos semblantes suarentos. Seguiam seus estandartes bárbaros rumo às barracas vazias onde não tardaram a arder fogos de cozinha entre pedras para suportar os caldeirões de pedra. Enquanto isso, navios da frota ancoravam ao longo do cais, e carros e cavalos ajaezados eram desembarcados dos transportes. Não se viam egípcios entre tais tropas, que eram constituídas em sua maior

parte de núbios do sul e de sardanitas dos desertos do noroeste. Ocuparam a cidade.

Fogueiras de vigília foram acesas nas encruzilhadas e o tráfego do rio foi fechado. Aos poucos, durante o dia, o trabalho foi cessando nas oficinas e moinhos, nos escritórios e lojas. Os mercadores recolheram das calçadas as suas mercadorias e puseram trancas nas janelas e portas; os encarregados das tavernas e alcouces correram a contratar sujeitos dispostos, armados com porretes, a fim de proteger seus estabelecimentos. O povo vestiu-se de branco e começou a fluir de todos os bairros da cidade para o grande templo de Ammon cujos pátios ficaram apinhados, sobrando muita gente do lado de fora das muralhas.

Enquanto isso se propagou a notícia de que durante a noite o templo de Aton fora profanado e conspurcado, que a carcaça podre de um cão havia sido arremessada ao altar, e que o vigia fora encontrado com a garganta aberta de orelha a orelha. Ao ouvir isso, as pessoas lançavam olhares apavorados, de relance, não faltando contudo quem deixasse de externar júbilo. Kaptah advertiu-me, com ar grave:

- Limpe e prepare seus instrumentos, patrão. Creio que lhe está destinado muito trabalho antes do anoitecer. Quer me parecer até que o patrão terá que trepanar alguns casos.

Ainda assim nada sucedeu de maior importância antes da noite; alguns núbios embriagados assaltaram lojas e agrediram mulheres. Os guardas prenderam-nos e açoitaram-nos à vista do povo, o que aliás não serviu de grande consolo nem para os tais lojistas nem para as tais mulheres. Tendo ouvido dizer que Horemheb se achava a bordo da nave capitânia, dirigi-me ao porto, embora sem grande esperança de poder falar com ele. A sentinela ouviu-me com indiferença e foi anunciar a minha presença; e, com grande surpresa para mim, voltou para me conduzir ao beliche do capitão. Assim, entrei a bordo de um navio de guerra pela primeira vez e o examinei com grande curiosidade; todavia, apenas o armamento e a equipagem mais densa o distinguiam das outras naves, pois também os navios comerciais possuíam rostos dourados e velame colorido.



Desta forma me encontrei mais uma vez com Horemheb. Pareceu-me mais alto e com dignidade ainda maior do que antes. As espáduas eram amplas, a musculatura dos braços, vigorosa. Mas tinha o rosto vincado de sulcos, e os olhos estavam congestionados e denunciavam cansaço. Inclinei-me diante dele numa saudação profunda. Assim que me viu exclamou com uma risada amarga:

- Oh! É Sinuhe, o Filho do Burro Bravo! Chegas na verdade numa hora auspiciosa!

Não me abraçou por causa da dignidade de que se achava investido, mas se voltou para um pequeno oficial de olhos saltados que estava em pé a seu lado, zonzo de calor, e lhe entregou o chicote dourado de oficial, dizendo:

- Ora, aí o tens, portanto. Guarda-o. - Retirou a pala bordada a ouro, enfiou-a pelo pescoço abaixo do homem ventrudo, e acrescentou: - Assume o comando. Que o sangue do povo empape tuas mãos imundas. - Depois se voltou abruptamente para mim e declarou: - Sinuhe, agora estou livre, posso ir contigo onde quiseres. Espero que tenhas uma esteira em tua casa onde eu possa estirar os ossos, pois, por Set e todos os demônios, estou mortalmente cansado de tanto discutir com maníacos.

Em seguida pousou as mãos nos ombros do oficial baixote, que lhe dava pelas clavículas, e disse:

- Olha bem para ele, Sinuhe amigo, e imprime na memória esta cena, pois este homem que aqui vês terá por hoje, nas mãos, o destino de Tebas. O faraó o colocou em meu lugar quando eu chamei o faraó de louco. Que tal o achas? Não te parece que o faraó se verá obrigado sem demora a mandar me buscar de novo?

Riu e deu socos nos joelhos; mas não havia alegria em sua risada; pelo contrário, ela me atemorizou. O oficialzinho olhou-o, com humildade; seus olhos ainda pareciam mais saltados com o calor; o suor lhe escorria pelo rosto, descendo pelo pescoço e sumindo no peito gordalhufo. Disse em tom alto:

- Não fiquéis zangado comigo, Horemheb, Bem sabeis que jamais cobicei o vosso chicote de chefe. Prefiro meus gatos e a paz do meu jardim à responsabilidade da guerra. Mas quem sou eu para me opor às ordens do faraó? De mais a mais ele declara que não

haverá guerra, que o falso deus cairá sem derramamento de sangue.

- Ele declara o que muito bem lhe apetece - respondeu Horemheb. - Seu coração corre muito na frente do seu critério, como um pássaro que escapa de uma gaiola; de modo, que suas palavras não tem peso. Tens que pensar tu próprio, derramar sangue moderadamente, com a devida consideração, mesmo que seja sangue de egípcios. Juro-te pelo meu falcão que te flagelarei pessoalmente se vir que deixaste teu bom-senso nos caixotes com os teus gatos de raça, pois no tempo do falecido faraó foste um eminente guerreiro, segundo ouvi falar, fato que sem dúvida fez o atual faraó te encarregar desta tediosa tarefa.

Cutucou o novo comandante nas costas fazendo o pobre indivíduo sentir cócegas e falta de ar a ponto da resposta ficar abafada na garganta. Horemheb transpôs o convés em dois arremessos; os soldados perfilaram-se e saudaram-no erguendo as espadas. Acenou para eles, gritando:

- Passai bem, canalha miúda! Obedecei a esse bichano de raça que é com quem está agora o chicote de comando. Obedecei como se recebêsseis ordens de uma criança; não o deixeis cair do carro nem se ferir com a própria arma.

Os soldados riram e ovacionaram-no; mostrou-se iracundo, porém, sacudiu os punhos para eles e vociferou:

- Não estou me despedindo! Sei que voltarei sem demora porque já leio vossas manhas em vossos próprios olhos. Mas uma coisa vos digo: portai-vos direito tendo sempre em mente as minhas palavras; do contrário quando voltar dilacerarei vossos lombos em tiras! Perguntou onde eu morava e informou ao oficial de guarda, proibindo porém que lhe mandasse a bagagem para a minha casa por achar que estava mais garantida a bordo.

Depois, como antigamente, passou o braço em torno do meu pescoço e suspirou:

- Francamente, Sinuhe. Se há alguém que mereça deveras embebedar-se esta noite, sou eu.

Falei-lhe de O Rabo do Crocodilo; mostrou-se tão interessado que me aventurei a rogar que uma guarda especial fosse postada na

taverna de Kaptah. Horemheb deu para isso as necessárias ordens ao oficial da guarda que prometeu destacar alguns veteranos capacitados para tal fim. Consegui desta forma prestar a Kaptah um favor que não me custou nada.

Por essa ocasião eu já sabia que existia na taverna O Rabo do Crocodilo uma série de compartimentos reservados onde profanadores de tumbas e receptores de bens furtados costumavam regularizar suas contas; cômodos que também eram utilizados às vezes por distintas damas em encontros marcados com musculosos estivadores. Levei Horemheb para uma dessas peças; Mérito trouxe-lhe um "rabo de crocodilo" numa concha engoliu-o de um só trago, tossiu um pouco, fez "Oh... Oh!", pediu outro, e quando Mérito foi buscar, Horemheb observou que se tratava de uma bonita mulher e perguntou que era que havia entre nós. Assegurei-lhe que não havia nada. Ainda assim fiquei satisfeito por Mérito ainda não usar a falada roupa aberta na frente... Contudo, Horemheb não tomou confiança; ofereceu-lhe apenas palavras de agradecimento pela bebida, que tomou entre as mãos e provou marcialmente. Depois, com um profundo suspiro, me disse:

- Sinuhe, amanhã correrá sangue pelas ruas de Tebas, e não posso fazer nada para evitar isso. O faraó é meu amigo, e eu gosto dele a despeito de sua maluqueira; naquela ocasião cobri-o com o meu manto, e foi em tais circunstâncias que o meu falcão uniu nossos destinos. Talvez goste dele por causa da sua loucura, mas não me envolverei nessa luta, pois tenho que pensar no meu próprio destino e não quero que o povo venha a me execrar. Ah, Sinuhe, meu amigo! Muita água correu Nilo abaixo depois daquele nosso encontro na mal cheirosa Síria. Acabo de chegar da terra de Kush onde por ordem do faraó, fui licenciar guarnições; regressando a Tebas, trouxe comigo tropas negras; desta forma, no sul, o país se acha desguarnecido, militarmente. Se as coisas continuarem neste pé, será apenas uma questão de tempo para que irrompam motins na Síria. Pode ser que tais revoltas façam o faraó voltar ao uso da razão; por enquanto, porém, o país se acha empobrecido. Já desde a sua coroação que as minas funcionam com pouquíssima gente e

sem vantagem ou lucro qualquer. Castigar os preguiçosos com bastonadas é agora coisa proibida; no máximo os sujeitam a diminuição de rações. Devo confessar que o meu coração treme por causa do faraó, do Egito e do seu novo deus... muito embora, como sou guerreiro, nada entenda a respeito de deuses. Só sei de uma coisa: que muitas pessoas... muitíssimas mesmo, perecerão por causa desse tal deus. Ora, isso é uma loucura, pois evidentemente os deuses existem para a paz do povo e não para semear discórdia entre ele.

Depois de uma pausa, continuou:

- Amanhã Ammon será deposto. E eu, por um motivo, não lamento isso, pois ele se tornou tão poderoso que manda no Egito tanto ou mais do que o faraó. É um golpe político e de estadista o gesto do faraó em derrubá-lo, pois assim poderá confiscar-lhe as vastas possessões, o que talvez equivalha a salvar-nos do desbarato. Os sacerdotes dos demais deuses ficaram obscurecidos pelos de Ammon dos quais tem inveja...Mas nem por isso amam Aton. Ora, são os sacerdotes que dirigem o coração do povo. Aí estão os motivos que prognosticam uma calamidade.

Retorqui:

- Mas Ammon é um deus odiado, seus sacerdotes mantiveram o povo demasiado tempo nas trevas e sufocaram todo e qualquer pensamento de vida, a tal ponto que ninguém ousa dizer uma palavra sem licença de Ammon. Já agora Aton oferece luz e uma vida de liberdade, uma vida sem medo: ora, isso é uma grande coisa, meu amigo Horemheb.

- Não sei o que queres dizer. Medo, de que? Queres dizer temor. Bem. O povo deve ser dominado pelo temor. Se os deuses o governam, então o trono não precisa de armas para se agüentar. Se Ammon se satisfizesse em ser servo do faraó faria jus inteiramente à sua situação, pois nenhuma nação pode ser governada sem o temor. Eis por que motivo Aton, com sua gordura e com sua cruz de amor, é um deus perigosíssimo.

-Trata-se de um deus bem maior do que supões - disse eu com serenidade, embora sem saber que era que me levava a falar assim.

- Bem provável é que ele esteja em mim e em ti, sem o nosso

conhecimento... Se o povo o entender poderá se salvar de todo medo e de toda treva. Mas é mais provável que muitos morram por sua causa, conforme disseste, pois coisas assim eternas só podem ser impostas aos homens medianos através da força.

Horemheb encarou-me sem paciência como se olha para uma criança tagarela.

- Pelo menos estamos de acordo que já é tempo de soffrear Ammon; e se isso tem que ser feito, que seja realizado já, de noite, às escondidas, e no país inteiro ao mesmo tempo. Os sacerdotes de categoria mais alta deveriam ser executados imediatamente, e os outros mandados para as minas e pedreiras. Mas o faraó, em sua loucura, quer que tudo seja feito às darás, com o conhecimento do povo e à claridade do seu deus... pois o disco do sol é o seu deus; aliás, isso não é doutrina nova. O projeto é lunático e custará a perda de muito sangue. Não concordo com a execução desse plano, mesmo porque não me participaram previamente. Por Set e todos os demônios! Se me tivessem dado a conhecer esse caso eu planejaría tudo tão bem que Ammon seria derrubado com tamanha ligeireza que nem teria tempo de perguntar do que se estava tratando. No entanto agora todo garoto de rua conhece o plano; os sacerdotes estão aliciando gente nos pátios do templo, os homens puseram-se a lascar ramos e galhos em seus jardins para transformá-los em armas, e as mulheres se dirigem para o templo com tábuas de lavar escondidas debaixo das roupas e para o mesmo efeito. Por meu falcão! A loucura do faraó chega a dar ganas de chorar.

Inclinou a cabeça sobre as mãos e derramou lágrimas sobre os acontecimentos que iriam abalar Tebas. Mérito trouxe-lhe o terceiro "rabo de crocodilo" e se pos a observar com admiração tão evidente os ombros largos e a musculatura vigorosa de Horemheb que tive que mandar que se retirasse logo pois conversávamos coisas particulares.

Tentei contar a Horemheb o que eu vira na Babilônia, na terra de Hati e em Creta, mas verifiquei que a bebida agira sobre sua cabeça como uma verdadeira rabanada de crocodilo. Dormiu aquela noite toda ali junto de mim e me conservei em vigília,

tomando conta do seu sono, ouvindo até de madrugada a algazarra da soldadesca na taverna.

Kaptah e o antigo dono faziam tudo para entreter os soldados a fim de que estes lhe protegessem melhor a casa na hora em que principiassem os distúrbios. Mas eu estava apreensivo porque imaginava que em cada casa de Tebas os habitantes afiavam punhais, aguçavam estacas e preparavam armas de cobre. Decerto poucos dormiam, àquelas horas da noite... Entre eles, sem dúvida, o faraó. Mas Horemheb, guerreiro nato, dormia profundamente.

Durante a noite toda o ajuntamento permaneceu diante do templo. Os pobres estiraram-se nos gramados frescos do jardim, ao passo que os sacerdotes ofereciam contínuos e pródigos sacrifícios a Ammon e distribuía carne dos sacrifícios, pão e vinho ao povo. Invocavam Ammon em altas vozes e prometiam vida eterna aos que acreditassem nele e dessem suas vidas por sua causa.

Os sacerdotes bem podiam ter evitado o derramamento de sangue; bastaria que se submetessem ao faraó que os deixaria em paz e não os perseguiria, visto como o seu deus abominava a perseguição e o ódio. Mas estavam com as idéias tomadas pela mania de poderio e riqueza a tal ponto que nem a morte os demovia. Sabiam que nem o povo nem os poucos guardas de Ammon poderiam opor resistência a uma força armada com experiência de guerra que os varreria como a enxurrada varre a palha. Mas os sacerdotes queriam que houvesse derramamento de sangue entre Ammon e Aton somente para que o faraó ficasse com a pecha de assassino e criminoso que permitira que negros imundos vertessem o puro sangue egípcio. Queriam sacrificar perante Ammon para que este perdurasse por toda a eternidade, mesmo que sua imagem fosse derrubada e seu templo fechado.

Ao cabo daquela longa noite, o disco de Aton se levantou finalmente por cima das três colinas orientais, e a escuridão amena foi substituída pelo calor escaldante do dia.

Trombetas soaram em todas as ruas e praças públicas, e arautos leram alto uma proclamação, na qual o faraó afirmava que Ammon era um deus falso que acabara de ser deposto, ficando amaldiçoado por toda a eternidade, devendo o seu nome ser apagado de todas

as inscrições, monumentos e tumbas. Todos os templos de Ammon nos dois Reinos, suas terras, gado, escravos, edifícios, ouro, prata e cobre foram confiscados em prol do faraó e do seu deus. O faraó prometia transformar os templos e os jardins em recintos e em parques públicos, e o lago sagrado em piscina pública onde os pobres pudessem tomar banho e se utilizar das águas à vontade. Prometia dividir as terras de Ammon entre os que não possuíam terras para que as pudessem cultivar em nome de Aton. O povo ouviu em silêncio - conforme o hábito requeria - essa proclamação; depois irrompeu de todas as partes, nas ruas, praças e defronte dos templos, um cavernoso brado:

-“Ammon! Ammon!”

Um brado tão tremendo que era como se as paredes e as lajes o houvessem proferido. E então as tropas negras vacilaram. Com os semblantes lívidos por baixo do ocre e do zarcão das máscaras pintadas, com os olhos alvacentos rolando nas órbitas, repararam que não obstante seu grande número formavam uma reduzida minoria ali dentro daquela cidade que viam pela primeira vez previsto à grande celeuma, foram poucos os habitantes que ouviram na proclamação que o faraó, a fim de dissociar o seu nome do de Ammon, passava a se chamar daquele dia em diante Akhnaton, o favorecido de Aton.

O vozerio acordou até mesmo Horemheb, que se espreguiçou e murmurou, sorrindo, com os olhos ainda fechados:

- És tu, Baket, princesa minha, amada de Ammon? Chamaste-me?

Mas quando lhe fiz cócegas do lado, abriu os olhos; e o sorriso caiu de seu rosto como um véu roto. Apalpou a cabeça e comentou:

- Em nome de Set e de todos os demônios! Que bebida forte a que me fizeste tomar, Sinuhe! Creio que estava sonhando.

Disse-lhe:

- O povo está invocando Ammon.

Ele então se lembrou de tudo e se apressou, saindo logo depois. Atravessamos a taverna, tropeçando em pernas nuas de raparigas e soldados. Horemheb apanhou um pão da prateleira e esvaziou um pichel de cerveja; a seguir fomos juntos depressa para o templo ao longo das ruas que estavam ermas como nunca. Durante o

percurso ele se lavou numa fonte, enfiando a cabeça debaixo da água, bufando e resfolegando, porque o "rabo de crocodilo" ainda atuava em sua cabeça.

O oficial Pepitamon, que parecia um nédio gatão, estava dispendo suas tropas e seus carros diante do templo. Quando se certificou de que tudo se achava pronto e que todos haviam compreendido suas ordens, então se levantou da sua cadeira dourada e gritou com voz estridente:

- Soldados do Egito! Homens valentes de Kush! Intrépidos sardanitas! Avançai e escangalhai, de acordo com a ordem do faraó, a imagem do amaldiçoado Ammom E grandes recompensas vos serão outorgadas!

Dito isto, achou que fizera tudo quanto lhe competia e tornou a se sentar nas macias almofadas da sua cadeira e ordenou aos escravos que o abanassem pois o calor já estava excessivo.

Contudo, na frente do templo estacionava uma incontável multidão vestida de branco; homens, mulheres, velhos e crianças não debandaram ante o avanço de tropas e carros. Com grandes brados se atiraram no chão, para serem pisados pelos cavalos e ficarem com os corpos esmagados sob as rodas.

Os oficiais viram que não podiam avançar sem derramamento de sangue e obrigaram seus homens a retroceder até lhes ser dada nova ordem, porque o faraó proibira derramamento de sangue. Mas já havia sangue correndo pelas pedras da praça onde os feridos gemiam e gritavam; o povo ficou excitadíssimo na hora em que as tropas recuaram, cuidando ter vencido por causa da resistência oferecida.

Nisto Pepitamon se lembrou que o faraó, em sua proclamação, mudara o próprio nome para Akhnaton, e então resolveu repentinamente mudar de nome também, para agradar ao faraó. Assim que os oficiais voltaram a se aconselhar com ele, suarentos e perplexos, fingiu não ouvi-los, arregalou os olhos, e declarou:

- Sei lá quem é Pepitamon! Chamo-me Pepitaton, Pepi, o abençoado por Aton.



Os oficiais empunhavam um chicote de cabo de ouro, cada um tendo sob seu comando mil homens, e mostravam profunda irritação; e deles o que comandava os carros, gritou:

- Ide para os vórtices profundos com esse Atom Que besteira é essa, agora? Queremos ordens de ataque, isso sim!

Então Pepitaton zombou, dizendo:

- Sois guerreiros, ou mulheres? Dispersai o povo sem derramar sangue porque o faraó o proibiu, terminantemente.

Ao ouvir isso os oficiais se entreolharam e cuspiram para o chão. E já que não havia outra coisa a fazer, voltaram para junto dos nossos homens.

Enquanto tais conciliáulos se processavam, o povo foi avançando sobre os negros em retirada, arrancando pedras da rua e arremessando-as, girando clavas e galhos quebrados, e gritando alto. A multidão era numerosa e os homens se exortavam uns aos outros com berros. Muitos negros, derrubados pelo apedrejamento, jaziam no chão em cima do próprio sangue. Os cavalos ficaram nervosos com a celeuma do povaréu, e recuavam e empinavam, de modo que os homens dos carros se viram em apuros. Quando o comandante dos carros voltou a se unir às suas tropas verificou que muitos de seus animais caríssimos estavam com um olho vazado ou com uma perna quebrada, por efeito das pedradas.

Isso o enraiveceu tanto que começou a bradar fora de si:

- Coitado do Arco de Ouro! Pobrezinho do meu Cabrito Montes! Ah! O meu Raio de Sol! Vazaram teu olho! Aleijaram-te uma perna! Feriram-te a anca! E eu que gosto mais de vós três do que do povo inteiro e de todos os deuses juntos! Vingá-me-ei. Olá, se me vingarei... Mas, não derramemos sangue, porque o faraó proibiu, taxativamente...

À frente de seus carros, arremeteu contra a multidão; e cada condutor de veículo procurava colher os rebeldes mais assanhados, enquanto os cavalos pisavam velhos e crianças e os gritos se iam transformando em gemidos. Mas aqueles que os soldados colhiam ao passar de carro eram estrangulados com as rédeas, assim se cumprindo a ordem de não derramamento de sangue; em seguida viravam de direção, arrastando atrás dos carros os cadáveres a fim

de disseminar horror entre o povo. Os núbios arrebatavam os arcos, arremetiam e estrangulavam as vítimas com as cordas aproveitadas. Estrangulavam até mesmo crianças, e se defendiam das pedradas manobrando os escudos. Mas cada negro pintado que se separasse um pouco dos camaradas era pisado pela gentilha e dilacerado em pedaços. O povo conseguiu mesmo puxar para fora de um dos carros o respectivo condutor, e lhe arrebatou o crânio de encontro às lajes por entre vociferações tumultuosas. O real comandante supremo do ataque, Pepitaton, foi ficando preocupado com o decorrer da refrega; o relógio de água, a seu lado, gorgolejava, e o bramir da multidão chegava aos seus ouvidos como o ímpeto rouco de uma torrente. Chamou seus oficiais, invectivou-os por causa da demora, e disse:

- A minha gata sudanesa, Mimo, vai ter filhotes, hoje. Ora, em que estado de ânimo posso eu estar se vejo que não posso ir ajudá-la?! Conjuro-vos em nome de Aton que avanceis! Derrubai logo essa estátua amaldiçoada, para que possamos voltar para casa, todos. Do contrário arrancarei as correntes de ouro de vossos pescoços e quebrarei vossos chicotes. Juro!... Ao ouvir isto, os oficiais viram que estavam em apuros e assim, sucedesse o que sucedesse, resolveram pelo menos salvar suas honras como soldados. Reorganizaram seus homens e deram o ataque jogando o povo para o lado, como aparas e restolhos sob o efeito da enxurrada; as espadas dos negros se tingiram de vermelho, correu sangue pela praça e em cada uma das cem arremetidas pereceram naquela manhã cem pessoas - mulheres, homens e crianças - e isso em nome de Aton. E isso porque quando os sacerdotes viram que os soldados estavam atacando deveras, fecharam as portas dos pilonos, e o povo começou a correr de uma banda para outra como rebanho espezinhado. Negros, embriagados por sangue, perseguiram tais bandos, atingindo-os com os arcos e lanças, enquanto os condutores de carros investiam pelas ruas atravessando os fugitivos com suas espadas. Mas, na fuga, o povo forçou a entrada do templo de Aton, revirou o altar e liquidou os sacerdotes que encontrou. Os carros, em perseguição,

transpuseram o recinto. Assim os lajedos do templo de Aton ficaram coalhados de sangue e cheios de moribundos.

Mas as muralhas do templo de Ammon bloquearam a passagem das tropas negras de Pepitaton que não estavam acostumadas a transpor tais defesas e suas catapultas não tinham força para derrubar portas de cobre. O mais que os soldados puderam fazer foi cercar o templo, de cujas muralhas os sacerdotes lhes bradavam imprecações e os guardas deixavam cair setas e chuços, de modo que muito negro foi atingido sem poder revidar. Escorria da praça aberta diante do templo um arroio espesso de sangue que atraiu as moscas da cidade inteira em vagas ondulantes de poeira. Pepitaton surgiu em sua liteira dourada e ficou com a fisionomia lívida ante aquele cheiro nauseante; mandou que escravos queimassem incenso à sua volta, e chorou e rasgou as vestes à vista de tantos mortos.

Além disso seu coração esta;a aflito por causa de Mimo, a gata sudanesa; de forma que disse aos seus oficiais:

- Temo que a cólera do faraó será tremenda, porque não derrubastes a imagem de Ammon, e apenas conseguistes verter sangue em torrentes ao longo das sarjetas. Vou depressa comunicar ao faraó o que se passou e farei tudo para interceder por vós. Assim, terei ensejo de passar por casa, ver a gata e mudar de roupa, porque este cheiro aqui é hediondo e me entra até pela pele. Não podemos transpor as muralhas do templo, hoje. O faraó em pessoa que decida, já agora, o que deva ser feito. nada mais aconteceu naquele dia. Os oficiais retiraram seus homens do assédio às muralhas do templo e de junto dos mortos e ordenaram que as carroças de abastecimento subissem pois era hora de dar ração aos núbios.

Durante as noites que se seguiram, incêndios se alastraram pela cidade, casas foram saqueadas, negros tatuados beberam vinho em taças de ouro, sardanitas deitaram em macias camas com dosséis. Toda a escumalha da cidade irrompeu: ladrões, profanadores de tumbas, salteadores de estradas, que não temiam aos deuses, nem mesmo a Ammon. Com ademãs piedosos louvaram o nome de Aton, transpuseram o templo que fora limpo à pressa, e receberam

a cruz da vida dos sacerdotes sobreviventes. Penduraram-nas ao pescoço como talismã protetor que assim os habilitou a roubar, assassinar e saquear à vontade sob a proteção da noite. Muitos anos se passariam antes que Tebas voltasse ao que tinha sido porque durante tais dias foram drenados para fora dela poder e riqueza, como sangue de um corpo pletórico.

Horemheb permanecia em minha casa, sem dormir, alvoroçado, com os olhos cada vez mais sinistros e seu estomago recusava tudo quanto era refeição que Muti repetidamente punha na sua frente. Muti, como muitas outras mulheres, se sentiu empolgada por Horemheb, dedicando-lhe mais consideração do que a mim que, culto ou letrado, não passava todavia de um sujeito de musculatura flácida.

Horemheb mostrou-se explícito:

- Estou ligando para Ammon, ou Atom Mas a verdade é que ambos fizeram os meus soldados se comportarem barbaramente... Assim, muitos lombos se vergarão ao meu chicote e muitas cabeças terão que cair antes que eu consiga que recuperem juízo. E lastimo muitíssimo, porque quando disciplinados são ótimos combatentes. Kaptah enriquecia cada vez mais, e seu semblante luzia de unguentos. Passava agora as noites em O Rabo do Crocodilo porque os oficiais e os sargentos sardanitas pagavam com ouro, e nos cômodos reservados aos fundos da taverna jaziam montes cada vez maiores de tesouros roubados, jóias, cofres, enxovais, que os fregueses cediam em troca de vinho, sem indagar o preço. O estabelecimento permaneceu intacto, livre de ataques, e os gatunos passavam de longe porque a casa estava guardada pelos homens de Horemheb.

Já no terceiro dia o meu abastecimento de remédios se esgotara e era impossível adquirir mais, mesmo a peso de ouro.

Minha perícia era vã em face da doença que se espalhava pelo bairro dos pobres, por causa dos cadáveres e da água conspurcada. Sentia-me cansado, meu coração parecia uma ferida em meu peito, meus olhos estavam congestionados por falta de sono suficiente. Vivía aflito por causa de tudo, dos pobres, dos feridos, de Aton, e

fui para O Rabo do Crocodilo onde bebi vinho misturado até cair em pesado sono.

De manhã, fui acordado por Mérito; eu estava deitado em sua esteira, e ela jazia a meu lado. Profundamente envergonhado, disse-lhe:

- A vida é como uma noite fria; mas na verdade pode se tornar suave quando dois mortais solitários se aquecem mutuamente, a despeito das mentiras de seus olhos e de suas mãos.

Ela bocejou, estremunhada.

- Como sabeis que minhas mãos e meus olhos estão mentindo? Estou cansada de bater nas mãos de soldados e de lhes dar pontapés nos queixos; o único lugar garantido nesta cidade é a teu lado, Sinuhe... Aqui ninguém ousará por a mão sobre mim. A razão disso ser assim, nem eu posso dizer, e me sinto um pouco ofendida, pois sou tida na conta de bonita e a curva de meu ventre é perfeita, embora não vos tenhais dignado olhar para ele.

Bebi a cerveja que me ofereceu para aliviar minha dor de cabeça, e não encontrei palavra para uma resposta. Ela fitou meus olhos com um sorriso, sem que todavia desaparecesse aquela névoa de mágoa que pairava ao fundo dos seus olhos castanhos como um lençol de água profunda no fundo de um poço. Disse-me:

- Gostaria de ajudar-vos, se pudesse, e sei que nesta cidade há uma mulher que te deve uma dívida incomensurável.

Nestes dias os tetos são assoalhos, as portas se abrem para o lado de fora, e o pagamento de muitas dívidas é exigido em plena rua. Talvez vos conviesse também agir deveras para assim perderdes a impressão de que todas as mulheres são áridos desertos.

Disse-lhe que esta não era a minha impressão a respeito dela, mas saí levando suas palavras comigo, pois eu era humano, apesar de tudo. Meu coração confrangeu-se à vista da carnificina, e provei o paroxismo do ódio, ficando com medo de mim mesmo. Lembrei-me do templo do gato e da respectiva casa anexa, não obstante o tempo haver se acumulado como areia em cima de tais recordações. Mas durante os dias de terror os mortos se levantam de suas tumbas, e me lembrei de meu pai tão cordato e de minha mãe tão solícita; e ao pensar neles senti ,gosto de sangue na boca.

Em tal ocasião ninguém em Tebas era demasiado rico ou demasiado eminente para não se sentir em perigo ao sair à rua. Bastar-me-ia portanto contratar alguns soldados para efetivar meu intento. Mas por enquanto eu ignorava qual fosse o meu intento. No quinto dia reinou apreensão entre os oficiais sob o comando de Pepitaton, porque os soldados deixaram de obedecer aos toques das cornetas e insultavam os chefes pelas ruas, arrancando-lhes os chicotes dourados e quebrando-os nos joelhos. Os oficiais procuraram Pepitaton que já estava farto da vida de guerreiro e sentia saudades de seus gatos; persuadiram-no a solicitar audiência ao faraó e dizer-lhe a verdade, devolvendo-lhe sua pala de comando supremo. E assim, no quinto dia apareceram em minha casa mensageiros do faraó dizendo a Horemheb que se apresentasse ao faraó.

Horemheb levantou-se como um leão da sua toca, lavou-se, vestiu-se e saiu com os homens resmungando consigo mesmo as palavras que pretendia dizer ao faraó. Aquela altura até mesmo a autoridade do faraó estava cambaleante, e ninguém sabia o que o dia seguinte poderia trazer.

Quando se viu diante do rei, disse:

- Akhnaton, não há um momento a perder, e não tenho tempo para vos lembrar quanto vos aconselhei que fizésseis. Se desejais que tudo se normalize, outorgai-me a vossa autoridade por três dias, ao cabo os quais vo-la devolverei. E nem precisareis saber nunca o que se passou.

O faraó perguntou-lhe:

- Derrubarás Ammom? Horemheb respondeu:

- Não resta dúvida que sois um possesso! A despeito de tudo quanto aconteceu, Ammon deve cair para que a majestade do faraó sobreviva! Não é isso? Está bem. Derrubá-lo-ei. Mas não me pergunteis de que modo o farei.

O faraó recomendou:

- Não façais mãos seus sacerdotes pois estes não sabem o que fazem.

Após resposta anuindo, Horemheb comentou:

- Está parecendo que precisais de uma trepanação do crânio, pois somente isso vos curará. Ainda assim vos obedecerei em consideração àquela hora em que cobri vossa fraqueza com a minha túnica.

Então o faraó chorou e lhe entregou por três dias o seu azorrague e o seu bordão. Como este caso veio a termo sei apenas pelo que Horemheb me contou; conforme é hábito dos guerreiros, exagerou decerto, com a sua imaginação. Fosse como fosse, voltou para a cidade na carruagem dourada do faraó e passou por tudo quanto foi rua chamando os soldados pelos nomes. Tomou consigo os de mais confiança, mandou tocar as trombetas conclamando os homens a se reunirem sob os seus respectivos Estandartes com insígnias de falcões e caudas de leões. A busca durou a noite toda. Brados e gritos eram ouvidos nos aquartelamentos onde dormiam os homens, e bastões foram usados às dúzias nas mãos dos punidores cujos braços ficaram cansados, pois jamais tinham exercido tal tarefa com tamanha veemência. Horemheb mandou seus homens patrulharem as ruas a fim de prender os soldados que não obedecessem aos toques das trombetas para em local adrede serem flagelados. Todos quantos estavam com as mãos ou as vestes ensangüentados foram decapitados à vista dos camaradas. Ao raiar a manhã a escumalha de Tebas voltara aos seus buracos, que nem ratos, pois todos que eram apanhados roubando ou depredando eram passados à espada no próprio local, imediatamente.

Horemheb convocou também à sua presença todos os construtores da cidade e lhes ordenou que tirassem materiais dos atacadistas ricos e desmontassem navios por causa da madeira; e fez artífices construírem catapultas e torres de assédio, de modo que a barulheira de marteladas encheu a noite toda. Mas acima de todos os ruídos se erguiam os berros dos núbios e dos sardanitas sob vergastas, som este, aliás, agradabilíssimo aos ouvidos dos cidadãos de Tebas.

Horemheb não perdeu tempo à toa em negociações com os sacerdotes; assim que começou a clarear deu ordens aos seus oficiais. Torres de assédio foram colocadas em cinco pontos

em redor das muralhas do templo ao mesmo tempo em que arietes e catapultas começaram a arrombar as portas.

Nenhum dos soldados foi ferido, porque faziam teto com os escudos. Os sacerdotes e os guardas não puderam opor resistência a um ataque tão decidido e bem praticado. Dispersaram suas forças e começaram a correr de uma banda para outra, em pânico, ao redor das muralhas enquanto dos pátios, em baixo, subiam os gritos aterrorizados do povo que se acolhera a eles. Quando os sacerdotes principais viram que as portas estavam cedendo e que os negros escalavam as muralhas, mandaram tocar cornetas pedindo trégua para que a vida do povo fosse poupada. Convenceram-se de que Ammon tivera sacrifícios suficientes, e desejavam poupar os fiéis remanescentes para futuros serviços. Assim pois as portas foram abertas e os soldados deixaram que a multidão aglomerada lá dentro escapasse segundo o consentimento de Horemheb. O povo fugiu, invocando Ammon, indo à pressa para casa, pois a excitação já se abatera e toda aquela gente estava exausta deveras de haver ficado de pé tanto tempo nos pátios sob o sol abrasador.

Pode Horemheb tomar os adros, os depósitos, as cocheiras e as oficinas do templo sem grandes perdas de qualquer dos lados. As Casas da Vida e da Morte ficaram sob sua jurisdição; mandou que os médicos da Casa da Vida fossem para a cidade tratar dos doentes, mas não interferiu na Casa da Morte porque os que trabalham acolá se acham separados como num santuário, aconteça o que acontecer cá fora no mundo. Os sacerdotes e os guardas fizeram uma última tentativa no templo para proteger o santo dos santos; para tanto os sacerdotes exerceram mágicas sobre os guardas e lhes deram drogas sob cujo efeito lutaram até à morte sem sentir dor.

A batalha no grande templo continuou até ao crepúsculo quando então os guardas enfeitiçados foram todos mortos junto com os sacerdotes que ofereceram resistência. Restaram apenas os sacerdotes de alta categoria que se reuniram em torno do deus, no santuário. Horemheb deu ordem para que a luta cessasse e



imediatamente mandou fazer a remoção dos mortos - que foram atirados no rio.

Em seguida, aproximando-se dos sacerdotes de Ammon, falou:

- Não movo guerra contra Ammon, porque sirvo a Horus, o meu falcão. No entanto devo obedecer às ordens do faraó e depor o vosso deus. Não seria mais agradável para nós que nenhuma imagem fosse encontrada no santo dos santos, evitando-se assim que os soldados a profanassem? Sim, pois não desejo cometer sacrilégio, muito embora, devido ao meu juramento, deva servir ao faraó. Refleti sobre as minhas palavras; para tal fim vos concederei o prazo de uma medida de água. Depois disso podeis partir em paz, e ninguém erguerá as mãos contra vós, porque não faço questão de vossas vidas.

Estas palavras agradaram aos sacerdotes que se tinham decidido a morrer por causa de Ammon. Permaneceram no santuário até decorrer o prazo de uma medida de água. Depois Horemheb com a sua própria mão arrebentou o véu do templo e deixou partir os sacerdotes. Assim o santuário ficou vazio, não se vendo nenhuma imagem de Ammon. Os sacerdotes mais que depressa a desmontaram, e levaram os pedaços debaixo de suas túnicas, para que mais tarde pudessem proclamar um milagre e afirmar que Ammon ainda vivia. Horemheb mandou selar todos os compartimentos, inclusive os porões, sendo que o fez com as suas próprias mãos onde estavam guardados o ouro e a prata.

Naquela mesma noite, ao clarão de tochas, pedreiros começaram a apagar o nome de Ammon de tudo quanto era estátua ou inscrição. Noite adentro Horemheb mandou limpar a praça de cadáveres e fragmentos, e ordenou que fossem extintos os incendios, que ainda lavravam em algumas partes da cidade.

Quando os tebanos mais ricos e mais aristocratas souberam que Ammon fora deposto e que a calma e a boa ordem se achavam restabelecidas então se vestiram com os mais luxuosos trajes, acenderam lâmpadas diante de suas casas e saíram para as ruas a fim de celebrar a vitória de Aton.

Membros da corte, que se haviam refugiado na casa dourada do faraó, atravessaram novamente o rio, de volta à cidade.

Em breve o firmamento por cima de Tebas se avermelhou por causa das tochas e lâmpadas festivas. O povo recamou de flores as ruas, gritando, rindo e se abraçando. Horemheb não pode evitar que eles se divertissem com os sardanitas atochando-os de vinho, nem que damas da nobreza abraçassem os núbios que carregavam na ponta das lanças as cabeças escanhoadas dos sacerdotes que tinham matado. Tebas rejabilou-se aquela noite em nome de Aton. Em nome de Aton tudo foi permitido, e não houve diferenciação entre egípcios e negros. Em testemunho disso as damas da corte admitiram núbios em suas casas, espojaram-se de seus novos trajes de verão, provaram a virilidade dos negros e experimentaram o acre cheiro de sangue de seus corpos.

E como um guarda do templo, ferido, se arrastasse para o centro da praça, vindo da sombra das muralhas e em seu delírio chamasse Ammon, esborracharam-lhe a cabeça de encontro às pedras da rua; e as damas dançaram em sinal de júbilo ao redor desse corpo.

Tais coisas vi com os meus próprios olhos, e as tendo visto escondi a cabeça entre as mãos, indiferente já então a tudo quanto acontecera. Raciocinei que deus nenhum podia curar o homem da sua loucura. Corri para o Rabo do Crocodilo e, com as palavras de Mérito fulgurando em meu coração, chamei os soldados que montavam guarda à taverna. Obedeceram-me porque me haviam visto na companhia de Horemheb, e os levei através daquela noite de delírio, por entre orgias e danças em plena rua, à casa de Nefernefernefer. Acolá também ardiam tochas e lâmpadas, e o barulho de bêbados em baderna que vinha da casa - que não sofrera ataque nenhum - atingia o quarteirão. Assim que me aproximei, meus joelhos começaram a tiritar e meu estomago se contraiu. Disse aos soldados:

- Estas são as ordens de Horemheb, meu amigo e comandante supremo do faraó. Entrai naquela casa. Lá encontrareis a dona, uma mulher de cabeça empertigada e de olhos tão verdes que parecem pedras de jade. Trazei-a aqui; caso resista, desacordai-a com uma pancada de espada na cabeça, mas não lhe façais nenhum outro mal.

Os soldados lá se foram, alegremente. Não tardou que convivas saíssem cambaleando, espantados, e que criados se pusessem a chamar hipotéticos guardas. Os meus homens logo voltaram comendo pão-de-mel, trazendo frutas e pichéis de vinho e... transportando Nefernefernefer.

Lutara. Tiveram que machucá-la com uma espada, e a sua cabeça macia estava ensangüentada e com a cabeleira fora do lugar. Palpeilhe o peito; a pele era fina como vidro aquecido; mas a sensação que tive foi de ter posto a mão na pele de uma serpente. Verifiquei que seu coração batia, que o ferimento não tinha gravidade; e a envolvi num pano preto como se faz com os cadáveres, e a depus numa liteira. Vendo que eu estava acompanhado por soldados, a guarda não interferiu. Aqueles foram me aguardar à entrada da Casa da Morte; segui na liteira balouçante com o corpo inanimado de Nefernefernefer em meus braços.

Ainda era linda; mas, para mim, bem mais repulsiva do que uma serpente. Assim, ao longo da noite agitada, chegamos à Casa da Morte onde dei ouro aos soldados e os licenciei, mandando embora, também, a liteira.

Entrei na Casa da Morte com Nefernefernefer em meus braços e disse aos lavadores de cadáveres que vieram ao meu encontro:

- Trago-vos o corpo de uma mulher que encontrei na rua. Não sei seu nome nem o de sua família; mas quer me parecer que as jóias que ela traz consigo serão pagamento suficiente ao trabalho que tereis em lhe preservar o corpo para sempre.

Os homens blasfemaram, dizendo-me:

- Cuidas, ó maluco, que já não temos carniça bastante com que trabalhar todos estes dias? E quem é que nos paga mais esta trabalhadeira?

Mas quando retiraram a mortalha negra verificaram que o corpo da mulher ainda estava quente: e como lhe tirassem o vestido e as jóias, viram que era bonita - mais bonita do que qualquer mulher que ali já dera entrada. Não disseram mais nada, palpavam-lhe o busto, perceberam que o coração ainda batia. Trataram de cobri-la

depressa outra vez com a mortalha, piscando e fazendo trejeitos uns para os outros, por entre risadas. Depois me disseram:

- Vai-te embora, desconhecido e abençoado seja esse teu gesto. Vamos embalsamá-la com o maior capricho e, caso isso dependa apenas de nós, a reteremos setenta vezes setenta dias para que seu corpo fique bem preservado para todo o sempre.

Assim cobrei pagamento exato a Nefernefernefer pela dívida em que ela se achava para comigo, com referencia a meus pais. Perguntava-me qual seria sua impressão ao acordar nos recessos da Casa da Morte, saqueada em seus bens e nas garras de lavadores de cadáveres e embalsamadores. Se é que eu os conhecia bem, podia ter a certeza de que jamais a deixariam voltar para a luz do dia. Sim, tratava-se de vingança minha, pois tinha sido por sua causa que eu chegara a conhecer a Casa da Morte. Mais a minha vingança foi pueril, conforme vim a descobrir mais tarde.

Procurei Mérito na taverna de Kaptah e lhe disse:

- Realizei minha vontade e da maneira mais terrível que alguém já se lembrou de fazer. Mas a minha vingança não me proporcionou alívio nenhum, meu coração se sente mais vazio do que antes, e a despeito do calor da noite sinto o corpo frio.

Bebi vinho, que teve gosto de terra em minha boca. Queixei-me:

- Que o meu corpo pereça se eu tornar a tocar em outra mulher, pois quanto mais penso nelas mais me acovardo; o corpo e o coração das mulheres constituem uma armadilha mortal.

Mérito acariciou minhas mãos, e seus olhos castanhos fixaram os meus, enquanto sua voz dizia:

- Sinuhe, nunca chegastes a conhecer uma mulher que vos quisesse bem.

Bebi vinho e redargüi por entre lágrimas:

- Mérito, que todos os deuses do Egito consigam me salvar de uma mulher que me queira bem. Também o faraó só quer o bem alheio, e o rio está cheio de cadáveres por causa desse seu bem-querer. Mérito, tuas faces são macias e lisas como vidro, e tuas mãos são cálidas. Deixa que toque tuas faces esta noite com meus lábios e que aqueça as minhas mãos frias nas tuas para que consiga dormir

sem sonhos. Consente, e então te darei quanto desejares. Sorriu tristemente e sentenciou:

- Fala por vossa boca o efeito da bebida que age em vós como uma rabanada de crocodilo. Mas estou acostumada a isso e não me zango. Bom é que saibais, Sinuhe, que não exijo nada de vós, e que nunca em minha vida exigi coisa alguma de nenhum homem; jamais pedi quaisquer valores a alguém. O que dou, dou de coração, e vos darei também o que me pedirdes, pois me sinto tão sozinha quanto vós vos sentis solitário.

Tirou da minha mão tremula a taça de vinho e, estirando a esteira no chão, para mim, se deitou a meu lado, aquecendo minhas mãos nas suas. Roci suas faces macias com os meus lábios e sorvi o aroma de cedro de sua pele, acabando por gozar o seu amplexo. Para mim ela era ao mesmo tempo meu pai e minha mãe, um braseiro numa noite de inverno, um fanal na praia guiando o navegante através da noite impetuosa. Depois que dormi, ela ficou sendo para mim Minéia - Minéia que eu perdera para sempre - e eu permanecia deitado junto daquele corpo como no fundo do mar com Minéia.

Não tive pesadelos, dormi profundamente, enquanto ela sussurrava em meus ouvidos aquelas mesmíssimas palavras que as mães dizem aos filhos que sentem medo da escuridão. Desde aquela noite ela se tornou minha amiga, porque em seus braços acreditava outra vez que existia algo maior do que eu e acima da minha compreensão, só isso bastando como valor para a vida.

Disse-lhe na manhã seguinte:

- Mérito, quebrei um cântaro com uma mulher que já morreu e guardo comigo a fita de prata que apertava seus longos cabelos. Contudo, por causa da nossa amizade, estou pronto a quebrar um cântaro contigo, se quiseres.

Bocejando, ela tapou a boca com o dorso da mão e respondeu:

- Não deveis beber mais "rabos de crocodilo", Sinuhe, porque vos fazem falar coisas insensatas no dia seguinte. Lembrai-vos de que eu cresci numa taverna e que já não sou mais uma rapariga inocente que deva me prender à vossa palavra.... e depois ficar desapontada, deveras.

- Quando olho bem dentro de teus olhos, Mérito, creio então que há mulheres boas neste mundo - disse eu, roçando suas faces macias com a minha boca. - Foi por isso que falei assim; para que saibas em que conceito te tenho.

Sorriu.

- Reparai que proibi que bebêsseis "rabos de crocodilo" pois uma mulher sempre começa mostrando que quer bem a um homem proibindo-lhe que faça qualquer coisa para, com isso, experimentar se tem domínio sobre ele. Não falemos de cântaros, Sinuhe. Sabeis que o meu leito é vosso sempre que sentirdes solidão e tristeza. Mas não vos ofendais se acho que existem outros homens solitários e tristes, além de vós, porque, como ser humano, eu também sou livre de escolher companhia, e não quero de modo algum vos prender. Isto posto, apesar dos pesares, vou vos dar um "rabo de crocodilo" que eu mesma vou buscar.

Tão estranha é a alma do homem e tão pouco conhece de seu próprio coração que meu espírito naquele momento se sentiu leve como um pássaro, e esqueci completamente todo o mal que acontecera durante aqueles dias. Fiquei contente, e pelo resto do dia não tomei mais nenhuma bebida.

Na manhã seguinte levei Mérito para assistir ao cortejo do festival do faraó. Apesar de tanta trabalhadeira tida na taverna, ela estava muito bonita em seu vestido de verão cortado pelo feitio moderno, e não me envergonhei absolutamente de ficar a seu lado nos lugares reservados aos favorecidos do faraó.

A Avenida dos Carneiros refulgia de galhardetes, e extensas multidões a ladeavam, tendo ocorrido para a passagem do faraó. Meninos estavam encarapitados nas árvores dos jardins de ambos os lados, e Pepitaton ordenara que um número incontável de cestas com flores fossem colocadas ao longo do percurso para que, de acordo com o costume, os espectadores alcatifassem o caminho do faraó. Eu sentia ótima disposição esperando lobrigar liberdade e luz para a terra do Egito.

Recebera uma taça de ouro da casa do faraó e fora nomeado cirurgião real da corte. Sentia a meu lado uma mulher agradável e

nédia, que era minha amiga. E à nossa volta, nos lugares reservados, via somente gente feliz e sorridente.

No entanto reinava profundo silêncio; o crocitar dos corvos podia ser ouvido lá na cúpula do templo, pois corvos e abutres tinham agora escolhido Tebas como seu recinto e se haviam empanzinado tanto que não podiam levantar vôo e voltar para as suas montanhas.

O faraó errou tremendamente em consentir que negros pintados marchassem atrás da sua cadeira. Ao ve-los, a multidão se levantou em fúria. Pouquíssimas eram as pessoas que não tinham sofrido algum dano nos dias precedentes. Muitas haviam perdido suas casas por incêndio; as lágrimas das viúvas ainda não haviam secado, os ferimentos dos homens ainda doíam debaixo dos curativos, e suas bocas contundidas e quebradas não podiam sorrir. Mas o faraó Akhnaton apareceu, oscilando bem alto sua cadeira por cima das cabeças do povo, e visível de todo. Trazia na cabeça a dupla coroa dos Dois Reinos, de lírios e de papiros. Tinha os braços cruzados no peito e suas mãos seguravam convulsivamente o bordão e o azorrague da realeza. Estava hirto como uma imagem, tal qual apareciam em público os faraós de todos os tempos, e havia um silêncio mortal à medida que a cadeira prosseguia, como se a presença real tornasse muda toda aquela gente.

Os soldados que guarneciam o percurso erguiam suas espadas com um brado de saudação, e os assistentes mais conspícuos começaram também a ovacionar e a atirar flores na frente da cadeira real. Mas em comparação com o silêncio ameaçador da turba, tais aclamações soavam esganiçadas e lastimáveis, como o zumbir de um mosquito solitário numa noite de inverno; por isso tais entusiastas em breve se reduziram a silêncio, olhando uns para os outros, espantados.

Desta vez, contra toda a tradição, o faraó se moveu, erguendo o bastão e o azorrague em saudação hirta. A multidão reagiu, e de repente de milhares de gargantas irrompeu um grito tão terrível como o reventar do oceano de encontro a penhas. '

- Ammon! Ammon! Restituí-nos Ammon, o rei de todos os deuses!

E como a multidão ondulasse e se dilatasse, e o clamor se tornasse cada vez mais audível, os corvos e os abutres levantaram vôo do

teto do templo e abriram suas asas negrejantes por sobre a cadeira do faraó. E a turba gritava:

- Vai-te embora, falso faraó! Some da nossa vista!

Os brados alvoroçaram os homens que carregavam a cadeira que interrompeu alguns segundos sua passagem. Mas quando ela se locomoveu para a frente, outra vez, impelida pelas instâncias dos oficiais nervosos da guarda, o povo irrompeu em irresistível correnteza através da Avenida dos Carneiros, cindindo o isolamento estabelecido pelos guardas e se arrojando confusamente diante da cadeira a fim de obrigá-la a retroceder.

Já não era mais possível seguir o que estava acontecendo. Os soldados começaram a zurrir o povo com seus bastões para desimpedir o caminho, logo tendo que recorrer às espadas e às adagas para se defender. Paus e pedras cantavam no ar, sangue escorria, e o grito dos que morriam atravessava a celeuma. Mas nenhuma pedra foi atirada no faraó, que era filho do sol como os demais faraós, seus predecessores. A sua pessoa era sagrada e ninguém da multidão ousaria, sequer em sonhos, erguer a mão contra ele, por mais que no íntimo todos ali o odiassem. Não creio que os próprios sacerdotes fizessem coisa assim tão incrível.

O faraó continuava imperturbável, até que, mais além, esquecido da sua dignidade, gritou aos soldados que parassem. Mas em meio àquela confusão ninguém escutou sua voz. A multidão jogava pedras na guarda que para se defender teve que matar muitas pessoas que exclamavam incessantemente:

- Ammon, Ammon! Queremos outra vez Ammon! Vai-te embora, falso faraó! Some-te! Tebas não quer saber de ti!

Pedras foram arremessadas contra pessoas importantes, e o povo irrompeu ameaçadoramente junto dos recintos reservados obrigando mulheres a fugir jogando fora flores e frascos de perfume. Por ordem de Horemheb trombetas soaram. Dos pátios e ruas laterais vieram carros que até então estacionavam fora da vista do povo para evitar provocações. Muita gente foi apanhada pelos cascos dos cavalos e pelas rodas dos carros; mas Horemheb mandara antes tirar os alfanjes laterais para evitar derramamento desnecessário de sangue. Rodaram vagarosamente e em ordem



preestabelecida rodeando a cadeira do faraó e também protegendo mais pessoas, entre elas a família real, escoltando assim o desfile até ao fim. Contudo, os bandos só dispersaram depois que as embarcações governamentais atravessaram a remo a correnteza do rio.

Dispersaram-se aos gritos de júbilo que foi mais terrível do que a cólera. Os rufiões saqueavam as casas dos ricos até que os soldados restaurassem a ordem e o povo fosse compelido a se retirar para suas casas. A noite desceu e os corvos principiaram a descer em círculos para dilacerar os corpos que ainda jaziam na Avenida dos Carneiros.

Foi desta forma que o faraó Akhnaton se viu face a face pela primeira vez com seu povo enraivecido e assistiu correr sangue por causa do seu deus. Jamais se esqueceu de tal cena. O ódio destilou veneno em seu amor, e seu fanatismo cresceu tanto que ele decretou que quem quer que dissesse alto o nome de Ammon ou o conservasse escondido em imagens ou vasos fosse mandado para as minas.

Cito estes acontecimentos antes do tempo em que ocorreram só para expor a situação. Naquela mesma noite fui chamado apressadamente à casa dourada, porque o faraó estava com um ataque do seu mal sagrado. Os médicos receavam que morresse e trataram logo de dividir o peso da responsabilidade, escolhendo-me porque o faraó pouco antes falara em mim. Achei-o estirado que nem um corpo morto, com os membros gelados, sendo quase impossível surpreender o batimento do seu pulso.

Após um período de delírio, durante o qual mordeu a língua e os beijos até sangrarem, voltou a si. Mandou então que se retirassem todos os outros médicos, pois não os tolerava.

E logo me disse:

- Chama a minha equipagem. Manda-a içar as velas vermelhas da minha nave. Que os meus amigos venham comigo, pois vou fazer uma viagem deixando que a minha visão me conduza até a uma terra que não pertença a deuses nem a homens. E a consagrarei a Aton e lá edificarei uma cidade que será a cidade de Aton. Nunca mais voltarei a Tebas. O comportamento destes tebanos me é mais

odioso do que tudo quanto se passou antes... mais repelente, mais desprezível do que tudo que meus antecessores viram, mesmo no estrangeiro. Portanto, desdenho Tebas e a deixo entregue às suas próprias trevas.

Tão intensa era a sua agitação que pediu que o levassem para bordo apesar de ainda estar com aflições; e eu, a despeito de ser médico, não consegui adiar tal decisão.

Horemheb considerou:

- É melhor assim. O povo de Tebas ficará à vontade aqui, é Akhnaton ficará à vontade acolá para onde quer ir. Ambos ficarão satisfeitos e desta maneira haverá sossego na nação, outra vez.

Atendi ao faraó em sua viagem rio abaixo. Tão grande era a sua impaciência que não quis esperar a família real, seguindo primeiro. Horemheb ordenou que uma escolta de navios armados acompanhasse a nave para que não sucedesse mal nenhum.

Assim, com suas velas rubras, a nave do faraó deslizou rio abaixo.

E Tebas foi ficando para trás. Muralhas, cúpulas de templos, as extremidades douradas dos obeliscos iam se abatendo ao fundo do horizonte; e por último as três colinas, as guardiãs eternas de Tebas, sumiram também.

Mas a lembrança de Tebas permaneceu conosco por muitos dias porque o rio se achava cheio de crocodilos bem alimentados cujas caudas espadanavam nas águas remansosas, e cem vezes cem cadáveres tumefatos perpassaram com a correnteza. Não havia moita de caniços sem um corpo, nem baixio sem um cadáver preso pelas roupas ou pelos cabelos; e tudo por causa do deus do faraó Akhnaton. Ele porém não assistiu a nenhuma destas cenas porque jazia estirado em seu beliche, em cima de macias almofadas enquanto criados o ungiam com óleos perfumosos e acendiam incenso em caçoilas próximas, para que o faraó não sentisse o cheiro do seu deus.

Depois de havermos velejado durante dez dias, o rio se mostrava já intacto e o faraó subiu ao convés para olhar a paisagem. A terra apresentava o tom amarelo do verão; os lavradores em bandos entregavam-se aos aprestos da colheita; ao fim das tardes o gado descia à beira da água para beber e zagais tocavam suas avenas

duplas. Quando o povo verificava que era a nave do faraó, logo se vestia de branco e corria para as margens bradando saudações e agitando palmas verdes.

Ver o povo ribeirinho assim satisfeito produziu no faraó efeito melhor do que qualquer remédio. De vez em quando mandava que a nave acostasse numa das margens, desembarcava e falava com o povo, tocava-o e abençoava as mulheres e às crianças.

Até mesmo ovelhas vinham despreocupadamente cheirá-lo e morder a orla do seu manto, o que o fazia rir de alegria. Na escuridão da noite ele se detinha na amurada olhando para as estrelas refulgentes, e me dizia coisas assim:

- Dividirei a terra toda do falso deus por entre aqueles que se contentam com pouco e que queiram lavrá-la com suas mãos; sentir-se-ão felizes e louvarão o nome de Aton. Dividirei as terras todas por entre eles porque o meu coração se alegra ante a vista de crianças nédias e de mulheres risonhas cujos maridos trabalham em nome de Aton sem medo nem ódio de nada.

Ou então, raciocinava:

- O coração do homem é treva. Eu nem acreditaria se não tivesse visto. Tão radiosa é a minha lucidez que não compreendo as trevas, e quando a luz jorra em meu coração esqueço todos os corações nevoentos e opacos. Deve haver muitos que não compreendem Aton, embora o vejam e sintam seu amor; e isso porque viveram suas existências nas trevas, e seus olhos não vêem direito quando expostos à luz. Então acham a luz má e dizem que ela lhes fere os olhos. O melhor portanto é deixá-los sozinhos e não incomodá-los; mas não coabitarei com eles. Reunirei em torno de mim os que me são mais diletos, jamais os deixarei; assim, não sofrerei em minha mente essas dores daninhas resultantes de ver as coisas que oprimem o meu espírito e que são hediondas à face de Aton.

Firmando os olhos nos astros, prosseguia:

- Para mim a noite é abominação. Não gosto das trevas. Causam-me pavor. Não gosto das estrelas porque quando brilham os chacais se esgueiram para fora de suas tocas, os leões deixam seus antros e rugem sedentos de sangue. Para mim Tebas é a noite; e portanto a desdenho... Na verdade desdenho tudo quanto é velho e tortuoso, e

ponho minhas esperanças na mocidade e na infância. Dos jovens é que nascerá a primavera do mundo. Os que desde a infância se dedicam aos ensinamentos de Aton estão purificados, e assim o mundo inteiro acabará se purificando. As escolas devem ser transformadas, os velhos professores precisam ser afastados, e textos novos devem ser escritos para que as crianças os copiem. Além disso quero simplificar a escrita, aperfeiçoá-la bem mais do que está, mas sem desenhos e imagens de interpretação; ordenarei o uso de uma escrita que mesmo os mais humildes aprenderão depressa. Não deverá haver mais um abismo entre os escribas e o povo; o povo tem que aprender a escrever, de maneira a não haver em nenhuma aldeia - mesmo nas menores - quem não saiba ler o que lhes escreverei. Sim, pois lhes escreverei freqüentemente a respeito de muitas coisas que necessitam saber.

Tal assunto me alvoroçou. Eu sabia que essa nova escrita era fácil a aprender e a ser lida; não se tratava da escrita sagrada e não era bonita nem abundante em conteúdo como a antiga; e todos os escribas que se prezavam a desdenhavam. Por isso, aparteei:

- A escrita popular é feia e bárbara, e não é uma escrita sagrada. Que será do Egito se toda gente for letrada? Tal coisa jamais se deu. Não haverá mais quem queira trabalhar manualmente; a terra ficará inculta e o povo achará prazer em sua capacidade de escrever, ficando reduzido à mingua.

Fiz mal em por tal reparo, pois o faraó bradou, altamente indignado:

- Assim pois tão perto de mim se açoita a treva?! Sim, planta-se perto de mim, através da tua pessoa, Sinuhe. Jogas dúvidas e obstáculos em meu caminho... Mas a verdade arde como fogo dentro de mim. Meus olhos transpõem todas as barreiras se é que são barreiras de simples águas; e contemplo já o mundo que virá depois de mim. Nesse mundo não haverá medo nem ódio; os homens dividirão uns com os outros as suas tarefas e entre eles não haverá ricos nem pobres... todos serão iguais... todos poderão ler o que lhes escreverei. Homem algum dirá ao outro: "Sírio imundo!" ou "Negro miserável" Todos serão irmãos e a guerra será banida do

mundo. E antevendo isso sinto crescer minha fortaleza; tamanho é meu contentamento que meu coração está a ponto de rebentar.

Mais uma vez me persuadi da sua loucura. Conduzi-o ao beliche, ajudei-o a deitar e ministrei-lhe um calmante. Todavia suas palavras eram um suplício cujos acicates dei em sentir, pois havia em mim qualquer coisa que amadurecera e estava apta a receber a sua mensagem.

Disse ao meu coração: "Sua mente está grandemente alterada por causa da doença, mas tal desordem é ao mesmo tempo benéfica e contaminadora. Bem desejaria que suas visões se realizassem por mais que a minha razão me diga que um mundo assim não existe em parte alguma a não ser na Terra do Poente. E meu coração clama, ainda, que sua verdade é mais alta do que todas as verdades que foram proclamadas, e que nenhuma verdade maior será proferida depois :dele, não obstante brotar de suas pegadas sangue e ruínas. Se viver tempo longo, fará ruir seu próprio reino."

E como ele contemplasse as estrelas por entre a escuridão, refleti: "Eu, Sinuhe, sou um estrangeiro no mundo e ignoro até quem me pos nele. Por deliberação pessoal me tornei o médico dos pobres de Tebas, e o ouro para mim pouco significa, muito embora eu prefira ganso assado a pão seco e vinho à água. Nada disso é assim tão importante que seja difícil me abster de tais espécies. Se o mais que tenho a perder é a minha vida, por que não hei de propender para ele, ajudá-lo, permanecer a seu lado e encorajá-lo sem titubear? Pois não é ele o faraó? Não tem o poder em suas mãos? Acaso existe no mundo alguma nação mais rica e mais fértil do que o Egito? Quem sabe se o Egito não sobreviverá a essa provação? Se tal coisa se der, então o mundo se renovará; os homens serão irmãos e não haverá mais ricos nem pobres.

Nunca jamais um homem ofereceu uma oportunidade assim para efetivar em realidade a sua verdade, pois tal homem nasceu faraó, e ensejo de tal jaez não voltará.

Este é o único momento, em todos os séculos do mundo, em que uma verdade deste teor pode ser realizada." Assim sonhava eu acordado a bordo da nave balouçante enquanto o vento trazia às minhas narinas o odor do trigo maduro e das eiras. Mas o vento me

resfriou, o sonho se desfez, e disse comigo mesmo. com tristeza: "Se ao menos Kaptah estivesse aqui, para ouvir suas palavras!" Pois embora um médico seja um homem avisado e possa curar muitas moléstias, todavia os males e a miséria do mundo são tão grandes que nem todos os médicos do mundo juntos a curariam por mais competentes que fossem...e males existem diante dos quais os médicos nada podem. Assim, Akhnaton pode ser um médico para o coração humano, mas não pode ser ubíquo, estar em toda parte. Há corações tão duros e tenebrosos que nem mesmo a verdade de Akhnaton lhes poderá valer de nada. O próprio Kaptah redargüiria: "Mesmo que chegasse um tempo em que deixassem de existir ricos e pobres, ainda assim os homens se dividiriam em sábios e estúpidos, em sagazes e em simplórios, pois assim sempre foi e assim sempre será. O homem forte põe o pé na cerviz do homem fraco; o homem matreiro foge com a bolsa do homem tolo e põe o cretino a trabalhar para ele. O homem é uma criatura tortuosa, e até mesmo a sua virtude é imperfeita. Apenas o que jaz por baixo sem nunca se levantar é que é inteiramente bom. Já de sobra o patrão viu os frutos dessa bondade, e os que tem mais motivos para abençoá-la são os crocodilos empanzinados do rio e os abutres refestelados pesadamente nos tetos do templo."

Assim como o faraó falou comigo, da mesma forma falei com o meu fraco e vacilante coração: No décimo quinto dia atingimos uma região que não pertencia a nenhum deus nem a nenhum homem eminente. Numa das margens suas colinas avultavam em cor amarela dourada de encontro ao azul do espaço. O chão não era cultivado e apenas alguns pastores guardavam por ali os seus rebanhos e viviam em cabanas de choupos ao longo da margem. E foi onde o faraó desembarcou e consagrou a terra a Aton, de modo a fundar nela uma nova cidade. Chamou a essa futura cidade Akhetaton, a Cidade Celestial.

As embarcações chegaram umas após as outras; e ele reuniu seus arquitetos-chefes e lhes mostrou onde deviam ser as ruas principais, onde devia ser localizada a casa dourada e onde conviria levantar o templo de Aton. Como seus prosélitos o rodeassem, mostrou-lhes o local do seu palácio. Os construtores removeram os pastores com

os rebanhos, puseram abaixo as choupanas e ergueram o cais ao longo da praia.

O faraó distribuiu espaço suficiente para que os mastrutores edificassem suas residências fora do centro da cidade antes do início das obras gerais, permitindo-lhes que construíssem casas de barro revestido. Cinco ruas foram traçadas de norte a sul e outras cinco de leste a oeste; as casas que as alinhavam eram todas de igual altura e cada qual continha duas peças idênticas. Em cada casa o forno era em lugar igual e adrede, e semelhantes eram os leitos e o vasilhame. O faraó demonstrou a melhor boa vontade para com os seus operários e quis que recebessem os mesmos benefícios e lucros, que residissem felizes em local apropriado fora da cidade do faraó e bendissem o nome de Aton.

Depois veio o inverno e a estação das cheias. O faraó não regressou a Tebas conforme seu costume, ficando porém a bordo da sua nave, que era agora a sede do governo.

E a medida que pedra era colocada em cima de pedra e coluna ao lado de coluna, ele se rejubilava enormemente. Não raro desferia boas risadas ao contemplar os andaimes delicados das casas que se erguiam ao longo das ruas, pois a idéia ou o mero pensamento de Tebas toldava sua mente que nem veneno. Nessa cidade de Akhetaton gastou todo o dinheiro que tinha ganho de Ammon cuja terra também dividiu entre os mais pobres da população.

O meu trabalho era muito grande porque embora a saúde do faraó melhorasse, bem como a sua disposição, decerto de tanto contemplar a cidade que florescia do solo com seus pilares pintados, ainda assim as doenças lavraram entre os operários porque o terreno precisava ser drenado; havia também muitos acidentes de trabalho devido à pressa imposta ao serviço.

Assim que as águas do rio baixaram, Horemheb desembarcou em Akhetaton com outros membros da corte, não pretendendo aliás permanecer mais tempo do que o necessário para persuadir o faraó a mudar de opinião quanto ao licenciamento das tropas. O faraó ordenara-lhe que desengajasse do serviço os núbios e os sardanitas e os mandasse para as suas terras, mas Horemheb fora adiando o cumprimento de tal ordem com todas as maneiras de pretextos,

temendo, com fundamentados motivos, que irrompessem revoltas na Síria, e tencionando conduzir tais tropas a esse país.

Mas o faraó Akhnaton ficou inabalável em sua solução e Horemheb não fez mais do que perder seu tempo em Akhetaton. As conversações diárias de ambos eram as mesmas.

Horemheb dizia:

- É sério o estado de ânimos na Síria, e as colônias de egípcios existentes lá são fracas. O rei Aziru está fomentando ódio contra nós. Tenho certeza que em tempo adequado ele iniciará uma revolta franca.

O faraó Akhnaton redargüia:

- Viste os andares do meu palácio onde os artistas estão criando lagos com caniços e patos mergulhadores à maneira cretense? Quanto a uma revolta na Síria, considero-a improvável por que mandei a todos os seus príncipes a cruz da vida. O rei Aziru, notadamente, é meu amigo; recebeu de mim a cruz da vida e ergueu um templo a Aton na terra de Amurru. Decerto já viste o átrio rodeado de colunas do templo de Aton, ao lado do meu palácio. Vale a pena ver, não obstante os pilares serem só de tijolo, por causa da pressa da construção e também porque me repugna pensar que haja escravos trabalhando em pedreiras. Mas, voltando a Aziru, em que te podes basear para duvidar de sua lealdade? Remeteu-me uma porção de cartas nas quais procura com sofreguidão aprender novas coisas sobre Aton. Se quiseres, os meus escribas te mostrarão tudo isso assim que os , nossos arquivos estiverem em ordem.

Horemheb respondia:

- Pois eu cuspo em cima de tal correspondência que é tão manhosa e falsa quanto esse Aziru que vo-la remete. Mas se é inabalável a vossa resolução de dissolver o exército, deixai-me apenas reforçar as tropas da fronteira porque as tribos do sul já estão tocando seus rebanhos para dentro das demarcações, para as pastagens existentes na terra de Kush e na Síria. Estão incendiando as aldeias dos nossos aliados negros, o que é empresa fácil visto que as aldeias são de palha.

E Akhnaton considerava:



- Não creio que seja má intenção que os impele, e sim a pobreza. Os nossos aliados devem consentir que as tribos do sul se sirvam das pastagens, e então lhes mandarei também a cruz da vida. Tampouco acredito que incendeiem as aldeias com propósito deliberado. Conforme dizes, pegam fogo facilmente, e não havemos de condenar tribos inteiras por causa de umas poucas aldeias. Mas já que insistes em reforçar por todos os meios a fronteira, guarnece-a então de guardas na terra de Kush e na Síria, posto que és responsável pela segurança do reino... Guarnece-a porém apenas com guardas e não com um exército efetivo.

A isso Horemheb aparteava:

- Akhnaton, meu amigo aloucado, deixai-me reformar as tropas de guarnição pelo país todo, porque os homens desengajados, reduzidos à pobreza, estão roubando a torto e a direito e saqueando os lavradores que atacam a pauladas.

E o faraó Akhnaton, como tirando uma conclusão moral, deduzia:

- Vês o resultado da tua recusa em me ouvir? Se tivesse falado mais intensamente a essa gente sobre Aton, agora não estariam agindo assim. Conseqüência: tem toda essa gente o coração enegrecido, as cicatrizes de teu chicote lhes queimam os dorsos e eles não sabem o que fazem. E, mudando de assunto, já reparaste que as minhas duas filhas começaram a andar? Meritaton toma conta da mais novinha, e ambas tem como companheira de folguedos uma encantadora gazela. Bem, não há nada que proíba que contrates esses homens desengajados. Contrata-os como guardas através do país, contanto que sejam apenas guardas e não se congreguem num exército em pé de guerra.

E a meu ver seria boa medida inutilizar, quebrando-os, todos os carros de guerra, pois a desconfiança gera suspeitas maiores, e temos que convencer os nossos vizinhos que, aconteça o que acontecer, o Egito jamais recorrerá à guerra.

- Não seria mais simples vender os carros a Aziru ou aos hititas? Dão bom preço por veículos militares e cavalos - disse Horemheb, em tom de zombaria. - Vejo que não vos interessa conservar um exército regular, e nem o poderíeis manter já que enterrais toda a fortuna do Egito num charco e fazeis tijolos com o pouco que resta.

Tais eram os debates de ambos, dia após dia, até que mercê de arguta tenacidade Horemheb ganhou o posto de comandante supremo das tropas da fronteira e de todas as guarnições. Foi o faraó quem decidiu de que forma elas deveriam ser armadas...Nem mais nem menos do que com espadas de madeira. Horemheb ficou com o direito de decidir o número. Que fez então Horemheb? Convocou todos os comandantes provincianos em Menfis porque tal cidade se acha no meio do país nos limites dos Dois Reinos. Achava-se ele prestes a embarcar para essa cidade quando chegou por via fluvial um correio com uma pilha de cartas e lousas de greda, provenientes da Síria e contendo notícias alarmantes. Suas esperanças se reacenderam. Essas comunicações mostravam irrefutavelmente que o rei Aziru, tendo sabido dos distúrbios de Tebas, considerou o momento oportuno para a anexação de certas cidades. Megido, a chave da Síria, revoltara-se também, e as forças de Aziru estavam sitiando a fortaleza para onde a guarnição egípcia se recolhera e de lá pedia urgente socorro ao faraó.

Mas a opinião de Akhnaton foi a seguinte:

- Talvez o rei Aziru esteja agindo assim por motivos fundamentados. É um homem ativo e pode ser que os meus mensageiros o tenham ofendido. Não o julgarei antes de lhe dar ensejo a se defender. Mas posso fazer uma coisa e lamento não a haver feito antes. Agora que uma cidade de Aton está se erguendo na Terra Negra, devo edificar outra na Terra Vermelha - na Síria... e em Kush. Megido é uma junção de estradas de caravanas e portanto o local mais apropriado, mas desconfio que presentemente as condições de distúrbio sejam desfavoráveis à construção. Mas me falaste de Jerusalém, onde levantaste um templo a Aton durante a tua campanha contra os cabírios - campanha essa e até hoje me dá remorsos... Não é tão central como Megido, achando-se mais ao sul; contudo darei os passos imediatos para a construção de uma cidade de Aton em Jerusalém para que no futuro venha a ser o centro da Síria, apesar de presentemente não passar de uma aldeia desbrugada.

Ao ouvir isso, Horemheb lascou o cabo do chicote de encontro ao joelho atirou-o aos pés do faraó e foi para bordo do seu navio. E

assim velejou para Menfis com o fito de reorganizar as tropas de guarnição através do país. No entanto sua estadia em Akhetaton tivera esta vantagem: eu lhe pudera contar com a maior calma e sem pressa tudo quanto eu vira e ouvira em Babilônia, em Mitani, na terra de Hati e em Creta. Escutou sempre em silencio, anuindo várias vezes com movimentos de cabeça, como se o que eu dizia não lhe fossem novidades absolutas; e apalpou e examinou também a faca que o mestre do porto me dera. Tudo quanto lhe contei a respeito de estradas, pontes e rios, ordenou que fosse escrito, bem como alguns nomes que mencionei. Disse-lhe finalmente que consultasse Kaptah relativamente a tais assuntos, porque Kaptah tinha uma memória de criança para reter todas as qualidades de coisas. Horemheb partiu portanto zangado, da cidade recentíssima de Akhetaton, e o faraó folgou em se ver livre dele. Conversar com Horemheb era coisa que lhe dava dor de cabeça, de tal modo suas insistências o embaraçavam. A mim, foi com ar de meditação que disse:

- Talvez seja da vontade de Aton que percamos a Síria. Se assim for, quem sou eu para me opor a isso que, aliás, redundará em benefício do Egito? Sim, pois as riquezas da Síria roeram o coração do Egito. Todas as superfluidades, todos os vícios, todos os amolecimentos, todas as práticas ruins nos vieram de lá. Viéssemos a perder a Síria, então o Egito voltaria a adotar suas maneiras mais simples, os modos e caminhos da verdade; e isso é a melhor coisa que lhe conviria. A boa nova deve começar aqui e se espalhar por todas as nações

Insurgi-me contra suas palavras e obtemperei:

- O comandante da guarnição de Esmirna tem um filho chamado Rameses, um garoto vivaz, com grandes olhos castanhos, que aprecia brincar com pedras vistosas. Tratei-o uma vez de catapora. E em Megido mora uma mulher egípcia que tendo ouvido falar na minha fama de médico me procurou certa ocasião em Esmirna. Tinha o ventre inchado; abri-o, e ela ficou boa. Sua pele era macia como lã; caminhava com o donaire das mulheres egípcias mesmo quando tinha o ventre inchado e os olhos abrasados de febre.

- Não compreendo por que motivo me dizes essas coisas - atalhou Akhnaton, e começou a desenhar um templo que tinha em mente. Constantemente vexava os arquitetos e os construtores com desenhos e explicações, a despeito dos mesmos compreenderem melhor suas atribuições do que ele.

- Quero dizer que já vejo o pequeno Rameses com a boca cortada e esmagada, com os cachos do cabelo grudados de sangue nas têmporas. E que vejo a mulher de Megido estirada nua e ensangüentada no pátio da fortaleza enquanto os homens de Amurru a violam. Todavia reconheço que os meus pensamentos são triviais em face dos vossos e que um soberano não pode recordar todos os Rameses e todas as mulheres de peles veludas entre tantos súditos.

O faraó cerrou os punhos, e seus olhos se anuviaram, quando exclamou:

- Sinuhe, pois não compreendes que se devo optar pela morte mais do que pela vida, em tal caso me cumpre escolher a morte de cem egípcios do que a de mil sírios? Se para libertar cada egípcio aprisionado na Síria eu devesse travar batalha, então muitas pessoas tanto sírias como egípcias perderiam suas vidas em guerra. Se eu tiver que sanar o mal com outro mal, apenas resultará malefício. Mas se eu sanar o mal com o bem, o mal que restará será pequeno. Não posso preferir a morte à guerra, e por conseguinte não darei ouvidos às tuas palavras. Se me consideras e se minha vida te é cara, não me fales mais da Síria. Quando penso em tais coisas meu coração sente todos os sofrimentos que devem padecer todos aqueles que morrerão por minha causa...e homem algum existe capaz de aturar em si os sofrimentos de muitos. Preciso de paz por causa de Aton e da minha verdade.

Inclinou a cabeça; estava com os olhos congestionados, tamanha era a sua aflição; e seus lábios grossos tremiam.

Deixei-o em paz, mas em meus próprios ouvidos ouvi o barulho dos arietes e catapultas de encontro às muralhas de Megido, e também ouvi os gritos das mulheres ultrajadas nas tendas dos amorreus. Fiz meu coração opor resistência a tais sons bélicos, porque eu gostava de Akhnaton e porque estava a par da sua loucura. Talvez gostasse

dele exatamente por causa dessa loucura, pois era mais bela do que a sabedoria de outros homens.

A fundação da nova cidade ocasionou dissídio entre a família real. A Rainha-Mãe recusou-se a seguir seu filho até pleno deserto. Tebas era a sua cidade, e a casa dourada do faraó, que refulgia em poalha azulada e reverberante entre suas muralhas e jardins junto do rio, tinha sido construída pelo faraó Amenhotep para a sua Amada. 'Taia, a Rainha-Mãe, começara sua existência como pobre moça caçadora nos brejos de caniços do Baixo Reino. Não quis deixar Tebas, e a princesa Baketamon permaneceu a seu lado. Eie, o sacerdote, que segurava o cajado à mão direita do rei, governava e distribuía justiça no trono real com o pergaminho na sua frente.

A vida em Tebas continuava como sempre; apenas o falso faraó estava ausente - e sem despertar saudades.

A rainha Nefertiti voltou à Tebas para o nascimento do seu próximo filho, pois não tinha coragem de ir para a cama dar à luz sem a ajuda dos médicos de Tebas e dos feiticeiros negros. E lá teve a terceira filha, que se chamou Ankhsenaton e que futuramente seria rainha. A fim de facilitar o nascimento os feiticeiros estreitaram e encompridaram a cabeça da criança, conforme já haviam feito com as outras princesas. Quando a menina cresceu, todas as damas da corte e outras mulheres que queriam se manter na moda e imitar os estilos da corte, começaram a usar fundos falsos em suas cabeças. As princesas, porém, conservaram as cabeças raspadas para mostrar o formato elegante de seus crânios. Os artistas também admiravam isso e fizeram muitas esculturas e pinturas das princesas assim, sem suspeitar que tal diferença tão distinta não passava de uma aberração resultante da arte de mágicos.

Depois que Nefertiti deu à luz a criança voltou a Akhetaton e fixou residência no palácio que nesse ínterim já se tornara habitável.

Deixou as outras mulheres em Tebas, ficando vexada de haver dado nascimento a três filhas, e não querendo que o faraó gastasse a virilidade no leito de outras mulheres. Akhnaton ficou satisfeito com isso, pois estava cansado de ter que cumprir seu dever no harém quando apenas desejava uma única mulher, Nefertiti: e todos quantos contemplaram sua beleza hão de compreender bem tal

preferência; mesmo o seu terceiro parto não prejudicou em nada suas perfeições. Parecia mais jovem e mais radiosa do que antes, mas não saberei dizer se essa mudança era conseqüência da nova moradia na cidade de Akhetaton ou feitiçaria dos negros.

Assim, num ano só Akhetaton surgiu das brechas e desertos; palmeiras ondulavam garbosamente ao longo de suas esplendidas ruas, romãs amadureciam muito rubras em jardins, e nos lagos coalhados de peixes flutuavam flores de lótus.

A cidade inteira era um jardim florido, pois as casas de madeira eram lindas e frágeis como pavilhões, e suas colunas coloridas alegremente com vergas e palmeiras. Os jardins invadiam até as próprias casas, pois as pinturas das paredes representavam palmeiras e sicomoros agitados por brisas de eternas primaveras. Nos assoalhos havia cenas pictóricas de caniços acamados, de peixes multicores nadando e de patos erguendo vôo. Na cidade não faltava nada para rejubilar o coração humano. Gazelas mansas vagueavam pelos jardins enquanto nas ruas as carruagens mais leves eram puxadas por soberbos cavalos adornados com plumas de avestruz. As cozinhas eram olorosas por causa das especiarias trazidas de todas as partes do mundo.

Assim a Cidade Celestial foi terminada, e quando o outono voltou e as andorinhas emergiram do barro para dardejar em bandos imensos por cima das águas que já começavam a subir, o faraó Akhnaton consagrou a cidade e a região à divindade Aton. Consagrou as pedras demarcadoras do norte e do sul, do oriente e do ocidente, e em cada um desses marcos havia a representação de Aton lançando a benção de seus raios sobre o faraó e a sua casa. Inscrições nas pedras recordavam a afirmação do faraó de nunca mais por os pés fora daqueles limites. Para esta cerimônia os operários tiveram que abrir estradas pavimentadas nas quatro direções da região de modo a que o faraó pudesse percorrer os limites em sua carruagem de ouro e a família e os membros da corte o acompanhassem em carros e liteiras. E flores juncavam tal percurso enquanto flautas e instrumentos de corda tocavam em louvor a Aton.

Nem mesmo depois de morto pretendia o faraó deixar a cidade de Aton. Quando a construção urbana acabou, mandou seus operários para as colinas orientais dentro da área consagrada para talhar lugares de eterno repouso. E os operários acharam trabalho bastante para ai passar a " existência inteira, jamais podendo voltar às suas localidades de nascimento.

No início não tiveram muita vontade, mas logo se habituaram a residir em cidade própria e à sombra do faraó, pois o trigo lhes era medido abundantemente, seus cântaros de óleo nunca se esvaziavam e suas esposas lhes geravam filhos sadios.

Tendo o faraó decidido construir tumbas para si e para os nobres e presentear com sepulturas cada um dos seus prosélitos que morassem com ele na Cidade Celestial, acreditando em Aton, resolveu também mandar construir fora da área urbana uma Cidade da Morte para que os corpos dos mortos fossem preservados para sempre. Para tal fim mandou chamar os embalsamadores e lavadores de cadáveres que em Tebas ocupavam os melhores postos em tal especialização. Estes desceram o rio num navio preto e o cheiro, deles chegou antes trazido pelo vento, e isso fez a população se esconder em casa, de cabeça baixa, recitando orações a Aton. Muitos rezaram até aos antigos deuses e fizeram o santo sinal de Ammon, porque ao sentir o cheiro dos corpos dos lavadores de cadáveres, esqueciam-se de Aton e seus pensamentos se voltavam para as antigas divindades.

Os embalsamadores desembarcaram com todo o material de sua negrejada profissão, piscando ante tamanha claridade porque seus olhos estavam acostumados aos desvões lóbregos. E lá se foram blasfemando contra a luz que lhes feria os olhos.

Entraram depressa na nova Casa da Morte, levando lá para dentro seu cheiro específico, de forma que não estranharam o edifício que jamais tornaram a deixar. Entre eles se achava o velho Ramose, o perito das pinças cuja tarefa era extrair miolos através de narinas. Encontrei-o na Casa da Morte que foi posta sob minha jurisdição porque os sacerdotes de Aton tinham horror de tal recinto. Depois de me fitar por algum tempo, me reconheceu e ficou perplexo e radiante. Aliás me dei a conhecer exatamente para ganhar sua

confiança, pois a incerteza corroia meu coração como um verme e eu desejava saber de que forma a minha vingança se operara acolá na Casa da Morte, em Tebas.

Após ligeira conversa sobre os trabalhos lhe perguntei:

- Ramose, meu amigo, acaso te chegou às mãos uma linda mulher que foi levada à Casa da Morte durante aquela noite de terror e cujo nome, se não me engano, era Nefennefer?..

Ele me olhou, inclinou-se para trás, piscando como uma tartaruga, e disse:

- Na verdade, Sinuhe, és o primeiro homem de categoria social que se atreve a chamar de amigo um simples lavador de cadáveres. Isso emociona profundamente o meu coração e o informe que me solicitas deve te interessar sobremodo já que assim te diriges a mim. Certamente não foste tu que a trouxeste naquela negrejada noite envolta numa mortalha, ora não?!... Pois se foste tu não és amigo e sim inimigo acérrimo de nós, pobres lavadores de cadáveres. E se outro que não eu vier a saber que foste tu, te dilacerará com uma faca envenenada de modo a teres a mais hedionda das mortes.

Suas palavras me deram calafrios e declarei:

- Pouco importa quem a transportou, pois a verdade é que ela merecia tal fado. Contudo, se bem depreendo de tuas palavras, ela não estava morta e acordou ao contato das mãos dos lavadores.

Ramose respondeu:

- O mais provável é que essa mulher temível não estivesse morta deveras quando para lá foi levada. Mas eu próprio ignoro como tu mesmo tiveste tal pressentimento. Nem quero saber... Ela acordou, pois tais mulheres nunca morrem e se morrem a solução é a gente as queimar para que jamais ressuscitem. Depois que a conhecemos seu nome entre nós ficou sendo Setnefer, isto é Beleza Diabólica.

Medonha suspeita me empolgou e indaguei:

- Por que motivo te referes a ela como algo que se foi?. Então não se acha mais na Casa da Morte? Os lavadores juraram que a reteriam acolá durante setenta vezes setenta dias...

Ramose remexeu nas facas e nas pinças, furiosamente, e creio que me daria uma cutilada se eu não lhe houvesse levado um pichel do



melhor vinho da adega do faraó. Restringiu-se a apalpar seu sinete poeirento e disse:

- Não te queremos mal, Sinuhe; naquele tempo te considerei como um filho e quis até te conservar comigo na Casa da Morte e te ensinar a minha arte. Embalsamamos os corpos de teus pais com o capricho com que só são embalsamados os corpos das pessoas eminentes, e não poupamos os mais finos óleos e bálsamos. Por que então nos quiseste tamanho mal a ponto de nos trazer viva aquela terrível mulher? Fica sabendo que antes disso levávamos uma vida simples e árdua, reconfortando nossas vísceras com cerveja e nos enriquecendo sobejamente com roubos de jóias dos mortos, sem reparar em sexo nem condição, e também vendendo aos feiticeiros os órgãos de que necessitassem para suas magias. Mas depois da chegada daquela mulher a casa se transformou num abismo dos mundos subterrâneo. Os homens se esfaqueavam e lutavam como cães hidrófobos. Ela nos roubou tudo quanto guardávamos, todo ouro e prata que juntamos durante anos e anos e que escondíamos na Casa da Morte. Não escaparam nem mesmo as moedas de cobre. Tirou até nossas roupas, pois tendo despojado os jovens de tudo quanto tinham os pos a roubar dos velhos como eu cujo instinto já não podia ser reaceso. Passaram-se não mais de trinta vezes trinta dias e ela já nos deixara, ficando nós apenas com a pele do corpo. Então foi embora levando tudo consigo, coisa que não pudemos evitar porque se um se colocava no seu carinho vinha outro e lutava com o companheiro... e isso só por causa de um sorriso ou de um gesto dela. Assim, tirou nossas posses e nossa paz. Levou nada menos de trezentos debens de ouro, sem falar em prata, cobre, peças de linho e unguentos que durante anos roubáramos dos mortos. Jurou que voltaria dentro de um ano para ver quanto conseguiríamos roubar e por de lado. Há mais roubo na Casa da Morte do que havia antes; além disso os embalsamadores aprenderam a surripiar coisas uns dos outros e não somente dos cadáveres, de modo que o nosso sossego foi-se de vez. A vista disso compreenderás por que motivo demos a essa mulher o nome de Setnefer, pois é deveras bonita embora seja uma beleza demoníaca.

Foi assim que vim a saber quanto a minha vingança tinha sido pueril. De fato Nefernefemefer voltara viva da Casa da Morte; mais rica do que era antes e, a meu ver, não sofrera más conseqüências da sua estadia, a não ser o cheiro que, impregnado em seu corpo, a atrapalharia durante algum tempo em exercer a profissão. Minha vingança corroera o meu coração, ao passo que não a molestara. Averiguando isso reparei outrossim que a vingança não causa satisfação. Seu dulçor é fugidio, ela se volta contra quem ,a comete e lhe devora o coração como um fogo.

Mérito e Thoth voltaram para Tebas levando meu coração. Fiquei apto, assim, a contemplar as coisas conforme eram, com olhar frio; e tudo quanto vi me desagradou. Antes que se passassem muitos dias a realidade veio ter a Akhetaton, e o faraó foi compelido a vela face a face, do terraço da casa dourada. Horemheb mandou de Menfis um grupo de fugitivos da Síria, grupo esse que se apresentou com todo o seu infortúnio para falar com o faraó. Horemheb pagou-lhes as passagens e creio mesmo que os aconselhou a exagerar seus apuros. Tais fugitivos constituíram um espetáculo medonho para a Cidade Celestial. Os nobres mais chegados à corte se deram por doentes e se fecharam em suas casas e a guarda real fechou os portões e as portas da casa dourada. Os fugitivos da Síria começaram a gritar bem alto e a atirar pedras nas muralhas e paredes até que o faraó escutou e mandou que os deixassem entrar no primeiro pátio. Clamaram:

- Escuta de nossas bocas laceradas o grito de todas as populações! Na terra de Kan o poder se transformou numa sombra, pois é sob o embate ruidoso dos arietes e das cacapultas por entre labaredas que corre o sangue dos que confiaram em ti e puseram suas esperanças em tuas palavras.

Erguiam os cotos dos braços para o balcão dourado do faraó e vociferavam:

- Vê se enxergas as nossas mãos, faraó Akhnaton! Onde estão as nossas mãos?!

Empurravam para a frente homens cujos olhos tinham sido arrancados e que caminhavam tateando, e velhos cujas línguas haviam sido arrancadas e que tartamudeavam sons ociosos.

Mostravam-nos, gritando para o faraó: - E não, perguntes por nossas mulheres e nossas, filhas, pois a sorte delas ainda é mais terrível do que a morte entre as mãos dos amorreus e dos hititas. E eles cortaram nossas mãos e arrancaram nossos olhos porque confiamos em ti, faraó Akhnaton! O faraó escondeu o rosto entre as mãos, e lhes falou de Aton. Então aqueles homens riram de modo terrível e o humilharam, dizendo:

- Sabemos que mandaste a cruz da vida aos nossos inimigos; também. Eles a dependuraram no pescoço dos seus cavalos! E em Jerusalém cortaram os pés dos sacerdotes ordenando-lhes que saltassem de alegria em honra ao teu deus.

Então o faraó Akhnaton soltou um grito medonho; apoderou-se dele um acesso do mal sagrado, e caiu sem sentidos no chão do terraço. Os guardas quiseram enxotar para fora dali o bando sinistro que, tomado de desespero, resistiu. O sangue daquela gente correu por entre as lajes do pátio, e por fim seus corpos foram atirados ao rio.

Nefertiti, Meritaton, a doente Meketaton e a jovem Ankhsenaton assistiram a tudo isso lá do balcão, e jamais viriam a esquecer tal cena. Foi então que viram pela primeira vez o infortúnio e a morte, que são os frutos da guerra.

Fiz envolverem o faraó em lençóis molhados e quando ele voltou a si lhe dei sedativos porque o ataque fora tão severo que receei por sua vida. Ele dormiu, mas ao acordar seu semblante estava lívido e seus olhos congestionados por causa das dores de cabeça.

- Sinuhe, meu amigo, temos que por um fim a isso. Horemheb disse-me que conheces Aziru. Vai procurá-lo e compra a paz. Compra a paz para o Egito mesmo que ela custe todo ouro que tenho e que o país fique paupérrimo.

Protestei vigorosamente.

- Faraó Akhnaton, remetei vosso ouro a Horemheb, isso sim...E ele depressa comprará a paz com espadas e carros, sem que seja preciso que o Egito sofra na sua dignidade!

O faraó apertou a cabeça com as mãos:

- Em nome de Aton, Sinuhe! Pois não vês que o ódio engendra o ódio, que a vingança semeia vinganças, que o sangue gera mais

sangue até nos afogarmos nele? Em que servimos nós as vítimas se seus sofrimentos são vingados com a inflexão de sofrimento aos outros?! Essa asserção de dignidade não passa de preconceito. Ordeno-te: Vai procurar Aziru e negocia a paz a qualquer preço.

Fiquei apavorado.

- Faraó Akhnaton! Eles arrancarão os meus olhos e cortarão a minha língua antes que eu consiga me aproximar de Aziru para me entender sobre a minha missão. A sua amizade não me valerá de nada porque pela certa já a esqueceu presentemente. Não estou habituado à guerra que é coisa que me acobarda. Tenho as articulações perras, meus movimentos são mais lentos do que antigamente, sou incapaz de concatenar frases amaneiradas como os outros que praticaram em mentir desde a infância e que vos servem nas cortes dos reis estrangeiros. Se é que quereis negociar a paz mandai um outro.

Insistiu, de modo inabalável.

- Vai, conforme te estou mandando. Quem fala é o faraó. Mas eu vira os fugitivos da Síria ali no pátio do palácio. Vira suas bocas laceradas, suas órbitas vazias, os cotos de seus braços.

Não senti de modo algum inclinação para realizar tal viagem e fui para casa com a intenção de me enfiar na cama e de me fingir de doente até que o faraó se esquecesse do seu capricho. Mas a caminho encontrei o meu criado que me disse com um feitiço espantado:

- Bom é que volteis à casa, meu amo Sinuhe, pois acaba de chegar de Tebas um navio trazendo uma mulher que se chama Mehunefer; diz ela que é vossa amiga e vos aguarda em vossa casa, vestida de noiva. A casa inteira tresanda a cosméticos.

Virei o corpo e corri para a casa dourada.

- Seja conforme dizeis, Faraó. Irei à Síria, e que o meu sangue corra sobre a vossa cabeça. E já que tenho que ir, que seja imediatamente. Mandai que os vossos escribas preparem os necessários documentos atestando a minha missão e a minha autoridade, porque o rei Aziru respeita muito lousas e tábuas.

Enquanto os escribas se atarefavam em tal desempenho, fui depressa a oficina de meu amigo Thothmes. Eu descobrira que ele

era um dos escultores de Akhetaton. Sendo meu amigo não deixaria de me acolher numa hora de necessidade.

Tinha acabado uma estátua de Horemheb a ser erigida em Hetnetsut, a localidade de nascimento do guerreiro. Era de pedra arenosa escura esculpida de acordo com as novas regras, com muita semelhança, não obstante, a meu ver, Thothmes haver exagerado a musculatura dos braços e a largura do tórax, de modo que Horemheb parecia mais um atleta do que o comandante supremo das forças do faraó. Mas nessa arte nova o costume era exagerar tudo, contanto que a realidade não fosse desprezada. Thothmes molhou a estátua com um pano úmido a fim de me mostrar como era bonito o reluzir da musculatura e como a cor da pedra condizia com a pele de Horemheb.

Disse-me:

- Acho que viajarei contigo até Hetnetsut, acompanhando esta estátua e assistindo à sua colocação no templo em local de acordo com a situação de Horemheb e minha. Sim, irei contigo, Sinuhe, e que o vento do rio arranque da minha cabeça os fumos do vinho de Akhetaton. Minhas mãos tremem ainda por causa do peso do malho e do cinzel, e a febre alquebra meu coração.

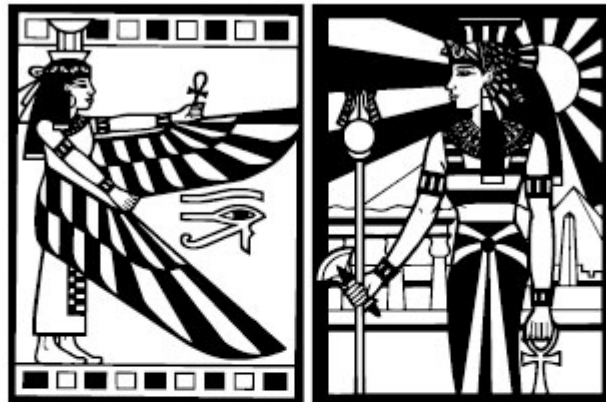
Os escribas entregaram-me as tábuas e as lousas, com as despedidas e bênçãos do faraó. Depois que a estátua de Horemheb foi transportada para bordo, velejamos rio abaixo. O meu criado teve ordem de dizer a Mehunefer que eu tinha ido para a guerra na Síria e que lá perecera. Aliás isso não me pareceu mentira e sim mera notícia um tanto prematura, pois o meu pressentimento era de que o remate de tal viagem seria a minha morte de maneira horripilante. Ordenei, além disso, que o meu criado levasse Mehunefer para bordo do primeiro navio que largasse para Tebas, tratando-a com a devida consideração bem como, se necessário, com eventual violência. E expliquei bem:

- Sim, pois caso contra todas as expectativas eu regresse, se encontrar essa Mehunefer em minha casa, ou mesmo na cidade, mandarei esbordoar todos os meus escravos e servos, ordenarei que lhes sejam cortados os narizes e as orelhas, e os remeterei para as minas pelo resto de suas existências.

O meu criado me fitou bem nos olhos, viu que eu falava verdade, ficou com um medo mortal e prometeu obedecer literalmente às minhas ordens. Assim, com o espírito aliviado, velejei rio abaixo, com Thothmes. E como estivesse convencido de que ia ter morte certa entre as mãos dos homens de Aziru e dos hititas, não poupamos vinho. Thothmes declarou que não era costume se poupar vinho quando se ia para a guerra. E devia ter autoridade para dizer isso, pois nascera nas barracas.

LIVRO XI

MÉRITO



Não há quem não tenha visto a água correr num relógio de água. Assim também goteja a vida humana, embora não seja medida pela água e sim pelos acontecimentos. Trata-se de uma verdade profunda que é averiguada apenas na velhice quando a existência de uma pessoa se esvai em nada rumo à monotonia. Um dia que seja; pertencente a um período denso de acontecimentos, deixa a sua marca e pode parecer mais longo do que um ano ou mais de trabalho monótono e que torna o coração apático.

Aprendi esta verdade na cidade de Akhetaton onde minha existência fluiu placidamente como a correnteza do Nilo e a minha vida se tornou um breve sonho, uma canção curta e inefável. Os dez anos que passei à sombra do faraó Akhnaton na casa dourada da nova cidade foram mais breves do que qualquer um dos anos da minha mocidade, apesar de tanta viagem e alteração.

Em Akhetaton não acrescentei nada à minha sabedoria nem à minha ciência; pelo contrário, fui gastando o que juntara em tantos países, como uma abelha sobrevive no inverno servindo-se do mel que armazenou na colméia. No entanto, como a água modifica o formato de uma pedra, assim o tempo deve ter mudado meu coração, sem que, aliás, eu percebesse. Vivi menos solitário do que antigamente. Tornei-me mais sossegado, menos orgulhoso de mim e de meu talento, embora não exija crédito quanto a isto. Conseqüência, decerto, de Kaptah não viver mais comigo, tendo ficado longe, em Tebas, onde administrava minhas propriedades e a taverna O Rabo do Crocodilo.

A cidade de Akhetaton cingiu-se aos sonhos e visões do faraó, desinteressando-se do mundo exterior. Tudo quanto acontecia para fora dos marcos de delimitação de Aton era tão remoto e irreal como o luar em cima das águas. Só existia uma realidade: o que sucedia dentro da cidade de Akhetaton.



Todavia, considerando bem agora, se pode inferir que o contrário é que era verdade; isto é, Akhetaton não era senão sombra e ilusão, ao passo que a realidade se encontrava entre os esfomeados, os sofreadores e os mortos para além de sua área. Sim, pois tudo quanto pudesse desagradar a Akhnaton era escondido dele, e quando surgia um caso no qual era necessária a sua decisão, lhe era apresentado sob aspecto velado e suavizado, com bastante cautela e jeito, para que não lhe voltassem os acessos da doença.

Durante esse tempo Eie, o sacerdote, governava em Tebas, segurando o cajado do rei em sua mão direita. O faraó deixara longe de sua alçada todos os deveres administrativos que lhe eram monótonos ou desagradáveis, depositando plena confiança em Eie que era seu sogro e um homem de grandes ambições. Eie era o verdadeiro soberano dos Dois Reinos, visto como tudo quanto dizia respeito à vida do povo em comum, gente das províncias ou das cidades, jazia em suas mãos. Uma vez Ammon tendo sido destronado, não ficara nenhum poder rivalizando com o do faraó - que era o de Eie - e este esperava que os distúrbios em breve deveriam se acalmar. Nada mais conveniente para ele do que a cidade de Akhetaton que mantinha o faraó longe de Tebas. Fizera o possível para coletar fundos para a sua construção e embelezamento, e não cessava de remeter pródigos presentes para tornar tal cidade cada vez mais aprazível ao faraó. A paz volveria de novo e tudo ficaria como antigamente, excluindo-se apenas Ammon, só restando o faraó que não deixava de ser um tropeço aos desígnios de Eie.

Participava do governo de Eie Horemheb instalado em Menfis, sendo até responsável pela segurança e pela boa ordem no país inteiro. Uma de suas últimas atribuições dizia respeito à viabilidade dos cobradores de impostos e dos pedreiros encarregados de apagar o nome de Ammon de todas as imagens e inscrições, penetrando até mesmo nas tumbas para tal fim.

O faraó Akhnaton permitiu que a sepultura de seu pai fosse aberta para que o nome de Ammon fosse riscada de suas insaciedades. E nem se opunha Eie a isso, contanto que o soberano se contentasse com tão inocentes exigências. Preferia que os pensamentos do faraó

se voltassem para questões religiosas que não afetavam a vida diária da população.

Após aqueles dias de terror, a vida do Egito permaneceu calma durante algum tempo. Eie delegou o recebimento de rendas a seus oficiais e funcionários principais, poupando-se assim de muitos incômodos. Estes lesaram os direitos e comissões dos cobradores das cidades e aldeias e desta forma se tornaram substancialmente ricos.

Se os pobres se lamentavam e cobriam a cabeça com cinza quando os cobradores os visitavam isso não era mais do que o que já haviam feito sempre.

Em Akhetaton o nascimento de uma quarta filha foi uma desgraça pior do que a queda de Esmirna. A rainha Nefertiti começou a desconfiar que estava sendo vítima de feitiçarias e foi a Tebas em busca de ajuda dos feiticeiros negros de sua mãe. Era de fato esquisito que uma mulher desse à luz quatro filhas e nenhum menino. No entanto seria seu fado dar ao faraó Akhnaton seis filhas e nenhum filho, e seu destino estava ligado ao dele.

Com o decorrer do tempo, os distúrbios na Síria se tornavam cada vez mais alarmantes. Sempre que ancorava um navio-correio eu ia aos arquivos do rei para estudar as últimas tábuas cheias de renovados apelos de socorro. E enquanto lia, tinha a impressão de ouvir o sibilar de dardos passando rente aos mesmos ouvidos e de sentir o cheiro de fumaça de casas incendiadas. Através das frases respeitadas eu ouvia os gritos dos moribundos e das crianças mutiladas. Os homens de Amurru eram brutais e tinham sido instruídos na arte da guerra por oficiais hititas. Nenhuma guarnição da Síria se achava em condições de lhes opor resistência. Li mensagens do rei de Biblos e do príncipe de Jerusalém. Faziam referências à sua idade e fidelidade; invocavam a memória do falecido faraó e relembavam sua boa vontade para com Akhetaton, enquanto solicitavam imediata ajuda. O faraó acabou ficando cansado de suas súplicas e remetia tais cartas para os arquivos, sem lê-las.

Quando Jerusalém caiu, a última das cidades fiéis capitulou, e Jopa também, e formaram alianças com o rei Aziru. Então Horemheb

viajou de Menfis para ter uma audiência com o faraó e lhe pedir um exército com o qual organizar resistência na Síria. Até então realizara uma guerra secreta com cartas e dinheiro, de forma a ver se salvava pelo menos um posto avançado naquelas regiões.

Disse ao faraó Akhnaton:

- Deixai-me contratar pelo menos cem vezes cem lanceiros e arqueiros, e cem carros, e vos devolverei a Síria. Agora que até mesmo Jopa se rendeu, o domínio egípcio na Síria está perdido.

O faraó Akhnaton ficou profundamente chocado ao saber que Jerusalém tinha sido destruída, pois já dera providencias para transformá-la numa cidade de Aton e assim pacificar a Síria. Disse:

- Esse ancião de Jerusalém... já não consigo recordar seu nome... era um amigo de meu pai. Quando eu era criança o vi na casa dourada em Tebas; tinha uma barba muito comprida. A guisa de compensação vou lhe dar uma pensão extraída das rendas egípcias muito embora estas tenham decaído muito desde que cessou o comércio com a Síria.

- Não creio que ele se ache em condições de usufruir essa pensão - retrucou Horemheb. - Um cântaro esquisito, ornamentado com ouro, foi fabricado com o seu crânio, por ordem de Aziru que mandou tão extravagante objeto de presente ao rei Shubiluliuma, em Hatushash... a não ser que os meus espiões se tenham equivocado.

O semblante do faraó se tornou lívido, e seus olhos ficaram congestionados; mas, dominando sua emoção, disse em tom calmo:

- Bem difícil me é acreditar numa tal coisa da parte do rei Aziru, que eu considerava meu amigo e que nestas condições recebeu das minhas mãos, de tão bom grado, a cruz da vida. Decerto me enganei a seu respeito e seu coração é mais tenebroso do que eu supunha. Contudo, Horemheb, o que solicitas de mim é impossível. Dar-te carros e espadas, como, se o povo já está se queixando dos impostos e se as colheitas foram menores do que eu esperava!

- Em nome do vosso deus Aton, dai-me ao menos autorização para dez carros e dez vezes cem espadas, para que eu possa levá-los para a Síria e salvar o que ainda for possível.

Mas o faraó Akhnaton replicou:

- Não posso consentir que haja guerra por causa de Aton, pois ele abomina derramamento de sangue. Prefiro deixar livre a Síria. Que a Síria seja livre e forme seu próprio Estado federal, e comerciemos com ela como outrora... pois tal país nada pode sem o trigo egípcio.

- Supondes que eles se contentarão com isso, Akhnaton? - exclamou Horemheb, perplexo. - Cada egípcio que matarem, cada muralha que fenderem, cada cidade que capturarem lhes aumentará o orgulho e a violência e os impelirá a exigências e desatinos maiores. Depois da Síria irão as minas de cobre do Sinai, sem as quais não poderemos mais forjar espadas nem arcos.

- Já disse que espadas de madeira chegam para os guardas - retorquiu o faraó, irritando-se. - Por que motivo me atormentas com essa história de espadas e arcos a tal ponto que tais palavras rodeiam meus pensamentos quando me esforço para compor hinos a Aton?

- Depois de Sinai virá a vez do Reino Inferior - prosseguiu Horemheb, amargamente.

- Conforme vós mesmo dissestes a Síria não poderá fazer nada sem o trigo egípcio, embora eu saiba que atualmente o estão obtendo da Babilônia. Mas se não temeis a Síria, temei então pelo menos os hititas para cuja sede de domínio não há limites.

O rei Akhnaton riu de modo grotesco como qualquer egípcio normal riria ao escutar tal asserção, e disse:

- Tanto quanto nos podemos lembrar, jamais um único inimigo pos os pés dentro de nossas fronteiras, e nenhum ousará fazê-lo. De todos os reinos da terra o Egito é o mais rico e o mais poderoso. Mandeí a cruz da vida ao rei Shubiluliuma também, e - a seu pedido expresso - ouro também, para que pudesse erigir um imagem minha em tamanho natural em seu templo. Não perturbará a paz do Egito já que poderá obter ouro sempre que mo pedir.

As veias das têmeoras de Horemheb ficaram salientes; mas como sempre acabara aprendendo a dominar seus sentimentos, não disse nada. Eu por minha vez lhe disse que, como médico, não permitia que cansasse mais o faraó. Ouvindo isto ele se voltou e me seguiu para fora.

Quando chegamos à minha casa, ele deu uma chicotada na própria coxa com estardalhaço, exclamando:

- Em nome de Set e de todos os demônios! Uma rodela de esterco na estrada vale mais do que essa tal cruz da vida! Mas isso não é nada. Há uma outra coisa ainda mais aloucada: quando ele me fita nos olhos pondo as mãos em meus ombros e me chamando de amigo, acredito na sua doutrina, na sua verdade, embora saiba perfeitamente que ele está errado e que eu estou com a razão! Essa sua estranha força saturou esta cidade que é tão deslumbrante como uma cortesã, e cheira a isso. Se pudesse trazer diante dele cada ser humano existente no mundo para que falasse e o tocasse com seus dedos afáveis, destilando nele sua força, creio que conseguiria transformar o mundo. Mas isso não é possível. Arre! Se fico mais tempo nesta cidade começarei a ficar com os peitos crescidos como as damas da corte e a dar de mamar!

Quando Hocemheb voltou para Menfis, suas palavras não me deixaram; perseguiam-me, e me censurei por ser mau amigo seu e péssimo conselheiro do faraó.

No entanto minha cama era macia debaixo do dossel, meus cozinheiros me serviam pássaros preparados em mel, não havia falta de antílope assado e a água corria depressa no meu relógio.

A segunda das filhas do faraó, Meketaton foi acometida de consumpção; seu pequenino semblante ficou devastado pela febre e suas clavículas e seus omoplatas começaram a se mostrar através da pele. Pensei em tonificá-la, dando-lhe a beber uma solução de ouro, e lamentei meu fado, pois mal os ataques do faraó tinham cessado já a sua filha caía doente, não tendo eu paz nem de dia nem de noite.

O faraó também se mostrou apreensivo, porque idolatrava as filhas. As duas mais velhas, Meritaton e Meketaton, acompanhavam-no ao seu estrado nos dias de audiência e atiravam correntes de ouro e outras insígnias aos que o faraó desejava honrar.

Como sucede a todos os pais, o faraó demonstrava mais carinhos para a filha doente do que para as outras três. Dava-lhe bolas de marfim e de prata, tendo-a presenteado mesmo com um cãozinho que a acompanhava por toda parte e que dormia aos pés da sua

cama. O faraó emagreceu e perdeu o sono, tomado de ansiedade, levantando-se diversas vezes por noite para escutar a respiração da filha; sempre que ela tossia, ficava aflito.

De idêntico modo essa menina valia para mim mais do que as minhas propriedades em Tebas, mais do que Kaptah, bem mais do que o ano de carestia e do que toda gente que estava morrendo de fome na Síria por causa de Aton. Reservei-lhe todos os meus cuidados e engenhos, negligenciando os meus demais pacientes importantes que sofriam de indigestão e apatia e, acima de tudo, de enxaqueca, visto ser disto que o faraó se queixava. Tratando das dores de cabeça da corte eu adquiria muito ouro; mas estava farto de ouro e de salamaleques.

Acabei me tornando tão lacônico com os meus pacientes que estes diziam:

- Está orgulhoso por causa da sua dignidade de médico da corte! E como pensa que o faraó lhe dá atenção, desdenha o que os demais tem a lhe dizer...

No entanto quando pensava em Tebas, em Kaptah e em O Rabo do Crocodilo, eu me enchia de tristeza, e meu coração se tomava de uma fome da qual impossível me era aliviá-lo. Dei em ficar calvo; coisa que procurava esconder com a minha cabeleira falsa, e havia dias em que, esquecendo os meus deveres, me punha a sonhar, acordado, caminhando pelas estradas de Babilônia novamente, sentindo o cheiro do grão sazonado e das eiras. Reparei que pesava mais, que tinha o sono pesado e que precisava de uma liteira, por mais curto que fosse o percurso a fazer, pois do contrário sentia falta de ar.

E antigamente as mais longas distâncias não me alquebravam. Mas quando o outono volveu, o rio subiu e as andorinhas emergiram da vasa, a saúde da filha do faraó melhorou sobremaneira. Sorria, já não sentia pontadas no peito.

Meu coração acompanhava as andorinhas em seu vôo, e, com licença do faraó, embarquei num navio para Tebas. Pediu-me que saudasse em seu nome os lavradores ribeirinhos por entre os quais dividira às terras do falso deus, e mandou saudações também às

escolas que fundara, dizendo-me que esperava ouvir notícias quando eu regressasse.

Toquei em muitas aldeias e chamei os aldeões para que viessem conversar comigo. A viagem foi mais confortável do que eu imaginara, e isso porque a flâmula do faraó tremulava no mastro, o meu leito era macio e não havia insetos pelas margens do rio. O meu cozinheiro acompanhava-me numa embarcação amaneirada em cozinha e presentes lhe eram trazidos de todas as localidades, de forma que nunca me faltou alimentação fresca. Mas quando os colonos me visitaram vi que mais pareciam esqueletos; as mulheres olhavam em torno com feitiço apavorado, temendo os menores ruídos, e as crianças eram famélicas e raquíticas. Essa gente me mostrou suas espigas de trigo quase ralas de grão, grão esse que irrompia avermelhado como se as espigas tivessem sido expostas a uma chuva de sangue.

Disseram-me:

- No princípio pensamos que nossos malogros fossem resultado da nossa ignorância, já que nunca tínhamos amanhado a terra. Mas agora sabemos que a terra que o faraó dividiu entre nós é amaldiçoada e que quem a cultiva amaldiçoado é. De noite pés invisíveis pisam nossos cereais; mãos invisíveis lascam as árvores frutíferas plantadas por nós. O nosso gado perece sem motivo, os nossos poços de irrigação se entopem, e encontramos carniça dentro de nossas cisternas e fontes, de modo que até falta de água passamos. Muitos já abandonaram suas terras e voltaram para as cidades mais pobres do que eram antes, amaldiçoando o nome do faraó e do seu deus. Mas nós perseveramos, confiando na cruz da vida e nas cartas que o faraó nos remete. Dependuramo-las em postes em nossas terras como proteção contra os gafanhotos. Mas a magia de Ammon é mais poderosa do que a do faraó. A nossa fé está sumindo e tencionamos deixar esta terra ingrata antes que morramos todos, como já aconteceu às mulheres e aos filhos de muitos. Visitei-lhes também as escolas; e assim que os professores viram a cruz de Aton em minha roupa, esconderam seus bastões e fizeram o sinal de Aton enquanto as crianças permaneceram sentadas nas eiras, de pernas cruzadas olhando para mim tão

atentamente que esqueciam de limpar o nariz. Os mestres queixaram-se:

- Boa conta nos damos de que não existe loucura maior do que a idéia fixa de que todas as crianças devem aprender a ler e a escrever... Mas o que não faremos pelo faraó a quem amamos e que é ao mesmo tempo nosso pai e nossa mãe e a quem veneramos como o filho de deus?! Mas somos homens cultos e fere a nossa dignidade termos que nos sentar no chão de terreiros, que limpar o nariz de crianças sujas e desenhar sinais na areia, pois nem lousas nem penas temos. ... Além disso os novos caracteres de hoje em dia não podem jamais reproduzir toda a sabedoria e conhecimento que com enorme custo adquirimos. Os nossos salários são pagos irregularmente e os pais nos recompensam com miséria; a cerveja que nos dão é grosseira e amarga, o azeite que nos propiciam é rançoso. Todavia persistimos, para mostrar ao faraó que é impossível ensinar todas as crianças a ler e a escrever, pois apenas os alunos cujas cabeças são macias e porosas podem aprender.

Tirei prova da proficiência deles, que achei longe de ser satisfatória. Menos ainda me agradaram suas fisionomias flácidas e seus olhares preocupados, pois esses professores eram antigos escribas falhados, aos quais ninguém dava emprego. Tinham aceitado a cruz de Aton por causa de dificuldades de vida.

Os colonos e velhos das aldeias queixavam-se amargamente, imprecando contra Aton, e me disseram:

- Sinuhe, nosso bom senhor, falai a nosso respeito com o faraó e pedi-lhe que ao menos nos livre do peso destas escolas, do contrário não sobreviveremos. Nossos filhos voltam com vergões, de tanto apanhar e com os cabelos arrancados. Esses professores são insaciáveis como crocodilos. Comem quanto temos em casa, estoquem nossas últimas moedas de cobre, tiram os couros do gado para comprar vinho. Quando estamos fora, nos campos, eles entram em nossas casas e fornicam com nossas mulheres dizendo ser isso da vontade de Aton perante cujos olhos não há diferença de um homem para outro homem, ou de uma mulher para outra mulher. Realmente não adiantou nada esta mudança em nossas



vidas, pois se éramos pobres nas cidades todavia éramos felizes também. Aqui não vemos nada, a não ser poços de irrigação e gado abatido. Bem razão tinham os que os avisavam: "Cautela, muita cautela, pois nisso de mudança, para o pobre só pode ser para pior. Quaisquer que sejam as mudanças no mundo, ficai certos que com elas a medida de trigo para o pobre diminuirá e o azeite mal existirá no fundo do púcaro...

Meu coração me disse que tinham razão no que me contavam. Não discuti com eles, tratei mas foi de prosseguir viagem.

Enchi-me de tristeza por causa do faraó, admirando-me de que tudo quanto ele tocava ficasse crestado, a ponto do diligente se tornar preguiçoso por causa de seus donativos e apenas os que não tinham valor nenhum se aglomerarem em torno de Aton como moscas em redor de uma carcaça. Por fim meu coração foi assaltado por uma terrível suspeita: Não seria o faraó, não teriam os nobres indolentes que o cercavam, não seria eu próprio nestes últimos anos...enfim, não seríamos todos nada mais do que meros parasitas, vermes, insetos em cima do pelo de um cão? As moscas varejeiras podem pensar que o cão existe apenas em benefício das varejeiras que não fazem bem nenhum e apenas incomodam... Sim, pois que os cães outra coisa não desejam senão se ver livres de insetos! Foi desta forma que o meu coração acordou após demorado sono, e desdenhei a cidade de Akhetaton. Olhei em redor de mim com nova visão das coisas e nada do que vi era bom. Mas podia ser que meus olhos tivessem sido alterados por magia de Ammon, que às escondidas governava o Egito inteiro, sendo a Cidade Celestial o único lugar do Egito sobre a qual ele não exercia domínio. Onde estava a verdade não sei dizer, pois embora haja gente que pense sempre da mesma maneira e encolha a cabeça como faz a tartaruga ao pressentir a menor novidade, todavia meus pensamentos se tinham modificado com o que eu vira e escutara.

Verdade é que muitíssimas coisas influenciaram meu raciocínio, não obstante em não as haver compreendido em sua totalidade. Vi mais uma vez as três colinas no horizonte, as guardiãs, eternas de Tebas. A cúpula do templo e suas muralhas erguiam-se diante dos

meus olhos, mas as pontas dos obeliscos já não refulgiam ao sol porque sua pintura não fora mais renovada. Ver tudo aquilo, porém, rejubilou meu coração, e derramei vinho nas águas do Nilo como fazem os marinheiros que regressam de longa viagem.

A diferença é que a libação deles é feita com cerveja, pois preferem guardar o vinho, quando o tem, para o tomar depois. Vi de novo as grandes pedras dos molhes de Tebas e senti o cheiro do porto: cheiro de trigo no forno; da água parada; de especiarias, ervas e alcatrão. Quando contemplei no bairro pobre a casa do fundidor, a achei muito estreita e torta; e a rua, defronte, me pareceu suja, cheia de moscas e monturos. Nem mesmo me deu prazer o sicomoros do pátio, apesar de ter sido plantado por mim e haver crescido tanto durante a minha ausência. Como eu estava estragado pela opulência e abundância de Akhetaton!

Fiquei triste e envergonhado por não sentir nenhuma alegria diante de minha antiga residência. Kaptah não estava, e sim apenas minha cozinheira, Muti, que exclamou, ressentida:

- Abençoado seja este dia que traz de novo à casa o meu senhor.. Mas os cômodos não estão limpos, a roupa de cama e mesa está sendo lavada, e a vossa chegada me causa portanto vexame e preocupação, mesmo porque pouca é a felicidade que ainda espero da vida. Não que eu esteja perplexa por causa da vossa chegada repentina. Os homens são assim mesmo estouvados e deles não se pode esperar bem algum.

Acalmei-a, dizendo-lhe que dormiria a bordo aquela noite. Depois de perguntar por Kaptah, a deixei e fui transportado para O Rabo do Crocodilo.

Encontrei Mérito à porta; não me reconheceu por causa do meu vestuário rico e da liteira. Foi dizendo logo:

- Mandou reservar cômodos aqui para esta noite? Não? Então não posso permitir que entre.

Estava um pouco mais cheia de corpo, seus malaras proeminavam menos, mas os olhos ainda eram os mesmos, apesar de algumas rugas junto às pálpebras. Meu coração abrasou-se. Pondo a mão em sua ilharga, declarei:

- Natural é que me hajas esquecido pois muitos devem ter sido os homens solitários e taciturnos que deves ter aquecido em teu leito... Ainda assim imagino que posso obter um banco em tua casa e beber uma taça de vinho fresco, sem a menor intenção de me referir depois ao teu leito...

Ela exclamou, admirada:

- Sinuhe, sois vós? Abençoado seja este dia que traz à casa o meu senhor!

Apoiou as mãos fortes e bonitas em meus ombros e, examinando o meu rosto bem de perto, continuou:

- Sinuhe, que foi que estivestes fazendo? Se antes a vossa solidão foi a de um leão, agora parece ter sido a de um cão doméstico atrelado a um regaço. - Arrancou a minha cabeleira, acariciou meu crânio calvo, e concluiu: - Sentai-vos, Sinuhe. Vou buscar vinho bem fresco, pois estais suando e esfoliando do cansaço da viagem.

Redargüi, sofregamente:

- Antes de mais nada: traze-me tudo menos um "rabo de crocodilo" porque o meu estomago já não é mais igual ao que era... sem falar em minha cabeça.

Acariciando meu joelho, ela disse com ar de motejo:

- Acaso fiquei assim velha, gorda e feia que, mal me encontrais pela primeira vez depois de tantos anos, pensais somente em vosso estomago? Antigamente não éreis dado a sentir enxaquecas junto de mim... Pelo contrário, procuráveis sempre com avidez bebidas como o "rabo de crocodilo"! Eu tinha até que vos negar novas doses...

Fiquei vexado ante suas palavras, pois diziam verdade, e a verdade muitas vezes produz este efeito. Respondi-lhe, então:

- Oh! Mérito minha amiga! Já estou velho e liquidado!

Retorquiu, porém:

- Isso pensais. Mas vossos olhos, quando os fixais em mim, longe estão da velhice, e folgo muito com isso.

- Mérito, em nome de nossa camaradagem! Traze-me depressa um "rabo de crocodilo! ante que meus modos para contigo se tornem ultrajantes, o que não pode condizer com a minha dignidade de cirurgião da corte real, principalmente aqui numa taverna do porto.

Trouxe a bebida numa concha que colocou na palma da minha mão. O líquido queimou minha garganta que se acostumara já a vinhos leves; mas o abrasamento que senti era gostoso porque a minha outra mão estava apoiada na cintura de Mérito. Disse-lhe:

- Mérito, disseste-me certa vez que a mentira era mais doce do que a verdade para uma pessoa que se sente sozinha e cujas primaveras já se tenham ido. Assim pois te declaro que o meu coração ainda floresce e remoça ao te rever. Longos são os anos que nos prejudicaram, e não se passou um único dia que eu não tivesse sussurrado teu nome ao vento; mandei-te minhas saudações pelas andorinhas por cima da correnteza do Nilo, e todas as manhãs tenho acordado com o teu nome nos lábios.

Olhou-me. Achei-a esbelta ainda. E bonita. No fundo de seus olhos pairava um reflexo de alegria e de mágoa, como nas águas de um poço profundo.

Afagou o meu rosto e disse:

- Falais lindamente, Sinuhe... Por que não vos confessar também que meu coração sentiu saudades de vós, e que as minhas mãos procuravam as vossas sempre que me via deitada, à noite, em meu leito? Sempre que qualquer homem, empolgado pela bebida desta taverna, me dizia coisas frenéticas, eu me recordava de vós, com amargura. Mas na casa dourada do faraó decerto havia sempre lindas mulheres, e sem dúvida um médico como vós soube utilizar conscienciosamente as horas de lazer na companhia delas...

Era verdade que eu tivera ligações amorosas com algumas das damas da corte que, assaltadas de monotonia, vinham solicitar meus conselhos profissionais. Tinham a pele macia como uma fruta e tenra como penugem; e no inverno, principalmente, era mais cálido permanecer no leito acompanhado do que sozinho. Mas isso era coisa trivial que nem cheguei a registrar em meu livro. Respondi:

- Mérito, se nem sempre dormi sozinho, a verdade é que tu és a minha única amiga.

A tal bebida "rabo de crocodilo" agia dentro de mim. Meu corpo tornara-se jovem como jovem se tornara o meu coração, e um calor agradável percorria minhas veias enquanto eu falava:

- Pela certa muitos homens participaram de teu leito durante todo este tempo. Bom será, contudo, avisá-los da minha presença aqui em Tebas, porque quando me enfureço sou um homem violentíssimo. Quando lutei contra os cabírios, os soldados de Horemheb me deram o nome de O Filho do Burro Bravo.

Ela ergueu as mãos com fingido e gracioso terror, e disse:

- Foi isso que me fez temer por vossa vida todo este tempo porque Kaptah me contou tantas rixas e contendas em que vos metestes por causa de vosso temperamento afogueado! Ainda bem que o destemor e a fidelidade dele vos salvaram dos piores apuros.

Ao ouvir o nome de Kaptah e imaginar todas as desavergonhadas mentiras que ele lhe deveria ter contado de mim e de minha vida em terras estrangeiras, meu coração se enterneceu dentro de mim e lágrimas irromperam de meus olhos, enquanto eu dizia:

- Onde está Kaptah, meu antigo escravo e fâmulos, para que eu o abrace! Meu coração sentiu profunda falta dele. Sim, confesso, por mais despropositado que seja falar assim de um escravo.

Mérito fez tudo para que eu me calasse.

- Verifico que de fato perdestes o hábito de beber "rabos de crocodilo", e meu pai está olhando furioso na nossa direção por causa do barulho que fazeis. Só vereis Kaptah de noite, porque a estas horas está às voltas com importantes negócios de trigo, e visitando tavernas. Ficareis assombrado quando o encontrardes. Dificilmente se acreditará que foi vosso escravo e carregou vossas sandálias enfiadas numa vara em cima do ombro. Vamos dar uma volta aí fora, apanhar ar fresco, enquanto ele não chega. Decerto quereis ver Tebas que mudou tanto depois de vossa partida. E assim ficaremos sozinhos, um pouco.

Foi mudar o vestido, passar óleo no rosto, enfeitar-se com ouro e prata. Apenas os pés e as mãos provavam que ela não era uma mulher da aristocracia, pois no mais poucas mulheres tinham uma noção tão clara de saber olhar, e um semblante tão altivo.

Pedi aos escravos da liteira que nos levassem ao longo da Avenida dos Carneiros; íamos bem juntos na liteira, e eu respirava o odor de seus unguentos, que era o odor de Tebas, bem mais pungente e estonteador do que o dos raros cosméticos de Akhetaton. Segurava

a sua mão na minha, e não ficara sequer um mau pensamento em meu coração. Após uma longa viagem, eu me sentia em casa.

Aproximamo-nos do templo onde aves negras faziam círculos e crocitavam por cima daquele recinto vazio; jamais tinham regressado aos montes, havendo se instalado nas cercanias. Aquilo tudo por ali era terreno amaldiçoado e que repugnava ao povo freqüentar. Saltamos da liteira e passeamos pelos pátios desertos. Apenas vimos gente nas proximidades das Casas da vida e da Morte. Transferir aquelas instituições custaria muito caro e seria empreitada difícilíssima. Mérito disse-me também que o povo evitava até mesmo a Casa da Vida, e que por essa razão quase todos os médicos se tinham transferido para a cidade a fim de prosseguir em suas profissões. Andamos pelo jardim do templo, mas as ervas haviam invadido os passeios, e as árvores tinham caído ou sido roubadas. As únicas pessoas que encontramos nos jardins que o faraó transformara em parque público foram dois ou três vagabundos sujos e esquivos que nos olharam de esguelha. Mérito disse:

- Congelais meu coração, trazendo-me a este lugar sinistro. Decerto a cruz de Aton nos protegerá. Mas, com franqueza, preferiria que a removesses da pala, porque por causa dela nos poderão atirar pedras. O ódio ainda ferve em Tebas.

Tinha razão. Quando voltamos para o adro fronteiro ao templo, pessoas cuspiram no chão quando viram a cruz na minha roupa. Fiquei admirado de ver um dos sacerdotes de Ammon passeando ousadamente entre a multidão, com a cabeça raspada não obstante as ordens do faraó, e paramentado de branco. Tinha um rosto reluzente, sua roupagem era do mais fino linho, e não parecia apreensivo, absolutamente. O povo lhe dava passagem, reverentemente. A prudência fez que eu pusesse a mão no peito para tapar a cruz de Aton, pois era tolice querer provocar tumulto.

Paramos junto da muralha onde se achava um narrador de histórias, sentado em cima da sua esteira, com o pires vazio ao lado. Os ouvintes permaneciam em círculo, e os mais pobres estavam sentados no chão já que não precisavam se incomodar com as roupas. A história que o homem estava contando eu nunca

tinha escutado antes. Falava de um falso faraó que vivera havia muitos e muitos anos e cuja mãe fora uma feiticeira negra. Por vontade de Set essa megera ganhara as boas graças do bom faraó e dera nascimento ao falso que procurou arruinar o Egito e reduzir a população a escravos dos núbios e dos selvagens. Derrubara a estátua de Ra o que obrigou Ra a amaldiçoar a terra, que se tornou estéril. O ovo foi morrendo afogado em enchentes, os gafanhotos devoraram as colheitas antes do termo, e os poços se transformaram em sangue pútrido. Mas os dias do falso faraó foram contados, porque o poder de Ra era maior do que o de Set. O falso faraó morreu de uma morte miserável, o mesmo tendo acontecido à sua mãe, e Ra derrubou todos os que o negaram e lhes dividiu as casas, os bens e as terras entre os que haviam permanecido fiéis durante tal provação e que tinham confiado em sua volta. Esta história era muito comprida e muito excitante, e o povo batia com os pés e erguia as mãos, cheio de impaciência para ouvir qual seria o remate. Eu também fiquei de boca aberta enquanto escutava. Quando a história acabou e o falso faraó recebeu sua punição sendo precipitado nos abismos sem fim, quando o seu nome foi amaldiçoado e Rá recompensou seus fiéis crentes, então os ouvintes deram saltos e brados de contentamento, atirando moedas de cobre no pires do contador de histórias. Fiquei profundamente intrigado, e disse a Mérito:

- Trata-se de uma história nova, que nunca ouvi antes, embora creia haver escutado todas as que existem porque quando eu era criança minha mãe Kipa gostava extraordinariamente de fábulas e ajudava muito os contadores de histórias. Tanto, que muitas vezes meu pai Senmut os ameaçava com o bastão quando dava com eles comendo na nossa cozinha. Sim, trata-se de uma história nova. E se não fosse impossível, eu diria que se refere ao faraó Akhnaton e ao seu falso deus cujo nome não ousamos falar alto aqui. Esta história devia ser proibida.

Mérito sorriu

- Quem pode proibir uma história? Esta é contada em ambos os Reinos, em cada pórtico, debaixo de cada muralha de não importa qual aldeia, e é muito apreciada pelo povo. Sempre que os guardas

invectivam os narradores, estes respondem que se trata de uma história antiqüíssima... E podem provar que de fato é, pois os sacerdotes a encontraram em escritos que datam de séculos. Portanto os guardas não podem proibir, embora eu tenha ouvido dizer que Horemheb, que é um homem prepotente que não se importa com provas nem documentos, mandou dependurar nas muralhas alguns narradores e ordenou que seus corpos fossem atirados depois aos crocodilos.

Mérito segurou minha mão, sorriu, e continuou:

- Correm muitas profecias em Tebas. Onde quer que dois homens se encontrem contam um ao outro as profecias que escutaram, e os augúrios que se cumprirão. Conforme sabeis, os abastecimentos de trigo estão escasseando, os pobres vivem à míngua, e os impostos caem pesadamente sobre os pobres e ricos. Coisas piores foram preditas e tremo quando penso em todos os males com que tais profecias nos ameaçam.

Retirei dela a minha mão e o meu coração, também. O "rabo de crocodilo" já desde muito não atuava em minha cabeça, que estava doendo agora. Fiquei taciturno e não valeu de nada sua teimosia pertinaz em querer me tornar alegre.

Assim, voltamos enfarados para a taverna, e me dei , conta de que aquilo que o faraó Akhnaton dissera era verdade: "Aton separará da mãe o filho e, da irmã de seu coração, o homem. E isso até que o seu reino prevaleça na face da terra." Mas não tive nenhum desejo de me separar de Mérito por causa de Aton; e portanto fiquei até de noite marasmado em péssimo humor, até que Kaptah voltasse.

Quem poderia permanecer zangado ao dar com Kaptah rodando através da porta da taverna, imenso e lerdo como uma porca machorra, tão gordo que teve de virar de lado para poder entrar?

Estava com o rosto redondo como a lua cheia e reluzente de suor e de unguentos caros. Usava uma vistosa cabeleira azul e tapara a órbita vazia com um disco de ouro. Deixara de usar roupas sírias, estava vestido à maneira egípcia, com os melhores tecidos que os



alfaiates de Tebas podiam cortar e coser, e seus punhos e tornozelos tintilavam com pesadas argolas de ouro.

Quando me viu deu um grito erguendo os braços, tamanha foi a sua surpresa; depois se inclinou profundamente, estirou bem para diante as mãos, posição esta que sua barriga o deixava dificilmente realizar.

- Abençoado seja o dia que traz de volta a casa o meu senhor!

A emoção dominou-o. Pos-se a chorar, arremessando-se de joelhos para abraçar as minhas pernas e fazendo clamor que reconheci o meu velho Kaptah a despeito do linho real e dos braceletes, do unguento caro e da cabeleira azul. Ergui-o pelos braços e abracei-o, tendo a impressão de estar cingindo um boi nédio que cheirasse a pão recente, de tal forma o cheiro dos celeiros estava impregnado nele. Ele cheirou meus ombros também, delicadamente, enxugou as lágrimas, e riu.

- Este é para mim um dia de tamanha satisfação que ofereço aos fregueses que se acham aqui dentro do meu estabelecimento, um "rabo de crocodilo! Se, porém, quiserem mais um, que o paguem. Levou-me para os compartimentos internos, aos fundos, e me ofereceu fofas almofadas onde me reclinar. Consentiu que Mérito permanecesse a meu lado.

Escravos e criados me traziam o melhor que a casa podia oferecer. Seus vinhos eram comparáveis aos do faraó, e o seu ganso assado era um prato tebano sem paralelo no Egito inteiro, pois se tratava de ganso que tinha sido alimentado com peixe podre que dá à carne o mais fino e delicado sabor. Enquanto comíamos e bebíamos, ele disse:

- Sinuhe; meu senhor e meu patrão, confio que haja examinado detidamente todos os relatórios e contas que mandei os escribas tirarem e que tem sido despachados para a sua casa em Akhetaton todos estes anos. Talvez consinta que eu mande por na rubrica "Despesas" a conta deste jantar bem como a dos "rabos de crocodilo" que, em minha grande alegria, ofereci aos fregueses presentes. Será tudo em sua vantagem, pois tenho as maiores dificuldades em enganar o departamento de impostos do faraó, e isso em consideração ao meu senhor.

Disse-lhe:

- Isso para mim é pura charada. Não entendo uma palavra. Faze o que achares melhor, pois sabes que deposito inteira confiança em ti. Tenho lido os relatórios e as contas; todavia devo confessar que entendo pouco, pois contem tamanha quantidade de números e figuras que a minha cabeça começa a estalar antes mesmo que eu chegue ao fim das somas.

Kaptah riu, radiante, e a risada subia de seu ventre como flexuosidades através de almofadas. Mérito riu também porque bebera vinho comigo e estava estirada agora, com as mãos atrás da cabeça, de modo que eu podia observar quão bonita ainda era a curva dos seus seios por baixo do vestido. Kaptah gabou-se:

- Oh Sinuhe, meu senhor e meu patrão! alegra-me ver que conserva sua inocência de quando criança e que compreende tão pouco das coisas materiais quanto um porco compreende de pérolas... conquanto esteja longe da minha intenção compará-lo a um bácoro. Pelo contrário: rendo graças a todos os deuses do Egito e os louvo no que lhe diz respeito porque eles poderiam lhe ter dado como fâmulos um ladrão ou um tratante que o espoliasse, ao passo que eu o tornei rico!

Fiz-lhe ver que não necessitava agradecer aos deuses por isso e sim, antes ao meu bom descortino, visto como eu o comprara num mercado de escravos... e bem barato por se ' tratar de indivíduo que perdera um olho numa briga de botequim. Ao recordar tais coisas exaltei-me e disse:

- Na verdade jamais esquecerei a primeira impressão que tive de ti. Estavas ligado pelo tornozelo ao cepo de escravos e proferias palavras desavergonhadas às mulheres que passavam ou pedias cerveja aos homens. Todavia fiz bem em te comprar, não obstante, em tal ocasião, ter vacilado muito.

A cara de Kaptah se sombreou, vincada de muitos sulcos, ao replicar:

- Não gosto que evoquem um caso assim tão antigo e , aborrecido e que não se coaduna com a minha dignidade...- Pos-se a elogiar alto e com muito ardor o escaravelho, declarando: - O patrão foi muito sagaz em deixar comigo o escaravelho. Assim ele zelou pelos seus

negócios e o tornou rico... mais do que o patrão jamais poderia sonhar... E isso não obstante os cobradores de impostos que enxameiam em cima de mim que nem moscas.

Tive que contratar dois guarda-livros sírios para lidar com livros especiais em benefício deles, pois ninguém, nem mesmo Set, é capaz de entender patavina de contabilidade síria... E já que falo de Set, meus pensamentos se voltam para o nosso velho amigo Horemheb a quem emprestei dinheiro em nome do patrão, conforme mandei contar. Não quero falar dele agora, e sim da riqueza do patrão, por menos que este entenda de tais trapalhadas... Mas, graças a mim, está mais rico do que muitos nobres egípcios. Riqueza não significa a posse de ouro, mas sim de casas, armazéns, navios, cais, terras, gado, pomares e escravos. O patrão possui tudo isso, embora não o saiba porque fui compelido a abrir contas em nome de criados e escribas para evitar impostos. As taxas do faraó pesam sobremaneira sobre as pessoas produtoras que tem que pagar mais do que os pobres, pois ao passo que um homem pobre entrega um quinto do seu trigo, um homem rico é obrigado a entregar um terço ou a metade. Isto é uma iniquidade... a iniquidade mais ímpia de quantas o faraó tem perpetrado. Isso e a perda da Síria reduziram à miséria o país. E o mais esquisito de tudo é que enquanto a fortuna nacional diminui, o pobre se torna mais pobre do que antes e 'o rico se torna mais rico. Nem mesmo o faraó pode alterar esta lei.

E tendo bebido mais, Kaptah começou a se gabar dos seus negócios com o trigo.

- É notável e esquisito, meu patrão, que logo no primeiro dia em que voltamos de nossas viagens, o nosso escaravelho me houvesse levado para tavernas e botequins que mercadores de trigo freqüentam. Consegui assim começar logo a comprar trigo em nossa conta, sendo que ao cabo do primeiro ano já os lucros eram grandes .porque as terras de Am... quero dizer, determinadas áreas extensas de terras deixaram de ser semeadas, conforme o patrão sabe. O trigo é um negócio formidável porque pode ser vendido e comprado antes mesmo de ser semeado, e também porque seu ; preço aumenta de ano para ano, como por efeito de feitiçaria; de

modo que o açambarca dor, queira ou não queira, sempre tem lucro. Por esse motivo não pretendo vender e sim apenas comprar e armazenar em minhas tulhas até que o preço seja pago por medida em ouro, como deverá acontecer se as coisas prosseguirem no rumo em que estão.

E tendo examinado minha fisionomia, Kaptah serviu mais vinho para nós três, e continuou, majestosamente:

- Contudo, nenhum homem aventura tudo quanto tem num único lance; de modo que espalhei nossos lucros constantes em muitos empreendimentos, querendo assim, por sua causa, jogar com diversos dados, meu caro patrão.

E não o furtei em mais do que costumava fazer em tempos idos. Não cheguei a ficar com a metade do lucro que lhe proporcionei com a minha sagacidade; talvez nem mesmo com um terço, embora não conheça pessoa mais fácil de ser roubada e de se deixar roubar do que o meu dileto patrão Sinuhe.

Mérito, reclinada em sua esteira, sorria. Mas ao ouvir isso deu uma gargalhada ante a minha expressão assombrada pelo que Kaptah ia declarando. E ele não se interrompeu.

- Cumpre que entenda, patrão, que quando falo em lucros me refiro a lucros líquidos, a tudo quanto ficou depois das taxas e dízimos. Tive também que deduzir certos donativos para os funcionários do fisco, por causa da minha contabilidade à maneira síria. E grande quantidade de vinho também, coisa necessária para atordoá-los enquanto examinam as contas e números. Só isso vai longe como dinheiro, pois são sujeitos astutos e com poderes incríveis de resistência; engordam à custa dos contribuintes. De vez em quando distribuí trigo entre os pobres, para que abençoassem o meu nome... Quando os tempos são inseguros convém viver em harmonia com os pobres. Esta distribuição de trigo também é um excelente golpe comercial, visto como o faraó em sua loucura permite que se abata nos impostos o trigo assim distribuído. Sempre que dou uma medida de trigo a um pobre, obrigo-o a certificar com a sua impressão digital que recebeu cinco medidas, pois os pobres não sabem ler... E mesmo que soubessem não se negariam, pois ficam tão gratos por uma medida que abençoam o

meu nome e a põem a impressão digital em não importa qual documento eu lhes apresente.

Depois que Kaptah vomitou toda essa historiada, cruzou os braços em ar de empáfia, estufou o peito e ficou à espera dos meus elogios. Mas suas declarações espicaçaram meu raciocínio, de modo que refleti bastante durante algum tempo. E por fim, disse:

- Com que então dispomos de grande cópia de trigo armazenado?...

Kaptah fez que sim com a cabeça, vigorosamente, sempre à espera dos meus encômios; mas eu ordenei:

- Já que assim é, procura depressa os colonos que estão cultivando a terra amaldiçoada e distribuí o grão entre eles, pois não dispõem de nenhum. O pouco trigo que tem espigou avermelhado como se tivesse sido regado com sangue. O rio já baixou, o tempo de arar e semear está aí. Trata disso o mais depressa possível.

Kaptah olhou-me piedosamente, meneando a cabeça e sentenciou:

- Meu dileto patrão, deixe de afligir sua cabeça tão valiosa, com assuntos que não entende; encarrego-me de pensar em seu lugar. O caso está no seguinte pé: Nós, comerciantes, primeiro lucrámos dos colonos emprestando-lhes trigo, pois eles, devido à pobreza, são compelidos a pagar duas medidas por uma que lhes emprestamos. Se acontece não poderem pagar, então os obrigamos a abater o gado que possuem e ficamos com os couros, à guisa de pagamento da dívida. Quando o trigo aumenta de preço tal processo não nos interessa, pois deixa de haver lucro, e a nossa vantagem é deixar nesta primavera bastantes áreas de terra sem semear para que assim o preço do trigo aumente e suba ainda mais. Portanto, não façamos como esses maníacos que emprestam trigo aos colonos para que estes semeiem, pois tal gesto estragaria nossos interesses e nos acarretaria inimizades entre os comerciantes de trigo.

Mas a minha resolução era inabalável e respondi com veemência:

- Trata de fazer segundo estou ordenando, Kaptah, pois o trigo é meu, e não estou pensando agora em lucros e sim em homens cujas costelas aparecem por baixo da pele, homens mais esqueléticos do que os que trabalham em minas... Em mulheres cujos seios pendem flácidos como sacos vazios... Em crianças de

perninhas em arco andando na margem do rio, com os olhos rodeados de moscas. Quero e exijo que dividas o trigo entre eles para sementeiras e que os ajudes de todas as formas a semeá-lo. Mando que faças isso em nome de Aton e por causa do faraó, a quem de fato quero bem. Não lho dês de graça, pois farto estou de verificar que doações e presentes alimentam a preguiça, a má vontade, o desleixo e a cobiça. Não lhes foi dado gado de graça? E terra? E mesmo assim não malograram? Usa contra eles teu bastão, Kaptah, se necessário for. Verifica se realmente o grão é semeado e se mais tarde vem a sazonar. Quando fores reclamar o que é teu, não permitirei que colhas a mais para ti. Tomarás deles uma medida por medida emprestada.

Então Kaptah fez menção de se estraçalhar e se lamentou:

- Medida por medida, patrão? Loucura, pois de onde hei de eu roubar senão do lucro que acaso o patrão tenha! E não é apenas nisso que a sua ordem é estulta e ímpia. Além dos mercadores de trigo, terei contra mim os sacerdotes de Ammon...E posso agora proferir alto o nome de Ammon já que estamos fechados numa sala e que ninguém escuta para nos delatar. E se digo alto o nome dele, patrão, é porque ainda está vivo, e seu poder é mais formidável do que antes, mesmo. Ele amaldiçoa nossas casas, nossos navios, nossos armazéns, nossas tulhas... Amaldiçoa também esta taverna, de modo que até será prudente transferi-la para o nome de Mérito, caso ela concorde... E dou graças até que muitas de nossas propriedades se achem registradas sob outros nomes para que os sacerdotes não saibam quais os verdadeiros donos e não as amaldiçoem.

Kaptah ia tagarelado assim para ganhar tempo, na esperança de que eu me arrependesse de minha resolução. Mas quando viu que essa era inabalável, praguejou amargamente e perguntou:

- Acaso o mordeu um cão danado, patrão? Ou o aguilhoou um escorpião? Pensei no começo que se tratasse de mero gracejo. Tal plano nos deixará na miséria. Talvez nem mesmo o escaravelho então nos pudesse valer. Quer saber de uma coisa? Eu também não gosto de ver essa gente esquelética. E que faço, então? Viro os olhos para o outro lado. Por que não faz a mesma coisa? Ora, o que

um homem não vê, ignora para sempre. Aliviei a minha consciência distribuindo trigo entre os pobres, visto como isso acabava não redundando em prejuízo. E o que mais me desagrada no seu plano é que o patrão quer que eu me aventure a fazer viagens medonhas, pisando na lama, escorregando, caindo mesmo, decerto, nalgum poço de irrigação... Não terá remorso, depois, patrão? Sim,, levarei a breca, pois sou um velho cansado e já não tenho as pernas rijas... a não ser de velhice. Então vou deixar minha cama gostosa, as sopas e as costelas que Muti me faz? Andar como, se só com alguns passos já fico sem ar?... Mas fui inamovível.

- Cada vez mentes mais, Kaptah, pois nesta longa temporada, em lugar de envelhecer, ficaste bem mais remuçado. As tuas mãos já não tremem como tremiam, e se tens o olho avermelhado foi de haveres bebido agora, pois quando entraste não o tinhas assim. É exatamente como médico que te receito esta viagem sem comodidades. Faço isso em benefício teu, por causa do bem que te dedico. Espero que percas essas banhas no decorrer de tal viagem e que te tornes um homem de físico respeitável, de modo a eu não ter que enrubescer à vista da obesidade grotesca do meu fâmulos. Não te lembras com que satisfação andávamos pelas estradas de Babilônia? Com que efusão atravessaste no dorso de um jumento as montanhas do Líbano, e com que entusiasmo ainda maior desceste do animal às portas de Kadesh? Na verdade, se eu fosse mais moço... isto é, se não tivesse tantas missões a realizar a mando do faraó, iria contigo, sim, pois muitos hão de abençoar teu nome por causa dessa viagem. Não altercamos mais.

Kaptah resignou-se ao projeto.

Permanecemos bebendo pela noite adentro. Mérito também bebeu, e descobriu a pele morena para que eu a pudesse roçar com meus lábios. Kaptah recitou suas memórias pelas estradas e eiras da Babilônia. Se na verdade houvesse acontecido comigo tudo quanto ele contou, então o meu amor por Minéia me teria tornado cego e surdo, simultaneamente. Sim, não me esqueci de Minéia aquela noite embora tivesse deitada com Mérito, possuído seu corpo e aquecido nela o meu coração até se esvair toda a minha solitude. A verdade é que não a chamei de "minha irmã", tendo dormido com

ela porque era minha amiga e estava sempre pronta a me outorgar a prova mais amistosa que uma mulher pode conceder a um homem. Cheguei a insistir que quebrássemos juntos um cântaro; mas não quis, dizendo que se criara numa taverna e que eu era muito rico e importante para ela. Mas creio que a verdadeira razão foi querer a sua liberdade e a minha contínua camaradagem.

Eu tinha que visitar no dia seguinte a casa dourada, por causa de uma audiência marcada com a Rainha-Mãe, que Tebas inteira agora chamava a bruxa preta. Acho que, a despeito de sua habilidade e sabedoria, bem merecia tal nome. Era uma velha intrigante que não conhecia dó nem piedade. A sede de poder que a extremava anulava quaisquer boas qualidades.

Voltei ao navio, mudei minha roupa cingindo-me de linho real, coloquei os símbolos da minha dignidade, encontrei minha cozinheira Muti que saía da casa do fundidor em grande fúria para me interpelar:

- Abençoado seja o dia que vos traz à casa, meu amo. Mas não está direito, absolutamente, que levásseis a noite entregue à devassidão em alcouces, sem sequer vir almoçar, sabendo como deveis saber que tive tanta trabalhadeira para arranjar comida que tanto gostais! Além disso, não me deitei a noite inteira, às voltas com o forno, os assados e as frituras, a toda hora atiçando os escravos preguiçosos para que a limpeza da casa ficasse pronta. Estou com estes braços que não posso mais... Não passo de uma pobre velha, perdi minha fé nos homens, e não fizestes nada, absolutamente nada, para que eu modificasse essa minha opinião sobre os homens todos, todos! Entrai ao menos agora e almoçai. Sé quiserdes podeis trazer a gaja se é que não vos podeis separar dela nem mesmo de dia.

Foi como me recebeu, embora tivesse Mérito em grande conceito e admiração. Sua acrimonia chegou até a me fazer bem, pois me fez perceber deveras que me achava em minha casa. Tendo mandado chamar Mérito na taverna O Rabo do Crocodilo, entrei com Muti, muito satisfeito. Ia e vinha perto da minha cadeira, arrastando os pés e resmungando:

- Esperava que tivésseis criado juízo e prendido a vos comportar direito durante tão longa estadia em ambiente real, mas estou a



ver, sobejamente visto, que nada disso aconteceu e que sois o mesmo estouvado de antigamente. E dizer-se que ontem cheguei a pensar que havia compostura e serenidade em vossa fisionomia... Alegrou-me, contudo, verificar que tínheis ganho umas bochechas mais gordas. Está bem, está bem... Um homem quando engorda fica mais sossegado. Evidentemente não foi culpa minha se perdestes peso aqui em Tebas, como com certeza vai acontecer de novo. Culpa só de vossas correrias tontas... Todos os homens são iguais e todo o mal do mundo advém do instrumentozinho que os homens escondem debaixo da tanga envergonhados disso, por melhor munidos que estejam...

Tão incessantes eram seus ralhos que me lembrei de minha mãe Kipa. E decerto o pranto me venceria se eu não tratasse logo de redargüir:

- Cale essa boca, mulher! Sua tagarelice incomoda meus pensamentos, embora eu ligue tanto para o que me diz como para o zumbir de moscas.

Calou-se imediatamente, radiante de me haver azucrinado tanto a ponto de me irritar, sentindo assim a exata impressão de que o dono da casa voltara e que naquela casa imperava a sua autoridade, outra vez.

Preparara lindamente a casa, para me receber. Ramalhetes pendiam dos pilares da entrada. O jardim fora varrido. A carcaça de um gato, que antes estava diante da minha porta, achava-se agora diante da casa do vizinho. Contratara crianças para ficarem paradas na rua e cantarem: "Abençoado seja o dia que traz o meu amo à casa!" E fizera isso, indignada por eu não ter filhos meus. Gostaria que eu tivesse alguns, contanto que os tivesse obtido sem precisar me casar.

Dei moedas de cobres às crianças, e Muti os presenteou com bolos de mel; dispersaram, contentes da vida. Depois chegou Mérito, lindamente vestida, com flores nos cabelos que luziam tanto com óleos perfumados que Muti fungou e limpou o nariz enquanto derramava água para que lavássemos as mãos. O almoço que Muti preparara me soube magnificamente, porque era comida tebana. Em

Akhetaton eu esquecera que não existe parte alguma no mundo onde se encontre comida igual à de Tebas.

Agradei a Muti, elogiei muito os pratos, o que a envaideceu apesar de fazer carranca e torcer o nariz; Mérito cumprimentou-a, também. Se essa refeição na antiga casa onde antes morara um fundidor, foi memorável sob qualquer aspecto ou se me valeu de alguma coisa, não saberei dizer. Menciono-a por minha própria conta, porque foi naqueles momentos que me senti feliz e disse:

- Detém tua marcha, relógio de água, pois esta é uma grande hora. Tomara que perdurasse sempre, assim! Enquanto comíamos, juntou gente no pórtico; gente do bairro pobre que se vestem melhor para vir me cumprimentar e falar de suas dores e pontadas. E tais pessoas me disseram:

- Que falta temos sentido de vós, Sinuhe! Enquanto residíeis aqui entre nós, não percebemos quanto valíeis. Só depois que partistes averiguamos o bem que nos fazíeis, e quanto perdemos com vossa ausência.

Trouxeram-me presentes, coisa muito modesta, porque haviam ficado mais pobres do que nunca, por causa do deus do faraó Akhnaton. Entre eles se achava o velho escriba, sempre com a cabeça entortada por causa do tumor no pescoço, fiquei admirado de achá-lo vivo ainda. Vi também o escravo cujos dedos eu tratara; erguia a mão diante de mim, todo orgulhoso, mexendo com os dedos. Certa mãe me mostrou o filho que crescera bonito e estouvado; estava até com uma contusão na órbita, sem falar nos arranhões pelas pernas; a mãe ficou séria quando o garoto me disse que era capaz de estraçalhar qualquer menino do seu tamanho ali pela vizinhança. E veio também a rapariga cujos olhos eu tratara e que me pagou de boa vontade mandando-me todas as outras mulheres do alcouce para que eu lhes removesse sinais de nascença e verrugas. Prosperara, tendo ganho com que adquirir um banho público perto do mercado onde também vendia perfumes e dava aos mercadores endereços de moças alegres e vistosas...E à medida que me entregavam os presentes diziam coisas assim:

- Não zombeis de nossos presentes, Sinuhe, médico real residente no palácio do faraó, pois nossos corações rejubilam em vos ver,

contanto que não nos faleis de Aton. Não falei. Recebi-os um por um, de acordo com seus males. Prestei atenção em suas queixas, receitei-lhes, tratei-os.

Mérito tirou o vestido bonito a fim de me ajudar. Lavou-lhes as feridas, purificou minha faca no fogo, misturou bebidas narcóticas para aqueles que tinham dentes a arrancar. Sempre que olhava para ela me sentia bem, e olhei-a uma porção de vezes enquanto trabalhávamos, pois era bonita e flexuosa. Seu corpo era gracioso, não se envergonhou de retirar o vestido como fazem as mulheres pobres, e nenhum dos meus clientes estranhou isso, pois estavam todos às voltas com a consulta. Passei o dia recebendo doentes, conversando com eles como outrora, alegrando-me com os meus conhecimentos quando o diagnóstico era fácil. E uma porção de vezes respirei profundamente e disse:

- Detém teu curso, relógio de água! Água, detém o teu curso, pois outras horas tão belas quanto estas raramente terei.

Esqueci-me da visita que devia fazer à Rainha-Mãe, e que já fora informada da minha chegada. Acho que esqueci porque, sentindo-me feliz, não quis me lembrar dos outros deveres.

À hora em que as sombras se alongaram, o último dos meus pacientes deixou o pórtico. Mérito derramou água em minhas mãos e ajudou a me preparar. Com satisfação a ajudei também, e nos vestimos. Quando quis lhe acariciar o rosto e beijar-lhe a boca, ela me empurrou, dizendo:

- Ide depressa visitar vossa feiticeira, Sinuhe; não percais tempo para que possais voltar antes do cair da noite. Meu leito vos espera com impaciência. Sim, pressinto que o meu leito, no meu aposento, vos espera ansiosamente...Por que motivo? Não sei! Tendes os membros fofos, Sinuhe, vossa carne é flácida, e vossas carícias não são de modo alguns notáveis. Todavia, para mim sois diferente de todos os outros homens, de maneira que percebo perfeitamente o estado de alvoroço em que se acha o meu leito.

Cingiu meu pescoço com os símbolos da minha dignidade e pos a cabeleira de médico em minha cabeça, afagando minhas faces enquanto isso, de forma que, apesar do meu medo da raiva da Rainha-Mãe, não sentia a menor vontade de deixar Mérito e de ir à

casa dourada. Mas apressei os carregadores e os remadores até que chegamos rente às muralhas do palácio. O meu bote tocou no desembarcadouro exatamente quando o sol descambava por trás das colinas ocidentais e as primeiras estrelas apareciam.

Antes de falar da minha conversa com a Rainha-Mãe devo mencionar que apenas duas vezes ela visitou o filho na cidade de Akhetaton. Em ambas as vezes o admoestou por sua maluqueira, com isso o afligindo muito porque amava muito sua mãe obedecendo-a cegamente, obediência essa que nos homens só se modifica depois que tal cegueira é curada pelo casamento.

Mas Nefertiti não abriu os olhos do faraó Akhnaton, por causa do pai. A rainha Taia e Eie viviam livremente juntos a esta altura, e já não tentavam mais esconder tal situação; ignoro se a corte acaso já assistira antes a tamanha desfaçatez. Todavia não ponho nenhuma suspeita quanto às origens do faraó, pois acredito que estas sejam divinas. Se não tiver nenhum sangue do falecido faraó em suas veias então carece de modo absoluto de sangue real. Então será um falso faraó, conforme os sacerdotes assoalham, e tudo quanto aconteceu foi ainda mais iníquo e insensato. Mas prefiro acreditar no que me dizem o meu coração e o meu espírito.

A Rainha-Mãe recebeu-me numa sala reservada onde muitos pássaros com asas cortadas arquejavam e gorjeavam em suas gaiolas. Jamais esqueceu a profissão da sua gente é da sua infância, gostando ainda de caçar passarinhos no jardim do palácio, armando alçapões e redes nas árvores e no chão. Quando entrei, ela estava tecendo uma esteira com vergas coloridas. Recebeu-me com uma descompostura por causa do meu atraso. Depois foi perguntando:

- Meu filho já ficou bom da maluqueira, ou já é tempo de lhe trepanarmos o crânio? Que mixórdia que ele faz com essa divindade Aton, alvoroçando toda gente sem nenhuma necessidade, já que o falso deus foi derrubado não existindo mais nada para competir com o faraó no poder!

Falei-lhe da condição do filho, das princesinhas, de seus brinquedos, gazelas e cães, de como remavam no lago sagrado de Akhetaton. Enterneceu-se, pediu-me que sentasse aos seus pés, ofereceu-me

cerveja. Não fez isso por parcimônia, e sim porque preferia a cerveja ao vinho.

Enquanto bebia, conversava comigo com a maior naturalidade e confiança, o que, aliás, era natural visto eu ser médico. As mulheres contam aos médicos muita coisa que nem por sonho confiariam a outras pessoas.

A tal respeito a rainha Taia não era diferente das demais mulheres. Como a sua língua se fosse soltando com a cerveja, falou assim:

- Sinuhe, por que estranho capricho te deu o meu filho o nome de O Que Está Sozinho? Absolutamente não me dá tal impressão. Pareces um homem sossegado e, sem dúvida, no íntimo és um homem bom. Falar nisso, que adianta a um homem ser bom? Só as pessoas estúpidas são boas, pois são incapazes de algo mais, conforme estou farta de verificar. Seja como for, tua presença me acalma, esquisitamente. Esse Aton, que em minha insensatez deixei que atingisse o poder, agora me aborrece sobremaneira. Jamais foi minha intenção que esse caso fosse levado tão longe. Inventei Ato tão somente para depor Ammon, afim de que o meu poder e o do meu filho crescessem. Para ser mais fiel, foi Eie quem pensou nisso. Sim, Eie, meu esposo, conforme deves saber... se é que em tua simplicidade ainda não percebeste nem sequer isso. Bem, Eie é meu esposo, muito embora não nos tenha sido possível quebrar juntos um cântaro. Foi por conseguinte esse Eie, que atualmente tem em si tanta virilidade quanto a que existe na teta de uma vaca, quem trouxe a idéia de Aton lá de Heliópolis, e encheu com isso a cabeça do meu rapaz... Não tenho a menor noção do que o meu filho cuida ver em Aton. Já em criança foi dado a alucinações, e só me resta supor que seja louco varrido e que seu crânio precisa ser trepanado... E Por que motivo se aflige ele tanto pelo fato de sua mulher, a filha de Eive, lhe dar uma filha após outra, embora todos os meus feiticeiros tenham feito o possível para modificar tal estado de coisas?!... Por que será que o povo odeia os feiticeiros? Valem verdadeiros tesouros, mesmo sendo pretos e usando argolas de marfim nas narinas, esticando os beijos com lâminas e encompridando os crânios das crianças. Bem sei que o povo os detesta, de modo que os guardo escondido nos recessos da casa

dourada. Não posso passar sem eles, pois ninguém sabe fazer cócegas nas solas dos meus pés como eles nem preparar poções que me possibilitam gozar a vida ainda e usufruir prazeres. Mas se cuidas que ainda colho prazer nos braços de Eie te equivocas de todo. Chego até a não compreender por que motivo me agarro a ele, ainda, em lugar de o deixar cair de vez. Melhor para mim. Ora, aí está... Atualmente os meus queridos negros são a minha única distração.

A grande Rainha-Mãe caçou de si mesma como as lavadeiras no rio caçoam umas das outras a respeito de bebidas e coisas; depois, continuou:

- Esses meus negros são médicos de grande valor, Sinuhe, embora o povo por ignorância os chame de feiticeiros. Até mesmo tu aprenderias muita coisa deles. Como és médico e não contarás a ninguém, vou te contar um segredo: lá uma vez ou outra gozo com eles...Receitam-me isso em bem da minha saúde... mesmo porque uma mulher da minha idade precisa se distrair um pouco. E se consinto nisso não é com o fito de experimentar qualquer novidade, como fazem as mulheres da corte que, por depravação, se servem de negros à maneira de prostitutas que, tendo experimentado de tudo e não se satisfazendo nunca, resolvem afirmar que carne podre é mais saborosa. Não é assim que eu aprecio os meus negros; tenho o sangue ainda moço e bem rubro, não precisando de nenhum estimulante. É que para mim os negros são um segredo que me aproxima das fontes cálidas da vida... pondo-me mais perto do sol, da terra e dos bichos.

Seu feitio agora era quase sombrio. Deixou de beber cerveja, pondo-se a tecer vergas claras. Não ousando fitar seus olhos, baixei os meus para os seus dedos escuros e velozes. E como eu permanecesse calado, ela prosseguiu:

- Nada é obtido pela bondade. A única coisa que tem significação no mundo é o poder. Os que nascem com ele não percebem o seu valor; só o avaliam direito aqueles que, como eu, nasceram com esterco grudado nos calcanhares. Palavra de honra, Sinuhe; eu posso calcular o valor do poder. Fiz tudo com esse intento; para preservá-lo para meu, filho e para o filho do meu filho, pois assim o meu

sangue se eternizará no trono dos faraós. Não titubeei diante de nada para realizar isso. Ao olhar dos deuses os meus feitos podem parecer maus, mas para falar verdade não acho que tenha agido ilicitamente, já que os faraós pairam acima deles. Quando tudo está dito e feito, não existem ações boas ou más. Bom é aquilo que vence, e mal é tudo quanto falha e vem a ser descoberto. Ainda assim o meu coração estremece às vezes, e minhas entranhas quase se liquefazem quando penso em minhas ações. Não passo de uma mulher, e todas as mulheres são supersticiosas. Mas espero que a tal respeito os meus negros hão de me socorrer... Confrange meu coração ver Nefertiti gerando uma filha após outra. Todas as vezes tenho a impressão de haver arremessado uma pedra para trás de mim, somente para encontrá-la depois no meu caminho como uma maldição que me espera.

Sussurrou invocações com os lábios grossos e remexeu violentamente com os pés no assoalho, sem que porém seus dedos parassem de dar nós nas vergas coloridas com que formava uma esteira. E como observasse mais detidamente tais nós, meu coração se congelou. Porque os nós que ela dava eram nós de caçadores, e eu os conhecia. Sim, eu os reconhecia. Eram muito empregados no Baixo Reino. Quando criança eu os vira num barco de verga, carunchosa que pendia por cima do leito de minha mãe.

Ao me lembrar disto, minha língua ficou rija e meu corpo se entorpeceu. Na noite do meu nascimento soprou um leve vento da banda do ocidente, empurrando o bote rio abaixo e fazendo-o deter-se na praia, perto da casa de meu pai. O pensamento que fulgurou dentro de mim enquanto eu observava os dedos da Rainha-Mãe foi tão ultrajante e terrível que fiz tudo para arredá-lo de mim, considerando que qualquer pessoa podia empregar nós de caçador na feitura de barcos de verga. Contudo, os caçadores exercem seu mister no Baixo Reino e nunca vi ninguém dar nós assim em Tebas. Quando garoto eu examinara muitas vezes o bote carunchoso com seus bordos quebrados e me assombrara com os nós que o mantinham apertado, muito embora naquele tempo não desconfiasse absolutamente de sua conexão com o meu destino.

Mas a Rainha-Mãe não chegou a perceber que eu me alterara repentinamente. Não esperou por nenhuma resposta ao que dizia, e continuou a mergulhar em seus pensamentos e recordações.

- Posso te parecer uma mulher infame e repulsiva, Sinuhe, agora que conversei contigo com a maior franqueza. Não me julgues muito severamente por causa dos meus atos, mas procura compreender. Não é nada fácil uma jovem caçadora penetrar no harém do faraó onde todos a desprezam por causa da sua tez escura e dos seus pés grandes. No harém ela é espetada por milhares de agulhas e não tem nenhum refúgio a não ser o capricho do faraó e a beleza e a mocidade do próprio corpo., Podes imaginar que voltas dei à imaginação, que meios e processos empreguei para prendera mim o coração do faraó... acostumando-o, noite após noite, às estranhas práticas dos negros até que ele não pudesse viver mais sem as minhas carícias e até que, através dele, eu acabasse governando o Egito!...Com tal intento desfiz todas as intrigas na casa dourada, evitei todas as armadilhas e estraçalhei todas as redes jogadas no meu caminho; e nem vacilei ante vinganças quando tinha razão para isso. Calei pelo medo todas as línguas, e dirigi a casa dourada de acordo com a minha vontade... E a minha vontade era que nenhuma mulher concebesse um filho do faraó enquanto eu não houvesse concebido antes. Assim, nenhuma outra mulher lhe gerou um filho, e as mulheres que nasceram as casei desde o nascimento com homens eminentes, tão forte foi a minha vontade. Todavia não ousei ter filhos logo no começo a fim de não me tornar feia aos seus olhos, porque no princípio meu domínio sobre provinha do meu corpo, apenas, e eu ainda não enredara seu coração em milhares de outros laços. Além disso, ele ia envelhecendo e os amplexos mercê dos quais eu o dominava, o iam enfraquecendo; de modo que quando julguei propícia a ocasião para conceber, gerei dele, para horror meu, uma filha!

Essa filha é Baketon, que ainda não casei; - continuou ela - conservo-a como um arco a mais na minha aljava. Os prudentes conservam muitos arcos em sua aljava, não confiando jamais num único. O tempo se passou e atravessei grandes agonias de preocupação até que concebi um filho. Trouxe-me menos alegria



do que esperava, porque se trata de um louco, razão pela qual deponho todas as esperanças e complacências num filho delta, conquanto ainda não nascido. Tamanho é o meu poder que nenhuma mulher do harém do faraó lhe deu ainda um filho durante todos estes anos, mas apenas filhas. Como médico, não reconhecês, Sinuhe, que esta minha arte mágica é notável?

Tremendo, fitei-lhe os olhos e disse:

- A vossa arte é de ordem simples e repugnante, grande Rainha-Mãe: vossos dedos a tecem em vergas coloridas para que todos a vejam.

Largou o trabalho, como se eu a tivesse queimado, e seus olhos avermelhados pela cerveja rolaram nas órbitas, em movimento de pasmo, enquanto ela exclamava:

- Tu também és mágico, Sinuhe, ou tal caso é de ciência do povo?...

Falei-lhe:

- Tudo acaba sendo desvendado pelo povo. Embora ninguém haja testemunhado vossas ações, todavia a noite vos viu... e o vento noturno ciciou vossas ações a muitos ouvidos. Por mais que possais silenciar as línguas dos homens, não podeis abafar os cicios do vento noturno. Mas resta declarar que o tapete mágico que tendes entre os dedos é sobremaneira bonito, e eu ficaria extremamente grato se o obtivesse como presente. Conservá-lo-ia com grande empenho... Certamente com um empenho maior do que qualquer outra pessoa a quem o désseis de presente.

Enquanto eu falava ela se tornou mais calma. Continuou a trabalhar com os dedos; mas estes tremiam; então, bebeu mais cerveja. Quando me calei ela me deitou um olhar manhoso e disse:

- Talvez te de esta esteira, Sinuhe, se vier a terminá-la. Trata-se de uma esteira bonita e preciosa, pois a fiz com as minhas próprias mãos... uma esteira real. Mas um presente atrai outro. Que é que me oferecerás, Sinuhe?

Ri e respondi, aparentando indiferença:

- Como presente de retribuição, Rainha-Mãe, vos darei a minha língua, embora vos fique muito grato se a deixardes ficar onde se acha. Minha língua não lucra nada em falar contra vós; por conseguinte vo-la dou.

Sussurrou qualquer coisa para si própria, dardejou-me um olhar de soslaio, e depois disse alto:

- Por que hei de aceitar um presente que já me pertence?... Ninguém se oporia a que eu te tirasse a língua. Poderia também te tirar as mãos para que não escrevesse aquilo que te fosse impossível pronunciar. Ou melhor ainda: poderia levar-te para os meus subterrâneos para saudares os meus negros; de lá não voltarias porque eles gostam de empregar seres humanos em seus sacrifícios.

Mas eu obtemperei:

- Está-se a ver que bebestes cerveja demais, Rainha-Mãe. Convém que não continueis a beber esta noite do contrário sonhareis com hipopótamos. Minha língua é vossa, e espero receber vossa esteira quando a acabardes.

Levantei-me para sair e ela riu à socapa como fazem as velhas quando estão bêbadas.

- Divertes-me enormemente, Sinuhe... Divertes-me enormemente...

Deixei-a e voltei intacto para a cidade. Mérito e eu dormimos juntos. Mas eu não era mais completamente feliz. Meus pensamentos corriam através do barco de verga carunchoso e enegrecido que pendia antigamente por cima da cama de minha mãe. Meus pensamentos acompanhavam os dedos escuros que teciam uma esteira com nós de caçador. Meus pensamentos corriam atrás dos ventos que impeliam frágeis barcos correnteza abaixo, desde as muralhas da casa dourada até à praia tebana. Eu já não era mais feliz de todo, porque tudo que aumenta o conhecimento aumenta os dissabores. E este era um dissabor que bem poderia me ter sido poupado, já que eu não era mais uma pessoa na flor da idade.

O pretexto oficial para a minha viagem a Tebas era uma visita à Casa da Vida. Havia muitos anos que eu não entrava nela, embora a minha situação de cirurgião trepanador do faraó incluísse essa obrigação. Temia também haver perdido um pouco da minha desteridade durante toda a minha estadia em Akhetaton onde não abria um único crânio. Assim, entrei na Casa da Vida onde dei aulas e instruções aos alunos que tinham sido escolhidos para

seguir essa especialidade. Como já não se exigia que os estudantes se qualificassem mediante o recebimento de ordens menores de sacerdócio para admissão à Casa da Vida; imaginava também que os estudos científicos, livres dos laços convencionais, houvessem adiantado bastante, pois já então os alunos não eram proibidos de perguntar o "por que" das asserções.

Mas a tal respeito fiquei profundamente desapontado. Os alunos eram chucros e não tinham a menor vontade de abrir debates. Sua maior ambição era angariar conhecimento apressado, ter os nomes registrados no Livro da Vida e assim poderem iniciar a clínica e arrancar dinheiro sem demora. Havia agora tão poucos pacientes que se passaram semanas até que eu tivesse ensejo de abrir três crânios para experimentar minha perícia. Essas operações me granjearam alta consideração. Tanto os médicos como os estudantes louvaram a firmeza e a desteridade de que dei provas. No entanto fiquei apreensivo com a desconfiança de que minhas mãos estavam com menos habilidade do que anteriormente. Minha vista diminuía tanto que quase não conseguia desvendar doenças com a antiga facilidade e segurança, vendo-me obrigado à fazer uma porção de perguntas e efetuar exames prolongados até conseguir chegar a quaisquer conclusões. Por esta razão dei consultas diárias em minha casa, e tratei doentes sem cobrar nada, com o único propósito de restabelecer minha anterior proficiência. . Quantos aos três crânios com que tive que me haver na Casa da Vida, abri um por compaixão, porque o homem não podia mais tolerar as dores e os sofrimentos e se achava completamente desenganado. Os outros dois casos eram interessantes e exigiram toda a minha sagacidade técnica.

Um era um homem que um ano antes, mais ou menos, caíra do teto com a cabeça para baixo, estando no telhado a se divertir com a mulher de um outro homem. Caíra ao querer fugir do marido ultrajado, mas recuperara os sentidos, bem depois, sem mal aparente.

Mas após certo tempo passou a ser acometido do mal sagrado, e sofreu sucessivos ataques que se seguiam invariavelmente a doses maiores de vinho. Não tinha visões; apenas soltava gritos com voz

furibunda, esperneava, mordida a língua e não podia reter a urina. Acabou tendo tal pavor dos ataques que instou para ser submetido à operação. Expus a superfície toda de seu cérebro que em muitos lugares se achava enegrecido com sangue velho. O processo de limpeza me tomou muito tempo e não pode ser realizado direito sem certo choque. O homem não veio a sofrer outros ataques porque morreu ao cabo do terceiro dia, como é usual em tais circunstâncias. Não obstante isso, a operação foi considerada altamente eficaz; elogiaram-me a forma pela qual a pratiquei, e os estudantes tomaram cuidadosas notas de tudo quanto fiz.

O outro caso era simples. Tratava-se de um paciente jovem que os guardas haviam encontrado estendido na rua, sem sentidos, despojado de seus bens. A cabeça apresentava um golpe reentrante, e o jovem estava em coma. Aconteceu eu me achar na Casa da Vida quando ele entrou carregado, e vi que havia conveniência em operá-lo, pois os médicos se haviam recusado a atendê-lo, convencidos de que morreria. Abri o crânio onde havia a fratura cominutiva, tratando de o fazer o mais depressa possível. Removi as esquírolas do osso de cima e de dentro do cérebro, e cobri o orifício com uma placa de prata purificada. Ele recobrou os sentidos e ainda estava vivo quando deixei Tebas duas semanas mais tarde, embora ainda encontrasse dificuldade em mover os braços e não sentisse quando lhe passávamos uma pena pelas palmas das mãos e pelas solas dos pés. Creio que com o tempo ficará bom de todo. O caso foi interessante ainda porque, dada a urgência, eu não tivera tempo de lhe raspar a cabeça antes da operação, e depois que lhe puxei os bordos do couro cabeludo, outra vez, por cima da placa de prata, o cabelo continuou a crescer tapando assim inteiramente o lugar da operação.

Por melhor que me tratassem na Casa da Vida, dispensando-me grande respeito, os médicos mais antigos me evitavam e retiravam a confiança que tinham em mim, porque eu era de Akhetaton, ao passo que eles eram dirigidos pelo temor ao falso deus. Discutia com eles apenas assuntos profissionais, nunca lhes falando sobre Aton. Não cessavam de procurar ler no meu pensamento, farejando-

me como cães ao longo de uma pista; e eu estranhava muitíssimo tal procedimento.

Por fim, depois da terceira operação craniana, certo médico de excepcional sabedoria e proficiência, se aproximou de mim e disse:

- Sinuhe, cirurgião real! Deveis ter reparado que a Casa da Vida não tem mais o movimento de antigamente e que a nossa ciência é bem menos procurada do que era antes, embora haja tantos doentes em Tebas como sempre, ou mais ainda. Viajastes por muitos países, Sinuhe, e assististes a muitas curas... Ainda assim duvido que tenhais visto curas da qualidade das que vem sendo realizadas secretamente em Tebas. E que não requerem faca nem fogo, remédio nem curativos. Fui encarregado de comunicar-vos isso e de convidar-vos para testemunhar alguns exemplos. Deveis prometer não falar sobre o que virdes e consentir que vossos olhos sejam vendados durante o trajeto para o sagrado local das curas, para que assim ignoreis onde isso se passa.

Repeli seu convite porque temia complicações com o faraó; mais fiquei com muita curiosidade. Redargüi:

- De fato já ouvi dizer que muitas coisas estranhas estão sucedendo em Tebas. Homens narram histórias e mulheres explicam visões... Mas, quanto a curas, ainda não ouvi falar. Como médico, sou profundamente cético no que se refere a curas efetuadas sem utilização de faca ou fogo, remédio ou curativos, e prefiro não me envolver em decepções, pois não quero que o meu nome seja aproveitado em vão para testificar coisas que não existem e que não podem ocorrer.

Ele protestou impetuosamente.

- Cuidávamos que fosseis homem sem preconceitos, real cirurgião Sinuhe, já que viajastes tanto e que aprendestes tanta coisa que o Egito ignora. Ora, se uma hemorragia pode ser estancada sem o uso de arames incandescentes ou de pinças, por que motivo então não se efetuarem curas sem o emprego de facas ou de fogo? O vosso nome não aparecerá em todo esse caso, podeis estar certo disso. É que temos razões especiais para desejar que exatamente uma pessoa como vós veja tais coisas e verifique pessoalmente que não

se trata de embuste. Sereis a testemunha única e imparcial, Sinuhe. Eis o que desejamos.

Suas palavras me intrigaram, aumentando minha curiosidade. Como médico, a minha sede de conhecimentos era constante. Acabei concordando que iria.

Já noite descida, ele passou em minha casa numa liteira, para a qual subi. Vendou meus olhos com um pano, para que eu não visse a direção que tomávamos.

Quando descemos, fui levado através de passagens acima e abaixo, subindo e descendo uma infinidade de degraus, até ficar exausto e dizer-lhe que não aturava mais tamanhas tolices. Acalmou-me, tirou a venda dos meus olhos e me conduziu a uma sala de pedra onde ardiam muitas lâmpadas. No pavimento jaziam três padiolas, cada uma com um doente. E eis que veio ao meu encontro um sacerdote de cabeça raspada e reluzente de óleo. Disse meu nome e convidou-me a examinar minuciosamente os doentes e verificar se havia preparativos para qualquer embuste ou estratégia. Sua voz era ponderada e afável, e o seu ademã circunspecto. Fiz como ele disse, assistido pelo cirurgião da Casa da Vida.

Verifiquei que aquelas pessoas eram doentes autênticos que nem se podiam erguer das padiolas. Uma era uma mulher moça mas de corpo caquético e esgrouvinhado, quase exânime; apenas havia vida em seus olhos pretos, assustados. A segunda pessoa era um rapaz cujo corpo estava totalmente coberto por uma erupção medonha, além de feridas sangrentas. A terceira era um velho, paralítico das pernas, incapacitado de andar; ó mal era somático: enfiei-lhe alfinetes, não sentiu a menor dor. Ao fim de tais exames, disse ao sacerdote:

- Examinei estes doentes com o maior cuidado. Se fosse o médico encarregado destes casos, restringia-me a remete-los para a Casa da Vida. A mulher e o velho dificilmente virão a ficar bons. Já o rapaz, porém, ficaria aliviado um pouco com banhos sulfurosos diários.

O sacerdote sorriu e rogou que nos sentássemos em bancos dispostos ao fundo da sala, na semi-obscuridade, e que tivéssemos um pouco de paciência. A seguir mandou que escravos levantassem

as padiolas com os doentes e as dispusessem em cima do altar. Isto feito, ele acendeu um incenso abrasador: De um corredor veio a nós o som de cânticos, e entrou um grupo de sacerdotes entoando hinos a Ammon. Colocaram-se em redor dos doentes, e principiaram a rezar, a saltar e a gritar. E o fizeram até o suor lhes banhar os semblantes; despojados das estolas, sacudiam sinos e feriam os bustos com pedras cortantes.

Eu vira ritos similares na Síria, lá e aqui contemplando seus transportes com o olhar frio de médico. Os brados aumentavam, punhos cerrados esmurravam as paredes da sala. E eis que a parede se abriu e a imagem sagrada de Ammon fulgurou por sobre eles ao clarão das lâmpadas. Instantaneamente os sacerdotes ficaram calados, seu silêncio se seguindo à celeuma com um poder estupendo.

A efígie de Ammon reluzia sobre nós, lá do seu recesso escuro, fulgindo com deslumbramento celestial.

De repente o sumo-sacerdote se encaminhou para os doentes, chamou-os pelos nomes e disse bem alto:

- Erguei-vos e andai; pois o grande Ammon vos abençoou por causa da fé que depositastes nele!

E vi com meus olhos as três pessoas doentes se erguerem das padiolas, meio vacilantes, com os olhos postos na imagem de Ammon. Tremendo, se ajoelharam, depois e levantaram, palpando o corpo, como se não acreditassem; até que romperam em pranto e em bênçãos ao nome de Ammon. As paredes de pedra fecharam-se; os sacerdotes foram embora, enquanto os escravos removiam as caçoilas de incenso e acendiam uma porção de lâmpadas bem claras para que examinássemos os doentes uma segunda vez. Agora a mulher ainda moça podia se mover e caminhar; de fato, apoiada, deu alguns passos. O velho pode andar sozinho; e a erupção sumiu da pele do rapaz, cujo corpo se apresentava limpo e tenro. Tudo isso ocorreu dentro do lapso de poucas medidas do relógio de água. Jamais acreditaria se não houvesse visto com os meus próprios olhos.

O sacerdote que nos recebera antes voltou, com um sorriso triunfante, e disse:

- Que dizeis agora, real cirurgião Sinuhe?

Olhei-o sem temor nos olhos e respondi:

- Percebo que a mulher e o velho estavam sob o efeito de qualquer ação tenebrosa que anulava suas vontades, e a magia se trata com a magia, caso a vontade do mágico seja maior do que a do enfeitiçado. Mas uma erupção cutânea é uma erupção, não podendo ser curada por feitiçarias e sim por meses e meses de tratamento e de banhos medicinais. Por conseguinte, devo confessar que nunca vi nada comparável ao que assisti.

Seu olhar fulgurante não me largava enquanto indagava:

- Reconheceis então, Sinuhe, que Ammon ainda é o rei de todos os deuses?

Atalhei logo:

- Gostaria que não pronunciásseis alto o nome do falso deus, porque isso foi proibido pelo faraó, de quem sou servo.

Percebi que se irritou com as minhas palavras; todavia era um sacerdote da mais alta categoria, e a sua vontade conquistou meu coração. Dominando seus sentimentos, disse, sorrindo:

- Meu nome é Hrihor. Podeis denunciar-me aos guardas, citando meu nome. Mas eu não temo os guardas do falso faraó, nem o seu azorrague e muito menos as suas minas. Curo todos quantos me procuram em nome de Ammon. Não alterquemos por causa de tais fatos; preferível é que conversemos como homens cultos. Permiti que vos convide a entrar para a minha cela onde tomaremos um pouco de vinho. Decerto estais cansado, pois estivestes sentado em bancos duros durante muitas medidas do relógio de água.

Levou-me ao longo de corredores de pedra para a sua cela. Percebi pela mudança da pressão atmosférica que nos achávamos em sítio subterrâneo, deduzindo que ali fossem as abóbadas de Ammon, das quais corriam tantas lendas mas que nenhum leigo ainda conseguira ver. Hrihor despediu-se do médico da Casa da Vida, e apenas nós dois entramos na cela, um aposento onde não faltava nenhum conforto para satisfazer o coração de um homem. Seu leito estava sob um dossel, suas arcas e cofres eram de ébano e marfim, suas almofadas pareciam macias e o aposento todo se



achava impregnado com o odor de especiarias raras. Cortesmente derramou água perfumada nas minhas mãos, depois pediu que eu me sentasse e me ofereceu bolos de mel, frutas e um generoso vinho muito encorpado, dos vinhedos de Ammon, condimentado com mirra.

Bebemos juntos, ele disse:

- Sinuhe, nós vos conhecemos; temos seguido vossos passos e estamos cientes de que dedicais grande estima ao falso faraó e também que o seu falso deus vos é menos estranho do que seria de desejar. Posso afirmar-vos, todavia, que nesse deus não se acha compreendido nada que já não exista em Ammon. O ódio e a perseguição do faraó não fizeram mais do que purificar Ammon e torná-lo mais forte do que antes. No entanto não quero aludir a questões divinas, querendo apenas apelar para um homem que tem curado doentes sem exigir donativos e para um egípcio que ama as Terras Negras bem mais do que as Terras Vermelhas. O faraó Akhnaton é a desgraça dos pobres e a ruína do Egito e precisa ser derrubado antes que o mal que engendrou fique tão grande que se torne irremissível mesmo com derramamento de sangue.

Bebi uns goles de vinho e falei:

- Já estou saturado de deuses; não me incomodo mais com eles. Mas o deus do faraó Akhnaton é diferente de quaisquer outros já existentes. Não se corporifica em nenhuma imagem, e todos os homens são iguais perante ele. Todos, sejam pobres, escravos e até mesmo estrangeiros, tem o mesmo valor à sua face. Acho que um período, um ciclo se rematou; e que um outro, novo, vai começar: Em tais ocasiões acontecem até mesmo as coisas mais incríveis e desarrazoadas. Jamais, em tempo algum, ocorreu oportunidade igual para a renovação do mundo e a confraternização de todos os homens.

Hrihor ergueu a mão em sinal de protesto, sorrindo, e observou:

- Vejo que tendes alucinações, Sinuhe, embora cuidasse que fosseis um homem sensato. Meu intento é menos ambicioso. Desejo apenas que tudo volte a ser como era antes, que os pobres reconheçam sua condição e que as leis sejam cumpridas. Desejo apenas que se deixe que cada homem siga a profissão e a crença

que quiser escolher. Desejo que haja distinção entre o amo e o escravo, entre o servo e o patrão; que volva e prossiga a supremacia do Egito como uma nação honrada, cujos filhos nasçam conforme sua casta e a continuem até ao fim da existência, sem que desassossegos vãos corroam a alma humana. Desejo todas estas coisas... Logo, Akhnaton tem que cair.

Tocou no meu braço, instando, inclinou-se para a frente e prosseguiu:

- Sinuhe, sois um homem de paz e moderação, e não quereis mal a ninguém. Vivemos numa época em que cada qual tem que optar. Quem não é por nós é contra nós, e deve sofrer um dia por causa disso. Acaso sereis tão parvo que cuideis que o faraó governe ilimitadamente? A mim me é de todo indiferente a qual deus servis; Ammon sobreviverá sem necessitar de vossa crença. Mas está em vosso poder, Sinuhe, remover do Egito a desgraça que o corrói. Está em vossas mãos restaurar a antiga majestade do Egito.

Suas palavras perturbaram-me. Bebi mais uns goles de vinho, e a minha boca e as minhas narinas se encheram com o rico odor da mirra. Disse-lhe então, com uma risada forçada:

- Deveis ter sido mordido por um cão danado ou por um escorpião, para assim falardes sem propósito no suposto poder de qualquer espécie que eu absolutamente não tenho... Pois se não posso sequer curar doentes tão acertadamente quanto vós...

Ergueu-se, dizendo:

- Vou mostrar-vos uma coisa.

Tomando uma lâmpada, levou-me para o corredor onde abriu uma porta fechada por muitos ferrolhos. Ergueu a lâmpada e iluminou uma cela que refulgia cheia de ouro, prata e pedras preciosas, dizendo:

- Não tendes medo. Não vou tentar-vos com ouro. Não sou assim tão ingênuo. Mas bom será que vejais que Ammon ainda é mais rico do que o faraó. Vou agora mostrar-vos alguma coisa mais.

Abrindo outra porta de cobre maciço, clareou uma célula onde, em cima de uma prateleira de pedra, jazia uma imagem de cera coroada com a coroa dupla e cujos peitos e têmporas estavam traspassados por pregos agudos de ossos.

Involuntariamente ergui as mãos e recitei as orações que protegem contra as feitiçarias e que aprendera ao tempo da minha iniciação como sacerdote de ordens menores. Hrihor olhou-me com um sorriso, e a lâmpada, não tremia em sua mão.

- Acreditais agora que os dias do faraó estão contados para breve? Lançamos feitiço sobre a sua imagem, em nome de Ammon, e traspassamos sua cabeça e seu coração com os cravos sagrados. Todavia o efeito da feitiçaria é vagaroso, e muitos males sucederão ainda. Além disso, o deus dele o deve proteger um pouco contra a nossa magia. Agora que já vos mostrei isso, quero dizer-vos mais algumas coisas.

Aferrolhou novamente as portas, com cuidado, e me levou outra vez para o seu quarto onde tornou a encher de vinho a minha taça. O vinho molhou o meu queixo e a borda da taça batia de encontro aos meus dentes, porque eu me lembrava que vira com meus próprios olhos a maior de todas as feitiçarias, aquela a que ninguém até então conseguira, resistir. E Hrihor disse:

- Pelo que presenciastes podeis deduzir que o poder de Ammon se estende até por cima de Akhetaton. Não me pergunteis como foi que adquirimos cabelos da cabeça do faraó e lascas das suas unhas para inclusão em cera. Apenas vos direi que não os compramos com ouro e sim que os recebemos sem despesas em nome de Ammon.

Encarando-me por entre as pálpebras quase cerradas e medindo com cuidado as palavras, continuou:

- O poder de Ammon aumenta diariamente, conforme pudestes ver quando curei os doentes em nome dele. A sua maldição sobre o Egito se torna cada dia mais terrível; quanto mais tempo o faraó viver, tanto mais sofrerá o povo por tal motivo... Sim, pois a feitiçaria age vagarosamente... Que diríeis, Sinuhe, se eu vos desse um remédio para curar as enxaquecas do faraó de modo a ele nunca mais sofrer dores?...

Respondi:

- Os homens estão sempre sujeitos a dores. Somente os mortos não as sentem mais.

Seus olhos em brasa fixavam-me e a sua vontade me aferrolhava à cadeira. Não consegui sequer erguer a cabeça quando ele disse:

- Lá isso é verdade. Mas o meu remédio não deixa vestígios. Ninguém vos denunciará, e nem mesmo os embalsamadores encontrarão algo a mais nas entranhas do faraó. Não vos imiscuireis em nada; apenas dareis ao faraó uma poção que lhe alivie a enxaqueca. Quando a tomar cairá em sono profundo e nunca mais sofrerá dores ou incômodos.

Ergueu a mão para que eu não falasse, e prosseguiu:

- Não o quero peitar com ouro; mas se anuirdes em fazer isso vosso nome será abençoado por toda a eternidade, vosso corpo jamais será destruído, eternizando-se. Mãos invisíveis vos protegerão pelo resto de vossos dias, e não tereis um único desejo humano que não seja realizado instantaneamente. Isso vos prometo com a autoridade que tenho para o fazer.

Levantou as mãos. Seus olhos em brasa fixavam-me e eu não podia evitar aquela fixidez! Não podia mexer o corpo, levantar-me, mover ao menos as mãos. E o sacerdote disse:

- Se eu vos disser: "Levantai-vos!", vós vos levantareis. Se eu disser: "Erguei as mãos!", vós as erguereis. Mas não vos quero compelir a uma profunda reverência diante de Ammon e nem vos induzir, contra a vontade, a qualquer ação a que a vossa alma se oponha. Isso limita o meu poder sobre vós. Conjuro-vos, Sinuhe pelo bem do Egito! Ministrai-lhe este remédio, curai-o das enxaquecas, para sempre.

Deixou cair as mãos. Fiquei de novo com os movimentos livres, ergui aos lábios a taça de vinho, e minhas mãos não tremiam mais. Respirei, sorvendo a fragrância da mirra, e disse:

- Hrihor, não prometo nada. Dai-me, porém, a droga. Dai-me esse remédio misericordioso, pois talvez seja melhor do que suco de papoulas, e pode chegar um tempo em que o próprio faraó queira dormir para não mais acordar.

Deu-me a poção num frasco de cristal colorido e declarou:

- O futuro do Egito jaz em vossas mãos, Sinuhe. Não é lícito que mão alguma se levante contra o faraó, mas tão amarga é a miséria entre o povo que pode chegar um dia em que ele, o povo, se

lembra de que o faraó é um ser mortal. e que uma faca pode esvaziá-lo de sangue. Ora, isso não convém, absolutamente, porque destruiria a autoridade dos faraós. A sorte do Egito se acha em vossas mãos, Sinuhe.

Fechei o frasco dentro do meu cinturão e disse com ar zombeteiro:

- Desde o dia do meu nascimento que a sorte do Egito se acha em certos dedos escuros que tecem esteiras dando nós em vergas. Há coisas que ignorais, Hrihor, embora vos cuideis onisciente. Levo comigo o remédio, mas lembrai-vos que não prometo nada.

Ele sorriu, ergueu as mãos, despedindo-se, e disse, de acordo com o costume:

- Grande será a vossa recompensa.

Acompanhou-me depois ao longo dos corredores, sem me vender os olhos. Os dele penetravam no coração dos homens. O sacerdote tinha certeza de que eu não o traiçoeira. Posso afirmar que os subterrâneos de Ammon jazem por baixo do grande templo; mas não divulgarei de que modo se penetra neles, porque o segredo não é meu.

Alguns dias depois ocorreu a morte de Taia, a Rainha-Mãe. Morreu da mordedura de uma áspide enquanto estendia redes no jardim do palácio para apanhar passarinhos. Seu médico particular estava ausente, como acontece sempre com os médicos quando mais necessidade se tem deles; então mandaram-me chamar. Mas quando cheguei à casa dourada mais que pude fazer foi certificar o óbito. Ninguém poderia me censurar porque a dentada de uma áspide sempre é fatal a não ser que a ferida seja esvaziada antes do pulso bater cem vezes e as veias em cima sejam ligadas. O costume exigia que eu ficasse na casa dourada até à hora do corpo ser transferido para a Casa da Morte. Foi assim que encontrei o taciturno sacerdote, Eie, ao lado do féretro. Ele tocou as faces inchadas da Rainha-Mãe e disse:

- Já era tempo que morresse. Era uma mulher repulsiva, que fazia intrigas contra mim. Seus próprios atos a condenaram. Espero, agora que ela morreu, que desapareça a intranqüilidade entre o povo. Não creio que Eie a tenha assassinado, pois dificilmente

ousaria fazer isso. Crimes conjuntos e segredos em comum formam laços mais poderosos do que os do amor.

A notícia da morte se espalhou através de Tebas. Os cidadãos vestiram os melhores trajes e se reuniram alegremente nas ruas e praças. Para lhes ganhar as simpatias, Eie ordenou que os feiticeiros negros da rainha Taia fossem enxotados a chicote para fora dos porões da casa dourada. Eram quatro; havia também uma feiticeira balofa e hedionda como um hipopótamo.

Os guardas soltaram-nos na rua pela Porta dos Papiros, onde a multidão se jogou sobre eles e os esfaqueou. De nada lhes valeu a sua enorme feitiçaria. Eie mandou queimar o material todo existente onde eles moravam, as drogas, as cascas sagradas das árvores das florestas, e tudo o mais; senti muito, porque bem gostaria de examinar essas coisas.

Ninguém no palácio lamentou a morte da rainha ou a sorte dos feiticeiros. Apenas a princesa Baketon se aproximou do corpo materno e ao depor as mãos tão bonitas em cima das mãos escuras da morta, disse:

- Teu marido fez mal, mãe, em deixar o povo esfaquear os teus feiticeiros negros.

Voltando-se para mim, disse, depois:

- Esses feiticeiros não eram ruins, absolutamente; moravam aqui a contragosto. Tinham uma vontade de voltar para as suas selvas e as suas cubatas. Não deviam ser punidos pelos atos de minha mãe.

Foi desta forma que ocorreu o meu encontro com a princesa Baketon. Conversou comigo, e fiquei impressionado com o seu ademã majestoso e a sua linda cabeça. Perguntou-me por Horemheb a quem se referiu com ar desdenhoso.

- É de baixa extração, sua fala é grosseira, mas se casar poderá gerar uma grande raça. Podes dizer-me, Sinuhe, por que motivo ele ainda não fez isso?...

Respondi-lhe:

- Não sois a primeira pessoa a me fazer tal pergunta, infanta Baketon, e em consideração à vossa beleza vou contar-vos o que nunca ousei contar a ninguém. Quando rapazola, aconteceu Horemheb vir a palácio onde por acaso viu a lua. Desde então não

pode mais olhar para nenhuma mulher razão pela qual não se casou. E vós, afinal, Baketaton?! Árvore nenhuma pode florescer eternamente; tem que frutificar, também. Como médico, rejubilaria em ver vosso ventre proeminar, concebendo.

Agitou a mão, orgulhosamente, e disse:

- Sabes muito bem, Sinuhe, que meu sangue é sagrado demais para ser misturado mesmo com o sangue mais puro do Egito. Melhor teria feito meu irmão tomando-me como esposa, de acordo com a tradição; e eu lhe teria sem dúvida, desde muito, gerado um filho. Dispusesse eu de poder, mandaria arrancar os olhos de Horemheb, tão degradante é pensar que ele ousou ergue-los para a lua. Francamente, Sinuhe, a só lembrança dos homens me repugna, pois o contacto deles é rude e, seus membros hirtos contudem uma frágil mulher. Creio que o prazer que proporcionam é grandemente exagerado.

Mas seus olhos começaram a faiscar de excitação; e resfolegava enquanto falava. Percebendo que tal assunto lhe incutia intenso prazer, disse:

- Tenho visto meu amigo Horemheb arrebentar no braço uma argola forte de cobre apenas contraindo os músculos. Tem braços e pernas compridos e bem feitos; seu peito ressoa como um tambor quando os fere com os punhos, zangado. As damas da corte o perseguem como gatas, e ele pode fazer o que quiser com qualquer delas.

A princesa Baketaton olhou-me. Seus lábios pintados se contraíram e seus olhos faiscaram, quando exclamou, tomada de fúria:

- Sinuhe, tuas palavras me causam efeito sobremaneira repugnante e desconheço por que motivos insistes em te referir a esse Horemheb. Nasceu com esterco nos calcanhares, e o seu simples nome me revolta. Por que ousas falar assim na presença dos mortos?

Não me dei ao trabalho de lhe lembrar quem primeiro guiara a conversa para Horemheb. Fingi arrependimento e disse:

- Oh! Baketaton, permaneci assim, qual árvore em flor, pois vosso corpo jamais sairá da mocidade e florescerá por muitos anos, ainda. Vossa mãe não determinou que camareiras carpissem junto de seu

corpo até que a Casa da Morte mandasse buscá-lo? Eu próprio a choraria, mas é que sou médico e desde muito minhas lágrimas já secaram ante a continua presença da morte. A vida é um dia de claridade, e a morte, talvez, uma noite gélida. A vida é uma enseada rasa, Baketaton, e a morte a clara água profunda.

Redargüiu:

- Não fales sobre a morte, Sinuhe, pois ainda considero doce a vida. Uma vergonha que não haja ninguém para lamentar e carpir a morte de minha mãe. Não posso chorar, porque isso não condiz com a minha dignidade, mas vou mandar alguma dama da corte para chorar junto contigo, Sinuhe.

Gracejei com ela:

- Divina Baketaton, vossa beleza me deslumbrou e vossa voz nutriu de azeite a minha lâmpada. Mandai-me uma velha megera para que eu não seja tentado a seduzi-la, comprometendo assim uma casa enlutada.

Meneou a cabeça, como resposta.

- Sinuhe! Sinuhe! És assim desavergonhado? Se não respeitas os deuses, o que te é consentido, com responsabilidade e tudo, ao menos mostra respeito para com a morte.

Sendo mulher, não se scandalizou com as minhas palavras; e saiu para arranjar uma dama da corte que chorasse perto do féretro até que chegassem os serventes da Casa da Morte.

Minha conversa ímpia tivera fundamentos, e agora eu esperava impacientemente a chegada de uma carpideira. Esta veio, e era mais velha e mais feia do que eu ousara esperar. As outras mulheres do falecido esposo de Taia ainda viviam no harém, assim como as mulheres do faraó Akhnaton com as amas de leite e as camareiras.

A velha que veio chamava-se Mehunefer, e sua cara mostrava quanto gostava de homens e de vinho. Conforme sua obrigação exigia, começou a chorar, a soluçar e a arrancar os cabelos diante da rainha morta.

Fui buscar vinho e depois que ela carpiu durante algum tempo, consentiu e concordou em prová-lo e tomá-lo. Com minha autoridade de médico lhe assegurei que isso lhe daria forças



durante aquele seu grande desgosto. Depois comecei a assediá-la e a louvar sua antiga beleza. Falei também de crianças e das filhinhas do faraó Akhnaton. Depois de tudo isso, com fingida simplicidade, perguntei:

- É verdade que a Rainha-Mãe foi a única das mulheres do imortal faraó a lhe gerar um filho?

Mehunefer deitou um terrível olhar para a morta e sacudiu a cabeça para que eu me calasse. Voltei à carga com palavras bonitas e desvanecedoras, gabei-lhe os cabelos, as roupas e as jóias, bem como os olhos e os lábios. Acabou esquecendo o pranto, fitou-me, fascinada.

Uma mulher aceitará sempre um tal diálogo, por mais que saiba que se baseia em falsos enunciados. Quanto mais velha e feia for, mais se aplicará em mante-lo, porque seu desejo é acreditar na mentira. Assim, nos tornamos bons amigos.

Quando os serventes da Casa da Morte vieram e transportaram o corpo, ela me convidou a ir aos seus aposentos, tratou-me com muita solicitude, ofereceu-me mais vinho, servindo-se também. Pouco a pouco a sua língua se foi soltando.

Acariciava meu rosto, chamava-me de lindo mancebo, contava-me uma porção de intrigas e boatos da corte, de ordem obscena, para me inflamar.

Fungava junto a meus ouvidos e ombros; mas a detive com as mãos e perguntei:

- A grande rainha Taia, era muito hábil em amarrar vergas, não era? Não formava com elas pequenos barcos soltando-os rio abaixo durante a noite?

Estas minha palavras a espantaram. Perguntou como era que eu sabia disso. Mas o vinho já alterara seu raciocínio, de modo que, desejosa de me desvendar seus conhecimentos, disse:

- Sei mais do que tu! Sei que pelo menos meninos recém-nascidos foram levados correnteza abaixo, como os filhos dos pobres miseráveis. Antes do aparecimento de Eie a bruxa velha temia aos deuses e não tinha coragem de sujar as mãos com sangue. Foi Eie quem á ensinou a ministrar veneno. Foi por isso que a princesa

Tadukhipa, de Mitani, morreu enquanto chorava e chamava pelo filho querendo fugir do palácio para procurá-lo.

- Ó bela Mehunefer! - disse eu, acariciando-lhe as pesadas bochechas pintadas. - Abusas da minha mocidade e inexperiência e me atulhas de histórias que são pura invenção. A princesa de Mitani não deu à luz nenhum filho. Achas que deu? Então quando ocorreu o nascimento?

- Moço?... Inexperiente? Tu, Sinuhe, o médico? Ora, ora!... - disse ela por entre um riso sufocado. - Pelo contrário. Tens as mãos ágeis e falsas... E o que tens mais falso de tudo é a língua que cospe mentiras descabeladas na minha cara. Mas essas mentiras são agradáveis aos ouvidos de uma velha; de modo que tenho que acabar mesmo falando da princesa de Mitani, que deveria se tornar a consorte real. Fica sabendo, inicialmente, que a princesa Tadukhipa não passava de uma menina quando chegou ao harém do faraó Amenhotep. Brincava com bonecas e cresceu na casa das mulheres como a outra princesinha que era casada com Akhnaton e que morreu também. O faraó Amenhotep não a possuiu, amava-a como uma filha, brincava com ela e lhe dava brinquedos de ouro. Mas Tadukhipa entrou na puberdade aos quatorze anos, tendo os membros muito delicados e esguios, a pele acinzentada, bonita como a pele de todas as mulheres mitanianas; e havia um olhar distante em seus olhos negros. Então o faraó cumpriu o seu dever para com ela, conforme já cumprira alegremente com outras mulheres a despeito das intrigas de Taia. Sim, pois em tais assuntos um homem é difícil de ser contido enquanto as raízes da sua árvore não secam. Começou portanto uma semente a se desenvolver em Tadukhipa e, daí a pouco, outra em Taia, também, que ficou radiante porque já dera ao faraó uma filha - que vem a ser essa emproada Baketaton.

Molhou a língua com vinho e continuou garrulamente:

- É notório que a semente que cresceu em Taia provinha Heliópolis... Mas não convém falar nisso, agora. Sofreu muita angústias durante o período de gravidez de Tadukhipa e procurou por todos os modos um mau sucesso, conforme já fizera com muitas outras mulheres do harém, servindo-se para isso da feitiçaria dos seus negros. Nos

últimos anos deitara rio abaixo dois meninos recém-nascidos. Aliás, fatos de menor importância porque se tratava dos filhos de duas mulheres que tinham muito medo de Taia que lhes deu muitos presentes e as aconselhou a arranjar meninas em lugar de meninos. Mas a princesa de Mitani era uma rival bem mais perigosa, pois tinha sangue real, possuía amigos poderosos, e esperava se tornar a consorte real em lugar de Taia, para tanto bastando dar à luz um menino. Pois bem: tamanha era a influência de Taia e tão firmemente se dispôs a lutar à medida que a semente amadurecia dentro dela, que ninguém ousava contrariá-la. Além disso Eie, que ela trouxera consigo lá de Heliópolis, permanecia a seu lado. Quando chegou a hora da princesa dar à luz, suas amigas foram mandadas embora e os feiticeiros negros a rodearam a fim de "lhe aliviar as dores", conforme foi explicado. Quando ela, depois, pediu para ver a criança, mostraram-lhe uma menina natimorta. Mas Tadukhipa não acreditou no que Taia lhe disse, e eu, Mehunefer, sei que a criança que ela deu à luz foi um menino robusto que durante a mesma noite foi lançado rio abaixo num barco de verga.

Ri alto e perguntei:

- Como é que logo tu, no meio de tanta gente, sabias disso, linda Mehunefer?

Inflamou-se, a taça tremeu-lhe nos beijos molhando-lhe o queixo.

- Ora essa! Todos os deuses me sejam testemunhas! Pois se fui eu quem apanhou, quem colheu a verga, com estas mãos, visto como Taia relutava em entrar no rio com a criança no colo!

Assombrado com tais palavras, dei um salto, esvaziei a taça no chão, esfreguei com o pé o vinho derramado no tapete de verga; tudo isso para mostrar o meu horror.

Mehunefer segurou minhas mãos, puxou-me de novo para junto dela, e declarou:

- Não sei como fui contar isto, Sinuhe! Arrependo-me sumamente, pois sei que com isto me prejudiquei. Mas a verdade é que tua presença atua em mim irresistivelmente, de forma que meu coração não guarda segredos. Confesso-te que eu própria cortei as vergas e que Taia fez um barquinho com elas, pois não podia

encarregar de coisa tão secreta as criadas. Já comigo a coisa era diferente: estávamos ligadas por efeito de feitiçaria e por meus próprios atos, também. Entrei nas águas, cortei as vergas que ela teceu e amarrou com nós, em plena escuridão, rindo sozinha e proferindo obscenidades, radiante por assim haver vencido a princesa de Mítani. Meu coração se aliviava ante o pensamento de que alguém decerto encontraria a criança. Mas, no íntimo, sabia que isso era impossível...As criancinhas que descem rio abaixo ou perecem ao calor do sol ou são agarradas pelos crocodilos ou pelas aves de rapina. Mas não conseguiram calar a princesa de Mitani. A cor da tez da criança morta diferia da sua. Não acreditou que houvesse dado à luz aquela criança. As mulheres de Mítani tem uma pele macia como a casca de uma fruta, com a cor da fumaça ou da cinza pálida; e suas cabeças são pequenas e bonitas. Começou a chorar e a lamentar-se, arrancou os cabelos, descompôs Taia e os feiticeiros, até que Taía mandou que lhe dessem um narcótico, fazendo constar que Tadukhipa perdera a razão porque sua filha nascera morta. Como sucede a todos os homens, o faraó deu mais crédito a Taia do que a Tadukhipa. Daí por diante Tadukhipa começou a definhar até que acabou morrendo. Antes de morrer tentou por diversas vezes fugir da casa dourada para procurar o filho. Mas já então isso ainda serviu mais para generalizar a asserção de que sua razão se achava transtornada.

Olhei para minhas mãos; eram pálidas, comparadas com as mãos de macaca de Mehunefér. A tez tinha a coloração da fumaça. Tão intensa foi a minha agitação que com voz estrangulada perguntei:

- Linda Mehunefér, podes me dizer quando foi que tal caso aconteceu?

Ela acariciou minha nuca com os dedos escuros e disse com voz ronronante:

- Oh! Inefável mancebo! Por que perdes preciosos momentos com essas coisas arcaicas, quando poderias empregar muito melhor teu radioso tempo! Mas como não te posso recusar nada, digo-te que isso aconteceu quando o faraó completou vinte e dois anos de reinado, no outono, quando as águas estavam na cheia. E caso te espantes da segurança da minha resposta, já te esclareço o motivo:

é que o faraó Akhnaton nasceu naquele mesmo ano, porém na primavera seguintes, na estação das sementeiras. Eis por que me lembro tão bem.

Ante suas palavras me arrepiei de horror e não pude fazer nenhum movimento de defesa ao sentir seus lábios molhados de vinho se colarem em minha face.

Abraçou-me, apertou-me de encontro ao seu corpo, chamando-me de seu touro novo e de seu pombo. Procurei entrete-la, apesar dos meus pensamentos se acharem em alvoroço; todo o meu ser se revoltava contra tão terrível conhecimento. Se o que ela disse era verdade, então o sangue do grande faraó corria em minhas veias. Eu era meio irmão do faraó Akhnaton e podia ter sido faraó antes dele se o estratagema de Taia não houvesse vencido o amor de minha falecida mãe. A seguir Mehunefer se tornou abominável e me vi obrigado a derramar sumo de papoula em seu vinho para que ela dormisse e eu escapasse da sua presença.

Quando por fim deixei seu quarto no harém, a noite já havia caído, e os guardas do palácio, mais os criados, apontavam para mim e davam risadas. Acho que era porque eu cambaleava para todos os lados e estava com a roupa manchada de bebida. Mérito aguardava-me em minha casa, estando preocupada com a minha demora e querendo saber pormenores da morte da Rainha-Mãe. Ao me ver, pos as mãos na boca; e Muti fez o mesmo; e ambas se entreolharam. Por fim Muti disse a Mérito com voz amarga:

- Já não tenho dito milhares de vezes que os homens são todos iguais, e que não se pode confiar neles?

Mas eu me sentia perdido, desejava estar a sós com os meus pensamentos e lhes disse, zangado:

- Tive um dia trabalhoso e não aturo vossas tagarelices...

Então os olhos de Mérito lampejaram e sua face se sombreou de raiva. Erguendo um espelho de prata diante da minha cara, ordenou:

- Olhai para vosso rosto, Sinuhe! Nunca proibi que deitásseis com outras mulheres, mas sempre julguei que me escondêsseis as provas para não ferir meu coração. Nem podeis aduzir, em defesa

vossa, que quando deixastes a casa, hoje, estivéreis, antes, sozinho e abandonado...

Olhei para o meu rosto e fiquei profundamente desapontado conservava as marcas dos ósculos dos beijos pintados de Mehunefer. Sim, seus beijos tinham deixado manchas rubras em minhas faces, em minhas têmporas e em meu pescoço. Eu parecia uma vitima de praga. Envergonhado, fui depressa lavar a cara enquanto Mérito impiedosamente mantinha erguido diante de mim o espelho. Depois que lavei meu rosto com azeite, disse, com ar compungido:

- Deduziste erroneamente, caríssima Mérito. Deixa que te explique.

Ela olhou-me friamente:

- Não há necessidade de explicações, Sinuhe, e não quero que, por minha causa, sujeis vossa boca com mentiras. Vossa cara não admite equívocos...

Tive trabalhadeira enorme para acalmá-la. Muti rompeu em pranto, com pena de Mérito. Cobrindo o rosto, retirou-se para a cozinha, cuspiendo seu desprezo pelos homens em geral. Tive mais dificuldade em pacificar Mérito do que tivera para livrar-me de Mehunefer. Por fim amaldiçoei todas as mulheres e disse:

- Mérito, conheces-me melhor do que ninguém e, por conseguinte, estás em condições de confiar em mim. Acredita que, se dependesse de mim, eu poderia explicar o fato com satisfação total para ti; mas se trata de um segredo ligado à casa real. Em consideração a ti mesma melhor será que o ignores.

Foi com língua mais comprida do que a de uma áspide que ela retorquiou:

- Pensei que vos conhecia, Sinuhe; mas parece que há abismos em vosso coração, dos quais nunca suspeitei. Fazeis bem em proteger a honra da mulher. Longe estou eu de querer soiapar vosso segredo. Tendes inteira liberdade de vida, e agradeço a todos os deuses haver eu tido o senso de preservar a minha liberdade recusando-me a quebrar um cântaro convosco... se é que vossa proposta de então não foi fingida... Ah! Sinuhe, quão tola fui em acreditar em vossas palavras falazes... as mesmas que estivestes balbuciando esta noite toda a uns lindos ouvidos... Ah! Por que é que não morro!?

Quis acariciá-la mansamente. Empurrou-me.

- Tirai vossas mãos daí, Sinuhe! Deveis estar cansado de haver rolado em almofadas macias lá no palácio. Não tenho dúvida de que sejam mais macias do que a minha esteira, e que acolá achareis companheiras mais jovens e mais bonitas do que eu.

E assim continuou transpassando o meu coração com ferimentos pequenos acerbos, a ponto de eu cuidar que ia enlouquecer. Só depois disso foi que me deixou, proibindo-me mesmo de acompanhá-la até a O Rabo do Crocodilo. Eu teria sofrido mais agudamente ainda com a sua partida se os meus pensamentos não se encapelassem dentro de mim como oceanos tempestuosos e se eu não ansiasse por me ver a sós com eles. Deixei-a ir; pareceu-me que ficou perplexa por eu não fazer nenhum protesto.

Permaneci acordado a noite inteira, e com o decorrer das horas os meus pensamentos se foram clareando e libertando das névoas do vinho; e meus membros tremiam de algidez porque não se achava ninguém comigo para aquece-los.

Escutava o ruído igual do relógio de água esta não cessava de fluir, e o tempo - passando, desmedido, a ponto de eu me distanciar até mesmo de mim próprio. Disse ao meu coração: "Eu, Sinuhe, sou o que os meus atos pessoais me tornaram como indivíduo. Nada mais possui qualquer significação. Eu, Sinuhe, levei meus supostos pais a uma morte prematura por causa de uma mulher cruel. Eu, Sinuhe, guardo ainda comigo a fita de prata dos cabelos de Minéia, minha irmã. Eu, Sinuhe, vi um monstro marinho flutuando nas águas, e a cabeça da minha amada deslizar enquanto caranguejos dilaceravam sua carne. que importância tem o meu sangue? Tudo já se achava escrito nas estrelas antes que eu fosse nascido, e fui predestinado a ser um estrangeiro no mundo. A paz de Akhetaton era uma falsidade dourada, e esta averiguação terribilíssima no fundo é salutar; acordou o meu coração do marasmo e me convenceu de que sempre devo estar sozinho."

Quando o sol se ergueu todo de ouro atrás das colinas orientais, as sombras fugiram; e tão esquisito é o coração do homem que ri amargamente para os fantasmas do meu próprio cérebro. Todas as noites crianças enjeitadas devem ter descido a correnteza em botes

de verga amarrada com nós de caçador... E nem a cor de cinza da minha pele evidenciava coisa alguma já que um médico passa a sua vida debaixo de tetos e toldos, ficando assim com a tez pálida. Não. A luz do dia eu não achava nenhuma prova conclusiva da minha origem. Lavei-me, vesti-me, e Muti serviu-me cerveja e peixe salgado. "Seus olhos ainda estavam vermelhos de chorar, e ela me menosprezou porque eu era um homem. Tomei a direção da Casa da Vida, indo numa liteira. Lá, examinei doentes, passando depois pelo templo deserto e percorrendo os pilonos exteriores, seguido sempre pelo crocitar dos corvos bem tratados. Uma andorinha passou veloz por mim na direção do templo de Aton. Segui-a. Aquela hora o templo não se achava vazio.

Havia muita gente lá dentro, ouvindo os hinos a Aton e erguendo as mãos em oração, enquanto os sacerdotes instruíam o povo na verdade do faraó Isso, em si, não tinha importância. Tebas era uma grande metrópole, e a curiosidade fazia gente se reunir em qualquer parte da cidade. Vi uma vez mais as esculturas nas paredes do templo, e reparei que dos quarenta pilares o faraó Akhnaton me observava com aquele seu semblante tão perturbador em sua paixão.

Vi também o grande faraó Amenhotep, sentado em seu trono, assim velho e caquético, com a cabeça um pouco inclinada ao peso da coroa dupla. A rainha Taia achava-se a seu lado. Parei um pouco, antes de prestar atenção na imagem da princesa Tadukhipa, de Mitani, oferecendo sacrifício aos deuses do Egito. A inscrição original fora apagada, e a nova declarava que ela estava fazendo oferendas a Aton, embora Aton não fosse venerado ainda em Tebas ao tempo da sua existência.

A imagem estava esculpida segundo a antiga convenção e a mostrava como uma mulher jovem e bonita, pouco mais do que uma moça. A pequena cabeça por sobre e por detrás das roupagens reais era linda. E delicados eram seus membros; delicados e esguios. Fiquei olhando demoradamente para a estátua, enquanto a andorinha revolteava por cima da minha cabeça chilreando festivamente. E então chorei sobre o destino dessa rapariga solitária, de um país estrangeiro. Por seu amor desejei ser



ainda tão belo quanto ela, mas meu corpo estava pesado e flácido e minha cabeça se tornara calva desde muito sob a cabeleira de médico. O demasiado raciocínio enchera de rugas a minha testa, e meu semblante estava nédio com o alto teor de vida de Akhetaton. Não consegui me imaginar filho daquela mulher. Todavia fiquei profundamente comovido e chorei lembrando-me de sua solidão na casa dourada do faraó. E sempre aquela andorinha a revoltear em redor de minha cabeça. Procurei me lembrar das bonitas casas e do povo tão cheio de queixas de Mitani. Lembrei-me também das estradas poeirentas e das eiras de Babilônia. E averigüei que a mocidade me deixava para sempre e que minha existência de homem feito mergulhara em estagnação acolá em Akhetaton. Assim passei o dia ali, e quando a tarde caiu fui a O Rabo do Crocodilo a fim de jantar e de me reconciliar com Mérito.

Recebeu-me friamente e tratou-me como um estrangeiro enquanto me servia. Quando acabei, perguntou:

- Encontrastes vossa amada?

Respondi, irritado, que não andara atrás de mulheres e sim que estivera trabalhando na Casa da Vida e visitando o templo de Aton. Com o intuito de esclarecer bem meu desejo de insulto, descrevi minuciosamente todos os passos que tinha dado naquele dia. Olhava-me de alto a baixo, com um sorriso escarnecedor.

- Nem por um momento me passou pela cabeça que tivésseis ido visitar mulheres, pois na noite passado estáveis exausto e incapaz de qualquer gesto, assim gordo e calvo como sois. Quero dizer-vos apenas que a vossa amada esteve aqui hoje perguntando por vós e que lhe dirigi os passos para a Casa da Vida.

Dei um passo tão violento que quase derrubei o prato, e gritei:

- Que queres dizer com isso, mulher idiota?

- Veio procurar-vos aqui; vestida como uma noiva; enfeitou-se com jóias refulgentes e pintou-se como uma macaca; e o cheiro dos seus unguentos tresandou até ao rio. Deixou-vos saudações e uma carta também - para o caso de não vos encontrar.. E enternecidamente vos peço que lhe digais que se mantenha afastada, pois esta é uma casa respeitável, e ela tem o ar de uma dona de bordel.

Entregou-me uma carta sem sinete; abri-a com mãos tremulas. Ao lê-la o sangue afluiu à minha cabeça e meu coração disparou do meu peito. Eis o que Mehunefer me escreveu:

”Saudações a Sinuhe, o médico, da parte de Mehunefer, sua irmã pelo coração e também Guardiã da Sala de Costuras da casa dourada do Faraó. Meu touro novo, meu pombo, Sinuhe! Acordei sozinha em meu leito com dores na cabeça e ainda mais no coração, pois me vi sozinha em meu tálamo, já que partiras. Apenas o odor de teus unguentos ficara em minhas mãos. Ah! Pudesse eu ser o tecido que te reveste as ilhargas e a essência que amacia os teus cabelos, ou o vinho que delicia a tua boca, Sinuhe! Tenho andado de casa em casa à tua procura, e não interromperei tal labor enquanto não te descobrir pois meu corpo está cheio de formigas por causa de tua lembrança, e teus olhos são a minha delícia. Vem depressa assim que receberes esta carta... Vem nas asas de um pássaro, pois o meu coração anseia por ti. Se não vieres voarei ao teu encontro mais veloz do que qualquer ave. Sauda-te Mehunefer, a tua irmã pelo coração.”

Reli diversas vezes essa carta demonstradora de terrível efusão; e não ousava olhar para Mérito. Mas esta, por fim, arrancou a carta da minha mão, quebrou a vara na qual o papel estava enrolado, rasgou a carta, atirou no chão os pedaços, pisou-os, dizendo enrairecida:

- Eu entenderia, Sinuhe, se ela fosse moça e bonita. Mas é velha, enrugada e feia como um saco, embora reboque o rosto de pintura como um muro. Não posso imaginar onde tendes a cabeça, Sinuhe! Vossa conduta vos torna ridículo aos olhos de Tebas inteira, e me compromete exatamente por isso!

Dei puxões na roupa e arranhei o peito, exclamando:

- Mérito, cometi um disparate medonho, mas tive minhas razões! E nunca imaginei que, como resultado, sucedesse uma trapalhada destas. Manda chamar os meus barqueiros! Urge que icem as velas! Preciso fugir, do contrário essa megera chegará, quererá deitar comigo à força, e não conseguirei me livrar dela. Diz na carta que virá ao meu encalce mais depressa do que um pássaro... Acredito que o fará!

Mérito percebeu meu medo e minha angústia, e pareceu, finalmente, compreender, pois rompeu em inesperada gargalhada. E acabou dizendo com uma voz alterada ainda pelo acesso de riso:

- Isso vos ensinará a ter mais cautela no que se refere a mulheres, Sinuhe. Assim o espero. Nós, mulheres, somos vasos frágeis, e eu sei que mágico vós sóis, Sinuhe, meu amado!

Zombava de mim desapiadadamente. Fingiu voz humilde ao dizer:

- Sem dúvida essa admirável dama vos sabe agradar mais do que eu. Pelo menos teve o dobro do tempo para se aperfeiçoar nas artes do amor, e longe de mim está a presunção de querer competir com ela. Receio até que por causa disso me mandeis embora.

Tão lancinante era a minha aflição que levei Mérito para minha casa e lhe contei tudo. Falei-lhe do segredo do meu nascimento, contei-lhe tudo quanto pudera arrancar de Mehunefer. Disse-lhe também que desejava acreditar que o meu nascimento não tinha nada que ver com a casa dourada nem com a princesa de Mitani. Deixou de rir, pos-se a escutar calada, com os olhos perdidos na distância. Certa mágoa existente em seus olhos se toldou ainda mais; terminou dizendo, com a mão em cima do meu ombro:

- Agora compreendo muita coisa que antes era enigma. Compreendo por que motivo a vossa solitude clamava por mim, sem que precisásseis falar, e por que motivo meu coração se enternecia quando olháveis para mim. Eu também tenho um segredo, e ultimamente vinha sendo tentada a contar-vos; mas agora agradeço aos deuses não o haver feito. É incomodo e perigoso repartir segredos, sendo preferível guardá-los. Ainda assim estou contente por me haverdes confiado tudo. Concordo convosco: será melhor não atazardes os pensamentos com suposições e desconfianças. Esqueci isso, como se houvesse sido um sonho; e eu também esquecerei.

Fiquei com curiosidade de conhecer o seu segredo; não quis contar; tocou apenas meu rosto com os lábios, pos o braço em redor do meu pescoço e chorou um pouco. Depois me aconselhou:

- Se ficardes em Tebas, essa Mehunefer vos incomodará muito, perseguindo-vos com a sua paixão até tornar vossa vida intolerável. Tenho visto essa classe de mulheres, sei quão terríveis se podem

tornar. A culpa é em parte vossa que fizestes que ela acreditasse numa porção de tolices. De fato o mais prudente é regressardes para Akhetaton. Escrevei antes a essa criatura, conjurando-a a deixar-vos em paz. Do contrário vos perseguirá obrigando-vos até ao casamento. Ora, jamais quereria tal sorte para vós.

Achei ótimo o seu conselho, ordenei a Muti que reunisse todas as minhas coisas, enfardando-as. Depois mandei escravos procurarem nas tavernas e alcouces da cidade os meus barqueiro Enquanto isso escrevi uma carta a Mehunefer; mas, não querendo melindrá-la, empreguei a maior cortesia, assim:

"Sinuhe, o cirurgião-trepanador real; saúda Mehunefer, Guardiã da Sala de Costuras da casa dourada de Tebas. Minha amiga: arrependo-me sinceramente dos meus modos desenvolto porque sei que foram eles que vos levaram a uma errônea compreensão da minha alma. Não posso encontrar-me convosco outra vez, pois tal encontro poderia me induzir a pecar, visto como o meu coração já estava comprometido antes. Por esta razão vou-me embora, esperando que vos recordeis de mim apenas como amigo. Junto com esta carta vos remeto uma botija de uma bebida chamada "rabo de crocodilo" que, segundo espero, aliviará um tanto qualquer mágoa que porventura venhais a sentir. Asseguro-vos que não perdeis nada no meu caso porque não passo de um velho com o qual uma criatura como vós não poderia sentir nenhum prazer. Rejubilome por não havermos ambos incidido em pecado. Que não vos torne a ver, eis o sincero desejo de vosso amigo Sinuhe, médico da Corte."

Mérito meneou a cabeça ao ler esta carta, objetando que o tom era demasiado gentil. Na sua opinião, eu devia exprimir-me mais laconicamente, ou dizer de uma vez a Mehunefer que ela era uma megera medonha de quem neste momento em abalava em fuga apressada para não ser perseguido. Mas eu era incapaz de escrever uma coisa assim a qualquer mulher.

Após certo debate Mérito permitiu que eu enrolasse a carta e lhe aplicasse o sinete, fechando-a; mas continuou a menear a cabeça, com ar de reflexão. Mandei um escravo à casa dourada levar a carta com a botija, para desta forma me garantir pelo menos durante a

tarde e a noite, por meio do "rabo de crocodilo". Só a idéia de me ver livre dela me fez suspirar, aliviado.

Enquanto a carta seguia para o seu destino e Muti enfiava minhas arcas e cofres para a viagem, fiquei a olhar para Mérito, sobrevindo-me uma indizível tristeza ante o pensamento de que a ia perder por causa da minha própria estupidez.

Se não fosse isso eu poderia permanecer em Tebas durante algum tempo ainda. Mérito também parecia estar absorta em pensamentos. Perguntou-me, de repente:

- Gostais de crianças, Sinuhe?

Estranhei sua pergunta. Fitando os meus olhos, ela sorriu com certa tristeza e disse:

- Não tendes medo. Não vou dar à luz nenhuma criança...Tenho uma amiga com um filhinho de quatro anos. Já várias vezes a mãe tem considerado como o garoto gostaria de navegar pelo rio abaixo vendo campinas verdes, terras aradas, caça ribeirinha e gado, em lugar de só ver gatos e cachorros pelas ruas poeirentas de Tebas!

Não gostei da idéia.

- Acaso cuidas que vou levar para bordo uma criança buliçosa que tirará a minha tranqüilidade e que me pregará sustos a cada instante podendo cair da amurada ou enfiar o braço nas mandíbulas de um crocodilo?

Mérito sorriu, mas certo vexame pairava em seu olhar quando replicou:

- Não quero absolutamente vos dar trabalho; mas a viagem faria muito bem ao menino. Levei-o pessoalmente a circuncidar e tenho portanto certas obrigações para com ele. É claro que eu pretendia ir com o menino, para vigiá-lo. Desta forma teria um motivo suficiente e categórico para vos acompanhar. Longe de mim, porém, fazer qualquer coisa sem a vossa vontade; não falemos mais nisso.

Ao ouvir isso dei um grito de alegria e bati palmas erguendo as mãos acima da minha cabeça.

- Realmente hoje é um dia de júbilo para mim! Na minha estupidez nunca pensei que pudesses me acompanhar até Akhetaton... E tua reputação não sofrerá nada se leares uma criança contigo como pretexto para a viagem.

- Perfeitamente, Sinuhe - disse ela com um sorriso irritado, bem próprio das mulheres quando discutem assuntos que os homens não compreendem. - Minha reputação não sofrerá se eu levar uma criança... Oh! Que idiotas que os homens são! Ainda assim, eu vos perdôo.

Nossa partida foi imediata por causa do meu pavor de Mehunefer. A embarcação sairia de madrugada. Mérito trouxe a criança para bordo enrolada em cobertores e dormindo. A mãe não veio, não obstante eu querer de bom grado conhecer tal mulher que ousara dar ao filho o nome de Thoth, pois raramente os pais se inclinam a dar aos filhos nomes de deuses.

Thoth é o deus da escrita e de todas as ciências humanas e divinas; portanto a temeridade dessa mulher ainda fora maior.

O menino dormia sossegadamente nos braços de Mérito, protegido pelo nome, e não acordou enquanto as colinas, eternas guardiãs de Tebas, sumiam no horizonte, até o sol brilhar quente e dourado por sobre o rio. Era um menino bonito, moreno e esbelto; tinha os cabelos negros e macios como seda; não sentiu medo de mim; pela contrário: subiu por meu corpo acima. Eu gostava de segurá-lo, porque não era turbulento. Olhava-me com os seus olhos negros, meditativos, como se desde muito perscrutasse os enigmas da existência. Gostei muito dele; fiz-lhe barquinhos de caniço, deixei-o brincar com os meus utensílios de médico e cheirar os diferentes remédios. Gostava de sorver o aroma e enfiava, n. nariz em todos os boiões. Não nos incomodou a bordo, absolutamente; não caiu no rio, nem enfiou o braço entre as mandíbulas de nenhum crocodilo; tampouco lascou as minhas penas de verga. Durante a viagem t8da tivemos bom tempo e boa sorte. Mérito trouxera felicidade; deitava-se junto de mim todas as noites, e o garotinho dormia placidamente perto de nós. Foi uma viagem sem acidentes, e até menteao dia da minha morte hei de me lembrar do sussurro dos caniços ao vento e das tardes quando o gado era conduzido até à beira do rio para beber. Havia horas em que o meu coração intumescia de felicidade como um fruto maduro que se fende com a abundância do sumo. Disse a Mérito: Mérito minha querida: quebremos juntos um cântaro para que possamos viver juntos para

sempre. Talvez um dia venhas a dar à luz um filho igual ao pequenino Thoth.

- Quem senão tu poderia me dar uma criaturinha assim quieta e morena como ele é? Se na verdade antes nunca pensei em ter filhos, agora a mocidade já passou e meu sangue está liberto de paixões estouvadas. Sempre que olho para o pequenino Thoth, fico com vontade de ter um filho contigo, Mérito.

Pondo a mão nos meus lábios e voltando para o outro lado a cabeça, Mérito disse, mansamente:

- Sinuhe, não digais tolices... Pois não sabeis que cresci numa taverna? Sei lá se não sou estéril?... Vós, que carregais vosso destino em vosso coração, até aqui achastes mais avisado viver sozinho sem que mulher e filhos prejudicassem ações e movimentos... Foi o que li em vossos olhos quando vos conheci. Não, Sinuhe. Não me faleis nisso... Vossas palavras me tornam fraca. Por que derramar lágrimas, se tanta felicidade me envolve?... Outros amoldam seus destinos ligando-os a milhares de amarras. Mas vós o trazeis isolado dentro do coração... E é um destino tão maior do que o meu! Amo este garotinho, temos diante de nós, neste rio, tantos dias, cálidos e claros! Finjamos que quebramos juntos um cântaro, que somos marido e mulher, e que Thoth é nosso filhinho. Ensinarei Thoth a nos chamar de pai e mãe, pois é pequenino, cedo esquecerá, e isto não o prejudicará em nada. Roubaremos aos deuses um lance de vida durante estes poucos dias. Que nenhum temor do futuro anuvie nossa felicidade.

Foi assim que afugentei todos os maus pensamentos. Fechei os olhos à miséria do Egito, ao aspecto do povo esfomeado nas aldeias ao longo das margens, vivendo cada dia conforme ele se apresentava. O pequeno Thoth punha os braços em redor do meu pescoço, chamava-me de "pai". Seu corpo tenro dava prazer aos meus braços. Todas as noites sentia o cabelo de Mérito rente ao meu pescoço; ela segurava minhas mãos nas suas e respirava em cima do meu rosto. Era minha amiga. Pesadelos já não me atormentavam mais. Os dias iam passando; ligeiros como favonios, passavam e sumiam. Não tornarei a falar deles porque tal lembrança constringe minha garganta e faz o pranto dos meus

olhos manchar o que escrevo. O homem não devia ser feliz demais, nunca, pois que coisa existe tão fugaz como a felicidade?

Assim regresssei a Akhetaton; mas agora eu era outro homem e vi a Cidade Celestial com outros olhos. Com suas casas frágeis, reluzentes de sol, sob o azul denso do céu, a cidade me apareceu como uma ilusão ou como uma miragem. A verdade não morava ali dentro, mas sim ao redor, longe e perto. A realidade era a fome, o sofrimento, a miséria e o crime.



# LIVRO XII

O RELÓGIO DE ÁGUA  
MEDE O TEMPO



**D**evido à minha missão oficial fui recebido em Menfis com todas as honras por Horemheb; mas logo que ficamos juntos ele começou a bater com o chicote na perna e me perguntou, impacientemente:

- Que maus ventos te trouxeram até aqui como mensageiro do faraó e que larvas novas foram desovadas em seu cérebro?

Contei-lhe que a minha missão era viajar até à Síria e negociar com Aziru a paz a qualquer preço. Ao ouvir isso, Horemheb praguejou de modo furibundo.

- Eu já pressentia que ele arruinaria todos os planos que eu organizei com tanto cuidado e custo. Sabes que graças a mim Gaza ainda se acha em nossas mãos, de modo que o Egito possui assim uma cabeça de ponte na Síria para operações militares? Mais ainda: por meio de presentes e ameaças consegui que a frota de guerra de Creta guardasse as nossas comunicações marítimas com Gaza. Verdade é que isso em parte é do interesse de Creta visto como uma confederação Síria forte e independente ameaçaria a supremacia naval de Creta. Digo-te também que o rei Aziru tem tido muito trabalho para manejar os seus próprios aliados, e que muitas cidades sírias estão em guerra umas com as outras depois da retirada dos egípcios. E dos próprios sírios muitos dos que perderam suas casas e bens se juntaram em bandos de guerrilheiros que dominam o deserto desde Gaza até Tânis e estão agora em conflito com as tropas de Aziru. Armei-os com armas egípcias, e muitos antigos soldados, saqueadores e fugitivos das minas, se juntaram a eles. O mais importante de tudo é que os hititas afinal sempre invadiram Mitani com todo o seu poderio; liquidaram com a população, e o reino de Mitani não existe mais. As forças hititas acham-se retidas acolá em consequência da vitória; Babilônia está atemorizada e começou a equipar forças para

defender seus limites, e os hititas agora não dispõem de tempo para prestar a Aziru auxílio adequado. Se for prudente, Aziru deve teme-los depois dessa conquista de Mitani que era o escudo da Síria.contra eles. A paz que o faraó oferece será recebida com júbilo, pois isso lhe concederá tempo para consolidar sua posição e verificar o estado de coisas à sua volta. Deem-me seis meses, ou menos ainda, e eu conseguirei uma paz honrosa para o Egito. Com arcos sibilantes e carros ruidosos forçarei Aziru a temer os deuses do Egito.

Objetei, prontamente:

- Não podes guerrear, Horemheb, porque o faraó proibiu, e não te entregará ouro para tal fim.

- Cuspo no ouro dele! Arranjei ouro emprestado a torto e a direito... Acabei na indigência, pessoalmente, para poder equipar um exército destinado a Tânis. Por meu falcão, Sinuhe! Não podes pretender arruinar tudo, viajando para, a Síria como pacificador. Disse-lhe que o faraó já me entregara credenciais e me fornecera toda a documentação necessária para a conclusão da paz. Conviria saber se Aziru a desejava, porque em tal caso a concederia a baixo preço.

Ao ouvir isto Horemheb teve um acesso de raiva; jogou longe o banco, com um pontapé e gritou:

- Pois fica sabendo que se negociares a paz com ele para vergonha do Egito te mandarei esfolar vivo e te jogarei aos crocodilos assim que voltares. Importa-me lá que sejas meu amigo! Juro-te! Pois vai, e fala com Aziru a respeito de Aton. Se simples. Dize-lhe que o faraó em sua infinita bondade usará de misericórdia para com ele! Mesmo que Aziru não chegue a acreditar, pois é um homem ladino, estudará todas as possibilidades antes de te deixar partir. Querera pechinchar, ganhar tempo, trapacear, encher-te até aos dentes com mentiras. Mas em hipótese alguma entregará Gaza. Dize-lhe também que o faraó não pode responder pelos guerrilheiros e respectivos ataques. Sim, pois essas forças livres não abaixarão as armas em circunstância alguma, não levarão no menor apreço as tábuas do faraó... Encarregar-me-ei disso! É claro que não precisarás dizer esta última parte ao rei Aziru. Dize-lhe, pelo contrario, que se trata de homens bons, pacientes, aos quais os

dissabores cegaram, que acabarão de bom grado trocando as lanças por bordões e cajados de pastores assim que a paz for assinada. Mas não entregues Gaza, ou te esfolarei com as minhas mãos. Sim, pois não avalias quanta angustia tenho sofrido, quanto ouro tenho espalhado na areia, quantos dos meus melhores espões tenho sacrificado, só para abrir as portas de Gaza para o Egito.

Permaneci em Menfis durante diversos dias, discutindo com Horemheb os termos de paz e brigando com ele. Encontrei emissários de Creta e de Babilônia, e também pessoas eminentes fugidas de Mitani. E pelas conversas deparei de modo geral tudo quanto acontecera e me enchi de ambição, desejoso pela primeira vez de ser um fator importante num grande jogo cujas paradas eram os destinos de homens e cidades.

Horemheb tinha razão: naquele momento a paz era um dom mais valioso para Aziru do que para o Egito, embora os acontecimentos do mundo num plano geral não promettessem mais do que um mero armistício. As condições se estabilizando na Síria, Aziru poderia se voltar uma vez mais contra o Egito. O futuro agora dependia dos hititas. Uma vez assegurada a sua soberania em Mitani, marchariam eles sobre a Babilônia, ou sobre o Egito? O raciocínio vaticinava que visariam primeiramente o ponto mais fraco; ora, Babilônia estava se armando, ao passo que o Egito permanecia sem defesas.

A nação de Hati era um aliado desagradável para qualquer país; ainda assim, para Aziru, convinha; sim, pois se Aziru se juntasse com o Egito contra os hititas, ficava ameaçado com uma derrota certa, visto reinar o faraó Akhnaton, e Aziru dispor, assim, apenas de areias nas suas costas.

Disse-me Horemheb que o seu encontro com Aziru se daria em dado trecho entre Tânis e Gaza, onde os carros de Aziru estavam travando guerrilhas. Descreveu-me as condições em Esmirna, enumerando as casas que haviam sido incendiadas durante o assédio, e citando os nomes das pessoas importantes que tinham sido mortas. Fiquei perplexo vendo-o sabedor de tanta coisa. Deu-me depois uma relação oral dos espões que tinham visitado as cidades sírias e seguido as tropas de Aziru disfarçados em

mercadores de azeite, negociantes de escravos, prestidigitadores e quiromantes.

Tanto os oficiais de Horemheb como os fugitivos me contaram fatos tão horripilantes dos amorreus e das forças livres egípcias que o meu coração baqueou e os meus joelhos tremeram, principalmente ao chegar a hora da minha partida.

Horemheb disse-me:

- Podes escolher. Queres ir por terra ou por mar?

- Talvez seja mais seguro ir por terra - respondi, incerto. Ele concordou.

- De Tânis em diante terás uma escolta de algumas espadas e carros. Caso se vejam na iminência de um choque com as tropas de Aziru, te abandonarão no deserto e recuarão a toda pressa. É possível que os homens de Aziru, vendo que és um egípcio de alta categoria te impalem numa lança à maneira dos hititas, e urinem em teus documentos e tábuas de credenciais. possível também que, a despeito da tua escolta, caias nas mãos dos guerrilheiros que te despirão e te porão a lhes girar as mãos até chegar ocasião em que eu te possa resgatar com ouro... Mas não acredito que durasses até lá pois os chicotes deles são feitos com couro de hipopótamo. Ou talvez prefiram te sangrar de pronto largando-te aos corvos, o que aliás não constitui um modo tão ruim de terminar os dias, sendo, no conjunto das circunstâncias, uma morte magnanimamente fácil.

O meu coração baqueou ainda mais, e apesar do calor do verão, senti calafrios. Declarei:

- Arrependo-me amargamente de haver deixado o escaravelho com Kaptah, pois talvez estivesse mais apto a me socorrer do que o deus Aton do faraó, cujo poder parece não se ampliar muito por essas regiões ímpias. Rogo-te em nome da nossa amizade, Horemheb! Se por acaso vieres a saber que estou girando atafonas como prisioneiro em alguma localidade, trata imediatamente de comprar a minha libertação. Não poupes ouro, pois sou um homem rico... mais rico do que pensas... Embora eu não te possa fornecer uma relação completa dos meus bens, coisa que eu próprio conheço apenas em parte.

Respondeu-me:

- Estou a par da tua fortuna e arranjei emprestado de ti, por intermédio de Kaptah uma grande importância, conforme fiz de outros indivíduos. Boa foi a minha intenção, não quis te privar do privilégio de seres credor. Dada a nossa camaradagem, espero que não me venhas a importunar com cobrança, pois isso é coisa que acaba prejudicando a amizade ou rompendo-a. Pois vai, Sinuhe, meu amigo. Vai para Tânis e lá pega uma escolta para a tua viagem através do deserto. Que o meu falcão te proteja, pois eu não posso. A minha autoridade não chega a tanto. Caso sejas aprisionado negociarei a tua liberdade a qualquer preço. Caso morras, te vingarei. Possa tal certeza te confortar quando alguma adaga estiver traspassando a tua barriga.

- Caso venhas a saber que morri não percas tempo querendo me vingar - disse eu, amargamente. - Não servirá de alívio nenhum ao meu crânio bicado por abutres ser banhado no sangue de tuas vítimas. Basta que saúdes a princesa Baketaton em meu nome, pois se trata de uma mulher bonita e desejável, embora altaneira. Falar nisso, junto ao leito de morte da mãe, ela me perguntou por ti.

Depois de lhe haver arremessado esta seta por cima do meu ombro, deixei-o, um tanto aliviado, e fui encarregar escribas de escrever sob ditado o meu testamento e legalizá-lo com os necessários sinetes. Depositei esse documento, pelo qual eu legava todos os meus bens a Kaptah, Mérito e Horemheb, nos arquivos de Menfis. Depois tomei um navio para Tânis onde, numa fortaleza tostada pelo sol à margem do deserto, me encontrei com as guardas de Horemheb na fronteira.

Esses homens bebiam cerveja, amaldiçoavam o dia em que tinham nascido, caçavam antílope no deserto e tornavam a beber cerveja. Suas cabanas eram imundas, fediam a urina; e as mulheres eram da mais baixa escala. Numa palavra, viviam a vida usual das tropas de fronteira e ansiavam pelo dia em que Horemheb os levaria a combater dentro da Síria.

Qualquer sorte, inclusive mesmo a morte, era preferível à insuportável monotonia de tal existência naqueles quartéis parecidos com tocas entre enxames de mosquitos. E eram

homens cheios de vigor; juravam que formariam a vanguarda das forças livres e procuravam se aproximar de Jerusalém e até mesmo de Megido, varrendo diante deles os imundos sírios assim como o Nilo leva de enxurrada palhas e caniços. A minha escolta se preparou para a jornada. Odres foram cheios; cavalos foram trazidos das pastagens; ferreiros reforçaram as rodas dos carros.

Por ordem de Horemheb dez carros foram postos à minha disposição, puxado cada um por dois cavalos e conduzindo um sobre excelente. Em cima de cada carro, além do condutor, um infante e um arqueiro. Quando o chefe da tropa se pos às minhas ordens, tratei de observá-lo cuidadosamente porque ia confiar-lhe a minha vida. Suas calças estavam tão rasgadas e sujas como as dos seus homens, e o sol do deserto o tisonara; apenas o chicote de cabo de prata o distinguia dos demais. Tive a maior confiança nele - mais do que se usasse roupagem vistosa e possuísse um ajudante para cobri-lo do sol com um escudo.

Como me atrevesse a falar em liteira, ele esqueceu o respeito que me devia e soltou uma gargalhada. Acreditei quando explicou que a nossa única salvaguarda era a velocidade e que, portanto, eu devia ir com ele no seu carro, deixando de pensar em liteiras e outros confortos caseiros... Prometeu que deixaria que eu me sentasse num saco de forragem, caso quisesse, mas garantiu que eu me sentiria melhor em pé procurando equilibrar-me com o movimento, do contrário o deserto tiraria o fôlego dos meus pulmões e eu quebraria os ossos de encontro ao rebordo do carro.

Subi, contei-lhe que aquele não era absolutamente o meu primeiro percurso dentro de um carro militar, que já correria de Esmirna até Amurru num prazo de tempo tão curto que o próprio Aziru e seus homens se tinham admirado da rapidez, embora nessa ocasião eu fosse bem mais moço do que atualmente. O oficial, que se chamava Juju, ouviu cortesmente, depois encomendou a minha vida a todos os deuses do Egito e subiu para o carro atrás de mim. Desfraldou o estandarte, gritou com os cavalos, e embarafustamos por uma estrada de caravanas adentro, rumo ao deserto. Eu saltava por entre os sacos de forragem, agarrava-me aos rebordos com ambas as mãos, fungava e amaldiçoava o meu fado. Meus berros eram

engolidos pelo estardalhaço das rodas e os outros condutores, atrás do meu carro, soltavam brados de alegria louca dirigindo através do deserto, afastando-se do inferno escaldante das cabanas. Assim rodamos o dia inteiro, e passei uma noite em cima de sacos de forragem, mais morto do que vivo, amarguradamente excomungando o dia do meu nascimento. Na manhã seguinte fiz tudo para ficar, de pé em cima do carro, segurando-me ao cinturão de Juju, mas em dado trecho uma das rodas bateu numa pedra e eu voei para fora do carro, em parábola, indo bater com a cabeça na areia onde plantas espinhosas me feriram a cara. Mas pouco me incomodei com isso. Quando a noite chegou, Juju pareceu se preocupar com a minha situação. Conquanto estivesse submetendo seus homens a curta ração de água, jogou alguma em cima da minha cabeça. Segurou minhas mãos, confortou-me, dizendo que o dia fora afortunado, apesar de tudo e que, se as forças livres não nos surpreendessem no dia seguinte, no quarto dia tomaríamos contacto com a vanguarda de Aziru.

De madrugada acordei sentindo Juju rolar-me depressa para fora do carro. Caí em cima da areia. Ele arremessou para junto de mim as tábuas e o cofre, depois voltou ao contrário os cavalos, recomendou-me a proteção dos deuses, e abalou a todo galope, seguido pelo resto dos carros cujas rodas arrancavam fagulhas das pedras.

Depois que esfreguei os olhos para tirar a areia, vi um grupo de carros sírios avançando para mim, descendo uma vertente e abrindo em leque em ordem de batalha. Levantei-me e comecei a agitar uma folha de palmeira por cima da minha cabeça, em sinal de paz, apesar da folha estar meio rota por causa da viagem. Os carros passaram sem parar e apenas senti um dardo sibilar rente à minha cabeça indo se cravar na areia atrás de mim, e continuaram em perseguição de Juju e seus homens. Notei porém que os nossos já iam distanciados.

Vendo que a perseguição era inútil, os carros de Aziru voltaram, vindo rodear-me e os chefes saltaram. Declarei minha missão e mostrei-lhes as tábuas do faraó. Não deram a menor atenção,



roubaram-me. abriram minha arca de viagem, tiraram o ouro arrancaram a roupa que me cobria, e me amarraram pelos pulsos aos varais traseiros do carro. E como recomeçassem a rodar, tive que correr. E corri tanto que logo fiquei sufocado enquanto a areia lanhava a pele dos meus joelhos.

Com certeza eu morreria naquela viagem se o acampamento de Aziru não fosse logo depois do grupo de colinas. Com os olhos quase cegos lobriguei um acampamento bem grande, cheio de tendas, por entre as quais pastavam cavalos. Uma muralha de carros e carroças rodeava o campo. Depois disso não sei mais nada até que acordei e vi escravos jogando água em cima de mim e esfregando meu corpo com unguentos. Um oficial que sabia ler vira que minhas tábuas de argila eram documentos de importância e eu agora estava sendo tratado com todo o respeito; depois devolveram minhas roupas.

Assim que pude andar fui levado à tenda de Aziru toda impregnada de incenso, lã e sebo. Aziru avançou vindo ao meu encontro rugindo como um leão; correntes de ouro tintilavam em seu pescoço, e a sua barba anelada estava dentro de uma rede de prata. Abraçou-me, dizendo:

- Lamento que os meus homens te tenham tratado mal. Devias ter dito a eles o teu nome, explicar que eras meu amigo e emissário do faraó. Devias também ter agitado uma folha de palmeira no ar como sinal de paz, e conforme o bom costume aconselha. Os meus homens disseram-me que investiste contra eles brandindo o teu punhal de modo que em defesa própria foram compelidos a te agarrar.

Meus joelhos ardiam como brasas, e meus punhos doíam. Consumido pelo infortúnio extremo, repliquei:

- Olha-me e vê se teus homens correram perigo diante de mim. Arreventaram a folha de palmeira, roubaram o que eu trazia comigo, pisaram em cima das tábuas do faraó. Deves mandar flagelá-los para que aprendam a respeitar o emissário do faraó.

Mas Aziru entreabriu afoitamente o casaco, num gesto de desprezo e escárnio e ergueu as mãos.

- Com certeza dormiste mal, Sinuhe! Esta é muito boa! Que culpa tenho eu que hajas ferido os joelhos nas pedras durante tua exaustiva viagem? Nem por sonho flagelarei os meus melhores homens por causa de um miserável egípcio. E as palavras do emissário do faraó não passam de zumbido de moscas nos meus ouvidos.

- Aziru, rei de muitos reis, ordena então, pelo menos, que seja flagelado o homem que vergonhosamente espetou minhas nádegas numa porção de lugares enquanto eu corria acompanhando os carros. Manda flagelar esse e me contentarei com isso. Declaro-te que trago a paz como um presente para ti e a Síria toda!

Aziru riu alto e deu socos no peito.

- Importa-me lá que esse infeliz faraó rasteja diante de mim na areia esmolando paz! Contudo, tuas queixas são razoáveis. Visto seres meu amigo, e amigo da minha consorte e de meu filho, vou mandar açoitar o tal homem que te espetou o traseiro para te apressar, pois reconheço que isso destoa dos protocolos. Conforme sabes, luto com armas limpas e por finalidades justas.

Foi só assim que tive o prazer de ver o meu pior atormentador ser açoitado diante das tropas reunidas na frente da tenda de Aziru. Seus camaradas não tiveram a menor piedade; zombavam, apupavam-no com gargalhadas quando ele gritava.

E isso porque eram guerreiros e sentiam satisfação em romper de qualquer forma aquele interregno de tédio. Decerto Aziru consentiu que açoitassem o homem até a morte; mas quando vi correr sangue e se destacar carne das costelas, ergui as mãos e o salvei. Mandei então que o transportassem para a tenda que Aziru mandara instalar para mim - com indignação dos oficiais que dela foram removidos e seus companheiros principiaram a me aclamar com entusiasmo, cuidando que eu pretendia prosseguir o açoitamento com torturas mais engenhosas. Eu, porém, passei bálsamos nas suas costas - os mesmos que esfregara em meus joelhos e nádegas, cerzi seus ferimentos, dei-lhe de beber bastante cerveja. O homem pensou que eu fosse maluco e perdeu todo o respeito por mim.

Ao anoitecer Aziru convidou-me a comer carneiro assado e arroz com fatias de toucinho. Jantei na sua tenda, com ele e os seus oficiais e com os instrutores hititas que se achavam no acampamento. Suas capas e seus peitorais eram adornados com desenhos de machados com duas cabeças e sóis com asas. Bebemos vinho juntos, e todos me trataram com respeito e consideração, como um simplório que viera oferecer paz exatamente quando mais precisavam dela. Falaram em altas vozes da libertação da Síria, do futuro poder, e do jugo da opressão que haviam tirado de cima dos ombros.

Mas depois que beberam suficientemente começaram a altercar, e por fim um homem de Jopa arremessou a sua taça e atingiu no pescoço um homem de Amurru. O dano não foi grande porque a artéria não chegou a ser atingida e eu consegui tratar com eficiência o ferimento. Em sinal de reconhecimento ele me deu uma porção de esplendidos presentes. Por esse ato fui também considerado por todos como um débil de intelecto.

Quando a refeição terminou, Aziru mandou que os seus oficiais e os instrutores hititas fossem continuar as rixas em suas tendas. E como ficássemos a sós, mostrou-me seu filho, que o acompanhava em suas campanhas apesar de ter apenas sete anos e que era um bonito rapaz com faces veludas como pêssegos e brilhantes olhos negros. Seu cabelo era preto e anelado como a barba do pai e a sua tez lembrava a de sua mãe Keftiu. Aziru disse-me, enquanto acariciava o cabelo do filho:

- Já viste um menino mais bonito? Foi para ele que conquistei muitas coroas; será um grande soberano. A sua soberania se espalhará por tantas regiões que nem me aventuro a imaginar. Nesta idade já traspassou a barriga de um escravo que se atreveu a insultá-lo. Sabe ler e escrever, e não tem medo de batalhas. Sim, pois também o tenho levado a batalhas. Verdade que apenas em casos de rebeliões em aldeias onde sua pequenina existência não corria perigo.

Keftiu permanecia em Amurru enquanto Aziru andava nas guerras. E Aziru tinha muitas saudades dela e me contou que tentara em vão

aplaçar seus desejos servindo-se de mulheres prisioneiras e de virgens do templo que acompanhavam o exército.

Desde que experimentara o amor de Keftiu jamais podia esquece-la. Disse-me que ela se tornara ainda mais bonita com o decorrer dos anos; tão luxuriante que, se eu a visse, não acreditaria. E explicou que trazia sempre o filho consigo, não ousando deixá-lo em Amurru porque um dia o filho deveria cingir as coroas unidas da Síria.

Durante a conversa chegou aos nossos ouvidos o som de gritos. Aziru ficou extremamente zangado e me explicou:

- Lá estão os oficiais hititas torturando outra vez suas mulheres! Não posso fazer nada para impedir isso, pois dependo da maestria deles no campo de batalha. Mas não gostaria absolutamente que os meus homens aprendessem essas práticas ruins.

Eu conhecia os hititas. Sabia o que se podia esperar deles. Aproveitei o ensejo para dizer:

- Aziru, rei dos reis, rompe com esses hititas enquanto é tempo, antes que eles te achatem a coroa bem como... a tua cabeça! É impossível confiar nessa gente. Faze as pazes com o faraó enquanto os hititas ainda se acham ocupados com a anexação de Mitani. Babilônia está se armando contra eles conforme sabes, e não te mandará mais trigo se permaneceres aliado deles. Quando o inverno chegar a fome farejará a tua terra como um lobo esfaimado a não ser que faças a paz com o faraó e este te mande trigo para as tuas cidades, como antes.

Respondeu:

- Não digas idiotices! Os hititas são maus apenas para os seus adversários; para os amigos são leais. Ainda assim não estou ligado a eles por nenhum tratado, embora me remetam formidáveis presentes e reluzentes armaduras. Posso fazer a paz em separado à hora que quiser. Amo a paz mais do que a guerra, e luto apenas para obter condições honrosas. Reconcilio-me com o faraó se ele me restituir Gaza que me foi tomada traiçoeiramente, e se desarmar as hordas de bandidos do deserto. Exijo também reparações em trigo, azeite e ouro por causa da devastação que as cidades sírias sofreram durante o conflito. A culpa desta guerra cabe ao Egito, conforme bem sabes.

Fixou-me com ar cínico, sorrindo por detrás da mão. Mas lhe respondi com ardor:

- Aziru, bandido, ladrão de gado, algoz de inocentes! Pois não sabes que em tudo quanto é oficina no Baixo Reino inteiro estão sendo forjadas espadas e que o número dos carros de Horemheb já é maior do que o número de mosquitos que rodeiam teu leito de campanha? E que tais mosquitos metálicos te morderão sem piedade assim que as safras tiverem sido colhidas? Esse Horemheb, cuja fama te é conhecida, cuspiu nos meus pés quando lhe falei em paz. É apenas por questão religiosa que o faraó deseja a paz e não o derramamento de sangue. Dou-te uma única saída, o único ensejo que te resta, Aziru. O Egito conservará Gaza e tens que dissolver as hordas tu mesmo, porque o Egito não tem absolutamente nada que ver com elas. Foi a tua crueldade que forçou esses sírios a fugir para o deserto e tomar armas contra ti. E outra coisa, ainda: tens que soltar todos os egípcios prisioneiros e pagar indenização pelas perdas que os comerciantes egípcios sofreram nas cidades sírias e restaurar-lhes as propriedades.

Aziru arrancou fios da barba e deu puxões na roupa, gritando, ressentido:

- Mordeu-te algum cão danado, para assim espumares, Sinuhe! Gaza tem que ser cedida a Síria, os comerciantes egípcios que se arranjam, e os prisioneiros serão vendidos como escravos, conforme requer o costume; o faraó que compre a liberdade dos mesmos, se é que tem ouro bastante ara tanto!...

Disse-lhe:

- Se assinares a paz, poderás construir torres maciças, sólidas, nas tuas cidades, de ordem a não temeres mais os hititas; e o Egito te auxiliará. Comerciando com o Egito, e livres de tributo, os mercadores dessas mesmas cidades ficarão ricos e prósperos. E como os hititas não tem frota de guerra, não poderão restringir teu comércio. Se fizeres a paz, Aziru, todas as vantagens ficarão do teu lado. Os termos do faraó são moderados. Mais concessões, não posso fazer...

Dia após dia debatemos a questão, e muitas vezes Aziru achava repelões na roupa e cobria os cabelos com cinza, chamando-me de

ladrão desavergonhado, chorando pelo destino de seu filho que com certeza morreria num fosso reduzido a mendigo por causa do Egito. Certa ocasião cheguei a deixar a sua tenda e a pedir liteira e escolta para Gaza. Teria subido para a liteira se Ihe não me tivesse chamado outra vez. Todavia, creio que se deleitava com esses regateios, pois era um sírio, e decerto me levaria de vencida se eu cedesse em quaisquer pontos. Jamais supôs que o faraó me mandara negociar a paz a qualquer preço, mesmo que isso importasse na ruína do Egito.

Portanto, não tergiversei e em meio às negociações fui ganhando termos que redundavam em vantagens para o faraó. Até as circunstâncias me favoreceram temporalmente, porque os conflitos, dentro do acampamento de Aziru cada vez aumentavam. Cada dia mais homens voltavam para as suas cidades, sem que Aziru pudesse se opor porque a sua autoridade não chegara a se consolidar.

Certa noite dois assassinos penetraram em sua tenda e o feriram com punhais; ainda bem que não o mataram. O próprio rei matou um. O filho acordou e arremessou a espada, nas costas do outro que veio assim a morrer também. No dia seguinte Aziru chamou-me à sua tenda e, com palavras terríveis, acusou-me. Fiquei apavorado. Depois chegamos a um acordo. Em nome do faraó assinei a paz com ele e com todas as cidades da Síria. O Egito ficaria com Gaza e a dispersão das forças livres caberia a Aziru. O faraó reservava-se o direito de comprar a libertação dos egípcios prisioneiros e dos escravos presos.

Nestas condições estabelecemos um tratado de eterna amizade entre o Egito e a Síria. Tal tratado foi registrado em tábuas de argila e confirmado em nome dos mil deuses da Síria e dos mil deuses do Egito, inclusive Aton. Aziru dizia palavrões medonhos enquanto rolava o seu sinete em cima da argila; e eu também chorei e estraçalhei as abas da roupa enquanto firmava o sinete egípcio em cima das tábuas. Intimamente estávamos radiantes, os dois. Aziru deu-me muitos presentes, e eu prometi mandar uma porção, também, para ele, a mulher e o filho pelo primeiro navio que velejasse do Egito para a Síria sob as condições da paz. Despedimo-

nos de pleno acordo. Aziru chegou a abraçar-me, chamando-me de seu amigo. Ergui do chão seu lindo filho, elogiei sua coragem, rocei meus lábios em suas bochechas coradas. E contudo tanto Aziru como eu sabíamos que o, tratado que fizéramos em prazo perpétuo não valia a argila sobre que fora escrito. Ele assinara a paz porque se vira forçado a isso; e o Egito a assinara por ser vontade expressa do faraó. A nossa paz flutuava no ar, como uma presa exposta a todos os ventos, porque tudo dependia do modo com que os hititas agiriam depois da anexação de Mitani, da maneira pela qual Babilônia reagisse, e da atitude da frota cretense que protegia o comércio marítimo.

Sem demora Aziru foi desmobilizando as suas forças. Forneceu-me uma escolta para Gaza, mandando ao mesmo tempo uma ordem para as suas tropas acolá levantarem o assédio inútil àquela cidade. Ainda assim estive perto da morte quando cheguei a Gaza. Quando nos aproximamos de suas portas e a minha escolta agitou ramos de palmeiras e gritou que a paz tinha sido firmada, os defensores egípcios começaram a desferir dardos contra nós e a arremessar lanças.

Pensei que a minha última hora tivesse soado. O soldado desarmado que empunhava o escudo cobrindo-me recebeu um dardo na garganta e caiu em sangue, enquanto seus companheiros fugiam. O terror paralisou as minhas pernas. Encolhi-me para dentro do escudo, como uma tartaruga, chorando, e gritando, lancinantemente. Vendo que, devido ao escudo, não podiam me traspasar, os egípcios, lá de cima das muralhas, principiaram a derramar breu fervendo, virando enormes caldeirões. E o breu escorria fumarento e grosso pelo chão, perto de mim. Por sorte, umas pedras grandes me protegeram, e apenas tive ligeiras queimaduras nas mãos e nos joelhos. Assistindo de longe a tal espetáculo, os homens de Aziru riam-se até cair no chão.

Por fim o comandante deles fez soar uma trombeta, e os egípcios consentiram que eu penetrasse na cidade. Mas não abriram as portas; baixaram um cesto de vime amarrado na ponta de uma corda e para dentro do qual tive que entrar com as tábuas de argila e o ramo de palmeira. E assim me içaram por cima da muralha.

Censurei veementemente o comandante da guarnição, por causa disto. Mas era um homem tenaz, obstinado. Disse-me que se vira às voltas com tamanhas traições dos sírios que não abriria as portas da cidade a não ser com ordem expressa de Horemheb. Não quis acreditar que a paz fora assinada, embora eu lhe mostrasse as tábuas de argila e lhe falasse em nome do faraó. Era um indivíduo simples, teimoso. Mas se não fossem essas suas qualidades com certeza o Egito teria perdido Gaza desde muito; não tenho muito direito, portanto, para repreende-lo.

De Gaza naveguei para o Egito. Por causa da hipótese de sermos surpreendidos por frotas inimigas, ordenei que a flâmula do faraó fosse içada no mastro principal com todos os sinais de paz. Devido a isso os marinheiros me davam mostra de menosprezo, dizendo que a nave assim enfeitada parecia mais uma cortesã do que um navio. Quando alcançamos o rio, a população se foi reunindo ao longo das margens, agitando palmas e me aplaudindo porque eu era emissário do faraó e trouxera a paz. Finalmente os próprios marujos resolveram me respeitar e cheguei a esquecer que tinha sido içado dentro de uma cesta para cima das muralhas de Gaza.

Depois que me vi novamente em Menfis e que Horemheb leu as minhas tábuas de argila, recebi cálidos elogios como mediador sagaz. E isso com grande espanto meu, pois Horemheb não era dado, absolutamente, a aplaudir feitos de ninguém; muito menos os meus. Fiquei sem entender. E só entendi depois que soube que a frota cretense recebera ordem de se recolher à ilha.

Ahn!... Em tal caso, Gaza não tardaria em cair nas mãos de Aziru caso a guerra continuasse, porque sem comunicações marítimas tal cidade não se agüentaria. Esta era a razão dos louvores de Horemheb que logo remeteu muitos navios para Gaza carregados de tropas, armas e provisões. Durante a minha estadia junto do rei Aziru, o rei Burnaburiash, de Babilônia, enviara um emissário a Menfis, com uma delegação carregada de muitos presentes. Ao passar por Menfis recebi esse emissário a bordo do navio do faraó para onde baldeei, e assim viajamos juntos, pelo rio acima. Foi uma viagem agradável porque o emissário era um velho venerável, de



profundos conhecimentos, com uma barba branca e sedosa que lhe vinha até ao peito.

Conversamos sobre astros e entranhas de carneiro; e por conseguinte não faltou assunto para debates porque se pode conversar a vida inteira sobre astros e fígados de carneiro sem jamais se exaurir o tema. Discutimos negócios de Estado, também, e percebi que ele estava preocupadíssimo com o poderio crescente dos hititas.

Os sacerdotes de Marduk prediziam que o poder dos hititas seria limitado e que duraria menos de cem anos; depois de tal prazo seriam aniquilados por uma raça branca, selvagem, do Ocidente. Isso pouco me adiantava já que eu nascera a para viver durante o período da supremacia dos hititas. Perguntei a mim mesmo como era que poderia vir qualquer povo do Ocidente, se nessa banda não havia continentes e sim apenas ilhas no alto mar? Contudo, já que os astros tinham falado fiquei persuadido dessa verdade.

Assistira em Babilônia a tantas maravilhas que mais fácil me era acreditar nos astros do que na minha pobre ciência. Esse emissário trazia consigo um pouco do ótimo vinho montanhês. Enquanto rejubilávamos nossos corações com essa bebida, o velho me disse que os signos e os augúrios pressagiavam, em número cada vez mais crescente o fim de uma era.

Concordamos ambos que estávamos vivendo o crepúsculo do mundo e que a noite universal se aproximava. Muitos cataclismos deveriam acontecer; muitos povos deveriam ser varridos da face da terra, como os mitanianos já haviam sido varridos, muitos deuses antigos deveriam morrer antes do nascimento de novos deuses e do princípio de um novo ciclo. Indagou sofregamente sobre Aton, e meneou a cabeça e cofiou a barba branca enquanto me ouvia. Reconheceu que nenhum outro deus igual a Aton se revelara ao mundo e achou que seu aparecimento agora podia significar o começo do fim, porque ensinamentos e doutrinas assim tão perigosos jamais tinham ocorrido antes. Após uma viagem agradável chegamos a Akhetaton. E tive a impressão de estar muitíssimo mais douto do que quando partira.

Durante a minha ausência as cefaléias do faraó tinham voltado, e a ansiedade aguilhoava seu coração porque sabia que todos os seus empreendimentos goravam. Seu corpo ardia ao fogo das alucinações, e o depauperamento físico era notório.

A fim de reanimá-lo, Eie, o sacerdote, decidira arranjar uma comemoração de trinta anos de reinado, no outono, depois da colheita, quando as águas comesçassem a subir.

Isso não significava absolutamente que o faraó já houvesse reinado por trinta anos. Ir que desde muito imperava o costume dos faraós comemorarem tal aniversário quando muito bem queriam.

Grande número de gente chegou a Akhetaton para a festa, e certa manhã, quando o faraó passeava junto ao lago sagrado, dois assassinos se arrojaram sobre ele com punhais. Um jovem aluno de Thothmes achava-se sentado na orla do lago desenhando patos, porque Thothmes obrigava que seus discípulos copiassem da vida e não de moldes. Esse jovem desviou os punhais dos bandidos atirando seu estojo em cima deles, de modo que os guardas vieram a tempo de dominar os atacantes.

E o faraó sofreu apenas um ferimento no ombro. Mas o jovem morreu e seu sangue molhou as mãos do faraó. Foi assim que a morte se apresentou diante de Akhnaton. Em meio a glória outonal do jardim; o sangue caiu em cima das mãos reais. E o faraó viu a morte escurecer os olhos do rapaz cuja mandíbula pendeu sobre o pescoço...

Fui chamado à pressa para tratar do ferimento do faraó. Tal ferimento não tinha importância. Consegui, por isso, ver os dois assassinos. Um tinha a cabeça raspada e seu rosto reluzia de óleo sagrado. O outro era um homem de orelhas cortadas como castigo de algum crime repelente. Enquanto os guardas os acorrentavam eles forçavam as cadeias aos ímpetos, gritando imprecações medonhas em nome de Ammon. E não se calavam mesmo enquanto os guardas lhes batiam nas bocas ensangüentando-as. Decerto os sacerdotes lhes tinham dado bebidas mágicas para que não sentissem dores.

Tal fato foi alarmante, porque até então ninguém ousara erguer publicamente as mãos contra o faraó. Provavelmente alguns devem

ter morrido prematuramente e de morte não natural; mas não se tratava de atentados realizados abertamente.

Se isso foi feito, decerto o foi secretamente, com veneno, talvez, ou com uma corda; ou então com uma almofada, tudo sem deixar vestígio. Uma vez ou outra, também, o crânio de algum faraó deve ter sido aberto contra a sua vontade. Mas atentado assim público, este foi o primeiro, e não pode ser silenciado.

Os prisioneiros foram interrogados na frente do faraó, mas se recusaram a falar. Só abriram as bocas para invocar o auxílio de Ammon e amaldiçoar o faraó, não obstante os guardas os ferirem nos beiços com golpes de espada. E ao ouvir o nome daquele deus o próprio faraó se enraiveceu tanto que deixou que os guardas continuassem a bater até os rostos dos homens ficarem ensangüentados e os dentes lhes caírem.

Mas os prisioneiros não cessavam de invocar o nome de Ammon; e por fim o faraó proibiu que a violência continuasse. Mas os presos bradaram, em ar de desafio:

- Deixa que eles nos torturem, falso faraó. Deixa que nos esmaguem, que queimem nossa pele, que arranquem nossa carne, pois não sentimos dores.

Tão decididos se mostravam, que o faraó se voltou de lado, para cobrar ânimo. E, recuperando domínio, se envergonhou amargamente de haver consentido que os guardas ferissem os homens no rosto. Disse:

- Soltai-os. Eles não sabem o que fazem.

Quando os guardas abriram as algemas, os cativos começaram a imprecar mais violentamente do que antes. Suas bocas espumavam; e diziam em uníssono:

- Mata-nos, faraó amaldiçoado. Mata-nos em nome de Ammon, falso faraó, para que obtenhamos a vida eterna.

Quando perceberam que o faraó decidiu mandá-los embora sem mais castigo, soltaram-se das mãos dos guardas e se arremessaram de cabeça de encontro às muralhas do pórtico, fraturando assim os crânios e morrendo logo a seguir.

Todos na casa dourada reconheceram que doravante a vida do faraó corria perigo. Seus parentes redobraram o corpo da guarda e não

permitiam que se afastasse de suas vistas, embora, em sua taciturnidade, ele desejasse andar sempre sozinho no jardim ou junto da margem. Os que acreditavam em Aton tornaram-se ainda mais devoto, ao passo que aqueles que apenas professavam tal crença visando riquezas e posições, começaram a temer a perda dos cargos e aumentaram de zelo no serviço. Assim nos dois reinos o fanatismo aumentou e a população ficou alvoroçada tanto por causa de Aton como de Ammon.

Também em Tebas cerimônias e desfiles foram arranjados em comemoração ao trigésimo aniversário. Cestas de filigrana foram remetidas para lá; penas de avestruz; panteras em gaiolas; girafas, macacos de porte pequeno, e papagaios de plumagens vistosas. Tudo isso era trazido rio abaixo e acima, para que a população visse a variedade da riqueza dos domínios do faraó, e louvasse o seu nome. Mas o povo de Tebas assistiu em silêncio ao desfile comemorativo. Houve lutas nas ruas, e a cruz de Aton foi arrancada da roupa dos homens. Dois sacerdotes de Aton foram mortalmente esbordoados quando se aventuraram a atravessar a multidão sem acompanhamento de guardas.

E o pior de tudo foi que os emissários estrangeiros assistiram a tais coisas e souberam também do atentado à vida do faraó. O embaixador de Aziru teria histórias agradáveis a contar a seu senhor quando voltasse à Síria.

E ao voltar levou presentes caríssimos do faraó; eu também mandei presentes a Aziru e família por intermédio do seu emissário. Mandeí ao garoto um exercitozinho completo esculpido em madeira, com infantes, arqueiros, cavalos e carros vistosamente pintados. Mandeí que metade fosse feita com o uniforme hitita e a outra metade com o uniforme sírio, na esperança de que, quando brincasse, o garoto pusesse as duas facções em luta. As figuras tinham sido feitas por carpinteiros muito habilidosos, de Ammon, que se achavam agora sem trabalho porque os templos e as oficinas do templo haviam sido fechados. Paguei mais por esse exercitozinho do que pelos demais presentes que remeti a Aziru.

Por esse tempo o faraó não estava passando bem; acometiam-no muitas dúvidas; sua fé ficara muito abalada, tanto que às vezes

chorava amargamente porque as suas visões tinham desaparecido e Aton o abandonara. Contudo, por fim, levou em apreço o atentado sofrido, derivando daí nova fortaleza, considerando que a sua missão era mais nobre ainda do que antes e seus trabalhos de importância bem maior porque reinava ainda muita treva na terra do Egito. Provaram o pão amargo e a água salgada do ódio, e tal pão não satisfizera sua fome e tal água não aplacara sua sede. Ainda assim cuidou que estava agindo com acendrada bondade quando redobrou a perseguição aos sacerdotes de Ammon e deu em mandar para as minas os que diziam alto o nome de Ammon. Os que mais sofreram foram por conseguinte os ingênuos e os pobres, porque o poder secreto dos sacerdotes de Ammon era formidável e os guardas do faraó não ousavam intervir em suas vidas.

Desta forma o ódio nutriu mais ódio e o desassossego foi aumentando.

Não tendo filho, o faraó procurou assegurar o trono casando as filhas mais velhas, Meritaton e Ankhsemet, com os filhos de dois nobres seus fiéis prosélitos da corte. Meritaton quebrou o cântaro com um jovem chamado Sekenre que exercia o cargo de pagem da taça do faraó e que acreditava em Aton. Era um rapaz afoito, de quinze anos, dado a ter alucinações e de quem o faraó Akhnaton gostava.

O faraó permitiu-lhe que usasse o adereço frontal da realeza e o escolheu para seu sucessor, pois não esperava mais vir a ter um filho. Mas Ankhsemet quebrou o cântaro com um menino de dez anos de idade, chamado Tut, a quem foram confiadas as dignidades de Escudeiro-Mor e Inspetor das Construções e Pedreiras Reais. Era um menino magricela e doentio, que brincava com bonecas e gostava de confeitos e era muito obediente e dócil. Não era mau e nem apresentava grandes qualidades, acreditando em tudo quanto lhe diziam e repetindo tudo como um eco.

Estes jovens eram do sangue mais nobre do Egito, e o faraó casando suas filhas com eles pensou assegurar para si e para Aton a aliança de duas das mais ilustres famílias. Simpatizou com os genros porque estes não tinham vontade própria, e o faraó, em seu

fanatismo, não tolerava diferença de opinião nem ouvia conselheiros.

Exteriormente tudo continuava como antes; mas o atentado contra a vida do faraó foi um péssimo sinal. E isso porque ele deixou de dar ouvidos a vozes humanas e a escutar apenas as que ressoavam dentro de seu espírito. A vida tornou-se opressiva em Akhetaton as ruas foram ficando mais quietas, as pessoas riam menos do que tempos antes e falavam baixo como se um pânico secreto lavrasse pela Cidade Celestial. Muitas vezes eu era despertado dos meus pensamentos enquanto trabalhava: era o ruído do relógio de água; então olhava para fora e me dava conta de um silêncio súbito, mortal pela cidade; som nenhum chegava a mim. a não ser o do meu relógio, como se este estivesse medindo um tempo incomensurável.

Em certos momentos o seu murmúrio me parecia sinistro como se um prazo concedido estivesse chegando ao fim. A seguir, carruagens rolavam outra vez pela frente da minha casa e eu via as plumas coloridas se agitarem nas cabeças dos cavalos. Ao ressoar seco das rodas se misturavam as vozes dos fâmulos depenando caça no pátio da cozinha. Então eu serenava outra vez, cuidando que tudo não passara de um pequeno pesadelo.

No entanto havia momentos lúcidos, frios, em que eu via a cidade de Akhetaton apenas como a casca lisa e bonita de um fruto corroído de todo por dentro por chusmas de vermes. O afã do tempo sugava a substância da sua vida afável, de modo que a alegria se extinguiu e a risada morreu em Akhetaton.

Comecei a sentir saudades de Tebas e não precisei procurar pretextos para a viagem. O meu coração me supria abundantemente com motivos. O mesmo se deu com muitos que imaginavam devotar interesse pelo faraó. Foram deixando Akhetaton; alguns, para ver suas herdades; outros por causa de casamentos dos parentes. Muitos regressaram, mas alguns não, indiferentes já agora ao favor do faraó e confiando mais no poder secreto de Ammon. Fiz que Kaptah me remetesse numerosos papéis testificando a necessidade da minha presença em Tebas. Agi assim para que o faraó me deixasse partir.

Logo que me vi a bordo e a caminho da viagem fluvial, senti a alma como que libertada de um sortilégio. A primavera tornara a voltar, as águas tinham baixado e por sobre elas revolteavam bandos ligeiros de andorinhas. A lama fértil espalhara-se por sobre os campos, e os pomares estavam em flor. Tomei-me de pressa, invadido pelo doce alvoroço da primavera, como um noivo afoito em busca da amada. De tal forma é o homem escravo do seu coração que fecha os olhos ao que não o agrada, passando a acreditar apenas no que confia. Libertado do sortilégio e do medo de Akhetaton, meu coração se mostrava jubiloso como um pássaro que se tivesse soltado da gaiola. Ruim se estar ligado à vontade alheia, como toda gente em Akhetaton estava ligada à vontade febril, crispante e opressiva do faraó. Para mim, seu médico, ele era apenas um homem, e tal escravidão era pior para mim do que para aqueles que o cuidavam um deus.

Que bom tornar a ver as coisas com os meus olhos e ouvir com os meus ouvidos, falar com a minha língua e viver de acordo com a minha vontade! Tal liberdade não me foi danosa; pelo contrário, tornou-me humilde, e derreteu a amargura consolidada dentro de meu coração. Quanto mais distanciado do faraó mais claramente o podia ver e mais sinceramente lhe queria bem. Quando mais perto ia ficando de Tebas mais imediatas e vivazes se tornavam as lembranças em minha alma e maior ficava o faraó e mais puro o seu deus.

Portanto minha esperança e minha fé eram as mesmas, e rejubilei ao sentir que era uma criatura boa e melhor do que muitas outras. Já que devo ser correto comigo mesmo e viver pela verdade, cumpre confessar que me considerei um homem melhor do que o faraó, porque não fazia mal a ninguém, deliberadamente, não exigia que ninguém adotasse a minha crença, e ao tempo da minha mocidade atendia aos doentes sem exigir donativos.

Enquanto prosseguia a viagem pelo rio, ia vendo por toda parte vestígios do deus do faraó Akhnaton. Embora estivéssemos no auge da estação das sementeiras, metade dos campos do Egito permanecia sem arar, completamente desnudos esses campos, apenas apresentando caniços e dardos; além disso as águas da cheia

havam entupido os poços e fossos com lama que ninguém procurava remover.

Ammon ia exercendo seu poder sobre os corações dos homens, enxotando das terras que tinham sido suas todos os colonos, e amaldiçoando também os campos do faraó; de maneira que lavradores e agricultores fugiam e iam se acotar nas cidades. Poucos colonos permaneciam em suas cabanas, e isso mesmo apreensivos e desanimados.

Falei com alguns deles.

- Loucos! Por que não arais e não semeais? Quando o inverno chegar morrereis de fome.

Olhavam-me com inimizade porque meus trajes eram do melhor linho e respondiam:

- Semear para que, se o pão dos nossos campos é maldito e mata os que o comem conforme o trigo mosqueado já matou nossos filhos? Tão remota jazia a cidade de Akhetaton da vida real que só agora é que eu ficara sabendo que o trigo mosqueado causava a morte de crianças. Antes, jamais ouvira falar em tal doença, que passava de uma criança para outra; elas ficavam com os ventres inchados e morriam lancinantes. Nem médicos, nem feiticeiros podiam dar um jeito. Pareceu-me que a doença não seria originada pelo trigo e sim pelas águas da cheia de onde promanavam todas as doenças infecciosas do inverno. Verdade é que a citada doença matava apenas as crianças; mas ao observar os adultos, que não ousavam semear seus campos preferindo sujeitar-se à morte pela fome, vi que a doença matara pelo menos seus corações. Não censurei o faraó por tudo isso que vi, e sim a Ammon que envenenara a tal ponto a vida daquela gente do campo que esta acabara preferindo a morte à vida.

A impaciência de rever Tebas me levou ao convés. O suor pingava do rosto dos remadores. Aborrecidos, mostraram-me as mãos calosas e inchadas porque eu lhes exigira pressa. Prometi curar-lhes as feridas com prata e lhes matei a sede com cerveja, querendo ser bondoso. Mas enquanto se arqueavam, seus bustos indo e vindo, ouvi murmúrios assim:



- Por que motivo havemos de remar para esse suíno gordalhufo, se todos os homens são iguais perante o deus dele? Façamo-lo experimentar, para que sinta e, então, cure as mãos com prata, se puder!...

A vara, a meu lado rangeu como a querer me atíçar; mas minha alma estava repleta de bondade porque eu ia a caminho de Tebas. Tendo refletido nas palavras dos remadores, dei-lhes razão.

Aproximei-me e disse:

- Remadores, dai-me um remo.

Instalei-me e remei com eles até que a madeira grossa do remo esfolou a palma das minhas mãos e as bolhas se tornaram feridas. Minhas costas doíam tanto que pensei estar com a espinha fraturada; até a respiração me era difícil. Mas disse ao meu coração: "Queres desistir do trabalho que ostentadamente procuraste? Não vês que os escravos zombarão de ti? Isto e muito mais é o que eles suportam diariamente. Experimenta a trabalhadeira, sente o suor, os calos das mãos, para reconheceres que espécie de vida é a vida deles! Pois outrora, Sinuhe, não dizias que querias provar a taça até ao fundo?"

Assim, remei até quase cair esfalecido; e os criados tiveram que me levar para a cama.

No dia seguinte me pus a remar com as mãos esfoladas, e os remadores não caçoaram mais de mim; pelo contrário, pediam que eu parasse de remar, dizendo:

- Sois o nosso amo e nós somos vossos escravos. Não remeis mais, pois assim veremos tudo às avessas. Não remeis mais. Há que haver ordem nas coisas; cada homem tem a sua situação conforme os deuses ordenaram, e a vossa não é a de remador.

Mas remei com eles durante todo o tempo rumo a Tebas. O meu alimento era o pão que eles comiam, e minha bebida a cerveja amarga dos escravos. Cada dia eu conseguia remar um pouco mais; cada dia meus membros se tornavam mais rijos como aço; cada dia sentia mais prazer em viver, e notava que não tinha mais falta de fôlego.

Os meus criados estavam preocupados por minha causa e diziam lá entre eles:

- Alguma vespa o mordeu... Ou então é loucura, já que em Akhetaton isso de miolo mole. É doença que se vai alastrando. Mas não precisamos ter medo dele porque estamos com o chifre de Ammon escondido debaixo da roupa.

Mas eu não estava louco, não! Nem pretendia remar senão até Tebas.

Aproximamo-nos da cidade cujo cheiro nos atingiu ainda no rio, um cheiro que, para quem nascera naquelas bandas, se diferenciava de todos os mais. Pedi aos criados que esfregassem unguento em minhas mãos, me lavassem e me vestissem com a melhor roupa. A tanga ficara muito larga porque o meu ventre emagrecera com o exercício de remo; foi preciso apertá-la, coisa que fizeram com alfinetes, lamentando. Ri, mandei-os que fossem avisar Muti da minha chegada, não ousando me apresentar sem ser anunciado.

Distribuí prata entre os remadores; e ouro, também, dizendo-lhes: Louvado seja Aton! Ide encher os bandulhos! Alegregar os corações com boa cerveja!

E dormir com raparigas bonitas de Tebas, porque Aton é o doador da alegria, gosta dos prazeres simples e prefere os pobres aos ricos, pois seus prazeres são naturais. Com fisionomias sombrias agarraram a prata e o ouro, declarando:

- Não queremos ofender-vos, mas dissei-nos: não é esta prata amaldiçoada? E este ouro não é maldito? Sim, indagamos porque nos falaste em Aton! Em caso afirmativo, não podemos receber, pois tal dinheiro queimará nossos dedos e virará pó.

Não gostei que me falassem assim porque eu remara com eles e os tratara afavelmente. Tranqüilizei-os. Pois se tendes medo deste dinheiro ide trocá-lo depressa por cerveja. Mas se quereis uma garantia, afirmo que não se trata de ouro nem de prata amaldiçoados. Podeis examinar a marca estampada neles; trata-se de metal antigo, puro, sem liga com cobre de Akhetaton. Ó cretinos, se desdenhais Aton ignorais vossas próprias vantagens e conveniências. Responderam:

- Tememos Aton? Nós? Como, se trata de um deus impotente?! Deveis saber muito bem qual é o deus que tememos, patrão. Só não dizemos alto o nome dele porque o faraó proibiu.

Irritei-me, não quis prolongar a conversa. Mandei-os embora. Foram aos saltos, rindo e cantando, como é o feitio dos remadores. Tive vontade também eu, de rir, saltar e cantar; mas isso não condizia com a minha dignidade.

Dirigi-me diretamente para O Rabo do Crocodilo sem esperar sequer por uma liteira. Após longa separação, revi Mérito e a achei mais adorável do que antes. Não quero dizer com isto que não reconheça que o amor, como todas as paixões, aviva a visão.

Já agora Mérito não era mais jovem; todavia, na maturação do seu verão, era minha amiga e se achava mais perto de mim com aquele seu feitio, do que qualquer outra mulher já estivera.

Ao me ver, curvou-se profundamente e ergueu as mãos; depois se aproximou para tocar meus ombros e minhas faces, o que fez sorrindo e dizendo:

- Sinuhe! Sinuhe! Que aconteceu para estardes com os olhos tão claros e o ventre tão diminuído?!

- Mérito, diletíssima! O que tornou meus olhos claros foi a saudade. Foi a febre do amor! E o meu ventre se fundiu em melancolia à medida que eu me apressava para te rever, ó minha irmã!

Enxugando os olhos, disse:

- Oh! Quanto não vale mais do que a verdade a mentira com sua doçura quando uma pessoa sofre de solidão vendo que sua primavera floriu inutilmente? Sempre que voltais vem convosco de novo a primavera, e acredito em todas as histórias antigas.

Não direi mais nada quanto a este encontro, porque preciso falar também de Kaptah. Ah! Evidentemente sua barriga não diminuía de modo algum: Kaptah estava mais corpulento do que nunca, e tintilavam em seus pulsos e tornozelos mais argolas, ao passo que o disco que lhe cobria a órbita vazada apresentava agora pedras preciosas. Vendo-me, chorou e deu brados de alegria.

- Abençoado seja o dia que traz à casa o meu amo!

Levou-me para uma sala reservada, fez-me sentar em almofadas macias enquanto Mérito nos servia os melhores pratos que a taverna O Rabo de Crocodilo podia oferecer. E rejubilamo-

nos juntos. Mais uma vez Kaptah prestou contas da minha riqueza, declarando:

- Sinuhe, meu patrão, é o homem mais inteligente que conheço... mais astuto do que os negociantes de trigo que são uns sabidões incomparáveis! Na primavera fui enganado por seu ardil. Pela certa o escaravelho tomou parte nisso. O patrão se lembra que me mandou distribuir todo o seu trigo entre os colonos para que estes semeassem, exigindo deles apenas medida por medida, razão pela qual o chamei de louco? E pela média do senso comum tal idéia era mesmo de louco. Pois lhe devo dizer que graças a esse estratagema a sua riqueza duplicou. Não posso mais reter de cor o vulto da sua fortuna! E os cobradores de impostos do faraó, tão conhecidos por sua impudência e rapacidade, não me largam um instante. Deu-se o seguinte: assim que os negociantes souberam que os colonos tinham recebido semente o preço do trigo caiu imediatamente; e caiu ainda mais quando chegaram as notícias da paz porque toda gente então vendeu para ficar livre de seus compromissos, com o que os mercadores tiveram muitos prejuízos. Mas nesse ponto comprei a preço baixo trigo que ainda não tinha sido segado. No outono reuni medida por medida conforme o patrão ordenara de modo que assim fiquei novamente com o meu antigo abastecimento. Confidencialmente lhe digo, patrão, que o trigo dos colonos é tão bom como qualquer outro e não faz mal a ninguém. Creio que os sacerdotes e os seus sequazes tinham secretamente borrifado sangue sobre o trigo dentro das caixas de modo que ele mosqueou e adquiriu mau cheiro. Quando chegou o inverno o preço do trigo subiu outra vez porque Eie, em nome do faraó, expediu algum para a Síria depois que a paz foi assinada, com o intuito de anular o trigo babilônico dos mercados sírios. Por isso o preço nunca esteve tão alto como agora. Nossos lucros são enormes e aumentarão se retivermos nossos estoques. No próximo outono a carestia se alastrará pela nação porque os campos dos colonos não estão arados nem semeados; os escravos fogem dos campos do faraó e os lavradores estão escondendo seu trigo para que não seja tomado e remetido para a Síria. Por tudo isso, que hei de eu fazer

senão entoar aos seus louvores porque o patrão foi mais astuto do que eu embora naquela ocasião o considerasse um louco!...

Com enorme entusiasmo, continuou:

- Louvados sejam estes tempos que acabam tornando o rico ainda mais rico, quer ele queira, quer não. São na verdade tempos bem esquisitos, pois agora ouro e prata escorrem não sei de onde para dentro de minhas arcas e cofres. Vendendo cântaros vazios fiz quase tanto lucro como com o trigo. Pelo Egito inteiro há homens comprando cântaros vazios de toda espécie e, ao ouvir isso, tratei de contratar escravos às centenas para a compra de cântaros. Toda gente; lhes dá quase de mão beijada os cântaros que tem só para assim se ver livre de vasilhame rançoso que lhe enche os pátios. Se eu lhe disser que neste inverno vendi mil vezes mil cântaros, exagerarei um tanto, mas não muito.

- Que maluco é esse que anda comprando cântaros vazios? - perguntei.

Kaptah de uma piscadela rápida com o olho bom e disse:

- Os compradores afirmam que no Baixo Reino foi descoberto um novo processo de preservar o peixe em salmoura. Interessei-me pelo assunto e vim a saber que esse cântaros estão sendo remetidos para a Síria. Navios abarrotados deles tem sido descarregados em Tânis... e em Gaza também de onde são comboiados em caravanas para dentro da Síria. O que os sírios fazem com eles é um mistério. Ninguém pode entender que lucro possam ter em comprar cântaros usados pelo preço dos novos.

Essa história de cântaros contada por Kaptah era notável, mas não queimei os miolos a querer desvendá-la porque o negócio do trigo era de mais importância para mim. Depois que ouvi seu relato até ao fim, disse:

- Vende tudo quanto tens, se necessário for, e compra trigo! Compra todos os estoques que puderes, seja lá qual for o preço. Não compres nenhum que ainda não tenha sido colhido, mas apenas o que puderes ver com teus olhos e esfarelar com teus dedos.

Verifica também se podes comprar outra vez o que já foi expedido para a Síria, porque embora o faraó pelos termos do tratado de paz deva remete-lo, ainda assim a Síria poderá sempre adquiri-lo da

Babilônia. Realmente a carestia deve assolar a terra de Kan; portanto, que seja amaldiçoado o homem que vende trigo das reservas do faraó só para fazer concorrência ao trigo da Babilônia!

Ao ouvir isso Kaptah elogiou ainda mais a minha sabedoria.

- Concordo com o meu amo que, aliás, quando estes negócios forem concluídos, será o homem mais rico do Egito. Acho que ainda posso comprar trigo, embora esteja a preço de usurário. Mas o homem que o patrão amaldiçoou é simplesmente o sacerdote Eie, que vendeu grão à Síria no começo enquanto o preço ainda estava baixo. Em sua insensatez vendeu tal quantidade que dá para suprir a Síria durante muitos anos, e o fez só porque a Síria pagou imediatamente e em ouro, e ele, Eie, precisava de ouro para o festival do faraó. Os sírios não no-lo revenderão porque são negociantes astuciosos e imagino que hão de querer esperar até chegarmos a medir um grão de trigo por outro de ouro. Só então é que no-lo revenderão, drenando todo o ouro do Egito para as suas arcas.

Mas logo esqueci o trigo e a carestia que ameaçava o Egito, e o futuro que jazia escondido nas trevas desde que o poente arremessara seu fulgor rubro de sangue por sobre Akhetaton. Olhei para os olhos de Mérito e meu coração se embeveceu com a beleza dela que era vinho na minha boca e bálsamo nos meus cabelos. Kaptah despediu-se, e ela estendeu a esteira para que eu me deitasse. Não hesitei mais em chamá-la de minha irmã, embora houvesse julgado, tempos antes, que jamais tornaria a chamar uma outra mulher assim.

Segurava minhas mãos durante a treva da noite, respirava em cima do meu rosto, e meu coração não tinha segredos para ela que me falava sem falsidade nem mágoa. Sua alma reteve aquele seu segredo, que jamais vim a deduzir qual fosse. A seu lado eu não me sentia estrangeiro no mundo, porque o seu corpo era a minha pátria, os beijos da sua boca enxotavam a solidão... E todavia isso não era senão uma ilusão fugaz pela qual eu precisava passar para que a medida da minha experiência ficasse repleta.

Na taverna O Rabo do Crocodilo revi o pequenino Thoth cujo aspecto aqueceu meu coração. Atirou os braços ao meu pescoço,

chamou-me de "pai" o que me fez admirar sua memória. Mérito disse-me que a mãe de Thoth tinha morrido e que ela então o trouxera para casa porque desde que o levara a circuncidar se comprometera, segundo o costume, a criá-lo caso os pais não o pudessem fazer. Thoth se achava a bem dizer em casa ali na taverna O Rabo do Crocodilo onde os fregueses gostavam muito dele e lhe traziam presentes e brinquedos para agradar a Mérito.

Fiquei encantado com ele e durante a minha estadia em Tebas o trouxe para morar na casa do fundidor. Muti ficou radiante com isso. Vendo-o brincar ao pé do sicomoros, e ouvindo-o discutir e brincar com os outros meninos, lembrei-me da minha infância e tive inveja dele. Gostava tanto dali que passava as noites comigo também; por vontade e prazer comecei a lhe dar aulas embora ele ainda não estivesse na idade de ir à escola. Achei-o inteligente; aprendeu logo os sinais e os caracteres da escrita e resolvi matriculá-lo à minha custa na melhor escola de Tebas freqüentada pelas crianças de alta extração. Isso tornou Mérito muito feliz. Muti não se cansava de assar ao forno bolos de mel para ele e de contar-lhe histórias. Ela agora estava como queria: havia uma criança em casa mas sem a mãe para aborrecer uma criada e lhe jogar água quente nos pés, conforme faziam as esposas que se vingavam dos maridos brigados, maltratando a criadagem.

Minha felicidade poderia ter sido total; mas naquela ocasião havia distúrbios em Tebas, distúrbios esses aos quais eu não podia fechar os olhos. Não se passava um dia sem rixas nas ruas, e as intermináveis disputas sobre Ammon e Aton acabavam em derramamento de sangue e cabeças quebradas. Os guardas e os magistrados do faraó tinham muito que fazer porque todos os dias homens, mulheres e crianças eram amarrados com cordas e levados para o cais a fim de seguir para os campos e até mesmo para as minas do faraó por causa de Ammon. Mas suas partidas não eram degradantes porque o povo se aglomerava no cais para saudá-los e jogar-lhes flores. Os prisioneiros erguiam as mãos algemadas e diziam:

- Voltaremos em breve. Sim, voltaremos em breve para provar o sangue de Ammon.

Por causa do povo os guardas não ousavam silenciar os prisioneiros e não os esbordoavam senão depois que os navios desatracavam das docas. Desta forma a população de Tebas estava dividida entre ai. O pai contra o filho, a mulher contra o marido, e tudo por causa de Aton.

Assim como os prosélitos de Aton usavam cruces da vida no pescoço ou nas vestes, assim o chifre era a marca dos crentes de Ammon que também o usavam à mostra. Ninguém podia proibir tal uso porque desde séculos aquele chifre vinha sendo aceito como adorno em vestidos e como variação em jóias.

Para surpresa minha o poder de Aton aumentara sensivelmente em Tebas de um ano para cá, e no princípio dei tratos ao raciocínio para descobrir o motivo. Muitos colonos tinham voltado para a cidade e, como tinham perdido tudo, traziam Aton envolto em suas amarguras e queixas e acusavam os sacerdotes de lhes haver envenenado o trigo, mandado entupir os fossos de irrigação e obrigado o gado a pisar na lavoura. Muitos tinham aprendido a nova maneira de escrever e freqüentado as escolas de Aton, e lhe eram favoráveis de modo acérrimo como sói acontecer com a juventude e a mocidade por ocasião de competições e rivalidades. Os estivadores e escravos das docas falavam assim:

- O nosso trato diminuiu para a metade do que era e não temos mais nada a perder. Aos olhos de Aton não há senhor nem escravo, patrão nem criado, ao passo que Ammon nos cobra preços altos pelo que precisamos dele.

Os mais ardorosos campeões de Aton eram os ladrões, os violadores de tumbas e os traidores que tinham enriquecido bastante com delações e que receavam vinganças caso as coisas mudassem. Todos aqueles que de uma maneira ou de outra ganhavam seu pão como funcionário desejavam continuar nas boas graças do faraó e da divindade oficial. Além disso havia ainda as pessoas que mais não queriam ser senão cidadãos pacíficos e honestos, pois estavam cansadas de tudo isso e, tendo perdido a crença em qualquer deus, se lamentavam amargamente:

- Reine Ammon ou Aton tanto se nos dá. Desejam:os apenas viver em paz e trabalhar. Mas nos reviram deste lado e daquele outro, de



modo que já nem sabemos se estamos de cabeça para baixo ou vice-versa...

Mas quem mais sofria era quem procurava manter seu espírito livre, achando que cada homem tinha o direito de escolher a própria crença. Mas logo todos simultaneamente caíam sobre esse pobre diabo, humilhando-o, acusando-o de indiferença e incúria, de estupidez e de relaxamento, de apostasia e atraso e até o atormentavam que ele acabava aceitando uma cruz ou um chifre, optando por um compromisso que, dos dois, fosse o menos capaz de aborrece-lo.

Muitas casas expunham um dos dois emblemas; botequins, cervejarias, casas de divertimentos os expunham, de modo que partidários do chifre bebiam num lugar e partidários da cruz em outro.

As raparigas que exerciam a vida junto às muralhas, dependuravam cruces ou chifres no pescoço, conforme cuidavam que fosse mais conveniente para o aumento de clientes. Todas as noites elementos das duas facções percorriam as ruas em bebedeiras e quebravam lâmpadas, destruíam tochas, "ralavam" janelas e portas e se empenhavam em luta uns com os outros. Não saberei dizer qual facção era a pior, pois ambas me aterrorizavam.

A taverna O Rabo do Crocodilo também se viu compelida a expor a sua insígnia, embora a contragosto de Kaptah que preferia concordar com todo aquele de quem pudesse extrair dinheiro. Mas não pode sequer optar pessoalmente já que todas as noites a cruz da vida era garatujada nas paredes da taverna e rodeada por figuras indecentes. Isso era muito natural porque os negociantes de trigo nutriam ódio profundo por Kaptah que os empobrecera distribuindo trigo aos colonos; não adiantava nada haver declarado na nova licença a taverna em nome de Mérito. Foi alegado depois, que determinado sacerdote de Ammon fora recebido com violência em sua casa. Os habituais fregueses de Kaptah pertenciam ao grupo duvidoso dos ricos do porto que não vacilavam diante de nenhum meio para adquirir riqueza e que se tinham declarado todos favoráveis a Aton, já que fora através dele que haviam prosperado.

Ninguém teve a ousadia de perseguir-me, porque eu era médico da corte e os habitantes do bairro pobre não se esqueciam de mim nem de meus trabalhos. Por isso nem cruzes nem pinturas obscenas apareciam nas minhas paredes e nem eram atiradas carcaças no meu pórtico. Mesmo os desordeiros bêbados respeitavam minha casa quando perambulavam nela ruas. de noite berrando o nome de Ammon só para enfezar os guardas. O respeito para com aqueles que traziam o emblema do faraó estava na massa do sangue do povo, não obstante os sacerdotes fazerem tudo para convence-lo de que Akhnaton era um falso faraó. Mas certo dia de calor Thoth entrou em casa, largando os brinquedos; e estava todo machucado, com sangue a lhe escorrer do nariz e com um dente quebrado. Entrou soluçando, embora fizesse tudo para se mostrar um garoto valente. E Muti ficou furjosa. Chorou enquanto lhe lavava a cara; mas depois, agarrando num pau, exclamou, agitando os punhos ossudos:

- Ammon, ou Aton, tanto se me dá. Mas desta vez os fedelhos do tecelão me pagam!

Enveredou rua afora antes que eu a pudesse reter, e logo veio da esquina uma gritaria de meninos, berros pedindo socorro e vociferações de um homem. Thoth e eu espiamos medrosamente por um vão da porta e vimos Muti malhando em nome de Aton os cinco filhos do tecelão, mais ele próprio e a respectiva mulher. E daí a pouco voltou, ainda ofegando, furiosa. E quando tentei ralar com ela e explicar-lhe que o ódio gerava ódios e a vingança nutria vinganças, ela quase me esbordoou também. Mas no decorrer do dia a consciência começou a atanazá-la. Então tirou do forno alguns bolos de mel e de uma prateleira um pichel de cerveja; enfiou tudo numa cesta e embarafustou para a casa do tecelão a fim de fazer as pazes com ele, a mulher e criançada. Depois desse incidente, o homem tomou-se de veneração por Muti, e seus filhos se tornaram amigos de Thoth. Surrupiam bolos de mel da nossa cozinha e juntos lutavam tanto com partidários do chifre como da cruz, bastando que jovens prosélitos invadissem a rua para promover desordem.

Pouco resta a dizer desta temporada em Tebas. Até que um dia o faraó Akhnaton mandou-me chamar porque suas cefaléias haviam piorado e não me foi possível adiar por mais tempo a minha partida. Despedi-me de Mérito e do pequeno Thoth, pois por infelicidade não pude levá-los comigo, o que senti sobremaneira; mas o faraó recomendara que eu voltasse com a maior urgência.

Disse a Mérito:

- Vem ver-me. E traz o pequeno Thoth. Morarás comigo em minha casa lá em Akhetaton e seremos felizes juntos.

Mérito respondeu:

- Arrancai uma flor de seu lugar no oásis que o deserto abrasa, plantai-a num solo fértil, regai-a todos os dias, e ela murchará e morrerá. Assim acontecerá comigo em Akhetaton; da mesma forma a vossa amizade por mim murchará e morrerá quando me comparardes com as mulheres da corte. Encarregar-se-ão de acentuar cada ponto em que eu e elas diferirmos. Conheço-as, e creio que conheço os homens também. Não se coadunaria com a vossa condição social manter em vossa casa uma mulher criada numa taverna que desde tanto tempo é freqüentada por beberrões.

Retruquei:

- Mérito, minha amada! Voltarei assim que puder, porque longe de ti tenho sempre fome e sede. Muitos tem deixado Akhetaton, para nunca mais voltar ainda acabarei fazendo o mesmo.

- Responsabilizai-vos, Sinuhe, pelo que está acima de vossas forças. Conheço- vos. Sei que não está em vosso temperamento abandonar o faraó quando os outros o abandonam. Nos tempos normais talvez fizésseis isso, mas atualmente não o fareis. Assim é o vosso coração, Sinuhe, e decerto é por esse motivo que vos aprecio tanto. Suas palavras comoveram-me e senti um aperto na garganta ao pensar que a poderia perder um dia. Disse-lhe com muita seriedade:

- Mérito, o Egito não é o único país que existe no mundo. Estou farto de batalhas entre deuses e não aturo mais a loucura do faraó. Fugamos para algum lugar bem distante onde viveremos juntos, tu, Thoth e eu, sem receio do dia de amanhã.

Mas Mérito sorriu. Aquela névoa esquisita no fundo dos seus olhos aumentou. Disse-me:

- Falais por falar e bem sabeis disso. Em todo caso vossas palavras me comparam porque provam que me amais. Mas não acho que possais viver feliz fora do Egito, assim como eu não sei viver senão em Tebas. Não, Sinuhe, ninguém pode viver ao léu. Futuramente, quando eu ficasse velha, gorda e feia, vos aborreceríeis de mim e teríeis saudades do que vos faltou por minha causa. Prefiro ficar longe a ver acontecer uma coisa assim.

- És a minha pátria e o meu lar, Mérito. És o pão nos meus dedos e o vinho na minha boca. Bem sabes disso. És o único ser no mundo em cuja companhia não me sinto isolado e por isso te amo.

- Sim, realmente! - concordou Mérito com um modo "um tanto amargurado." - Sou a esteira forrada que amacia vossa solidão... Ou sou apenas a esteira que se vai gastando... Mas tem que ser assim, e nada mais desejo senão isso. Eis o motivo pelo qual não vos conto o segredo que corrói o meu coração... segredo esse que talvez devêsseis saber. Guardá-lo-ei comigo, não obstante, em horas de fraqueza, haver querido vos contar para o vosso bem, Sinuhe, apenas para o vosso bem que o esconde de vós.

Não me confiava seu segredo porque ainda era mais ativa do que eu e talvez mais solitária; verdade que naquela ocasião não depreendi isso, pois pensava apenas em mim.

Tenho impressão de que todos os homens são assim quando amam; nem por isso me quero desculpar. Os homens que julgam não pensam a não ser neles próprio, quando amam, estão iludidos, como o estão em muitas outras coisas.

Assim pois, mais uma vez deixei Tebas e voltei para Akhetaton. E do que daí por diante aconteceu só há males a relatar.

# LIVRO XIII

O REINO DE ATON NA  
FACE DA TERRA



Assim que cheguei a Akhetaton encontrei o faraó muito mal, precisando de veras do meu auxílio. Estava com o rosto mais magro, com os malarres salientes e o pescoço parecia mais comprido. Era-lhe impossível suportar o peso da coroa dupla que forçava sua cabeça para trás quando era obrigado a usá-la em cerimônias oficiais. Suas coxas tinham inchado e todavia as pernas, do joelho para baixo, eram quase ossos apenas de tão finas. As órbitas também tinham olheiras violáceas e bolsas de edema, devido as constantes dores de cabeça. Os olhos não fixavam ninguém, diretamente; pareciam vagar em outros parâmetros. O faraó chegava a esquecer que falava com alguém, tão distante ficando em seus pensamentos. As cefaléias pioraram por causa do seu costume de andar com a cabeça descoberta na hora do sol a pino para receber a bênção dos raios bem em cima da cabeça. Mas os raios de Aton não dardejavam bênçãos; pelo contrário, envenenavam-no, fazendo-o delirar e ter visões ruins. Talvez o deus e ele se assemelhassem, demasiado liberais em sua generosidade de amar, demasiado opressivos e profusos em suas bênçãos estando tudo quanto tocassem. Em seus momentos lúcidos, quando eu lhe aplicava toalhas molhadas na cabeça e lhe ministrava sedativos para suavizar a dor, os olhos escuros e aflitos do faraó pousavam em mim com uma desilusão tão inenarrável que meu coração se comovia por causa dele... E eu o amava.

Quanto eu não sacrificaria para lhe poupar essa angústia!

Dizia-me:

- Sinuhe, quem sabe se as minhas visões são mentiras, uma conseqüência do meu mal físico? Se assim é, então a vida é inconcebivelmente hedionda e o mundo não é governado pela bondade mas sim pelo mal ilimitado. Impossível! Impossível! Minhas visões são verdadeiras. Ouves, Sinuhe, o

persistente? Minhas visões devem ser verdadeiras, apesar do sol não iluminar mais a minha alma e os meus amigos cuspirem no meu leito. Não sou cego. Penetro com o meu olhar o coração dos homens. Perscruto o teu, também, Sinuhe... O teu fraco e vacilante coração... E sei que me consideras louco. Todavia te perdôo por causa da luz que outrora fulgia dentro do teu coração.

Quando as dores o assaltavam, gemia e exclamava:

- Os homens tem pena de um animal doente, Sinuhe, e o liquidam com um pau... Há sempre uma espada bondosa para aliviar a agonia de um leão ferido... Mas para um homem ninguém usa de misericórdia! A minha desilusão me é mais amarga do que a morte porque a sua luz jorra dentro da minha alma. Sei que meu corpo morre... mas meu espírito vive eternamente. Promano do sol, Sinuhe, e ao sol voltarei... E anseio por essa volta por causa da amargura da minha desolação.

Quando o outono chegou, o faraó começou a melhorar bem, embora tivesse sido preferível que eu o houvesse deixado morrer. Mas um médico não pode deixar que o paciente morra se dispõe de meios para restabelece-lo... E nisso reside muitas vezes ser ele amaldiçoado. A saúde do faraó melhorou; tornou-se então mais taciturno. Deixou de conversar comigo ou com quaisquer outras pessoas. Seu olhar agora era sinistro, profunda a sua solidão.

Não errara ao dizer que os amigos cuspiam em seu leito, pois a rainha Nefertiti, tendo lhe dado cinco filhas, enjoou do esposo, desgostando-o e afligindo-o de todas as maneiras. Quando pela sexta vez engravidou, a criança só era do faraó nominalmente. Ela perdera toda compostura e se entregava a qualquer um; até mesmo o meu amigo Thothmes a possuiu.

Sua beleza ainda era viçosa, não obstante sua primavera já haver florido e passado; mas em seus olhos e em seu sorriso permaneciam atrativos a que os homens não podiam resistir. Soube disseminar suas intrigas por entre parentes e íncimos do faraó, de modo a afastá-los. Assim o círculo de amizade protetora em torno dele foi se rompendo até se desfazer.

Era voluntariosa, de uma clarividência perturbadoramente aguda. Quando numa mulher a malícia combina com a inteligência e a

beleza tal mulher se torna perigosa deveras. Mais perigosa ainda, se aliar a tudo isso o poder de consorte real. Durante bastantes anos Nefertiti se contentou em governar só com a sua beleza, sentindo prazer em jóias, vinho, versos e adulação. Agora, bem depois do nascimento da quinta filha, algo pareceu se quebrar.

Passou a acreditar que jamais teria um filho e lançou a culpa disso sobre Akhnaton. Cumpre lembrar que em suas veias corria o sangue escuro e misterioso de Eie, o sacerdote, o sangue da injustiça, da traição e da voracidade. Diga-se em sua defesa que nunca até então alguém ousara falar mal dela; nenhum escândalo a seu respeito se propalou; sempre fora fiel, cercara sempre o faraó Akhnaton com a ternura de uma esposa afável, defendendo sua loucura e acreditando nas suas visões. Muita gente ficou abismada com a sua transformação repentina, vendo nisso um sinal da maldição que pairava como uma nuvem sufocante sobre Akhetaton. Tamanha foi a sua queda que chegou a ter a fama de se entregar a criados, sardanitas e talhadores de jazigo, embora eu não acredite nisso. Sempre que as pessoas tem margem para falar de alguém gostam de exagerar afirmando coisas não baseadas na realidade.

Fosse como fosse, o faraó se fechou em sua solidão. Seu alimento era o pão e a aveia dos pobres, e a sua bebida era a água do Nilo, pois desejava obter de novo a clarividência pela purificação do corpo, e cuidava que a carne e o vinho haviam obscurecido seu olhar.

Do mundo exterior deixaram de chegar boas novas a Akhetaton. Aziru mandava da Síria uma infinidade de tábuas de argila cheias de queixas e reclamações. Os seus homens desejavam voltar para seus lares, dizia ele, para cuidar do gado e dos rebanhos, para lavrar o campos e rever as mulheres, pois eram amantes da paz. Mas bandos de salteadores, munidos de armas egípcias e dirigidos por oficiais egípcios, faziam continuas incursões pela Síria adentro, vinda do deserto de Sinai e constituíam um perigo constante para a nação. Ora, isso o impedia de deixar, que seus homens regressassem aos lares. Queixava-se também de que o comandante de Gaza se comportava de modo inconveniente, desrespeitando



o tratado de paz quer na interpretação quer no texto, fechava as portas da cidade a mercadores pacíficos, permitindo a entrada apenas aos que lhe convinham. Aziru fazia outras queixas e dizia que qualquer outro que não ele já teria perdido a paciência; que suportava ainda só porque era amante da paz; mas que ainda assim, caso não fosse posto um paradeiro nesse estado de coisas, não se responsabilizava pelas conseqüências.

Babilônia também se sentia melindrada com o Egito por causa da concorrência que este estava fazendo nos mercados sírios com o trigo. O rei Burnaburiash não se satisfizera de a modo algum com os presentes recebidos do faraó e apresentara diversas considerações.

O embaixador da Babilônia em Akhetaton puxou, a barba, encolheu os ombros, abriu os braços e declarou:

- O meu soberano é como um leão que se levanta preocupado em sua toca e fareja o vento para saber as novidades. O meu soberano põe suas esperanças no Egito; mas se o Egito ficar pobre demais e não lhe puder mandar ouro que de para que contratemos homens sadios e fabriquemos bons carros militares, não sei o que acontecera. Embora o meu soberano prove sempre ser amigo de um Egito poderoso e rico, de que lhe poderá valer a amizade de um país fraco e impotente? Será um mero peso morto. Devo dizer que o meu soberano ficou profundamente chocado e surpreendido quando o Egito, em sua fraqueza, concedeu liberdade à Síria. Quem mais próximo de cada um de nós senão nós mesmos? Logo, a Babilônia tem que levar em consideração a Babilônia!...

Pouco depois, uma delegação hitita constituída por chefes eminentes, chegou a Akhetaton. Tais emissários declararam que tinham vindo para confirmar a amizade hereditária entre o Egito e da terra de Hati, e ao mesmo tempo para travar relações com os costumes do Egito, do qual só tinham ouvido sempre elogios e conhecer bem o exército egípcio de cujas armas e disciplina acreditavam que muito teriam que aprender. Suas maneiras eram cordiais e corretas; trouxeram magníficos presentes para os oficiais e dignitários da corte. Entre os presentes que ofereceram a Tut, genro do faraó, havia uma faca de metal azul, mais fina e mais forte

do que todas as outras facas. Eu era a única outra pessoa em Akhetaton que possuía uma lâmina assim - presente, aliás, de um mestre de porto, hitita, conforme já contei. Aconselhei Tut dar-lhe um banho de prata e por-lhe um cabo de ouro à maneira da Síria, como eu fizera com a minha. Tut ficou tão radiante com essa arma que declarou que a queria ter consigo em sua tumba. Era um rapazola delicado, doentio, que pensava na morte com uma frequência que não era comum às crianças da sua idade.

Aqueles chefes hititas eram realmente homens agradáveis e cultos. Lembravam, assim com narinas grandes, queixos resolutos e olhos perspicazes, criaturas selvagens. E logo fascinaram as mulheres da corte. De manhã até de noite, e desde de noite até de manhã eles eram brilhantemente festejados nos palácios dos grandes. Diziam, sorrindo:

- Sabemos que muitas coisas terríveis são ditas da nossa terra. Invenção de vizinhos invejosos. Por isso temos o satisfatório intuito de comparecer perante vós para que vejais que somos uma nação culta e que muitos dentre nós sabem ler e escrever. Somos uma população pacífica e de testamos a guerra. Buscamos apenas um conhecimento que possa ser útil às nossas pesquisas e métodos de instrução do povo. Não acrediteis nas invencionices que os fugitivos de Mitani assoalham a nosso respeito. Excedem-se em sua amargura porque, tomados de medo, abandonaram sua terra, e suas posses. Podemos garantir que nenhum mal lhes sucederia se tivessem permanecido. Ora, deveis compreender que a terra de Hati está superlotada, devido à muita natalidade porque o grande Shubiluliuma se empenha numa administração fecunda. Por conseguinte temos falta de espaço para a população, bem como de pastagens para nossos rebanhos. De mais a mais, não podíamos assistir impassíveis opressão e aos erros que prevaleciam na terra de Mitani. Mesmo porque o próprio povo apelou para nós, solicitando auxílio, e assim marchamos para suas fronteiras não como conquistadores e sim como libertadores. Já agora em Mitani há áreas bastantes para grandes populações e rebanhos, estando longe de nossas idéias quaisquer outras anexações, pois somos um povo que ama a paz.

Esticaram os braços soerguendo as taças e brindaram o Egito, enquanto as mulheres contemplavam suas robustas nuças e seus olhos rapaces. E eles nos elogiavam:

- O Egito é uma terra gloriosa e que muito prezamos. Em nossa pátria também está à disposição dos egípcios muita coisa que queiram aprender. Estamos às ordens dos egípcios que nos dedicam amizade e que acaso desejem se familiarizar com os nossos costumes. Gabaram muito as pessoas eminentes de Akhetaton que os trataram com muita fidalguia mostrando-lhes tudo por quanto se interessavam. Mas a meu sentir, esses estrangeiros traziam em suas armaduras e uniformes o ranço de cadáveres.

Lembrei-me de seu país árido e dos feiticeiros que vi suspensos em postes ao longo das estradas. De modo que não me deixaram saudades quando partiram de Akhetaton.

Aliás, esta cidade mudara muito. Seus habitantes haviam sido contaminados por não sei qual frenesi, e jamais vi tanta gente beber, comer e divertir-se tão febrilmente como nessa ocasião. Tratava-se, porém, de uma alegria fictícia, pois tal gente procurava apenas não pensar no futuro.

As vezes um silêncio mortal cata sobre Akhetaton, como se os risos se transformassem em esgares; as pessoas olhavam umas para as outras com desconfiança e temor, esquecidas do que estavam a conversar. Os artistas também foram atingidos por essa febre singular. Desenhavam, pintavam e esculpavam mais diligentemente do que nunca como se pressentissem que o tempo escorria por entre seus dedos.

Exageravam a verdade em grau fantástico; seus pincéis e escopros achavam só distorções. Emulavam-se na produção de formas cada vez mais estranhas e extravagantes, chegando a jurar que podiam representar uma fisionomia ou um movimento com poucas linhas ou golpes. Comentei com Thothmes:

- O faraó Akhnaton ergueu-te do pó e fez-te seu amigo. Por que motivo esculpiste suas feições como se odiasses? Por que motivo cuspiste no seu leito e ultrajaste sua amizade?

Respondeu-me:

- Não te intrometas em coisas que não podes compreender, Sinuhe. Sei lá se o odeio!... Em todo o caso odeio mais a mim mesmo. O fogo da criação arde dentro de mim, e as minhas mãos jamais estiveram tão hábeis do que atualmente. É possível que quando o artista se acha insatisfeito e tem raiva de si próprio consiga criar melhor... Melhor do que quando se sente satisfeito e cheio de egolatria. Tudo quanto exculpo nasce de mim, e em cada pedaço ou bloco de escultura me escavo em pedra, para sobreviver eternamente. Não conheço rivais; ultrapasso todos, e não sei o que sejam regras a infringir porque a minha arte paira acima de quaisquer regras, e porque sou mais deus do que homem. Ao criar formas e cores estou competindo com Aton e excedendo-o, porque tudo quanto Aton cria é perecível ao passo que minhas criações são eternas.

Sempre que falava assim estava bêbado e eu o perdoava, bem como ao que dizia, porque o tormento queimava sua face e eu percebia, fitando seus olhos, que ele era profundamente infeliz.

O tempo passou, a colheita foi realizada, o rio transbordou e baixou, e chegou o inverno. E com ele se alastrou a carestia pela terra do Egito, e impossível era se prognosticar os infortúnios próximos. Vieram notícias de que Aziru abrisse um número maior de cidades sírias para os hititas e que os carros destes tinham atravessado o deserto de Sinai atacando Tânis e saqueando as cercanias.

Tais notícias fizeram Eie vir à pressa de Tebas e Horemheb de Menfis a fim de se aconselharem com o faraó Akhnaton e salvar o que fosse possível. Dada a minha condição de médico estive presente a essas conferências, temendo que o faraó se excitasse demais e adoecesse por causa das calamidades que iria ouvir. Mas o faraó se mostrou reservado e frio, e permaneceu senhor de si completamente.

Eie, o sacerdote; disse-lhe:

- Os depósitos do império estão vazios, e a terra de Kush não pagou tributo este ano, exatamente quando pus minhas esperanças na entrada desse dinheiro. Grande carestia assola a nação, e o povo está arrancando as plantas aquáticas da vasa para comer as raízes; e se alimenta também de gafanhotos, escaravelhos e rãs. Muita

gente pereceu e muita gente perecerá. Mesmo com a mais estrita distribuição, o trigo do faraó é insuficiente, ao passo que o dos negociantes é caro demais para a bolsa do povo. Todos os espíritos estão possuídos de grande pavor. Os camponeses fogem para as cidades, e os moradores das cidades fogem para os campos. E todos dizem que isso é resultado da maldição de Ammon, e que foi o novo deus do faraó quem trouxe todo esse sofrimento, Isto posto e considerado, faraó Akhnaton, reconciliai-vos com os sacerdotes e restaurai Ammon em seu poder para que o povo o venere e os espíritos se pacifiquem. Devolvi a Ammon as suas terras para que ele as mande semear, pois o povo sem isso não lavra as terras, A vossa terra também permanece sem lavoura porque o povo crê que seja terra amaldiçoada. Reconciliai-vos com Ammon enquanto ainda é tempo, do contrário lavo as mãos quanto conseqüências.

Mas Horemheb disse:

- Burnaburiash comprou a paz aos hititas, e Aziru, rendendo-se à pressão destes, se fez aliado dos mesmos. O número de suas tropas na Síria iguala às areias do mar, e o número de seus carros é como o das estrelas no céu. Farejam a desgraça do Egito, porque, astutos como são, os hititas estão transportando água para o deserto levando-a em cântaros. Como não dispõem de frota, conduziram até ao deserto infinitas porções de água, de maneira que quando a primavera vier um poderosíssimo exército poderá atravessar o deserto sem sucumbir de sede. Compraram no Egito número incalculável de cântaros, e os mercadores que lhos venderam cavaram sem saber suas próprias tumbas. Os carros de Aziru e dos hititas estiveram fazendo reconhecimentos e incursões até Tânis e pelo território do Egito adentro, rompendo assim o tratado de paz. O dano que causaram é quase nenhum, evidentemente, mas mandei espalhar boatos de terrível devastação e de medonha crueldade dos hititas para que desta forma o povo se inflame e fique apto a batalhar com energia. Ainda é tempo, faraó Akhnaton! Mandai soar as trombetas, mandai reunir as bandeiras... e declarai guerra! Convocai quantos estiverem aptos a pegar, em armas, mandai exercitá-los, requisitai todo o cobre da nação para que se façam espadas e arcos, e a vossa soberania estará salva. Eu

em pessoa a salvarei mediante uma guerra incomparável; derrotarei os hititas e reconquistarei a Síria para vós. Poderei fazer isso se todos os recursos do Egito forem colocados à disposição do exército. A fome faz guerreiros até mesmo dos covardes. Nem Ammon nem Aton me interessam; o povo esquecerá Ammon tão logo estejamos em guerra. O nervosismo da população achará saída na luta contra o inimigo, e um conflito vitorioso reforçará ainda mais o vosso poder. Prometo-vos uma guerra de conquista, faraó Akhnaton, pois eu sou Horemheb, o Filho do Falcão. Nasci para grandes feitos, e chegada é a hora que estive esperando a vida toda.

Assim que ouviu isso, Eie atalhou:

- Não acrediteis em Horemheb, faraó Akhnaton, meu querido filho! Sua língua só fala falsidades, e o que há nele é ambição de poder. Reconciliai-vos com os sacerdotes de Ammon e declarai guerra, mas não entreguem o comando a Horemheb. Entregai o comando a um veterano experimentado que tenha estudado nas escrituras antigas as artes da guerra conforme eram praticadas ao tempo dos grandes faraós. Entregai o comando a um homem em que possais confiar plenamente.

E Horemheb redarguiu:

- Se não estivéssemos na presença do faraó, eu te esborracharia o nariz imundo, Eie, sacerdote. Medes-me pelo que és, e a traição fala por tua língua porque já negociaste em segredo com os sacerdotes de Ammon e fizeste combinações com eles por detrás do faraó; não faltarei com o meu auxílio ao mancebo cuja fraqueza protegi outrora com a minha capa perto das colinas de Tebas; o meu intuito é a grandeza do Egito, e só eu o posso salvar.

E o faraó perguntou:

- Concluístes, ambos?...

E os dois responderam em uníssono:

- Dissemos o que tínhamos a falar.

Então falou o faraó:

- Preciso orar e vigiar, antes de decidir. Reuni amanhã o povo todo, todos aqueles que me amam, grandes e pequenos, senhores e servos. Chamai também lá da cidade os pedreiros e educadores.

Através deles falarei a todo o meu povo e lhe revelarei o meu propósito.

Fizeram conforme ele recomendou e ordenaram ao povo que se reunisse no dia seguinte.

Fizeram conforme ele recomendou e que se reunisse no dia seguinte; Ele, na crença de que ele se reconciliaria com Ammon; Horemheb na esperança de que ele declararia guerra a Aziru e aos hititas. Durante a noite toda o faraó esteve em vigília e em oração e andou sem parar pelos seus aposentos, sem comer nem falar com ninguém, a ponto de eu, que era seu médico, ficar preocupadíssimo. No dia seguinte transportaram-no perante o povo. Sentado no trono, foi com um semblante claro e radioso que ergueu as mãos e falou:

- Devido à minha fraqueza há fome agora na terra do Egito; devido à minha fraqueza o inimigo ameaça as nossas fronteiras. Os hititas estão agora preparando uma invasão do Egito através da Síria, e brevemente os seus pés pisarão a Terra Negra. Tudo isso está na iminência de acontecer devido à minha fraqueza... porque não ouvi com a suficiente clareza a voz do meu deus e não realizei a sua vontade. Mas agora o meu deus se revelou a mim. Aton apareceu-me e a sua verdade arde dentro do meu coração, de modo que já não sou mais fraco nem vacilante. Derrubei o falso deus mas, devido a um propósito infundado, permiti que os demais deuses reinassem ao lado de Aton. E a sombra desses deuses escureceu o Egito. Mas hoje todos os velhos deuses devem cair para que a luz de Aton prevaleça como a única luz por sobre toda a terra de Kan. Hoje todos os deuses devem sumir. Hoje começa o reinado de Aton sobre a face da terra!

Quando a multidão ouviu isto, uma onda de horror enrugou toda aquela superfície humana. E muitos se prostraram diante do faraó. Mas Akhnaton ergueu a voz e continuou com firmeza:

- Vós que me amais ide agora derrubar os antigos deuses pela terra de Kan! Derrubai-lhes os altares! Destruí suas imagens! Derramai no chão suas águas lustrais! Abatei seus templos! Expungi seus nomes de todas as inscrições... entrai mesmo nas tumbas para fazer isso... para que o Egito seja salvo. Funcionários, agarrai clavas com as

vossas mãos! Escultores, trocai vossos escopros por machados! Operários, empunhai vossos malhos e ide através das províncias, de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, derrubar os deuses antigos e apagar seus nomes! ... Assim eu libertarei o Egito da servidão do mal.

Muitos fugiram de diante dele, apavorados, mas o faraó desferiu um profundo suspiro, e sua face fulgurou ante a exaltação com que falou:

- Possa o reinado de Aton descer à terra! Que de hoje em diante não haja mais escravo nem senhor, e muito menos patrão e servo; que todos sejam iguais e livres aos olhos de Aton! Que ninguém seja obrigado a lavrar a terra de outro ou girar a atafona alheia... Mas que cada homem escolha o trabalho que quiser e tenha liberdade de locomoção. Eis o que diz o Faraó!

Não houve mais o menor movimento na multidão. Todos permaneceram mudos e imóveis com os olhos cravados no faraó, que cresceu diante deles; e o resplendor do êxtase que alterou o seu semblante os assombrou de tal forma que de súbito um clamor se levantou. E depois, uns começaram a comentar com os outros:

- Coisa assim jamais foi vista... Na verdade o deus fala por sua boca e devemos obedecer.

O povo dispersou-se excitado, aos encontrões, e houve lutas nas ruas, tendo os prosélitos mais exaltados do faraó deixado mortos, no chão, alguns velhos que imprecavam contra o soberano. Mas depois que o povo se dispersou, Eie disse a faraó:

- Akhnaton, jogai fora a coroa e quebrai o cetro-cajado, porque as palavras que proferistes já derrubaram o vosso trono.

E esta foi a resposta do faraó:

- O que eu proferi trouxe imortalidade ao meu nome, e me firmou no coração dos homens por todos os séculos dos séculos.

Então Eie esfregou as mãos uma na outra, cuspiu no chão diante do faraó, desfez a saliva no chão com o pé e disse:

- Se assim é, lavo as minhas mãos e passo a agir conforme me parecer melhor. Perante um louco não presto juramento das minhas ações.



E fez menção de sair; mas Horemheb agarrou-o pelo braço e pela nuca e reteve com facilidade, apesar de Eie ser um homem corpulento e forte. E Horemheb declarou:

- Ele é o teu faraó! Tens que obedecer às suas ordens, Eie, e não atraioá-la. Se o traíres, mandarei traspassar tua barriga embora tenha que chamar um regimento para te caçar! Sem dúvida a loucura do faraó é profunda e perigosa, mas eu o amo e permanecerei firme a seu lado porque lhe jurei sujeição! Existem centelhas de juízo em seus delírios. Se ele se restringisse a derrubar os antigos deuses, seguir-se-ia a guerra civil. Libertando os escravos dos moinhos e das terras, ele estraga o jogo dos sacerdotes e ganha o povo que ficará todo do seu lado, mesmo que o resultado venha ser uma confusão maior do que a de antes. Para mim isso dá no mesmo... Mas, faraó Akhnaton, que é que vamos fazer com os hititas?

Akhnaton permaneceu com as mãos paradas em cima dos joelhos e não disse nada. Horemheb não desistiu:

- Dai-me ouro e trigo, armas e carros, cavalos e direito absoluto a contratar guerreiros e reunir guardas para a Terra Baixa, e acho que poderei resistir à investida dos hititas.

Então o faraó ergueu para ele os olhos congestionados, e o fulgor sumiu de seu semblante quando disse:

- Proibo-te que declares guerra, Horemheb. Se o povo deseja defender a Terra Negra, não posso impedir. Trigo e ouro... e em armas nem falo... são coisas que não tenho para e dar. E se as tivesse não tas daria porque não quero opor mal ao mal. Podes tomar providencias para a defesa de Tânis, mas não derrames sangue e reage apenas se fores atacado.

- Seja conforme dizeis - falou Horemheb. - Que a insânia prevaleça! Morrerei em Tânis, ao vosso comando, porque sem trigo e sem ouro não pode sobreviver nem mesmo o exército mais valente. Não haverá titubeações nem meias medidas. Defender-me-ei de acordo com o meu próprio bom-senso. Adeus!

Saiu. E Eie também se despediu do faraó, com quem permaneci sozinho. E o faraó me fixou com uns olhos cheios de inenarrável cansaço e disse:

- Foi-se-me o ânimo, com as minhas palavras, Sinuhe. Mas apesar da minha fraqueza me sinto feliz. Que pensas fazer?

Olhei-o com ar aturdido. Então, com leve sorriso, me perguntou:

- Amas-me, Sinuhe?

Como confessasse que o amava apesar mesmo da sua loucura, ele declarou:

- Se me queres bem, sabes o que tens a fazer.

Meu espírito reagiu contra a sua vontade, porque intimamente eu sabia que era que ele queria de mim. Disse-lhe por fim, irritado:

- Cuidei que precisásseis de mim como médico. Mas já que não é isso, então irei. Verdade é que minha cooperação na derrubada das imagens dos deuses será de pouco valor. Tenho braços frágeis demais para empunhar um malho... Mas a vossa vontade será feita. O povo me esfolará vivo, achatará eu crânio nas lajes e penderá o meu corpo de cabeça para baixo no alto da muralha... Mas isso não vos diz respeito. Vou para Tebas, portanto, onde há muitos templos e onde o povo me conhece.

Não respondeu. Retirei-me cheio de cólera.

No dia seguinte Horemheb embarcou na sua nave para Menfis, de onde viajaria para Tânis. Antes que ele fosse prometi emprestar-lhe a maior quantidade de ouro que minhas mãos pudessem arrecadar em Tebas e mandar-lhe metade do trigo que eu possuía. Quanto à outra metade era intenção minha utilizar-me dela para uso próprio. É possível que tenha sido este meu erro que determinou a minha vida restante. Dei metade a Akhnaton e metade a Horemheb. A um só deveria eu ter entregue tudo.

Thothmes e eu viajamos para Tebas e ainda estávamos longe dela e cadáveres já deslizavam pela correnteza abaixo em direção a nós. Tumefatos e balouçantes vinham eles. E víamos que eram de sacerdotes de cabeças raspadas, de homens de condição elevada e humilde, de guardas e escravos. Os crocodilos não precisavam nadar, rio acima, porque nas cidades e aldeias ao longo do rio muitas pessoas perdiam suas vidas e eram arremessadas dentro do rio. Quando chegamos a Tebas diversas partes da cidade ardiam. Mesmo da Cidade dos Mortos se erguiam labaredas, porque o povo estava roubando as tumbas e queimando corpos embalsamados de

sacerdotes. Frenéticos adeptos da cruz jogavam na água partidários do chifre e os malhavam com paus até que morressem afogados, pelo que deduzimos que os antigos deuses já haviam sido derrubados e que Aton vencera.

Fomos diretamente a O Rabo do Crocodilo onde encontramos Kaptah. Este retirara suas roupas luxuosas, sujara de terra o cabelo, vestia agora o traje cinzento dos pobres. Retirara também da órbita a placa de ouro, e estava zelosamente servindo bebidas a escravos andrajosos e a estivadores armados. Dizia-lhes:

- Isso, rejubilai-vos, irmãos, pois hoje é um dia de suma felicidade! Agora já não há mais nem senhores nem escravos, e muito menos eminentes nem humildes, todos tem liberdade absoluta. Hoje podeis beber vinho à minha custa. Espero que vos lembreis da minha taverna caso a boa sorte vos favoreça e vos habilite a arrancar ouro e prata dos templos dos falsos deuses ou das casas dos maus patrões. Sou um escravo como vós, e escravo nasci; como prova do que vos digo, observai o meu olho que um senhor cruel vazou com um estilete ao ficar zangado comigo por eu haver bebido um pichel de cerveja que substituí por água. Tais ruindades não se repetirão nunca mais. Ninguém mais tornará a trabalhar com as suas mãos nem sentirá a dor causada pelas varadas por ser escravo. Tudo será alegria e contentamento, saltos e jogos, interminavelmente.

Só depois que acabou de tagarelar assim foi que deu pela nossa presença. Ficou um tanto atarantado e nos levou para um cômodo particular. E disse:

- Será mais prudente que vistam roupas bem baratas e que sujem a cara e as mãos, porque há aí fora percorrendo as ruas uma chusma de escravos e carregadores entoando louvores a Aton. E em nome de Aton esbordoam todas as pessoas que acham demasiado gordas e com mãos delicadas. Esqueceram-se da minha pança porque outrora fui um escravo e distribuí trigo entre eles e atualmente os deixo beber e não cobro. Digam-me que má fortuna os trouxe a Tebas exatamente nesta hora. Tebas é nestes dias o lugar menos propício para gente de alta categoria. Mostramos-lhe nossos

machados e malhos e dissemos que viéramos derrubar as imagens dos falsos deuses e arrancar seus nomes de todas as inscrições.

Kaptah sacudiu a cabeça, prudentemente e disse:

- Bem hábil é o plano... O povo o aceitará...enquanto não descobrir de que pessoas se trata... Muitas alterações estão iminentes, e os partidários do chifre vingam-se-ão do que lhes fizerdes tão logo reassumam o poder. Não posso acreditar que esta situação perdure. Sim, pois onde os escravos hão de arranjar trigo? De mais a mais, tomados, de violência incontida, cometeram tais barbaridades que levaram muitos partidários da cruz a vacilar e virar partidários do chifre só para que a ordem possa ser restabelecida.

Disse-lhe:

- Já que falaste em trigo, Kaptah, informo-te que prometi metade do nosso grão a Horemheb para que ele mova guerra contra os hititas. Tratarás pois de aguardar minhas ordens, pois deverás remeter essa metade para Tânis. Quanto à outra metade, mandarás moer, e com a farinha farás pães a ser distribuído ao povo faminto em todas as cidades e aldeias onde houver trigo nosso armazenado. E teus criados distribuirão esse pão sem nenhum pagamento, devendo apenas dizer: “Este é o pão de Aton; tomai e comei-o em seu nome, e louvai o faraó e seu deus.”

Ao ouvir isto Kaptah rasgou deveras a frente da roupa visto esta já agora ser de escravo e exclamou, ressentido:

- Senhor, isso o empobrecerá... E onde e como hei de arranjar um lucrozinho? Ah! contaminou-o a loucura do faraó. Na verdade o patrão está andando com as pernas para o ar e com a cabeça no chão. Ai de mim, pobre desgraçado! Para que vim a ver a luz deste dia?... Nem mesmo o escaravelho nos salvará, e ninguém, absolutamente ninguém abençoará o seu... o nosso pão! Além do mais, esse furibundo Horemheb manda respostas ousadas às minhas reclamações, dizendo que eu vá pessoalmente buscar o ouro que lhe emprestei em nome do patrão. É sujeito pior do que um ladrão, esse seu amigo, porque um ladrão leva e pronto... ao passo que Horemheb promete juros sobre o que recebe emprestado, atormentando assim os credores com esperanças vãs. E cada credor acaba queimando o próprio fígado de desespero. Vejo

pelos olhos do patrão que está me dizendo todas essas coisas em tom sério e que não adianta eu lamentar e que devo cumprir suas ordens embora elas o venham a tornar pobre.

Deixamos Kaptah a bajular escravos e a regatear o preço de vasos sagrados e outros valores que os carregadores tinham roubado de templos. Todas as pessoas direitas se tinham retirado para suas casas e trancado as portas. As ruas achavam-se desertas, e alguns templos onde os sacerdotes se haviam acoitado tinham sido incendiados e ainda estavam ardendo. Entramos nos templos saqueados onde nos pusemos a quebrar os nomes dos deuses; e neles encontramos outros íntimos adeptos do faraó entregues à mesma tarefa. Manobrávamos os nossos machados e malhos com tamanho vigor que até saltavam centelhas. Todos os dias o nosso zelo aumentava. Trabalhávamos assim para não ver nada de quanto acontecia.

O povo passava fome e necessidade, e depois que os escravos e trabalhadores portuários se fartaram durante algum tempo de festejar a liberdade, formaram bandos e irromperam pelas casas dos ricos decididos assim a distribuir o trigo, o azeite e os bens dos mesmos com os pobres. Kaptah contratou homens para moer trigo e cozer a farinha; mas o povo roubava o pão das mãos dos seus empregados, gritando:

- Este pão foi subtraído dos pobres e é mais do que direito que seja distribuído entre eles. E assim ninguém louvou o meu nome e nem se mostrou grato, embora eu em menos de um mês ficasse literalmente pobre.

Desta forma se passaram quarenta dias e quarenta noites, com os tumultos de Tebas piorando cada vez mais. Homens que antigamente tinham pesado ouro esmolavam agora nas ruas enquanto as esposas vendiam as jóias a escravos para comprar pão para os filhos.

Ao fim desse período Kaptah veio à minha casa esgueirando-se pela escuridão e me disse:

- Meu senhor, é tempo de fugir. O reinado de Aton não tarda a derrocar e creio que nenhum homem direito venha a lamentar isso. A lei e a ordem serão restauradas... mas antes os crocodilos se

nutrirão e bem mais copiosamente do que até aqui, porque os sacerdotes deliberaram livrar o Egito de todo sangue ruim.

Perguntei-lhe como era que sabia disso; respondeu-me logo, inocentemente:

- Pois não fui sempre um fiel partidário do chifre e não venerarei Ammon em segredo? Fiz grandes empréstimos aos sacerdotes que pagam bons juros e que hipotecam suas terras a troco de ouro. Eie fez um acordo com eles de modo a preservar antes de tudo a própria vida; e assim os sacerdotes dispõem da guarda ao seu lado. Os homens que governam o Egito ligaram-se mais uma vez a Ammon; os sacerdotes mandaram buscar negros na terra de Kush e sardanitas também. Estes estiveram saqueando as províncias e se acham agora a seu soldo. A verdade é, Sinuhe, que os moinhos voltarão a funcionar brevemente, mas o pão que será cozido com essa farinha será o pão de Ammon e não o de Aton. Os deuses estão voltando, a antiga ordem está voltando, e tudo volverá a ser como antes, louvado seja Ammon! Já estou cansado desta confusão, não obstante as riquezas que ela me deu.

Fiquei profundamente apreensivo com as suas palavras e considerei em voz alta:

- O faraó Akhnato jamais concordará com isso.

Mas Kaptah riu de esguelha, esfregou o olho cego com o dedo indicador e redargüiu:

- Ele não será consultado! A cidade de Akhetaton já está sentenciada, e todos que se acham lá perecerão. Uma vez os rebeldes tendo o poder nas mãos, bloquearão todas as estradas de lá para que os habitantes morram à míngua. Exigem que o faraó volte a Tebas e se prosterne diante de Ammon.

Então os meus pensamentos se clarearam e vi diante de mim o semblante do faraó, aqueles seus olhos que refletiam uma desilusão mais amarga do que a morte. Disse:

- Kaptah, tal iniquidade não se dará. Nós dois caminhamos juntos por muitas estradas. Caminemos juntos também por esta, até ao fim. Embora eu presentemente esteja pobre, tu ainda és rico. Compra armas; compra espadas e arcos; compra todas as clavas que puderes descobrir por aí. Com o teu ouro compra os guardas e

põe-os a teu serviço. Distribuí as armas entre os escravos e os portuários. Não sei o que advirá disso, Kaptah, mas no mundo até agora nunca se viu oportunidade igual a esta para renovar todas as coisas. Se a terra e a riqueza rural forem distribuídas, se as casas dos importantes forem habitadas pelos pobres e seus jardins se transformarem em parques para os filhos dos escravos, então, sem dúvida alguma o povo se pacificará. Então cada um tratará de si, cada um trabalhará como melhor lhe aprouver, e todas as coisas ficarão melhores do que antes.

Mas Kaptah redargüiu, tremendo:

- Patrão, não pretendo trabalhar manualmente, na velhice. Já puseram homens eminentes a girar atafonas, e as respectivas mulheres e filhas servem escravos e estivadores em casas de divertimentos. Não vejo nada de bom nisso, e sim apenas ruindade. Sinuhe, meu senhor, não me peça que trilhe tal caminho. Ao pensar nisso penso também na mansão escura em que outrora penetrei em sua companhia. Jurei nunca mais me referir a isso, mas falo agora porque se faz necessário. Mais uma vez resolveu o patrão entrar numa mansão escura, ignorando o que o espera dentro. E pode muito bem ser que um monstro podre e uma morte nauseabunda o esperem nesse recinto. A julgar pelo que vimos, podemos considerar o deus do faraó Akhnaton tão terrível como o deus de Creta, pois que força os homens melhores e mais bem dotados do Egito a dançar diante de touros, e leva esses mesmos homens para dentro da mansão escura de onde não há retorno. Não, meu senhor!... Eu não o sigo uma segunda vez para dentro da casa do Minotauro.

E nem chorou nem protestou como antes, mas falou solenemente, implorando que eu desistisse de tal propósito. E rematou assim:

- Se não pensa em si nem em mim, pense então em Mérito e no pequeno Thoth, que o amam. Leve-os daqui e esconda-os em lugar seguro. Tão logo os moinhos de Ammon principiarem a funcionar, a vida de ninguém estará garantida.

Mas o fervor me cegara e as advertências de Kaptah me pareceram idiotas; tanto que repliquei, ostensivamente:

- Ora! Quem vai perseguir uma mulher e um menino?! Em minha casa os dois morarão livres de qualquer perigo. Aton vencerá e tem que vencer do contrário não valerá a pena existir. O povo tem critério, e sabe que o faraó quer o seu bem. Como pode ser possível que o povo volte voluntariamente à tirania da treva e do medo? A casa de Ammon é que é a mansão escura de que falaste, e não a de Aton. Que adiantarão alguns guardas e uns nobres aparvalhados querendo derrubá-lo se ele dispuser do povo todo para garanti-lo?

Kaptah restringiu-se a declarar:

- Já disse o que tinha a dizer e não repetirei. Estou em brasas para lhe contar um pequeno segredo; mas como não se refere a mim, não ouso, mesmo porque decerto não o afetará por causa da obsessão em que o meu senhor se acha encravado. Mas não me censure depois, patrãozinho, se mais tarde vier a bater com a cara e os joelhos nas pedras por causa do seu possível desespero... Não me censure se o monstro o devorar. A mim tudo isso tanto se me dá, já que não passo mesmo de um escravo veterano, sem filhos que lamentem a minha morte. Portanto, patrão, eu o seguirei por essa estrada incrível, embora saiba que tudo é em vão. Penetremos na casa escura, juntos, como daquela outra vez. Se me permitir, levarei comigo uma botija de vinho, desta vez também...

Naquele mesmo dia Kaptah começou a beber; e bebeu desde de manhã até de noite. Ainda assim, em sua bebedeira, me obedecia e distribuía armas pelo porto, reunindo os oficiais da guarda, às escondidas, em O Rabo do Crocodilo, subornando-os para que tomassem o partido dos pobres contra os ricos.

Fome e tumulto prevaleceram em Tebas com a vinda do reino de Aton sobre a terra, e o delírio empolgou o espírito do povo que vivia bêbado sem beber. Já não havia mais diferença entre os que usavam o emblema da cruz e os que não usavam, e as únicas coisas que valiam eram uma arma, um bom punho fechado e uma voz potente. Se algum homem na rua via um pão na mão de outro homem, arrancava-o, dizendo: "Dá-me esse pão. Pois não somos irmãos aos olhos de Aton?" E se algum outro homem encontrava mais um outro vestido com bom linho, dizia: "Passa para cá essa roupa, pois somos irmãos em nome de Aton, e ninguém! pode



andar mais bem vestido do que o seu irmão.” Se um chifre era descoberto no pescoço de um homem ou em suas roupas, tal homem era posto a girar mós de triturar trigo ou a derrubar casas incendiadas... Isso, caso não fosse morto e atirado aos crocodilos que jaziam à espreita rente aos molhes. A anarquia imperava, e atos de violência se multiplicavam diariamente. Passaram-se duas vezes trinta dias; e não menos do que isso perdurou o reinado de Aton sobre a face da terra até derrocar. As tropas negras da terra de Kush e os sardanitas, contratados por Eie, cercaram a cidade de modo a ninguém poder escapulir.

A facção do chifre reajuntou-se em cada bairro e foi rearmada pelos sacerdotes com material de guerra tirado a cripta do templo de Ammon. Os que não possuíam armas avivaram as extremidades de seus porretes, reforçaram-nos com aplicações de cobre, e também construíram arcos com os ornamentos domésticos.

Os partidários do chifre reuniram-se e foram engrossados por todos quantos desejavam o bem do Egito. O quieto, paciente e pacífico povo disse também:

- Desejamos a volta da antiga ordem, pois estamos empanzinados com a nova, e Aton nos saqueou quanto quis.

Mas eu, Sinuhe, disse ao povo:

- Pode muito bem ser que os maus tenham pisado em cima dos bons durante estes dias e que muito homem inocente haja sofrido pelos culpados. Mas seja como for, Ammon ainda é o deus das trevas e do terror, e governa os homens aproveitando-se da loucura deles. Aton é o único deus, mora e vive dentro e fora de nós e não existem outros deuses. Lutai por Aton todos vós, pobres e escravos, carregadores e criados, pois não tendes mais o que perder, ao passo que caso Ammon venha a vencer provareis a escravidão e a morte. Lutai em prol do faraó Akhnaton, pois homem igual a ele jamais houve no mundo e um deus autêntico fala por sua boca. Nunca houve uma tal oportunidade para renovar a terra; e jamais vos será oferecida outra vez!

Mas os escravos e estivadores riram alto e disseram:

- Não nos azucrines com Aton, Sinuhe; todos os deuses são iguais e todos os faraós são igualíssimos, mas tu és um homem bom, apesar de simples; trataste nossos braços esmagados, encanaste nossos ossos quebrados, e sempre sem cobrar nada. Joga no chão esse porrete, mesmo porque não tens força para manobrá-lo. Não dás absolutamente para guerreiro, e os adeptos do chifre te liquidarão se te virem com ele. A nós tanto se nos dá que morramos agora; já sujamos as mãos com sangue e tiramos o ventre da miséria por uns dias refestelando-nos em camas formidáveis e bebendo em taças de ouro. O nosso festim está acabando. Pretendemos morrer com armas nas mãos. Provamos a liberdade, experimentamos a boa vida! Como suportar de novo a escravidão?!

Tais palavras me incutiram critério. Joguei fora o porrete e fui à minha casa buscar o cofre dos remédios.

Durante três dias e três noites a luta não parou em Tebas. Muitos trocaram a cruz pelo chifre e muitos outros largaram as armas e foram se esconder em residências, adegas, tulhas e canastras vazias no porto. Mas os escravos e os estivadores continuaram lutando bravamente; tocavam fogo nas casas de noite a fim de continuar lutando ao reflexo das labaredas. Os negros e os sardanitas também incendiavam edifícios, e roubavam e prostravam todas as pessoas que encontravam, fossem da facção da cruz ou do grupo do chifre. O comandante deles era o mesmo Pepitaton que permitira aquela já citada carnificina na Avenida dos Carneiros e que adotava agora, outra vez, o nome de Pepitamon. Fora escolhido por Eie por causa de sua alta patente e por ser o oficial mais culto do exército.

Curei as feridas dos escravos, tratei suas cabeças quebradas, trabalhando sem cessar na taverna O Rabo do Crocodilo; Mérito rasgava roupas suas, minhas e de Kaptah para fazer ataduras para os feridos; e o pequenino Thoth trazia vinho para aqueles cujas dores precisavam ser acalmadas. No último dia a luta ficou confinada ao porto e ao bairro pobre onde os negros e os sardanitas, veteranos de guerras, malhavam o povo como quem malha trigais em pé; e corria sangue pelas vielas e pelo cais, até ao rio. A morte jamais colhera messe tão abundante na terra de Kan como naquele dia.

Os chefes dos escravos vieram a O Rabo do Crocodilo beber um pouco enquanto a refrega estava no apogeu. Aliás já entraram bêbados de sangue e de furor bélico. Batendo em meus ombros com os punhos formidandos, comunicaram-me:

- Preparamos-te uma confortável canastra no porto, Sinuhe, onde te poderás esconder. Decerto não hás de querer ficar dependurado conosco nas muralhas, esta noite, com a cabeça para baixo... Sinuhe; trata de te esconder já. Não adianta fechar feridas que se reabrirão daqui a pouco.

Retorqui:

- Sou médico da corte e ninguém ousará erguer a mão contra mim. Riram de mim, beberam copiosamente e voltaram para a luta. Depois disso Kaptah se aproximou para me contar:

- Patrão, sua casa está em chamas, e os partidários do chifre deram uma facada em Muti porque ela os enfrentou com uma tábua de lavar roupa. Convém que o patrão se vista direito e coloque todos os emblemas de sua dignidade. Deixe os feridos, esse bando de escravos e salteadores, venha comigo para a sala dos fundos. Urge que nos preparemos para receber os sacerdotes e os oficiais.

Mérito também instou, passando os braços em redor do meu pescoço.

- Salvai-nos, Sinuhe. Se não tendes apreço a vida, salvai-vos ao menos por mim e pelo pequenino Thoth.

Mas a mágoa, a falta de dormir, a morte e a confusão da batalha me haviam atordoado a tal ponto que eu já não conhecia meu coração; e repliquei:

- Importo-me lá comigo, contigo, com a casa ou com Thoth! O sangue que está correndo é o dos meus irmãos em nome de Aton. E se o reinado de Aton cair não quero mais viver!

Por que motivo teria eu falado assim tão grosseiramente? Não sei. Seria outrem dentro de mim? Seria mesmo o meu coração? E nem sei dizer se teria deveras tempo para fugir, pois imediatamente os sardanitas e os negros embarafustaram pela taverna adentro forçando passagem, guiados por um sacerdote de crânio raspado e de rosto untado de óleo votivo. E começaram a matar os feridos. O sacerdote vazava-lhes os olhos com a ponta do chifre

sagrado enquanto os negros tatuados pulavam em cima deles com os pés juntos para que o sangue esguichasse das feridas. E o sacerdote goleava:

- Esta é uma das cavernas de Aton. Purifiquemo-la com fogo!

Perante meus olhos mesmo esmagaram a cabeça do pequenino Thoth e mataram Mérito que se jogara para salvar o filho. E não consegui evitar uma coisa nem outra porque simultaneamente o sacerdote me prostrou com um golpe furibundo em cima da cabeça, meu grito de horror estancando na garganta enquanto eu tombava desacordado.

Quando recuperei os sentidos me vi na ruazinha do lado de fora. No princípio fiquei sem saber onde me achava. Parecia-me haver sonhado. Ou estaria morto? O sacerdote fora embora, mas os soldados, largando de lado as espadas, bebiam diante do balcão; Kaptah os servia, enquanto os oficiais, do lado de fora, erguendo os chicotes, conclamavam a soldadesca a continuar a luta. Não tardou que O Rabo do Crocodilo pegasse fogo, pois tinha painéis de madeira que arderam como palha ao vento. Nisto me lembrei de tudo e procurei me levantar; mas não tive forças. Comecei a me arrastar com as mãos e os joelhos para a porta em chamas, a fim de ir ao encontro de Mérito e de Thoth.

Meu cabelo ficou logo chamuscado e de repente minha roupa pegou fogo. Kaptah correu para mim gritando. Arrancou-me das labaredas, rolou-me pelo pó até se extinguir o fogo de minhas vestes.

Ante tal espetáculo a soldadesca deu gargalhadas sonoras. Kaptah disse-lhes:

- De fato, de fato. Ele é um pouco alocado... O sacerdote deu-lhe uma porrada na cabeça e não quis castigá-lo na exata medida. Este homem é médico do faraó e não está direito que alguém levante a mão contra ele. Além disso tem ordens menores de sacerdote. Se está vestido assim pobremente e escondeu os símbolos da sua dignidade, o fez para evitar a fúria do povo.

Eu jazia na poeira da rua, segurando a cabeça com as minhas mãos queimadas. Lágrimas desciam de meus olhos inflamados enquanto minha lamentação se misturava aos soluços:

- Mérito! Mérito!

Mas Kaptah sacudiu-me furiosamente, dizendo, zangado:

- Silêncio, louco! Ou acha que nos desgraçou pouco com suas insânias?

Depois que me calei, ele aproximou bem o rosto do meu e disse, amarguradamente:

- Que isto tudo o faça cobrar juízo, patrão, pois agora sua conta foi fechada com saldo, e com saldo bem maior do que supõe... Sim, digo-lhe, embora tarde demais, que Thoth era seu filho; foi concebido logo na primeira temporada em que o patrão esteve com Mérito. Digo-lhe isto só para que o patrão volte ao seu juízo. Ela não lhe quis contar porque era briososa e calada e porque o patrão a põe de lado preferindo o faraó e Akhetaton. Sim, o pequenino Thoth tinha o seu sangue, e se o patrão não percebeu isso foi porque às voltas com entusiasmos e delírios, não teve tempo de olhar bem nos olhos e nos lábios que eram a cópia exata dos seus. Eu teria dado a minha vida para salvar Thoth; mas não me foi possível por causa da sua loucura, patrão; e Mérito não deixou. E por causa da sua loucura, patrão, os dois morreram. Espero que cobreis juízo, agora.

Fitei-o, aparvalhado.

- O que dizes é verdade?

E nem precisei da sua resposta. Permaneci no pó da rua, com os olhos secos, sem sentir dor nenhuma nas minhas feridas. Todo o meu ser por dentro estava frio e crispado; e o meu coração contraído; de forma que fiquei indiferente a quanto se passava em redor de mim. A taverna, O Rabo do Crocodilo continuava em chamas, e dentro dela ardiam ao mesmo tempo o corpinho de Thoth e a beleza de Mérito. Seus corpos ardiam entre os dos escravos, me seria impossível preservá-los para a vida eterna. Thoth era meu filho e, se era verdadeira a minha suposição, o sangue dos faraós correria em suas veias como corria nas minhas. Tivesse eu sabido isso e tudo seria diferente, pois um homem pode fazer por seu filho o que não faz para si sozinho. Mas agora era tarde demais. E ali permanecia eu, no pó da rua, em meio à fumaça

e as centelhas. E as labaredas que crestavam seus corpos abrasavam meu rosto.

Kaptah carregou-me para junto de Eie e Pepitamon, porque a luta havia terminado. O bairro dos pobres ainda se achava em chamas, mas o sacerdote e o comandante proferiam julgamentos sentados em tronos de ouro instalados na pedra das docas, enquanto soldados e partidários do chifre traziam prisioneiros para serem sentenciados. Todos os que tinham sido presos com armas nas mãos foram dependurados nas muralhas de cabeça para baixo; e quantos foram surpreendidos com imagens roubadas e bens furtados foram arremessados ao rio como alimento para os crocodilos. E os que usavam o emblema da cruz sofreram flagelações e foram remetidos para as minas; as mulheres foram entregues aos soldados para que as gozassem, e as crianças levadas para o templo de Ammon em cujas dependências ficaram instaladas. Assim a morte assolou a zona portuária de Tebas e Eie não mostrou a menor complacência porque precisava ganhar a simpatia dos sacerdotes. Dizia:

- Estou limpando a terra do Egito do seu sangue mau!

Pepitamon estava furioso porque os escravos lhe haviam saqueado a casa, aberto as caixas dos gatos, tirado o leite destinado aos mesmos levando-o para os filhos; e em conseqüência disso os bichos tinham passado fome e ficado bravos outra vez. Portou-se, portanto, sem piedade, ele também. E durante dois dias as muralhas da cidade ficaram cheias de corpos de homens dependurados pelos tornozelos.

Com grande gáudio, os sacerdotes tornaram a entronizar a imagem de Ammon no templo oferecendo-lhe muitos sacrifícios.

Eie designou Pepitamon como governador de Tebas e seguiu depressa para Akhetaton no intuito de compelir o faraó Akhnaton a abdicar. Disse-me:

- Vem comigo, Sinuhe, porque poderei precisar de teu auxílio para dobrar o faraó ao meu intento.

Respondi:

- Irei de bom grado, Eie, porque desejo que o meu prazer seja completo.

Mas ele não compreendeu o que eu quis dizer.

Velejei portanto para Akhetaton, com Eie. Lá longe, em Tânis, Horemheb teve notícia também destes acontecimentos e tratou mais que depressa de equipar as naves de guerra, logo depois subindo para Akhetaton.

Tudo estava quieto nas cidades e aldeias quando ele chegou; os templos achavam-se reabertos e as imagens dos deuses haviam sido recolocadas em seus lugares. Fazia o possível para chegar a Akhetaton ao mesmo tempo que Eie, decidido a competir com este no poder. E por isso foi perdoando todos os escravos que depuseram as armas e não puiu ninguém que de vontade própria trocasse a cruz de Aton pelo chifre de Ammon. O povo soube dar valor à sua clemência, embora a vinda de Horemheb não significasse generosidade conciliadora e sim desejo de poupar gente apta para a luta.

Akhetaton tornara-se um domínio amaldiçoado. Sacerdotes e partidários do chifre guardavam todas as estradas que lá iam ter e matavam todos os fugitivos que se recusassem a oferecer sacrifício a Ammon. Fecharam também o rio com correntes de ferro para que ninguém pudesse fugir por essa via. Quase não reconheci a cidade ao reve-la, porque reinava um silencio mortal pelas ruas. As flores dos parques haviam murchado e a relva se tornara amarelenta porque não se regavam mais os jardins. Os pássaros não cantavam nas árvores batidas de sol e por toda a cidade flutuava o odor da morte.

As principais famílias tinham abandonado suas casas; os criados tinham sido os primeiros a fugir, deixando tudo atrás de si porque ninguém ousava carregar coisa alguma de uma cidade amaldiçoada. Os cães pereceram em quintais, os cavalos morreram de fome nas cocheiras porque os estribeiros antes de fugir lhes haviam cortado os jarretes. A moderna Akhetaton tornara-se tão cedo uma cidade morta, cheirando a carne corrupta, quando cheguei.

Mas o faraó permanecia na casa dourada com a família. Os criados mais fiéis ficaram com ele; e também os membros mais antigos da corte que não concebiam a vida em outro lugar que não fosse ao lado do faraó. Ignoravam o que se passara em Tebas porque havia

um mês que não chegava correio a Akhetaton. As provisões acabavam, e o único alimento do faraó, por ordem do mesmo, era pão seco e papa dos pobres. As pessoas mais sagazes arpoavam peixe no rio ou matavam pássaros, comendo às escondidas. Eie, o sacerdote, me mandou falar primeiro com o faraó, contar-lhe tudo quanto acontecera, porque eu era amigo de confiança do soberano. Fui, portanto, mas cheio de algidez. Sentia-me distante de qualquer aflição ou júbilo, e meu coração se mostrava insensível até mesmo para com Akhnaton. Ele ergueu a face lívida, desfigurada, com aqueles olhos mortiços, e disse:

- Sinuhe, és o único a voltar? Onde estão os que confiavam em mim? Onde estão os que me amavam e que eu amava?...

Disse-lhe:

- Os antigos deuses governam outra vez o Egito e em Tebas os sacerdotes sacrificam novamente a Ammon por entre efusões de júbilo do povo. Amaldiçoaram-vos, faraó Akhnaton, amaldiçoaram vossa cidade e amaldiçoaram o vosso nome por toda a eternidade. Já o estão expungindo das inscrições.

Moveu a mão, impacientemente, e o sofrimento abrasou de novo seu semblante, ao me apartear:

- Não pergunto o que aconteceu em Tebas. Onde estão os que me eram fiéis e todos os que eu amava?

Respondi:

- Tendes ainda vossa linda esposa Nefertiti. Vossas filhas ainda se acham convosco. O jovem Sekenre está arpoando peixe no rio, e Tut brinca de exéquias com seus bonecos, como sempre. Por que vos incomodardes com os outros?

Indagou:

- Onde se acha meu amigo Thothmes, que era teu amigo também e a quem eu amava? Onde está ele, o artista, cujas mãos inflamavam de vida eterna os blocos de granito?

- Morreu por vossa causa, faraó Akhnaton. Os negros o atravessaram com uma espada e atiraram o corpo ao rio para ser devorado pelos crocodilos... E isso porque Thothmes vos foi fiel. Apesar de ter cuspidos em vosso leito, pensai apenas que os chacais agora ululam na sua oficina vazia...



O faraó ergueu a mão como para espantar do rosto um zumbido de vespa. Depois proferiu os nomes dos que amava.

E de muitos desses eu ia dizendo:

- ...Morreu por vossa causa, faraó Akhnaton. O poder de Aton foi derrocado. Terminou o reinado de Aton sobre a face da terra e Ammon reina outra vez.

Ele olhava fixamente para determinado ponto junto de mim, até que com um movimento de suas mãos sem sangue, considerou:

- Eu sei... Sim, eu sei. Minhas visões reproduziram tudo isso. O reino eterno não pode ser contido dentro de limites terrestres. Tudo volverá ao que era, e o medo, a cólera e o mal governarão o mundo. Melhor fora que eu tivesse morrido, e melhor ainda que não fosse nada, pois não veria todo o mal que é feito sobre a terra.

Sua cegueira enraiveceu-me tanto que retorqui, fogueadamente.

- Não presenciastes a mínima parte do dano que sobreveio por vossa causa, faraó Akhnaton! Não vistes correr o sangue de um vosso filho por sobre as vossas mãos e nem se crispou o vosso coração ante o grito de morte da vossa Amada! Por conseguinte o que falais não tem consistência.

Faraó Akhnaton retrucou, com desânimo:

- Deixa-me então, Sinuhe, já que sou o mal. Deixa-me, e não sofras mais por minha causa. Deixa-me, porque estou cansado do teu rosto... Cansado do rosto de todos os homens, pois atrás da pele o que vejo é o rosto de feras e mais feras.

Mas permaneci sentado no chão, diante dele, e disse:

- Oh! Não, faraó Akhnaton. Não irei embora, porque quero encher a taça até às bordas e sorver tudo, tudo! Eie, o sacerdote, está a chegar, e ouço da banda norte da vossa cidade o som das cornetas de Horemheb; e as correntes de ferro que vedam o rio está sendo serrada para que ele chegue até vós.

Sorriu de leve, atirou para os lados as mãos, dizendo:

- Eie e Horemheb... O crime e a violência... São esses, então, os meus únicos seguidores, agora?

E todo o resto do tempo não falamos mais nada, prestando atenção no gotejar ameno da água no relógio hidráulico, até que Eie, o sacerdote, e Horemheb, o guerreiro, entrassem na sala real.

Tinham disputado veementemente um com o outro e suas fisionomias estavam deformadas convulsivamente. Resfolegavam com dificuldade e ambos foram logo se dirigindo ao faraó sem o menor respeito. Eie disse:

- Abdicai, faraó Akhnaton, se quereis preservar vossa vida! Sekenre governará em vosso lugar. Fazei-o voltar a Tebas e sacrificar a Ammon. Os sacerdotes o ungirão e colocarão a coroa vermelha e branca em sua fronte.

E logo atalhou Horemheb:

- A minha espada manterá a coroa em vossa cabeça, faraó Akhnaton, bastando para tanto que regresseis a Tebas e sacrifiqueis a Ammon. Os sacerdotes resmungarão um pouco, mas eu os aquietarei com o meu chicote e eles esquecerão comentários assim que declarardes uma guerra santa para reconquistarmos a Síria para o Egito!

O faraó encarou-os com um sorriso sem vida.

- Viverei e morrerei como faraó. Não me submeterei nunca a um falso deus! Jamais declararei guerra e não há de ser com sangue que hei de preservar o poder. Eis o que vos diz o faraó.

Dito isto cobriu o rosto com a orla da túnica e saiu, deixando-nos sozinhos, os três, na sala com o odor na morte nas narinas.

Eie estendeu os braços para os lados abatendo-os depois sobre as coxas, em sinal de desânimo e olhou para Horemheb. Este fez o mesmo, e olhou para Eie. Continuei sentado no chão porque os meus joelhos pesavam que nem chumbo; e olhava para os dois. De repente Eie sorriu matreiramente e disse:

- Horemheb, fica com a espada e o trono! Coloca na tua cabeça as duas coroas. Queres?

Mas Horemheb deu uma gargalhada de ironia e retrucou:

- Não sou o tolo que julgas. Fica tu com essas imundas coroas, se é que as queres. Sabes muito bem que não podemos voltar, aos antigos tempos, porque o Egito se acha ameaçado pela guerra e pela carestia. Se eu cingisse a coroa agora, o povo acabaria pondo a culpa do mal vindouro sobre mim; e então acharias bom pretexto nisso para me depores assim que te conviesse.

Eie, considerou:

- Sekenre, então, contanto que concorde em ir para Tebas. Senão, Tut. Este anuirá, decerto. As consortes dos dois são de sangue real e sagrado. Que um deles agüente com o ódio do povo até que os tempos melhorem.

Horemheb atalhou logo:

- Enquanto isso governarás na sombra...

Ao que Eie retrucou:

- Esqueces que dispõe do exército e que tens que defrontar os hititas? Se conseguires vence-los, não existirá na terra de Kan pessoa mais poderosa do que tu.

Discorreram assim, interminavelmente quase, até que perceberam que estavam ligados um ao outro e que não podiam chegar a conclusão nenhuma exceto esta única: uma aliança. Eie disse, portanto:

- Confesso com a maior sinceridade que me esforcei para te depor, Horemheb. Mas agora avultaste, Filho do Falcão, e não posso mais te dispensar. Se os hititas invadirem a nação, como hei de ter alegria no poder? Confiar em Pepitamom para guerreá-los? Como, sabendo quanto eles são sedentos de sangue e cheios de artimanhas! Façamos hoje a nossa aliança. Juntos, podemos governar a nação, ao passo que, divididos, malograremos. Sem mim o teu exército não terá a mesma eficiência; sem ti, sem o teu exército, o Egito está perdido. Juremos por todos os deuses do Egito que de hoje em diante manteremos um ao outro. Eu já sou um homem velho, Horemheb, e desejo provar o gosto do poder; e tu és moço e contas com tempo diante de ti.

- Não desejo as coroas e sim uma boa guerra para os pândegos dos meus soldados - disse Horemheb.- Mas preciso de um penhor teu, Eie, do contrário me trairás na primeira oportunidade. Conheço-te!

- Que penhor desejas de mim? Pois o exército já não é um penhor formidável?..

O rosto de Horemheb se obscureceu enquanto ele olhava para as paredes, tomado de hesitação e esfregava o lajedo com a sandália como a querer escavá-lo com os artelhos.

Acabou falando:

- Quero casar com a princesa Baketaton. Sério. Pretendo quebrar o cântaro com ela nem que o céu e a terra caiam. E tens que concordar.

Eie exclamou:

- Ahahn!... Agora percebo o que buscavas. És mais astuto do que eu pensava e mereces meu respeito. Ela já mudou o nome para Baketamon e os sacerdotes não tem nada contra ela. O sangue sagrado do Grande Faraó corre em suas veias. Casando-te com ela ganhas direito legal à coroa e um direito mesmo maior do que os maridos das filhas de Akhnaton que contam apenas com o sangue do falso faraó. Urdiste o plano com muita sagacidade, Horemheb; mas não o posso aprovar... ou pelo menos por enquanto, porque em tal caso ficaria inteiramente à tua mercê e sem nenhuma autoridade perante ti.

Horemheb redargüiu:

- Ora! Fica com as coroas, essas imundas coroas, Eie! Eu prefiro a princesa às coroas. Desejei-a desde a primeira vez que lhe contemplei a beleza, na casa dourada. Meu propósito é misturar meu sangue com o do Grande Faraó, para que os futuros reis do Egito sejam fruto dos meus flancos. Ao passo que tu, que é que desejas tu senão as coroas?! Toma-as assim que achares a ocasião propícia, e minha espada te sustentará no trono. Dá-me a princesa, e não reinarei enquanto viveres... nem mesmo que vivas muito tempo... porque ainda sou moço e, conforme dizes, tenho diante de mim a vantagem do tempo.

Eie esfregou a boca, meditando. E, enquanto meditava, seu rosto clareou porque se deu conta de que dispunha de um engodo mercê do qual podia conduzir Horemheb pela trilha que muito bem lhe conviesse. E enquanto eu permanecia sentado no chão, escutando a conversa de ambos, me assombrava do coração humano que permitia que aqueles dois indivíduos ali dispusessem das coroas enquanto o faraó estava vivo e respirando na sala contígua. Por fim Eie declarou:

- Esperaste bastante pela princesa e terás que esperar ainda um pouco mais, pois tens, primeiramente, que mover uma guerra desesperada. Assim sobrarão tempo para que se obtenha o

consentimento da princesa; debes saber que ela te despreza sobremaneira porque és de extração humilde. Mas eu, somente eu, tenho meios de obte-la para ti; e juro, Horemheb, por todos os deuses do Egito, que no dia em que cingir minha fronte com a coroa vermelha e branca quebrarei com a minha própria mão o cântaro entre ti e a princesa. Mais do que isso não posso fazer. E mesmo assim estou me entregando nas tuas mãos.

Horemheb não teve paciência para angariar maiores vantagens e disse:

- Pois seja. Levemos a bom termo essas frivolidades. Não creio que te tenhas prejudicado em nada e nem que atrapalhes o plano porque sei que desejas avidamente essas coroas... esses brinquedos grotescos!...

Em seu alvoroço quase esqueceu que eu me achava presente. Mas ao dar com os olhos em mim disse, desconcertado:

- Ainda estas aí, Sinuhe? Ouviste coisas que não se coadunam com teus ouvidos ordinários e receio ser obrigado a te matar embora sem vontade de o fazer já que és meu amigo.

Tais palavras me espicaçaram. Refleti quão longe estavam aqueles dois intrusos do direito de dividir as coroas, já que eu, que me achava sentado no chão era talvez o único herdeiro masculino do Grande Faraó cujo sangue sagrado corria em minhas veias e portanto valia mais do que eles.

Assim pois, pus a mão na boca e comecei a rir. A rir mais do que uma velha. Eie ficou profundamente irritado e disse:

- Tua risada é inconvenientíssima, Sinuhe, já que pareces estar zombando de um assunto grave. Mas Horemheb não te matará, embora o mereças. E até é bom que tenhas escutado. Assim, és a nossa testemunha. Não podes nunca falar do que escutaste aqui hoje; precisamos de ti e te ligaremos a nós. Compreendes também que já é tempo do faraó morrer. Como seu médico lhe debes abrir o crânio hoje mesmo e fazer de modo que a tua faca penetre suficientemente para que e ele se vá da maneira mais decente e tradicional.

Horemheb disse logo:

- Não quero me envolver nisso, pois minhas mãos já ficaram bastante sujas tocando nas de Eie. Ainda assim, o que ele diz é certo. O faraó Akhnaton deve morrer para que o Egito seja salvo; não há outro modo.

Ri à socapa outra vez; depois me contive e disse:

- Como médico não lhe abrirei o crânio visto como não vejo razão para isso. E estou ligado ao código da minha profissão. Não vos enfureçais. Como amigo dele preparar- lhe-ei um bom remédio. Depois que beber dormirá para não acordar nunca mais. Desta maneira fico ligado a vós, de modo que não tereis nunca receio de que eu vos atraíçoe.

Tirei do cinturão o frasco de cristal que Hrihor me dera certa vez e virei o conteúdo no vinho com que enchi antes uma taça de ouro. O cheiro não era desagradável.

Segurei a taça, e nós três entramos na sala do faraó. Este removera as coroas. Descansava em seu leito, com o rosto lívido e os olhos mortiços. A seu lado jaziam o azorrague e o cetro-bordão.

Eie aproximou-se, tomou as coroas e o azorrague e, pesando estas nas mãos, disse:

- Faraó Akhnaton! Vosso amigo Sinuhe preparou-vos uma boa poção. Bebei para ficardes mais forte. E amanhã então conversaremos de novo sobre coisas de responsabilidade.

O faraó sentou-se na beira do leito, ficou segurando a taça nas mãos e olhando para cada um de nós, sucessivamente. Quando me olhou o seu olhar me traspassou de tal forma que senti um calafrio pela espinha. E ele disse:

- Os homens mostram ter pena de um animal ferido liquidando-o com um pau. E tu, Sinuhe, tens pena de mim? Se tens, então, obrigado, pois a minha desilusão é mais amarga na minha língua do que a morte. Hoje a morte é mais suave do que o odor da mirra.

- Bebei, faraó Akhnaton. Bebei, por amor a Aton.

E Horemheb disse:

- Bebei, Akhnaton, meu amigo. Bebei, para que o Egito seja salvo. Certa ocasião vos protegi do frio com a minha túnica, no deserto, fora de Tebas. E o mesmo farei agora.

O faraó Akhnaton bebeu, aproximando dos beijos a orla da taça. Mas sua mão tremeu e o vinho lhe molhou o queixo. Então segurou bem a taça e a esvaziou. Depois se estendeu outra vez apoiando o pescoço no espaldar. Não disse uma palavra. Ficou fitando suas visões com aqueles olhos mortiços, raiados de sangue. Daí a pouco começou a tremer um pouco, como se sentisse frio. Então Horemheb tirou a capa e a estendeu sobre ele. Mas Eie tornou a agarrar as coroas com as duas mãos e experimentou colocá-las na cabeça.

Assim se finou o faraó Akhnaton; dei-lhe de beber a morte. Bebeu-a das minhas mãos. Todavia, por que motivo fiz isso, não sei.

Que homem há que conheça o próprio coração? Creio que o fiz menos por causa do Egito do que por Mérito e por meu filho Thoth. Fiz isso menos por amor ao faraó do que por amargura e ódio a todo o dano que ele acarretara. Mas acima de tudo o fiz porque estava escrito nos astros que eu devia encher a minha taça e virá-la até à lia. Vendo-o morto, cuidei que enchera deveras a minha taça e que a sorvera até ao fundo... Mas que homem há que conheça seu coração que é instrumento insaciável... mais insaciável do que um crocodilo do rio.

Quando vimos que o faraó tinha morrido deixamos a casa dourada, tendo antes proibido os criados de o molestarem porque se achava dormindo.

Foi só no dia seguinte que encontraram seu corpo frio e inane, e ergueram brados de lamentação. A casa dourada ficou cheia de prantos embora me pareça que o espírito de muitos ficasse mais aliviado depois de tal morte. Mas a rainha Nefertiti permaneceu ao lado dele sem derramar uma lágrima; e a expressão de seu semblante era indecifrável. Quando cheguei ao palácio para, conforme era do meu dever, acompanhar o corpo até à Casa da Morte, dei com a rainha Nefertiti acariciando com suas mãos delgadas as faces do faraó.. Acompanhei o corpo até ao recinto do embalsamamento e confiei o cadáver aos lavadores e embalsamadores a fim de que o preservassem para a vida eterna.

De acordo com a lei e a tradição, o jovem Sekenre era agora o faraó; ficou porém totalmente atordoado com a sua sincera mágoa

e olhava em torno, incapaz de proferir uma palavra que tivesse nexos, acostumado como estava a receber do faraó Akhnaton toda a inspiração para as suas idéias. Eie e Horemheb falaram com ele; disseram que precisava se dirigir imediatamente a Tebas para fazer oferendas a Ammon, pois só assim conservaria a coroa na cabeça. Mas não lhes deu crédito, menino que era acostumado a ter alucinações. Declarou:

- Darei conhecimento da luz de Aton a todo o povo... Edificarei um templo a meu pai, Akhnaton e o venerarei como um deus, porque não era um homem igual aos outros.

Quando Eie e Horemheb viram quanto ele era estúpido trataram de o deixar. No dia seguinte, quando ele foi fisgar peixes no rio, sucedeu seu barco virar. E o corpo foi devorado pelos crocodilos. Assim diz a História; mas a maneira exata pela qual o caso se deu, ignoro de todo. Acredito que não tenha sido Horemheb quem o mandou matar; propendo mais a pensar que foi Eie que tinha pressa em voltar a Tebas para segurar as rédeas do governo.

Então, Eie e Horemheb foram depois procurar o jovem Tut, que estava brincando no chão do seu aposento. Brincava de funerais, conforme seu costume, e sua consorte Akhsenaton o imitava. Horemheb disse:

- Vem cá, Tut, já é tempo de te levatares desse chão sujo, porque és o faraó, agora.

Tut levantou-se obedientemente e, indo sentar-se no trono de ouro, perguntou:

- Sou faraó? Isso não me surpreende porque sempre me senti superior a toda gente. Por que então não hei de ser o faraó? Nada mais direito e certo. Com o meu azorrague castigarei todos os malfeitores, e com o meu cajado vigiarei como um pastor os que forem bons e piedosos como um rebanho.

Eie disse:

- Deixa de bobagens, Tut. Farás tudo quanto eu mandar, isso sim; e sem discussão. Antes de mais nada arranjaremos um bonito desfile para a entrada em Tebas onde te inclinarás diante de Ammon, no templo grande, e lhe farás ofertas. Depois os sacerdotes te ungião e te porão na cabeça a coroa vermelha e branca. Compreendeste?



Tut refletiu um pouco e depois disse:

- Se eu for para Tebas eles me construirão uma grande sepultura, como as sepulturas de todos os outros faraós? E os sacerdotes a encherão com brinquedos, cadeiras de ouro e leitos bonitos? Acho as tumbas de Akhetaton tão estreitas e escuras! Não quero apenas pinturas nas paredes mas brinquedos de reis e a minha bonita faca azul também, que os hititas me deram...

- Pois então? - disse Eie. - Os sacerdotes te construirão uma bonita sepultura. És um garoto inteligente, Tut, pois pensas primeiro em tua sepultura antes de mais nada, exatamente na hora em que vais ser faraó... És mais inteligente do que pensas Tutankhamon não é um nome apropriado para o usares diante dos sacerdotes; de hoje por diante, portanto, te chamarás Tutankhamon.

Tut não opôs a menor objeção a isso, querendo apenas aprender logo a escrever o seu novo nome já que não sabia os caracteres com que era representado o nome de Ammon. Assim, pela primeira vez, o nome de Ammon foi escrito em Akhetaton.

Quando Nefertiti veio a saber que Tutankhamon ia ser faraó e que ela fora completamente posta de lado, vestiu o seu melhor traje, depois de ungir o corpo e os cabelos com unguentos raros, a despeito da viuvez. E foi procurar Horemheb a bordo do seu navio. Disse-lhe:

- É um disparate e uma monstruosidade se transformar um menino num faraó. Eie, meu miserável pai, tirou-o das minhas mãos e governa o Egito em nome dele, embora eu seja a rainha consorte e mãe. Além disso, homens me tem contemplado com admiração e dito que sou bela; fui chamada mesmo a mulher mais bonita do Egito, o que, aliás, acho exagero. Contempla-me, Horemheb, como sou, embora o desgosto é o luto tenham posto olheiras em minhas órbitas e vergado minha cabeça. Tu dispões do poder militar. Juntos, tu e eu, podemos arquitetar muitas coisas em prol do Egito. Falo contigo assim com tamanha franqueza porque penso acima de tudo no bem do Egito, e porque sei que meu pai, esse maldito Eie, é um homem ambicioso e grosseiro, que causará muitos danos a esta nação.

Horemheb contemplou-a. Nefertiti entreabriu o vestido dizendo que o beliche era demasiado quente, procurando tentá-lo com muitas seduções. Ignorava por completo pacto secreto de Horemheb com Eie, e mesmo que tivesse suspeitado alguma coisa do desejo de Horemheb por Baketamon cuidava - porque era mulher - que podia suplantar facilmente aquela princesa inexperiente e altiva perante os sentidos daquele guerreiro. Mas sua beleza não conseguiu absolutamente impressioná-lo. Olhando-a friamente disse:

- Tenho escorregado demais pela lama nesta cidade amaldiçoada, e não estou disposto a me aviltar ainda mais, linda Nefertiti. Tenho cartas a ditar relativas à guerra e não disponho de tempo para me distrair convosco.

Tal cena Horemheb me relatou depois e, muito embora deva ter enfeitado muito os fatos, todavia a história, na parte essencial, foi verdadeira. Desde esse dia em diante Nefertiti odiou Horemheb com uma cólera corrosiva e fez tudo para solapar e enegrecer sua reputação. Em Tebas tornou-se amiga de Baketamon e, devido a isso, Horemheb veio a sofrer anos, conforme contarei mais tarde. Teria sido mais prudente da parte dele não a insultar procurando preferivelmente manter amizade com ela e mostrar compreensão por sua natureza e solitude. Mas Horemheb não quis de modo algum cuspir na cama do falecido faraó. Por mais esquisito que possa parecer, Horemheb ainda amava Akhnaton embora houvesse ordenado que o nome do faraó fosse expungido de todas as inscrições e houvesse mandado destruir o templo de Aton em Tebas.

Como prova do que assevero, direi que Horemheb ordenou a pessoas de confiança que removessem secretamente o corpo de Akhnaton, para junto do de sua mãe, na tumba existente em Tebas, para que não viesse a cair nas mãos dos sacerdotes que desejavam queimá-lo e atirar as cinzas no rio. Mas tais fatos sucederam mais tarde.

Tão logo Eie teve o consentimento de Tutankhamon se apressou em reunir uma porção de navios nos quais embarcou os membros todos da corte. Akhnaton ficou abandonado, entregue apenas aos

embalsamadores da Casa da Morte que preparavam seu corpo para a eternidade. Os últimos habitantes fugiram desabaladamente, não ousando olhar para trás. Na casa dourada as baixelas e cristais foram deixados em cima das mesas, ao passo que os brinquedos de Tut ficaram largados no chão, num arremedo eterno de funeral.

Ventos do deserto estraçalharam portas e janelas; areias amontoaram-se em cima dos lajedos onde patos fulgurantes voavam por entre caniços verdes e peixes dourados nadavam em águas esverdeadas, as areias cobrindo assim tais lavore de arte. O deserto voltou a se apossar da área onde tinham sido os jardins de Akhetaton; os lagos secaram, os fossos de irrigação ficaram entupidos, as árvores frutíferas secaram. A argila dos estuques das casas ruiu, os tetos abateram, e a cidade inteira se foi transformando em ruínas. Chacais uivavam pelas salas e pórticos, instalando seus ninhos não mais em tocas e sim, por enquanto, em leitos com dosséis.

Assim pereceu a cidade de Akhetaton, e tão rapidamente quanto o faraó Akhnaton a erguera. O povo de Tebas rejubilou-se grandemente com o regresso de Ammon e a entronização do novo faraó. Tão insensata é a alma do homem que jamais põe sua esperança no futuro, não aprendendo nada dos seus passados erros e imaginando que o dia de amanhã será melhor do que foi o da antevéspera. O povo postou-se ao longo da Avenida dos Carneiros para saudar o novo faraó com gritos de alegria e juncar de flores o seu caminho.

Mas no porto e no bairro pobre as ruínas ainda fumegavam; acre fumaça se erguia dos escombros, e do rio subia ainda o fétido de carniça. Em cima da cúpula do templo corvos e abutres estendiam o pescoço, sentindo-se demasiado gordos para ensaiar vôo. Aqui e acolá, por entre as ruínas, mulheres amedrontadas e crianças magras vasculhavam, procurando seus cacarecos onde havia sido o lugar de suas residências.

Caminhei pelas docas que ainda tresandavam a sangue, olhando para canastras, e pensando em Mérito e em Thoth, que tinham perecido por causa de Aton e da minha loucura. Meus passos levaram-me para as ruínas de O Rabo do Crocodilo e pensei

em Mérito que me dissera: "Sou a esteira forrada que amacia a vossa solidão... Ou sou apenas a esteira que se vai gastando."

Pensei em Thoth e foi como se o visse. Suas faces e seus braços eram tenros; abraçou-me, pousou o rosto no meu. Com a fumaça acre me entrando pelas narinas, caminhei pela poeira do porto, vendo diante de mim o corpo de Mérito transpassado, e vendo o narizinho ensangüentado do pequenino Thoth, bem como o seu cabelo grudado na têmpora. Refleti que a morte do faraó Akhnaton fora sem dores. Refleti também que nada no mundo é mais terrível do que os sonhos dos faraós, porque a semente que semeiam é sangue e morte.

Os brados jubilosos da multidão chegavam aos meus ouvidos; eram saudações ao faraó Tutankhamon. Em sua parvoíce, o povo cuidava que aquele rapazola deslumbrado, cujos pensamentos se confinavam à vontade de ganhar uma tumba bonita, acabaria com a injustiça e restauraria a paz e a prosperidade na terra de Kan.

Vagueei assim por onde meus pés me levaram, ciente da minha solidão e de que o meu sangue fora derramado esterilmente através de Thoth. Não nutri nenhum desejo de imortalidade; a morte me seria mais um descanso, um sono, o calor de um braseiro numa noite de inverno. O deus de Akhnaton me despojara, levando minha alegria e minha esperança; e eu estava a par de que os deuses moram em mansões escuras de onde não há regresso. O faraó Akhnaton bebera a norte pelas minhas mãos, mas isso não constituía consolo para mim; com a morte ele bebera misericordiosíssimo alívio, infável esquecimento. Eu, porém, vivia e não conseguia esquecer. Meu coração estava consumido pela amargura, e nutria ressentimento contra o povo que estava agora bramindo diante do templo como gado, sem nada haver aprendido do infortúnio recente.

Meus pés levaram-me para a ruína da casa do fundidor; crianças esconderam-se assim que me viram, e mulheres que raspavam panelas e cântaros ficaram de costas, com medo:

Lances trêmulos de paredes enegrecidas de fuligem; a cisterna ressequida onde fora o jardim; o sicomoros com o tronco carcomido e os galhos sem folhas...Mas um abrigo, debaixo

do qual vi um pichel com água, se erguia entre as ruínas. E Muti veio ao meu encontro com terra nos cabelos grisalhos, e mancando por causa do antigo ferimento. Inclinou-se diante de mim, com os joelhos tremendo, e disse com amargura que naquelas condições até era irônica:

- Abençoado seja o dia que traz à casa o meu amo!

E mais não pode dizer. Ficou com a voz estrangulada pela emoção. Acocorada no solo, escondeu o rosto nas mãos; seu corpo magricela tinha sido ferido em muitos lugares pelas pancadas; mas agora tudo já estava cicatrizado e nem eu podia fazer nada. Perguntei-lhe:

- Onde está Kaptah?

- Kaptah?... Morreu! Dizem que os escravos o assassinaram quando viram que os traía vendendo vinho aos soldados de Pepitamón.

Não acreditei, absolutamente. Tinha certeza quase de que ele não tinha morrido. Acontecesse o que acontecesse, Kaptah continuaria a se esgueirar da morte.

Irritada com o meu ceticismo, Muti exclamou:

- Quereis rir, agora? É fácil e agradável, Sinuhe. Estais vendo o triunfo? Eis a vitória do vosso Aton!... Vós outros, os homens, sois todos iguais. Todo o mal do mundo advém dos homens, que são uns eternos meninos. Não crescem nunca, jogam pedra uns nos outros, ferem-se... E o prazer principal deles é dar desgosto aos que os amam. Sempre não vos quis bem, Sinuhe? E de que forma fui recompensada? Fiquei aleijada de uma perna, com o corpo todo ferido, e com um punhado de trigo mofado! E se vos acuso não é por mim, é por causa de Mérito que foi tão boa para vós e a quem, voluntariamente, propositalmente, matastes... Chorei todas as minhas lágrimas também por causa do pequenino Thoth, que era como um filho meu!... Gostava tanto dos meus bolos de mel!... Mas estais lá vos importando com isso! Ora, sempre voltastes, com as mãos abanando, com vossas riquezas dispersadas, disposto a um descansozinho debaixo do abrigo que construí com tanto trabalho e dificuldade. E, para que mais? Para que eu vos alimente. Aposto como antes de amanhecer já estareis choramingando por causa de cerveja e que, mal nasça o sol,

me esbordoareis só porque não vos sirvo como desejais ser servido. Sim, me poreis a trabalhar para vós, ó amigo da indolência. Não fosse assim a natureza dos homens!

Com tais palavras me recebeu, e suas admoestações eram tão familiares que me lembrei de Kipa e de Mérito, e meu coração foi invadido por tamanha tristeza que não consegui reter as lágrimas.

Ela então ficou muito desconcertada e disse:

- Bem sabeis Sinuhe, o criatura de coração terno, que o que falei não foi por mal e sim apenas para vos esclarecer. Disponho ainda de um punhado de trigo que vou moer para vos fazer uma boa papa. Depois vos prepararei uma cama com palha. Decerto dentro de pouco tempo estareis em condições de prosseguir em vossa profissão para que possamos viver. Não vos preocupeis quanto a isso, porque já arranjei para lavar roupa em casa de gente rica onde há uma porção de peças manchadas de sangue. Assim ganharei algum dinheiro. Acho também que arranjarei emprestado um pichel de cerveja... Vou ver se consigo no bordel onde os soldados estiveram aboletados. Sempre vos reanimará um pouquinho...

Suas palavras fizeram que eu tivesse vergonha de minhas lágrimas. Limpei o rosto e disse:

- Não vim para te incomodar ainda mais, Muti. Em breve terei que viajar e talvez me demore. Foi por isto que desejei rever a casa onde fui feliz, passar a mão no tronco rugoso do sicomoros, tocar o chão que foi pisado pelos pés de Mérito e do pequenino Thoth. Não te dê trabalho algum por minha causa, Muti. Vou te mandar umas moedas de prata, se puder, para ires vivendo enquanto eu estiver ausente. Mas te abençôo por tuas palavras, como se fosses minha mãe. És uma boa criatura, embora muitas vezes a tua língua aguilhoe como um moscardo.

Muti soluçava e limpava o nariz com as costas da mão. Não deixou que eu saísse, acendeu um fogo e preparou comida servindo-se da sua reles economia. Vi-me obrigado a comer para não melindrá-la, embora cada vez que mastigasse sentisse náuseas. Muti observava-me e com movimentos de cabeça me encorajava:

- Comei, Sinuhe! Comei, teimoso! Que mal faz que o trigo esteja mofado e vos repugne? Espero bem que doravante não enfiareis mais vossa cabeça pateta em todas as malhas e armadilhas que achardes pelo caminho, pois então nos vos poderei salvar por causa da distância. Isso, comei. Precisais ganhar resistência, Sinuhe. E voltai. Voltai sim, pois ficarei fielmente à vossa espera. Não vos incomodeis comigo. Apesar de velha e aleijada, sou bastante rija. Ganharei bem o meu pão lavando e cozinhando enquanto houver pão em Tebas. Prometei que voltareis a Tebas, meu amo!

Assim, fiquei sentado até ao cair da noite ali entre as ruínas de minha casa; e o fogo que Muti acendera formava um fulgor isolado naquela escuridão compacta. Considerei que talvez tivesse sido melhor não ter voltado.... Que talvez viesse a ser melhor não voltar mais já que eu sempre trazia apenas mágoa e desgosto aos que me queriam bem... Seria melhor viver e morrer sozinho, tal como sozinho eu descera rio abaixo na noite do meu nascimento.

Quando as estrelas nasceram e os guardas começaram a bater nos escudos com as espadas para afugentar o povo das ruínas das ruas do porto, disse adeus a Muti e segui mais uma vez para a casa dourada do faraó. Enquanto caminhava na direção da margem do rio, o céu noturno mais uma vez recebia o reflexo rubro das luzes das grandes ruas de Tebas; e do centro da cidade vinha o som de qualquer música. que aquela era a noite da coroação de Tutankhamon, e Tebas se achava em festa.

E nessa mesmíssima noite os sacerdotes trabalhavam com enorme empenho no templo de Sekhmet, arrancando a erva que crescera por entre as lajes, recompondo e recolocando no lugar a imagem de cabeça de leão, vestindo-a com linho vermelho, adornando-a com emblemas de guerra e de devastação.

Logo depois que Eie pos na cabeça de Tutankhamon as coroas dos dois reinos, a coroa vermelha e a coroa branca, de papiro e de lírio, disse a Horemheb:

- Chegou a hora, Filho do Falcão! Que as trombetas toquem a declaração de guerra! Que o sangue corra como uma onda purificadora sobre a terra de Kan para que tudo volte ao que foi antes e que o povo se esqueça do falso faraó.

No dia seguinte, enquanto Tutankhamon brincava na casa dourada, enfileirando seus bonecos em funerais, acompanhado pela consorte real, enquanto os sacerdotes de Ammon, embriagados pelo poder, queimavam incenso no grande templo e amaldiçoavam o nome do faraó Akhnaton para todo o sempre, então Horemheb ordenou que as trombetas soassem nos cantos das ruas. As portas de bronze do templo de Sekhmet foram escancaradas e, à frente das tropas mais selecionadas, Horemheb abriu a marcha triunfal ao longo da Avenida dos Carneiros a fim de oferecer sacrifícios à deusa. Eie vira satisfeito o seu desejo, pois à destra do faraó governava a terra de Kan. E agora era a vez de Horemheb cuja vontade também se realizou. Segui-o ao templo de Sekhmet porque fez questão que eu contemplasse a grandiosidade do seu poder.

Diga-se porém em sua honra que na hora do triunfo renunciou a quaisquer exterioridades procurando impressionar o povo com a simplicidade do seu comportamento. Por essa razão seguiu para o templo num carro pesado e comum. Não havia plumagens se agitando nas cabeças dos cavalos; nem ouro reluzindo nos raios das rodas. Em lugar disso, agudos alfanjes de cobre fendiam o ar de ambos os lados do carro.

Atrás dele seguiam filas de atiradores de chuços e de arqueiros. O ressoar de seus pés sobre as pedras da Avenida dos Carneiros era tão profundo e firme como o bramir do mar. Negros tocavam tambores feitos com pele humana:

Calado e pasmo, o povo contemplava a figura majestosa em pé no carro e que se alteava por cima das cabeças de todos; contemplava as tropas que cintilavam de saúde enquanto a nação inteira passava necessidade. E o povo assistia o desfile em silêncio, como pressentindo que seus sofrimentos apenas tinham começado agora. Horemheb parou diante do Templo de Sekhmet, desceu do carro e entrou, seguido por seus oficiais. Os sacerdotes vieram ao seu encontro com as mãos e as vestes manchadas de sangue fresco e o conduziram até diante da imagem de Sekhmet. A deusa estava vestida com uma roupa escarlate umedecida com o sangue do sacrifício e que por isso lhe aderira ao corpo; e os seios de pedra proeminavam opulentamente. Na relativa escuridão do



templo sua cabeça de leão selvagem parecia se mover, e os olhos feitos de jóias olhavam como olhos vivos para Horemheb enquanto este contraía com os dedos os corações quentes da oferenda e orava pela vitória.

Os sacerdotes saltavam em redor dele, em sinal de júbilo, acutilando-se uns aos outros, e gritando em uníssono:

- Volta como vencedor, Horemheb, Filho do Falcão! Volta como vencedor! E que a deusa então desça sobre ti, viva, e te abrace com a sua nudez!

Mas Horemheb não deixou que os saltos e os brados dos sacerdotes embargassem sua compostura; efetuou os ritos designados, fazendo isso com fria dignidade, e deixou o templo. Diante da fachada, ergueu as mãos tintas de sangue e falou a multidão em expectativa.

- Atenção, povo da terra de Kan!... Ouvi-me, pois sou Horemheb o filho do Falcão. Estas minhas mãos outorgam vitória e glória eterna a todos os que me seguirem nesta guerra santa. A esta hora os carros dos hititas correm com estrépito pelo deserto de Sinai; suas vanguardas devastam o Baixo Reino, e o nosso país nunca foi ameaçado por um tão grande perigo. Os hititas estão avançando em número incalculável e com aquela crueldade deles que é a abominação de todos os homens. Querem saquear vossas casas, vazar vossos olhos, violar vossas mulheres, escravizar vossos filhos. Por isso a guerra que lhes declaro é uma guerra santa. Guerreemos por nossas vidas e por nossos deuses. Se tudo for bem, recuperaremos a Síria depois da derrota dos hititas. Voltaremos a ter prosperidade, e cada homem receberá uma medida cheia de trigo e terá participação plena nos despojos. Desde muito que estrangeiros vem desrespeitando a nossa pátria, zombando do que chamam a nossa fraqueza e escarnecendo da impotência das nossas armas! É chegada a hora de restaurarmos a glória militar neste país. Apenas congregando nossa força total podemos recuperá-la. Por conseguinte, mulheres do Egito, torcei vossos cabelos em cordas de arcos e mandai para esta guerra santa, com júbilo, os vossos maridos e os vossos filhos! Homens do Egito, forjai vossos arcos com os antigos ornamentos, segui-me e vos darei uma guerra inigualável no mundo todo! Os espíritos

dos grandes faraós e todos os deuses do Egito, e acima de todos Ammon excelso, lutam ao nosso lado. Escutai-me povo! É Horemheb, o Filho do Falcão, quem vos promete!

Calou-se, deixando cair ao longo do corpo as mãos ensangüentadas. Ofegava, porque fora obrigado a gritar bem alto.

Então as trombetas tocaram; os soldados bateram nos escudos com as espadas e fizeram barulho com os pés. Aqui e acolá, brados ressoaram pela multidão; gritos esses que logo se unificaram numa tempestade de vozes, porque todos gritavam juntos, exultando. Horemheb sorriu e voltou para o carro enquanto os guerreiros lhe abriam caminho através da multidão vociferante.

Seguiu para o porto, trasladou-se para o seu navio; devia navegar diretamente para Menfis, pois já se detivera demasiado tempo em Tebas. De acordo com os últimos comunicados, os cavalos dos hititas já estavam pastando em Tânis.

Entrei a bordo e ninguém opôs a menor resistência aos meus passos. Subi e lhe disse:

- Horemheb, o faraó Akhnaton morreu; portanto estou exonerado do meu posto de trepanador real e com liberdade de locomoção. Pretendo seguir contigo para a guerra, porque para mim todas as coisas são indiferentes e em parte alguma sou feliz. Quero ver que espécie de vantagem pode decorrer dessa guerra sobre a qual falaste tanto a vida inteira! Quero ver se governas melhor do que Akhnaton, ou se a ferra é governada por espíritos subterrâneos.

Horemheb entusiasmou-se e declarou:

- Ora aí está um bom agouro... Jamais supus que tu, Sinuhe, fosses o primeiro voluntário a se apresentar para esta guerra! Jamais acreditaria nisto, pois sei que preferes o conforto e o bem-estar às peripécias e surpresas da campanha. Cuidei até em te por a tomar conta dos meus interesses na casa dourada... Mas talvez seja melhor que venhas comigo, pois és daqueles homens simples que a gente conduz pelo nariz. Deste modo pelo menos terei um bom médico que me possa valer. Estou a ver, Sinuhe, que os meus homens tiveram razão em te chamar de O Filho do Burro Bravo quando combatemos juntos os cabírios, pois decerto tens a coragem desse animal, já que os hititas não te inspiram medo.

E enquanto ele falava, os remadores enfiaram os remos na água e a embarcação se insinuou na correnteza, com suas flâmulas ondulantes. O cais estava branco de gente cujos brados era como rajada do vento em nossos ouvidos. Horemheb deu um profundo suspiro e disse sorrindo:

- Conforme vê, a minha oração causou profunda impressão no povo.

Segui-o até ao beliche de onde ele fez sair os escribas. Então lavou as mãos, cheirou-as e disse com certa repulsa:

- Por Set e todos os demônios! Não supunha que os sacerdotes de Sekhmet realizassem sacrifícios humanos, ainda! Mas decerto os mandriões se excitaram porque as portas do templo não se abriam havia pelo menos quarenta anos. Fiquei sem saber para que seria que requisitaram prisioneiros hititas e sírios para as cerimônias. Mandeí-lhos para que assim agissem à vontade...

Tão pasmo e horrorizado fiquei com estas palavras, que meus joelhos cederam e tive que me arrimar; mas Horemheb continuou, distraidamente:

- Se soubesse para que era, dificilmente consentiria. Podes crer, Sinuhe, que fiquei boquiaberto ao dar com um coração humano ainda quente, sangrando na minha mão, diante do altar. Devolvendo aos sacerdotes a liberdade de culto, eles não nos importunarão.

Perguntei-lhe:

- Horemheb, então não consideras nada sagrado?...

Refletiu um pouco e replicou:

- Quando eu era jovem, acreditava na amizade. Cheguei a acreditar mesmo que amava uma certa mulher cujo desdém quase me tornou louco. Agora sei que nenhum ser humano constitui um fim e sim um meio. Sou o centro de todas as coisas. Todas elas procedem de mim e a mim regressam. Eu sou o Egito. Eu sou o povo. Tornando o Egito grande e poderoso, faço-me grande e poderoso. Ora, isso convém a todo preço, Sinuhe, conforme fácil é depreender.

Suas palavras me causaram pouca impressão porque eu o conhecera um rapaz jactancioso, e visitara seus pais que cheiravam

a queijo e gado, embora Horemheb depois os pusesse num bom meio.

Portanto, não podia tomá-lo muito a sério, por mais que se tornasse claro que a vontade dele era endeusar-se perante mim. Não lhe dei a entender esta minha idéia crítica, e principiei a falar da princesa Baketamon que se melindrara mortalmente porque não lhe haviam dado um lugar condizente com a sua dignidade na procissão de Tutankhamon. Horemheb prestou atenção voraz às minhas palavras e ofereceu-me vinho no intuito de me excitar para que eu falasse mais ainda a respeito de Baketamon. Assim, o tempo passou enquanto descíamos navegando para Menfis. e os carros hititas devastavam o Baixo Reino.

LIVRO XIV

A GUERRA SANTA



**E**nquanto se achava em Menfis, reunindo tropas e equipamento,

Horemheb mandou chamar os homens ricos do Egito e lhes disse:

- Vós sois homens influentes, enquanto que eu não passo de um homem que em menino foi pastor com pés sujos de esterco. Aconteceu, todavia, que Ammon me abençoou, e o faraó me confiou o comando desta campanha. O inimigo que ameaça a nossa terra é formidável e de selvageria medonha, conforme sabeis. Deu-me grande satisfação saber que tomastes providencias ousadas reconhecendo que a guerra exige sacrifícios de todos, e que por esta razão racionastes a medida de trigo dos vossos escravos e empregados e erguestes os preços dos viveres no Egito inteiro. Percebi por vossas palavras e ações que também estais preparados para grandes sacrifícios. De maneira a sustentar o custo da guerra será necessário que cada um de vós me empreste - e imediatamente - metade de seus bens, seja em ouro, prata, trigo, rebanhos, cavalos ou carros. A mim tanto se me dá; o essencial é que entregueis prontamente.

Ouvindo isso os homens romperam em grande exortação; e, gesticulando muito, disseram:

- O falso faraó já nos reduziu a mendigos. Estamos na penúria! Que segurança nos ofereceis pelo empréstimo da metade das nossas posses, e que juros tencionais pagar?

Horemheb fitou-os benignamente.

- A segurança é a vitória para meramente como um empréstimo, meus caros amigos. No fim de quatro meses emprestar-me-eis ainda metade do que vos ficou; e dai a um ano metade ainda do que vos sobrou. Vós próprios estais mais capacitados do que eu para computar a soma finalmente restante em vosso poder; tenho, no entretanto, certeza plena de que será quantidade bem mais do que

adequada. para suprir vossas mesas pelo resto de vossas vidas e que não estou, de modo algum, vos roubando.

Então os ricos atiraram-se diante dele, chorando amargamente e batendo no chão com as fronteiras até feri-las. Mas Horemheb procurou consolá-los:

- Chamei-vos porque sei que amais o Egito e quereis de bom grado vos sacrificar por ele. Sois ricos, e cada um de vós fez a própria fortuna mediante esforço próprio. Tenho certeza de que refareis logo essas fortunas. Os ricos se tornam sempre cada vez mais ricos mesmo quando um sumo supérfluo lhes é espremido de vez em quando. Vós, excelentíssimos senhores, constituís para mim um precioso pomar. Embora vos esprema como posso espremer uma romã de modo a que os caroços saltem por entre os meus dedos, todavia, como um bom jardineiro, não lesarei as árvores, apenas me servindo da safra de vez em quando. Lembrai-vos também que vos proporciono uma grande guerra - bem maior do que sonhais - e que em tempo de guerra o homem capacitado só pode prosperar. Quanto mais demorada a guerra, maior a sua prosperidade. Nenhum poder no mundo pode impedir isso, nem mesmo o departamento de impostos do faraó. Tereis muita gratidão por mim. Podeis agora vos retirar, com minhas bênçãos. Ide em paz, tornai-vos diligentes, engordai como carrapatos, pois ninguém vos impedirá isso.

Com estas palavras os mandou embora. Partiram grunhindo, lamentando-se e dando repelões nas roupas. Mas assim que atravessaram as portas cessaram de fazer bulha, principiando atarefadamente a calcular suas perdas e a planejar meios de repará-las.

Horemheb disse-me:

- Esta guerra é um presente para eles. Doravante, quando roubarem o povo, censurarão os hititas por todas as calamidades, assim como o faraó os poderá censurar pela carestia e miséria que a guerra trouxe à nação. No fim é o povo quem paga; os ricos o roubarão tantas vezes quantas forem necessárias para perfazer a soma que me emprestam... E poderei espreme-los outras tantas vezes. Este processo me convém mais do que um imposto de guerra. Se eu

impusesse um tal imposto sobre o povo este amaldiçoaria o meu nome. Roubando os ricos para as despesas da guerra, ganharei as bênçãos do povo bem como o seu favor, como um homem justo.

A esta altura a região do delta se achava em chamas. Bandos de hititas faziam incursões incendiando as aldeias e fazendo seus cavalos pastar sobre o trigo nascente. Fugitivos vinham aos grupos para Menfis contando episódios medonhos da destruição hitita; meu coração baqueava, e eu instava com Horemheb para que não perdesse tempo. Mas ele sorria, sem se incomodar, explicando:

- Os egípcios precisam provar as crueldades dos hititas para que assim acabem se persuadindo que sorte pior e mais sinistra não lhes podia acontecer se caíssem prisioneiros de um tal inimigo. Eu seria louco se avançasse com tropas de recrutas e sem carros. Não te preocupes, Sinuhe. Gaza ainda é nossa... Gaza é a bigorna onde esta guerra será conformada. Enquanto esta cidade estiver em nossas mãos os hititas não ousarão enviar suas forças principais pelo deserto adentro. Não dispõem absolutamente do domínio do mar. Mandei patrulhas ao deserto atiçarem os bandidos e os guerrilheiros; não sou assim tão indolente quanto pensas. O Egito só estaria ameaçado de um perigo excepcional se os hititas estivessem em condições de trazer sua infantaria até a Terra Negra através do deserto.

Homens afluíam para Menfis, chegando de todas as partes o Egito. Homens esfomeados, homens que por causa de Aton haviam perdido seus lares e suas famílias e que já não davam mais valor à vida; homens sequiosos de aventuras e de despojos de guerra. Sem dar atenção aos sacerdotes, Horemheb ia perdoando os que haviam tomado parte na fundação do reino de Aton, e libertou todos os prisioneiros das pedreiras para obrigá-los a entrar a seu serviço. Menfis em breve ficou parecendo um vasto acampamento. A vida da cidade tornou-se turbulenta. Lutas se sucediam todas as noites nas tavernas e bordéis; a população pacífica se fechava em casa, tomada de medo e susto. Vinha das oficinas e ferrarias o ressoar de malhos. O pavor pelos hititas era tamanho que até mesmo mulheres pobres colaboraram fornecendo seus objetos de metal para que se forjassem arcos.



Navios recolhiam incessantemente aos portos do Egito vindos das ilhas distantes e de Creta. Horemheb passou a comandá-los, para isso lotando-os com oficiais e equipagens a seu serviço. Capturou até galeras de guerra cretenses e forçou suas tripulações a servir o Egito.

Essas naves estavam agora espalhadas pelo mar e cruzando de porto a porto não querendo voltar à pátria. Dizia-se que irrompera uma insurreição entre os escravos de Creta e que a cidade dos nobres no alto da colina levava ardendo como uma tocha durante semanas, espetáculo que se podia ver do alto mar. Contudo, não se tinha nenhum informe certo do que estava acontecendo, pois, de hábito, os cretenses mentiam muito. Alguns chegavam a afirmar que os hititas haviam invadido a ilha, coisa aliás impossível de se acreditar já que estes não dispunham de frota para tal invasão. Outros afirmavam que uma raça estranha, de cabelos louros, do Norte, saltara na ilha e a saqueara. Mas os cretenses eram acordes em declarar que todas essas calamidades tinham sucedido porque o deus deles morrera. Por tal motivo estavam contentes de se por a serviço dos egípcios. Ainda assim outros compatriotas seus, que navegavam antes na carreira para a Síria, se tinham aliado a Aziru e aos hititas.

Tudo isso foi sumamente vantajoso para Horemheb, porque uma confusão medonha prevalecia no mar onde todos se degladiavam pela apreensão de navios. Declarara-se uma rebelião em Tiro contra Aziru, e rebeldes sobreviventes escaparam para o Egito onde se alistaram nas forças que Horemheb. Desta forma este ficou habilitado a equipar uma frota e se aparelhar para a batalha com o concurso de equipagem: adestradas.

Gaza ainda resistia. Quando as colheitas acabaram e o rio começou a subir, Horemheb saiu de Menfis com suas tropas.

Mandou adiante mensageiros por via marítima e terrestre para que penetrassem nas linhas dos invasores; um navio que penetrou no porto de Gaza aproveitando a escuridão da noite e levando carregamento de trigo, levava também a mensagem: “Gaza deve resistir. Urge manter Gaza a todo preço!” Enquanto catapultas martelavam as portas e as muralhas da cidade em fogo, porque

ninguém tivera tempo de extinguir os incendios, caíam dardos aqui e acolá com a mensagem: "Horemheb vos ordena que agüenteis em Gaza!" E quando os hititas arremessaram dentro da cidade potes contendo serpentes venenosas, um desses potes estava cheio de trigo e continha esta mensagem de Horemheb: "Urge manter Gaza!" Desta maneira Gaza cobrou ânimo para resistir ao assalto combinado dos homens de Aziru e dos hititas; como resistiu mesmo, lá isso é coisa que ignoro; mas o irascível comandante de praça que me fizera içar para as muralhas dentro de uma cesta mereceu bem a fama que obteve mantendo Gaza para Egito.

Horemheb marchou com suas forças rapidamente para Tânis onde paralisou e envolveu um esquadrão de carros hititas na margem do rio. Com a ajuda da noite pos seus homens a escavar os canais secos de irrigação que fez ligar com a água do rio. De manhã os hititas descobriram que estavam cercados numa ilha e então começaram a matar os cavalos e a destruir os carros. Isso enraiveceu Horemheb que pretendia capturar tudo intacto. Mandou tocar as cornetas e atacou. As tropas frescas egípcias obtiveram uma vitória fácil e retalharam o inimigo que teve que lutar a pé. Desta forma Horemheb capturou cem carros, ou mais, e cerca de duzentos cavalos. A vitória era mais importante do que a captura, porque depois disso os egípcios não consideraram mais o inimigo invencível.

Dispondo a bel-prazer de tais carros e cavalos, Horemheb rodou para Tânis na frente deixando que as tropas de infantaria e os carros de suprimento o acompanhassem com a indispensável distância. Foi com fervor fulgurante que me disse:

- Se há que ferir, urge ferir primeiro e sem remissão!

- E com estas palavras decisivas foi furiosamente a caminho de Tânis, não se importando com as hordas hititas que percorriam e saqueavam o Baixo Reino. De Tânis continuou o avanço diretamente para o deserto, desbaratou os destacamentos hititas que haviam sido colocados guardando os suprimentos de água, e capturou depósito após depósito. Os hititas tinham empilhado centenas de milhares de cântaros com água a intervalos certos através do deserto para o uso de sua infantaria, porque não sendo

marinheiros longe estavam de tentar a invasão do Egito por mar. Sem poupar seus cavalos, Horemheb fez seus homens penetrar depressa. Muitos animais caíram exaustos durante este avanço medonho.

E olhos que o assistiram declaram que cem carros em disparada erguiam uma coluna de poeira até aos céus e que o efeito era de um redemoinho. Todas as noites fogueiras eram acesas nas faldas dos montes de Sinai, facilitando a saída das forças livres dos seus esconderijos para irem destruir as guardas hititas e seus abastecimentos pelo deserto inteiro.

Daí nasceu a lenda de que Horemheb rasgou a superfície do deserto do Sinai com uma coluna de poeira durante o dia e com uma coluna de fogo durante a noite. Depois desta campanha a sua fama se tornou tão legendária que o povo contava histórias a seu respeito iguais às dos deuses.

Horemheb surpreendeu deveras o inimigo, agindo assim inesperadamente.

Conhecedores da fraqueza militar atual do Egito, os hititas não podiam conceber como era que ele ousara aquele ataque através do deserto enquanto as tropas invasoras assolavam o Baixo Reino. As principais forças hititas estavam ainda disseminadas pelas cidades e aldeias da Síria na expectativa da rendição de Gaza, porque as regiões circunvizinhas não podiam suportar o colossal exército hitita reunido na Síria para conquistar o Egito. Eram muito cautelosos em sua arte bélica e só atacavam quando tinham certeza de sua superioridade. Os comandantes haviam anotado em suas tábuas de argila todas as pastagens, mananciais e aldeias da área que pretendiam atacar. Devido a tais preparativos tinham adiado a época da invasão e ficaram aparvalhados ante os movimentos de Horemheb; em parte porque jamais ninguém ousara atacá-los primeiro, e em parte porque não acreditavam que o Egito possuísse carros suficientes para tão grande empreendimento.

O propósito máximo de Horemheb era destruir as reservas de água dos hititas e ganhar tempo para o treino e o equipamento dos seus homens. Mas esse êxito espetacular empolgou-o; girou como vento

na direção de Gaza, caiu sobre os invasores na retaguarda, espalhou-os, destruiu-lhes os engenhos de guerra e incendiou-lhes os acampamentos. Todavia não entrou na cidade. Quando os hititas viram que os carros dele eram poucos reaguntaram-se e contra-atacaram. Horemheb estaria perdido se tais tropas tivessem carros, também elas. Só devido a isso pode se retirar bem para dentro do deserto, tratando de destruir mais depósitos de água na orla da região antes que os hititas enraivecidos pudessem reunir carros suficientes para persegui-lo.

Acertadamente Horemheb deduziu disso que o seu falcão o estava protegendo. Lembrando-se da sarça ardente que vira certa vez entre as montanhas do Sinai, mandou uma ordem aos seus arqueiros que avançassem em marchas forçadas através do deserto por uma das estradas construídas pelos hititas e onde estavam depositados centenas de milhares de cântaros contendo água suficiente para suprir uma grande quantidade de soldados. Seu intuito agora era brigar no deserto, muito embora o terreno ali fosse mais adequado para a luta com o emprego de carros. Parece-me que se viu obrigado a isso, porque depois da sua fuga dos hititas seus homens e seus cavalos estavam tão exaustos que dificilmente chegariam vivos ao Baixo Reino. Reuniu portanto todo o seu exército em pleno deserto, o que era um ato sem precedentes.

Este relato do primeiro ataque de Horemheb aos hititas colhi dele próprio e dos seus homens; não estive presente. Se estivesse estado, certamente não teria sobrevivido para narrá-lo. Coube-me assistir aos traços da luta observando-a da minha liteira enquanto seguia os regimentos de infantaria em suas marchas forçadas através da poeira escaldante e sob o fulgor desapiedado do sol. Depois de nos cansarmos pelo ermo adentro durante duas semanas, coisa que, conquanto houvesse bastantes reservas de, água, nos deixava em petição de miséria, vimos certa noite um pilar de fogo se erguendo da montanha ao fundo do deserto; e soubemos então que acolá Horemheb nos aguardava com os seus carros. Aquela noite ficou gravada na minha memória porque a passei acordado. A escuridão esfriara o deserto depois do dia escaldante, e homens que

tinham marchado descalços pela areia esmagando plantas espinhosas gritavam e grunhiam enquanto dormiam como se demônios os atormentassem. Era por esse motivo, com certeza, que os homens acreditavam que o deserto estava cheio de tais seres. Ao amanhecer, as trombetas tocaram. E a marcha continuou, embora muita gente não tivesse podido se levantar. --A fogueira de Horemheb nos chamava como um fanal; e de todas as bandas do deserto pequenos grupos de salteadores e guerrilheiros andrajosos e queimados pelo sol irromperam dirigindo-se depressa para o ponto luminoso.

Se as nossas tropas cuidavam que teriam tempo para descansar quando chegassem ao acampamento de Horemheb, enganaram-se tremendamente. E se cuidavam que ele as ia elogiar pela marcha rápida e pelas feridas na pele e na sola dos pés, iludiram-se de todo. Recebeu-nos com furor no rosto e nos olhos congestionados. Girando o chicote de ouro manchado de sangue e areia, disse-nos:

- Onde estivestes vadiando, moscas de esterco! Onde estivestes alapados, ovas do demônio? Muito me hei de alegrar de ver vossos crânios branquejando na areia, amanhã. Tenho até vergonha de olhai-vos! Pareceis tartarugas me rodeando!

Tresandais tanto a suor e sujeira que até tenho que apertar o nariz. E enquanto isso os meus melhores homens sangrando aqui e os meus nobres cavalos ofegando mortalmente. Cavai trincheiras, homens do Egito! Cavai vossos abrigos! Este sim, é que é trabalho que vos calha bem, pois tendes passado a vida cavando na lama.

Os recrutas do Egito não ficaram ressentidos em absoluto com as palavras dele; acharam graça e repetiam-nas rindo uns para os outros. A simples presença de Horemheb lhes levantava o moral naqueles ermos medonhos.

Esqueceram as solas esfoladas, as línguas gretadas e, dirigidos por ele, principiaram a cavar trincheiras fundas, a fincar estacas entre pedras, a estender cordas de fibras entre as estacas, a soltar e rolar grandes pedras das abas das colinas.

Os cocheiros esfalfados dos carros de Horemheb arrastaram-se para fora de suas tendas e esconderijos e; mancando, vieram mostrar os ferimentos e gabar suas proezas; dos dois mil quinhentos que

eram, tinham ficado reduzidos a menos de quinhentos em condições de lutar ainda.

A maior parte do exército chegou ao acampamento de Horemheb durante o dia, numa torrente ininterrupta. Todos os homens foram postos a cavar trincheiras e construir barricadas para barrar o acesso dos hititas. Horemheb mandou avisar às tropas exaustas que ainda não tinham chegado que elas todas deviam alcançar a posição fortificada no decurso da noite. Os que permanecessem no deserto teriam morte terrível logo de manhã às mãos do inimigo caso os carros destes irrompessem.

A coragem dos egípcios ficou notavelmente reforçada ante a averiguação numérica de sua quantidade reunida naquelas paragens ermas; todos confiavam cegamente em Horemheb, certos de que os salvaria dos hititas. E estavam construindo as barricadas, estendendo as cordas e deslocando as penhas quando viram o inimigo se aproximar numa nuvem de poeira. Com faces lívidas e olhares vacilantes olharam em redor com medo dos carros munidos de foices tremendas.

A noite se prenunciava, e os hititas não atacariam antes de examinar o terreno e avaliar a força do adversário. Armaram o acampamento, trataram dos cavalos, acenderam fogos. Quando a noite caía, a orla do deserto estava salpicada de fogueiras em toda a extensão que a vista podia abranger. Pela noite adiante suas escoltas percorreram as barricadas em carros leves e ligeiros, matando sentinelas e travando escaramuças ao longo da frente do acampamento. Mas em ambos os flancos onde não tinham sido construídas barricadas, membros afoitos das forças livres surpreenderam os hititas capturando-lhes carros e cavalos.

A noite encheu-se com o ruído de rodas, gritos de moribundos, dardejar de arcos e entrechocar de armas. Os recrutas ficaram seriamente alarmados e não se atreveram a pegar no sono. Mas Horemheb consolou-os dizendo:

- Dormi, cambada de ratos! Dormi! Descansai e esfregai azeite nos pés maltratados, pois estou vigilante e atento aos vossos pesadelos! Eu não dormi; andei pelo acampamento a noite inteira curando os ferimentos dos homens condutores de carros, enquanto o próprio

Horemheb me encorajava dizendo:

- Isso, Sinuhe, cura-os com a tua arte. Guerreiros mais valentes o mundo jamais viu; cada um deles vale mais do que cem ou mesmo mil desses cavadores de terra. Trata-os, pois gosto deveras dessa ralé, e não disponho de homens experimentados que os substituam. Eu me sentia indisposto por causa da jornada cansativa pelo deserto, embora a houvesse realizado numa liteira. A poeira acre ressecara minha garganta. Pensar na obstinação aloucada de Horemheb cujas conseqüências me levariam a morrer nas mãos dos hititas era coisa que me irritava sobremaneira por mais que para mim a morte não oferecesse terrores, mais. Disse-lhe, com raiva:

- Se me empenho em tratar toda essa tua escumalha, fica sabendo que o faço apenas por minha causa, visto como os considero os únicos homens do teu exército capazes de combater. Os que vieram comigo fugirão assim que virem as fisionomias dos soldados inimigos. Bom será que separe os cavalos melhores e que me envie ao Baixo Reino para recrutar um exército. novo e melhor.

Horemheb esfregou o nariz e redargüiu:

- Teu conselho honra a tua sabedoria. Mas só temos uma salvação: derrotar os hititas aqui no deserto. Não há alternativa. Temos que derrotá-los. Vou agora descansar um pouco e bebericar. Depois de beber me sinto irritado com tudo e combato melhor.

Deixou-me. E logo escutei o gorgolejar da sua botija de vinho que também oferecia a quantos passassem perto dele, batendo-lhes no ombro e chamando cada um pelo próprio nome.

Assim a noite se passou, e a manhã se levantou como um espectro do fundo do deserto. Diante das barricadas jaziam soldados mortos e carros virados; corvos bicavam os olhos dos hititas que tinham morrido por ali. Trombetas tocaram as ordens de Horemheb. E ele fez formar suas tropas ao rés da vertente.

Enquanto os hititas apagavam com areia as suas fogueiras ajaezavam os cavalos e amolavam suas espadas, Horemheb dirigia a palavra aos seus homens, mordendo um pedaço de pão duro e uma cebola, enquanto isso.

- Olhai diante de vós. Vede que maravilha! Ammon entregou os hititas em nossas mãos, e hoje realizaremos grandes coisas. A infantaria inimiga ainda não compareceu; acha-se na orla do deserto porque lhe falta água. Para que o exército hitita prossiga em seu ataque ao Egito será preciso que os seus carros rompam as nossas linhas e capturem os depósitos de água na nossa retaguarda. Os cavalos deles já estão com sede e com falta de forragem porque lhes queimei os abastecimentos e esmaguei os cântaros de água colocados da Síria até aqui. Tem portanto que romper nossas forças ou se retirar, a não ser que resolvam fortificar o acampamento e esperar novos abastecimentos, em tal caso não podendo tão cedo se empenhar em batalha conosco. Lembrai-vos porém que eles são homens ambiciosos e que aplicaram todo o ouro e prata da Síria nesses cântaros que jazem enterrados atrás de nós, cheios de água, na direção do Egito. Não desistirão, por conseguinte, de travar luta para alcançá-los. Ora muito bem. Ammon entregou-os nas nossas mãos. Quando atacarem, cavalos tropeçarão e ficarão presos nos obstáculos que lhes armamos. Não podem jogar suas forças todas contra nós. porque as trincheiras que abrimos quase instantaneamente e as cordas que estendemos quebrarão o ímpeto de seu assalto.

Horemheb cuspiu fora uma pele de cebola e continuou a mastigar pão enquanto as tropas começaram a bater com os pés e a soltar brados como crianças aflitas querendo mais outra história. Então Horemheb disse:

- Meu único pavor é que vós outros num momento de vacilação deixeis os hititas deslizar por entre vossos dedos. Essas armas que tendes nas mãos são espadas destinadas a furar os ventres dos hititas. A vós, arqueiros, recomendo: Se sois verdadeiros guerreiros e bons atiradores, deveis ferí-los nos olhos. Mas tais conselhos são inúteis. Visai os cavalos, são alvos maiores, pois jamais ferireis os homens que os dirigem. Quanto mais próximo estiverem, mais certa será vossa pontaria, mesmo a menos exata; aconselho-vos que deixeis que se aproximem bem. Açoitarei pessoalmente cada homem que perder à toa uma arma; não as podemos desperdiçar. E vós, arremessadores de setas e chuços! Quando os cavalos



estiverem perto então firmai os punhos das espadas contra o chão com ambas as mãos e voltai as pontas para as barrigas dos animais.

Desta forma não vos expondes a perigo nenhum e podeis saltar para o lado antes que o cavalo caia sobre vós. Uma vez lançados no chão, cortai-lhes os jarretes, pois somente deste modo evitaremos que as rodas vós venham a esmagar. Eis qual é a vossa tarefa, ratos do Egito.

Erguendo um púcaro com água aos beiços engoliu uma grande dose a fim de clarear as idéias, e continuou:

- Mas... lamento estar aqui perdendo tempo, gastando minha respiração com estes conselhos, porque já prevejo que assim que ouvirdes o grito dos hititas e o estrépito de seus carros escondereis chorando a cabeça na areia por falta de saias onde a esconderdes.

Mas sabeis que se os hititas romperem vossa massa e atingirem as reservas de água na retaguarda, estareis perdidos um por um e sem vida antes do anoitecer, porque seremos cercados e ficaremos com a retirada cortada. Se tal acontecer, impossível a retirada. Se abandonarmos as defesas que construímos, os carros inimigos nos dispersarão como palha ao vento. Estou explicando isto para o caso em que algum de vós tenha a intenção de se perder pelo deserto. Isto aqui é como no alto mar. Estamos todos na mesma embarcação e não temos escolha a fazer e sim apenas uma solução única: derrotar o inimigo. Estarei convosco, lutando ao vosso lado. Caso o meu chicote zurza algum de vós ao invés dos hititas, não será culpa minha mas tão somente vossa, meus valentes ratos.

Os homens o ouviam sem resfolegar. Confesso que já estava me sentindo mal porque os carros inimigos tinham começado a rodar e estavam se aproximando como distantes nuvens de poeira. Acho porém que Horemheb fazia tempo demorando assim de propósito para que os homens se empolgassem com o seu feitio e para os distrair durante o tempo lancinante da espera.

Por fim ele relanceou o olhar pelo deserto, ali do seu rebordo situado a certa altura, ergueu as mãos e disse:

- Os nossos amigos hititas estão a caminho, fato este que me faz enviar agradecimentos a todos os deuses do Egito. Ide, pois, ratos do Nilo! Que cada homem permaneça em seu lugar que ninguém

se mexa enquanto não for lançada a ordem. E vós outros, meus valentões veteranos, não largueis um momento esta ralé...Atirai sobre eles, cercai-os...castrai-os, se necessário for, caso procurem fugir. Uma coisa vos digo: lutai pelos deuses do Egito, lutai pela Terra Negra, lutai por vossas mulheres e vossos filhos. Avançai agora, rapazes! Avançai correndo, senão os carros chegarão às barricada.

Seus estandartes coloridos, o fulgor dos sóis alados na orla de seus carros, as mantas brilhantes de pano que protegiam dos arcos os cavalos, constituíam um espetáculo magnífico e brilhante. Os carros operavam em grupos de seis, cada grupo constituindo um esquadrão. Creio que ao todo havia sessenta esquadrões. Mas os pesados carros puxados por três cavalos e equipados por três homens, formavam o centro dessa vanguarda. Eu não podia conceber como era que a força de Horemheb podia resistir a tal assalto que se movia vagarosa e tenazmente, como naves, demolindo tudo quanto se lhes antolhava.

Ao som de trombetas os capitães do inimigo ergueram seus estandartes e os carros começaram gradualmente a aumentar a velocidade. Quando se aproximaram das barricadas, vi cavalos isolados avançando na frente deles, cada qual com um cavaleiro agarrado à crina e esporeando os flancos do animal, instigando-o a uma velocidade ainda maior. Não consegui imaginar por que motivo enviavam na frente seus cavalos sobre excelentes. Foi então que percebi que os cavaleiros se abaixavam e cortavam as cordas que tinham sido estendidas entre as estacas. Outros cavalos galopavam por entre as brechas assim abertas. Seus cavaleiros. erguiam-se e arremessavam suas espadas de tal modo que elas se fixavam bem retas no chão, e do punho de cada uma flutuava um claro pendão. Isso tudo ocorreu com a pressa de um relâmpago. Não consegui compreender qual fosse a intenção deles, pois logo os cavaleiros viraram suas montadas e abriram em grande galope para desaparecer atrás dos carros, embora alguns caíssem traspassados por setas enquanto muitos cavalos davam cambalhotas e ficavam esperneando medonhamente no chão.

Assim que os carros ligeiros começaram seu assalto, vi Horemheb avançar para as barricadas sozinho onde arrancou uma das espadas e a atirou longe com tanta força que ela ficou fincada mais a prumo ainda na areia. Apenas ele percebera instantaneamente que aquelas espadas e pendões tinham sido colocados para marcar os pontos mais fracos das defesas onde brechas podiam ser feitas. Outros homens que seguiram seu exemplo voltaram com os pendões como troféus. Creio que foi somente a pronta inteligência de Horemheb que salvou o Egito naquele dia, pois se o inimigo houvesse jogado o peso concentrado do seu primeiro assalto contra aqueles pontos que os cavaleiros haviam marcado o certo é que os egípcios não teriam conseguido repeli-los.

Tão logo Horemheb voltou a se abrigar entre as suas tropas já os carros ligeiros dos hititas vinham à toda contra as barreiras, rodando por entre elas como cunhas. Este primeiro entrelaço provocou tal estardalhaço e ocasionou tão densas nuvens de poeira que não pude mais seguir da aba da colina o desenvolvimento da batalha. Vi apenas que os nossos dardos derrubaram alguns cavalos diante das barricadas, mas que os demais condutores destramente evitavam bater nos carros revirados e prosseguiram. Mais tarde se tornou evidente que em um ou dois pontos os carros ligeiros haviam penetrado nas nossas linhas, mas à custa de severas perdas. E em lugar de prosseguir a carreira pararam em grupos enquanto os homens sobre eles saltavam e procuravam remover as pedras e limpar o caminho para a força mais pesada que parara pouco atrás aguardando o seu turno.

Um soldado veterano, assistindo a esse êxito do inimigo, cuidaria perdido o dia; mas os recrutas de Horemheb apenas viam os cavalos esperneando em luta com a morte diante da barricada e dos fossos. Viam que o inimigo apresentava pesadas perdas, e cuidavam que tinha sido sua bravura que paralisara a investida. Vociferando, excitados e lépidos, arremessaram-se com quanta força tinham sobre os carros parados para ferir com as espadas os condutores e derrubá-los ou então se estendiam no chão para cortar os jarretes dos cavalos, enquanto os arqueiros atacaram os homens que estavam deslocando as pedras. Horemheb aconselhou-

os a rastejar e, como eram numerosos, tal processo teve eficiência imediata. Capturaram muitos carros que entregaram, tomados de frenético entusiasmo, aos veteranos, à "escumalha" de Horemheb. Este não lhes disse que o pior ia ser quando os carros pesados irrompessem; confiou na sua sorte e nos vastos fossos que mandara cavar através do vale na retaguarda das tropas, fossos esses que estavam escondidos por moitas e ramos. Os carros leves não os tinham alcançado, acreditando haver transposto todos os obstáculos.

Tendo limpadado um trecho suficiente para o avanço das forças pesadas, os hititas sobreviventes pularam para os seus carros e voltaram apressadamente, despertando assim grande alegria entre os homens de Horemheb que cuidavam já haver ganho a vitória. Mas Horemheb deu ordens rápidas fazendo soar as trombetas, e logo as pedras foram recolocadas, assim como espadas foram fincadas no chão pelos cabos com as pontas viradas para os assaltantes. E para evitar a perda inútil de homens Horemheb se viu obrigado a dispor os carros de ambos os lados da passagem; do contrário as foices dos carros pesados e que rodavam junto com as rodas teria ceifado as tropas como trigo maduro.

Isso ele fez no último momento. A nuvem de poeira ainda não se dispersara de cima do vale, quando os carros pesados, a flor e o orgulho do exército hitita, arremeteram, esmagando todos os obstáculos do caminho. Eram puxados por vigorosos cavalos, um palmo mais alto do que os do Egito, e que tinham as cabeças protegidas por viseiras de metal e os flancos cobertos por coxins de lã grossa. Tão maciças eram as rodas dos carros que podiam revirar até mesmo pedras grandes; e os cavalos com seus peitorais fortes quebravam as espadas fincadas no chão. Gritos e brados por entre golfadas de sangue se levantavam enquanto os defensores eram esmagados debaixo das rodas ou cortados em dois pelas foices.

E à medida que os grandes veículos irrompiam por entre a nuvem de poeira e os cavalos! trotavam avançando com suas mantas coloridas e com suas viseiras reforçadas por cravos de bronze, aqueles conjuntos lembravam desconhecidos monstros fantásticos.

Intrometiam-se em coluna, e me parecia que nenhum poder terrestre os podia conter e que quantidade nenhuma de egípcios conseguiria bloquear o caminho para os depósitos de água no deserto.

Por ordem de Horemheb seus homens se retiraram do vale para as duas vertentes. Os hititas proferiam grandes clamores e faziam grande estrépito, quanto a poeira se levantava em torvelinhos atrás deles. Inclinei profundamente o rosto para o chão e comecei a chorar por causa da perdição do Egito, por causa do inerme Baixo Reino que não tinha defesas, e por quantos deveriam morrer por causa da teimosia de Horemheb.

O inimigo trotava impetuosamente avançando numa grande coluna, quando de repente lhe faltou chão. Cavalos, homens e carros caíram e se enrolaram em massa giratória engolfando-se nos largos fossos que os cavadores de lama do Nilo haviam aberto e disfarçado com ramos e touceiras. Esse fosso se estendia por toda a largura do vale, de vertente a vertente, à direita e à esquerda. Dúzias de carros pesados mergulhavam dentro dele antes que os que vinham atrás pudessem ser desviados e dirigidos paralelamente à borda. Desta maneira a força ficou dividida. quando ouvi a gritaria de pânico dos assaltantes ergui do chão a cabeça e enquanto a nuvem de poeira não velou tudo, o espetáculo a que assisti foi deveras terrível.

Se os hititas tivessem sido mais circunspectos, se tivessem encarado um possível reverso, poderiam ainda ter salvo metade de seus carros e infligido uma pesada derrota aos egípcios.

Podiam ter virado os carros na direção oposta, aproveitando a brecha das barricadas é assim regressar para as suas bases; mas não podiam compreender que eram eles que estavam sendo derrotados, já que não estavam habituados a tal condição. Não fugiram da nossa infantaria, mas conduziram os carros até a rampa ao sopé das colinas a fim de parar os mesmos. Voltando-se para inspecionar o campo, saltaram dos veículos para averiguar o que seria mais conveniente: atravessar o fosso ou salvar os camaradas que tinham caído dentro dele; e ficaram à espera de que a nuvem de poeira clareasse para então planejarem o próximo golpe.

Mas Horemheb não tinha intenção de lhes dar folga. Com um toque de trombeta fez conhecer a seus homens que a sua mágica obrigara os carros a parar, estando agora inertes. Mandou arqueiros para as vertentes se empenhar em luta com os hititas, ao passo que fez outros varrer o chão com ramos para levantar poeira; e isso em parte para confundir o inimigo e em parte para que os próprios egípcios não pudessem ver que enorme quantidade de carros hititas ainda se achava intacta e pronta para a batalha. Ao mesmo tempo mandou rolar mais pedras para fechar as brechas e assim, retendo aqueles carros que se achavam do lado de cá, completar a sua vitória.

Enquanto isso os esquadrões de carros leves estavam parados nas vertentes para dar água aos cavalos, consertar os arreios e reparar os raios quebrados das rodas. - Viram a poeira redemoinhando entre as faldas das colinas. Ouvindo gritos e entrechoque de armas pensaram que as forças pesadas estavam desbaratando os egípcios e matando-os como ratos.

Aproveitando a poeira, Horemheb mandou seus infantess mais destemidos para junto do fosso, assim evitando que os hititas ajudassem seus camaradas caídos lá do fundo. E atirou as tropas remanescentes contra os carros. Estas rolaram grandes rochas diante delas, rodeando assim os veículos, não lhes deixando espaço para manobras e também, acidentalmente, para interceptar os carros uns dos outros.

Ao longo da aba das colinas, grandes penedos logo se foram e locando. Os egípcios sempre tinham sido muito hábeis nesse mister, e entre as tropas de Horemheb não faltava gente com prática de trabalho em pedreiras.

Os hititas ficaram atordoados ante a perene nuvem de poeira que os impedia de ver o que estava acontecendo ali na frente; e muitos foram traspassados pelos arqueiros no lugar mesmo onde se achavam.

Por fim os seus oficiais fizeram soar cornetas ordenando que os carros tornassem a se reunir e descessem de vez para a planície onde se reconstituíriam em novos esquadrões. Mas quando impeliram os cavalos, estes tropeçaram em cordas e armadilhas e

os carros pesados viravam entre as penhas. Viram-se assim compelidos a saltar e lutar a pé, o que só lhes foi desvantajoso, pois estavam acostumados a brigar de situação mais alta do que o adversário, de modo que logo foram vencidas pelos homens de Horemheb, embora a batalha prosseguisse durante o dia inteiro.

Com o aproximar da noite o vento do deserto levou para longe a nuvem de poeira, deixando a nu o campo de batalha e a esmagadora derrota dos hititas. Perderam o maior número de seus carros pesados, dos quais muitos, com os cavalos e o equipamento, caíram intactos nas mãos dos egípcios. Os seus homens, cansados e febris por causa do furor da batalha, feridos e sangrentos, ficaram apavorados ante o espetáculo de suas perdas. Ainda assim os egípcios mortos no vale não estavam longe de ser em número igual ao do inimigo.

Os sobreviventes atônitos diziam uns para os outros:

- Que dia medonho! Ainda bem que durante a batalha quase não vimos nada. Se tivéssemos contemplado a multidão dos hititas e dos nossos enquanto morriam, pela certa nossos corações nos saltariam pelas gargantas. E não teríamos lutado como leões, conforme lutamos.

Os hititas restantes, esses se renderam erguendo as mãos para o ar. Horemheb mandou amarrá-los enquanto os vivazes ratos do Nilo se aglomeravam para examiná-los, tocar-lhes nos ferimentos e lhes arrancar das roupas as imagens dos machados de duas cabeças e dos sóis com asas. Horemheb distribuiu vinho e cerveja entre os seus homens e deixou que saqueassem os que tinham tombado, fossem hititas ou egípcios, para que assim se certificassem de que tinham direito a compartilhar dos despojos. Mas os ganhos mais preciosos foram os carros pesados e, dos cavalos, os que tinham ficado intactos. Naquela mesma noite Horemheb mandou avisar às forças livres que operavam em ambos os flancos o resultado da batalha e exortá-las a fazer parte da sua "escumalha" com seus carros, porque a gente do deserto lidava melhor com cavalos do que os egípcios que os temiam.

Todos os cavaleiros anuíram ao convite, radiantes, principalmente quando viram os carros majestosos e os insofridos cavalos.

Tive muito que fazer com os feridos, consertando cutiladas, encanando braços e pernas, trepanando crânios que haviam sido esmagados com clavas. Embora dispusesse de muitos ajudantes só depois de três dias e três noites foi que todos receberam curativos; e durante esse tempo muitos dos gravemente contundidos vieram a morrer.

No dia seguinte os hititas tentaram um novo ataque com forças intactas empregando carros leves no intuito de recapturar os que haviam perdido. No terceiro procuraram ainda romper as barricadas, não querendo se juntar às tropas que estavam na Síria onde deveriam comunicar ao comando supremo que haviam sido derrotados.

Mas nesse terceiro dia Horemheb já não se satisfez em ficar na defensiva. Arranjando uma aberta por entre os seus próprios obstáculos, fez avançar a sua "ralé" nos carros capturados a fim de dar caça aos veículos leves dos hititas e dispersá-los. Sofremos grandes perdas porque o inimigo era mais rápido e mais afeito à guerra com veículos. Mais uma vez me coube enorme trabalheira. Todavia estas perdas, explicou Horemheb, eram inevitáveis porque somente em batalha os seus "pândegos" podiam aprender a manobrar cavalos e carros, sendo tal exercício melhor quando o inimigo acabava de ser derrotado e estava humilhado do que quando dele partia a ofensiva com equipamento e condições normais.

- Sem carros para fazer face a carros, jamais conquistaremos a Síria. Isso de luta por detrás de barricadas é pueril e inútil, muito embora esteja provado que evitou a invasão do Egito.

Desejou ardentemente que os hititas mandassem sua infantaria para o deserto, porque esta, sem água suficiente, viria a ser fácil presa de guerra. Mas o inimigo foi prudente e se mostrou hábil conhecedor da situação. Manteve suas tropas na Síria, na esperança de que Horemheb, fuscado pela vitória, fizesse seus homens penetrar nesse país onde facilmente seriam aniquilados pelas forças poupadas e veteranas.

Contudo, esta derrota causou profunda consternação na Síria. Muitas cidades se revoltaram contra Aziru e lhe fecharam as portas,



cansadas da sua ambição e da rapacidade dos hititas. Esperavam assim ganhar a simpatia do Egito e fazer parte de uma imediata ação de conquista. Ora, as cidades da Síria andavam sempre em escaramuças umas com as outras, e os espiões de Horemheb atiçavam o descontentamento delas, espalhando relatos exagerados e alarmantes da grande derrota no deserto.

Enquanto Horemheb fazia descansar suas tropas entre aquelas colinas vitoriosas, ia conferenciando com os espiões e formando novos projetos, sem parar de remeter a permanente mensagem à cidade sitiada: "Urge manter Gaza!" Sabia que ela não podia resistir por muito tempo; todavia, para ganhar apoio na Síria, precisava dispor de uma base na costa.

Espalhou entre os seus homens lendas e exageros sobre a riqueza do país e as sacerdotisas do templo de Ishtar que, com artes consumadas, davam gozo aos homens intrépidos. Não se sabia por que motivo ele se detinha tanto naquelas paragens.

Ora, sucedeu que certa noite um homem esfaimado e sedento se arrastou por entre as trincheiras, entregou-se como prisioneiro e pediu para ser levado diante de Horemheb. Os soldados zombaram da sua petulância, mas Horemheb o recebeu. E tal homem se inclinou profundamente diante dele à maneira egípcia, não obstante seus trajes sírios. Em seguida ergueu uma das mãos a um dos olhos, como se sentisse dor. Horemheb disse:

- Que é? Teria alguma varejeira ferido o teu olho?

Por mero acaso eu me achava na tenda quando isto foi dito e considere tal expressão um gracejo fútil já que a varejeira é um inseto inofensivo e não maltrata ninguém. Mas o homem sedento disse:

- Na verdade uma varejeira me machucou a vista, porque na Síria há dez vezes dez delas e todas muitíssimo venenosas.

Horemheb retorquiu:

- Põe-te à vontade, homem. Bem vês que te estou recebendo bem. Fala com a maior franqueza, pois este médico que se acha aqui na minha tenda é simplório e não entende nada disso.

E nisto o espião disse:

- Meu senhor Horemheb, o feno chegou!

Não disse mais do que isso, mas foi o suficiente para eu o tomar como um dos espiões de Horemheb. Este deixou logo a tenda e deu ordem para que se acendesse uma fogueira, imediatamente, no alto da colina. Logo a seguir, uma cadeia de fogueiras, como em resposta, se acendeu ao longe, talvez já em terras do Baixo Reino. Foi por esta forma que ele deu ordem a Tânis para que a frota saísse ao mar e travasse batalha com os vasos sírios ao largo de Gaza caso o conflito não pudesse ser evitado.

Na manhã seguinte as trombetas soaram, e o exército marchou para a Síria através do deserto. Os carros rodavam adiante, numa vanguarda bem avançada para limpar de inimigos a estrada e para escolher lugares onde as tropas pudessem ir acampando.

Mas de que forma Horemheb daria batalha aos hititas em campo aberto era coisa que eu não podia compreender. Os homens seguiram-no, porém, alegremente, sonhando com a riqueza da Síria que lhes cabia conquistar. Entrei para a minha liteira e os segui; deixamos atrás de nós as colinas da vitória onde os ossos dos hititas e dos egípcios jaziam juntos, pacificamente, para futuramente se tornarem alvacentas manchas na areia do vale esburacado.

Chego agora ao relato da guerra na Síria, embora pouco possa falar sobre ela visto ser um leigo em assuntos militares. Todas as batalhas me parecem iguais, não sendo senão incêndio de cidades, saque de casas, lamentações de mulheres, corpos mutilados, o que se encontra na reça dos exércitos. Meu relato seria deveras monótono se eu falasse de tudo quanto vi. A guerra na Síria durou três anos. Foi uma guerra cruel, sem misericórdia, na qual pereceram grande número de homens, mulheres e crianças. Aldeias ficaram devastadas, as terras perderam suas árvores e as cidades se despovoaram.

Mas devo falar primeiramente dos ardis de Horemheb. Conduziu destemerosamente as suas tropas pela Síria adentro, removendo as pedras de demarcação erguidas por Aziru e consentindo que os seus homens saqueassem as aldeias, e se servissem das mulheres como um ante gosto dos frutos da conquista. Marchou diretamente para Gaza, e assim que os hititas deduziram seu propósito

reuniram suas forças na planície, perto da cidade, para interceptá-lo e destruí-lo, pois a região se prestava bem a combates com o emprego de carros. Confiavam no êxito.

Mas o inverno já estava tão adiantado que tiveram que nutrir os cavalos com forragem comprada aos comerciantes sírios. Antes mesmo que a batalha começasse, os cavalos caíram doentes e cambaleavam entre os varais; evacuavam diarreia verde e muitos vieram a morrer. Assim Horemheb pode se empenhar em batalha com o inimigo no mesmo pé de igualdade. E, tendo batido os carros, derrotou com facilidade a infantaria desmoralizada. Infantes e arqueiros logo completaram o trabalho iniciado com os carros. Os hititas sofreram derrota pior do que antes e deixaram tantos mortos no campo quanto os egípcios. Tal lugar ficou conhecido depois como o Campo das Ossadas. Assim que Horemheb entrou em seu acampamento tocou fogo nas reservas de feno, queimando tudo. Essa forragem achava-se misturada com certas ervas venenosas que fizeram adoecer os cavalos dos hititas, embora eu não conhecesse então de que maneira Horemheb ideou e realizou isso.

Assim Horemheb alcançou Gaza, enquanto os hititas e os sírios na banda bem ao sul se refugiaram em cidades fortificadas, já que a derrota ocasionara a debandada. Nesse ínterim a frota egípcia velejava para Gaza, onde entrou quase desarvorada; muitos navios ainda ardião após uma batalha indecisa travada durante dois dias no mar alto. Essa frota levava provisões e reforços para Gaza e transportou depois para o Egito os nossos homens feridos e inválidos.

O dia em que foram abertas as portas de Gaza, a inacessível para a entrada das tropas de Horemheb ainda hoje é celebrado no Egito como um feriado. Esse dia de inverno é conhecido como o Dia de Sekmet, e neles garotos com espadas de pau e clavas leves representam uma imitação do assédio de Gaza. Nenhuma cidade jamais foi defendida tão valentemente, e seu comandante mereceu bem o louvor e a aclamação que lhe foram feitos. Vou citar seu nome, não obstante a indigna maneira com que ele me tratou içando-me para a muralha dentro de uma cesta. Chamava-se Roju.

Mas os seus soldados o chamavam por Cachaço de Touro que bem descrevia sua aparência e sua índole, pois homem assim tão desconfiado e pertinaz jamais encontrei.

Depois, da vitória, as trombetas de Horemheb tocaram em vão o dia inteiro sem que Roju acreditasse que podia abrir com segurança as portas da cidade. Mesmo então só quis deixar entrar Horemheb para verificar antes se era mesmo o homem que parecia ser e não um sírio disfarçado.

O assédio de Aziru não passou de uma brincadeira de criança comparado com o ataque violento e contínuo dos hititas.

Dia e noite estes haviam atirado lá para dentro, tochas flamejantes, e quando chegamos viviam ainda apenas algumas centenas de habitantes. Umhas poucas mulheres e alguns velhos se arrastaram do fundo de casas em escombros, como lívidas sombras de terrível aspecto. Todas as crianças tinham perecido, e os homens se tinham esfalfado até à morte, sob o chicote de Roju, reparando as brechas das muralhas. Os sobreviventes não mostravam alegria nenhuma à vista do exército egípcio marchando através do largo portal desmantelado. As mulheres sacudiam os punhos esqueléticos e os velhos amaldiçoavam-nos. Horemheb distribuiu trigo e cerveja entre eles, e muitos morreram naquela noite, agoniados. Era a primeira noite que comiam à vontade, depois de meses e meses, e seus estômagos enfraquecidos reagiram estranhamente.

Se pudesse, eu reproduziria Gaza conforme a vi no dia da vitória. Descreveria as peles humanas secas dependuradas nas muralhas e os crânios tismados expostos à sanha das aves de rapina. Falaria das ruínas fibrosas e dos ossos carcomidos dos animais largados pelas vielas entupidas. Procuraria explicar, se fosse possível, o cheiro hediondo da cidade sitiada - um cheiro de pestilência e morte que fazia os homens de Horemheb apertar as narinas. Tudo isso eu quisera descrever para dar alguma noção da grande hora de vitória e para deixar testemunhado por que motivo não rejubilei diante de tal dia desde tanto sonhado e aguardado.

A cada soldado sobrevivente da guarnição de Gaza Horemheb deu de presente uma corrente de ouro; isso lhe custou ouço, pois

restavam apenas duzentos homens válidos, e foi um assombro terem resistido. Mas a Roju, Cachaço de Touro, ele deu uma corrente com pedras preciosas verdes montadas em ouro e esmalte, e também um chicote de ouro, e fez seus homens o saudarem com brados que sacudiram paredes e muralhas. Todos o aclamaram com profunda e cordial admiração, pois tal homem mantivera Gaza sob a égide egípcia. Depois que as aclamações deixaram de ecoar, Roju palpou a corrente, com ar desconfiado e disse:

- Tomas-me por um cavalo, Horemheb, para me enfeitares com um arnês dourado? E este chicote? É ele trançado com ouro puro ou com ouro feito com liga de metais "amarelos sírios?"

E disse mais ainda:

- Leva teus homens para fora da cidade, porque a quantidade deles me incomoda. Não posso dormir na minha torre de noite com a barulheira que fazem, embora tenha sempre dormido profundamente quando os arietes martelavam estrepitosamente as portas e os incendios produziam quedas de escombros de todos os lados. Leva os teus homens daqui para fora, porque em Gaza sou faraó e ordenarei aos meus que ataquem os teus e os liquidem caso não parem com esse estardalhaço e não me deixem dormir.

E a verdade é que Roju Cachaço de Touro não conseguia dormir, agora que o assédio terminara. Nem mesmo drogas ou vinho lhe puderam restituir o sono. Jazia deitado na cama, ruminando de que forma as provisões podiam ter sido consumidas.

Certo dia aproximou-se humildemente de Horemheb e disse:

- És meu chefe e mandas mais do que eu. Pune-me, portanto, pois sou responsável perante o faraó por todas as coisas que ele me confiou...E agora como é que vou lhe prestar contas? Todos os meus documentos foram queimados quando os hititas arremessaram pichéis com fogo dentro da minha sala... e a minha memória se esvaiu por falta de suficiente sono reparador. Parece que me lembro bem de tudo... mas nos depósitos deviam estar quatrocentos rabichos de couro para jumentos, e não há meio de achá-los em parte alguma. Os meus escribas encarregados dos depósitos também não conseguem descobri-los por mais que

eu os chicoteie, e agora nem podem sentar nem andar, só conseguindo rastejar com os joelhos e as mãos. Horemheb, onde raio estarão esses quatrocentos rabichos que jamais foram empregados visto como desde muito já comemos os jumentos? Em nome de Set e de todos os demônios! Manda-me açoitar à vista de todos, pois a cólera do faraó me enche de pavor. Não ousarei me apresentar diante dele conforme meu cargo requer se eu não encontrar esses malditos rabichos...

Horemheb procurou acalmá-lo dizendo que de bom grado lhe daria outros quatrocentos. Mas a proposta de Horemheb lançou Roju numa agitação ainda maior. Disse:

- É evidente que procuras me engodar com embustes, pois se aceito esses, ainda assim são outros e não os que me foram confiados. Fazes isso para me degradar e depois me acusar perante o faraó. Estás com inveja e queres arrebanhar o posto que tanto cobiças de comandante de Gaza! Não consinto que me faças propostas falazes... Hei de achar esses quatrocentos rabichos nem que tenha que revirar Gaza pedra por pedra!

E sem o conhecimento de Horemheb, Roju ordenou a execução do superintendente dos depósitos que agüentara todas as vicissitudes do assédio ao seu lado, e pos homens a revirar o chão da sua torre com picaretas a fim de achar os rabichos. Quando Horemheb viu isso, mandou trancá-lo no seu aposento com guarda permanente, e em seguida me consultou.

Fui visitar Roju e com a ajuda de diversos homens corpulentos o amarrei na cama e em seguida lhe administrei um calmante cavalariço. Mas seus olhos fulguravam como os de uma fera; retorcia-se na cama e espumava, com fúria. Dizia-me:

- Sou ou não sou o comandante de Gaza, ó chacal a soldo de Horemheb? Ah!... Lembro-me agora que está no cárcere da fortaleza um espião sírio que capturei antes da chegada de teu amo. Devido aos meus muitos deveres esqueci de enforcá-lo na muralha. Trata-se de um espião que é um sujeito muito astuto, e agora compreendo que foi ele quem deu sumiço aos quatrocentos rabichos. Traze-mo aqui de pressa para que eu o faça confessar. Só assim dormirei em paz outra vez.

Delirava tanto a respeito desse espião que fiquei farto dessa lengalenga e, tomando uma tocha, desci à masmorra, onde alguns corpos roídos por bandos de ratos jaziam acorrentados à parede. O melhantes e gozar a minha riqueza. Deve-me dois milhões de debens até agora... Em ouro, sim, como pagamento de pão e água que lhe forneci; e eu não contei a ele que o assédio terminou e nem que Horemheb entrou na cidade para que assim a dívida vá aumentando dia a dia. Ele jura que Horemheb o soltará e lhe dará correntes de ouro. E acredito, não posso deixar de acreditar, porque ele fala que parece uma melodia... e ninguém resiste! E quereis saber de uma coisa? Pois sim que o levo à presença de Horemheb! Levar... levo! Lá isso, levo, mas só depois que ele ficar me devendo três milhões de debens de ouro. É uma soma redonda, fácil de guardar na memória.

Meus joelhos começaram a tremer e meu coração a baquear dentro do peito porque me pareceu que eu sabia quem era essa pessoa... Dominei-me, porém, e lhe disse:

- Ó velhote! Não existe tal quantidade de ouro no Egito e na Síria, juntando os dois países. Pelo que estás contando, vejo muito bem que esse homem não passa de um grande embusteiro e que merece castigo exemplar. Traze-mo imediatamente aqui, e roga a todos os deuses que nenhum mal lhe tenha sucedido pois responderás por isso com tua cabeça de cego!

Chorando amarguradamente e invocando Ammon em seu socorro, o velho não me trouxe o homem, mas me levou, isso sim, diante de uma célula ao fundo de muitas outras, e cujo vão de entrada estava tapado com lajes para que os homens de Roju não viessem a descobri-lo. Quando enfiei a tocha dentro do vão vi acorrentado à parede um homem com trajes sírios em frangalhos, cujas costas estavam nuas e cujo ventre lívido pendia em dobras. Uma das órbitas era boca e, à luz da tocha, ele piscou as pálpebras da outra e se voltou para me ver, dizendo logo:

- Pois não é o meu patrãozinho Sinuhe?... Abençoado seja o dia que o traz a mim! Chama depressa o ferreiro para me livrar destas algemas. Traga-me um púcaro de vinho para que eu esqueça meus sofrimentos. Mande que os escravos me esfreguem os mais finos

ungüentos... Sim, oh, sim, meu patrãozinho, pois estou acostumado ao conforto e a uma vida de abundância, e estas pedras malditas esfolaram a pele das minhas costas. E bem que calhava agora uma cama bem macia na companhia de umas virgens de Ishtar, pois reparo que este meu ventre já não me atrapalha nas delícias do amor. Todavia, quer acredite quer não, nestes poucos dias comi pão no valor de mais de dois milhões de debens.

- Kaptah! Kaptah! - exclamei, caindo de joelhos e atirando meus braços em redor dos seus ombros que ratos tinham mordiscado. - És incorrigível! Disseram-me em Tebas que tinhas morrido; mas não acreditei porque acho que não podes morrer nunca. E a prova é que te encontro aqui na cela aos mortos, vivo e sadio entre cadáveres... E isso apesar de que os que pereceram algemados aqui perto de ti eram pessoas mais respeitáveis e mais agradáveis aos deuses do que tu. Ah! Que prazer em te reencontrar vivo!

Kaptah disse:

- O meu amo ainda continua sendo o mesmo tagarela. Não me fale em deuses, pois na minha desdita invoquei todos os que conheço... até mesmo os dos babilônicos e dos hititas... E nenhum deles me ajudou. Fiquei reduzido à miséria por causa desse guarda incontentável... Só o escaravelho me ajudou trazendo aqui o patrãozinho, pois o comandante desta fortaleza é louco e não acredita em nenhuma afirmação. Deixou que os seus homens me saqueassem e martirizassem de maneira terrível; tanto que urrei como um touro no ecúleo em que me estenderam. Ainda bem que consegui conservar comigo o escaravelho; quando vi o que ia acontecer, tratei de escondê-lo numa parte do meu corpo que é uma habitação indigna para um deus... Parece, porém, que o escaravelho não se zangou, e a verdade é que me trouxe o patrãozinho. Sim, pois a quem senão a ele poderia eu atribuir um tão notável reencontro?

Mostrou-me o escaravelho que ainda estava imundo por causa do desagradável esconderijo onde estivera. Ordenei ao ferreiro que o soltasse das algemas e depois o conduzi aos meus cômodos em cima, na fortaleza, porque Kaptah estava fraco e sua vista reagia à claridade. Por ordem minha escravos o lavaram, untaram e



vestiram com linho novo; arranjei-lhe uma corrente de ouro, braceletes e outros ornamentos que lhe dessem uma aparência condizente com a sua dignidade. Mande também que o barbeassem e penteassem; enquanto isso ele comia, bebia e arrotava a vontade. Mas o carcereiro chorava e se lamentava atrás da porta, gritando que Kaptah lhe devia dois milhões, trezentos e sessenta e cinco debens de ouro por lhe haver preservado a vida ali mentado na masmorra. E que não abateria um debem na soma, dizendo que arriscara a vida ao preservar a de Kaptah e roubara comida para ele. Tal berreiro me enfezou; disse a Kaptah:

- Horemheb acha-se em Gaza faz mais de uma semana e esse velho te trapaceou. Não lhe debes nada. Vou ordenar aos soldados que o açoitem e, se for necessário, que lhe cortem a cabeça. É um embusteiro e causou muitas mortes.

Mas Kaptah se chocou com as minhas palavras.

- Sou um homem honrado. Um negociante tem que cumprir seus compromissos se quiser conservar nome e crédito. Se eu desconfiasse que não morreria teria pechinchado com ele, naturalmente! Sempre que cheirava o pão na mão dele prometia lhe dar a importância que ele exigia.

- Será possível? Não! Não posso acreditar. Qualquer maldição se impregnou nas pedras desta fortaleza porque todos que permanecem um pouco dentro dela acabam ficando malucos. Estás maluco também. Tencionas pagar-lhe o débito todo? Mas vais pagar com que? Desde que o reinado de Aton levou a breca suponho que ficaste tão pobre quanto eu.

Mas agora Kaptah já estava bêbado.

- Sou um homem às direitas. Um homem piedoso. Venero os deuses e cumpro com a minha palavra. Pretendo pagar a minha dívida até ao último debem, contanto que para isso ele me conceda um prazo. Em sua simplicidade ele sem dúvida se contentaria com alguns debens porque durante a vida inteira nunca palpou ouro em pó. Ficaria radiante em receber apenas um debem de ouro... Mas isso não me desobriga do meu compromisso. Não sei onde vou achar tamanha quantidade; perdi tanto nos motins de Tebas de onde fui obrigado a fugir de maneira ignóbil, largando tudo!

Os escravos persuadiram-se de que eu os denunciara a Ammon e quiseram me liquidar. Depois disso prestei grande serviço a Horemheb em Menfis; mas o ódio dos escravos me perseguiu até lá. Vim então prestar-lhe serviço ainda maior na Síria onde me disfarcei de mercador e vendi trigo e forragem aos hititas. Acho mesmo que Horemheb me deve já meio milhão de debens de ouro... Ou mais porque fui forçado a escapar para Gaza em perigo de vida. Vim num bote insignificante e corri grande risco no mar. O patrão há de compreender: os hititas ficaram furiosos porque seus cavalos adoeceram por causa do feno que vendi. Mas aqui em Gaza ainda corri risco pior. O louco do comandante me aprisionou como espião sírio e me torturou no ecúleo. Ah! Não resta dúvida de que o meu couro estaria dependurado na muralha se não tivesse sido este velhote caduco. Escondeu-me e jurou que eu havia morrido na masmorra. Portanto, tenho que pagar o que lhe devo.

Foi só então que os meus olhos se abriram: compreendi que Kaptah tinha sido o melhor agente de Horemheb na Síria e o seu espião principal... Pois aquele desgraçado sedento que visitara a tenda de Horemheb aquela noite não levava a mão à órbita como sinal de que fora mandado por um caolho? Percebi que nenhum outro poderia ter realizado tais proezas, pois em ardis ninguém levava a palma a Kaptah.

Disse-lhe:

- E que tem isso, que Horemheb te deva muito ouro? Sabes muito bem que ele nunca paga as dívidas.

- Isso mesmo. É um homem ingrato e de coração duro; mais ingrato ainda do que esse comandante louco a quem remeti trigo em potes lacrados. Os hititas cuidavam que eram potes cheios de serpentes venenosas, pois para provar isso quebrei um dos potes e as serpentes que saíram de dentro morderam três hititas que morreram. Claro que depois disso não quiseram mais abrir os potes. Se não puder me recompensar em ouro, Horemheb deve me nomear recebedor de taxas do porto e de similares contribuições nas cidades capturadas. Deve entregar-me todo o negócio do sal da Síria, e muito mais, para desta forma me indenizar.

Havia senso no que dizia; ainda assim redargüi, admirado:

- Então pretendes trabalhar a vida inteira para pagar esse velho caduco que está fazendo tamanho berreiro aí atrás da porta?

Kaptah bebeu vinho e lambeu os beiços, dizendo:

- Realmente vale a pena mofar durante uma semana ou duas num buraco escuro tapado por pedras, com água imunda como bebida... Só assim, depois, é que se sente deveras a delícia que é sentar em almofadas macias, estar num lugar bem claro, provar um bom vinho... Não, Sinuhe, não sou tão louco quanto supõe. Contudo a minha palavra foi dada, e por isso o patrão deve restaurar a vista desse homem, conforme a minha promessa. E, para que?!... Para que ele jogue aos dados comigo: Antes de ficar cego foi um jogador inveterado... Ora, se ele perder para mim; que culpa terei eu? O patrão compreende, naturalmente que eu cá vou apostar grosso!

Concordei intimamente que este era o único processo honroso de Kaptah solver o compromisso da sua dívida colossal, pois era um jogador admirável...com dados da sua escolha. Prometi devotar todo o meu engenho em fazer a vista voltar ao velhote, pelo menos o suficiente para que ele visse os pontos. Em paga, Kaptah se comprometeu que remeteria a Muti prata bastante para a reconstrução da antiga casa do fundidor em Tebas e para seu sustento durante a minha ausência. Fiz entrar o velho carcereiro e Kaptah lhe assegurou que pagaria a dívida toda contanto que lhe fosse dado um pequeno prazo. Examinei os olhos do velho, verifiquei que a cegueira não era resultado de viver nas trevas e sim uma antiga doença negligenciada. No dia seguinte operei-o por meio de agulha, de acordo com o método que eu aperfeiçoara em Mitani. Quanto tempo a vista duraria não pude dizer porque os olhos tratados assim acabam criando uma cicatriz proliferante em curto espaço de tempo, sobrevivendo novamente uma cegueira que, essa então não pode ser evitada nem curada. Levei Kaptah à presença de Horemheb que se alegrou muito em vê-lo; abraçou-o, chamou-o de grande homem, afirmando que o Egito inteiro lhe era grato por suas grandes proezas. Mas Kaptah deixou pender a cabeça e principiou a chorar, dizendo:

- Olhai para esta minha barriga que acabou virando um saco vazio por causa da trabalhadeira que me obrigastes a ter. Baixai os olhos

sobre as minhas costas e as minhas orelhas laceradas que os ratos da masmorra de Gaza deixaram em frangalhos! Falais-me em gratidão, que é coisa que não põe um grão na minha boca nem uma gota na minha garganta. Onde é que estão os fardos de ouro que me prometestes? Ah, não, Horemheb. Não peço gratidão. Peço é que me pagueis o que me é devido. Pagai-me como homem de honra porque eu também tenho dívidas a satisfazer. Palavra de honra que estou endividadíssimo... muito mais do que podereis imaginar.

Horemheb chasqueou e batendo com o chicote na perna impacientemente, respondeu:

- Tuas palavras são de demente, Kaptah. Sabes muito bem que não disponho de despojos para dividir contigo e que estou empregando todo o ouro de que posso lançar mão para prosseguir na guerra contra os hititas. Pessoalmente não passo de um pobretão. Disponho de que? No máximo, de glória. O mais que posso fazer por ti é o seguinte: meter na cadeia todos os teus credores, acusá-los de muitos crimes, dependurá-los nas muralhas, e assim quitar tuas dívidas.

Mas Kaptah não quis concordar com isso, Horemheb deu uma risada estentórica e indagou:

- Como foi que chegasse a ser estendido no ecúleo como espião sírio e arremessado na masmorra? Por mais que Roju seja louco, é um guerreiro decente. Deve ter havido algum motivo para que ele te fizesse isso.

Kaptah deu um puxão na roupa nova, como sinal de inocência, deu socos no peito, e exclamou:

- Horemheb! Horemheb! Falastes-me então ainda agora mesmo em gratidão só para logo a seguir me insultardes com indícios de desconfiança? Não envenenei os cavalos dos hititas? Não atirei trigo dentro de Gaza? Quando estáveis acampado nos ermos não contratei homens destemidos para vos dar pormenores das disposições do inimigo? Não contratei escravos para furar os odres com água nos carros com que os hititas vos atacaram? Tudo isso fiz por vós e pelo Egito, sem pensar em lucro. Era pois natural e necessário que eu realizasse certos serviços inócuos aos hititas e a

Aziru. Por essa razão, quando fugi para Gaza levava comigo uma tábua de argila que era um salvo-conduto assinado por Aziru. Um homem prudente procura se proteger por todos os lados e trazer muitas flechas na aljava. Nem para vós nem para o Egito poderia eu vir a ser eficiente se a minha carcaça estivesse dependurada agora, na muralha. Trazia tal salvo-conduto comigo porque estava à vossa espera havia muito tempo e Gaza poderia cair. Mas Roju é um homem desconfiado, e foi em vão que cobri meu olho cego e falei em varejeiras venenosas, conforme tínhamos combinado. Não acreditou em senhas, estendeu-me em cima do ecúleo e foi esticando, esticando o meu corpo até que urrei que nem um touro e tive que dizer que era espião de Aziru.

Horemheb deu uma gargalhada e disse:

- Escapaste, não escapaste? Pois então! Isso já é uma recompensa, meu bom Kaptah. Conheço-te e tu me conheces. Não me enfezes mais com essa joça de ouro, pois tais assuntos me aborrecem e me fazem ficar furioso.

Mas Kaptah insistiu tanto que acabou arrancando de Horemheb o privilégio de ser o único comprador e vendedor dos despojos de guerra na Síria. Podia adquirir, jogar, permutar por vinho, cerveja e mulheres quaisquer despojos que tivessem sido repartidos entre os soldados. Ficou autorizado também a vender a parte do faraó relativa à pilhagem, ou a de Horemheb, ou permutá-las por coisas de que o exército estivesse carecendo. Só esse direito o tornaria um homem rico; ainda assim solicitou as mesmas condições para todos os despojos sírios para onde quer que os exércitos de Horemheb fossem no futuro. Horemheb concordou porque isso não lhe custava nada; e em compensação Kaptah lhe prometeu presentes magníficos.

Depois que Horemheb reparou todos os carros, chamou forças auxiliares do Egito, reuniu em Gaza todos os cavalos do sul da terra de Kan, lançou uma proclamação declarando que viera como libertador da Síria e não como conquistador. Sob a proteção generosa do Egito, disse ele, todas as cidades da Síria tinham gozado liberdade e comércio sem restrições, cada qual com seu próprio soberano. Mas que, por vil traição de Aziru, tais cidades se

tinham visto forçadas a se render à tirania dele, Aziru, que despojara os reis de suas coroas herdadas e oprimira a cidade com impostos pesadíssimos. Tomado de ambição voraz, vendera a Síria aos hititas cuja crueldade os sírios tinham sofrido e verificado dia a dia. Portanto ele, Horemheb, o Invencível, o Filho do Falcão, viera para libertar a Síria do jugo da escravidão, encorajar o comércio, repor os antigos reis, de maneira que, sob a proteção do Egito, a terra pudesse florescer e prosperar como antes.

Prometia a sua ajuda a cada cidade que expulsasse os hititas e fechasse as portas a Azíru. E que, quanto às cidades, que continuassem a resistir depois desta sua proclamação, seriam queimadas, saqueadas e destruídas, suas muralhas seriam arrasadas para sempre e as populações levadas para a escravidão.

Finalmente Horemheb marchou sobre Jopa e mandou sua frota fechar o porto. Com a ajuda dos espões fez espalhar sensacionalmente a sua proclamação que despertou desassossego e indecisão entre as cidades. Assim, disputas surgiram entre cidades, o que, aliás, era o seu intuito. Mas Kaptah, cauteloso como era, permaneceu dentro das muralhas de Gaza, não fosse Horemheb sofrer alguma derrota visto como Aziru e os hititas estavam reunindo poderosas forças no interior do país. Roju Cachaço de Touro reconciliou-se com Kaptah que o curou da sua mania e escrúpulo explicando-lhe que a soldadesca, aturdida com o assédio, devia ter roubado os quatrocentos rabichos e comido todos eles porque eram de couro macio e podiam ser mastigados para mitigar o suplício da fome. Ao ouvir e entender isso, Roju ficou quieto, seu furor sumiu de vez, pode ser desamarrado da cama, e acabou perdoando tal furto porque reconheceu que seus camaradas tinham lutado com grande valor.

Quando Horemheb partiu com os seus homens, Roju fechou as portas da cidade, jurando que nunca mais daria acesso a quaisquer tropas. Vivia bebendo vinho e assistindo ao jogo de Horemheb com o guarda carcereiro. Ao tempo da partida de Horemheb, Kaptah já havia ganho outra vez do velho nada menos do que meio milhão de debens de ouro da dívida global.

Bebiam e jogavam aos dados de manhã até de noite; brigavam, atiravam os dados na cara um do outro; cuspiam nas palmas das mãos e viravam o copo de couro com tamanho ímpeto que os dados caíam no chão. O velhote, sendo miserável, no começo queria jogar fazendo apostas baixas, e choramingava e lamentava o prejuízo crescente. Quando Horemheb sitiou Jopa, Kaptah obrigou o parceiro a levantar a importância das apostas. E quando um mensageiro trouxe a notícia de que Horemheb abrisse uma brecha na muralha, Kaptah deu uma "virada" tão espetacular derrotando seu adversário que a situação se inverteu: o guarda é que ficou devendo alguns cem mil debens de ouro a Kaptah. Este, porém, foi magnânimo e perdoou a dívida. Presenteou-o mesmo com algumas roupas novas e com um punhado ou mais de moedas de prata, o que fez o velho chorar de alegria e abençoá-lo como seu benfeitor. Ignoro se Kaptah roubou ou não nesse jogo, empregando dados viciados. Só sei que jogou com muita habilidade e com uma sorte incrível. A fama dessa partida com apostas de milhões - jogo que levou semanas - se espalhou pela Síria inteira. E o velho, cuja cegueira não tardou a voltar, viveu o resto de seus dias numa pequena choupana perto das muralhas de Gaza. Viajantes mesmo de outras cidades iam visitá-lo para ouvir a história empolgante desse jogo. Anos e anos passados ele ainda repetia peripécias e apostas de cada jogada, pois os cegos têm boa memória. Mas seu orgulho maior era na hora em que contava a última aposta. Naquela jogada final da partida perdera cento e cinquenta mil debens de ouro. Jamais houvera apostas tão altas numa partida jogada aos dados. Pessoas traziam-lhe presentes para o forçarem a repetir a história legendária; assim acabou não passando necessidade, vivendo mesmo com maiores comodidades do que se Kaptah lhe houvesse concedido uma pensão vitalícia.

Quando Jopa caiu, Kaptah se dirigiu para lá, apressadamente. Fui com ele. Vimos pela primeira vez aquela cidade opulenta, já agora em mãos dos conquistadores. E, embora os mais ousados de seus habitantes se tivessem erguido em revolta contra Aziru e os hititas assim que Horemheb a sitiara, agora, porém, ele não a poupou. Consentiu que seus soldados durante duas semanas a pilhassem e

despojasse. Kaptah acumulou uma enorme fortuna nessa cidade, porque os soldados permutavam por vinho e prata inestimáveis tapetes, móveis e estátuas, bem como demais coisas que não podiam carregar. Podia-se arranjar uma mulher síria bonita e airoso, ali em Jopa, por duas argolas de cobre.

Foi nessa cidade que me dei conta de veras da brutalidade dos homens para com os seus semelhantes. Durante o tempo da bebedeira, pilhagem e incêndio, todas as sortes de abominações foram cometidas. Os soldados tocavam fogo nas casas só por distração, para que à noite pudessem enxergar e cometer saques, violências e torturas, e forçar negociantes a confessar onde haviam escondido tesouros. Havia soldados que se divertiam ficando parados numa esquina e que, com uma clava ou uma espada, tiravam a vida dos sírios que passassem, fossem homens, mulheres, crianças ou velhos. Meu coração confrangia-se à vista da iniquidade humana. Tudo quanto aconteceu em Tebas por causa de Aton foi trivial em comparação com o que foi feito em Jopa por causa de Horemheb.

Deu plena liberdade aos soldados, só para que estes ficassem mais ligados a ele. Para evitar a mesma sorte de Jopa, muitas cidades ao longo da costa expulsaram os hititas.

Não quero mais falar daqueles dias porque só em recordá-los o meu coração vira pedra em meu peito e as minhas mãos suam frio. Direi apenas que por ocasião do ataque de Horemheb havia na cidade, além da guarnição de Aziru e da soldadesca hitita, aproximadamente vinte mil habitantes. Quando ele partiu não ficaram trezentas pessoas vivas. Desta forma Horemheb foi levando a guerra pela Síria adentro, e eu o acompanhava, tratando dos ferimentos dos seus homens e assistindo ao mal que um ser humano pode ocasionar a outro. A guerra continuou três anos durante os quais Horemheb derrotou as tropas de Aziru e dos hititas numa porção de batalhas. Duas vezes as suas forças foram surpreendidas pelos esquadrões de carros dos hititas que causaram grande destruição e o forçaram a se retirar para trás das muralhas das cidades capturadas. Conseguiu manter comunicação marítima com o Egito, e a frota síria nunca pode fazer nada contra



a dele que com a guerra ficou uma excelente armada. Podia sempre mandar vir reforços do Egito no caso de derrotas suas, e recuperar força para novos embates. As cidades da Síria permaneciam em ruínas, e os homens se escondiam como feras no recesso das montanhas. A região inteira estava devastada, e hordas talavam as lavouras e os pomares para que o inimigo não pudesse se servir da terra conquistada. Assim a riqueza e os homens válidos do Egito foram sendo drenados para lá, e o Egito parecia uma pobre mãe dilacerando as vestes e cobrindo os cabelos de cinza ante a morte dos filhos. Ao longo do rio, desde o delta até ao fundo, não havia uma cidade, uma aldeia, uma choça, onde elas não tivessem perdido esposos e filhos na Síria e In prol da grandeza do Egito.

Durante esses três anos envelheci mais rapidamente do que em todos os outros anos. O meu cabelo caiu; fiquei de dorso inclinado e meu rosto se enrugou como um fruto seco. Irritava-me e falava asperamente com os doentes como fazem muitos médicos depois que envelhecem e por mais bondosos que sejam. A tal respeito eu não era diferente dos outros médicos embora houvesse visto mais coisas do que a maioria deles.

No terceiro ano veio a peste pois esta vem sempre na reção da guerra, sendo engendrada nos lugares onde são amontoados muitos cadáveres em decomposição.

A Síria inteira acabou virando uma enorme fossa. Raças inteiras morreram, a ponto de seus idiomas e costumes desaparecerem e caírem no esquecimento. A peste matou os que tinham sido poupados pela guerra. Causou tantas vítimas dentro dos dois exércitos que as pelejas cessaram e todas as tropas fugiram para o deserto ou as montanhas onde o flagelo não ia ter. E a peste não respeitava pessoas: gente importante ou humilde, ricos e pobres eram suas vítimas; tampouco havia remédio eficiente. Os que caíam doente ficavam de cama, luxavam o cobertor para cima da cabeça e a maior parte morria dentro de três dias. Os que sobreviviam ficavam marcados com cicatrizes nas axilas e virilhas por onde os humores pestilentos forçavam saída durante a convalescença.

O mal era caprichoso tanto em poupar como em dizimar. Não eram sempre os mais robustos e sadios que escapavam e sim muitas vezes os fracos e franzinos, como se nestes a peste não achasse grande coisa com que se nutrir. Atendendo aos doentes cheguei finalmente a tirar-lhes a maior quantidade de sangue possíveis e a proibir-lhes que se alimentassem o tempo todo. Curei muitos com este processo, mas número idêntico faleceu nas minhas mãos, de modo que fiquei sem saber se tal tratamento teve alguma valia. De qualquer forma me via compelido a fazer qualquer coisa para não desmoralizar a fé que depositassem na minha ciência. Um doente que perde a confiança na cura e na capacidade do médico morre mais facilmente do que os outros que acreditam nele. O meu tratamento era melhor do que outros muitos, pois pelo menos saía mais barato para o paciente.

Os navios transportaram a peste para o Egito onde, contudo, poucos faleceram. A peste acolá perdeu a sua virulência, e o número dos que ficaram bons excedeu ao dos que morreram. E o mal desapareceu. Vendo então os hititas que haviam perdido de vez a devastada terra da Síria, fizeram ofertas de paz, pois eram guerreiros prudentes e cautelosos, não querendo aventurar seus carros a uma glória oca quando precisavam deles para repelir e conter os babilônicos.

Horemheb aceitou a paz de muito bom grado. Suas forças tinham decrescido e a guerra empobrecera o Egito. Desejava reconstruir a Síria, refazer seu comércio e tirar proveito do país. Concordou em assinar a paz sob a condição dos hititas entregarem Megido que Aziru tornara sua capital e fortificara com muralhas e torres inexpugnáveis. A vista disso, os hititas prenderam Aziru e, tendo confiscado a imensa fortuna que ele acumulara extraindo-a da Síria inteira, o entregaram algemado com a mulher e os dois filhos a Horemheb. Em seguida saquearam Megido e tangeram o gado e os rebanhos de Amurru para fora do país, pela parte norte que, pelos termos da paz, ficava doravante sob o domínio do Egito.

Horemheb não chicanou por causa disso. Uma vez terminada a luta, ofereceu um banquete aos príncipes e chefes hititas, e bebeu vinho com eles a noite toda jactando-se de suas proezas. Iria executar no

dia seguinte Aziru com a família diante das tropas reunidas em parada como prova da paz eterna que devia de então por diante prevalecer entre o Egito e a terra de Hati.

Não tomei parte no banquete mas me encaminhei nas trevas para a tenda onde Aziru jazia algemado. Fui procurar Aziru porque ele agora não tinha um único amigo na Síria inteira. Um homem que perdeu todos os bens e que se acha condenado a uma ignominiosa morte não tem mais amigos. Eu sabia quanto ele amava extremadamente a vida e desejava persuadi-lo, baseado em tudo quanto eu vira, que não valia a pena viver. Desejava garantir-lhe como médico que a morte é fácil, mais fácil do que os tormentos da vida, as desditas e os sofrimentos. Desejava dizer-lhe tudo isso porque ele ia morrer no dia seguinte e essa última noite não dormiria porque amava a vida tão acendradamente. Queria dizer-lhe que a vida é uma chama sufocante ao passo que a morte é uma água profunda de esquecimento. Se ele não quisesse me escutar, meu intento era ficar sentado silenciosamente a seu lado, para que não ficasse sozinho. Um homem pode viver sem amigos, talvez; mas morrer sem um amigo é duro, deveras... E mais duro ainda depois de uma vida de realeza.

Ele e a família tinham sido trazidos para o acampamento de Horemheb de uma forma vergonhosa; a soldadesca zombava dele e lhe atirava barro e excrementos.

Eu evitara ir ao seu encontro então e cobrira meu rosto com a túnica. Aziru era um homem excessivamente orgulhoso e não gostaria que eu visse sua degradação já que o contemplara nos dias da sua majestade e poder. Mas agora, no escuro, eu podia ir à sua tenda; e os guardas diziam uns para os outros:

- Deixemo-lo ir. É Sinuhe, o médico e decerto leva alguma missão. Se proibirmos, nos descomporá ou, por vias de magia, nos deixará impotentes. É malvado e tem uma língua que fere mais atrevidamente do que um escorpião.

Diante da tenda, em plena treva, eu disse:

- Aziru, rei de Amurru, queres receber um amigo na véspera da tua morte?

Aziru respirou profundamente, suas cadeias fizeram ruído, e ouvi a resposta:

- Já não sou mais rei e não tenho amigos... Mas, na verdade, és tu, Sinuhe? Conheço a tua voz, mesmo no escuro.

- Sim, sou eu.

- Por Marduk e todos os demônios das profundezas da terra! Se és mesmo Sinuhe, então traze uma luz. Estou cansado de estar no escuro. De amanhã por diante terei treva demais à minha volta... Os malditos hititas rasgaram minhas roupas, quase estraçalharam meus membros em aparelho de suplício, de modo que o espetáculo humano que verás não é muito edificante, não... Aliás, como médico, deves estar acostumado a aspectos piores. Não me envergonho porque em face da morte isso não vale nada e ninguém tem tempo de enrubescer pelo opróbrio alheio. Traze uma luz para que eu possa ver teu rosto e pegar na tua mão. O meu fígado dói e o pranto corre dos meus olhos por causa de minha mulher e meus filhos. Se também puderes arranjar uma cerveja bem forte para molhar minha garganta, contarei todos os teus bons feitos amanhã no reino da morte. Não posso pagar um gole sequer porque os hititas roubaram até mesmo a minha última moeda de cobre.

Mandei que os guardas trouxessem uma lâmpada de sebo e a acendessem porque a fumaça ardida das tochas incomodava meus olhos. E que trouxessem também um pichel de cerveja. Aziru ergueu-se, gemendo, para se sentar, e eu o ajudei a por a palha na boca para que pudesse sugar a cerveja síria que tem corpúsculos de cevada. O cabelo de Aziru estava grisalho e hirto os hititas ao torturá-lo lhe tinham arrancado fios e fios da esplendida barba, com pedaços de pele. Tinha os dedos esmagados, as unhas enegrecidas com coágulos, e as costelas quebradas, de modo que gemia quando respirava, e cuspiu sangue.

Depois que bebeu e cuspiu bastante, fitou a chama da lâmpada e disse:

- Como é clara e afável esta luz para os meus olhos cansados depois de tão prolongada escuridão! A chama crepita e acabará se extinguindo... De idêntica forma a vida do homem crepita e se

extingue. Agradeço-te Sinuhe, pela lâmpada e pela cerveja. De boa vontade quereria te agradecer condignamente. Mas sabes que não disponho mais de presentes a dar, pois os hititas em sua rapacidade me quebraram até os dentes que incrustaste com blocos de ouro. É fácil uma pessoa se arrepender depois dos fatos passados. Não quis lhe lembrar quanto eu o avisara a respeito dos hititas.

Segurei na minha a sua mão contundida; ele inclinou a cabeça e se pos a chorar; as lágrimas caíam em cima dos meus dedos, gotejando dos seus olhos inchados e pisados. Ele disse:

- Insensatamente folguei e ri diante de ti, nos meus dias de glória. Por que então me envergonhar agora destas minhas lágrimas em hora de desdita? Digo-te, Sinuhe, que não choro por mim nem pelas riquezas e coroas que perdi. E isso por mais que eu me haja agarrado ao poder e aos bens do mundo. Choro por minha mulher Keftiu... por meu filho maior, tão bonito... e pelo meu filho menor, ainda pequenino... porque também eles deverão morrer amanhã.

Disse-lhe:

- Aziru, rei de Amurru! Lembra-te que a Síria inteira virou uma sepultura aberta e fétida por causa da tua ambição. Inúmeros foram os que morreram por tua causa... E está certo que devas morrer amanhã, já que perdeste a guerra. Talvez esteja certo que a tua família deva morrer contigo. Quero que saibas, porém, que pedi a Horemheb que poupasse as vidas de tua mulher e de teus filhos. Não consentiu, porque tenciona varrer tua geração, teu nome e até mesmo a tua memória da face da Síria. Por isso não te concederá sequer sepultura, Aziru, e os animais selvagens se espojarão em cima de teus despojos. Não quer que os homens da Síria se reúnam em redor do teu túmulo em tempo futuro e profiram iníquos juramentos em teu nome.

Aziru ouviu isto, atônito, e disse:

- Peço-te em nome do meu deus Baal que ofereças sacrifício de carne e vinho diante de Baal de Amurru depois que eu morrer, Sinuhe, do contrário serei condenado a vagar esfaimado e sedento pelas escuras paragens da morte. Rende tal serviço a Keftiu também. Outrora a amaste e, por amizade, ma cedeste...E faze também o mesmo por meus filhos, para que eu possa morrer com

o espírito calmo... Não censuro Horemheb por sua decisão, porque sem dúvida eu o trataria assim bem como à sua família, se caíssem em minhas mãos. Para falar verdade, Sinuhe, embora esteja chorando, contenta-me saber que minha família perecerá comigo e que nossos sangues se misturarão na hora da morte em comum. Do contrário, nas paragens da morte quanto eu não sofreria em saber Keftiu nos braços de um outro?! Ela tem muitos admiradores, e poetas- músicos entoaram cânticos e tangeram cordas em louvor da sua beleza. Bom é também que meus filhos pereçam, porque nasceram príncipes e usaram coroas até mesmo no berço. Não queria que fossem levados como escravos para o Egito.

Aspirou ainda um pouco de cerveja e, por cúmulo de miséria, ficou um pouco embriagado. Arrancou com os dedos quebrados a sujeira que a soldadesca lhe atirara em cima, e disse:

- Sinuhe, meu amigo! Acusas-me falsamente dizendo que, devido ao que fiz, a Síria se tornou uma vala de mortos. Só posso ser censurado por haver perdido a guerra e haver deixado que os hititas me ludibriassem. Se eu tivesse ganho, todo o mal que sobreveio seria varrido para a soleira do Egito, e o meu nome seria aclamado. Mas como perdi; a censura é atirada em cima de mim, e o meu nome se tornou um anátema pela Síria inteira.

A cerveja forte lhe subiu à cabeça. Arrancando os cabelos grisalhos, exclamou bem alto:

- Ó Síria, Síria! Meu tormento, minha esperança, meu amor! Fiz tudo por tua grandeza, e foi por tua liberdade que me levantei em revolta... Mas agora, no dia de minha morte, me expulsas. Formosa Biblos, florescente Esmirna, soberba Sido, majestosa Jopa! Vós todas, cidades que cintilastes como pérolas na minha coroa! Por que me abandonastes?! Todavia vos amo demais para vos odiar por vossa deserção. Amo a Síria porque é a Síria: falsa, brutal, caprichosa, e sempre pronta a trair. As raças morrem... As nações se erguem apenas para cair... Os reinos se desfazem... A fama e a glória se esgueiram como sombras... Mas, oh! Vós perdurais, sim, perdurais, minhas briosas cidades! Que vossas muralhas brancas brilhem de encontro às colinas rubras do litoral... brilhem

por todos os séculos dos séculos... E que o meu pó, levado pelos ventos do deserto voe até vós para vos acariciar!

Meu coração encheu-se de tristeza ao vê-lo ainda enclausurado em sonhos; mas não censurei Aziru visto como tais sonhos lhe davam conforto na véspera de morrer. Segurei bem suas mãos mutiladas e ele apertou as minhas, gemendo.

Ficamos conversando a noite toda, recordando nossos encontros no tempo em que eu morava em Esmirna e ambos tínhamos orgulho da nossa mocidade e força. De madrugada os escravos trouxeram-nos alimento que haviam preparado; os guardas não se opuseram porque também lhes foi dada uma parte. E o que os escravos trouxeram foi carneiro gordo bem quente e arroz cozido com toucinho; e em nossas taças derramaram vinho forte de Sido, condimentado com mirra. Ordenei aos escravos que lavassem Aziru tirando toda aquela sujeira que lhe fora jogada em cima, que o penteassem e que lhe enfiassem a barba numa rede feita com trama de ouro bem fino. Escondi-lhe as roupas rasgadas e as algemas por baixo de um manto real. Como as algemas não podiam ser removidas, sendo de ferro e soldadas nele, não o pude vestir com trajes limpos e novos. Os meus escravos prestaram o mesmo serviço a Keftiu e aos seus dois filhos; mas Horemheb não consentira que Aziru visse a mulher e os filhos; deveriam se reencontrar no local da execução.

Quando a hora chegou e Horemheb, rindo estentoricamente saiu de sua tenda com os príncipes hititas bêbados, me dirigi a ele e lhe falei assim:

- Não há negar, Horemheb, que te prestei muitos serviços, e creio mesmo que salvei tua vida quando em Tiro arranquei da tua coxa a seta envenenada e pensei a ferida. Faze-me um favor: deixa que Aziru morra com dignidade, pois é o rei da Síria e lutou valentemente. Tua própria honra se valorizará com isso. Os teus amigos hititas já o torturaram bastante, estraçalhando-lhe os membros quando o forçaram a contar onde escondera a fortuna.

Horemheb não gostou nada das minhas palavras porque pensara em prolongar por diversos modos a agonia do adversário. Tudo estava preparado e agora ao amanhecer o exército já formara no

sopé da colina onde as execuções iriam ser efetuadas. Os homens estavam disputando uns com os outros os melhores lugares para assistir ao espetáculo máximo de um dia divertidíssimo. Horemheb preparara isso assim não porque sentisse prazer em torturar alguém, mas porque queria distrair seus homens e espalhar o terror através da Síria inteira, de modo que, após tão terrível morte, ninguém ousasse mais sequer sonhar com uma revolta. Devo dizer isto em honra de Horemheb, porque ele não era cruel por natureza, conforme assoalhavam.

Era um guerreiro, e para ele a morte não passava de uma arma que manobrava a seu talante. Deixava que boatos exagerassem a sua brutalidade, só para criar pavor no coração dos inimigos e ganhar veneração global. Cuidava que os homens tinham mais respeito por um chefe cruel do que por um chefe generoso e que consideravam a bondade uma fraqueza.

Fez uma carranca, e tirando o braço do ombro do príncipe Shubatu, parou diante de mim, oscilando e batendo na perna com o chicote de ouro. Disse-me:

- Tu, Sinuhe, és um perpétuo espinho na minhailharga. Ao contrário de todos os homens de senso, esgalhas tortuosamente, assim!... Atrapalhas todos que prosperam e que atingem por amor próprio a honorabilidade e a eminência, ao passo que és terno e dado a consolar os que caem e foram vencidos. Sabes muito bem com que trabalhadeira e custo consegui trazer até cá os carrascos mais habilidosos de todas as partes do mundo civilizado só por causa de Aziru. Mesmo a instalação dos engenhos de suplício e caldeirões custou grande quantidade de dinheiro em prata. Não posso no último momento privar os meus ratos assanhados do prazer prometido, pois todos eles sofreram coisas medonhas e perderam sangue através de muitas feridas por causa de Aziru.

Shubatu, o príncipe hitita, bateu-lhe nas costas e disse por entre uma risada:

- Falas acertadamente, Horemheb! Não vais agora nos privar de tamanho prazer! A fim de conservá-lo para esta hora não lhe arrancamos a carne dos ossos, apenas o torturamos cuidadosamente com tenazes e cravos de madeira...



Horemheb, que era vaidoso, não gostou do aparte assim como estranhou aquela pancada nas costas. Franziu a testa e disse:

- Estás bêbado, hein, Shubatu!?... Quanto a Aziru, não tenho outro propósito senão mostrar ao mundo a sorte que aguarda todo aquele que confiar nos hititas! Visto como no decorrer da noite nos tornamos amigos e bebemos fraternalmente muitas taças, juntos, pouparei esse vosso aliado e, somente por camaradagem, consentirei que tenha uma morte fácil.

O rosto de Shubatu crispou-se de raiva, pois os hititas são ciosos da sua honra muito embora, conforme toda gente sabe, atraíam e vendam seus aliados havendo uma razão adequada. Na verdade todas as nações fazem assim e todos os soberanos e governos. Os hititas são mais cínicos em seu comportamento do que os outros e nem se esforçam em arranjar pretextos e desculpas para disfarçar o caso e lhe dar uma aparência de justiça acima de tudo...

Assim pois, Shubatu ficou furioso. Mas seus companheiros lhe taparam a boca e o arrastaram para longe de Horemheb, segurando-o com força até que ele, em sua fúria inútil, vomitou o vinho que bebera e ficou mais quieto.

Horemheb mandou Aziru sair da tenda e ficou deveras perplexo ao vê-lo se apresentar com o porte majestoso de um rei trazendo um manto real em cima dos ombros. É que ainda não havia muito tempo Aziru comera carne gorda e vinho forte. Aprumou a cabeça e riu alto ao se encaminhar para o local da execução; e vociferava insultos contra os oficiais e guardas. Seu cabelo estava penteado, sua o que o fedor sírio que emanava mexe com o meu estomago apesar desse manto que roubaste não sei onde para tapar tua carcaça nojenta. Mas não nego que sejas um homem valente, Aziru, já que ris diante da morte. Vou te conceder uma morte fácil, em consideração à minha benignidade.

Mandou a sua própria guarda escoltar Aziru e impedir que a soldadesca lhe atirasse lama. Os valentes veteranos de Horemheb rodearam Aziru e feriram com suas espadas todo aquele que ousou abusar. É que não sentiam mais ódio por Aziru, não obstante os sofrimentos que este lhes causara; agora, admiravam a sua coragem. Escoltaram a rainha Keftiu, também, e os príncipes até ao

local da execução. Keftiu adornara-se e pintara o semblante; e os garotos encaminharam-se para o local fatídico com atitude de príncipes, o mais velho levando o outro pela mão.

Quando Aziru viu a família, fraquejou e disse:

- Keftiu! Keftiu, minha consorte alvíssima, meu amor, pupila dos meus olhos! Lamento deveras que tenhas que me acompanhar na morte porque a vida ainda te seria suave espetáculo...

Keftiu respondeu:

- Não sofras por minha causa, ó meu rei, pois é da minha vontade te acompanhar. És meu esposo e tua força é a força de um touro. Homem algum me interessaria depois que te fosses. Durante a nossa vida em comum sempre desdenhaste as outras mulheres por minha causa. Não permitirei que entres sozinho na terra da morte onde todas as mulheres lindas que morreram antes de mim sem dúvida te estão esperando. Acompanhar-te-ia mesmo que á minha vida fosse poupada... Estrangular-me-ia com os meus cabelos, ó meu soberano, pois eu era apenas uma escrava e me fizeste rainha e de ti concebi dois lindos filhos.

Aziru cobrou ainda mais ânimo com estas palavras e disse a seus filhos:

- Meus lindos filhos! Viestes a este mundo como filhos de um rei. Morrei portanto como príncipes para que eu não me envergonhe de vós. Acreditai-me: morrer não dói mais do que arrancar um dente. Sede valentes, meus diletos filhos!

Dito isto, ajoelhou no chão diante do carrasco. Voltou-se logo para Keftiu e disse:

- Estou cansado de ver estes egípcios imundos à minha volta com suas espadas manchadas de sangue. Descobre teu, doce seio, Keftiu, para que eu contemple tua beleza enquanto morro. Quero morrer tão feliz quanto o fui vivendo contigo.

Keftiu desnudou os opulentos seios, o carrasco levantou a grande espada e com um golpe só arrancou a cabeça de Aziru para fora dos ombros. Ela foi cair aos pés de Keftiu. O sangue se pos a jorrar violentamente do grande corpo e borrifou os meninos que ficaram tomados de terror. E o mais novo principiou a tremer. Mas Keftiu levantou do chão a cabeça de Aziru, beijou os lábios tumefatos e

acariciou as faces lívidas. E, apertando-a de encontro ao seio, disse aos filhos:

- Depressa, meus valentes filhos! Ide para junto de vosso pai, sem medo, meus filhinhos, pois vossa mãe também está impaciente para segui-lo.

As duas crianças ajoelharam, obedientemente, o mais velho segurando ainda o outro pela mão; e o carrasco arrancou com facilidade as duas cabeças, soltando-as das jovens nuças. Em seguida, tendo empurrado os corpos para o lado, com o pé, feriu o pescoço nédio e branco de Keftiu, com um golpe. Assim, todos três receberam uma morte fácil. Mas por ordem de Horemheb seus corpos foram arremessados a um fosso para serem devorados por feras.

Assim o meu amigo Aziru pereceu sem procurar trapacear com a morte, e Horemheb fez a paz com os hititas. Sabia muito bem que essa paz não era senão um armistício, visto como Sido, Esmirna, Biblos e Kadesh ainda se achavam sob o domínio deles. Os hititas haviam feito uma base poderosamente fortificada em Kadesh para o domínio do norte da Síria. Mas agora os dois adversários estavam cansados da guerra, e Horemheb se satisfez com essa paz, pois tinha interesses em Tebas que requeriam sua presença e resolução. Precisava também restaurar a ordem na terra de Kush e entre os núbios que, aproveitando a ocasional liberdade, se tinham tornado selvagens e recusavam pagar o tributo ao Egito. Tutankhamon reinou no Egito durante esses anos embora não passasse de um rapazola e só pensasse numa idéia fixa: construir a sua própria tumba. O povo atirava para cima dele a responsabilidade de todas as perdas e misérias resultantes da guerra. Tinha-lhe ódio amargo e comentava: Que se pode esperar de um soberano cuja consorte é do sangue do falso faraó?!...

Eie, longe de estancar tais comentários, espalhava, pelo contrário, novas histórias entre o povo sobre a estupidez e ambição de Tutankhamon propalando que ele só ambicionava acumular todos os tesouros do Egito dentro da sua tumba. Durante todo esse tempo não estive em Tebas porque sempre viajei com o exército devido à minha profissão e tomei parte em suas vicissitudes e

alternativas. Todavia vim a saber pelos homens de Tebas que o faraó Tutankhamon era fraco e doentio e que qualquer doença secreta consumia o seu corpo. Parece que a guerra da Síria consumia suas energias.

Sempre que chegava a notícia de uma vitória de Horemheb, o faraó caía doente. Após uma derrota, convalescia e deixava o leito. Isso, comentavam, tinha todos os aspectos de uma feitiçaria, e quem quer que prestasse atenção verificava que a saúde do faraó oscilava de acordo com a guerra na Síria. Com o correr do tempo Eie se ia tornando cada vez mais impaciente e de quando em quando remetia esta mensagem, a Horemheb: "Não podes cessar essa luta e conceder paz ao Egito? Já estou velho e cansado de esperar. Vence, Horemheb e traze-nos a paz para que eu possa ter a minha combinada recompensa. Tratarei de fazer que também recebas a tua."

Por esta razão não fiquei absolutamente surpreendido quando, depois que a guerra terminou, ao subirmos o rio em naves de guerra colgadas de bandeiras, recebemos notícia de que o faraó Tutankhamon embarcara na nave dourada de seu pai Ammon rumo à Terra do Poente. Dizia-se que Tutankhamon tivera um grave ataque no dia em que chegara notícia a Tebas de que Megido caíra e a paz fora assinada. A natureza da doença fatal foi assunto que motivou debates entre os médicos da Casa da Vida. Constava que seu estomago apresentava manchas negras de veneno; mas a causa certa ninguém sabia qual pudesse ter sido. O povo acabou se convencendo de que o faraó morrera de um acesso de malignidade toda própria quando a guerra acabou, porque o maior prazer de Tutankhamon fora ver o sofrimento do Egito.

Eu sabia que ao firmar seu sinete em cima do tratado de paz, Horemheb estava matando o faraó da mesma forma que se lhe atirasse um punhal no coração. A paz era tudo quanto Eie esperava para varrer Tutankhamon do seu caminho e subir ao trono como o "Rei da Paz".

Tal notícia nos compeliu a sujar as faces e a arriar os vistosos galhardetes dos navios. E Horemheb, em seu ressentimento acre, desprende e jogou no rio os corpos dos comandantes sírio e hitita

que ele, à maneira dos grandes faraós, prendera de cabeça para baixo no costado do seu navio. deixara seus ratos assanhados na Síria para a pacificação desse país e para se empanturrarem com a gordura da terra depois de tantas tribulações. Mas trouxera consigo para o Egito os seus valentes, a sua "escumalha", para a celebração da paz em Tebas. E também estes ficaram com raiva de Tutankhamon e o amaldiçoavam porque, morrendo, lhes estragara o prazer.

Assim voltei a Tebas resolvido a nunca mais deixá-la. Os meus olhos se tinham fartado de ver os malefícios humanos, e não havia nada de novo debaixo do velho sol. Resolvi passar todos os meus dias em teor de pobreza na casa do fundidor.

Os bens que adquiri na Síria gastei em mandar oferecer sacrifícios por intenção de Aziru; de mais a mais não queria absolutamente conservar quaisquer bens porque, a meu sentir, cheiravam a sangue e não podiam me causar alegria nenhuma.

Ainda assim a minha medida longe estava de haver chegado às bordas. Foi-me conferida uma tarefa que eu não desejava e que me incutiu medo. Mas era impossível recusar, e logo alguns dias depois parti de Tebas. Eie e Horemheb tinham estendido suas malhas e realizado seus planos com grande sagacidade para que o poder lhes viesse às mãos de forma categórica. Mas tudo começou a lhes escorrer pelos dedos abaixo, sem que percebessem, e o destino do Egito ficou suspenso, de repente, no capricho de uma mulher.

LIVRO XV

HOREMHEB



**D**e acordo com a combinação feita com Horemheb, Eie seria coroado faraó logo depois que terminassem as cerimônias dos funerais de Tutankhamon. Por conseguinte, Eie mandou apressar o embalsamamento e parar quaisquer trabalhos na tumba que assim ficou pequena e insignificante em comparação com as dos grandes faraós. Pelo mesmo acordo ele se comprometera a forçar a princesa Baketamon a se casar com Horemheb que assim ficaria habilitado, não obstante sua origem modesta, a pretender o trono, com base legal, depois da morte de Eie. Este combinou com os sacerdotes que, terminado o período de luto, quando Horemheb viesse celebrar o festival da vitória, a princesa Baketamon viesse ao seu encontro no templo de Sekmet onde, vestida como a deusa, se entregaria a ele para que tal união fosse abençoada pelos deuses e o próprio Horemheb se tornasse divino.

Este era o plano de Eie; mas a princesa, com muito cuidado e antecedência, refletira bem e formara um plano seu para o qual sei que a rainha Nefertiti concorreu com encorajamentos e conselhos. A rainha Nefertiti odiava Horemheb e desejava se tornar também - mesmo junto de Baketamon - a mulher mais poderosa do Egito.

Tão ímpio e tão iníquo era esse plano que só mesmo o ardil de uma mulher maligna poderia concebe-lo. E tão incrível era que pouco faltou para que não se efetivasse. Só depois que as minúcias foram descobertas é que se compreendeu o motivo da magnanimidade dos hititas fazendo logo ofertas de paz, entregando Megido e a terra de Amurru e fazendo outras concessões.

Desde a morte do marido e a sua submissão forçada a Ammon, Nefertiti não podia suportar o pensamento de haver sido posta de lado, longe do trono, tornando-se uma criatura sem maior significação do que qualquer outra mulher da corte. Ainda estava

bonita; embora sua beleza exigisse meticulosos cuidados para ser preservada.

Valeu-lhe ser muito cortejada pelos nobres do Egito que revolteavam como zangões em redor da corte e do inconsistente faraó. Por sua inteligência e astúcia, ela ganhou também a amizade da princesa Baketamon cuja inata altivez soube alimentar a ponto de o que fora orgulho acabar se tornando mania. A princesa tornou-se tão arrogante que não podia tolerar o contacto de qualquer simples mortal, não permitindo sequer a passagem da sombra de um deles perto dela. Mantivera-se virgem na crença de que não existia nenhum homem no Egito que a merecesse; e assim já estava saindo da idade normal para o consórcio.

Deu em prezar sobremaneira sua condição de donzela, mas creio que um bom casamento a curaria. Nefertiti persuadia Baketamon que esta nascera para realizar grandes coisas e para livrar o Egito das mãos de usurpadores plebeus. Falava-lhe da grande Rainha Hatsheput que prendera uma barba real ao queixo, rodeara a cintura com a cauda de um leão e governara o Egito do alto do trono dos faraós. E garantia que a beleza de Baketamon se assemelhava a da grande rainha.

E também não cessava de falar mal de Horemheb; de forma que a princesa, em seu orgulho virginal, começou a teme-lo como um homem de baixa extração que com sua rudeza de guerreiro a quisesse possuir aviltando assim seu sangue sagrado.

Parece-me, contudo; que ela estava empolgada secretamente por sua força rude...Olhava-o muito, inflamava-se com o olhar dele, por mais que não acreditasse nem admitisse isso nem mesmo em seus solilóquios. Nefertiti não teve dificuldade em exercer sua influencia sobre a princesa quando, ao se esboçar o fim da guerra na Síria, os planos de Eie e de Horemheb se lhe tornaram mais evidentes. Não acho que Eie procurasse esconder da filha, o seu propósito. Ela, no entretanto, execrava o pai porque este, se tendo utilizado o mais possível dela para suas vantagens, a jogara para um lado e a bem dizer a escondia na casa dourada por se tratar da viúva do faraó amaldiçoado.



Beleza e inteligência unidas numa mulher cujo coração o tempo endureceu são qualidades perigosas... mais perigosas do que punhais fora das bainhas, mais destruidoras do que as foices dos carros de guerra. A melhor prova desta asserção reside no estratagema que Nefertiti urdiu conseguindo tornar Baketamon sua cúmplice e instrumento. A conjura veio à luz quando Horemheb, que acabara de chegar a Tebas, começou, tomado de impaciência, a rondar os aposentos da princesa Baketamon de modo a vê-la e falar com ela, por mais que a princesa se recusasse a recebe-lo.

Como acontecesse ver numa das salas um emissário hitita aguardando audiência com a princesa, Horemheb perguntou a si mesmo por que motivo ela receberia tal homem e o retinha em tão longa entrevista. Por deliberação própria, portanto, sem se aconselhar com ninguém, deu voz de prisão a esse hitita que se portou de maneira altiva e se dirigiu a ele em termos usados apenas pelos que se sentem seguros em sua autoridade.

Horemheb então comunicou isso a Eie. E, à noite, ambos forçaram a entrada nos aposentos de Baketamon, mataram os escravos que a guardavam, e descobriram certa correspondência escondida entre as cinzas de uma braseiro. Profundamente surpreendidos, não podendo entender o conteúdo de tais tábuas de argila, aprisionaram Baketamon em seu quarto pondo guardas tanto aí como nos cômodos de Nefertiti. Naquela mesma noite dirigiram-se à casa do fundidor que Muti reconstruíra com o dinheiro de Kaptah; chegaram numa liteira comum, escondendo os rostos. Muti recebeu-os, resmungando zangada quando lhe ordenaram que se acordasse. Ora, eu não estava dormindo; desde que assistira aos horrores da Síria, dormia muito mal. Levantei-me enquanto ela ainda altercava e, acendendo lâmpadas, recebi aqueles desconhecidos na crença de que buscavam socorro médico.

Ao ver quem eram, fiquei perplexo. E depois que Muti, por ordem minha, trouxe vinho, logo a mandei embora. Em seu grande medo, Horemheb queria matá-la pelo fato de lhes haver visto as fisionomias e poder escutar nossa conversa.

Jamais vira Horemheb tão assustado e isso me causou a maior satisfação. Disse-lhe:

- Não permito que mates Muti; deves estar doente dos miolos para propores coisa tão insensata. Muti é uma pobre velha surda que dorme e ronca como um hipopótamo. Se queres, presta atenção: ouvirás logo seus roncões. Trata de beber vinho, isso sim. E fica certo que não precisas tremer por causa de uma mulher velha.

Horemheb disse para que eu as lesse; e exibiu também cópias das cartas que a princesa, Baketamon lhe remetera antes do fim da guerra.

Li tudo aquilo e não tive mais a mínima vontade de rir; o vinho chegou a perder o sabor dentro de minha boca. Numa das cartas a princesa Baketamon escrevera assim: "Sou a filha do Faraó, e em minhas veias corre sangue sagrado. Não há no Egito inteiro um homem que me mereça. Sei que tendes muitos filhos. Mandai-me um dos vossos filhos para que eu rompa um cântaro com ele que passará a governar a terra de Kan a meu lado."

Tão incrível era o teor desta carta que o cauteloso Shubiluliuma não acreditou e, pela mão de um emissário secreto, mandou pedir confirmação. Em carta seguinte Baketamon repetia a proposta, assegurando que tanto os nobres do Egito como os sacerdotes de Ammon se achavam a seu lado. Ante isso, Shubiluliuma ficou persuadido da sua sinceridade e se apressou em fazer paz com Horemheb, estando mesmo agora preparando a vinda de seu filho Shubatu ao Egito. E declarava que Shubatu sairia de Kadesh num dia auspicioso com grande quantidade de presentes para Baketamon. De acordo com a última tábuca de argila recebida, já se achava a caminho do Egito com sua comitiva.

- Por todos os deuses nacionais! - exclamei, atônito. - Como é que vos posso ajudar? Não passo de um pobre médico, e como é que vou fazer para que o coração de uma louca se volte para Horemheb?

Horemheb replicou:

- Já uma vez nos ajudaste antes. E todo aquele que empunha um remo tem que remar quer queira quer não queira. Tens que viajar, que ir ao encontro do príncipe Shubatu e fazer de modo que ele

não chegue nunca ao Egito. Não sei como o conseguirás, e nem quero saber. Digo apenas que não podemos assassiná-lo abertamente, porque isso causaria uma outra guerra com os hititas. Quanto a isso prefiro eu próprio escolher a ocasião adequada.

Suas palavras me alarmaram e meus joelhos começaram a tremer. Foi com o coração baqueado e com a língua tremula que consegui dizer:

- É verdade que uma vez vos ajudei; mas o fiz mais por mim do que por causa do Egito. Esse príncipe nunca me fez mal e apenas o vi uma vez do lado de fora da tua tenda, Horemheb, na madrugada em que Aziru morreu. Não, Horemheb, não farás de mim um assassino. Prefiro morrer, pois não há crime mais vergonhoso do que o que me é proposto. Quando dei veneno ao faraó Akhnaton, agi em bem dele: estava doente, e eu era seu amigo.

Horemheb franziu a testa, deu uma lambada na perna com o chicote, e então Eie falou:

- Sinuhe, és um homem sensato e vês muito bem que não podemos perder uma nação debaixo da cama de uma mulher caprichosa. Não há outro meio, podes crer. O príncipe deve morrer a caminho do Egito... Seja por acidente, seja por doença, não importa. Deves viajar, ir ao encontro dele no deserto do Sinai. Irás por ordem da princesa Baketamon, como médico, para examiná-lo e averiguar se é homem em condições de ser o esposo que convém a uma princesa egípcia... que deseja ter prole... Ele acreditará prontamente, receber-te-á de modo cordial, far-te-a uma porção de perguntas a respeito de Baketamon. Mesmo os príncipes são seres humanos, e creio que Shubatu deve estar curioso para saber de que maneira mágica o Egito deseja ligá-lo. Sinuhe, conversarás com naturalidade... Tua tarefa, depois, será fácil, e não menosprezarás os presentes a que farás jus realizando-a... Podes mesmo te considerar desde já um homem rico...

E Horemheb interveio:

- Escolhe imediatamente, Sinuhe, entre a vida e a morte. Se recusares esta missão não podemos consentir que vivas, agora que estás a par desse segredo de Estado. Não importa que sejas o meu amigo devotado que és. O nome que tua mãe te deu foi um mau

agouro; já aprendeste muita coisa dos segredos dos faraós... Ou concordas, ou te rasgo a boca de orelha a orelha... mesmo lamentando muito... És o nosso melhor agente e não podemos confiar esta missão a ninguém mais. Estás ligado a nós por um crime conjunto, e nos tornaremos agora teu cúmplice neste outro crime necessário... se é que se pode considerar crime libertar o Egito do poder dos hititas e da loucura de uma mulher.

Assim me achei colhido dentro de uma rede que meus próprios feitos haviam tecido, e da qual eu não podia romper uma só malha. Eu ligara para sempre meu destino aos de Eie e Horemheb. Respondi, numa tentativa vã de coragem:

- Ora, Horemheb! Sabes muito bem que não tenho medo da morte. Estou escrevendo estas coisas para mim mesmo, sem procurar parecer o que não sou.

E para vergonha minha devo confessar que o pensamento da morte me encheu de pavor naquela noite, principalmente por se tratar de uma surpresa. Pensei nas andorinhas revolteando por cima do rio... Pensei no vinho das belas videiras ribeirinhas... Pensei no ganso que Muti assava para mim à moda tebana... E a vida me pareceu bela, de repente. Pensei também no Egito, e refleti que o faraó Akhnaton também tivera que morrer para que o Egito pudesse viver, e que Horemheb repelira pelas armas o ataque hitita. Todavia Akhnaton era meu amigo, ao passo que este príncipe de uma terra estrangeira me era desconhecido completamente e sem dúvida cometer tais ações no decorrer da guerra que bem merecia mil mortes... Por que devia eu hesitar em assassiná-lo para salvar o Egito mais uma vez. se eu já matara Akhnaton?...

Respondi, portanto:

- Tira essa faca daí, Horemheb, porque ver uma faca nua me irrita. Eu concordo. Salvarei o Egito do poder dos hititas, embora não saiba ainda de que forma farei isso. Com certeza perderei minha vida porque os hititas provavelmente me liquidarão se o príncipe morrer. Mas dou pouca importância à vida e não quero que os hititas governem o Egito. Tomo tal tarefa a meu cargo não por causa de presentes nem de lindas promessas, mas porque este meu ato estava escrito nos astros antes do meu nascimento e não pode

deixar de ser cumprido. Recebi as coroas das minhas mãos, Horemheb e Eie. Recebi as coroas e abençoai o meu nome porque eu, um médico insignificante, vos fiz faraós!

Senti um grande desejo de rir ao dizer isto. Refleti que o sangue sagrado corria em minhas veias, muito provavelmente, e que eu era o único herdeiro legal ao trono dos faraós, ao passo que Eie era, por origem, um sacerdote de ordens menores da divindade o Sol e que os parentes de Horemheb fediam à gado e a queijo. Naquele momento vi bem o que eles eram: ladrões despojando o corpo morto do Egito; crianças brincando com coroas e emblemas de poderio, e tão algemados e chumbados à cobiça que jamais usufruiriam o que se chama felicidade.

Disse a Horemheb:

- Horemheb, meu amigo. A coroa é pesada. Certificar-te-ás disso em certo dia de calor quando, ao fim da tarde, vires o gado descer para a beira da água a fim de beber e em torno de ti se espriar lancinante silencio...

Mas Horemheb disse:

- Depressa! Depressa! Precisas partir. Um navio te aguarda. Tens que ir ao encontro de Shubatu ainda no deserto de Sinai antes que ele chegue a Tânis com a comitiva.

Assim, parti mais uma vez de Tebas. Inopinadamente e a noite. Embarquei no navio mais rápido de Horemheb, levando o meu cofre de remédios, algum vinho, e o resto do ganso assado que Muti me servira ao jantar. Mais uma vez me vi sozinho, numa solidão ainda maior do que a de quaisquer outros homens; pois não dispunha de ninguém para expor meus pensamentos mais reconditos e revelar o segredo que, se propalado, causaria a morte a muitos milhares de seres humanos. Eu tinha, por conseguinte, que ser mais astuto do que uma serpente; e ia obsecado pela certeza de que se fosse surpreendido com o meu intento padeceria morte horripilante nas mãos dos hititas.

Senti tenaz tentação de abandonar a tarefa e procurar refúgio em algum lugar remoto, como o meu homônimo legendário, Sinuhe, e deixar que o destino irrompesse pelo Egito adentro. Se tivesse agido assim, o curso dos acontecimentos se modificaria em muito e o

mundo de hoje seria bem outro. Contudo agora, na velhice, percebo que em essência todos os soberanos e governos são iguais; e todas as nações, também. Pouco adianta ,saber quem governa ou qual a nação que está oprimindo a outra, já que, no fundo, quem sofre é o povo.

Mas fui fraco; não fugi. Quando um mortal é fraco, se deixa levar mais facilmente a obediência de uma ordem temível do que pela opção da sua própria vontade.

Portanto, o príncipe Shubatu devia morrer. Sentado debaixo do toldo dourado, com um pichel de vinho perto de mim, pensava em dada forma de matar que jamais fosse descoberta depois, de modo a nem eu nem o Egito sermos responsabilizados. Tal empreendimento não era fácil, porque decerto o príncipe viajaria com uma comitiva compatível com a sua situação. Os hititas, sendo desconfiados por índole, sem dúvida tomariam conta rigorosa da sua segurança. Mesmo que eu o encontrasse a sós no deserto, não poderia liquidá-lo me utilizando dos meios comuns que se oferecem, pois a espada, a lança e o dardo deixam traços, e o crime se tornaria patente. Refletia se daria certo induzi-lo a procurar comigo o basilisco do deserto cujos olhos são pedras verdes e o empurrá-lo então por uma fenda de abismo, indo contar depois que ele escorregara, quebrando o pescoço lá no fundo, haste plano era pueril, pois certamente eu nunca seria deixado a sós com ele.

Quanto a veneno, os príncipes hititas se sentavam à mesa rodeados por "provadores" que experimentavam antes sempre tanto a comida como a bebida... Por conseguinte, este plano também era impraticável. Lembrei-me então de histórias de venenos secretos dos sacerdotes e do palácio imperial... Ouvira contar que havia meios de introduzir veneno dentro de frutos dependurados e ainda verdes nas árvores, de modo que quem os colhia e mastigava, quando maduros, acabava morrendo. Havia também certos rolos que produziam a morte em quem os abria, e flores cujo odor - quando sacerdotes as preparavam - se tornava mortal. Mas esses eram segredos de sacerdotes, e me pareceu que muitas histórias dessas no fundo não seriam senão lendas. Mas mesmo que fossem

verdadeiras e eu estivesse ciente do manejo a efetuar, como era que eu ia cultivar pomares e jardins no deserto?! Príncipe hitita nenhum abriria um rolo de pergaminho: entregá-lo-ia ao seu escriba. E nem tinham os hititas o hábito frívolo de cheirar flores; pelo contrário, despetalavam-nas com seus chicotes e esmagavam nas debaixo dos pés.

Desejei dispor da esperteza de Kaptah para me valer; mas eu não podia envolve-lo neste caso. Além disso, ele, ainda se achava na Síria tratando dos seus interesses. Convoquei todas as minhas faculdades inventivas, e toda a minha ciência médica, pois um médico tem familiaridade com a morte e dispõe de material com que pode prontamente encurtar a vida ou apressar a morte dos seus clientes. Se o príncipe Shubatu caísse doente e eu pudesse tratá-lo, conseguiria ministrá-lhe a morte com facilidade para mim, de acordo com todas as leis da medicina; e nenhum médico correto condenaria meu tratamento visto como através dos séculos a faculdade médica dava direito a que nós outros tratássemos os nossos doentes e enterrássemos os nossos mortos. Mas Shubatu gozava de esplendida saúde, e caso viesse a adoecer chamaria um médico hitita preferivelmente a um médico egípcio.

Levei as minhas reflexões a pormenorizados escaninhos, e se nas linhas acima as expus, foi para mostrar exatamente quão difícil era a tarefa de que Horemheb me encarregara. Mas agora contarei apenas que foi que fiz. Na Casa da Vida, em Menfis, enchi bem o meu suprimento de drogas, e ninguém se espantou das receitas que escrevi porque aquilo que para um leigo é veneno letal nas mãos de um médico pode ser ótimo remédio.

Em seguida, sem maior demora, continuei minha viagem para Tânis onde contratei uma liteira e entrei em contacto com a guarnição que pos às minhas ordens uma escolta de carros que me acompanharia ao longo da grande estrada militar do deserto.

A informação de Horemheb era literalmente certa. Encontrei Shubatu e sua comitiva a três dias de distância de Tânis, num acampamento perto de uma fonte. Shubatu também viajava numa liteira para não se cansar, e trazia consigo muitos burros de carga com presentes para a princesa Baketamon. Carros pesados

garantiam a segurança da sua viagem e carros leves faziam reconhecimentos no caminho, indo bem na vanguarda, pois o rei Shubiluliuma recomendara que todos se premunissem contra eventuais ataques, estando bem cientes que tal expedição não deveria ser muito agradável a Horemheb.

Mas os hititas me trataram bem como aos oficiais da minha modesta escolta com muita cordialidade e cortesia, conforme faziam sempre que recebiam como um presente o que não podiam arrancar com a força das armas. Receberam-nos no acampamento que tinham armado para a noite e, depois de ajudar os oficiais egípcios a abrir as tendas, nos rodearam com muitos guardas explicando que desejavam nos defender contra salteadores e leões para que descansássemos e dormíssemos bem. Ao saber que eu era emissário da princesa Baketamon, o príncipe Shubatu se tomou de insopitável curiosidade e me chamou à sua presença.

Era um moço de fascinante aspecto, cujos olhos - agora que não estava bêbado como da primeira vez que eu o vira - eram grandes e límpidos. A felicidade e o interesse avivavam cores em seu rosto moreno. Tinha um nariz nobre como o bico adunco de uma ave de rapina, os dentes reluzentes de um animal selvagem, e riu com prazer ao meu olhar.

Estendi-lhe uma carta da princesa Baketamon forjada por Eie e fiz profunda saudação na sua frente procurando evidenciar profundo respeito como se já fosse o meu soberano. Achei muita graça no seguinte: antes de me receber se vestiu à maneira egípcia, mostrando-se agora embaraçado com esses trajes a que não estava acostumado. Disse-me:

- Já que a minha futura consorte confiou em vós e que sois o médico da corte, estou às vossas ordens como... paciente! Quando um príncipe se casa fica dependendo de sua companheira. A pátria da minha consorte será a minha pátria. Os costumes do Egito, os meus costumes. Tenho até me esforçado o mais que posso em os ir adotando já, para que não chegue a Tebas como um estrangeiro. Estou impaciente por ver as maravilhas do Egito de que tanto tenho ouvido falar; e de me familiarizar com os seus poderosos deuses



que doravante serão as minhas divindades também. Muito mais ansioso, porém, estou por ver a minha real consorte, pois por vontade dela fundarei no Egito uma nova raça. que o governará. Falai-me a respeito dela, portanto. Dizei-me se é alta, se é opulenta de corpo. Considerai-me um egípcio, já não me escondais nenhum predicado ou defeito, confiai em mim como um irmão tal qual eu confio em vós.

Essa confiança se exteriorizava diante de um grupo de oficiais que permaneciam atrás dele com espadas desembainhadas, e de soldados que montavam guarda na porta da tenda com as lanças dirigidas para as minhas costas. Mas fingi não reparar em nada disso. Inclinando-me até ao chão, diante dele, falei assim:

- Minha dama real, a princesa Baketamon, é uma das mais belas mulheres do Egito. Por causa do seu sangue sagrado preservou até aqui a sua virgindade, e deve ser um pouco mais velha do que vós. Sua beleza é imanente, sua fa.

O príncipe abriu a roupa, expôs o peito, estendeu os braços e depois os dobrou, de modo a exhibir a musculatura do tórax e dos membros; e declarou:

- Meus braços podem curvar o arco mais rijo! E com um golpe de joelho arrebento o peito de um jumento. Meu semblante é perfeito e não me lembro da última vez que estive doente.

Redargüi:

- Sois de fato um mancebo inexperiente e desconhecedor dos costumes do Egito se cuidais que uma princesa egípcia é um arco a ser vergado ou um jumento a ser contido com o joelho. Longe está isso de ser assim. claro que tenho que vos dar umas tantas explicações sobre a arte egípcia do amor para que não vos cubrais de ignomínia aos olhos da princesa. Bem avisada andou ela em me mandar até aqui para que, como médico, eu vos inicie nos hábitos do Egito.

Minhas palavras melindraram sobremaneira o príncipe Shubatu que era um moço presunçoso e, como todos os hititas, muito orgulhoso da sua virilidade. Seus oficiais desandaram a rir, coisa que ainda mais o irritou. Ficou lívido de fúria e arreganhou os dentes. Mas

diante de mim procurou manter a suave maneira egípcia e replicou tão delicadamente quanto lhe foi possível:

- Não sou o mancebo inexperiente que cuidais, pois a minha lança já traspassou muita pele esplendida. Não creio que a vossa princesa se decepcionará com os hábitos e maneiras da terra de Hati.

Respondi:

- Acredito sinceramente em vossa força, meu soberano, mas deveis vos enganar dizendo que não vos lembrais da última vez que estivestes doente. Sou médico e posso ver em vossos olhos e em vossas faces que estais doente agora sofrendo conseqüências de uma diarréia.

Não existe nenhum ser humano que não acabe acreditando que está doente quando alguém insiste e garante demoradamente que tal se dá. Intimamente todos nós desejamos ser bem tratados e examinados. Os médicos em todos os séculos sempre se certificaram disto e tal averiguação os tem enriquecido. E eu tinha, ainda por cima, a vantagem de saber que durante a primavera os brotos dos oásis contem pólenes que relaxam os intestinos dos que não estão acostumados. O príncipe Shubatu ficou admirado das minhas palavras e exclamou:

- Certamente estais enganado, Sinuhe, o egípcio. Não me sinto absolutamente doente, embora não possa negar que estou com um desarranjo intestinal que me obrigou a me agachar a toda hora à margem da estrada durante esta viagem. Mas como é que adivinhastes isso? Deveis ser muito mais capacitado do que o meu médico que não ligou a menor importância para este meu desarranjo.

Palpou-se, tocou nas pálpebras e na testa, e disse:

- Na verdade sinto ardor nos olhos... Mas isso é de tanto fitar o dia inteiro a areia abrasada do deserto. A minha testa também está quente... Enfim, não me sinto tão bem quanto desejaria.

Observei-lhe:

- Seria bom que o vosso médico vos desse um remédio que limpasse vosso estomago e vos fizesse dormir um bom sono. As desordens gástricas produzidas pelo deserto são severas. Posso falar porque sei quantos egípcios morreram disso a caminho da Síria. Aliás, a

origem de tal doença nos é desconhecida... Há quem diga que provém de ventos contaminados do deserto; outros culpam a água; e outros, ainda, os gafanhotos. Tenho certeza de que amanhã estareis bom de novo e em condições de continuar a viagem caso o vosso médico vos prepare uma boa poção esta noite.

Começou a refletir. Entrefechou as pálpebras; depois, fitou os oficiais, e me disse sorrindo como um rapaz caprichoso:

- Preparai-me vós essa poção, Sinuhe. Sem dúvida conheceis melhor essas estranhas doenças peculiares ao deserto. Melhor, pelo menos, do que o meu médico assistente.

Mas não quis praticar tal insensatez. Ergui as mãos, protestando:

- Absolutamente! Longe de mim a idéia de vos preparar um remédio...E se piorásseis? Ah! Não me censuraríeis declarando que eu, como egípcio, vos quero mal? O vosso próprio médico vos pode servir tão bem quanto eu e até melhor. Conhece bem a vossa constituição...Está, a par de vossas anteriores desordens de saúde. Basta, aliás, que ele vos ministre um simples remédio constritor.

Sorriu, concordando:

- Talvez o vosso conselho seja bom. Pretendo comer e beber convosco, para que me faleis da minha real consorte e dos costumes egípcios, e não desejo de modo algum ter que sair correndo e me agachar atrás da tenda durante a conversa.

Mandou chamar seu médico, que era um hitita irritável e desconfiado; conferenciamos juntos. Assim que se certificou de que eu não queria competir com ele se tomou de simpatia por mim e fez conforme aconselhei. Preparou um remédio contritor de eficiência excepcional e que eu por motivos bem meus, prescrevera. Pronto que foi o remédio, o médico bebeu um gole da taça antes de a estender ao príncipe.

Eu sabia que o príncipe não se achava doente; mas queria que a sua comitiva pensasse que sim, que o príncipe estava adoentado. Desejava também "fechar" seu estomago para que a droga que me propunha lhe ministrar não fosse eliminada muito depressa. Antes do jantar em minha honra, fui para a tenda e bebi azeite até encher o estomago, por mais que o azeite me causasse náusea. E fiz isso para preservar a minha vida. Em seguida agarrei um pequeno

pichel de vinho ao qual eu misturara veneno. Esse pichel, que tornei a lacrar, era tão pequeno que só dava para encher duas taças.

Voltei para a tenda do príncipe, levando o vinho, sentei-me na esteira, comi os pratos que os escravos colocaram diante de mim, bebi o vinho que os criados derramaram em nossas taças. Não obstante a náusea quase insuportável, comecei a contar histórias gaiatas de costumes egípcios para distrair o príncipe e sua comitiva. O príncipe ria estrepitosamente mostrando os dentes brilhantes. Bateu nas minhas costas e comentou:

- Sois um camarada divertidíssimo, Sinuhe, apesar de serdes egípcio; quando me instalar no Egito vos nomearei meu médico. Palavra de honra que esqueço que estou adoentado, e não posso conter as risadas ante vossas histórias jocosas de práticas matrimoniais egípcias. Quereis saber de uma coisa? Acho que os egípcios as adotam apenas para evitar filhos. Tenciono ensinar ao Egito muitas práticas hititas... Nomearei os meus oficiais governadores regionais... coisa que julgo que convirá ao Egito. Mas isso só depois que haver outorgado à princesa o que lhe é... devido! Ah! Ah! Ah!

Bateu com as mãos aconcavadas em cima dos joelhos e riu alto, demoradamente, sob o efeito do vinho. E desmandou-se:

- Para ser franco, bem desejaria que a princesa já estivesse em cima do meu leito, porque vossas histórias, Sinuhe, me inflamaram. Palavra de honra que a vou fazer urrar de êxtase! Pelos céus sagrados e pela Terra Mãe! Quando a terra de Hati e o Egito estiverem unidos, nenhum reino na face da terra poderá resistir ao nosso poderio; reuniremos sob a nossa égide os quatro cantos do mundo. Mas é preciso, antes, que o Egito se impregne de experiência a ferro e fogo até que cada homem seu chegue a considerar a morte melhor do que a vida. Tudo há de vir; e não demorará.

Ergueu a taça e bebeu, começando a fazer libações à Terra Mãe e aos céus até esvaziar a taça. Já agora todos os hititas estavam um tanto embriagados, e os meus casos fesceninos os tinham posto à vontade e sem cerimônia. Aproveitei a ocasião e disse:

- Não quero insultar-vos nem ao vosso vinho, Shubatu; mas é evidente que jamais provastes o vinho do Egito. Se o houvésseis

provado, todos os outros vinhos vos pareceriam insípidos como água. Perdoai-me portanto se bebo o vinho da minha terra, pois só com ele é que me embriago, razão pela qual o trago comigo nos banquetes em que tomo parte.

Sacudi meu pichel e quebrei o lacre diante deles e, fingindo embriaguez, derramei o vinho na minha taça com certo ímpeto; saltaram gotas pelo chão. Bebi e exclamei:

- Ah! este é o vinho de Menfis... Vinho das pirâmides, pago a peso de ouro... Forte, doce, capitoso, sem paralelo no mundo inteiro.

O vinho era de fato forte e bom e eu lhe pusera mirra, de modo que a tenda inteira ficou perfumada quando abri o pichel. Mesmo apesar da mirra e do vinho, senti o travo da morte. Enquanto bebia deixava cair muito vinho pelo queixo, mas os hititas atribuíram isso ao meu estado de embriaguez.

O príncipe Shubatu ficou curioso e estendendo-me sua taça, exigiu:

- Sou um estrangeiro, mas amanhã serei vosso faraó e senhor. Deixai-me provar esse vinho para verificar se é deveras excelente como dizeis. Mas eu apertei o pichel de encontro ao peito e recusei obstinadamente.

- Este vinho não dá para nós dois, e não tenho mais comigo. Ora, eu quero me embriagar esta noite porque hoje é dia festivo para o Egito e para a terra de Hati. Ah! Oh! Ih!...

E minha risada parecia o zurrar de um burro, enquanto eu continuava a apertar ainda mais o pichel. Os hititas acompanharam minha risada, batendo nos joelhos. Todavia Shubatu se acostumara a ver cada desejo seu satisfeito. Pediu e instou para provar o vinho até que por fim, fingindo pouca vontade, enchi sua taça até o pichel ficar vazio. E eu chorava, muito sentido de ser prejudicado; e nem era difícil chorar naquele momento terrível...

Com a taça cheia, Shubatu olhou, fez um ar esquisito de ponderação e, em seguida, segundo a praxe hitita, estendeu para mim a mão com a taça e disse:

- Consagrai a minha taça, bebendo um gole, pois sois meu amigo, e eu vos farei o mesmo favor.

Disse isso porque não quis mostrar desconfiança fazendo o seu "provador" experimentar o vinho. Tomei um bom gole da sua taça,

depois do que ele a esvaziou, procurou sentir o gosto, ficando com a cabeça obliquada enquanto apurava o paladar.

- Realmente, Sinuhe. Realmente. Vosso vinho é forte! Mas deixa um travo amargo na boa embora suba à cabeça como fumaça e queime o estomago como fogo. Vou bochechar com o meu vinho das montanhas.

Tornou a encher a taça com o seu vinho que bebeu e que, depois de bochechar, jogou fora. Eu sabia que o efeito do veneno só começaria a atuar de manhã, porque seu intestino estava em constrição. O príncipe comera copiosamente.

Engoliu vinho o mais que pude, e fingi estar muito embriagado. Ainda assim esperei algum tempo antes de pedir que me levassem para a minha tenda; fiz isso para não despertar nenhuma suspeita na mente dos hititas. Não soltei o pichel vazio, pois não me convinha deixá-lo; poderiam mais tarde, depois do "caso", examiná-lo...

Logo que os hititas me colocaram no leito, com gracejos pesados, e me deixaram sozinho, então me levantei depressa, enfiei o dedo na garganta e vomitei o veneno e o óleo protetor. Tamanho era o meu pavor que comecei a suar frio e a tremer; talvez o veneno tivesse sido absorvido um pouco. Depois lavei o estomago uma porção de vezes, bebi drogas e vomitei repetidamente até que por fim as náuseas vieram violentas, por medo, bem mais do que por efeito de eméticos.

Foi só depois que fiquei mais frouxo do que um esfregão torcido, que lavei o pichel, esmaguei-o em pedacinhos e enterrei os cacos na areia. Depois, quem diz que eu pegava no sono? Tremia não só de medo como em consequência do efeito do veneno. Pela noite adiante os grandes olhos de Shubatu não paravam de me fitar; eu via seu rosto diante de mim, na escuridão, e não podia esquecer seu orgulho, sua risada sem propósito e seus dentes brilhantes.

O orgulho hitita veio em meu socorro. Na manhã seguinte, quando o príncipe Shubatu se sentiu indisposto, não quis dar parte de doente nem adiar a viagem por causa da gastralgia. Subiu para a liteira, sem confessar que se sentia mal, embora isso requeresse grande força de vontade: A viagem durou o dia inteiro, portanto. E

quando passei por sua liteira ele me acenou e procurou sorrir. Seu médico lhe ministrou duas vezes poções constritoras e remédios analgésicos, agravando assim o estado, em consequência do que o veneno foi exercendo efeito cabal. Um purgante poderoso ainda teria podido salvar sua vida.

De tarde, ele caiu em profundo coma. Rolava os olhos, seu rosto tomou um livor amarelento, produzindo pânico no médico que mandou me chamar em seu auxílio. Quando vi seu estado desesperador, não tive necessidade de fingir grande susto porque o senti deveras e comecei a tremer, não obstante o calor do dia. Examinei-o e senti que o veneno já se apossara de todo o seu ser. Disse que a meu ver tais sintomas eram típicos da doença do deserto, e lembrei que já na véspera eu advertira Shubatu reconhecendo indícios do mal em sua fisionomia, apesar do pouco caso com que ele e os demais ouviram minha observação.

A caravana parou, e começamos a tratar do príncipe ali mesmo na liteira onde se achava, dando-lhe estimulantes e drogas desintoxicantes, e pondo-lhe pedras aquecidas na boca do estomago. Deixei sempre, de forma bem nítida, que o seu médico lhe preparasse os remédios e lhos desse pessoalmente; o médico lhos fazia tomar por entre os dentes que mal se descerravam. Percebi que o príncipe ia morrer e desejei sinceramente que a morte lhe sobreviesse sem dores e da forma mais plácida possível, já que eu não podia fazer outra coisa.

Ao anoitecer levamo-lo para a sua tenda que fora armada. Os hititas ficaram reunidos do lado de fora; pranteando-o, já, carpindo alto, dilacerando as roupas, esfregando cinza nos cabelos e ferindo-se com facas. Estavam com um pavor medonho porque sabiam que o rei Shubiluliuma não teria misericórdia deles caso o príncipe, que estava aos seus cuidados, viesse a morrer. Permaneci junto do leito, ao lado do médico hitita. E via como aquele bonito rapaz, que ainda na véspera era robusto e feliz, ia ficando com a fisionomia devastada pelo livor e pela desfiguração.

O médico hitita, tomado de desespero e com medo de não haver acertado o diagnóstico, fazia reiterados exames; mas os sintomas cada vez se assemelhavam mais aos de um grave a embarço

gástrico. Ninguém chegou a desconfiar de veneno, porque eu bebera o mesmo vinho da sua taça. Sim, eu desempenhara a minha tarefa com prudente sagacidade e com grande proveito para o Egito. Ainda assim não me senti orgulhoso disso enquanto assistia à morte do príncipe Shubatu.

No dia seguinte ele tornou a ficar lúcido. E como a morte se aproximasse, começou a chamar, brandamente, a mãe, como fazem as crianças doentes. Com voz baixa e comovedora, gemia:

- Mãe... ó mãe... Mãe!

As dores foram amainando. Sua face iluminou-se. Com um sorriso de criança se lembrou que era de sangue real. Chamou os oficiais e declarou:

- Não deixeis que ninguém seja censurado por causa da minha morte: Adquiri no deserto a doença que me matou. Fui tratado muito bem pelo melhor médico da terra de Hati e pelo médico mais eminente do Egito. A ciência deles não conseguiu me curar, porque é da vontade da Terra Mãe e dos céus que eu morra... E, evidentemente, o deserto não obedece à Terra Mãe e sim aos deuses do Egito... E o deserto existe para que, senão para proteger o Egito? Não! Os hititas não devem procurar atravessar o deserto. A minha morte é um sinal que prova o que estou dizendo. Já a nossa derrota no deserto com os nossos carros de guerra foi um sinal a que não demos a necessária atenção. Dai aos médicos presentes consentâneos com a minha pessoa, depois que eu morrer. E vós, Sinuhe, saudai a princesa Baketamon e dizei-lhe que a desobrigo da sua promessa e que lamento muitíssimo não poder levá-la para o tálamo nupcial para alegria minha e dela. Dizei-lhe estas palavras de despedida minha... Dizei-lhe que enquanto morro a vejo flutuando em meus sonhos como uma princesa de lendas... E que morro com a sua fulgurante beleza diante dos meus olhos, embora nunca a tenha visto...

Morreu com um sorriso nos lábios, porque a morte vem às vezes como felicidade depois de uma grande agonia. E os olhos, enquanto escurecem, vêem estranhas vi orrupto para a tumba real onde águias e lobos vigiam o sono eterno dos reis. Ficaram comovidíssimos e, a pedido meu, certificaram sem nenhuma



relutância, numa tábua de argila, que eu não podia ser censurado absolutamente pela morte do príncipe Shubatu, pois me esforçara com o maior empenho para salvá-lo.

Atestaram isso com seus sinetes e com o do príncipe Shubatu, a fim de que nenhuma sombra pudesse pairar sobre mim no Egito por causa da morte em questão. Fizeram isso porque julgavam as autoridades egípcias pelo molde das suas, e temiam que quando eu dissesse à princesa Baketamon qual fora o fado do príncipe Shubatu ela me condenaria à morte.

Assim salvei o Egito do domínio dos hititas; e devia estar radiante. Mas não fiquei. Oprimia-me a percepção de que a morte andara sempre me acompanhando rente às minhas pegadas.

Eu me fizera médico para curar e dar vida; mas meu pai e minha mãe haviam morrido por causa da minha maldade; Mérito e o pequenino Thoth haviam morrido por causa da minha cegueira; o faraó Akhnaton havia morrido por causa tanto do meu ódio como do meu amor, e por causa do Egito. Todos quantos eu amara tinham tido morte violenta... O príncipe Shubatu também... E eu chegara a gostar dele durante sua agonia... Por toda a parte me acompanhava não sei qual maldição.

Voltei a Tebas, via Tânis e Menfis. Dei ordem que atracassem depressa o navio no cais da casa dourada e, indo à presença de Eie e Horemheb, lhes disse.

- Vossa vontade foi feita. O príncipe Shubatu pereceu. no deserto de Sinai e sombra alguma paira sobre o Egito por causa da sua morte. Rejubilaram-se grandemente com esta minha declaração. Eie tirou a corrente de ouro imperial de seu pescoço e a prendeu em redor do meu; e Horemheb disse:

- Vai comunicar isso também à princesa Baketamon. Ela não acreditará se lhe dissermos, acreditando que o mandei assassinar por ciúme.

A princesa Baketamon recebeu-me. Pintara as faces e os lábios, mas em seus olhos escuros e amendoados se emboscava tétrico pressentimento. Disse-lhe:

- O vosso prometido, o príncipe Shubatu, vos desobriga do compromisso tomado... Disse-me isso antes de morrer

pois, princesa, ele morreu nas paragens de Sinai, acometido pelo doença do deserto. Nem toda a minha ciência conseguiu salvá-lo. E nem a do seu médico hitita.

Tirando os braceletes de ouro dos punhos e colocando-os nos meus, ela disse:

- Boas novas trazes, Sinuhe e as te agradeço. Já fui iniciada no rito e consagrada sacerdotisa de Sekmet. Minhas roupagens vermelhas estão, sendo preparadas para o festival. Devo considerar, no entanto, que essa doença do deserto está se alastrando demais. Sei que meu irmão Akhnaton, que eu prezava com amor de irmã, morreu disso. Amaldiçoado sejas tu, portanto, Sinuhe... Amaldiçoado sejas por toda a eternidade! Que o teu túmulo também seja amaldiçoado e que teu nome caia em perpétuo esquecimento. Tornaste o trono do Egito um recreio para salteadores, e profanaste no meu sangue o sangue dos faraós.

Inclinando-me profundamente diante dela e estendendo minhas mãos, respondi:

- Seja conforme dizeis.

Deixei-a. E ela ordenou aos seus escravos que lavassem o assoalho que eu pisara. E eles o fizeram desde os seus aposentos até à soleira da casa real.

Durante esse tempo o corpo de Tutankhamon foi preparado para resistir à morte e Eie fez os sacerdotes transportarem-no depressa rumo à banda ocidental para o sítio do seu eterno descanso que fora cavado na rocha no Vale dos Túmulos dos Reis. Lá ficou; rodeado de muitas riquezas, não obstante Eie haver retido muita coisa do tesouro que Tutankhamon apartara. Assim que a entrada da tumba foi selada Eie declarou terminado o período de luto, e Horemheb mandou seus carros ocuparem as ruas de Tebas.

Ninguém se rebelou quando Eie foi coroado faraó porque o povo estava tão cansado como um animal que é aguilhoado por um caminho sem fim e acaba caindo em marasmo. Ninguém debateu o caso sob o ponto de vista de direito ou de usurpação. E assim Eie foi coroado faraó. Os sacerdotes, que ele subornara com inúmeros presentes, ungiram-no com óleo sagrado no grande templo; e o

povo o aclamou porque ele distribuía pão e cerveja, e o povo tinha ficado tão pobre que isso agora constituía presente régio.

Mas muita gente percebeu que doravante o verdadeiro dirigente do Egito seria Horemheb, e perguntava a si própria porque era que então ele não assumia logo o poder em lugar de permitir que o velho e detestado Eie ascendesse ao trono dos faraós.

Mas Horemheb sabia muito bem o que estava fazendo, pois a taça de amargura do povo ainda não fora esgotada até à lia.

Mas notícias da terra de Kush o chamavam à guerra contra os negros; e depois disto teria ele ainda que renovar o conflito contra os hititas para a conquista da Síria. Por tais motivos queria que o povo jogasse a culpa de seus sofrimentos e privações para cima de Eie, de modo a mais tarde o louvar - a ele Horemheb - como o vencedor e restaurador da paz.

Eie estava longe de supor tais coisas, porque o poder ofuscara seu discernimento e o reluzir das coroas cegara seu raciocínio. Apenas cumpriu a sua parte no acordo feito com Horemheb no dia da morte de Akhnaton. De fato; os sacerdotes levaram a princesa Baketamon em desfile ritual ao templo de Sekhmet onde a vestiram com a túnica escarlata e a ergueram ao altar de Sekhmet. Horemheb chegou ao templo acompanhado por seus homens para a celebração da sua vitória sobre os hititas. Tebas inteira o aclamava. Após distribuir correntes de ouro e insígnias de honra por entre os seus homens, os despediu e entrou no templo. E os sacerdotes fecharam as portas de bronze. Sekhmet lhe apareceu na pessoa da princesa Baketamon.

Possuiu-a. Horemheb era um guerreiro e não podia esperar mais.

Naquela noite Tebas inteira celebrou o festival de Sekhmet, e o céu reluzia avermelhado por causa da luz das lâmpadas e das tochas. A "escumalha" de Horemheb bebeu pelas tavernas até acabar com as bebidas, e arrombou as portas dos alcouces. De madrugada, quando alvorecia, a sua soldadesca tornou a se aglomerar diante do templo de Horemheb esperando o seu reaparecimento. Quando as portas de bronze se reabriram e ele saiu, a soldadesca soltou brados frementes, em diversos idiomas, porque Sekhmet se portara deveras como deusa de cabeça de leão. A cara, os braços e os ombros

de Horemheb estavam arranhados e ensangüentados como se um leão o houvesse unhado. Isso divertiu bastante os homens que ficaram radiantes ao ver tal aspecto. Nesse ínterim a princesa Baketamon foi levada pelos sacerdotes para a casa dourada, sem ser vista pelo povo.

Assim fora a noite de núpcias de meu amigo Horemheb e ignoro que prazer pode ele sentir. Não muito tempo depois, reuniu as suas tropas e mobilizou seu exército, seguindo para a Primeira Catarata, no sul, de onde marcharia para a terra de Kush.

Eie exultava no poder, fulgurado pelo júbilo. Dizia-me:

- Em toda a terra do Egito ninguém paira na altitude em que me acho, e pouco importa se estou vivo ou se vou morrer. Um faraó não morre... vive eternamente! Dia virá em que embarcarei na nave dourada de meu pai Ammon e atravessarei o céu rumo ao ocidente. Já estou velho e meus atos me obsecam emergindo da escuridão da noite. Ainda bem que não receio mais a morte...

Eu porém o interpelei em tom irônica:

- Cuidei que fosseis mais criterioso, principalmente agora que estais velho. Acreditais então que o óleo fétido dos sacerdotes tem o dom de vos tornar imortal num piscar de olhos? Com o diadema real ou sem ele, sois o mesmíssimo homem que a morte em breve arrastará para seus domínios.

Sua boca principiou a tremer e o medo se espalhou em seus olhos enquanto me dizia em tom queixoso:

- Não foi então em proveito meu que cometi todos aqueles crimes? Que semeei em redor de mim a morte durante toda a minha existência?! Não, não! Estás enganado, Sinuhe! Não pode ser. Os sacerdotes me salvarão dos abismos da morte e reservarão meu corpo por toda a eternidade. Como é que meu corpo não é imortal se eu sou um faraó?! Como é que posso ser culpado, se sou um faraó? Pois não tenho direito a fazer o que me aprouver, já que sou isso?!

Não tardou, no entanto, que a sua razão se fosse obscurecendo. E já não sentia prazer nenhum em reinar. Com horror da morte, via perigos por toda parte e não ousava mais beber vinho. Seu regime era pão seco e leite fervido. Com o decorrer do tempo foi sentindo

medo crescente de assassinos, e passavam-se dias e dias sem que provasse alimento, pensando em veneno. Em plena velhice se emaranhou nos laços que urdira para os outros, e se tornou tão desconfiado e cruel que todos o evitavam.

Um rebento humano se desenvolveu nas entranhas de Baketamon. Cheia de raiva se machucou tentando destruir a criança antes mesmo que esta nascesse. Mas a vida foi mais resistente do que a morte, e no prazo certo ela deu à luz um filho de Horemheb, num parto laborioso porque seus flancos eram estreitos.

Os médicos e as escravas se viram compelidos a esconder dela a criança para que não ocorresse algum dano. Muitas lendas se espalharam depois a respeito dessa criança, dizendo-se que nascera com cabeça de leão, ou com um capacete. Posso dar o meu testemunho de que o menino não apresentava nada de anormal: era sadio e robusto.

Horemheb deu-lhe o nome de Ramsés.

Horemheb achava-se ainda lutando na terra de Kush, e seus carros disseminavam grande destruição entre os negros. Fez queimar suas cubatas, remeteu as mulheres e as crianças para o Egito, em escravidão; quanto aos homens, alistou-os em suas tropas onde dariam futuramente ótimos guerreiros não tendo mais família que os embarçasse. Desta forma Horemheb refez um novo exército destinado a atacar os hititas, pois seus componentes eram homens fortes que uma vez tomados de entusiasmo não tinham mais medo da morte e o som de seus tambores sagrados os empolgava.

Horemheb mandou também da terra de Kush grande quantidade de gado para o Egito. Isso facilitou a lavoura, e assim em breve o trigo tornou a crescer luxuriante na terra de Kan, as crianças não tiveram mais fome, por causa da abundância de leite, e não faltaram animais para os sacrifícios. Tribos inteiras das aldeolas de Kush se internaram nas selvas repletas de elefantes e girafas, bem para longe das pedras de demarcação.

Durante anos e anos a terra de Kush ficou despovoada. Dois anos depois Horemheb voltou a Tebas, trazendo consigo imensa pilhagem. Distribuiu presentes e fez comemorações da vitória durante dez dias e dez noite. O trabalho paralisou, soldados

bêbados faziam arruaças, balindo como bodes...E nove meses depois mulheres da ralé de Tebas deram à luz crianças escuras.

Horemheb equilibrava o filho nos braços ensinava-o a andar e dizia-me, orgulhosamente:

- Estás vendo, Sinuhe? Uma nova raça de reis irrompeu do meu sangue! E nas veias de meu filho corre sangue sagrado embora eu tenha nascido com esterco na planta dos pés.

Procurava também Ei mas este, apavorado, se fechava, punha verdadeiras barricadas na porta, e berrava com a voz estridente da velhice:

- Vai-te daqui para fora! Eu sou o faraó e sei que queres me matar e por a coroa na tua cabeça...

Mas Horemheb ria sem se molestar, abria a porta a pontapés e sacudia Eie pelo braço, dizendo:

- Querer matar-te, eu?! Ora, velha raposa!...Não, velho obsceno e torpe, não quero te tirar a vida porque és para mim bem mais do que um simples sogro e a tua vida me é preciosa...É verdade que teus pulmões sibilam, que a tua boca se franze, que teus joelhos se curvam...Mas precisas te prumar,Eie. Tens que viver durante mais uma outra guerra, para que assim o Egito possa ter um faraó sobre o qual jogar todo o seu ódio enquanto eu estiver ausente.

Para a sua consorte Baketamon, Horemheb trouxe muito a presentes: ouro em pó em caixas lavradas, cabeças de leões que ele matara, penas de avestruz e macacos vivos. Ela nem sequer olhou para tais presentes e disse:

- Perante os homens sou tua mulher e te dei um filho. Contenta-te com isso, e fica sabendo que se ousares alguma vez me tocar, cuspirei em teu leito e te enganarei por um processo que mulher nenhuma ainda empregou para enganar o para te cobrir de opróbrio me entregarei a escravos e estivadores, e me deitarei com almocreves pelas feiras de Tebas. Tuas mãos e teu corpo cheiram a sangue e me causam náuseas.

Sua repulsa inflamava ainda mais o desejo de Horemheb. Procurou-me, queixando-se amarguradamente.

- Sinuhe, arranja-me um filtro que eu possa dar à minha mulher. Só mesmo dormindo é que ela consentirá que eu a usufrua.

Recusei-me a isso: Procurou então outros médicos que lhe deram remédios perigosos. Ele ministrava-os secretamente a Baketamon. E ao erguer-se de cima dela, Baketamon execrava-o ainda mais ferozmente do que antes, vociferando:

- Lembra-te do que eu te disse... Lembra-te da minha advertência!

Não tardou que Horemheb partisse para a Síria onde prepararia a sua campanha contra os hititas já que, ergundo me ,disse, "os grandes faraós estenderam as fronteiras até Kadesh e enquanto os meus carros não tiverem entrado em Kadesh de novo não ficarei satisfeito." MARILIA

Quando a princesa Baketamon percebeu que novo fruto bolia em suas entranhas, então se fechou em seus aposentos querendo ficar a sós com a sua degradação. A criadagem era obrigada a deixar as refeições do lado de fora da porta, e assim que o tempo de dar à luz se aproximou os médicos principiaram a vigiá-la às escondidas. Temiam que ela parisse sem a assistência de qualquer pessoa e fizesse a criança descer rio abaixo num barco de verga, conforme faziam as mães que incorriam em opróbrio dando à luz filhos espúrios. Mas a princesa não fez isso. No momento certo mandou chamar os médicos. As dores do parto a faziam sorrir. E ao filho que nasceu deu o nome, sem consultar Horemheb, de Setos. Odiava tão amargamente a criança que a chamou assim, isto é, O Que Nasceu de Set.

Depois que ficou boa e que se levantou, mandou que as escravas a lavassem, ungissem e vestissem com trajes reais. E tendo feito uma embarcação a levar para a margem oposta, se dirigiu sozinha para o mercado de peixe de Tebas onde procurou almocreves, carregadores de água e extirpadores de peixe. E disse a cada um deles:

- Eu sou a princesa Baketamon, a consorte do grande general do Egito, Horemheb. Já tive dois filhos, dele. Mas é um homem estúpido, repelente e que cheira a sangue. Não consigo ter prazer com ele. Vinde deitar comigo. Gozemos juntos, pois vossas mãos calosas e vosso cheiro de excrementos me agradam... E gosto também desse cheiro de peixe...

Os homens do mercado de peixe ficaram admiradíssimos. Apavoraram-se, procuraram fugir dela. Seguiu-os, porém, com persistência e, desnudando sua beleza, tentava-os:

- Não sou bela? Por que hesitais? Sabeis que mesmo que me achásseis velha e feia, eu não vos pediria em paga a senão uma coisa: uma pedra! E uma pedra cujo tamanho correspondesse à intensidade do vosso prazer.

Coisa assim jamais acontecera aos homens do mercado de peixe. Seus olhos fulguravam ante tamanha beleza. O linho real das vestes deixava-os perplexos. E o perfume dos bálsamos tonteava-os... Diziam uns aos outros:

- ...E o mais extraordinário é que não temos que pagar nada pelo nosso prazer, ao passo que mesmo as negras exigem pelo menos moedas de cobre. Não ser ela uma deusa que se revela a nós e que baixou ... terra para nos abençoar de modo tão esquisito?... Fazemos mal em não aceitar o prazer que ela nos oferece... e que , divino... Deve ser alguma sacerdotisa que está ajuntando pedras para edificar um novo templo a Bast. Cometeremos uma ação propicia aos deuses se anuirmos ao seu pedido.. .

Seguiam-na até as touceiras de caniços, nas barrancas do rio para onde ela os conduzia longe da vista de pessoas. E acolá, o dia todo, Baketamon deu prazer aos homens do mercado de peixe, não trapaceando, pelo contrário, concedendo-lhes todas as delícias. Muitos lhe trouxeram grandes pedras como as que são vendidas a alto preço pelos pedreiros, tamanha era a proporção do gozo que lhes concedera..

Comentavam uns com os outros:

- Qual de nós já teve em vida uma mulher assim?... Sua boca parece mel. Seus seios são maçãs maduras. Seu sexo é quente como o braseiro onde assamos peixe...

Muitos pediam que voltasse sem falta e prometiam ajuntar uma porção de pedras bem grandes. Sorria-lhes modestamente, agradecendo, chamando-os de generosos, dizendo que grande era a alegria que lhe davam.

Quando, ao anoitecer, voltou para a casa dourada, foi obrigada a contratar uma embarcação bem forte e resistente para transportar



para a margem oposta as pedras que acumulara durante o dia.

Na manhã seguinte tomou um bote amplo e depois que as escravas a levavam a remo para o lado de Tebas, obrigou-as a esperarem-na no cais, e encaminhou-se para o mercado de legumes. Aí falou com os lavradores que tinham vindo para a cidade de madrugada com bois e jumentos, homens cujas mãos o trabalho calejara, e cuja pele era grossa e tanada de sol.

Falou também com os varredores de ruas, com os esvaziadores de latrinas, com guardas negros, tentando-os, exibindo suas partes belas. E então eles largaram seus produtos de lavoura, os bois, os jumentos. Deixaram de varrer as ruas e a seguiram até às touceiras de caniços, dizendo:

- Manjar assim não aparece sempre na mesa dos pobres... Sua pele não é igual à das outras mulheres. E como cheira bem! Que rico cheiro o que emana das nobres!... Somos idiotas? Tratemos de gozar tão deslumbrante corpo!

Fornicaram com ela e lhe trouxeram pedras. Os lavradores trouxeram soleiras de tavernas rurais. Os guardas, fustes de pedra roubados das construções do faraó. Ao anoitecer a princesa Baketamon agradeceu a bondade de todos aqueles homens da feira de legumes; eles a ajudaram, carregando as pedras para dentro do bote que de tão pesado parecia que ia afundar. E as escravas quase não tinham forças para remar, levando a embarcação vagarosamente para o outro lado onde estava o cais da casa dourada.

Noite após noite se foi propalando em Tebas que a deusa com cara de gata se revelava ao povo e se entregava a ele. Os mais estranhos rumores corriam pela cidade, até que aqueles que já não acreditavam mais em deuses descobriram outra explicação...

E no outro dia a princesa Baketamon procurou os homens do mercado de carvão... E de noite, no marnel junto do rio, os caniços estavam derrubados e pisados, como se gente houvesse deitado ali... Sacerdotes de muitos templos pequenos queixaram-se que os carvoeiros eram sujeitos ímpios que se atreviam a arrancar pedras das paredes de seus templos, pedras essas com as quais pagavam o

preço de horas breves de amor. E os carvoeiros lambiam os beijos e se jactavam mutuamente, confessando:

- Realmente provamos iguarias do paraíso... Seus lábios se desfazem em nossas bocas, seus peitos são tições brancos em nossas mãos... Não sabíamos que existia delícia assim na face da terra.

Quando se soube em Tebas que a deusa aparecera pela terceira vez, a cidade se encheu de apreensão. Até mesmo os homens mais respeitáveis de Tebas deixaram suas esposas e foram para as tavernas... E de noite tiraram pedras dos edifícios do faraó, e na manhã seguinte andavam de mercado em mercado com uma pedra debaixo do braço, esperando o aparecimento da deusa de cara de gata. Os sacerdotes tomaram providencias e fizeram sair guardas para que estes prendessem a mulher que era a causa de tal ultraje e escândalo.

Nesse dia a princesa Baketamon ficou na casa dourada, descansando. Sorria para quantos lhe dirigiam a palavra, comportando-se de maneira notavelmente distinta. A corte estranhou muito o seu feitio de agora, e ninguém sonhava nem por alto que ela fosse a mulher misteriosa que aparecia aos trabalhadores de Tebas que se entregava a carvoeiros e extirpadores de peixe.

A princesa Baketamon, depois de examinar por alto as pedras de diferentes tamanhos que conseguira juntar, chamou ao seu jardim o construtor dos currais do império e lhe disse:

- Ajuntei estas pedras na beira do rio e elas para mim são sagradas. A cada uma delas se acha ligada uma lembrança agradável; quanto maior a pedra, mais agradável a lembrança. Construí-me um pavilhão com estas pedras para que eu possa dispor de um teto onde me abrigar, pois o meu consorte me negligencia, conforme decerto já ouvistes falar. Quero que seja um pavilhão espaçoso e alto; ajuntarei mais pedras se for preciso.

O construtor era um homem simples e disse:

- Alta Princesa Baketamonl, temo não ter competência para edificar um pavilhão adequado à vossa suprema categoria. Estas pedras são de tamanhos e cores diferentes, de modo que me será sumamente difícil juntá-las direito. Encarregai esta tarefa a algum construtor de

templo ou a algum artista, porque receio que a minha falta de competência estrague a beleza do pavilhão que tendes em mente.

Mas a princesa tocou no ombro do homem, vivazmente, e disse:

- Não passo de uma pobre mulher; meu marido me menospreza, e não estou em condições de chamar um construtor de fama para este trabalho. Chego até mesmo a não poder vos pagar como desejaria por este trabalho. Quando o pavilhão estiver acabado eu o examinarei junto convosco e caso o ache bem feito então me entregarei a vós, como pagamento. Eis a minha promessa! Que mais vos posso eu dar senão esse prazer.

O construtor ficou deveras inflamado com aquelas palavras incríveis e, vendo quanto a princesa era bela, se lembrou das histórias que ouvira... Histórias em que princesas se apaixonavam por homens humildes e se entregavam a eles. Tinha grande pavor de Horemheb, mas seu desejo era maior do que o pavor, e as palavras de Baketamon o envaideceram sobremaneira.

Começou a construir o pavilhão muito depressa, caprichando o mais que podia na sua arte, e sonhando enquanto trabalhava. E assim eram como os seus sonhos os lances que estava construindo no pavilhão. O desejo e o amor fizeram dele um grande artista, porque via a princesa Baketamon diariamente. Com o coração radiante, trabalhava como um louco, tornando-se cada vez mais pálido de cansaço e efusão. Com aquelas pedras de diferentes tamanhos e cores edificou um pavilhão tal que nada de comparável fora visto até então.

As pedras que Baketamon ajuntara logo acabaram, e ela saiu outra vez em direção a Tebas, onde reuniu pedras obtidas em todos os mercados, na Avenida dos Carneiros e nos jardins do templo. Por fim não houve parte de Tebas onde ela não arranjasse pedra.

A essa altura seu procedimento já era conhecido de todos, e os membros da corte reuniram-se no jardim para uma olhadela rápida ao pavilhão. Quando as mulheres da corte viram a altura das paredes e a quantidade de pedras existentes em cada lado - pedras grandes e pequenas - cobriram a boca com a mão para evitar um grito uníssono. Mas ninguém ousou dizer uma palavra à princesa. E Eie, que com a sua autoridade de faraó poderia castigá-la, ficou

louco de alegria ao descobrir tamanha loucura. Acreditava que isso causaria a Horemheb furioso vexame.

E Horemheb dirigia a guerra na Síria; capturou Sido, Esmirna e Biblos das mãos dos hititas, remeteu muitos escravos e copiosos despojos para o Egito. E, à esposa, enviou magníficos presentes. Todos em Tebas sabiam o que se estava passando no recinto do palácio dourado; mas não houve homem de coragem suficiente para contar a Horemheb o procedimento da esposa. Seus próprios amigos, aos quais ele dera altos cargos e posições, fecharam os olhos, dizendo:

- Trata-se de um assunto de família e vale mais a pena enfiar a mão entre as mós de uma atafona do que interferir na vida de marido e mulher.

Por esse motivo Horemheb não chegou a saber de nada e creio que isto foi melhor para o Egito, pois tal conhecimento decerto tiraria sua atenção da marcha da campanha.

Falei muito do que aconteceu aos outros durante o reinado de Eie, e quase nada disse a meu respeito. Aliás, pouco há a relatar. O rio da minha vida já não era impetuoso, correndo então vagaroso e raso por um leito quase à flor da terra.

Vivi todos aqueles anos sob os cuidados de Muti. Meus pés estavam cansados de haver pisado estradas poerentas meus olhos cansados estavam de assistir à intranqüilidade do mundo.

Quanto ao meu coração, esse estava exausto de ver a vaidade do mundo. Fechei-me em casa, deixei de receber clientes, salvo uma vez ou outra algum vizinho muito pobre que não dispunha de presentes para dar aos outros médicos.

Fiz abrir um outro lago no pátio e tinha agora peixes de cor dentro dele; e passava o dia sentado perto do sicomoros.

Burros zurravam na rua, diante da minha casa; crianças brincavam na poeira. . . E eu contemplava os peixes que nadavam preguiçosamente na água fresca. O velho sicomoros deitou folhas outra vez;

Muti tratava-me bem preparando-me bons pratos, consentindo que eu bebesse vinho com moderação quando me dava vontade. Instava para que eu dormisse regaladamente e poupasse minhas

energias. Mas o meu paladar não se alvoroçava com bons pratos e o vinho não me dava prazer. Quando entardecia, então, com a mudança da temperatura, o vinho trazia para diante de mim todas as minhas más ações... Via o rosto do faraó Akhnaton morrendo... Via o semblante do príncipe Shubatu.

O desejo de tratar a humanidade me deixara porque as minhas mãos, que quisera que fossem boas, eram amaldiçoadas e só lembravam a morte. Visto isso, eu contemplava os peixes do lago e os invejava. Tinham sangue frio, tiravam divertimento em meio frio, conseguiam viver sem precisar respirar o ar quente da terra.

Enquanto permanecia sentado no jardim, falava com o meu coração: "Sossega, coração louco! A culpa não é tua. Tudo é loucura. O bem e o mal não tem sentido; só a ambição, com o ódio e o desejo governam o mundo. A culpa não é tua, Sinuhe, pois o homem é homem e nunca mudará. Não adianta nada a experiência da guerra e da privação, da peste e do incêndio, dos deuses e das espadas. Tais provações só o induzem a uma selvageria -maior do que a do crocodilo, e o único homem bom é o homem que está morto."

Mas o meu coração retrucava: "Podes ficar sentado aí, Sinuhe, contemplando os peixes, mas não te darei paz. Milhares e milhares de pessoas morreram por tua causa, Sinuhe. Morreram de fome, peste e ferimentos. Morreram debaixo das rodas dos carros e pereceram em marchas pelo deserto. Por tua causa crianças morreram nas entranhas maternas; por tua causa dorsos se inclinaram debaixo de açoites; por tua causa a injustiça espezinha a justiça; por tua causa a cobiça triunfa da modéstia; por tua causa os ladrões governam o mundo. Na verdade, Sinuhe, por tua causa milhares e milhares de pessoas morreram. E todos os que morreram e todos os que ainda estão morrendo são teus irmãos e morreram e morrem por tua causa. É por isso que em teus sonhos os ouves chorar, e o pranto deles tira o gosto do teu alimento e destrói toda a tua felicidade."

Não me deixei comover e disse: "Os peixes são meus irmãos porque não podem pronunciar palavras vãs. Os lobos do deserto são meus

irmãos, assim como o são os leões dos ermos; mas o homem não e meu irmão porque sabe o que faz.”

Meu coração zombou e disse: “O homem sabe lá o que fazas! Aprendeste, e por isso te farei sofrer até ao dia da tua morte; mas os outros não sabem. Só tu és culpado, Sinuhe.”

Então dilacerei minhas roupas e gritei: “Amaldiçoada seja a minha ciência! Amaldiçoadas sejam as minhas mãos! Malditos sejam os meus olhos! Mas mais maldito ainda seja o meu coração louco, que não me dá paz, que me atormenta com falsas acusações. Onde está a balança de Osíris, para que meu coração possa ser pesado?”

Muti veio da cozinha, a correr, e molhando um pano no lago o passou na minha cabeça. Com repreensões severas me levou para a cama e me deu um remédio amargo.

Foi só depois disso que fiquei mais quieto. Durante muito tempo estive doente. E delirei chamando Muti, falando da balança de Osíris, de Mérito, do pequenino Thoth. Muti tratou-me cuidadosamente, e acho que até gostou que eu tivesse que permanecer deitado porque assim pode me sujeitar a regime. Proibiu que me sentasse no jardim, nas horas de calor, porque eu já não tinha cabelos e meu crânio calvo não podia suportar os efeitos venenosos do sol. Todavia eu jamais me sentara ao sol e sim à sombra do sicomoros, observando os peixes que eram meus irmãos. Depois da convalescença fiquei mais tranqüilo e cheguei mesmo a me reconciliar com o meu coração que não me atormentou mais. Deixei de falar em Mérito e no pequenino Thoth, mas os guardei em meu coração, sabendo que suas mortes tinham sido necessárias para que a minha taça de amargura ficasse cheia e eu permanecesse sozinho. Se ainda morassem comigo, eu seria feliz e tranqüilo, e meu coração não me atormentaria. Mas eu devia viver sozinho, de acordo com o destino que me fora outorgado; como prova disso descera pelo rio abaixo na própria noite do meu nascimento.

Certa noite me disfarcei com roupas grossas de pobre, tirei dos pés as sandálias e saí de casa. Fui para o cais onde carreguei fardos pesados em promiscuidade com os estivadores, até ficar com as costas doendo e os ombros esfolados.

Dirigi-me ao mercado de legumes e frutas e ajuntei restos e bagaços para me alimentar. Dirigi-me ao mercado de carvão e transportei sacos pesados para as oficinas dos ferreiros.

Trabalhei junto com escravos e estivadores, comendo o pão que eles comiam e bebendo a cerveja com que se embriagavam e dizia-lhes:

- Não há diferença entre um homem e outro, pois todos vem nus ao mundo. Um homem não pode ser avaliado pela cor da sua pele, nem pela língua que fala, nem pelas roupas que veste ou pelas jóias que usa. E sim apenas por seu coração. O mais que sabemos todos nós é que um homem bom é melhor do que um homem ruim; e a justiça vale mais do que a injustiça.

Palavras assim lhes dizia eu, de noite, diante de seus casebres, enquanto suas mulheres acendiam fogo na rua e o ar se enchia com o cheiro de peixe frito. Riam de mim.

- És louco, Sinuhe. Para que fazes o trabalho de escravos quando sabes ler e escrever? Sem dúvida estás atrapalhado por causa de algum crime e vieste te esconder entre nós. Em tua conversa há qualquer coisa dos ensinamentos de Aton, cujo nome não devemos proferir. Não te denunciaremos aos guardas, não. Conservar-te-emos entre nós para que nos divirtas com tuas conversas. Mas não nos compares com os imundos sírios nem com os miseráveis negros porque, embora não passemos de escravos e estivadores, pelo menos somos egípcios, orgulhamo-nos da nossa cor e do nosso idioma, do nosso passado e do nosso futuro.

Reagi:

- Isso é insensato. Enquanto houver um homem orgulhoso de si próprio, cuidando-se melhor do que os outros, a humanidade será perseguida por algemas e açoites, por espadas e aves de rapina. Um homem só pode ser julgado por seu coração.

Riam estrepitosamente.

- Que és doido, nem há dúvida. Pela certa crescestes dentro de um saco. Um homem só pode viver se acreditar que é melhor do que os outros, e não existe ninguém, por mais desgraçado que seja, que não se cuide melhor do que o seu vizinho. Ora, ainda bem que somos mais espertos do que tu, e mais ajuizados, embora não

passemos de pobretões e de escravos, ao passo que tu sabes ler e escrever.

Respondia-lhes:

- Um homem bom é melhor do que um homem ruim e a justiça vale mais do que a injustiça.

Discordavam de chofre.

- Que é que é ser bom? Que é que é ser mau? Se matas um patrão mau que te açoita e que te priva de comida e deixa tua mulher e teus filhos morrerem, cometes uma ação boa; mas os guardas te levarão diante dos juízes do faraó e eles te mandarão cortar as orelhas e o nariz e te dependurarão na muralha com a cabeça para baixo.

Davam-me do peixe que suas mulheres fritavam e da cerveja que bebiam; e eu declarava:

- Matar é o crime mais baixo de que um homem possa ser culpado, e tanto é maldade matar por uma boa causa como por uma causa má. Nenhum homem devia ser morto e sim tratado dos motivos da sua maldade.

Taparam a boca com a mão, entreolharam-se e disseram:

- Não desejamos matar ninguém. Mas se pensas em curar a maldade dos homens e colocar a justiça no lugar do erro, começa então pelos nobres, pelos ricos e pelos juizes dos tribunais do faraó. Encontrarás mais maldade e injustiça entre eles do que entre nós. Não nos culpes se por causa de tuas palavras eles te cortarem as orelhas e te mandarem para as minas ou te dependurarem de cabeça para baixo nas muralhas, porque as palavras que pronuncias são de fato perigosas. Horemheb, o nosso grande comandante, pela certa te mandaria matar se te ouvisse dizer tais coisas ao povo; sim, porque matar durante a guerra é uma glória.

Ouvi seus conselhos e os deixei. Descalço e metido em roupa cinzenta de pobretão, vaguei pelas ruas de Tebas. Conversei com negociantes que misturavam areia no trigo, com donos de moinhos que amordaçavam os escravos para que não comessem o trigo que moíam, e falei com juízes que roubavam heranças de órfãos e julgavam segundo os donativos que recebiam. Falei com eles e os



acusei a todos por agirem assim mal; ouviram com ar espantado, disseram uns para os outros:

- Quem é esse Sinuhe que nos fala assim atrevidamente, apesar dos seus andrajos de escravo? Acautelemo-nos! Acautelemo-nos! Pode ser um espião do faraó... Sim, pois do contrário como se atreveria a nos falar desta forma?!

Prestaram atenção no que eu dizia, convidaram-me a entrar em suas salas, ofereceram-me presentes, deram-me vinho. Os juízes refletiram sobre as minhas palavras e despachavam a favor dos pobres contra os ricos, de modo que houve grandes descontentamentos em Tebas. Comentavam:

- Nesta época não se pode mais confiar nem mesmo nos juizes dos tribunais do faraó. São mais desonestos do que os ladrões que eles julgam.

Quando me dirigi aos nobres, eles me insultaram, açularam os cachorros contra mim e me expulsaram com chicotes, de modo que minha humilhação foi enorme e corri pelas ruas de Tebas com a roupa dilacerada e sangue escorrendo pelas pernas. Os mercadores e os juízes viram minha degradação e não deram mais apreço às minhas palavras. Enxotaram-me, dizendo:

- Se nos procurares de novo com falsas acusações, nós te condenaremos como difamador e agitador.

Então voltei para casa, percebendo que todo o meu trabalho fora em vão; minha morte não renderia serviço nenhum a ninguém. Sentei-me mais uma vez debaixo do sicomoros, e fiquei a contemplar os peixes silenciosos, no jardim; e assim encontrei paz, enquanto os burros zurravam na rua e as crianças brincavam na poeira, fingindo de guerra e atirando sujeira, umas nas outras. Kaptah veio me visitar; finalmente sempre se encorajara a voltar a Tebas.

Chegou pomposamente, numa liteira especialmente e conduzida por dezoito escravos pretos: Estava sentado em fofos coxins, e garbosos escravos lhe abanavam o rosto para que não sentisse o mau cheiro do bairro pobre.

Ficara demasiadamente obeso, e um ourives sírio lhe fizera um novo olho de ouro com pedras preciosas, do qual ele estava

orgulhosíssimo embora o incomodasse tanto que logo o tirou da órbita assim que se sentou ao meu lado debaixo do sicomoros.

Primeiro me abraçou e chorou de alegria por me rever. Ao por os braços em redor dos meus ombros pesou em cima de mim que nem uma montanha; e ao se sentar na cadeira que Muti lhe trouxe a quebrou em pedaços. Revirando ás abas da túnica, sentou-se no chão.

Disse-me que a guerra na Síria estava prestes a terminar, pois Horemheb já estava sitiando Kadesh. Gabou-se dos grandes negócios que fizera na Síria e contou que comprara um grande palácio no bairro rico e que contratara centenas de trabalhadores para reconstruí-lo, para assim valorizá-lo de acordo com a sua importância. Disse-me:

- Ouvei más notícias a seu respeito, meu amo Sinuhe. Disseram-me que estava atiçando o povo contra Horemheb e que juízes e outras personalidades importantes ficaram furiosos porque o meu patrão os acusara de muitas injustiças. Aconselho-o a ser cauteloso. Decerto não ousarão condená-lo porque é amigo de Horemheb; mas podem numa noite escura mandar matá-lo e queimar-lhe a casa se o patrão continuar com essas conversas, atiçando os pobres contra eles. Diga-me que é que lhe aconteceu e que foi que lhe pos essas formigas a passear nos miolos. Assim o ajudarei como um bom servo pode e deve ajudar seu amo.

Inclinei a cabeça e lhe disse tudo quanto eu havia pensado e feito. Ouviu-me e meneou a cabeça tanto que suas bochechas flácidas tremeram. Quando acabei ele me disse:

- Sei que o patrão é um homem louco, solitário. Mas sempre cuidei que tal loucura iria diminuindo com o decorrer do tempo até acabar. Mas parece que se exacerbou. Aliás, com seus próprios olhos o patrão viu que foi que aconteceu em nome de Aton. Acho que tais caprichos e disparates o atacam por falta de trabalho ou distração. Seria melhor que praticasse a medicina outra vez; tratando dos doentes faz maior caridade do que dizendo essas coisas que apenas o prejudicam e a todos que o patrão assim está a desorientar. Caso não queira mais praticar a medicina poderia se entreter com qualquer outra ocupação útil, como fazem os outros homens ricos.

Poderia colecionar jóias e outros objetos feitos durante o período das pirâmides. A verdade é, Sinuhe, que há diversas maneiras de entreter o tempo, afastando da mente, assim, fantasias vãs. Mulheres e vinho facilitam razoavelmente tal propósito. Procure se distrair jogando dados; gaste dinheiro com mulheres; beba até ficar tonto; faça qualquer coisa, enfim! Mas não se prejudique destruindo-se com solilóquios e conversas inúteis... Faça isso, peço-lhe, pois o amo muito, meu dileto patrão Sinuhe, e não quero que lhe aconteça nenhum mal.

E disse ainda:

- Nada no mundo é perfeito. A casca de todos os pães é queimada; todas as frutas tem verme na polpa; e se um homem se embriaga hoje, amanhã estará se sentindo mal. Por esta razão não existe justiça perfeita; mesmo as boas ações tem más conseqüências, e os melhores motivos e intenções podem conduzir à morte e ao malogro, conforme lhe pode mostrar o exemplo de Akhnaton. Olhe para mim, meu patrão Sinuhe! Contentei-me com a minha exígua cota, e continuo a engordar, vivendo em boa harmonia com os deuses e os homens. Os juízes do faraó se inclinam diante de mim, e pessoas e mais pessoas gabam e aclamam o meu nome, ao passo que até mesmo os cães lhe rasgam a roupa. Leve a vida na maciota. Não é por culpa sua que o mundo é o que tem sido e que sempre será!

Contemplei sua corpulencia e seu fausto, invejei deveras a sua paz de espírito; e lhe disse:

- Pois seja como dizes, Kaptah. Vou praticar medicina mais uma vez. Dize-me uma coisa: o nome de Aton ainda é lembrado? Ainda é amaldiçoado? Pergunto porque proferiste seu nome embora isso seja proibido.

Kaptah respondeu:

- Na verdade o nome de Aton foi esquecido tão depressa quanto os pilares de Akhnaton foram derrubados. Ainda assim tenho visto artistas desenharem segundo a maneira de Aton e há contadores de histórias que contam lendas perigosas. Ve-se uma vez ou outra a cruz de Aton desenhada na areia e nas paredes das latrinas. . . Parece, portanto, que Aton ainda não morreu completamente.

- Pois seja como dizes. Vou reiniciar a minha clínica e, como recreação vou me dedicar a coleções, conforme me aconselhaste. E como não tenho nenhuma vontade de imitar e de macaquear os outros, vou colecionar todos os que ainda se lembram de Aton.

Mas Kaptah pensou que eu estava gracejando, pois sabia tão bem quanto eu o enorme mal que Aton ocasionara ao Egito e a mim mesmo.

Depois disto ainda conversamos agradavelmente sobre muitas coisas. Muti trouxe vinho e bebemos juntos demoradamente, até que escravos vieram e o ajudaram a levantar-se. Por causa do seu grande peso tinha dificuldade em ficar de pé.

Deixou-me. Mas no dia seguinte mandou presentes magníficos que me asseguraram tamanho conforto e abundância que nada me ficou faltando para ser feliz... se eu pudesse ser feliz.

Assim, instalei a insígnia de médico em cima da minha porta e recomecei a trabalhar, aceitando donativos de acordo com os meios e posses dos clientes. Mas dos pobres não aceitava nada; e uma porção de gente enferma se amontoava no meu pátio, desde de manhã até de noite. Fazia-lhes perguntas cautelosas a respeito de Aton, procurando não assustá-los nem dar margem a maus comentários, visto como a minha reputação em Tebas já era suficientemente má. E vim a verificar que Aton havia sido esquecido e que ninguém mais o compreendia.

Apenas os agitadores e aqueles que tinham sofrido injustiça se recordavam dele; e a cruz de Aton era empregada como símbolo funesto. Quando as águas do Nilo baixaram, Eie morreu. Diziam que morrera de fome, porque tinha tamanho receio de ser envenenado que não comia. Então Horemheb pos um remate na guerra da Síria, deixando que os hititas ficassem com Kadesh que ele não conseguira lhes tomar. Subiu em triunfo pelo rio até Tebas, onde celebrou todas as suas vitórias. Não guardou período nenhum de luto pela morte de Eie; pelo contrário, publicamente o declarou um falso faraó ! que com incessantes operações de guerra e impostos extorsivos apenas trouxera sofrimentos ao Egito. Tendo posto fim à guerra e fechado as portas do templo de Sekhmet, persuadiu o povo de que jamais desejara a guerra mas

que fora obrigado a obedecer ao falso faraó. Por isso a população ficou radiante com o seu regresso.

Logo que chegou a Tebas, Horemheb mandou me chamar.

- Sinuhe, meu amigo, estou mais velho do que na última vez que nos despedimos, e meu espírito ficou seriamente perturbado com as tuas palavras; chamaste-me de sanguinário, de homem que só causava mal ao Egito. Agora estou senhor da minha vontade, estabeleci o poder do Egito e nenhum perigo ameaça a nação; despedacei as pontas das espadas hititas e vou deixar a conquista de Kadesh para meu filho Ramsés. Estou farto de guerra e tenciono construir um poderoso reino. O Egito está imundo como um estábulo de péssima condição; mas breve me verás lavando as cocheiras, endireitando tudo, dando a cada um seu encargo certo. Não há dúvida, meu amigo Sinuhe, que vou fazer que voltem os bons tempos antigos. Por este motivo pretendo expungir da relação dos reis os nomes miseráveis de Eie e de Tutankhamon... pois o de Akhnaton já foi expungindo. Ter-se-á assim a impressão de que não existiu o período em que reinaram. Vou mandar contar o tempo do meu reinado logo depois da morte do Grande Faraó, isto é, quando vim para Tebas segurando uma espada e com o falcão voando por cima da minha cabeça.

Apoiou a cabeça na mão, com ar circunspecto. A guerra sulcara um tanto o seu semblante e não havia contentamento em seus olhos quando disse:

- O mundo tornou-se de fato diferente do tempo em que éramos rapazes quando o pobre não passava privações, havendo em sua cabana azeite e gordura. Mas o Egito se tornará próspero e rico outra vez. Mandarei navios ao Ponto; farei funcionar outra vez as pedreiras e as minas atualmente despovoadas, podendo assim construir templos maiores e recolher ouro, prata e cobre ao tesouro real. Em dez anos não reconhecerás o Egito, Sinuhe, pois não verás mais mendigos nem aleijados pelo país. Os fracos darão lugar aos fortes; expelirei do Egito todo o seu sangue doentio e farei dele uma nação forte que meus filhos guiarão através de batalhas para a conquista do mundo.

Não me entusiasmei com as suas palavras; nem sequer sorri, permanecendo aparentemente inalterável. Na verdade nova decepção prostrou meu ser enchendo-o de um frio mortal. Minha atitude o irritou; fez uma carranca, como antigamente, e disse:

- Continuas o mesmo casmurrão de sempre, Sinuhe. És como um argueiro na minha vista e não sei como ansiava tanto te rever. Mandei-te chamar antes mesmo de erguer meus filhos nos braços e de abraçar minha consorte Baketamon, pois a guerra e o poder me tornaram solitário. Lá na Síria eu não contava com um único homem para dividir minhas alegrias ou minhas preocupações, sendo obrigado a medir e pesar minhas palavras. Sempre confiei na tua amizade Sinuhe; no entretanto parece que ela se extinguiu, que não sentes alegria nenhuma com o meu regresso.

Inclinei-me diante dele, depois deixei que a minha alma solitária lhe falasse.

- Horemheb, de todos os amigos da nossa mocidade somos os únicos que sobrevivem. Sempre gostarei de ti. Dispões agora do poder e em breve colocarás em tua cabeça as coroas dos dois reinos. E não haverá ninguém capaz de te usurpar o poder. Peço-te pois uma coisa: ressuscita Aton, outra vez! Pela memória de nosso amigo Akhnaton, ressurgue Aton! Pensa no nosso crime terrívelíssimo, exalta Aton de novo, para que todos os homens se tornem irmãos e para que não haja mais guerra!

Ao ouvir isto, Horemheb meneou a cabeça com ar de lástima e disse:

- És o mesmo louco de antes, Sinuhe. Não percebes que Akhnaton atirou uma pedra dentro d'água com grande estardalhaço e que o que quero é exatamente alisar a superfície para que fique quieta e sem rugas? Não percebes que o meu falcão me trouxe à casa dourada na noite da morte do Grande Faraó para que o Egito não caísse? Vou instaurar o antigo ritmo de vida porque os homens não estão satisfeitos com o que vai por aí. Criticam sempre o presente, acham que só o passado foi bom ou, quando muito, confiam no futuro. Unirei o passado com o futuro. Sangrarei um pouco a abundância dos ricos; sangrarei um pouco os deuses que se

tornaram demasiado nédios. Durante o meu reinado os ricos não serão demasiado ricos e nem os pobres demasiado pobres. E não deixarei que deuses ou homens possam competir comigo. Aliás, que adianta te dizer estas coisas, se não as entendes!? Não podes entender o meu pensamento, porque tens os teus, que são de um homem fraco. Ora, os fracos não tem direito a viver no mundo, tendo sido feitos apenas para que os fortes os espezinhem. O mesmo se dá com as nações. Sempre foi e sempre será assim.

Dito isto, separamo-nos. Ao nos despedirmos já a nossa amizade diminuía muito. Assim que o deixei, Horemheb foi ver os filhos, ergue-los em seus braços fortes. Depois disso se dirigiu aos aposentos da princesa Baketamon.

- Minha consorte real; durante estes anos brilhaste nos meus pensamentos como a lua e senti enorme saudade de ti. Agora que o meu trabalho terminou, em breve te sentarás a meu lado no trono conforme te dá direito o sangue sagrado que corre em tuas veias. Por tua causa, Baketamon, derramei muito sangue e incendiei muitas cidades. Fiz jus, não é verdade, a uma recompensa!

Baketamon sorriu suavemente, acariciou-lhe o ombro e respondeu:

- De fato mereces uma recompensa, meu esposo Horemheb, grande guerreiro do Egito! Mande construir no meu jardim um pavilhão sem igual no mundo, só para te receber dentro dele conforme mereces. Todas as pedras das paredes foram colhidas por mim durante todo este tempo de saudade... Vamos até ao pavilhão para que tenhas a recompensa entre os meus braços e recebas o meu júbilo...

Horemheb exultou ante tais palavras.

Baketamon conduziu-o através do jardim.

Os membros da corte esconderam-se, retiveram a respiração ante o que se ia passar. Escravas e serventes sumiram, enquanto Baketamon levava Horemheb para o pavilhão. Logo que ele, tomado de impaciência, a quis agarrar, Baketamon se defendeu gentilmente.

- Refreia um pouco teus desejos, Horemheb, até que te conte o grande trabalho que tive para construir este pavilhão. Decerto te lembras do que te disse quando me tomaste à força. Observa cuidadosamente estas pedras. Cada uma delas, e olha que não são

poucas, recorda e testemunha o meu prazer nos braços de um homem diferente. Construí este pavilhão com o produto do meu gozo e em tua honra, Horemheb. Esta grande pedra branca me foi trazida por um estripador de peixe que ficou encantado comigo; aquela verde me foi dada por um limpador de latrinas do mercado de carvão; e aquelas oito escuras, colocadas juntas, me foram trazidas por um vendedor de hortaliças. . . Sujeito insaciável e que elogiou muito o meu feitio. Tem paciência, Horemheb e então te contarei a história de cada pedra. Tempo é coisa que não nos faltará. Temos diante de nós muito tempo e acredito que a história destas pedras durará até à minha velhice, se eu continuar a contá-la cada vez que tentares ter relação carnal comigo.

No começo Horemheb não quis acreditar nas palavras de Baketamon, tomando-as por uma brincadeira grotesca; e isso porque o feitio modesto da princesa o iludiu. Mas quando olhou para os olhos dela e viu neles um ódio mais terrível do que a morte, então acreditou que era verdade o que estava ouvindo.

Louco de cólera, empunhou o punhal hitita para matar a mulher que o desonrara tão hediondamente.

Ela desnudou o peito e o desafiou:

- Golpeia, Horemheb! Cairei eu e cairão as coroas da tua cabeça, pois sou sacerdotisa de Sekhmet... e tenho sangue sagrado. Se me matares não terás direito ao trono dos faraós!

Esta advertência o fez dominar a fúria. Horemheb se viu atado às circunstâncias. A vingança de Baketamon foi completa. Ele não ousou mandar derrubar o pavilhão que via na sua frente sempre que de qualquer parte dos seus aposentos olhava para o jardim. Raciocinou bastante: o único recurso era simular que ignorava o comportamento de Baketamon. Se derrubasse o pavilhão demonstraria a toda gente que sabia que Baketamon o trairia com Tebas inteira; achou preferível saber que riam por detrás mas que se calavam na sua frente.

De então em diante não tocou em Baketamon, vivendo sozinho. Diga-se a favor de Baketamon que ela não continuou a construir...

Assim foi o regresso de Horemheb. Suponho que pouca ou nenhuma alegria sentiu quando os sacerdotes o ungiram e



lhes puseram a coroa vermelha e branca na cabeça. E em meio a tanta majestade se tornou desconfiado, supondo que todos o ridicularizavam às escondidas por causa de Baketamon.

Devido a isso tinha sempre um espinho cravado no coração e não sabia o que era paz. Procurou se evadir do infortúnio trabalhando muito, e começou a limpar o Egito restaurando o ritmo antigo e endireitando o que estava errado.

Para ser justo devo falar também das virtudes de Horemheb, pois o povo louvou o seu nome e o considerou um bom soberano.

Poucos anos após o seu reinado já era tido na conta de um dos grandes faraós do Egito. Sofreu os ricos e preeminentes para que ninguém competisse com ele no poder, e isso satisfez muito a população. Punia os juízes injustos, concedia aos pobres os seus direitos; reformou os impostos e fez os cobradores do fisco receberem diretamente do tesouro para que não extorquissem o povo enriquecendo à custa dele.

Viajava incessantemente, de província em província, de aldeia em aldeia, sanando abusos. Suas jornadas podiam ser computadas pelo número de orelhas e narinas cortadas dos cobradores venais. O estalar de chicotes e os gritos de lamentações podiam ser ouvidos longe dos lugares onde ele instalava seu tribunal. Mesmo as pessoas mais pobres podiam se aproximar dele; ministrava justiça absoluta.

Remeteu navios ao Ponto, e novamente mulheres e crianças choravam no cais e feriam o rosto com pedras conforme hábito antigo, e o Egito prosperou deveras. De cada dez navios que partiam três voltavam por ano carregados de tesouros.

Construiu novos templos também e devolveu aos deuses o que lhes era devido, não favorecendo nenhum deus salvo Horus e nenhum templo salvo o de Hetnetsut, onde a sua imagem era venerada como um deus ao qual o povo oferecia bois como sacrifício. Por todas essas coisas o povo o louvava e contava histórias fabulosas a seu respeito.

Kaptah também prosperou de maneira incrível a ponto de homem algum competir com ele em fortuna no Egito inteiro. Não tendo mulher nem filhos nomeou Horemheb seu herdeiro para poder viver em paz o resto da vida e acumular fortunas cada vez maiores.

Por tal motivo Horemheb extorquia menos dele do que dos outros ricos.

Kaptah convidou-me muitas vezes a ir à sua casa que, rodeada de jardim, formava todo um quarteirão; não tinha vizinhos que lhe perturbassem o sossego. Comia em pratos de ouro, e a água corria em tubos de prata em todos os seus aposentos, à maneira de Creta. A banheira era de prata e o assento da privada era de ébano, sendo as paredes do conjunto forradas por mosaicos que formavam figuras jocosas.

Oferecia-me refeições de esquisitas iguarias e vinho das Pirâmides. Durante as refeições distraíam-no cantores e cômicos; enquanto as dançarinas mais belas e melhores de Tebas efetuavam maravilhas. E Kaptah dizia-me:

- Meu amigo Sinuhe, uma vez um homem atingindo uma certa fortuna, não consegue empobrecer de novo; pelo contrário, torna-se cada vez mais rico sem precisar levantar um dedo para que isso aconteça, tão estranhamente é este mundo uma incógnita. A minha fortuna teve origem em sua casa Sinuhe, ao seu lado, de modo que sempre o reconhecerei como meu senhor e não lhe faltará nada durante todos os dias de sua vida. É uma vantagem o meu amo Sinuhe não ser rico. A fortuna em suas mãos nunca lhe daria proveito algum, só espalharia intranqüilidade e conseqüências calamitosas.

Favorecia os artistas, também escultores esculpiram sua imagem em pedra, dando-lhe um ademã nobre e distinto, tornando seus membros esbeltos, as mãos e os pés pequenos, os malares altos. Nessas esculturas ele aparecia tendo dois olhos, e não caolho como era realmente; e estava sentado com um pergaminho aberto, imerso em reflexão, com uma pena entre os dedos, muito embora jamais se tivesse dado ao trabalho de aprender a ler e a escrever. Seus escribas liam, escreviam e faziam lançamento de imensas importâncias diante dele. Gostava muito de tais estátuas, ria, contemplando-as, e os sacerdotes de Ammon - a quem dera vastos presentes a fim de viver em amizade com os deuses - lhe ergueram uma estátua no grande templo; Kaptah custeou as despesas dessa estátua também.

Isso de Kaptah ser rico e feliz me alegrava. Com efeito eu me alegrava com o contentamento de todos e desisti para sempre de privar os homens de suas respectivas ilusões, já que elas os tornavam felizes. A realidade é muitas vezes amarga.

Não raro será maior bondade matar um homem do que anular seus sonhos. Mas sonho algum refrescava minha fronte, e nem o meu trabalho me trazia paz embora eu tratasse de muitos doentes. Dentre aqueles cujos crânios trepanei apenas três morreram, de forma que a minha fama de cirurgião não decaiu. Mas eu vivia em contínua irritação e achava defeitos em toda gente. Zangava-me com Kaptah por causa da sua voracidade de glutão; enfurecia-me com os pobres por causa de sua incúria; com os ricos por causa de seus egoísmos; e com os juízes por causa de suas indiferenças; e não vivia satisfeito com ninguém. Não passava descomposturas nunca nos doentes nem nas crianças; tratava os que me procuravam procurando não lhes causar dor que pudesse evitar; deixava que Muti distribuísse seus bolos de mel entre os meninos da rua cujos olhos me lembravam os de Thoth.

Os homens diziam de mim:

- Esse Sinuhe é um indivíduo amargo e intratável. Tem o fígado crescido e a bile se mistura com as suas palavras. Como há de ele achar prazer na vida? ... Suas más ações o perseguem; por isso não dorme direito de noite. Não prestemos atenção ao que diz; sua língua fere mais a ele próprio do que a nós.

E era verdade. Sempre que eu entornava a minha amargura sofria por isso e chorava. Eu atacava Horemheb acremente, também, e todas as suas ações eram más aos meus olhos; não poupava principalmente a sua "escumalhá" que ele sustentava à custa dos depósitos reais e que levavam vida preguiçosa nas tavernas e bordéis gabando-se de suas proezas e violando as filhas dos pobres, a ponto de nenhuma mulher poder andar sem perigo pelas ruas de Tebas. Horemheb perdoava aos seus veteranos tudo quanto eles faziam. Quando os pobres iam procurá-lo e faziam queixa do que sucedia às suas filhas, ele lhes redargüia que deviam ficar orgulhosos de se tornarem futuros avós de raças sadias e fortes. . . Horemheb tornava-se cada dia mais desconfiado por índole.

Certo dia os seus guardas irromperam em minha casa, enxotaram no pátio os doentes e me levaram à sua presença. A primavera voltara, o rio tinha diminuído seu volume de água, as andorinhas revolteavam por cima da correnteza enlameada e pastosa. Horemheb parecia haver envelhecido; a cabeça lhe pendia um pouco e os músculos se desenhavam em seu corpo magro como cordas e fibras.

Olhou-me bem nos olhos e disse:

- Sinuhe, adverti-te uma porção de vezes, mas não deste atenção aos meus avisos. Continuas a dizer ao povo que a profissão de guerreiro é a mais degradada e desprezível de todas. Dizes que melhor será que as crianças morram nas entranhas maternas do que se tornarem soldados. Dizes que dois ou três filhos bastam para uma mulher e que é melhor serem felizes com três filhos do que desgraçadas e pobres com nove ou dez. Afirmas também que o deus do falso faraó era maior do que todos os deuses. Tens espalhado que homem algum deve vender ou comprar seu semelhante como escravo e que quem ara e semeia devia ficar dono da terra, mesmo que ela pertença ao faraó ou a algum deus. Declaras por aí que o meu modo de governar pouca diferença faz do dos hititas. E mais outras coisas tens dito que reputo muito ultrajosas. Tenho sido paciente contigo, Sinuhe, porque outrora foste meu amigo. Qualquer um outro homem já teria sido mandado para as pedreiras desde muito tempo. Enquanto Eie, o sacerdote, estava vivo eu precisava de ti porque eras a minha única testemunha contra ele. Agora não preciso mais de ti; pelo contrário, até me podes prejudicar com o que sabes. Se fosses prudente terias contido a língua, levando vida plácida. Poderias ter usufruído vantajosamente a tua cota... pois na verdade nada te faltou. Mas em lugar disso, me difamas com tuas aleivosias, e não tolero mais isso!

Enquanto falava sua cólera ia aumentando; bateu na perna com o chicote, franziu a testa, continuou:

- Tens sido um mosquito mordendo minhas canelas... uma varejeira zumbindo em cima do meu ombro. Não quero mais árvore estéril em meu jardim. . . árvore que tenha apenas espinhos venenosos. Devo banir-te do Egito, Sinuhe, e não consentir que revejas a terra

de Kan. Se te deixasse ficar aqui, me veria obrigado, mais dia menos dia, a te condenar à morte. Ora, não quero fazer uma coisa destas com um antigo amigo meu. Se ficares, sucederá o que? Tuas palavras acabarão, extravagantes que são, virando faíscas dessas que incendeiam palhas. Uma vez pegando fogo a palha arde até virar cinza. Não consinto que o Egito seja devorado outra vez por labaredas... por causa de homens ou de deuses. Vou te banir, Sinuhe, porque é impossível que sejas realmente um egípcio! Não passas de um estranho aborto de conúbio mestiço. Tua cabeça só produz pensamentos mórbidos.

Quem sabe se ele não tinha razão? Se o tormento do meu coração não decorria da mistura nas minhas veias do sangue sagrado do faraó com o sangue aguado e frio da princesa de Mitani? Ainda assim só pude rir ante suas palavras, embora me houvessem aturdido, pois Tebas era a minha cidade. Eu nascera e crescera ali e não desejava viver em nenhum outro lugar.

Minha risada enfureceu Horemheb que cuidara que eu me prostraria diante dele implorando misericórdia. Fez estalar no chão o seu chicote de faraó e gritou:

- Está bezril, pois estás banido do Egito para sempre! E quando morreres não consinto que teu corpo seja trazido outra vez; apenas consentirei que seja embalsamado de acordo com o costume, e sepultado numa das praias do mar Oriental, lá de onde os navios zarpam para a terra do Ponto e que será o local do teu exílio. Não te mando para a Síria porque as fogueiras lá ainda estão com as cinzas quentes e não precisam quem as sopre. Não te mando para a terra de Kush porque afirmas que a cor da pele não tem importância e que os egípcios e os negros valem a mesma coisa. Instilarias idéias atrevidas na cabeça dos negros. Já o litoral para onde te vou mandar é despovoado. Serás bem recebido acolá; farás discursos ao vento espesso do deserto, e do alto das dunas poderás falar quanto queiras aos chacais, abutres e serpentes. Guardas delimitarão a área do teu domínio e se transpuseres tais limites eles te matarão. Quanto ao mais, não passarás privação nenhuma. Terás cama macia, viverá em abundância, e qualquer pedido razoável será atendido. Na verdade a solidão já será castigo suficiente. Como

foste meu amigo outrora não desejo te oprimir além destas restrições.

Como havia eu de temer a solidão se a vida toda fora um solitário e para isso nascera? Meu coração se encheu de tristeza quando refleti que não mais veria Tebas nem sentiria mais o chão fofo da Terra Negra sob os meus pés, nem tornaria a beber a água do Nilo.

Disse a Horemheb:

- Poucos são os amigos que tenho. Os homens me evitam por causa do meu trato amargo e da minha língua cortante. Mas certamente permitirás que me despeça desses poucos amigos. Gostaria também de lhe pedir que me deixes me despedir de Tebas passeando uma vez ainda pela Avenida dos Carneiros, respirando o perfume da fumaça votiva dos altares entre os pilares do grande templo e sentindo o cheiro do peixe frito, de noite, no bairro pobre da cidade. Horemheb decerto concordaria com a minha solicitação se eu, chorando, me prostrasse a seus pés, pois era homem muito vaidoso. Mas por mais comovido que me sentisse não me humilharia diante dele, porque a ciência não se inclina diante do poder. Pus a mão defronte da boca e simulei esperar a resposta, bocejando; mesmo porque qualquer espécie de desgosto me tornava sonolento. Nisto, acho que sou diferente dos outros homens.

E Horemheb respondeu:

- Não dou licença para despedidas desnecessárias. Sou um guerreiro e implico com manifestações de fraqueza. Facilitarei tua viagem. Mandar-te-ei imediatamente sem despertar excitação pública ou demonstrações. És conhecido em Tebas - mais conhecido talvez do que pensas. Partirás numa liteira fechada; se alguém quiser te acompanhar para o lugar de banimento, eu consinto; mas terá que ficar lá para sempre, mesmo que morras primeiro. Qualquer pessoa que te acompanhe terá que viver lá até à morte. Pensamentos subversivos são pestilências, transmitem-se de uma pessoa à outra, e não quero que tuas idéias mórbidas regressem ao Egito trazidas por qualquer outra pessoa. Se, falando em amigos, te queres referir a algum escravo de moinho cuja fratura de dedo consertaste, a algum artista bêbado que desenha um deus sentado na beira da estrada ou alguns negros que freqüentaram a tua casa...

se é essa gente que chamas de amigos, então não precisas te despedir. Já partiram para a grande viagem de onde não voltarão mais.

Naquele instante fiquei com ódio de Horemheb e com mais ódio ainda de mim. Mais uma vez as minhas mãos tinham semeado a morte, e meus amigos haviam sofrido por minha causa. Não disse nada. Estendi as mãos ao nível dos joelhos, inclinando-me e o deixei; na sala seguinte os guardas me aguardavam. Por duas vezes ele abriu a boca para me falar antes que eu saísse, e deu um passo adiante. Depois parou e disse:

- O Faraó falou.

Os guardas fecharam-me numa liteira, conduziram-me para fora de Tebas; passaram as três colinas e rumaram para o oriente através do deserto por uma estrada pavimentada de pedra que tinha sido construída por ordem de Horemheb.

Viajamos durante vinte dias até que chegamos a um porto onde navios recebiam carga para a terra do Ponto. Ali morava gente. Os guardas levaram-me ainda durante três dias ao longo da costa para uma aldeia abandonada onde antigamente tinham habitado pescadores. Então mediram uma área que passou a ser os meus domínios e construíram uma casa na qual tenho vivido todos estes anos. Nada me tem faltado.

Levo uma vida de homem rico. Aqui tenho material para escrever e papel do melhor, caixas de madeira preta onde guardo os livros que escrevi e todas as coisas necessárias à minha categoria de médico. Mas o livro que estou escrevendo agora é o último, e não tenho mais nada a contar. Já estou velho e cansado, minha vista se obscureceu tanto que mal distingo os caracteres em cima do papiro. Acho que vivi até agora por ter sido necessário registrar a minha vida toda . . . e assim revive-la aqui nestas paragens.

Escrevi para esclarecer perante mim mesmo a razão da minha existência; todavia, agora que estou terminando o meu último livro, ignoro quanto vivi; e ignoro bem mais do que quando comecei a escrever. No entretanto fez bem à minha alma ter escrito tudo isto. Durante todos os dias eu tive o mar diante de mim e o vi ficar vermelho. E o vi todo preto. E o vi verde durante o dia, sendo que

de noite o vi como uma sombra clara. Nos dias de calor intenso o vi mais verde do que as pedras verdes. Agora, basta, pois é terrível para um homem ter para sempre diante do olhar essa enormidade que é o mar...

E contemplei também as colinas rubras das cercanias. Examinei os insetos das areias; escorpiões e serpentes tem sido meus confidentes; já não fogem de mim, mas param e escutam quando lhes falo; contudo, os considero maus amigos para o homem e já me fartei deles tanto quanto do interminável rugir do mar arfante. Devo mencionar que no decorrer do meu primeiro ano aqui nesta aldeia de esqueletos alvacentos e de choupanas abandonadas, quando os navios passaram mais uma vez para o Ponto, Muti veio morar comigo, chegando numa das caravanas do faraó. Chorou amargamente ao me ver. De fato meu aspecto era miserável; meu rosto estava encovado, meu ventre afundara e meu espírito se marasmara. Não tardou, porém, que daí a dias começasse a me repreender:

- Não vos avisei milhares de vezes, Sinuhe, que não enfiásseis a cabeça em laços e armadilhas durante o vosso caminho insensato de homem? Todos vós sois mais surdos do que pedras... Os homens todos não passam de crianças em correria batendo com a cabeça pelos muros. E que fizestes, meu caro patrão, senão bater com a cabeça de encontro a tudo quanto foi pedra do caminho? Já é tempo que fiqueis quieto a um canto, como homem de juízo.

Repreendi-a dizendo que não devia ter deixado Tebas, pois doravante nem esperança podia ter de conseguir voltar. Vindo, ligara para sempre sua vida ao destino de um homem banido.

Em resposta, ela não parou mais de fazer considerações:

- Pelo contrário. O que vos aconteceu foi a melhor coisa que vos podia ter acontecido. E creio que Horemheb se mostrou vosso verdadeiro amigo mandando-vos para um lugar tranqüilo, agora na velhice. Eu também já não agüentava a zoeira de Tebas e o desaforo dos vizinhos que me pediam panelas emprestadas e não mas devolviam nunca e varriam o lixo para o meu pátio. E já que falo nisso tenho que declarar que a casa do fundidor nunca mais ficou a mesma depois do incêndio. O forno queimava a carne. O azeite



ficava rançoso na botija. Havia fendas pelo assoalho e as janelas batiam incessantemente. Agora aqui podemos fazer tudo a nosso gosto, começando tudo de novo. Já escolhi um lugar excelente para o jardim. Cultivarei legumes e agriões... Então não sei quanto o meu amo gosta de legumes?... Hei de dar trabalho bastante a esses malandros que o faraó botou aqui para proteger-vos de salteadores e malfeitores. Hão de vos arranjar caça fresca todos os dias, de pescar peixe bons, de apanhar ostras e caranguejos na praia... embora me pareça que o peixe do mar não se compara ao do rio. Além disso penso em escolher um sítio adequado para uma sepultura, caso permitais, meu amo. Ah! Como vim parar longe, e num lugar de onde nunca sairei! Também, basta de vagarear de um lugar para outro ... vossa procura... As viagens me assustam, visto como nunca, a não ser agora, pus os pés fora de Tebas.

Desta forma procurou Muti me consolar; e creio que foi graças a ela, ... sua bondade e rabujice que estendi a mão ... vida outra vez e comecei a escrever: Incentivou-me, apesar de não saber ler e, no íntimo, considerar tolices o que eu devia estar escrevendo. Alegrou-a, por me ter assim uma ocupação. Providenciava tudo, inclusive que eu descansasse de vez em quando; e fazia questão que apreciasse os bons pratos que preparava para mim.

Conforme jurara no começo, fiz os guardas do faraó trabalhar; dava-lhes tais encargos que a amaldiçoavam por detrás, chamando-a de feiticeira e de crocodilo velho; mas obedeciam aos seus caprichos, porque do contrário ela os repreenderia com aquela língua mais aguda do que um aguilho.

Parece-me que a influência de Muti foi valiosíssima. Mantinha os homens em trabalho contínuo, e assim não viam o tempo passar. Recompensava-os assando-lhes um pão gostoso e preparando-lhes cerveja forte em cântaros. Dava-lhes muitas hortaliças, ensinava-os a variar de regime.

Todos os anos, quando os navios zarpavam para o ponto, Kaptah nos mandava de Tebas burros carregados de viveres; mandava seus escribas nos escreverem sobre tudo que acontecia na cidade para que eu não vivesse tão banido do mundo.

Tudo isso redundou em benefício dos guardas. Aprenderam com Muti a viver menos obtusamente; eu lhes dava presentes úteis, e assim não se ralavam muito com saudades de Tebas.

Agora estou cansado de escrever e tenho dores na vista. Os gatos de Muti saltam para cima dos meus joelhos e roçam a cabeça em minha mão. A minha alma está cansada de tudo quanto escrevi, e meu corpo deseja veementemente o eterno repouso. Conquanto não seja feliz, não posso me considerar infeliz aqui nestes ermos.

Abençôo o meu papel e a minha pena, pois graças a eles consegui ser membro outra vez em casa de meu pai Seumut, consegui andar de novo pelas estradas de Babilônia com Minia; e tornei a sentir os braços de Mérito em redor do meu pescoço. Chorei com os que se lamentavam, e distribui meu triso por entre os pobres. E agora não quero me lembrar das minhas ações mais nem sentir a amargura decorrente da saudade do que perdi.

Isto tudo eu, Sinuhe, o egípcio, escrevi e apenas para mim. Não escrevi para os deuses nem para os homens; e nem para immortalizar o meu nome. Apenas para dar paz ao meu coração cuja cota esta agora servida de vez. Sei que logo depois da minha morte os guardas destruiriam, se pudessem, tudo quanto escrevi. Sim, pois por ordem de Horemheb porão abaixo as paredes da minha casa.

Seja como for, a verdade, que estou conservando cuidadosamente estes livros que escrevi e Muti trançou uma rija cobertura de fibra para cada um deles. Guardo estes livros assim protegidos dentro de uma caixa de prata, e a caixa de prata esta dentro de uma caixa de madeira grossa que por sua vez se acha dentro de uma outra, de cobre tal qual foram protegidos outrora os livros divinos de Toth e depois descidos ao leito do rio.

Se os meus livros não caírem em poder dos guardas e se Muti os esconder na minha sepultura, não sei. E nem me importo muito com isso. Sim, pois eu, Sinuhe, sou um ser humano. Vivi em todos aqueles que viveram antes de mim, e viverei nos que vierem depois de mim. Viverei nas lágrimas e nos risos humanos, no modo e na magoa humana, na bondade e na torpeza humana, na justiça e no erro, na fraqueza e na força.. Não desejo oferendas na minha sepultura e nem imortalidade para meu nome.

Isto foi escrito por Sinuhe, o egípcio, que viveu sozinho todos os dias de sua vida.

**Fim**